



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

JHONATHAN WILKER DA SILVA PINO

**VICE E A REPRODUÇÃO DA DIREITA ALTERNATIVA: midiatização e
popularização de movimentos da extrema direita canadense**

Recife

2020

JHONATHAN WILKER DA SILVA PINO

**VICE E A REPRODUÇÃO DA DIREITA ALTERNATIVA: mediação e
popularização de movimentos da extrema direita canadense**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Área de concentração: Cultura Política, Identidades Coletivas e Representações Sociais.

Orientador: Prof. Paulo Marcondes Ferreira Soares

Recife

2020

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

P657v Pino, Jhonathan Wilker da Silva.
Vice e a reprodução da direita alternativa : midiatização e popularização de movimentos de extrema direita canadense / Jhonathan Wilker da Silva Pino. – 2020. 315 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Marcondes Ferreira Soares.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Recife, 2020.
Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Sociologia. 2. Direita (Ciência política) - Canadá. 3. Grupos sociais. 4. Movimentos sociais. 5. Periódicos. 6. Análise do discurso. I. Soares, Paulo Marcondes Ferreira (Orientador). II. Título.

301 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2020-252)

JHONATHAN WILKER DA SILVA PINO

**VICE E A REPRODUÇÃO DA DIREITA ALTERNATIVA: mediação e
popularização de movimentos da extrema direita canadense**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco,
como requisito parcial para a obtenção do título de
doutor em Sociologia.

Aprovada em: 30/06/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Marcondes Ferreira Soares (Presidente/Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dr^a. Maria Eduarda da Mota Rocha (Examinadora interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Remo Mutzenberg (Examinador interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dr^a. Magnólia Rejane Andrade dos Santos (Examinadora externa)
Universidade Federal de Alagoas

Profa. Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho (Examinador externo)
Faculdade Cásper Líbero

Dedico este trabalho aos meus irmãos Johnny Wilter da Silva Pino e Jhoanyne Wedylla da Silva, que me fizeram perceber o quanto fui sortudo na vida em compartilhar com eles o pouco tempo em que estiveram fisicamente conosco.

AGRADECIMENTOS

Falar sobre como foi pensado esse trabalho é também recordar quem foram as pessoas que me guiaram até esse momento. É necessário lembrar as sugestões do meu orientador Paulo Marcondes, que foram muito bem recebidas e formaram a base teórica da pesquisa e, antes disso, voltar até 2015, quando em uma conversa aleatória nos corredores de um congresso, comecei a pensar em estudar na Universidade Federal de Pernambuco: mal eu sabia que a interlocutora era Fabiana Moraes – até então desconhecida por mim – que em apenas cinco minutos iria me despertar um desejo de continuar minhas pesquisas em Recife. Falo em continuar, porque naquele momento ainda estava finalizando o mestrado, na Faculdade Cásper Líbero, local em que fui intrigado com as discussões desenvolvidas nas disciplinas do professor Cláudio Coelho.

Aquelas aulas não só me instigavam a ler, produzir artigos, como também a elaborar um projeto de pesquisa para esse doutorado, sempre contando com suas observações. Posso dizer que ele ajudou a reacender um sentimento que teve origem uma década antes, quando a professora da minha graduação de Jornalismo, na Universidade Federal de Alagoas, Magnólia Rejane dos Santos, resolveu plantar uma sementinha em mim, me convidando para participar de uma iniciação científica. Um acidente automobilístico interromperia aquela pesquisa, mas não cortaria nossos laços; na verdade, a partir daquele momento, deixaríamos de ser professora e aluno para nos transformarmos em verdadeiros amigos. Desde então, “Mag” não só esteve ao meu lado, como entrou para a minha família, conheceu meus pais e inclusive orientou academicamente o amor da minha vida.

O Alan Fagner esteve presente em todas as etapas, nos últimos 12 anos, e junto com meus pais, José Cicero Pino e Maria Cicera Pino, foram responsáveis pelo conforto espiritual e mental, nos momentos de estresse, contudo, quase sempre felizes, da minha vida acadêmica. Assim como eles, não poderia deixar de esquecer Cássia Barbosa, que me recebeu em sua casa por dois anos, na Avenida Caxangá; da tia Ceição e da minha prima, Nidia Paula Vicente, que proporcionaram o meu conforto, em todos os sentidos, durante o mestrado, em São Paulo; da tia Lourdes, a primeira a me aceitar em sua casa, ainda em Maceió, quando eu sequer havia entrado na graduação e da tia Nenê de quem recordo as primeiras leituras que tive na vida. Este trabalho é uma construção e resultado de toda a ajuda material e afetiva dessas pessoas. Ao redor delas, não há espaço para o ódio, só o amor que me guiou até aqui.

RESUMO

Este trabalho aborda o processo de expansão e popularização do movimento denominado *alt-right* (direita alternativa) nos países ocidentais, e especificamente no Canadá, a partir de uma análise de conteúdo de publicações realizadas na cobertura jornalística da revista canadense, *Vice*, realizada diante de dois grupos correlacionados àquele movimento, *Incel* e *Soldiers of Odin*. A investigação busca compreender como é realizado o processo de construção narrativa, intermediação e midiaticização do *alt-right*, utilizando como fundamentação teórica um rol de investigações transdisciplinares, entre a Sociologia, a Antropologia e os Estudos Das Mídias. Para debater as estruturas correlacionadas a tais movimentos, resgatamos as investigações antropológicas de Victor Turner e Hakim Bey, sobre coletivos e/ou arranjos sociais não institucionalizados e temporários que vêm se manifestando em diferentes espaços e tempos históricos; discute-se os arquétipos de grupos com dinâmicas similares e um conjunto de referências que ilustram o nascimento de arranjos sociais que propõem a mudança de paradigmas. São pontuadas também as justificações morais para as práticas dos grupos investigados, os valores e as estruturas com os quais eles se indispõem, utilizando como base teórica os processos de disputa e luta pelo reconhecimento, sob o ponto de vista de Axel Honneth, trabalhos de Luc Boltanski e de diversos autores da Escola Crítica de Frankfurt, já que parte das disputas analisadas se dão no campo simbólico e, especificamente, midiático. Por outro lado, são utilizadas as pesquisas realizadas por uma dezena de especialistas voltados a investigar as práticas extremistas, os modos de pensar e a ancoragem moral para a ação dos grupos *alt-right*, e especula-se como se dá o processo de diálogo entre esses agentes e as estruturas às quais estão submetidos, sejam elas representadas pelo horizonte normativo, pelas instituições estatais, pelos meios produtivos hegemônicos, seja por todo o aparato simbólico a eles atrelados. Em suma, essa investigação aponta o *alt-right* e suas ramificações como elementos parte dos processos de resistência, disputa valorativa, diálogo, codificação e incorporação estrutural de sujeitos que compartilham de um sentimento comum de deslocamento social diante do próprio desenvolvimento produtivo hegemônico neoliberal, do reordenamento dos agentes na ocupação das esferas de poder, como das conquistas de algumas minorias sociais específicas no campo dos direitos civis e do bem-estar social, no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Mídias. Alt-Right. *Incel*. *Soldiers of Odin*.

ABSTRACT

This paper deals with the process of expansion and popularization of the so-called alt-right movement in western countries, and specifically in Canada, from a content analysis of publications made in the journalistic coverage of the Canadian magazine, *Vice*, carried out before two groups correlated to that movement, *Incel* and Soldiers of Odin. The research seeks to understand how the process of narrative construction are, of intermediation and mediatization of the alt-right, using as a theoretical foundation a list of transdisciplinary investigations, between Sociology, Anthropology and Media Studies. To discuss the structures correlated to such movements, we recall Victor Turner and Hakim Bey's anthropological investigations of collective and/or non-institutionalized and temporary social arrangements that have been manifesting in different historical spaces and times; we discuss the archetypes of groups with similar dynamics and a set of references that illustrate the birth of social arrangements that propose the change of paradigms. Moral justifications for the practices of the investigated groups, the values and structures with which they are indiscriminate, are also punctuated, using as a theoretical basis the processes of dispute and struggle for recognition, from the point of view of Axel Honneth, Luc Boltanski's works and several authors from the Frankfurt Critical School, since part of the disputes analyzed take place in the symbolic field, and specifically in the media. On the other hand, research carried out by one of a dozen experts on extremist practices, ways of thinking and moral anchoring for the action of alt-right groups is used, and speculation is given to how the process of dialogue between these agents and the structures to which they are subjected, whether represented by the normative horizon, state institutions, hegemonic productive means, or the whole symbolic apparatus attached to them. In short, this investigation points to alt-right and its ramifications as elements that are part of the processes of resistance, value dispute, dialogue, codification, and structural incorporation of subjects who share a common sense of social dislocation in the face of neoliberal hegemonic productive development itself, reordering of agents in the occupation of the spheres of power, as well as the achievements of some specific social minorities in the field of civil rights and social welfare in the contemporary world.

Keywords: Media. *Alt-Right*. *Incel*. *Soldiers of Odin*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A CRIAÇÃO DE SEU PRÓPRIO MUNDO	16
2.1	<i>Incel</i>.....	17
2.2	<i>Soldiers of Odin (SoO)</i>.....	20
2.2.1	Rupturas valorativas e nas <i>práxis</i> dos grupos	24
2.2.2	Atuação em rede.....	28
2.3	As raízes do extremismo no Canadá.....	31
2.4	A <i>web</i> como ferramenta para coesão dos grupos	37
3	A FUGA DO PADRÃO	44
3.1	Espaços liminares	47
3.2	A transição de valores, ao nível individual	55
3.2.1	Reconhecimento e menosprezo social.....	58
3.3	Atualização dos regimes de engajamento	66
3.3.1	Contingência social e proposição de novos paradigmas	71
4	O <i>ALT-RIGHT</i>, SEUS DESCONFORTOS E SEU REDIRECIONAMENTO VALORATIVO	80
4.1	A justificação valorativa dos grupos <i>alt-right</i>.....	81
4.2	Direita Alternativa Internacional	90
4.2.1	Diferenças entre <i>alt-light</i> e <i>alt-right</i>	103
4.2.2	Questões específicas aos movimentos canadenses.....	106
4.3	O gênero como fator de coesão	111
4.3.1	Comunidades antagonistas on-line (ou simplesmente <i>manosfera</i>)	120
4.3.2	Os lobos solitários	128
5.	APROPRIAÇÃO MERCADOLÓGICA DO MUNDO DOMÉSTICO	131
5.1	Padronização das relações sob os critérios de produção.....	137
5.2	A ascensão do <i>homo oeconomicus</i>.....	150
5.3	Rompimento e uso comercial das conexões tradicionais.....	155
5.3.1	Dispositivos de adesão e integração ao sistema produtivo.....	157

5.3.2	Os meios de persuasão ao sistema (a indústria da consciência)	163
5.3.3	O papel das contingências na expansão do sistema – questões da pós-modernidade	171
5.3.4	A submissão das angústias humanas aos esquemas de produção	174
6	UMA PAUSA PARA A QUESTÃO DO DISCURSO	180
6.1	A noção de pseudoevento	183
6.2	A espontaneidade planejada	186
6.3	A Sociedade do Espetáculo.....	191
6.3.1	Fantasia-clichê	193
6.4	O espetáculo do jornalismo	196
6.5	Exercício crítico e as janelas de reconhecimento.....	202
7	AJUSTANDO OS VALORES AO CAPITAL.....	208
7.1	Quando o <i>mainstream</i> conhece a subversão à direita.....	218
7.2	O <i>alt-right</i> na ocupação das esferas públicas.....	231
7.3	Efeitos do alargamento moral do <i>alt-right</i>.....	240
8	O <i>ALT-RIGHT</i> ESTAMPADO NA <i>VICE</i>	243
8.1	Emasculação e misoginia entre os <i>incels</i>.....	251
8.2	Xenofobia e chauvinismo entre os <i>SoO</i>.....	269
8.3	Pontos comuns na cobertura midiática dos dois movimentos.....	280
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	284
	REFERÊNCIAS	292
	GLOSSÁRIO	304
	APÊNDICE A – Lista de matérias analisadas relacionadas aos <i>Incel</i>.....	310
	APÊNDICE B – Lista de matérias analisadas relacionadas aos <i>Soldiers of Odin</i>	311
	ANEXO A - Logo do <i>Soldiers of Odin</i> Canadá	312
	ANEXO B - Reprodução de publicação da página oficial do <i>Soldiers Of Odin</i> – Seção de Vancouver Island.....	313
	ANEXO C - Arte de divulgação para o comício realizado para o <i>Worldwide Coalition Against Islam (WCAI)</i>.....	314
	ANEXO D - Campanha <i>ID</i> Canada.....	315

1 INTRODUÇÃO

Na metade final século XIX, era comum entre os periódicos parisienses retratarem em suas páginas a vida de indivíduos, ou de coletivos que apresentavam suas insatisfações com o *status quo*, o *establishment* político, ou mesmo contra todo o aparato produtivo existente naquele período. À época, artistas, *bons vivants*, ou simplesmente moradores de rua, expressavam em ambientes sociais diversos o sentimento de desprezo a uma sociedade que parecia estar mais preocupada em seguir os códigos de bons costumes do que às suas vontades e anseios particulares. A imprensa dava espaço para todo aquele clima contestatório, que não só ameaçava a etiqueta social, mas parecia vir acompanhado de objeções de ordem econômica, social e política.

A reprodução midiática da denominada boêmia francesa parecia antecipar um arquétipo do que iria acontecer com os movimentos *hippies*, os *hells angels* e *punks*, todos eles grupos contra hegemônicos existentes quase um século mais tarde e que ganhariam não só as primeiras páginas dos impressos, mas, a partir das mídias eletrônicas em geral e de uma indústria cultural já amadurecida, se alastraria pelo mundo, com suas bandeiras disseminadas e conhecidas em diversas regiões do mundo ocidental. Apesar de terem nascido em diferentes momentos, em comum, aqueles arranjos sociais iriam se indispor contra a complexidade do sistema tecnoburocrático; a impessoalidade das relações pessoais; a injustiça social, ou ao controle do Estado, diante de suas vontades particulares. Além dos jornais, a literatura, a indústria cinematográfica e os espetáculos multimidiáticos, como um todo, contribuiriam para ajudar a disseminar não só as causas pelos quais tais grupos contestatórios lutavam, como também seriam capazes de promover estilos de vidas e de consumo correlacionados à estética e ao *habitus* daqueles sujeitos. Mas tais manifestações de oposição sociopolítica e cultural não seriam uma invenção e exclusividade do sistema produtivo capitalista.

Apesar dos exemplos dados acima, de referências de bandeiras contestatórias no último século, ao que parece, todas as civilizações da história humana trazem em seu bojo a semente para a sua própria oposição e a proposição de novas fórmulas que deram origem à sua finitude. Diversos são os pesquisadores da Antropologia e da Sociologia que apontam que o sentimento de insatisfação pode brotar de um ou de poucos indivíduos, marginalizados de um sistema produtivo e contrários à ordem valorativa hegemônica; para muito deles, seria a partir do compartilhamento e do processo de identificação coletiva de determinadas insatisfações com outros sujeitos que seria possível dar amplitude à discussão e oposição às regras, valores e práticas de qualquer sistema hegemônico. Também é perceptível que a indústria cultural e o

desenvolvimento das mídias, nos últimos dois séculos, parecem contribuir e difundir com mais força para o processo de disseminação das bandeiras contestatórias, segundo muitos dos teóricos interessados em movimentos contra hegemônicos, a eficácia e êxito da disseminação de determinados valores sociais dependeria do grau de identificação da insatisfação que os indivíduos carregam, como da capacidade de adaptação que as instituições mantêm para lidar com eles.

De um modo geral, movimentos que propõem a transformação das estruturas podem ser negados pelos Estados, outros podem passar por adaptações, serem decodificadas, incorporadas e aprimoradas, para que o facilitem a continuidade do próprio sistema a ser contestado. Ao longo deste trabalho, perceberemos que se os boletins franceses exibiam com entusiasmo o nascer de uma boemia, e Hollywood retratou com fascínio grupos que apresentavam o discurso do “paz e amor”, um periódico canadense parece estar vivenciando e retratando um outro tipo de oposição e contestação à ordem de valores e ao sistema produtivo hegemônico, como um todo, no mundo ocidental. Ao buscar cobrir histórias de indivíduos que procuram fugir das leis do mercado; arranjos sociais ainda em processo de especulação estrutural; sujeitos “marginais”; extremistas; ou de coletivos denominados “contraculturais”, que estejam dispostos a romper com a ordem de valores vigentes, imaginar e experimentar novas práticas sociais; a revista *Vice* entra para uma tradição de veículos de comunicação que ajudam a construir narrativas sob novos modelos de vidas, de ações e práticas de figuras ou coletivos que se propõem a mudar os paradigmas sociais em que estão inseridos.

Ao longo dos últimos anos, este periódico canadense vem tentando debater continuamente, com reportagens sobre grupos contestatórios de diversas ordens, mas que especificamente a partir de 2013, parecem ganhar capilaridade em todo mundo ocidental. Alguns destes arranjos sociais pautados pelo veículo pertencem ao movimento *alt-right*, denominação que foi concebida em 2009 para se referir à aglutinação de grupos contestatórios diversos e muitas vezes coincidentes com grupos da extrema direita de países ocidentais, continuamente sob o holofote da *Vice*. Nesta tese, vamos ver como a revista vem acompanhando e, quiçá, contribuindo para tornar o movimento mais conhecido e/ou provavelmente um fenômeno *mainstream*.

Apesar de, atualmente, parte destes arranjos sociais pautados pela revista ocuparem espaços públicos de páginas on-line, redes sociais, veículos de comunicação de todo o planeta e inclusive passarem a ocupar assentos no Poder Legislativo de diferentes países, a cobertura do periódico canadense parece demonstrar algumas das etapas do crescimento e aceitação social do movimento *alt-right*. É para entender como se deu o processo de expansão de suas bandeiras

que procuramos saber como ocorreu a midiaticização daquele movimento. Assim, a *Vice* surge neste momento como ferramenta de análise para compreendermos a evolução do fenômeno. É por meio da análise das narrativas presentes no periódico canadense que buscamos entender como são retratadas as origens, os valores, os discursos e as práticas dos grupos correlacionados ao *alt-right*, mas, dada a pluralidade de movimentos do gênero, pautados pelo veículo, nos focamos em dois deles: os *Soldiers of Odin* e o *Incel*, para a concretização deste trabalho investigativo.

Como a atividade de investigação exigiu esforços teóricos e empíricos de diferentes ordens, inclusive para a familiarização do tema, em seus diversos aspectos, com os nossos leitores, dividimos o trabalho em três diferentes etapas: a contextualização histórica dos grupos mencionados, ao longo dos três primeiros capítulos; a inserção de suas lutas e dinâmicas sociais de ocupação de espaços dentro das estruturas produtivas em que estão inseridos; nos três capítulos seguintes, além da caracterização da relação entre o veículo e os grupos retratados, a partir da análise das etapas de produção midiática.

Em “A criação de seu próprio mundo” apontamos as angústias comuns entre os grupos *alt-right*; o desajuste com o *establishment* político e a repercussão disso em suas práticas sociais. A partir de dados e análises de pesquisadores voltados aos crimes de ódio, no Canadá, como Barbara Perry, Ryan Scrivens, Richard Parent, James O. Ellis III, Yannick Veilleux-Lepage & Emil Archambault, além de páginas on-line, correlacionadas ao monitoramento, denúncia e investigação de grupos extremistas, como *Anti-hate Network* e *Anti-racist Canada*, fizemos uma breve explanação sobre as origens do extremismo no país e a sua repercussão nos dias atuais, como também enumeramos parte dos grupos que vêm ganhando espaço na imprensa canadense e nas mídias em geral, como forma de contextualização da cena política e social da qual fazem parte os grupos *Incel* e *Soldiers of Odin*, além de seus “derivados”.

No capítulo seguinte, “A fuga do padrão”, somos introduzidos em investigações e conceitos teóricos, na área da Antropologia e da Sociologia, que buscaram compreender arranjos sociais que manifestam oposição aos valores hegemônicos, às suas instituições e às estruturas sociais como um todo, independente do tempo histórico em que estejam inseridos. De Victor Turner, resgatamos a noção de *communitas*; de Arnold van Gennep, nos aproximamos das “fases liminares”; como também de debates elaborados pelos franceses Luc Boltanski e Laurent Thévenot para pontuar as dinâmicas de contingenciamento social, o nascimento de espaços liminares de oposição, de reordenamento valorativo, especulação ideológica e luta de determinados grupos pela aceitação social de suas práticas e bandeiras.

Se o uso da Antropologia nos auxilia na identificação dos modelos de transição social; com Axel Honneth e o resgate de Friedrich Hegel e George Mead, conseguimos ilustrar as dinâmicas sociais presentes na formulação de novos horizontes normativos, a partir do próprio sujeito e de suas etapas de reconhecimento social.

Foi também com o auxílio de pesquisadores da Escola de Frankfurt que nos aproximamos das dinâmicas sociais de contingenciamento, marginalização e posterior reagregação de determinados sujeitos aos movimentos contemporâneos, especificamente no período pós-Segunda Guerra Mundial e de amadurecimento do Indústria Cultural, na contemporaneidade. Mas, será a partir de Hakim Bey, Alexa Clay e Kyra Maya Phillips, Chistopher Lasch, Edgar Morin, Manuel Castells, Jerrold Seigel e Hunter Thompson, em conjunto, que iremos ilustrar historicamente como diferentes agentes sociais, marcados pelo desconforto com o *establishment* da sociedade pós-moderna e presentes em distintos momentos e espaços temporais, foram responsáveis pela instrumentalização e expansão do descrédito de instituições, de leis, dos estados em que vivem e do sistema produtivo como um todo.

No capítulo “O *alt-right*, seus desconfortos e seu redirecionamento valorativo” contamos com as investigações de Stuart A. Wright e Michael Kimmel, do britânico Roger Griffin, ou dos pesquisadores canadenses, Frédérick Nadeau & Denise Helly, além de Barbara Perry e Ryan Scrivens, para identificar as raízes históricas, as etapas e o desenvolvimento de atores sociais que há longo tempo vêm se reciclando na produção de discursos, práticas e justificativas de oposição ao *establishment* sociopolítico. Será a partir deles que vamos nos contextualizar sobre a extrema direita contemporânea e a sua repercussão no surgimento de um movimento recém-criado na Europa e na América do Norte. Nesse momento, também queremos contextualizar os discursos, as práticas, as justificativas, os valores e diferentes tipos de manifestações do *alt-right* e isso será realizado com o auxílio de pesquisadores canadenses e norte-americanos, como Jacob Davey e Julia Ebner, Cynthia Miller-Idriss, Angela Nagle, Patrik Hermansson, Vegas Tenold, que tentaram compreender o fenômeno social a partir de imersões etnográficas em países como Alemanha, Estados Unidos e França, facilitando e inclusive suprimindo as limitações existentes desta pesquisa, quanto à falta de contato direto com os grupos sociais estudados.

Em “Apropriação mercadológica do mundo doméstico” também contamos com a ajuda de estudiosos da Escola Crítica e do Pós-Modernismo, que em suas investigações especularam sobre condições socioeconômicas do mundo contemporâneo para o nascimento e expansão de grupos de contestação no último século. A partir de Jurgen Habermas, Herbert Marcuse, Luís Carlos Bresser-Pereira, Edgar Morin, Norman O. Brown, Manuel Castells, Robert Castel, Luc

Boltanski, Laurent Thévenot, Ève Chiapello, Zygmunt Bauman, Richard Sennet e Jonathan Crary, queremos fazer uma linha de discussão, pontuando as críticas coletivas, realizadas no período pós-guerra, contra todo o aparato produtivo dominante; fazer uma linha histórica apontando diferentes momentos de estranhamento entre as diferentes ordens sociais, além de momentos de rompimento das conexões tradicionais; fenômenos que, segundo estudiosos voltados às pesquisas sobre a extrema direita, serviram como fatores decisivos para a criação de um sentimento de marginalização entre determinados sujeitos; o desajustamento de suas práticas e valores e a posterior formação de arranjos sociais antissistema, verificados entre os grupos extremistas aqui debatidos.

No capítulo “Uma pausa para a questão do discurso”, focaremos em como o sistema produtivo hegemônico e suas mediações institucionais e produtivas respondem a tais questionamentos. A partir da discussão de estratégias e práticas de comunicação utilizadas pelos agentes da Indústria Cultural, queremos entender como as mídias auxiliam tanto no processo de disseminação e abertura de novos valores, quanto também servem de ferramentas para a cooptação, normatização, planificação e inclusão das lutas de determinados movimentos contra hegemônicos, ou de suas causas, ao *status quo*, amplificando as vozes dissonantes, ao mesmo tempo em que as submete às regras do sistema produtivo vigente. Aqui, nomes como Roland Barthes, Daniel Boorstin, Guy Debord, Dieter Prokop, Sylvia Moretzohn, Munis Sodré, Dênis de Moraes, Maria do Carmo Brant de Carvalho, Daniel Dayan e Elihu Katz serão pontuados, para a construção de nosso raciocínio.

No capítulo seguinte, “Ajustando os valores ao capital”, procura-se discutir como todo o aparato tecnoburocrático presente na Indústria Cultural e no sistema produtivo capitalista, de uma forma geral, atua nas etapas de codificação e readaptação de discursos e práticas de movimentos contestatórios. Neste momento, retomamos exemplos de grupos contra hegemônicos das décadas de 1960 a 1980, como *beats*, *hippies*, *punks*, o *rap* norte-americano, ou mesmo ambientalistas, cujos valores e práticas foram renegociados e transformados em pautas de consumo cultural e comercial. Também apontaremos o modo como grupos extremistas contemporâneos também estão lidando com os processos de popularização e comercialização de seus símbolos, além das etapas de institucionalização de suas bandeiras, a partir do auxílio intencional, ou não, das mídias.

Para encerrar o trabalho, “O *alt-right* estampado na *Vice*” irá demonstrar como o periódico pode ter contribuído para o processo de expansão e disseminação dos grupos *alt-right*. A partir da listagem e apresentação nas reportagens produzidas pelo veículo, em 30 meses de análise de conteúdo, além do resultado das entrevistas com os envolvidos na produção,

vamos ilustrar como é realizado o processo de definição de pautas, o contato com os repórteres e o resultado das narrativas produzidas pela mídia, na cobertura dos dois arranjos sociais ilustrados e, assim, estabelecer possíveis características do discurso e das dinâmicas da Indústria Cultural, como um todo, para o fenômeno de expansão e popularização do *alt-right*, e especificamente dos grupos *Incel* e *Soldiers of Odin*.

2 A CRIAÇÃO DE SEU PRÓPRIO MUNDO

The Revolution has always been in the hands of the young.

*The young always inherit the revolution*¹.

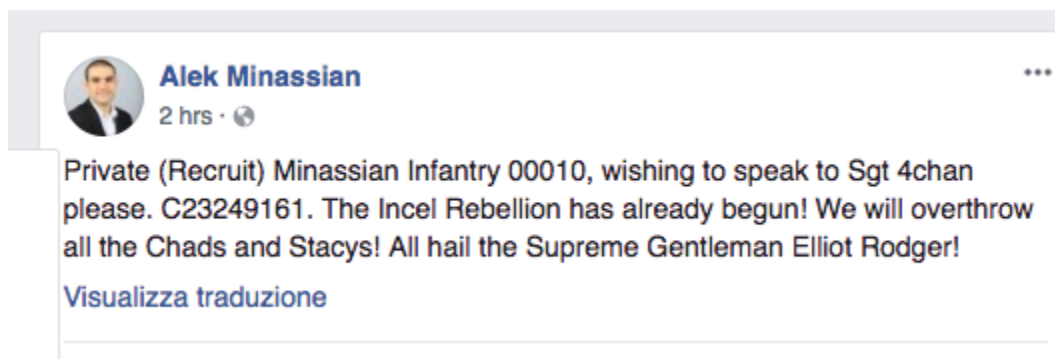
Huey P. Newton, cofundador do *Black Panther Party*

Era segunda-feira, 23 de abril de 2018, quando foi noticiado mundialmente um atropelamento de 25 pessoas, em ruas da cidade de Mississauga, na região metropolitana de Toronto, Canadá. Dez dessas vítimas teriam sido mortas por um possível ataque terrorista, ocasionado por um cidadão canadense, chamado Alek Minassian, que teria agido de forma isolada, durante o ato. Ainda no mesmo dia, os órgãos competentes na investigação do caso e a imprensa levantaram diversas hipóteses sobre possíveis conexões do autor com células terroristas, mas antes mesmo de anoitecer, uma publicação do autor do crime, em sua página de *Facebook*, chamaria atenção da mídia e das autoridades para a hipótese de que aquele ataque poderia ter sido o que o autor chamaria de um possível “ato de rebelião”, cometido por um membro de um grupo formado por jovens que se reúnem em rede, denominado Celibato Involuntário, ou simplesmente *Incel*.

Assim como diversas mídias, a *Vice News* tentaria explicar, ao seu modo, o que seria aquele movimento, que apesar de ganhar a capa dos jornais apenas em abril de 2018, parecia possuir ao menos uma década de existência. No entanto, só a partir daquele episódio o *Incel* parecia estar ganhando a atenção da grande mídia, no Canadá. Nos dois meses seguintes, a *Vice* dedicaria o tempo de alguns de seus repórteres para publicar cerca de uma dezena de peças, artigos, reportagens e entrevistas, tentando explicar o assunto, para o seu público.

¹ “A Revolução sempre esteve nas mãos dos jovens. Os jovens sempre herdam a revolução” (Tradução livre).

2.1 *Incel*



A exposição da mensagem acima², publicada em uma página pessoal do *Facebook* pelo próprio autor do atentado, Alek Minassian, e reproduzida em diversos veículos de comunicação de todo o mundo, iria revelar ao grande público a existência de uma subcultura formada em meio on-line, constituída exclusivamente por homens, de angústias diversas, entre elas, a dificuldade em manter relacionamento social e sexual com mulheres. A partir de então, a população canadense iria ter conhecimento da atuação de rapazes, que por meio de fóruns em plataformas de compartilhamento on-line, manifestavam o sentimento de humilhação pelo qual diriam estar passando. Aqueles jovens atribuíam a culpa às mulheres que lhes despertavam atração, mas não os correspondiam. O movimento, que parecia estar restrito aos fóruns de discussão de uma página de mídias sociais, denominado *Reddit*, formado por mais de 40 mil pessoas, além de outros milhares de jovens atuando em outras plataformas on-line, como *4chan* e *8chan*, chamava para si a autoria daquele ataque violento.

Ao publicar a mensagem acima, numa rede social, o autor do atentado de Toronto demonstraria que agira inspirado pela história de um jovem estadunidense, chamado Elliot Rodger, que em 23 de maio de 2014, aos 22 anos, após a publicação de um manifesto de revolta contra as mulheres, intitulado *Elliot Rodgers's Retribution*³, em sua página pessoal do *Youtube*, manifestou o sentimento de frustração, diante de seu interesse não correspondido pelas mulheres, em seus anos de universidade. Um dia após aquela publicação, Rodger teria se dirigido à casa de fraternidade feminina, da Universidade de Califórnia-Santa Barbara, instituição em que estudava há mais de dois anos e meio, com o plano de “massacrar” as mulheres que ali frequentavam. Após ser impedido de entrar no prédio, ele teria atirado aleatoriamente na rua e matado seis pessoas e a si próprio, além de deixar 14 feridos, numa

² “Privado (recruta) Infantaria Minassian 00010, desejando falar com o Sgt 4chan, por favor. C23249161 A rebelião de *Incel* já começou! Vamos derrubar todos os Chads e Stacys! Todos saúdem os senhores supremos Elliot Rodger!” (Tradução livre).

³ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zExDivIW4FM>, acesso no dia 24 de outubro de 2018.

série de esfaqueamentos e o uso de armas de fogo. Antes mesmo de se matar, Rodger explicaria no vídeo publicado que cometeria aquela atrocidade com o objetivo de punir as mulheres por rejeitá-lo, além de condená-las pelas suas preferências por homens mais bem-sucedidos, considerados por ele como “brutos”, ou “animais”. Rodger ainda condenaria as mulheres por manterem relacionamentos inter-raciais.

Após o atentado, o jovem norte-americano ficaria famoso na rede e fóruns de plataformas como o *4chan*, onde teria sua imagem publicada como “*Elliot Rodger, the supreme gentleman was 18orrela /b/4*”.

Well, this is my last video, it all has come to this. Tomorrow is the day of the retribution, the day in which I will have my revenge against the humanity, against all of you... I've been through college for two and a half years, more than that actually, and I'm still a virgin. It has been very torturous... I don't know why you girls aren't attracted to me, but I will punish you all for it... I'm the perfect guy and yet you throw yourselves at these obnoxious men instead of me, the supreme gentleman⁵. (YOUTUBE, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zExDivIW4FM>. Acesso em: 24 out. 2018.

A comunidade da qual Rodger e Minassian faziam parte já havia sido banida em novembro de 2009 pelo *Reddit*, por incitação à violência, mas estava agora formada por fóruns menores. Após o ato canadense, os membros do *Incel* se dividiriam em suas opiniões, entre a condenação de Minassian e a justificação do crime. Ao longo das mensagens trocadas nesses fóruns, eles iriam se influenciar com meme⁶ e aconselhamentos, diante do sentimento comum de insatisfações e sofrimento ocasionados por uma sociedade que os colocava em uma situação de humilhação, diante das frustrações sexuais que expressavam. A mensagem abaixo, recuperada em uma das comunidades *Incel*, pelo periódico *Vox*, é um exemplo destas frustrações.

⁴ “Elliot Rodger, o cavalheiro supremo fazia parte de / b /” (Tradução livre).

⁵ “Bem, este é meu último vídeo, tudo chegou a isso. Amanhã é o dia da retribuição, o dia em que eu terei minha vingança contra a humanidade, contra todos vocês... Eu passei pela faculdade por dois anos e meio, mais do que isso, e eu ainda sou um virgem. Tem sido muito torturante... Eu não sei por que vocês, garotas, não são atraídas por mim, mas eu vou punir a todos por isso... Eu sou o cara perfeito e ainda assim você se joga contra esses homens detestáveis, ao invés de mim, o supremo cavalheiro” (Tradução livre).

⁶ Davey e Ebner (2017) lembraram que o conceito de “meme” foi cunhado por Richard Dawkins, em 1976, como uma unidade simbólica de transferência para ideias culturais. Na internet, o meme é comumente usado para se referir a conteúdo gerado pelo usuário (muitas vezes humorístico) que é rapidamente disseminado socialmente na *web*.

“I do not blame Alek Minassian for what he did,” another poster on *incels.me* writes. “I blame society for treating low status men like garbage. There will always be more rampages because of the way society treats us”⁷ (VOX, 2018).

Em sua grande parte, os membros do *Incel* utilizam conteúdo e vocabulário próprio, que entre outras coisas, estabelece classificações sociais dos homens a partir de denominações que repercutiriam o nível de reconhecimento social obtido pelos indivíduos masculinos. Uma de tantas classificações se baseia no nível de aceitação do homem, diante das mulheres: quando desejados por elas, a partir de um porte físico atraente e de sua autoestima, os indivíduos masculinos receberiam a denominação de machos “Alfa”; quando não, na situação de serem repelidos por elas, se autodenominariam “Beta”, categoria em que geralmente eram encaixados os membros da comunidade *Incel*.

A partir dos fóruns, os participantes daquele grupo discutiriam os motivos do porquê de as mulheres preferirem os machos alfas e ignorarem os betas. Além disso, buscavam desenvolver estratégias para chamar a atenção de seus alvos, mulheres, às quais eles geralmente se referiam por termos pejorativos, como “inúteis”, “vagabundas”, “estúpidas”, “gordas”, “superficiais”, “histéricas” e “indignas de confiança”, entre outras coisas.

Outra denominação utilizada pelos membros da comunidade, para classificar as pessoas envolvidas em suas relações sociais e no sentimento de desprezo do qual compartilhavam, eram os termos *Chads* e *Stacy*, em referência aos estereótipos de homens e mulheres mais populares e exitosos sexualmente; nomeações que também eram personificadas a partir de memes.

But it’s not just individual women that these radical *incels* hate — it’s society writ large, a society that allows their perceived sexual oppression to go on. The sexual revolution, in particular, comes in for hate: They believe women being freed to make their own sexual choices, rather than being married off to men and made subordinate, is the reason women can choose to sleep with attractive men and ignore the so-called *incels*.

This is how *inceldom* becomes a political doctrine: They see themselves as a class, oppressed by a social system that’s rigged in favor of other men. One post on an *incel* subreddit compared their worldview to Marxism, with *incels* playing the part of the proletariat and Chad the bourgeoisie. The natural corollary of this idea is clear: If the root of the problem is an unfair social system, then there needs to be a revolution to change it⁸ (VOX, 2018).

⁷ “Eu não culpo Alek Minassian pelo que ele fez”, escreve outro pôster no *incels.me*. “Eu culpo a sociedade por tratar homens de baixo *status* como lixo. Sempre haverá mais ataques por causa da maneira como a sociedade nos trata” (Tradução livre).

⁸ “Mas não são apenas mulheres individuais que esses *incels* radicais odeiam – é a sociedade em larga escala, uma sociedade que permite que sua percepção de opressão sexual continue. A revolução sexual, em particular, vem para o ódio: eles acreditam que as mulheres sendo liberadas para fazer suas próprias escolhas sexuais, ao invés de

Dentro de seus anseios, parecia compreensível o sentimento de deslocamento desses indivíduos, diante da falta de tato para lidar com as situações sociais, mas seus anseios não ficariam restritos às dificuldades de conquistar uma mulher; os fóruns do *Incel* poderiam estimular o uso da violência física, como o *Philosophy Of Rape*, disponível no *Reddit*, no qual seria possível encontrar tópicos de promoção ao estupro contra feministas, tais como *Love-shy.com*; */r/mensrights*; *The Anti-Feminist*; *Slut-Hate.com* e */r/incel*, todos voltados para os homens beta, onde eles buscariam modos de cometer violência, das mais variadas formas, contra suas antagonistas.

2.2 *Soldiers of Odin (SoO)*

Com uma abordagem contínua e mais profunda que aquelas realizadas sobre o *Incel*, desde 2016 a *Vice* viria a produzir dezenas de reportagens correlacionadas a um outro grupo que também nascera com a ajuda da rede mundial de computadores e que ganhara a atenção das mídias, particularmente no Canadá, nos últimos anos, por ser um movimento que ganharia a adesão de milhares de pessoas no país, por fazer uma série de críticas à legitimidade das instituições sociais, os *Soldiers of Odin (SoO)*.

Apesar de ter nascido na Finlândia, no ano de 2015, não demoraria muito para que o SoO ganhasse membros entre outros países da Europa, como Dinamarca, Suécia, França, Bélgica, Inglaterra, Estônia e França, entre eles; estariam pessoas que demonstravam preocupação com o possível processo de islamização e a extinção de suas culturas nacionais. Em 2016, o movimento cruzaria os oceanos e ganharia novos núcleos na Austrália, nos Estados Unidos e em quase todas as províncias do Canadá. Neste último país, entre 2016 e 2018, o grupo passaria por diversas modificações, tanto em seus discursos quanto em suas práticas, em relação aos núcleos europeus, colocando em dúvida a natureza do movimento. O interesse contínuo no tema pela *Vice* fez com que diversos de seus repórteres tentassem manter contato com os membros, seja presencialmente, ou a partir das redes sociais do movimento. Além disso, o periódico entrevistaria acadêmicos, que já vinham acompanhando o grupo há algum tempo e tentando compreender este fenômeno social, como é o caso de Yannick Veilleux-Lepage e Emil

serem casadas com homens e subordinadas, é a razão pela qual as mulheres podem escolher dormir com homens atraentes e ignorar chamados *incels*.

“É assim que o domínio *incel* se torna uma doutrina política: eles se veem como uma classe oprimida por um sistema social que é manipulado em favor de outros homens. Um *post* em um *subreddi*, *Incel* comparou sua visão de mundo ao Marxismo, com *incels* fazendo o papel do proletariado e dos chades, a burguesia. O corolário natural dessa ideia é claro: se a raiz do problema é um sistema social injusto, então é preciso haver uma revolução para mudá-lo” (Tradução livre).

Archambault (2017), cujo artigo denominado *Soldiers of Odin: The Global Diffusion of Vigilante Movements*⁹ (2017) poderá nos introduzir em uma discussão sobre o grupo.

Numa investigação realizada a partir da análise de redes sociais, os pesquisadores acima iriam revelar que se no início o grupo fora construído a partir de um misto de denominação religiosa pagã e cultura viking, tendo como referência os deuses nórdicos, e especificamente Odin, parte dessa narrativa passaria por mudanças em terras canadenses; por outro lado, algumas de suas práticas e justificativas ideológicas teriam continuidade além-mar. Nos dois continentes, os núcleos apresentavam bandeiras como a agenda anti-imigração e a oposição à liberdade religiosa e de práticas culturais específicas do Islamismo, dentro do território nacional, entre os países ocidentais. Indo além dos discursos, os núcleos existentes no país canadense se engajam em um ativismo social e numa espécie de patrulhamento comunitário, com a argumentação de que pretendem evitar possíveis crimes, a serem cometidos por imigrantes ilegais.

Em outro artigo, *The Soldiers of Odin in Canada: The Failure of a Transnational Ideology*¹⁰, Veilleux-Lepage & Archambault (2019) iriam demonstrar como os estatutos do SoO manifestam a vontade do grupo em buscar formas de transformar suas comunidades para melhor, auxiliando as famílias e entidades de caridades locais, a partir da promoção de eventos comunitários e filantrópicos, com o objetivo de obter recursos materiais, financeiros e serviços para os cidadãos mais necessitados. Para os autores, estas atividades seriam realizadas sob a justificativa de que as autoridades governamentais estariam sendo ineficientes na promoção da cidadania à população canadense. Um exemplo de atividade realizada pelo grupo, como tentativa de reação ao que eles consideram ineficiência de suas autoridades, foi o auxílio ao acampamento de moradores sem teto, na cidade de Nanaimo, localizada na província de British Columbia¹¹.

Conforme o estatuto *Soldiers of Odin Canada Bylaws*¹², divulgado no ano de 2016, eles também estariam interessados no respeito aos valores canadenses e declarariam apoio à proteção das normas constitucionais, no entanto, de acordo com o documento, as autoridades

⁹ “Soldados de Odin: a difusão global dos movimentos de vigilantes” (Tradução livre).

¹⁰ “Os soldados de Odin no Canadá: o fracasso de uma ideologia transnacional” (Tradução livre).

¹¹ A ação, realizada pelo Soldados de Odin de Vancouver Island, em agosto de 2018, seria divulgada pela mídia local, por meio de um título não muito simpático ao grupo, *Soldiers of Odin threaten removal of Nanaimo's tent city* (Soldados de Odin ameaçam remover a cidade das barracas de Nanaimo). Disponível em <https://www.cheknews.ca/soldiers-of-odin-planning-to-help-remove-nanaimos-tent-city-sunday-481133/>. Acesso no dia 18 de setembro de 2018.

¹² “Estatuto dos Soldados de Odin do Canadá” (Tradução livre).

estariam falhando ao incentivar a imigração e o acolhimento de refugiados, enquanto existiriam canadenses morando nas ruas, sem o apoio necessário do governo. Por outro lado, para o estatuto do SoO, os imigrantes representariam perigo para o Canadá, pois eles estariam pondo em risco não só a segurança, como a cultura do país e provocariam tensões raciais antes inexistentes. Além disso, muitos dos membros alegariam que parte dos recursos produzidos pelas comunidades originárias estariam sendo realocados para os imigrantes, por isso, para eles, ao se engajarem em formas de atuação política e cidadã, na tentativa de evitar o processo de imigração no país, eles estariam contribuindo para o melhor redirecionamento de seus recursos e o ganho de qualidade de vida para os canadenses. Para o grupo, já estaria em tempo a necessidade de os cidadãos canadenses tomarem de volta as ruas de suas cidades e, ao agirem nessa direção, eles se considerariam os olhos e os ouvidos da polícia e da comunidade como um todo.

Conforme Archambault e Veilleux-Lepage (2019), se por um lado entre os argumentos do SoO apresenta-se a defesa dos valores nacionais, por outro, a justificativa para tal patriotismo se dá a partir de uma concepção inicial de suposta ameaça à “cultura europeia”, herdada pela população canadense, que deveria ser resguardada, pois seriam seus costumes que estariam sendo postos em perigo, diante das políticas multiculturalistas implantadas em seus países. Nesse ponto em específico, os argumentos dos grupos canadenses se alinhariam às preocupações do núcleo finlandês. Se é comum a bandeira de defesa dos valores ocidentais estritamente europeus e cristãos, a forma de como fazê-la irá gerar controvérsias entre os núcleos. Assim como as tensões ideológicas existentes entre os grupos do Canadá e as seções europeias, a decisão sobre que práticas deveriam tomar, além da dúvida moral das ações tomadas, com o passar do tempo, provocariam uma série de contestações entre os membros do SoO de grupos canadenses, o que acarretaria o desmembramento e a formação de novos grupos no país, ainda que sob esquemas similares.

Em 2018, os SoO estariam presentes nas províncias canadenses de Quebec, British Columbia, Ontario, Saskatchewan, Alberta e Yukon; todos eles seriam estruturados a partir de “seções”, com uma hierarquia formada por um presidente, um vice-presidente, secretário, tesoureiro e sargento-de-armas, estabelecido pelo estatuto. Ainda de acordo com o documento, estes núcleos fariam parte de uma organização sem fins lucrativos, ou sem qualquer cunho religioso e fascista, nem deveriam estar associados às gangues, clubes de motoqueiros, ou qualquer organização criminosa.

Eles seriam distribuídos por divisas, que podem ser marcadas a partir das províncias e territórios, mas também poderiam ser redistribuídos, conforme as decisões particulares dos

líderes. Estes seriam classificados entre líderes seccionais e regionais; os últimos seriam eleitos pelos membros. Haveria também um conselho nacional que é responsável pelas mudanças no estatuto. Entre outras coisas, este documento define que os membros com mais de um ano de participação poderiam concorrer às lideranças, por meio de eleições, a serem reguladas pelo próprio estatuto. Para ser um membro, o indivíduo – não importa o sexo – tem que ter mais de 18 anos; estar empregado, ou procurando um emprego; demonstrar interesse em entrar para o clube; ser acompanhado por um outro membro que já o conhece, há pelo menos um ano; ele deve atender às ordens e conselhos dos membros mais antigos e dar-lhes suporte em suas decisões; no caso de desavenças entre si, estas devem ser resolvidas a partir dos líderes, e em caso de prisão dos membros, os líderes deveriam ser avisados para que seja providenciada a soltura.

Os encontros dos membros dos *SoO* acontecem mensalmente. Nesses eventos periódicos, havendo o quórum mínimo de 60% dos integrantes da divisão, ocorrem votações para a tomada de decisões. Caso algum integrante falte a três reuniões seguidas, ele estará sujeito ao questionamento de seu *status*, que será avaliado, mediante votação; a exceção se daria no caso daqueles que faltassem por doença, trabalho justificado, ou se estiverem presos.

Entre as regras que também podem levar à suspensão ou expulsão de um membro, estaria o uso de drogas, o roubo, a participação em outros clubes que sejam contraditórios com as ações do *SoO*, a destruição da propriedade propositalmente; tomar decisões individuais que venham a ter repercussão sobre o grupo; falar de decisões privadas para pessoas externas; cometer práticas racistas e o consumo de bebidas, durante os encontros.

Os pesquisadores lembram que tal divisão hierárquica na distribuição de tarefas e poderes entre os *SoO* é semelhante às gangues de motoqueiros existentes no país, como os *Hell's Angels*. No entanto, eles ressaltam que, apesar da intenção explícita de distanciamento dos Soldados de Odin daquelas gangues, ou de clubes tradicionais de motoqueiros, a influência dos *Angels* também pode ser encontrada nas vestes que os *SoO* utilizam, quando estes estão em patrulhamento, ou durante manifestações nas ruas. Em comum com o grupo mais conhecido internacionalmente, os *SoO* são vistos com jaquetas pretas, no entanto, com certas especificidades, como as insígnias presentes em suas costas, formadas por um capacete com chifres nórdicos e uma bandeira canadense, em forma de barba (ver Anexo A). Entre outros fatores que os diferenciam do *Angels* é que os *SoO* não necessariamente possuem motocicletas.

2.2.1 Rupturas valorativas e nas *práxis* dos grupos

Em uma entrevista dada pelo inspetor Dan Jones, do Serviço de Polícia de Edmonton, à CBC News, canal de televisão *mainstream* canadense, em setembro de 2016, o agente público relatou que até aquela data não tinham sido registrados casos de violência por quaisquer grupos similares, na capital de Alberta. Apesar disso, a polícia observava com atenção as atividades do movimento, dado o histórico já conhecido do grupo, na Europa.

At this stage, we have a group of people that have associated [themselves] with a group that are internationally extremely negative,” Jones said. “In the city of Edmonton context that we have right now, we have seen no violence, no complaints, no threats, nothing criminal.”¹³ (LAMOUREUX, 2016)

Em contrapartida, Archambault e Veilleux-Lepage (2019) alertariam que dado o histórico de criminalidade que alguns dos membros dos capítulos europeus do SoO, seria necessário olhar com atenção a existência de um possível alinhamento ideológico entre os participantes das seções dos dois continentes, cujos efeitos seriam sentidos na propagação de ódio e na realização de ações contra determinadas parcelas da população, identificadas como seus alvos. Os pesquisadores canadenses apontaram que apesar de não aparecer de forma explícita, muitos desses grupos seriam reconhecidamente supremacistas e apesar de não haver registros de violência física contra determinadas minorias – ao menos entre as seções canadenses – o discurso voltado para os imigrantes, e especificamente os mulçumanos, a quem eles identificavam como causa central para os problemas enfrentados pelo país, seria algo compartilhado com diversos movimentos nacionalistas presentes nos Estados Unidos e Europa, o que em si já justificaria o alerta para possíveis atos violentos e de ódio contra minorias.

Como é de se perceber, essa desconfiança, tanto por parte das autoridades policiais, quanto dos acadêmicos viria do próprio histórico do SoO. Criado por um finlandês, chamado Mika Ranta, em outubro de 2015, o grupo originário ficou conhecido por divulgar textos em que atribuíam aos imigrantes a culpa pelas mazelas sociais encontradas entre as comunidades nórdicas, como um suposto aumento da criminalidade e da pobreza em países como Suécia e Finlândia. Logo, os membros do grupo seriam acusados pelas autoridades daqueles países de cometerem práticas de racismo, neonazismo e de supremacismo, apesar de negarem tais acusações.

¹³ “Neste estágio, temos um grupo de pessoas que se associaram a um grupo internacionalmente extremamente negativo”, disse Jones. “No contexto da cidade de Edmonton que temos agora, não vimos nenhuma violência, nenhuma queixa, nenhuma ameaça, nada de criminoso” (Tradução livre).

Archambault e Veilleux-Lepage (2019) relatariam que Mika se identificaria como nacional-socialista e possuiria relações com o *Nordic Résistance Moviment*¹⁴, um grupo considerado extremista e neonazista, banido da Finlândia, em novembro de 2017, por práticas de ódio e terrorismo, em atos diversos, como a sua participação em ataques a eventos LGBTQT e tentativas de implantação de bombas em centros de refugiados. Em consonância com a estética visual carregada pelos movimentos extremistas, Mika carregaria insígnias e tatuagens relacionadas ao nazismo, contudo ele defenderia a inexistência de ligações diretas entre a supremacia branca e os Soldados de Odin e inclusive alegaria que ainda que uma minoria de seus integrantes mantenha princípios supremacistas, para ele, esse fato não apresentaria repercussão nas atividades do grupo.

Quando já estavam presentes no Canadá, em março de 2016 foi reportada a criação da primeira seção, na cidade de Gimli, Manitoba, uma região que apresenta uma herança de imigração islandesa entre a sua população. Aquele primeiro grupo possuía uma retórica de anti-imigração e reportava suas ações como práticas comunitárias. Eles faziam limpeza das ruas e parques, além de distribuição de comida para carentes e desabrigados. Seguindo essa mesma estratégia, algumas outras seções do Canadá passaram a fazer o patrulhamento de ruas. Nas províncias que apresentavam fronteiras com os Estados Unidos, foram iniciadas atividades similares, com o objetivo de denunciar a entrada de possíveis imigrantes ilegais, que atravessassem suas fronteiras, mas a censura das autoridades públicas a essas últimas ações levou o grupo as suas primeiras rupturas no país.

Logo, tiveram início as divergências sobre que linha de atuação os SoO deveriam seguir: se andavam nos limites legais estabelecidos pelas regras do Estado, ou se as ultrapassavam, já que pregavam o não reconhecimento da política neoliberal e multicultural, imposta pelo governo de seu país. Após constantes desentendimentos entre que modelos deveriam tomar, teve início uma série de desmembramentos em diversas seções do Canadá.

Throughout the autumn of 2016, there seems to have been a struggle between competing factions within the Soldiers of Odin leadership concerning the relationship of SoO Canada to Finland. Québec president and National vice-president Dave Tregget, among others, were keen to separate the SoO from the Finnish supremacist image, notably by toning down the anti-immigration rhetoric and focusing on community service. Similarly, the Guardians of Alberta, and later the Patriots of Unity, claimed to break with the SoO movement over the racist overtones of the movement and its links to neo-

¹⁴ “Movimento de resistência nórdica” (Tradução livre).

Nazism, notably in Scandinavia¹⁵ (ARCHAMBAULT & VEILLEUX-LEPAGE, 2017, p, 7).

Já nesta época, membros do SoO Canadá denunciariam que a agenda racista do movimento finlandês prejudicava a sua imagem. Como resultado dos desentendimentos, surgiram em novembro de 2016 os *Canadian Sentinels*¹⁶ e no mês seguinte os *Guardians of Alberta*. No mesmo período, o presidente da seção de Quebec e vice-presidente nacional, Dave Tregget, fundaria o *Storm Alliance*; em fevereiro de 2017 o núcleo de Saskatchewan, liderado por David Terney, fundaria o *Patriots of Unity*¹⁷, enquanto a cidade de Maniwaki, também em Quebec, seria o local para a criação do *The Northern Guard*¹⁸, sob a liderança de um sujeito chamado Brian Wallingford, que também era moderador da página *Three Percent Quebec*¹⁹.

Por outro lado, Joel Angott, fundador e presidente do SoO canadense, diria que o grupo tinha independência de atuação no país. Como ele defendera na entrevista citada, para a CBC News²⁰, o nome do grupo do Canadá se referia a sua fundação na cidade de Gimli, Manitoba, de herança islandesa, e não necessariamente ao grupo finlandês, portanto, segundo ele, os membros das diversas seções do SoO no país não tinham os mesmos fundamentos dos grupos anônimos que haviam criado raízes na capital de Saskatchewan, Regina, como no resto da província de Manitoba. Naquela oportunidade, ele também reforçaria que suas atividades se restringiam à vigilância comunitária, à denúncia de crimes e a limpeza de lixo nos parques. De qualquer modo, Angott defenderia que apesar da confusão dos nomes e da má impressão que essa associação com o grupo finlandês poderia gerar, eles não estariam dispostos a abrir mão do nome *Soldiers of Odin* porque ao tomarem tal decisão, estariam negando a tradição islandesa da cidade e consequentemente de sua seção.

Em comum com os remanescentes do SoO, os grupos dissidentes estavam incomodados com a política migratória e continuavam a levantar as bandeiras anti-imigração e,

¹⁵ “Ao longo do outono de 2016, parece ter havido uma luta entre as facções concorrentes dentro da liderança dos *Soldiers of Odin* sobre a relação do SoO Canadá com a Finlândia. O presidente do Quebec e o vice-presidente nacional Dave Tregget, entre outros, estavam interessados em separar a imagem do SoO da supremacia finlandesa, notavelmente tonificando a retórica anti-imigração e focalizando o serviço comunitário. Da mesma forma, os *Guardians of Alberta* e, mais tarde, os *Patriots of Unity*, alegaram romper com o movimento SoO, sobre as nuances racistas do movimento e suas ligações com o neonazismo, principalmente na Escandinávia” (Tradução livre).

¹⁶ “Sentinelas canadenses” (Tradução livre).

¹⁷ “Patriotas da Unidade” (Tradução livre).

¹⁸ “A Guarda do Norte” (Tradução livre).

¹⁹ “Três Por cento de Québec” (Tradução livre).

²⁰ BIBER, François. *Soldiers of Odin Canada says group not the same as what's going on overseas* In CBC News. Disponível em <https://www.cbc.ca/news/canada/saskatoon/soldiers-of-odin-canada-community-group-watch-1.3761178>. Acesso em: 26 jun. 2018.

especificamente, antimulçumana, no entanto diziam discordar do discurso racista, herdado do SoO finlandês e, por isso, expressavam o desejo de distanciamento ideológico das seções de origem, na Finlândia e na Suécia. Mas, as práticas podiam mudar de um coletivo para o outro: se os *Guardians of Alberta*²¹ se concentrariam na assistência comunitária e no patrulhamento, por outro lado, os *Patriots of Unity* mantinham um realinhamento com bandeiras típicas da seção finlandesa, de cunho supremacista, assim como ocorreria nas seções de Saskatchewan e de Quebec, que se realinharam ao grupo finlandês, a partir de fevereiro de 2017.

Outro movimento que receberia parte dos membros dissidentes do SoO seria o *Three Percenters*²², cujas bandeiras armamentistas atrairiam os antigos membros do SoO, que relatavam a necessidade de estarem preparados belicamente, para o caso de terem de enfrentar seus inimigos internos, especificamente o Islamismo extremista. Parte da estrutura hierárquica e descentralizada, presente entre os Soldados de Odin, além da divisão, por meio de seções distribuídas pelo país, também seriam reproduzidos pelo *Three Percenters*, que agregaria perto de 200 pessoas na seção de Alberta.

Em abril de 2017, o SoO canadense anunciaria o desligamento do movimento europeu, apesar de manterem o nome e o logotipo, no entanto o grupo sofreria uma nova divisão quando a seção de Quebec se desfilia do movimento canadense e voltaria a manifestar apoio ao capítulo finlandês. Mais de um ano depois, uma publicação do *Anti-Racist Canada*, *A closer look at what caused the Edmonton Soldiers of Odin To Re-brand*²³, publicada no dia 16 de outubro de 2018, reproduziria uma mensagem do perfil de *Facebook* do líder de outra seção dos SoO, Edmonton, na qual Ty Sonof Hunt anunciaria a renomeação do grupo daquela cidade para *Canadian Infidels*²⁴, após uma série de exposições mal compreendidas, diante da imprensa, além do desentendimento com os líderes finlandeses. Ali, Hunt afirmaria manter a mesma linha que os SoO, de defesa dos cidadãos canadenses contra qualquer tipo de violência que pudessem sofrer, além do repúdio às políticas imigratórias do país, a partir da prática de uma vigilância comunitária, que seria exercida pelo grupo.

Como foi explicado acima, muitos membros do SoO Canadense manifestavam incômodo com qualquer forma de racismo manifesto nos capítulos europeus e isso seria a causa

²¹ “Guardiães de Alberta” (Tradução livre).

²² “Três por centos” (Tradução livre).

²³ “Um olhar mais atento sobre o que fez com que os soldados de Odin de Edmonton fossem renomeados” (Tradução livre).

²⁴ O nome “Infiéis canadenses” é uma referência ao fato de seus membros terem sido expulsos dos *Soldiers of Odin*. Não demoraria dois meses para que, novamente, renomeassem o grupo; agora para *Wolves of Odin*.

para parte do distanciamento, das divisões ideológicas e das lutas internas pela manutenção de poder e de pontos de vista sobre o alinhamento com a orientação finlandesa. Seria o caso do líder do SoO de Vancouver Island, Conrad Peach, que tentaria se afastar da linha finlandesa, pois segundo ele, a multiculturalidade do Canadá não permitiria espaço para manifestações racistas, argumento que fora lembrado em matéria do *Canada Anti-Racist, Get to know your 28orrela candidate: Conrad Peach*²⁵, publicada no dia 6 de outubro de 2018. Contudo, essa mesma publicação traz inúmeras manifestações indicando argumentos contraditórios àqueles manifestos, a partir da reprodução das publicações de suas páginas no *Facebook*, copiadas e reproduzidas ao longo do artigo (ver Anexo B). De qualquer modo, a tentativa de distanciamento dos grupos SoO dos discursos supremacistas não impediu que o movimento tivesse suas páginas banidas do *Facebook*, como foi o caso dos grupos *Canadian Nationalist Front*, *Aryan Strikeforce*, *Wolves of Odin*²⁶ e o grupo dissidente do SoO, *Canadian Infidels*, em conjunto com outras figuras públicas, cujas publicações apresentam conteúdos similares, como a página da jornalista Faith Goldy, em abril de 2019. Conforme noticiado pela *Vice*, o *Facebook* alegaria que essa ação seria parte de sua política contra terrorista.

2.2.2 Atuação em rede

Para Archambault e Veilleux-Lepage (2017, p. 8), o distanciamento ideológico de bandeiras supremacistas e fascistas não significaria o desalinhamento do discurso contra a migração árabe e mulçumana, que tanto para os grupos SoO europeus, quanto canadenses, representavam perigo aos valores ocidentais. Os pesquisadores argumentariam que o distanciamento da orientação finlandesa poderia ser justificado como uma estratégia de evitar possíveis relações da imagem dos grupos canadenses com o radicalismo, mas parte dessas dissidências também poderia ser compreendida a partir das especificidades existentes entre os diferentes grupos, pois os próprios contextos geográficos em que estavam situados apresentariam repercussão na maior ênfase dada à defesa do continente e dos valores ocidentais como um todo, pelos núcleos europeus, enquanto os canadenses se preocupavam com a

²⁵ “Canadá Antirracista - Conheça o seu candidato racista: Conrad Peach” (Tradução livre). A matéria foi publicada em http://anti-racistcanada.blogspot.com/2018/10/get-to-know-your-racist-candidate.html?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+Anti-racistCanadaTheArcCollective+%28Anti-Racist+Canada%3A+The+ARC+Collective%29. Acesso em 5 fev. 2018.

²⁶ “Frente Nacionalista Canadense, Força de greve Ariana e Lobos de Odin” (Tradução livre).

permeabilidade de suas fronteiras, diante das contínuas levas migratórias, proporcionadas pela flexibilidade política de seu país.

It is unclear how much Canadian groups can identify with the European space, or whether “European homeland” ought rather to be taken to be a white supremacist euphemism. What is clear, however, is that Canadian groups have sought to combine this global outlook with a much more nationalist orientation, emphasizing ‘Canadian’ values (as opposed to Western values), as well as seeking to entrench themselves in local communities through food drives, neighborhood cleaning operations, and snow shoveling.²⁷ (GET to know your racist candidate: Conrad Peach. Disponível em: http://anti-racistcanada.blogspot.com/2018/10/get-to-know-your-racist-candidate.html?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+Anti-racistCanadaTheArcCollective+%28Anti-Racist+Canada%3A+The+ARC+Collective%29. Acesso em: 5 fev. 2019.)

Logo, percebe-se a existência de tensões entre os membros que seguem uma linha correlacionada aos valores étnicos dos povos europeus, e outra mais restrita ao território nacional, centrada nos valores canadenses, mas cujo alvo de críticas seria o mesmo: a política migratória e receptividade de culturas “alheias” ao ocidente e, concidentemente, não brancas. Por outro lado, independentemente da linha adotada, as práticas de mobilização seriam similares: engajamento e ativismo político por meio das redes sociais, principalmente a partir de páginas e grupos no *Facebook*, além de atividades presenciais nas ruas de várias cidades canadenses, com a ideia de conscientizar a população sobre o perigo da extinção de sua cultura ocidental.

Um exemplo dessas mobilizações ocorreu no dia 1º de julho de 2018, data simbólica do dia da Independência do Canadá, quando membros dos *SoO* de Quebec se reuniram com membros de outros grupos nacionalistas, como *La Meute*, *Storm Alliance* e *Atalante*, no centro da cidade de Montreal, para manifestarem juntos sua oposição às políticas de acolhimento de refugiados e ao multiculturalismo, vistos como ameaça aos valores nacionais. Eles também reclamavam da influência que a cultura mulçumana estaria exercendo em suas instituições e da inércia da atuação dos políticos, diante de problemáticas sociais correlacionadas àqueles problemas.

²⁷ “Não está claro o quanto os grupos canadenses podem se identificar com o espaço europeu, ou se a ‘pátria europeia’ deveria ser considerada um eufemismo da supremacia branca. O que está claro, no entanto, é que grupos canadenses buscaram combinar essa perspectiva global com uma orientação muito mais nacionalista, enfatizando valores ‘canadenses’ (em oposição aos valores ocidentais), bem como buscando se entrincheirar nas comunidades locais, por meio de campanhas de alimentos, operações de limpeza do bairro e remoção de neve” (Tradução livre).

Apesar de concentrar menos de 200 pessoas, ações como essa já haviam sido realizadas em outros momentos, principalmente em datas comemorativas, como forma de chamar atenção da população para seus anseios. A aproximação do SoO com o Atalante, por exemplo, já vinha acontecendo há pelo menos dois anos, quando Dave Tregget, então presidente do SoO de Quebec, iniciou uma relação de reciprocidade e solidariedade com os membros do outro movimento. Em algumas reportagens da *Vice*, como *Les Soldats de la guerre des valeurs*²⁸, é possível ver que o Atalante às vezes serve de guarda-costas para as ações do SoO. Naquela reportagem, seria exibido que em outubro de 2016, ao se sentir ameaçado por manifestantes antifascistas, Tregget entraria em contato com os membros do Atalante, para que pudessem fazer a retaguarda das atividades do SoO. Esses laços, não acabariam com a saída de Tregget do SoO, mas persistiriam com o novo comando da seção de Quebec, sob Katy Latulippe.

Juntos, por exemplo, os SoO e o Atalante deram início à campanha *#Remigration*, quando, a partir de outubro de 2017, iniciaram uma série de atividades on-line e off-line, pedindo o retorno dos refugiados haitianos para suas terras de origem. No dia 25 de novembro daquele ano, o *Storm Alliance* se juntaria aos dois grupos para fazer um protesto contra a imigração, em frente à Assembleia Nacional, na capital do país, Ottawa. O evento também contaria com a participação de contra manifestantes, os antifascistas, que denunciariam o discurso racista daqueles grupos mobilizados²⁹.

Nos anos seguintes, esses grupos ainda voltariam a se encontrar novamente em vários momentos, como no dia 19 de maio de 2018, quando a *Storm Alliance* organizaria um protesto em conjunto com os SoO e o Atalante contra a imigração irregular, na fronteira entre os EUA e o Canadá, cidade de Lacolle, sob o argumento de que tal política migratória permissiva era parte de uma série de ações tomadas pelo governo para realizar uma limpeza étnica de seus nativos brancos. Juntos, esses grupos ainda ajudariam a formar o movimento *Québec Libre bem Action*³⁰ (QLA) e enfrentariam membros dos movimentos antifascistas, em vários momentos, como no encontro do G7, acontecido no início de junho do mesmo ano, na cidade de Quebec. Naquela ocasião, os participantes novamente se juntariam para levantar bandeiras contra a globalização e a política multicultural de seu governo, atos reportados pelas páginas do *Anti-racist Canada* e *Anti-Hate Network*³¹.

²⁸ “Soldados da Guerra dos Valores” (Tradução livre).

²⁹ De acordo com a página Montreal-Antifaciste, as ações do SoO ainda contariam com o auxílio de outro grupo identitário nacionalista, denominado *Mouvement des insoumis du Québec*.

³⁰ “Quebec Livre em Ação” (Tradução livre).

³¹ “Rede antirracista do Canadá e antiódio” (Tradução livre).

Aqueles grupos também realizariam diferentes marchas no centro de Montreal, como parte das comemorações do *Canada Day*, no dia 1º de julho, além de inúmeras tentativas – algumas vezes frustradas, devido às mobilizações contrárias realizadas pelos antifascistas – de reunir membros de movimentos afins, como aconteceu quando os *Soldiers of Odin*, *Wolves of Odin*, *Jewish Defence League*, *La Meute*, *Northern Guard*, *Nouns Of Odin*, *Proud Boys*³², como também membros do *Canadian Nationalist Party*, marcaram comícios, juntos ao Pegida, em atividades do *Canadian Combat Coalition (C3)*, nas cidades de Toronto e Montreal, entre os dias 11 de agosto, 8 e 9 de setembro de 2018 e mais adiante, no dia 4 maio de 2019 (ver Anexo C).

Um pouco antes dessa última mobilização, no dia 3 de setembro de 2018, os SoO de Edmonton tentariam fazer uma ação comunitária na capital de Alberta, juntamente com o *Northern Guard* e o *Onward Christian Soldiers*³³; atividade que foi impedida pelo comparecimento de dezenas de manifestantes contrários a ação de movimentos fascistas. Conforme informações do *Anti-Racist Canada*, nessa ocasião houve o comparecimento de apenas quatro membros dos grupos organizadores. Algo parecido aconteceria na mesma cidade, no dia 30 de março de 2019, quando o *Patriot rally*, organizado novamente pelos membros dos SoO, *Northern Guard*, como também pelos simpatizantes do *Yellow Vests Canada*³⁴, entrariam em conflito com integrantes de movimentos antifascistas. Noutra ação dos *Yellow Vests*, acontecida no dia 8 de junho do mesmo ano, em Hamilton, realizada com a ajuda dos SoO, de *Proud Boys*, do *Canadian Nationalist Party*³⁵, dois dos membros participantes seriam presos, após atacarem o fotógrafo da página do *Canadian Anti-Hate Network* e um contramanifestante³⁶.

2.3 As raízes do extremismo no Canadá

Entendemos que é necessário perceber as conexões entre os grupos estudados e as características gerais do extremismo de direita, para não pontuarmos os *Soldiers of Odin* e *Incels* como um fenômeno novo e descolado de um panorama, que possui raízes históricas, por

³² “Meninos orgulhosos” (Tradução livre).

³³ “Soldados cristãos em diante” (Tradução livre).

³⁴ “Coletes amarelos Canadá” (Tradução livre).

³⁵ “Partido Nacionalista Canadense” (Tradução livre).

³⁶ Informação foi publicada no dia 10 de junho de 2019, na página do *Canadian Anti-Hate Network*, em https://www.antihate.ca/hamilton_becoming_front_line?fbclid=IwAR12BCp4aF6rix1V6LSP5fQYsUIzK3eS0slZkbyAHgXbxJco79n1Tn3icH4.

isso, nesse momento contamos com a ajuda de autores que estão debruçados sobre aquela realidade.

Richard Parent e James O. Ellis III (2014), ao elaborarem *Right-Wing Extremism in Canada*³⁷, tentaram compreender o que promoveria a formação estrutural e o desenvolvimento de práticas violentas realizadas por grupos de extremistas em seu país, e quais seriam suas relações com movimentos similares dos Estados Unidos e da Europa, com o intuito de prever os impactos das ações deflagradas por esses grupos. Naquela pesquisa, um dos primeiros pontos tocados pelos autores foi a definição do que eles entendiam como bandeiras de extrema direita, dada a complexidade de ações e ideologias que poderiam estar aí embutidas e/ou relativizadas.

Mesmo sabendo da dificuldade em definir a bandeira, em termos absolutos, de qualquer maneira os acadêmicos canadenses utilizariam distintas referências teóricas e pontuaram que o extremismo de direita era uma coleção extensa e heterogênea de indivíduos e grupos em defesa de um leque de temas, cujas cores variariam entre o nacionalismo, a defesa da soberania individual, a soberania antigovernista; o desprezo a culturas alheias, incluindo aí o antissemitismo, o racismo e a oposição à homossexualidade. Os autores ainda elencariam uma variabilidade de posições dos grupos, em suas expressões de preocupação com temas tabus, como o posicionamento antiaborto, a antitributação do Estado e as lutas pela liberdade de acesso às armas.

Right-wing extremists may reach these stances from either religious interpretation or secular reasoning, and there is often conflict amongst various groups within this sphere. The similarities in targets and modus operandi suggest that these actors are best evaluated as a highly complex, yet interconnected community³⁸ (PARENT & ELLIS III, 2014, p. 3).

Buscando entender as raízes das justificações ideológicas, crenças e práticas dos valores considerados pelos indivíduos, ou grupos de extrema direita, eles se voltaram para o contexto do Canadá e pontuaram que as próprias políticas adotadas ao longo da história de seu país – como o estabelecimento do segregacionismo, nas escolas de Ontario, em 1849 – ou as práticas de violência contra imigrantes chineses e japoneses, entre os séculos XIX e XX, foram incentivadas por parcelas da população, que muitas vezes agiam violentamente e com o

³⁷ “Extremismo de direita no Canadá” (Tradução livre).

³⁸ “Extremistas de direita podem chegar a essas posturas tanto de interpretação religiosa quanto de raciocínio secular, e frequentemente há conflito entre vários grupos dentro dessa esfera. As semelhanças entre metas e *modus operandi* sugerem que esses atores são mais bem avaliados como uma comunidade altamente complexa e interconectada” (Tradução livre).

respaldo do próprio governo e do *establishment* social. Para eles, esses elementos colaborariam para a criação de um ambiente propício ao extremismo no país.

Outro caso lembrado pelos autores foi o posicionamento realizado pelos *Doukhobors*, grupo que era formado por uma comunidade de imigrantes cristãos russos, chegados ao Canadá a partir de 1899 e que entraram em conflito com as autoridades do governo, porque se negavam a enviar seus filhos para as escolas públicas, como também se opunham a diversas leis. Parte deles seriam, inclusive, afiliados sob uma organização denominada *Sons of Freedom*³⁹, grupo que foi responsabilizado criminalmente pela realização de uma centena de ataques a prédios públicos, empresas e ferrovias na província de Colúmbia Britânica.

Ainda na primeira metade do século XX, várias ações do gênero estiveram manifestas no país, principalmente a partir da influência de atuação do Ku Klux Klan (KKK), na década de 1920, nos Estados Unidos, e sua difusão pelo Canadá, entre as províncias de Ontário, Colúmbia Britânica, Alberta, Quebec e Saskatchewan, sob distintas denominações, como Ku Klux Klan Kanadian, o Ku Klux Klan do Canadá e o Ku Klux Klan do Império Britânico. Da nação irmã, os grupos canadenses herdariam sentimentos racistas, nativistas e antissemitas, por meio de organizações protestantes, que buscavam defender a civilização cristã ocidental, pedindo a deportação de japoneses, chineses e indianos, a repatriação, ou eliminação de judeus e contrária a outras minorias visíveis, como homossexuais, comunistas e católicos. De acordo com Parent & Ellis III (2014, p. 10), em Saskatchewan, o KKK apresentaria incursões que contaria com até 40 mil membros.

Outro movimento que ganharia representação em terras canadenses seria o *Creativity*, cujos conceitos religiosos variavam suas discussões entre a promoção dos direitos civis brancos, ao conteúdo antissemita e racista contra determinadas populações. Tal tradição extremista seria renovada meio século depois, com o surgimento dos *skinheads*, nos anos 70, dentro dos dois países norte-americanos. Na década seguinte, por meio da música, os *skinheads* canadenses recontextualizariam os anseios de seus pares britânicos, em suas bandeiras antiamericanas, anti-imigrantes, antilivre comércio e anti-homossexual, a partir de organizações *skinhead* como Longitude 74, the *White Federation*, the *Aryan Resistance Movement* (ARM), e os *United Skinheads of Montreal*⁴⁰, mas também formados por grupos soltos (PARENT & ELLIS III, 2014, p. 13).

³⁹ “Filhos da liberdade” (Tradução livre).

⁴⁰ “Federação Branca, Movimento de Resistência aos Arianos (ARM) e Skinheads Unidos de Montreal” (Tradução livre).

Com a popularização de bandas musicais de cunho supremacista, entre elas o grupo nascido em Toronto em 1989, chamado *Rahowa*, também sob a influência de outra banda *skinhead* britânica, denominada *Skrewdriver*, aqueles grupos resgatavam um movimento homônimo baseado numa concepção de que estariam vivendo sob uma inevitável “Guerra Santa Racial”. No mesmo ano, nasceria, em Toronto, o grupo neonazista, *Heritage Front* e mais tarde a cidade de Montreal presenciaria o surgimento de grupos *Hammerskin*; além disso, as províncias de Alberta e Saskatchewan passariam a ter representações do *Aryan Nations* e o *Final Solutions Skinheads*⁴¹.

Em *Uneasy Alliances: a look at the right-wing extremist movement in Canada* (2016) e *A climate for hate? Bem exploration of the right-wing 34 orrelacio landscape in Canada* (2018)⁴², Barbara Perry e Ryan Scrivens, também pontuaram a base social para o recrudescimento de uma extrema direita racista, misógina e xenófoba, como também parte de uma normatividade encontrada no país, de práticas e manifestações de ódio contra diversas minorias nos dias atuais. Mas os acadêmicos canadenses reforçaram que já há alguns séculos é constatada a formação de grupos que apresentam a construção de uma retórica marcada por um nacionalismo racial, étnico e sexual, geralmente proveniente de sujeitos enquadrados em termos de poder branco, no Canadá, muitas vezes influenciados por comunidades europeias e norte-americanas. Eles recordaram que a atuação de movimentos como o Ku Klux Klan não é um fenômeno novo na província de Saskatchewan, assim como o *Aryan Guard* possui raízes em Alberta e os *skinheads*, em Quebec.

Degradation of the other is on fertile ground in a culture with a history of – and indeed origins in – a worldview which saw non-Whites as heathen savages, for example. Canada is itself a legacy of centuries of persecution of minorities, whether they are First Nations, immigrants, women, or “sexual deviants”⁴³ (PERRY & SCRIVENS, 2018, p. 174).

Apesar de perceberem a efemeridade de muitos daqueles coletivos – já que muitos não ultrapassam meses de vida – os autores atualizariam os estudos sobre a extrema direita em suas investigações e encontrariam mais de uma centena de grupos ativos, com tamanhos variados, atuando em território canadense, principalmente nas províncias de Quebec, Ontario Ocidental,

⁴¹ “Nações arianas e Soluções finais Skinheads” (Tradução livre).

⁴² “Alianças inquietas: um olhar sobre o movimento extremista de direita no Canadá” e “Um clima para o ódio? Uma exploração da paisagem extremista de direita no Canadá”, respectivamente (Tradução livre).

⁴³ “A degradação do outro está em terreno fértil em uma cultura com uma história - e de fato origina - de uma cosmovisão que via os não-brancos como selvagens pagãos, por exemplo. O Canadá é, em si, um legado de séculos de perseguição de minorias, sejam elas as Primeiras Nações, imigrantes, mulheres ou ‘desviantes sexuais’” (Tradução livre).

Alberta e Columbia Britânica, em 2015. Os dados seriam novamente atualizados em 2019, ano que em entrevista dada a *Vice*⁴⁴, Perry e Scrivens atestariam que o número de sua pesquisa anterior teria crescido para quase 300 grupos, somando 17 homicídios no país, cometidos por ódio, voltados principalmente contra mulçumanos e mulheres. Segundo os pesquisadores, aqueles indivíduos carregariam uma série de entendimentos xenófobos e excludentes contra grupos minoritários não-brancos, como judeus, imigrantes, homossexuais e feministas, como também uma oposição às políticas do Estado, que seria percebido como um poder ilegítimo. Dado o não reconhecimento da legitimidade do poder dos representantes do Estado, boa parte dos membros dos movimentos extremistas manifestaria estar disposta a assumir uma postura defensiva e de “preservação da herança de suas culturas”.

Mas, esses grupos perderiam seu caráter local com a popularização da internet e a disseminação global de valores com movimentos similares, em diferentes locais do planeta, a partir das ferramentas de discussão e publicação de conteúdo on-line. Por meio da rede, os antes isolados movimentos canadenses de extrema direita começariam a ganhar visibilidade internacional, a conectarem-se e alimentarem-se reciprocamente. Perry e Scrivens (2016, p. 827) demonstraram inúmeros exemplos de como a conectividade possibilitou a troca de informações. O site Internacional *Hammerskin Nation*⁴⁵, por exemplo, hospedaria uma página do *Vinland Hammerskins*, de Quebec; o *Stormfront.org*, por outro lado, costuma hospedar fóruns e blogs canadenses, de conteúdo extremista, e por vezes fascista, e o site do *Creativity Movement Toronto*⁴⁶ apresenta numerosos links para grupos internacionais, como o Partido Nacionalista Britânico (BNP) e grupos de *Criativity American*, cujo conteúdo é produzido por blogueiros supremacistas brancos, não-canadenses, como Matt Hale e Craig Cobb. “Increasingly, then, the Internet and social media facilitate ideological affirmation, recruitment and connectivity, publication and dissemination of materials, and an array of other strategies for right-wing extremists in Canada and worldwide”⁴⁷, relatariam.

Como eles comentariam, a partir da rede de Internet, os grupos não só discutiriam e alimentariam suas ideias, fariam propaganda ideológica, como também organizariam encontros

⁴⁴ Reportagem publicada pela Vice, no dia 7 de março de 2019, sob o título Canada is spending \$300K on research into far-right extremism, disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/59xq7q/canada-is-investing-in-far-right-extremism-research. Acesso em: 21 jun. 2019.

⁴⁵ A página está disponível no endereço <https://www.hammerskins.net/>. Acesso em: 4 fev. 2019.

⁴⁶ A página está disponível em <http://creativitymovementtoronto.blogspot.com/>. Acesso em: 4 fev. 2018.

⁴⁷ “Cada vez mais, então, a Internet e as mídias sociais facilitam a afirmação ideológica, o recrutamento e a conectividade, a publicação e a disseminação de materiais, e uma série de outras estratégias para extremistas de direita no Canadá e no mundo” (Tradução livre).

presenciais, como a realização periódica de comícios do *Worldwide Coalition Against Islam*⁴⁸ (WCAI), sob a organização de diferentes movimentos, situados em distintas províncias. Acompanhamos parte dessas atividades por meio da página *Anti-Racist Canada* que em uma de suas ações de denúncias da retórica de ódio, manifestado por aquele movimento, reproduziu um dos podcasts de um dos criadores do WCAI, Joey Deluca, no qual são reveladas as impressões dele sobre os imigrantes somalis, em seu país.

In my speeches, I refer to them as sewage, and scum, and filth, and parasites, because it's what they are. I mean, the 'sewage' things I've gotten a lot of negative feedback from cucked-out conservatives who have said "Oh, you make all conservatives look bad when you call them sewage, and I can't associate with that". You know, that's what I've heard for the past year. And... people don't understand it's the most accurate thing to call them because... what they are is... A country is like a beautiful, crystal, glacier lake. You know? A pure lake. Pure, clean water that you can drink out of and swim in. And then all of a sudden you start dumping sewage into it, eventually that lake becomes like, contaminated. And it ruins the quality of the water in that lake. And by dumping Muslims into certain communities – certain like, mass immigration, it's the same effect as dumping sewage into a lake. If you think about it, right? Like, places that used to be nice neighbourhoods with nice families and all that, and all of a sudden these people – bunch of Somalis or whatever get dumped there, and then all of a sudden they're not nice towns anymore. Right? And that's where the whole 'sewage' thing comes from⁴⁹. (ANT- RACIST CANADA, 2018)

Como pode-se ver, a partir das plataformas digitais, periodicamente esses sujeitos estimulariam ações diversas, tanto em meio virtual, quanto presencial, geralmente em forma de protestos, realizados em oposição ao multiculturalismo ou direcionados a determinadas categorias específicas, como é o caso da população islâmica. Mas, ações como essas também levantariam contra-ações de movimentos antifascistas, que trabalham na tentativa de impedir a organização de atos e propagação de mensagens de ódio. Conhecidos pela denominação genérica de Antifa, esses movimentos reuniriam um número disperso da esquerda radical, formado por pessoas que rejeitariam o nacionalismo e o fascismo, a partir de uma ampla

⁴⁸ “Coalizão Mundial Contra o Islã” (Tradução livre).

⁴⁹ “Nos meus discursos, eu me refiro a eles como esgoto, escória, sujeira e parasitas, porque é o que eles são. Quero dizer, as coisas do "esgoto" eu recebi um monte de *feedback* negativo dos conservadores que disseram 'Oh, você faz todos os conservadores ficarem mal quando você os chama de esgoto, e eu não posso me associar com isso. Você sabe, é isso que eu ouvi no ano passado. E ... as pessoas não entendem que é a coisa mais precisa para chamá-los porque ... o que eles são ... Um país é como um lindo lago de cristal, glacial. Você sabe? Um lago puro. Água pura e limpa da qual você pode beber e nadar. E então, de repente, você começa a despejar água de esgoto, eventualmente aquele lago fica contaminado. E isso estraga a qualidade da água naquele lago. E despejando muçulmanos em certas comunidades - certos como a imigração em massa, é o mesmo efeito que despejar esgoto em um lago. Se você pensar sobre isso, certo? Tipo, lugares que costumavam ser bons bairros com boas famílias e tudo isso, e de repente essas pessoas - bando de somalis ou o que quer que fosse jogado lá, e de repente não são mais cidades bonitas. Certo? E é daí que vem toda a coisa do "esgoto"” (Tradução livre).

variedade de grupos, métodos e motivações, na tentativa de enfrentar o racismo e a intolerância. Também organizados virtualmente, em páginas, em que são divulgadas suas ações, esses últimos grupos conseguem, em grande parte das vezes, ser numericamente maior que os movimentos que conclamam os comícios, o que acaba muitas vezes intimidando os movimentos de extrema direita de ir adiante com seus planos iniciais de mobilização.

2.4 A web como ferramenta para coesão dos grupos

Se nas ruas, as mobilizações dos grupos aqui pesquisados reuniriam no máximo algumas centenas de pessoas, em meio virtual, esses coletivos poderiam reunir dezenas de milhares de indivíduos, dispostos a comungar de seus valores. Apesar de possuírem razões locais para a sua formação inicial, por meio da internet esses grupos puderam se expandir internacionalmente. A partir de plataformas de compartilhamento de conteúdo e redes sociais, seus membros, em diferentes partes do planeta, poderiam realizar a troca de experiências e conhecimentos, aperfeiçoar suas práticas e dar sustentabilidade ao desenvolvimento mútuo, criando, inclusive, manifestações conjuntas e simultâneas, em diferentes regiões do mundo.

Em seus estudos sobre o uso da internet pela extrema direita, na Europa e nos Estados Unidos, Manuela Caiani e Linda Parenti (2013) lembram que a forma reticular como a *web* seria utilizada por aqueles sujeitos possibilitaria um desenvolvimento de seu discurso e de seus valores, de forma mais horizontal, em um tipo de organização, que já não necessariamente é formada por organizações. Esse grau de fraqueza institucional e sem lideranças teria como compensação uma flexibilidade de ação e de resistência do próprio movimento. Elas lembram que ainda que houvesse restrições localizadas sobre um grupo, a dispersão da rede permitiria que o movimento, como um todo, continuasse a existir, por meio de ações de indivíduos isolados, fisicamente, ou de grupos organizacionalmente diferenciados e estruturalmente fragmentados, entre os diferentes países. A dispensa da necessidade de uma reunião presencial entre os membros facilitaria a elaboração de estratégias e/ou discussão de conteúdos ideológicos e propagandísticos, por meio de material multimidiático, como um todo, potencializando a formação de formas criativas de organização e dando suporte à construção de novas identidades coletivas e de suas próprias narrativas. *“This results in a big change in the core dynamics of action, where protests seem to operate with little involvement from conventional organizations, sustained and reinforced over time by a mix of online media and offline activities”*⁵⁰. (CAIANI

⁵⁰ “Isso resulta em uma grande mudança na dinâmica central da ação, em que os protestos parecem operar com pouco envolvimento de organizações convencionais, sustentados e reforçados, ao longo do tempo, por uma mistura de mídia on-line e atividades off-line” (Tradução livre).

& PARENTI, 2013, p. 7 e 8)

No trabalho citado logo acima, realizado sobre o domínio digital de seis países, entre os anos de 2005 e 2009, as pesquisadoras constataram ao menos 58 organizações atuando na França, 87 na Espanha, 129 na Inglaterra; 134 nos Estados Unidos; 69 na Alemanha e 79 na Itália, mostrando uma variedade de grupos extremistas, com diferentes correntes ideológicas, mas que se reforçavam – como neonazistas, neofacistas; antiglobalistas; partidos políticos de extrema direita; revisionistas e negacionistas históricos; associações culturais direitistas; *skinheads*; organizações identitárias cristãs; supremacistas; milícias e organizações patriotas, incluindo paramilitares, até outros grupos de interesse mais particulares, como os antiarbotistas e anti-islâmicos. Conforme Caiani e Parenti (2013), a partir das redes, regulamentações penais e/ou condenações sociais podiam ser superadas por aqueles grupos; nos locais onde as restrições seriam maiores, eles tenderiam a recompensar a falta de oportunidades de mobilização presencial com o uso das plataformas virtuais, utilizando-se de uma densa rede de links, que se remeteriam uns aos outros, reforçando as bandeiras comuns.

Se antes os grupos de extrema direita ficavam dispersos, com seus discursos nacionalistas e voltados para questões locais, com a popularização da internet, eles passaram a agir de modo cada vez mais articulado e conversarem entre si. De acordo com os dados apresentados pela dupla de pesquisadoras, ao menos um terço das páginas analisadas por elas possuíam links que se remetiam a páginas registradas em um domínio do outro lado do Atlântico, o que revelaria a aproximação entre os grupos norte-americanos e europeus. Elas também constataram que essas conexões não seriam realizadas predominantemente entre organizações coletivas, mas em sua maior parte, alimentadas por ativistas isolados, que ganhavam espaço e tinham suas dinâmicas e estratégias de disseminação dos discursos, otimizadas com a rede.

Caiani e Parenti (2013, p. 143) enfatizaram que tais *hyperlinks* ajudariam os grupos extremistas a forjarem um senso mais forte de comunidade e propósito, persuadindo até mesmo o extremista mais ardente de que ele não está sozinho, que suas visões não são, de fato, extremas. O surgimento de grupos como *Stormfront* e o fortalecimento de grupos neonazi, como *Blood & Honour*, por exemplo, nos servem para ilustrar a convergência das bandeiras de diferentes movimentos e a identificação de novos alvos comuns, o que pode ser visto na luta contra a islamização do ocidente, em comum entre esses grupos.

A *web* tornou-se, então, uma ferramenta poderosa não só para a difusão de conteúdo, em fóruns, como também na forma de utilizá-los, para a formulação de táticas de agrupamento e perseguição a determinados grupos, colocados como adversários ideológicos, possibilitando,

assim, uma abertura para que posições consideradas mais extremas pudessem ser expressas para públicos mais abrangentes. Essa liberdade de ação e estrutura horizontal proporcionaria o recrutamento de novos membros, como o alcance internacional de suas discussões, já que ao conectarem suas posições, indivíduos, ainda que isolados fisicamente, poderiam estabelecer um senso de comunidade, no qual se é possível reforçar motivações de participação e estabelecer objetivos e metas, por meio de páginas e plataformas sociais.

Perry e Scrivens (2016) também enfatizaram como o suporte dado pela *web* ofereceu a possibilidade de os usuários com interesses afins reforçarem e espelharem seus sentimentos e valores. Para eles, as plataformas virtuais foram propiciadoras da criação de novos ambientes de sociabilidade, com espaços próprios para a exposição de argumentos considerados tabus e inquestionáveis pelo *establishment*. Segundo os pesquisadores canadenses, por meio da *web* e de seu potencial, são criadas esferas autônomas de comunicação entre os seus pares, sujas práticas transpassam as restrições das instituições já estabelecidas, dando a possibilidade de muitas das ideias desses grupos, consideradas tabus pelo cunho racista, antissemita, misógino e de outros temas intragáveis aos espaços midiáticos tradicionais, poderem ser debatidas, sem o constrangimento e a condenação do *mainstream*.

Internet communication helps to close the social and spatial distance that might otherwise thwart efforts to sustain a collective identity across the movement. Given the geographical dispersal of hate groups across the country, and indeed the globe, the medium of cyberspace allows members in Ottawa and Kamloops, as well as Munich, Toronto, and Oslo to engage in real time conversations, to share the ritual and imagery that bind the individuals to the collective without having to travel great distances or incur great costs. Virtual conversations and ready access to *webpages*, aggressively asserting the shortcomings of the Other, strengthen the resolve of individual members by creating the framework for a shared sense of both peril and purpose. Such sites provide at least the I of cohesion and collective security, but even more importantly for isolated and atomized members, a collective vision of shared fears, values, and ideologies⁵¹ (PERRY & SCRIVENS, 2016, p. 827).

Archambault e Veilleux-Lepage (2017) também enfatizaram o potencial que as ferramentas da rede *web* possuem na criação de uma identidade coletiva e com forte senso de

⁵¹ “A comunicação pela Internet ajuda a fechar a distância social e espacial que poderia, de outra forma, frustrar os esforços para sustentar uma identidade coletiva em todo o movimento. Dada a dispersão geográfica de grupos de ódio em todo o país e, na verdade, no globo, o meio do ciberespaço permite que membros em Ottawa e Kamloops, bem como Munique, Toronto e Oslo se envolvam em conversas em tempo real, para compartilhar o ritual e imagens que ligam os indivíduos ao coletivo, sem terem que viajar grandes distâncias, ou incorrer em grandes custos. Conversas virtuais e pronto acesso a páginas da *web*, afirmando agressivamente as deficiências do outro, fortalecem a determinação de membros individuais, criando a estrutura para um senso comum de perigo e propósito. Tais sites fornecem pelo menos a fachada da coesão e da segurança coletiva, mas ainda mais importante para os membros isolados e atomizados, uma visão coletiva de medos, valores e ideologias compartilhados” (Tradução livre).

comunidade e propósito entre seus membros, tornando possível que parte das narrativas dos movimentos aqui estudados, inicialmente produzidos na Internet, pudesse ser levada para a vida “real”. Segundo eles, é por meio da capacidade de integração de informações e flexibilidade de articulação de estratégias dessas redes que seus participantes criam oportunidades de realizar interações, trocar informações, estabelecer a colaboração de conteúdo, de serviços e até mesmo de recursos financeiros; práticas que acabam enriquecendo o capital social desses sujeitos, alimentando suas posições sobre determinados pontos de vista ideológico, político, ou de seu estilo de vida. Ao serem vistas e escutadas por indivíduos distantes geograficamente, suas mensagens desencadeiam, em muito deles, a esperança na possibilidade de mudanças na ordem dos valores vigentes, que tanto lhes incomodam, e chamando-os inclusive para a ação.

Para Bih-Ru Lea, Yu Wen-Bin, Nisha Maguluru, and Michael Nichols (2006, p. 3501), é ao rastrear, mapear e analisar as atividades de comunidades virtuais como essas, que os pesquisadores poderiam ter acesso aos elementos simbólicos, compartilhados por tais indivíduos, mas nem sempre acessíveis ao mundo acadêmico. E foi justamente ao obter uma série desses tipos de informações que o trabalho de Archambault e Veilleux-Lepage (2017) nos ajudou a revelar os padrões gerais de cooperação e contestação desses arranjos sociais, além de identificar os processos sociais presentes na formação e no compartilhamento ideológico entre os agentes que integram os diversos núcleos do *SoO* e de seus parceiros, nas atividades de mobilização e publicização de seus valores diante da população.

Entre 22 de janeiro e 15 de março de 2017, os dois pesquisadores canadenses acompanharam as discussões de 51 grupos de *Facebook*, em 16 diferentes países e por meio de uma mineração de dados, puderam identificar uma rede formada por cerca de 5 mil pessoas, sendo 1.022 delas pertencentes a 12 seções canadenses, cujo conteúdo compartilhado, em formato de texto e imagens, foi foco de uma análise, a partir de uma amostragem do modelo de bola de neve. A partir de suas análises, foram identificados os vínculos adicionais dos membros nas redes; assim, os pesquisadores conseguiram examinar a lista inteira dos amigos de cada membro identificado com o *SoO*. Foram rastreados, então, os números únicos de identificação do *Facebook*, a localização geográfica e sua relação com outros indivíduos que atenderiam aos critérios de inclusão. Abaixo, eles dão os detalhes desse trabalho.

While this approach originally led to duplications in cases where two linked profiles both had their friends list visible, it also overcame barriers in cases where one individual had implemented privacy settings preventing us from seeing their friends list. (...). In total, 737 individuals were uncovered, among which there were 265 Canadians, 104 Finns, 33 Swedes, 83 Germans, and 116 Americans. While this by no means represents the entirety of the worldwide

membership of the Soldiers of Odin, it does provide a good estimate as to the composition of the Canadian networks of SOO, along with their international connections⁵² (ARCHAMBAULT E VEILLEUX-LEPAGE, 2017, p, 14).

Naquela pesquisa, também foi analisada a participação de 737 membros canadenses nos 51 grupos de *Facebook* identificados com os *SoO*, com o intuito de perceber os níveis de intensificação entre as mais de 13 mil arestas formadas pelos contatos públicos dos membros. Para isso, foi utilizado um programa de visualização gráfica, o *Gephi*, onde foram encontrados diferentes níveis de entrelaçamento entre os membros. Por meio dos gráficos gerados, os pesquisadores encontraram núdulos centrais, cujos membros líderes assumiam o papel de informantes-chave dos movimentos e estabeleciam pontes com grupos similares na rede.

Ali foi constatado que os membros ordinários possuíam diferentes estágios de intensidade, com pares de proximidade regional e nacional, no entanto aqueles indivíduos mantinham relações intensas de conexão com o conteúdo compartilhado pelos membros líderes, o que demonstraria a hierarquia dos diversos grupos, em que os líderes seriam elementos-chave na criação e disseminação de novos links de comunicação para os outros usuários. Além disso, naquela pesquisa, foram apontadas outras especificidades: o idioma Francês, por exemplo, seria uma barreira de comunicação que acabaria isolando os membros da seção de Quebec dos capítulos do restante do Canadá, cujas discussões usualmente ocorrem em inglês.

But there are also differences in operational style and rhetoric, which a quick comparison of three public Facebook groups may indicate. These three groups are “Soldiers of Odin Québec Support”⁷⁷, “Soldiers of Odin Northern Ontario Support”⁷⁸, and “Patriots of Unity Regina Support.”⁷⁹ The groups from Regina and Northern Ontario show a combination of anti-crime, xenophobic and community service postings. In the case of Regina, a particular emphasis was put on snow removal efforts – where SOO members would shovel snow on behalf of citizens – as well as on images from patrols. In the Northern Ontario group, again, anti-immigrant posts are present alongside a focus on community action – here, drives collecting empty beer bottles and cans for charity are particularly highlighted. The Québec group, meanwhile, is devoid of any posts about community action; rather, it is filled with reports (often from dubious sources) of crimes committed by immigrants, anti-Islamic or anti-immigrant rhetoric, and announcements about upcoming protests and marches. Therefore, the relative distance between the Québec chapters and the rest of the Canadian network may also be due to ideological differences, with

⁵² “Embora essa abordagem originalmente levasse a duplicações nos casos em que dois perfis vinculados tinham a lista de amigos visíveis, ela também superou as barreiras nos casos em que um indivíduo implementou configurações de privacidade, impedindo-nos de ver sua lista de amigos. (...) No total, 737 indivíduos foram descobertos, entre os quais havia 265 canadenses, 104 finlandeses, 33 suecos, 83 alemães e 116 americanos. Embora isso não represente de maneira alguma a totalidade dos membros mundiais dos *Soldiers of Odin*, ele fornece uma boa estimativa quanto à composição das redes canadenses de *SoO*, juntamente a suas conexões internacionais” (Tradução livre).

the Quebec wing being more militant and open about its far-right rhetoric⁵³ (ARCHAMBAULT & VEILLEUX-LEPAGE, 2017, p, 18 e 19).

Outro resultado encontrado pela pesquisa foi a densidade dos laços entre os membros dos núcleos finlandeses e europeus, que são mais intensos, em comparação aos núcleos canadenses, o que para os autores poderia ser explicado pela maior proximidade geográfica entre as comunidades. Para os autores, essa intensidade e homogeneidade ideológica da seção finlandesa também se reverteria em influência de seus discursos sobre os capítulos canadenses, apesar das diferenças idiomáticas.

This finding has a profound implication, namely that irrespective of the presence or absence of racist content on the Canadian side of the network, the presence of numerous links to Finnish SOO – where the presence of racism and white supremacism have been widely documented – means that Canadian members of the SOO are exposed to such content on a routine basis. On Facebook, the content to which one is exposed is provided by one's friends; therefore, the presence of links to Finnish SOO indicates at least a willingness, on the part of the Canadian Soldiers of Odin, to be exposed on a regular basis to racism, anti-immigrant ideology, and thereby suggests a much more extreme right-wing side to the movement than their emphasis on community action would otherwise suggest. In other words, given the similar average path lengths, Canadian members of the SOO can be exposed as routinely to content from the Finnish SOO as they are to content from the Canadian SOO. Therefore, even if the Canadian SOO were to refrain from racist anti-immigrant propaganda altogether,⁸² it is highly likely that such content would still be disseminated from Finnish sources⁵⁴ (ARCHAMBAULT & VEILLEUX-LEPAGE, 2017, p, 20).

⁵³ “Mas também há diferenças no estilo operacional e na retórica, o que uma comparação rápida de três grupos públicos do Facebook pode indicar. Esses três grupos são *Soldiers of Odin Québec Support*, *Soldiers of Odin Northern Ontario Support*, e *Patriots of Unity Regina Support*. Os grupos de Regina e Northern Ontario mostram uma combinação de anticrime, xenofobia e lançamentos de serviços comunitários. No caso de Regina, uma ênfase especial foi colocada nos esforços de remoção de neve – os membros do SoO recolheriam neve em nome da cidadania – bem como nas imagens das patrulhas. No grupo do Norte de Ontário, mais uma vez, os postos anti-imigrantes estão presentes, juntamente ao foco na ação comunitária – aqui, a coleta de garrafas de cerveja vazias e latas para caridade são particularmente destacadas. O grupo de Quebec, entretanto, é desprovido de qualquer cargo sobre ação comunitária; em vez disso, está cheio de relatos (muitas vezes de fontes duvidosas) de crimes cometidos por imigrantes, retórica anti-islâmica ou anti-imigrante e anúncios sobre protestos e marchas futuras. Portanto, a distância relativa entre os capítulos de Quebec e o resto da rede canadense pode também ser devida a diferenças ideológicas, com a ala de Quebec sendo mais militante e aberta sobre sua retórica de extrema direita” (Tradução livre).

⁵⁴ “Esta descoberta tem uma implicação profunda, ou seja, que independentemente da presença ou ausência de conteúdo racista no lado canadense da rede, a presença de numerosos links para o SoO finlandês – em que a presença do racismo e da supremacia branca tem sido amplamente documentada – significa que os membros canadenses do SoO estão expostos a tal conteúdo rotineiramente. No Facebook, o conteúdo ao qual alguém é exposto é fornecido pelos amigos. Portanto, a presença de links para o SoO finlandês indica pelo menos uma disposição, por parte dos soldados canadenses de Odin, de ser exposta regularmente ao racismo, à ideologia anti-imigrante e, portanto, sugere uma extrema direita muito mais extremada à parte do movimento do que sua ênfase na ação comunitária sugeriria. Em outras palavras, dadas as distâncias médias semelhantes, os membros canadenses do SoO podem ser expostos rotineiramente ao conteúdo do SoO finlandês e ao conteúdo do SoO

O próprio fundador do capítulo finlandês, Mika Ranta, e seu conteúdo, de cunho supremacista branco e neonazista, apareceria no gráfico como um forte influenciador dos membros canadenses; ele se localizando como um nó central entre os perfis analisados, o que para os autores indicaria certa tolerância, ou compartilhamento de seus valores pelos membros das seções canadenses.

Por outro lado, assim como os finlandeses, também foram encontradas relações estreitas entre os núcleos canadenses e os suecos. De acordo com os pesquisadores, esse fato é interessante para a alimentação do discurso da violência, já que os últimos apresentam um histórico de participação em brigas violentas no continente europeu. Ainda conforme a pesquisa, a influência desses núcleos europeus não ficaria restrita aos discursos. Numa análise realizada sob os perfis de 265 indivíduos que haviam se desmembrados, Archambault e Veilleux-Lepage (2017) pontuariam que 49 deles se juntariam a um outro grupo de extrema direita: em sua maioria, eles se filiariam ao *La Meute*.

Para Perry e Scrivens (2016), essa movimentação dos membros entre os grupos não é em si estranha, já que o fato de vestirem “casacos diferentes” não significaria, necessariamente, a mudança brusca de valores e práticas entre eles. Como parte dos movimentos, encontram-se em situações semelhantes tanto na organização, quanto em suas justificativas ideológicas – como o não reconhecimento das decisões das instâncias públicas, no estabelecimento de suas políticas migratórias – os desmembramentos seriam motivados por discordâncias mais de cunho pessoal e disputas internas pelo poder, entre os membros, do que em si, pelas diferenças de valores e práticas.

canadense. Portanto, mesmo que o SoO canadense se abstenha de propaganda racista anti-imigrante, é altamente provável que tal conteúdo ainda seja disseminado a partir de fontes finlandesas” (Tradução livre).

3 A FUGA DO PADRÃO

O protesto, a contestação e as reivindicações não cessam e não podem desaparecer. Cada um por sua vez, esses grupos parciais contestam e protestam, mas não sem tentar tirar partido da situação. O mais significativo é a recusa oposta pelos grupos minoritários, mas sempre renovados, de “jovens”, a essa sociedade. Recusa total, global, sem esperança, sem futuro, absoluta, sempre recomeçada. Os grupos que recusam desdobram-se, como se sabe, em violentos e não-violentos. A recusa supõe uma tentativa de sair do cotidiano e procurar uma outra vida que seja obra, apropriação. Essa “outra vida” é experimentada de diversas maneiras: vagabundagem, drogas, signos de adesão e de cumplicidade, etc.

(Henri Lefebvre, em *A vida cotidiana no mundo moderno*)

Foi a partir do estudo de sociedades pré-capitalistas que o antropólogo britânico Victor Turner (1974) identificou a existência de dois modelos justapostos de organização social: um em que a sociedade é vista como um sistema estruturado, geralmente marcado pela diferenciação e hierarquização de posições política-jurídicas-econômicas, pela abstração de suas relações e organizada por meio de instituições rígidas; o outro modelo é formado por arranjos sociais que sobrevivem paralelamente àquelas primeiras estruturas, na verdade eles possuem ordens não estruturadas (ou são estruturadas de uma forma rudimentar) e têm como peculiaridade a concretude da conduta dos indivíduos, em suas relações pessoais. O pesquisador pontua que, em oposição ao primeiro modelo, na segunda categoria os atores assumiriam posições previamente igualitárias – apesar de suas diferenças físicas e mentais – e seriam integrados de forma indiferenciada.

Ao apontar aqueles dois modelos, em *O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*, Turner (1974) queria deixar clara a coexistência de modos complementares de convívio humano como elemento-chave para o desenvolvimento e sobrevivência das próprias estruturas hegemônicas. Para ele, ambos estágios sociais seriam parte de um processo dialético, marcado por sucessivas fases de estrutura e de *communitas* – denominação utilizada pelo pesquisador para os estágios sociais em transição de valores. Conforme o antropólogo, a dialética desses dois modelos assumiria um papel essencial no reforço das estruturas, dando a possibilidade de continuidade dos sistemas hegemônicos, isso porque as denominadas *communitas* não seriam a negação por si só das estruturas, mas seriam apresentadas como parte de um exercício da reflexão daquilo que já está estruturado e, por isso, assumiram-se como ponto crucial para o seu futuro desdobramento.

Turner (1974) defende que nenhuma variação do convívio humano seria passível de plena estruturação, pois ao lado de todo e qualquer sistema integrado de funções, papéis e posições de poder, coexistiriam espaços onde as dinâmicas de atuação dos indivíduos não estão completamente evidenciadas e isso poderia ser explicado por razões diversas, como o ineditismo de determinados eventos, ou mesmo a falta de relevância que alguns fenômenos e práticas sociais ganharam até então, em determinadas sociedades. Para ele, por mais que se tentasse completar por inteiro a previsão dos modos de ação dos agentes, os sistemas vigentes seriam incapazes de correla-los: ao lado dos fatos verificáveis, haveria um número incontável de ações potenciais que se manifestariam em paralelo, sem que necessariamente ganhassem a atenção das instituições. Isso significaria que, de certa forma, haveria uma certa incapacidade de qualquer sistema estruturante, na visualização e antecipação por completo dos movimentos de seus agentes. Conforme o teórico, a partir do momento em que isso fosse possível, seria provável que se secassem as fontes de desenvolvimento e criatividade de suas estruturas, pois seria justamente nos espaços de indefinição que aflorariam a imaginação, a inventividade e a coragem humanas, que, segundo o antropólogo, seriam as únicas práticas capazes de quebrar a rotina, criar e tentar caminhos não experimentados pela sociedade.

Se nos sistemas já estruturados, os indivíduos tendem a atuar de forma pragmática e mundana, nas *communitas* suas ações são fruto de práticas especulativas, “geradora de imagens e ideias filosóficas” (TURNER, 1974, p. 162); se nos períodos de “normalidade”, os sistemas não são contestados, nos interstícios, ou como ele chama, nas “liminaridades”, as regras hegemônicas seriam postas à prova. Para o autor, seria nesses intervalos que as estruturas tomariam fôlego, para que fosse realizada a sua própria renovação.

Ao trabalhar com o conceito de *communitas*, Turner (1974) procura superar as limitações dos modelos socioestruturais para se referir aos estágios intermediários, manifestos em quaisquer sociedades, por meio de espaços que ele chama de “liminares”. As *communitas* seriam manifestações espontâneas, não estruturadas, de origem imprevisível e divergentes dos modos de atuação dos modelos hegemônicos, encontradas em sociedades vigentes, de quaisquer tempos. Ao estarem à parte, ou preferirem não participar das instituições, os atores que atuam na liminaridade romperiam, ainda que temporariamente, com a natureza abstrata das instituições, pondo os sistemas hegemônicos em questionamento e passariam a se basear principalmente na concretude de seus relacionamentos, na especulação e na discussão de ideias filosóficas, procurando desvincularem-se da segmentação de papéis e funções sociais preestabelecidas, como também da rigidez normativa de suas estruturas.

O antropólogo britânico diferencia as *communitas* entre “existenciais” (ou espontâneas) e “normativas”. Ele observa que as primeiras seriam um pouco daquilo que os *hippies* chamariam de *happening*, manifestação que acontece de forma passageira e não planejada; já o segundo momento, seria marcado por dinâmicas em que se faz possível o seu prolongamento, ou melhor, para que se chegue a essa etapa, são necessárias a mobilização e a organização de recursos, além da exigência de controle social, para que suas finalidades sejam alcançadas – para o autor, caso tenha êxito, essa segunda fase já serviria de passagem do *communitas* “existencial” para construção de um sistema social duradouro, ou melhor, um novo paradigma social, uma nova estrutura.

O pesquisador inglês ainda cita um terceiro tipo de *communitas*, o “ideológico”, que seria uma tentativa de descrição dos efeitos externos e visíveis pelos quais as *communitas* existenciais já passaram, espaço de especulação sobre as condições necessárias para que elas se efetivem, floresçam e que seu modelo se multiplique. Nesse estágio, as *communitas* já não se comportam como tal, em suas dinâmicas de semiestruturas, mas eles são responsáveis por manter o horizonte de valores, as referências e a linha ideológica originais, para servirem de guia em seus processos de estruturação.

Conforme Turner (1974, p. 161, 162), nas duas últimas formas de *communitas* – existenciais e ideológicas – elas já estariam situadas sob o domínio da estrutura, atendendo assim à evolução, ou melhor, ao declínio, de toda *communitas* “espontânea”. A título de exemplo, o pesquisador lembra alguns casos de movimentos nesses estágios, como a ordem franciscana; a doutrina do Vaisnavismo, no hinduísmo; ou em grupos mais contemporâneos, como o Ku Klux Klan, todos eles movimentos sociais que atuaram nos espaços liminares de seus tempos históricos, mas cuja hierarquização assumiu valores e funções políticas instrumentais que os fizeram perder a qualidade de representações utópicas, presentes em seu início. “Quando isto acontece, o caráter dirigido e intencional de ação política ou quase militar poderá encontrar a forma hierárquica adequada a suas necessidades de organização” (TURNER, 1974, p. 231).

Tomamos a introdução do conceito de *communitas* aqui, porque acreditamos que a partir da comparação de realidades, como essas acima, seria possível compreender quais são as condições de ambientes sociais que ajudariam a construir os ciclos de desenvolvimento de arranjos sociais temporários e transitórios e identificar em que estágios eles se encontram. Acreditamos que essas noções acima nos servem de modelos para esboçar um pouco da compreensão dos estágios sociais pelos quais passam os grupos reportados pela *Vice*, e que aqui nos servem de objeto de investigação, o *Incel* e os *Soldiers of Odin*. Além do mais, como

veremos mais à frente, queremos discutir as similaridades que tal conceito de Turner (1974), de comunidades em transição, apresenta com outras denominações conceituais próximas, como as Zonas Autônomas Temporárias (TAZ), denominação utilizada por Hakim Bey (s/d) para se referir a diversos movimentos contemporâneos de cunho transitório e temporário.

3.1 Espaços liminares

Preferindo nesse primeiro momento não priorizar qualquer tempo histórico ou espaço geográfico em específico, utilizaremos os argumentos de Turner (1974) para discutir a existência de estágios liminares, em momentos históricos diversos – porém não aleatórios – para guiar parte de nossa compreensão sobre os estágios que facilitariam a criação de movimentos que propõem a mudança de paradigmas sociais. É a partir deste conceito que queremos entender os elementos desencadeadores do início e o desenvolvimento de práticas e condutas que escapariam às redes de classificação de estados e de posições sociais estruturadas; os elementos responsáveis pela reformulação dos costumes e convenções sociais hegemônicas.

A definição de espaços liminares, de Turner (1974), é uma herança direta daquilo que Charles-Arnold Kurr van Gennep chamou de “fase liminar”, em seu estudo sobre os ritos. É dessa forma que o pesquisador denomina aqueles espaços sociotemporais em que há abertura para a manifestação de ritos de passagem, ou de “transição”. Conforme o etnógrafo alemão, as fases liminares são manifestas por meio de três estágios: o processo de “separação” dos indivíduos dos grupos aos quais pertencem – por diferentes razões e/ou incômodos valorativos; a “margem”, que se trata de uma fase de ambiguidade, em que são poucos os atributos do passado, ou de visualização de um futuro de estrutura – trata-se de um limbo de experimentação de funções, papéis e valores sociais; além da “reagregação”, que é o processo de readaptação daqueles indivíduos marginalizados aos costumes e padrões éticos ao seu meio social de origem.

Turner (1974) explicou que o estado de transição de estados culturais das *communitas*, presentes nestas fases liminares, seriam espécies de “sociedades abertas” que tenderiam a se fechar, conforme o ímpeto dos indivíduos pelas mudanças se esaurisse. Para o antropólogo britânico, a liminaridade, “considerada como um tempo e um lugar de retiro dos modos normais de ação social, pode ser encarada como sendo potencialmente um período de exame dos valores e axiomas centrais da cultura em que ocorre” (TURNER, 1974, p. 202).

Nos espaços liminares, os indivíduos não são segmentados pelos papéis, *status* e funções tradicionais; suas dinâmicas seriam modelos de oposição às regras vigentes; por isso sua natureza marcadamente antiestrutural. Segundo o pesquisador, na ausência de regras, ou padrões de comportamento, os indivíduos exerceriam funções e papéis homogêneos: as pessoas situadas e coparticipantes desses estágios atingiriam um grau de liberdade que lhes dariam oportunidade de fugir, ainda que temporariamente, dos controles estruturais, manifestando-se, então, como vetores de criatividade para a própria estrutura, ou, se olhado sob outro ponto de vista, representariam também perigo à manutenção da lei e da ordem vigente, por visualizarem horizontes valorativos opostos aos vigentes, em determinadas sociedades (TURNER, 1974, p. 5).

Apesar de poderem ser encontradas em períodos e espaços distintos, em comum, a maior parte das comunidades nesses estágios de transição seriam reconhecidas pelo apego à ordem doméstica, do convívio comunal; pela pregação de valores humanos universais, como paz e harmonia entre todos os indivíduos; a simplicidade; a homogeneidade; a igualdade de papéis; a ausência de propriedades; o vestuário uniforme, além da inversão e/ou abolição de diferenças de gênero e até da continência sexual.

Os exemplos dados pelo pesquisador são muitos. Eles são encontrados tanto em rituais tribais, quanto em movimentos milenaristas e religiosos, como os camponeses de Tolstoi, os *harijans* de Gandhi e entre os seguidores de São Francisco. Esses últimos, formados por indivíduos, que em seus primórdios, buscavam se abster de suas propriedades e manter relações diretas entre seus membros e o espírito divino na Idade Média, sem os aparatos da Igreja.

Numa lista mínima, poder-se-ia citar os santos Bento, Francisco, Domingos, Clara e Teresa de Ávila, na esfera católica; os wesleys, com a sua “vida modesta e pensamento elevado”, George Fox, fundador dos quáqueres (...) Esses líderes protestantes procediam de sólidas origens de classe média; apesar disto, procuraram desenvolver em seus adeptos um estilo de vida simples, despretensiosa, sem distinção de posições sociais mundanas. O fato desses movimentos posteriormente terem sucumbido ao “mundo” – e na realidade, conforme demonstra Weber, terem nele prosperado – de nenhum modo lhes impugna as intenções originais. Efetivamente, segundo vimos, o curso regular de tais movimentos consiste em reduzir a “*communitas*” de um estado a uma fase entre exercícios de posições, numa estrutura sempre em desenvolvimento (TURNER, 1974, p. 239).

Mas, os exemplos não ficam restritos à era pré-industrial, nem às comunidades religiosas: também foram apontadas por Turner (1974) como exemplos ilustrativos de manifestações de *communitas* da sociedade moderna os movimentos artísticos modernistas e/ou os grupos fascistas e anarquistas – cada um com seus valores e utopias específicas, na

proposição de novos modelos de sociedade – e até mesmo em manifestações sociais da transição geracional de comportamento dos jovens das décadas de 1960 e 1970, como foi o caso a “geração *beat*” e os “*hippies*”, cujos membros optavam por fugir da ordem social existente e procuravam se aproximar de uma comunhão de uns com outros, em práticas que buscavam a simplicidade e concretude de suas relações pessoais, visualizadas em experiências de convívio entre comunidades rurais, ou mesmo na representação de suas vestimentas, fora do padrão comercial.

Para o autor, os exemplos citados acima “têm características comuns: são pessoas ou princípios que (1) se situam nos interstícios da estrutura social; (2) estão à margem dela; ou (3) ocupam os degraus mais baixos” (TURNER, 1974, p. 152 e 153). No entanto, o fato de pregarem simplicidade e homogeneidade material, sob o ponto de vista daqueles que têm menos, não restringiria esses movimentos às categorias de agentes provenientes de classes menos favorecidas. Como o antropólogo lembraria, muitos dos movimentos sociais contingentes são originários da metade superior da escala social, no entanto isso não os impediria de pregar o estilo de vida da simplicidade nas relações pessoais e na concretude dos ambientes domésticos, como a via de salvação para as suas crises.

Aqueles indivíduos também buscavam a expansão do pensamento a partir de meios heterodoxos, como a utilização de drogas, ou mesmo o uso de símbolos ecléticos, sincréticos e com ações litúrgicas, extraídas do repertório de religiões de diversas ordens, assim como parte das celebrações ritualísticas das sociedades pré-históricas, relatado por Gennep (1981, In TURNER, 1974, p. 169): “O que buscam é uma experiência transformadora, que vai até as raízes do ser de cada pessoa, e encontra nessas raízes algo profundamente comunal e compartilhado”.

O pesquisador britânico iria recordar-se dos *Hells Angels*, uma comunidade de motoqueiros transgressores, encontrados principalmente na região oeste dos Estados Unidos, como um exemplo de arranjo social contingente que se encaixaria no modelo de ação e práticas de *communitas*. Para ele, os conhecidos “Anjos do Inferno”, nascidos e primeiramente conhecidos no estado norte-americano da Califórnia, seriam exemplos de tipo de pseudo-estrutura, cujos membros seriam reconhecidos pelo desleixo com as regras estruturais vigentes. Isso não quer dizer que eles vivessem à parte das limitações materiais e da ordem socioeconômica, mas que essas eram experimentadas de forma muito mais pragmática, no estabelecimento e na facilitação de relacionamentos mais concretos entre si, com tentativas contínuas de relações interpessoais mais diretas, em contraposição às orientações normativas vigentes no mundo tecnoburocrático, das cidades contemporâneas. Aqueles grupos de

motoqueiros atuariam conforme modelos de funcionamento de *communitas*, entre as brechas, ou de forma paralela, diante das estruturas de sociedades complexas. Seus membros teriam suas atitudes baseadas em relações concretas e não institucionalizadas e, nesse sentido, o cultivo à espontaneidade não era só um recurso intermediário para a resolução de seus problemas locais, mas serviria como fim próprio para a solução de problemáticas de qualquer ordem.

Ainda segundo o autor, a força originária para a ação de movimentos como esses é fruto do descrédito nas intermediações abstratas. Por isso, aqueles sujeitos buscariam renunciar total ou parcialmente às instituições e a qualquer participação das relações estruturais do mundo. Como nas sociedades complexas existe um alto grau de especialização e de divisão de trabalho, muitos dos indivíduos que pertencem a essas *communitas* procuram fazer parte de movimentos ideológicos universais, com pretensas fórmulas para questões locais, e de ordem doméstica, como é o caso das comunidades *hippies*, que se opunham à forma como a totalidade das relações humanas estavam sendo incorporadas pelos aparatos tecnoburocráticos, apresentados pela era moderna.

Nesse movimento, como em outros tantos, atuando na limiaridade social, eles combatiam a abstração das instituições e de seus esquemas normativos vigentes, como forma de encontrar saídas para o “imobilismo” e a “insensibilidade” das tecnocracias, assim como fora visto entre os *Hells Angels*, seus contemporâneos tomariam o *tête-à-tête* ocasional das relações pessoais para solucionar a falta de reconhecimento de suas subjetividades, que aos seus olhos, era provocada pelas dificuldades de relacionamento criadas a partir dos instrumentos tecnológicos e produtivos presentes em suas urbanidades.

Muitos movimentos realmente ordenam aos seus membros a destruição de qualquer propriedade que possuam, a fim de tornarem mais próximos o advento do estado perfeito de harmonia e comunhão que desejam, pois os direitos de propriedade estão ligados a distinções estruturais, tanto verticais quanto horizontais [...] todos são “iguais à vista de Deus” ou dos ancestrais [...] todos são irmãos ou camaradas uns dos outros, quaisquer que tenham sido os lagos mundanos anteriores (TURNER, 1974, p. 136).

Um argumento dado por Tuner (1974) sobre as angústias comuns daqueles movimentos, diante das regras e imposições de suas estruturas, é o incômodo que eles manifestam com as mudanças sociais ocasionadas pelo processo de industrialização e modernização dos países ocidentais. No entanto, não seriam os *hippies* e os grupos dos *Hells Angels* que iriam inaugurar práticas que tentassem superar seus desconfortos com o sistema produtivo hegemônico liberal. Em outros momentos, ainda nas primeiras décadas, no continente europeu, foram vistos grupos nacionalistas que ganharam escala e tentaram reverter o processo de “decadência” que as suas

culturas estariam sofrendo, com a americanização de sua cultura e o rebaixamento de seu poderio econômico, diante dos novos desafios do comércio internacional.

Desenvolvidos na Europa Ocidental, bem antes de ocuparem o poder, os primeiros grupos extremistas – que mais tarde seriam denominados de fascistas – reuniam muitos indivíduos que se sentiam fascinados por uma onda intensa de especulação político-cultural. Na Itália, esse movimento se expandiria principalmente entre 1900 e 1915, e posteriormente, na Alemanha, a partir da década seguinte, 1920. Em comum, os grupos presentes nos dois países apresentavam suas próprias utopias para a criação de um mundo melhor e projetavam uma nova realidade sociopolítica. Para um estudioso daqueles movimentos, Roger Griffin (2008), o que incomodava a estes arranjos sociais eram um nexo de forças relacionadas ao processo de modernização do mundo do trabalho, que teria impacto, em escala global – naquele momento histórico. Considera-se aqui os países do Ocidente – sobre as relações tradicionais do mundo doméstico e civil, que aos olhos daqueles sujeitos, pareciam estar sendo substituídos por um tipo de racionalidade do mundo industrial. Para o sociólogo britânico, fora o estranhamento a esse mundo moderno que fez surgir uma série de contestações das mais variadas ideologias e narrativas sociopolíticas e cujas dinâmicas também foram apontadas por Turner (1974), como experiências práticas de *communitas*. Ambos pesquisadores pontuaram que esses movimentos de contestação do século XX seriam resultado de descrença e de um pessimismo generalizado, de uma visão apocalíptica que já fora identificada em outras *communitas* já findadas, não há muito tempo.

Em comum, o antropólogo e o sociólogo britânicos lembrariam que o Fascismo foi um movimento criado como revolta ao Positivismo, com origens na década de 1880, quando já no *Fin de Siècle*, muitos dos grupos incomodados com os valores modernos, propunham uma ideia de “renascimento” de seus povos, por meio de uma ideia de regeneração coletiva de seus valores, contando, para isso, com a contribuição de narrativas místicas e o cultivo de mentes visionárias, que acreditavam na salvação de uma sociedade em decadência.

The ‘decline’ of the West had become a highly diffuse current of speculation among the European intelligentsia in the late nineteenth century, and formed a central component of fin-de-siècle culture, rightly identified by Ze’ev Sternhell as the incubation period of fascism. Though this is a period of intellectual history widely associated with the terms ‘cultural despair’, the striking feature in much of the aesthetic, moral, philosophical, physiological, racial, religious, and political orrelacio that dwelt on the sense of degeneration at the time is that it is far from pessimistic. Rather, in a myriad ways, these perceptions testify to the desire to spin threads of Ariadne capable

of leading ‘modern man’ out of the labyrinth of contemporary society, thereby transcending the present decadence⁵⁵ (GRIFFIN, 2008, p. 146).

Por outro lado, especificamente desenvolvido na Alemanha, o Nazismo também pregaria que as lutas travadas por sua nação fariam parte das cruzadas que deveriam travar contra a decadência da sociedade industrial, em todos os seus aspectos. Griffin (2008) lembraria que esse movimento ganharia aspectos revolucionários, na tentativa de neutralizar a sensação de efemeridade e anomia às quais suas comunidades estariam sendo submetidas, a partir de um discurso que se manifestava como fruto da reação dos indivíduos ao processo de modernização e quebra dos valores “tradicionais”, vivenciado pela população alemã, na virada do século.

Tal sentimento de desconforto com os novos valores e práticas, impostos pelo mundo moderno, levaria parte daqueles indivíduos a criar um desejo de defesa de suas tradições. No entanto, ao tempo em que eram nostálgicos de suas origens – ariana, romana, celta, vikings por exemplo – esses grupos utilizavam o passado como forma de idealização de um novo mundo, um futuro grandioso, com novos parâmetros valorativos e contrários às alternativas que lhes aproximavam – o liberalismo norte-americano e o comunismo soviético.

Whether it was the myth of Aryan blood or the myth of the past glories of Rome, all fascist celebrations of the past are in fact future-oriented, and an integral part of fascists’ quest to find a Third Way out of the cul-de-sac of Western history which they felt liberalism and Marxism represented. At the heart of this Third Way lies the myth of the regenerated national community (in German, Volksgemeinschaft), whose relation is conceived by the fascists as providing a solution to several basic problems characteristic of liberal capitalist modern society, notably (i) the troubled relationship between the ‘masses’ and the state; (ii) the crisis of morality, identity, and authority posed by life exposed to modernity; and (iii) the tensions between the individual’s private existence and ethnicity, culture, society, nationality, and history in the civic realm⁵⁶ (GRIFFIN, 2008, p. 33).

⁵⁵ “O ‘declínio’ do Ocidente tornou-se uma corrente altamente difusa de especulação entre a *intelligentsia* europeia no final do século XIX, e formou um componente central da cultura *fin de siècle*, corretamente identificado por Ze’ev Sternhell como o período de incubação do fascismo. Embora este seja um período de história intelectual amplamente associado aos termos ‘desespero cultural’, a característica marcante em grande parte das teorias estéticas, morais, filosóficas, fisiológicas, raciais, religiosas e políticas que se referiam ao senso de degeneração da época é que está longe de ser pessimista. Em vez disso, em uma miríade de maneiras, essas percepções atestam o desejo de girar os fios de Ariadne capazes de conduzir o ‘homem moderno’ para fora do labirinto da sociedade contemporânea, transcendendo assim a decadência atual” (Tradução livre).

⁵⁶ “seja o mito do sangue ariano ou o mito das glórias do passado de Roma, todas as celebrações fascistas do passado são, de fato, orientadas para o futuro, e parte integrante da busca dos fascistas para encontrar uma Terceira Via fora do beco sem saída da história ocidental que eles sentiam representado pelo liberalismo e marxismo. No coração deste Terceiro Caminho está o mito da comunidade nacional regenerada (em alemão, Volksgemeinschaft), cuja realização é concebida pelos fascistas como uma solução para vários problemas básicos característicos do capitalismo liberal; a sociedade moderna, notadamente (i) a conturbada relação entre as “massas” e o Estado; (ii) a crise de moralidade, identidade e autoridade representada pela vida exposta à

O autor argumentaria que figuras como Mussolini e Hitler seriam personagens que se tornariam emblemáticas, à época, por incorporarem, naquele contexto cultural revolucionário um refúgio para a criação de suas ideias. Mas eles não seriam indivíduos isolados, suas figuras integrariam os anseios da sociedade, suas insatisfações, como também o desejo de criação de novo ciclo histórico de suas nações.

Apesar de olharem para o passado mitológico de seus povos, havia também em comum uma vontade de criar uma nova humanidade. Os discursos presentes nos movimentos em que estavam inseridos fariam com que os dois expoentes dos movimentos fascista e nazista identificassem a si próprios como reflexo do nascimento de uma nova era cosmológica, numa mistura de poder e religião, justificada por narrativas mitológicas, em que suas nações e seus povos conseguiriam transcender a decadência em que viviam.

“Born as a countermovement to the ‘lifeless’ politics of liberal government, fascism claimed its will to create a new world on the premises of a Nietzschean return to the ideal⁵⁷”, sentenciaria a professora de sociologia da University of California, Simonnetta Falasca-Zamponi (1997, p. 186), em *Fascist Spectacle: The Aesthetics of Power in Mussolini’s Italy*⁵⁸. A autora se referia a um sentimento que não ficaria restrito às nações ítalo-germânicas, mas teria seus similares – ainda que incipientes – em outros continentes, como o Movimento Nacionalista Socialista Chileno, na Ação Integralista Brasileira, de Plínio Salgado e o *Ossea Brandwag*, na África do Sul. Independente do movimento de contestação, em todos aqui lembrados estaria presente um sentimento de catástrofe eminente, responsável por provocar, muitas vezes, uma ideia de união momentânea em parte de indivíduos, fazendo-os sentirem-se capazes de se mobilizarem de modo coletivo, seja a partir da criação de ideologias, ou mesmo de novas teologias salvacionistas.

Por outro lado, Turner (1974, p. 244) destaca que passada as más impressões, é de costume que a união se dissolva, ou no seu contrário, seja enrijecida, por meio das instituições. Para ele, o processo de institucionalização muitas vezes faz inverter as regras do jogo destes espaços liminares: quando tais movimentos são exitosos, eles ganham volume em número e, quando verticalizados, acabam por desfigurar a ideia original de homogeneidade. Esses grupos,

modernização; e (iii) as tensões entre a existência privada do indivíduo e a etnia, cultura, sociedade, nacionalidade e história no âmbito cívico” (Tradução livre).

⁵⁷ “Nascido como um contramovimento para a política ‘sem vida’ do governo liberal, o Fascismo reivindicou sua vontade de criar um novo mundo nas premissas de um retorno nietzschiano ao ideal” (Tradução livre).

⁵⁸ “Espetáculo fascista: a estética do poder na Itália de Mussolini” (Tradução livre).

então, iniciam seus próprios esquemas de hierarquia, distribuição de poder e das posições sociais.

A dificuldade que esses grupos até agora não conseguiram resolver é que a *communitas* tribal representa o complemento e o reverso da estrutura tribal, e, ao contrário dos utopistas do Novo Mundo, dos séculos XVIII e XIX, não criaram ainda uma estrutura capaz de manter a ordem social e econômica por longos períodos de tempo.

Entre outros exemplos dados pelo pesquisador para tal dinâmica de expansão de valores contingentes e enrijecimento das estruturas transitórias, estariam o processo de nascimento de novas religiões, ou igrejas, após períodos de condenação de seus primeiros profetas e seguidores.

Muitos foram os casos ilustres de religiosos fundadores que pregavam valores como a simplicidade, a concretude das relações pessoais, o desligamento material e a homogeneidade entre os indivíduos, como Buda, São Francisco, Tolstói e Gandhi, que após serem rejeitados pelas estruturas vigentes tiveram seus preceitos popularizados, institucionalizados e “paradoxalmente” tomados como referência para a criação de novas hierarquias sociais, que ao tempo em que atenderiam a demandas de alguns grupos, excluíam outros agentes dos espaços de poder e expressão de suas liberdades.

De maneira bastante significativa, os ensinamentos básicos desses fundadores estão cheios de referências ao despojamento das distinções mundanas, à renúncia à propriedade, ao “status”, etc., e muitos deles acentuam a identidade “espiritual” e “substancial” do homem e da mulher. Nesses e em vários outros aspectos, a condição religiosa liminar que eles procuram realizar, em virtude da qual seus adeptos são apartados do mundo, tem pronunciadas afinidades com a que encontramos na liminaridade da reclusão nos ritos tribais de crises da vida e, na verdade, em outros rituais de ascensão de posição social. (...) Quando as religiões desse tipo se tornam populares e abrangem as massas estruturalmente inferiores, acontece frequentemente um significativo desligamento na direção da organização hierárquica. Em certo sentido, essas hierarquias são “invertidas” – pelo menos nos termos do sistema de crenças predominantes (...) Entretanto, tal como acontece com as seitas separatistas sul-africanas, os cultos importados da Melanésia, a Ordem de Aarão, os bandos de negros adolescentes e os “Anjos do Inferno”, a expansão popular de uma religião ou de um grupo cerimonial leva-o com frequência a tornar-se hierárquico (TURNER, 1974, p. 235).

Dessa forma, o antropólogo britânico argumentaria que as *communitas* seriam espécies de momentos críticos, de relativização das ordens, e necessariamente temporários, que consequentemente seriam intermediários para períodos mais estáveis. Seria como resultado de toda sua espontaneidade e a imediatidade das *communitas*, que estas, ao criarem oposição ao

caráter jurídico e político das estruturas hegemônicas, teriam suas existências abreviadas, mas ao mesmo tempo rejuvenescidas.

De caráter espontâneo, as *communitas* tenderiam a ser apenas uma fase, sem códigos permanentes, porém, como veremos ao longo deste trabalho, se elas dão certo, seus esquemas de ação são usualmente decodificados e passam a integrar, melhorar e revitalizar os próprios sistemas. Com isso, as *communitas* tendem a se transformar em novas estruturas, com novos esquemas de poder e estruturas normativas.

Veremos mais à frente que o conceito, em termos gerais, também apresenta uma relação lógica com a discussão sobre o reordenamento valorativo de Luc Boltanski e Éve Thévenot (1999, p. 360). Um exemplo disso é quando os teóricos franceses argumentam: “*Nobody can live constantly in a state of crisis. One of the ways to get out of the crisis is to return to an agrément*”⁵⁹. Assim como Turner (1974), para os pesquisadores franceses todo período de transição de valores não poderia ser outra coisa, senão uma passagem para outra natureza (BOLTANSKI & THÉVENOT, 1991, 414).

3.2 A transição de valores, ao nível individual

Se em um primeiro momento procuramos situar nas “fases de transição”, denominadas *communitas*, por Turner (1974), como espaços temporais e de exercício ritualístico para a reflexão e amplificação, ainda que momentânea, dos espectros de valores sociais, neste momento queremos identificar como esses estágios de mudança de paradigmas são processados ao nível da agência e, para isso, voltaremos cronologicamente aos trabalhos que Friedrich Hegel e George Mead, autores transdisciplinares que deixaram contribuições interessantes para a Sociologia, na compreensão da evolução dos valores morais e práticas sociais, ao longo dos tempos históricos, mais especificamente, quanto aos processos de busca dos sujeitos pelo reconhecimento social de suas subjetividades.

É por meio das discussões já realizadas por aqueles dois pesquisadores, em diferentes momentos históricos, que pensamos encontrar algumas pistas para a compreensão de como são realizadas as transformações nas condutas e nos dispositivos normativos das sociedades, sob o ponto de vista da agência, no entanto é a partir da obra *La lucha por el reconocimiento*, de Axel Honneth (1997), que tivemos acesso ao debate em comum daqueles pensadores. Nela, Honneth

⁵⁹ “Ninguém pode viver constantemente em estado de crise. Uma das maneiras de sair da crise é voltar a uma aprovação” (Tradução livre).

(1997) reelabora o conceito teórico de luta pelo reconhecimento, já discutido pelos autores citados, para apontar a existência de uma possível “corrida contínua”, em que os competidores são os indivíduos e ou grupos sociais à margem de determinados padrões e/ou condutas sociais. Tal corrida teria como ponto de chegada o autorrespeito e a valorização de si próprios, conseguidos a partir do olhar e valorização de si pelo seu meio social.

De acordo com o pesquisador, as relações sociais no mundo moderno estão submetidas a essa “luta permanente”, em que os diferentes grupos, utilizando-se dos meios simbólicos disponíveis, tentam alcançar objetivos gerais de valorização das capacidades e habilidades ligadas aos seus próprios modos de vida. Segundo ele, esse é um processo em que quanto mais alcance tiverem esses grupos, na exposição de seus valores e conquista da atenção do meio coletivo, maior a oportunidade de os sujeitos serem levados em consideração pela comunidade em que estão inseridos. Tal raciocínio aponta que, na busca pelo reconhecimento social, suas qualidades e capacidades, determinados sujeitos, em contraposição aos valores e condutas morais hegemônicos, teriam que desenvolver pontes semânticas de suas lutas e angústias, com os seus pares, a fim de desenvolver uma identidade coletiva que seja capaz de abraçar e dirimir possíveis estranhamentos aos seus modos de vida.

La “lucha por el reconocimiento” arranca de ideas morales en las que personalidades carismáticas supieron ensanchar el “otro generalizado” de su entorno social de acuerdo con las expectativas intuitivas de sus contemporáneos; tan pronto como tales innovaciones intelectuales podían tener en la consciencia de grandes grupos⁶⁰ (HONNETH, 1997, p. 107).

Segundo o autor, se em Hegel a discussão sobre os conflitos existentes entre os agentes, por ocupação de espaços de poder, estava em seus estudos preliminares, tal modelo de compreensão social se torna elemento central para a construção teórica de Mead, quanto ao desenvolvimento moral da sociedade. Seriam os “conflitos” existentes entre sujeitos, que se sentem deslocados economicamente, rejeitados socialmente, ou marginalizados diante dos padrões valorativos hegemônicos e do ordenamento jurídico como um todo, os elementos desencadeadores para o processo de amplificação e mudança moral nas sociedades.

A exemplo de tipificação desse processo de luta pelo reconhecimento do sujeito, diante do meio social em que está inserido, Honneth (1997) lembraria as histórias de vida dos “grandes homens”, citados por Mead, como aqueles indivíduos cujas trajetórias pessoais foram marcadas

⁶⁰ “A ‘luta pelo reconhecimento’ parte de ideias morais em que personalidades carismáticas souberam ampliar o ‘outro generalizado’ de seu meio social de acordo com as expectativas intuitivas de seus contemporâneos; assim que tais inovações intelectuais pudessem ter na consciência de grandes grupos” (Tradução livre).

por duas etapas: inicialmente sua rejeição social, diante de práticas e seus valores dissonantes dos padrões sociais hegemônicos e, posteriormente, a adesão às suas causas, momento em que há aceitação dos discursos daqueles sujeitos, dado a capacidade de identificação e antecipação das angústias coletivas que algumas dessas figuras carregariam em si. Para Mead, são nas trajetórias dessas grandes figuras em que seriam exemplificados modelos históricos para a mudança de paradigmas e evoluções dos sistemas sociais. Para o sociólogo estadunidense, eles seriam exemplos de sujeitos que, diante da incompatibilidade de suas subjetividades com os ambientes sociais e tempos históricos que vivenciaram, buscaram modos distintos do senso comum – ou mesmo dos caminhos trilhados por suas elites – de terem suas subjetividades reconhecidas.

Ao se contraporem e ganharem a adesão moral de suas comunidades, ainda que tardiamente, aqueles indivíduos seriam capazes de interferir direta, ou indiretamente, nas gerações seguintes – ou mesmo de forma incisiva, durante milênios, como foi o caso de figuras emblemáticas e mitológicas, como Jesus, e o processo milenar de propagação do Cristianismo em todo o globo, que contribuíram significativamente para a disseminação de valores que influenciariam na formação de normas jurídicas, epistemologias diversas e no pensamento intelectual ocidental até os dias atuais.

Um intérprete da obra do pensador estadunidense Ricardo F. Mendonça (2009, p. 145) destacaria que a trajetória daquele profeta teria sido capaz de transformar a violência física, a negação de seus direitos e a desvalorização social em uma forma de indignação moral, ocasionada por uma reflexividade que foi coletivizada e tornada mola para a evolução moral da sociedade. Para Mead, a atuação daquele profeta seria um exemplo típico de um sujeito que não fora reconhecido socialmente em determinado contexto, dado as crenças e valores que pregava em determinado momento histórico, mas cuja atuação, no mais tardar, acabou traspondo o campo da espiritualidade e sendo decisivo para a criação do imaginário coletivo de toda a sociedade ocidental, ao longo das gerações seguintes; seus ensinamentos se difundiram e interferiram diretamente no modo de ver a vida de diferentes civilizações, como também serviria de norte moral para a formação de políticas sociais e de base teórica para a justificação valorativa de novas normas e costumes, muitas delas em vigor até hoje.

Se em um momento aquele ilustre personagem foi apontado como um símbolo de subversão, o reconhecimento e influência dele, assim como de muitos outros, que a história nos tem apresentado, nos fariam visualizar a trajetória de indivíduos que foram capazes de antecipar práticas e normas das sociedades em que viveram.

3.2.1 Reconhecimento e menosprezo social

Um conceito essencial desenvolvido por Honneth (1997) para pontuar o poder de antecipação valorativa que determinados indivíduos exercem sobre suas comunidades é a ideia de autorrespeito, como primeiro elemento que marca a possibilidade de reconhecimento do sujeito, diante do meio em que vive. Ele explana que a formação do “autorrespeito” seria uma necessidade existencial que só é alcançada a partir do reconhecimento do outro e da qualidade das relações obtidas no meio social em que ele está inserido, logo, as suas condutas seriam geralmente realizadas em cima das perspectivas do que o “outro” tem sobre si mesmo. Ele seria uma forma de reconhecimento social, marcada pelas relações de direito e materializada principalmente nos direitos universais, reconhecidos aos membros que exerceriam a cidadania em determinada sociedade. No entanto, esse estágio de reconhecimento não seria único, na verdade ele seria um elemento posterior ao conceito de “autoconfiança”, que se trata de um tipo de reconhecimento desenvolvido pela dedicação emocional das relações domésticas dos indivíduos, estabelecido principalmente nas relações afetivas de pais e filhos, ou mesmo de camaradagem entre seus pares. Por outro lado, o autorrespeito seria uma forma de reconhecimento social ainda anterior à fase da “autoestima”, categoria de reconhecimento social que não se baseia na universalidade, ou nas características comuns dos sujeitos, mas sim nas qualidades e capacidades particulares que cada indivíduo exerce diante de sua comunidade.

É de Mead que Honneth (1997) extrai essas diferentes etapas de reconhecimento para pontuar que a tentativa de estabelecer o reconhecimento de si próprio a partir do outro é o que faz com que a nossa vida seja marcada por uma série de ações que visam à aceitação social. Do sociólogo americano, ele demonstraria que se em um primeiro momento, essa tentativa de reconhecimento do sujeito se dá na esfera doméstica, a escala de reconhecimento social atingiria seu ápice, quando não só os direitos universais de um sujeito fossem reconhecidos, mas também quando suas habilidades tivessem um papel que repercutisse positivamente na sociedade em que se encontra inserido.

Segundo Mead, o processo de socialização do indivíduo e de seu reconhecimento se dá antes pela interiorização das atitudes dos outros e das normas sociais existentes. O reconhecimento de si seria fruto dessa trama intersubjetiva, onde o estabelecimento de um “eu” generalizado, aceito socialmente, é o que lhe dará condições para angariar patamares maiores de reconhecimento e influência sobre o seu meio social; ou melhor, ele seria resultado da identificação do papel individual (funções, deveres e expectativas) que a sociedade espera que o sujeito exerça e este tenderia a criar um “eu social”, que, ao tempo em que se molda aos

valores coletivos, reprimiria o seu próprio eu, para atender aos anseios sociais. No entanto, Honneth (1997) retoma as especulações do pensador estadunidense de que o sujeito não é apenas aquilo que se espera dele, mas sim o reconhecimento das habilidades e capacidades que o indivíduo imagina possuir.

Para entender isso, retomamos os argumentos de Mead, para quem a individualidade poderia ser reconhecida por dois momentos: o “yo”, onde estaria presente a essência da agência, de sua subjetividade, a revelação de suas vontades mais espontâneas; e o “mí”, que seria a face do sujeito pelo que se espera dele. Para ele, a posição social do indivíduo seria resultado de uma combinação entre as pressões sociais exercidas sobre o sujeito e a forma como ele reage a isso. Como nem sempre o “eu” e o que se espera dele são correspondentes, pois muitas vezes os desejos individuais são maiores do que os coletivos e seus códigos de conduta têm a oferecer em determinados ambientes sociais, em casos como estes, os indivíduos se encontrariam em situações em que seus impulsos de ação se veriam impedidos de autorrealização, ou melhor, ainda que tenham seus direitos garantidos e respeitados de forma universal, como assim se espera dos direitos fundamentais presentes nos ordenamentos jurídicos de sociedades ocidentais mais democráticas, os indivíduos possuiriam subjetividades que os diferenciariam uns dos outros e que em diversos momentos seriam pouco consideradas, ou não compactuadas pelos dispositivos sociais vigentes.

Honneth (1997, p. 151 e 152) reforçaria os argumentos acima adicionando que apesar de existir uma estabilidade de ordens valorativas de determinadas sociedades, haveria entre os grupos sociais relações de valoração hierarquicamente escalonadas que contribuiriam não só para o reconhecimento das capacidades e qualidades comuns de grupos e/ou sujeitos, estabelecidas pelo repertório cultural predeterminado dos ambientes sociais em que estão inseridos, mas também de suas competências particulares, que auxiliariam no processo de diferenciação e aceitação de determinados indivíduos e menosprezo de outros, o que abriria, então, caminhos para possíveis desajustes, ou mesmo readequações de elementos “contraculturais”, como forma de correção de valorações antes injustificadas, ou não reconhecidas pelo coletivo. É aqui que se manifestaria a “autoestima”, enquanto modalidade mais avançada de reconhecimento social do indivíduo.

Este choque entre el yo y el mí representa para Mead el esquema de fondo del conflicto que puede explicar el desarrollo moral tanto de los individuos como de las sociedades: el <<mí>>, en representación de la comunidad ocasional, encarna las normas convencionales que el sujeto por sí mismo debe intentar ampliar para conceder expresión social a la impulsividad y creatividad del yo. Mead deduce una tensión, en la autorrelación práctica, entre la voluntad

común interiorizada y las pretensiones de la individuación, tensión que debe plantear un conflicto moral entre el sujeto y su entorno social⁶¹ (HONNETH, 1997, p. 103).

O autor acrescenta que quando as habilidades contingentes não são reconhecidas pela sociedade, os indivíduos acabam sofrendo formas de menosprezo, que variariam entre a simples violência física, o não reconhecimento dos seus direitos, até a censura por completo do seu modo de vida, que é tomado, por parte da sociedade, como inferior e/ou indigno de reconhecimento. Ele explicaria que em um primeiro momento, o menosprezo do sujeito abriria ecos psíquicos para sentimentos como a vergonha, ou cólera, diante das próprias expectativas, em relação à posição/função social que ocupa em determinado contexto, mas estes mesmos sentimentos poderiam se reverter em um conjunto de práticas que teriam o potencial de quebrar, ou superar o *modus operandi* social e isso é possível a partir do momento em que aqueles mesmos sentimentos ocasionados pelo menosprezo ganham “eco” ou repercussão entre indivíduos em situações semelhantes, ou que compartilhem da mesma sorte de sentimentos.

Conforme as palavras de Honneth (1997, p. 169), dependendo do potencial cognitivo que o sentimento de vergonha se converta em uma convicção moral e política, ele pode ser capaz de alterar determinados paradigmas, dependendo empiricamente da articulação do sujeito diante do seu entorno político-cultural. Somente se houver essa articulação com seus pares, a experiência de menosprezo de um indivíduo, ou de um grupo deles, pode se transformar em fonte motivacional para ações de resistência política e de reordenamento prático de suas ações.

Assim, seriam nas situações de “castração de sua subjetividade”, realizadas a partir da rigidez normativa presente em seus contextos sociais, que os sujeitos comprovariam em si os impulsos de exigências irreconciliáveis com as normas intersubjetivamente reconhecidas pelo seu entorno social, como também seriam nestes momentos que ocorreriam os conflitos morais decisivos para os processos de transição e desenvolvimento valorativo das sociedades.

Lo que aquí se le arrebat a la persona por el reconocimiento por el menosprecio es la aquiescencia social a una forma de autorrealización que él debe encontrar difícilmente con ayuda del aliento y de las solidariedades de grupo. Tales tipos de infravaloración cultural un sujeto puede referirlos a sí, en tanto que persona singular, en la medida en que los modelos de valorización social enraizados institucional e históricamente se han individualizado y, por consiguiente, se refieren a las capacidades individuales en lugar de las

⁶¹ “Esse choque entre mim e eu representa para Mead o esquema básico do conflito que pode explicar o desenvolvimento moral de indivíduos e sociedades: o ‘eu’, representando a comunidade ocasional, incorpora as normas convencionais que o sujeito por si só deveria tentar se expandir para garantir expressão social à impulsividade e criatividade do self. Mead deduz uma tensão, na autorrelação prática, entre a vontade comum internalizada e as pretensões de individuação, tensão que deve representar um conflito moral entre o sujeito e seu meio social” (Tradução livre).

cualidades colectivas; por eso esta experiencia de menosprecio, como la desposesión de derechos, está sujeta a un proceso de cambios históricos⁶² (HONNETH, 1997, p. 164).

Aqui, Honneth (1997) encontra a chave para a mudança social e a evolução moral da sociedade. O próprio sentimento de menosprezo, ou a falta de valoração social, diante do modo de ser e viver de um ou mais indivíduos daria potência às disputas entre os diferentes grupos sociais, no reconhecimento de suas práticas particulares. Assim, o imbróglio da incompatibilidade de determinados indivíduos com o meio em que se encontram acabaria gerando a ascensão de novas regras, a título de resistência. Esses sujeitos que tomam consciência da situação de “injustiça social”, que estariam sofrendo, e estão dispostos a formulação de uma nova ordem de valores e práticas seriam atores responsáveis pela antecipação de normas futuras; exerceriam, assim, uma função essencial para a evolução das estruturas, ao provocar e visualizar a criação de alternativas nas condutas e valores para os sistemas sociais em que estariam inseridos.

As mudanças sociais surgiriam justamente quando determinados indivíduos tomam consciência de que suas particularidades são desrespeitadas e, incapazes de se adequar à tal situação de constrangimento (por razões diversas), transformam tal incompatibilidade em ação. De acordo com esse raciocínio, quando a impulsividade do “eu” não se acalma, ela seria capaz de potencializar um elemento de idealização normativa em toda a prática social. Assim, a formulação de uma nova *práxis* seria reflexo da tensão motivacional criada a partir do sentimento de menosprezo social do sujeito, diante de seu modo de ser, que por uma questão de oportunidade, é capaz de reverter essa situação.

Mead ve lo específico de tales casos en que el individuo concernido sólo puede llegar a una solución activa de su conflicto moral por una particular operación de idealización; si quiere realizar las exigencias de su “yo”, debe anticipar un ente colectivo en el que exista el derecho a la realización de su correspondiente deseo (...) en el lugar del “otro generalizado” de la comunidad realmente existente aquél debe entrar en una sociedad futura en la presumiblemente sus pretensiones individuales podrán encontrar aprobación⁶³ (HONNETH, 1997, p. 103 e 104).

⁶² “O que é tirado da pessoa pelo reconhecimento do desprezo é a aquiescência social a uma forma de autorrealização que ele deve perceber difícil obter a ajuda do encorajamento e da solidariedade grupal. Tais tipos de subvalorização cultural de um sujeito podem se referir a si mesmos, como uma pessoa singular, na medida em que modelos socialmente valorados, enraizados institucional e historicamente, foram individualizados e, portanto, se referem a capacidades individuais, em vez de qualidades coletivas. É por isso que essa experiência de desprezo, como a desapropriação de direitos, está sujeita a um processo de mudanças históricas” (Tradução livre).

⁶³ “Mead vê a especificidade de tais casos em que o indivíduo envolvido só pode alcançar uma solução ativa de seu conflito moral por uma operação particular de idealização; se ele quer cumprir as exigências de seu “eu”, ele

Superando as formas de reconhecimento da afetividade parental, ou mesmo das garantias normativas da cidadania universal, como os direitos humanos, ou o reconhecimento jurídico de sua liberdade, seria no estágio mais avançado de reconhecimento do sujeito que se revelaria o interesse e admiração do coletivo pelas qualidades individuais. No entanto, segundo o pesquisador, o reconhecimento das qualidades de uma nova prática só seria possível quando as ideias de um agente apresentassem uma ponte semântica com a elaboração de uma identidade coletiva.

Tal sentimiento de violación sólo puede reconocer la base de esa 62orrelacion colectiva si el sujeto puede articularlo en un espacio intersubjetivo de elucidación que se considera característico para todo el grupo; en esa medida, el surgimiento de movimientos sociales depende de la existencia de una semántica colectiva que permite interpretar las experiencias personales de decepción como algo por lo que, no sólo el yo individual, sino un círculo de otros sujetos, es concernido⁶⁴ (HONNETH, 1997, p. 197).

Aqueles argumentos nos levaram a uma consideração de que os indivíduos “desajustados” que obtêm êxito chegam a esse resultado, porque sofrem a empatia de seus pares e, com isso, dão relevo aos valores que já estão presentes no imaginário coletivo. É como se esses sujeitos possuíssem operações e faculdades que até determinado momento carecessem de significação social, mas que, oportunamente, parecem ganhar a atenção de uma parte do coletivo em seu entorno. Dessa forma, os indivíduos só seriam capazes de “alargar” os valores morais, quando os seus pares reagem a sua chamada, de modo positivo, ao menos em algum aspecto e momento oportuno, pois o seu grupo, ou o contexto social em que vivem, precisam, de alguma forma, compartilhar com seus pares do desconforto com o estágio moral em que se encontram inseridos.

Las cualidades personales a que, bajo ese presupuesto, se orienta la valoración social de una persona no son las de un sujeto individualizado histórico-vitalmente, sino las de un estatus culturalmente tipificado: es su valor, que por su parte, resulta de su 62orrelaciona colectiva a la realización de los objetivos

deve antecipar uma entidade coletiva na qual há o direito de cumprir seu desejo correspondente (...) no lugar do “outro generalizado” da comunidade realmente existente que deve entrar em um sociedade futura em presumivelmente suas reivindicações individuais podem encontrar aprovação” (Tradução livre).

⁶⁴ “Tal sentimento de violação só pode reconhecer a base dessa resistência coletiva se o sujeito puder articulá-la em um espaço intersubjetivo de elucidação que é considerado característico de todo o grupo; nessa medida, o surgimento de movimentos sociais depende da existência de uma semântica coletiva que permite interpretar experiências pessoais de engano como algo para o qual, não apenas o eu individual, mas um círculo de outros sujeitos, está em causa” (Tradução livre).

sociales, según el que también se mide el valor social de cada uno de sus miembros⁶⁵ (HONNETH, 1997, p. 151).

O raciocínio acima não quer dizer que toda incompatibilidade subjetiva seja elemento desencadeador de prováveis mutações sociais, mas que, quando os indivíduos transformam suas frustrações em práticas reconhecidas por determinadas comunidades, elas tendem a repercuti-las. São nesses casos que a tomada de consciência e o desenvolvimento subjetivo do indivíduo tendem a interagir e ganhar reações espontâneas em seu meio social e começam a se propagar de maneira mais efetiva.

El potencial cognitivo en los sentimientos de vergüenza social se convierta en una convicción moral y política, depende empíricamente ante todo de cómo está constituido el entorno político-cultural de los sujetos concernidos: solamente se ya está listo el medio de articulación de un movimiento social, la experiencia del menosprecio puede devenir fuente motivacional de acciones de resistencia política⁶⁶ (HONNETH, 1997, p. 169).

Seria, então por meio da difusão das frustrações particulares e da identificação delas em seus meios coletivos que poderiam ser formados os pontos decisivos para a ignição de prováveis mudanças na ética, moral e jurídica de uma sociedade. Dependendo da conjuntura, o percurso de inconformidade daqueles sujeitos incompatíveis e/ou não reconhecidos socialmente passaria a fazer parte do senso comum e servir de elemento de reconhecimento social e respeito, em épocas posteriores. Porém, é a partir da consciência e do domínio de suas próprias atitudes, capacidades e habilidades, do poder que eles exercem sobre os outros que o reconhecem, que os sujeitos de práticas contingentes socialmente se tornarão exitosos socialmente. A consciência de seu próprio êxito ajudará a influir, controlar e ditar, ainda que involuntariamente, o comportamento dos demais agentes.

El impulso a la autorrealización como Mead insiste más tarde, está destinado a la condición de un tipo específico de reconocimiento: << como se trata de una identidad social, se realizará en su relación con los demás. Debe ser reconocida por otros para que se le atribuyan los valores que querríamos que se le atribuyesen.

⁶⁵ “As qualidades pessoais para as quais, sob esse pressuposto, se orienta a avaliação social de uma pessoa não são aquelas de um sujeito historicamente individualizado – vitalmente, mas aquelas de um *status* culturalmente tipificado: é seu valor, que por sua vez resulta de sua contribuição coletiva para a realização de objetivos sociais, segundo os quais o valor social de cada um de seus membros também é medido” (Tradução livre).

⁶⁶ “O potencial cognitivo nos sentimentos de vergonha social torna-se uma convicção moral e política, empiricamente depende sobretudo de como se constitui o ambiente político-cultural dos sujeitos em questão: somente se os meios de articulação de um movimento social já estão prontos, a experiência do desprezo pode se tornar uma fonte motivadora de ações de resistência política” (Tradução livre).

Mead entiende por autorrealización el proceso en el que un sujeto desarrolla las capacidades y cualidades sobre cuyo específico valor para el entorno social puede ser convencido en conexión con las reacciones de reconocimiento de sus compañeros de interacción⁶⁷ (HONNETH, 1997, p. 108).

Percebe-se que o autor estadunidense encontra nas antecipações individuais e nos “desvios morais” dos indivíduos, no processo de sua autorrealização, os passos para o desenvolvimento dos conjuntos sociais e de seus sistemas normativos, por outro lado também se nota que esse processo de desajuste individual, sublevação, identificação coletiva e reajuste normativo não pode ser compreendido apenas pelo viés do agente. Para Honneth (1997), aqueles sujeitos de práticas e valores contingentes só se tornariam atores emergentes da tomada de poder e da ocupação da esfera pública, porque seus valores convergiriam com uma série de experiências e eventos desencadeadores de identificação com seus pares, ampliando, assim, em determinados momentos, a sensação de gravidade e injustiça, presentes em determinados espaços sociais.

Da mesma forma, Honneth (1997) não identificaria na contingência de um sujeito isolado o elemento desencadeador da mudança social, mas no reforço de valores comuns, e na luta moralmente motivada de determinados grupos sociais, que se sentiriam desprestigiados de alguma forma, com o *establishment* social vigente, os elementos impulsionadores para a implantação de formas ampliadas⁶⁸ de valoração e de reconhecimento recíproco institucional e cultural.

Por outro lado, para o autor, as sociedades modernas e o processo de individuação que os novos mecanismos de reconhecimento social vêm apresentando para os sujeitos, a partir do desenvolvimento industrial e da difusão da cultura tecnocientífica, no mundo ocidental, estariam acirrando essa luta contínua entre os grupos sociais. Para Honneth (1997), o que a luta pelo reconhecimento do mundo contemporâneo vem apresentando não é apenas uma necessidade de reconhecimento do sujeito, sob parâmetros universais, de um indivíduo que busca sentir-se reconhecido e respeitado pelas sua *práxis*, ou função social, mas o que os dispositivos midiáticos e/ou industriais para o exercício do poder vêm estabelecendo é uma

⁶⁷“O impulso para a autorrealização, como Mead insiste mais tarde, é destinado à condição de um tipo específico de reconhecimento: ‘como é uma identidade social, ela será realizada em sua relação com os outros. Deve ser reconhecido por outros para ser atribuído os valores que gostaríamos de ser atribuídos a ele.

“Mead entende por autorrealização o processo no qual um sujeito desenvolve as capacidades e qualidades em cujo valor específico para o ambiente social pode ser convencido em conexão com as reações de reconhecimento de seus parceiros de interação” (Tradução livre).

⁶⁸ É necessário pontuar que quando pontuamos alargamento e ampliação moral, não necessariamente isso se refletirá em políticas progressivas de inclusão dos sujeitos, mas apenas um reordenamento capaz de atender aos anseios daquelas categorias e coletivos sociais cuja performance social seja mais efetiva ao sistema produtivo hegemônico”.

corrida para o domínio dos espaços de poder, por meio das esferas públicas, em que, quanto mais fortemente os grupos sociais conseguirem chamar a atenção da opinião pública para as capacidades e qualidades particulares de determinadas “bandeiras”, valores e práticas, tão mais rápida e efetiva será a consideração do sujeito, ou grupo de indivíduos no seio da sociedade.

Las relaciones de valoraciones sociales, em las sociedades modernas, están sumetidas a una lucha permanente, en la que los diferentes grupos, con los medios simbólicos de la fuerza, intentan alzar a objetivos generales el valor de las capacidades ligadas a su modo de vida⁶⁹ (HONNETH, 1997, p. 155).

Se o pensador alemão toma parte das discussões e conceitos desenvolvidos por Hegel e Mead, ao mesmo tempo, Honneth (1997) critica algumas das conclusões às quais especificamente Mead chega. Para o sociólogo estadunidense, os estágios civilizatórios seriam linhas progressivas de desenvolvimento das lutas já travadas entre indivíduos, pelo reconhecimento de suas subjetividades e de seus direitos. Mead apontaria que a incompatibilidade às restrições valorativas, presentes nas sociedades tradicionais, e o rico potencial de produção de desvios morais dos agentes serviriam de potência para a própria evolução dos direitos individuais, assim, a corrida pelo reconhecimento, estabelecida entre os sujeitos, conseqüentemente produziria o desenvolvimento social.

O processo de ampliação valorativa e de libertação da individualidade seguiria então uma tendência progressiva, que refletiria no avanço civilizatório das sociedades. Assim, para o pensador estadunidense, as sociedades tradicionais ofereceriam muito menos espaços ao exercício da individualidade e do pensamento original, se comparadas às sociedades civilizadas, já que estas passaram, em momentos anteriores, por estágios de acumulação e superação de conflitos pessoais e disputas por reconhecimento de suas subjetividades. Honneth (1997, p. 105) explica o raciocínio de Mead do seguinte modo:

En toda la época histórica se acumulan las anticipaciones individuales de relaciones de conocimiento ensanchadas en un sistema de pretensiones normativas, cuya sucesión fuerza el desarrollo social conjunto a una adaptación al proceso de correlacionación progresivo. Como los sujetos, tras las reformas sociales realizadas, pueden defender de nuevo sus exigencias, ya que pueden anticipar una comunidad que garantiza mayores espacios de libertad, se produce un encadenamiento histórico de ideales normativos que orientan en el sentido de un incremento de la autonomía personal⁷⁰.

⁶⁹ “As relações de valoração social, nas sociedades modernas, estão sujeitas a uma luta permanente, em que os diferentes grupos, com os meios simbólicos de força, tentam elevar aos objetivos gerais o valor das capacidades vinculadas ao seu modo de vida” (Tradução livre).

⁷⁰ “Ao longo da época histórica, as antecipações individuais das relações de conhecimento se ampliaram em um sistema de pretensões normativas acumuladas, cuja sucessão força o desenvolvimento social juntamente a uma

No entanto, para o crítico alemão, tal entendimento progressista seria uma razão para a própria dificuldade que o sociólogo estadunidense teria de distinguir a expansão das normas sociais da ampliação dos direitos individuais. Para Honneth (1997), Mead não conseguiria visualizar que as mudanças ocasionadas pelos novos desafios tecnológicos e da modernização das relações trabalhistas, com todos os conflitos que eles são capazes de carregar, não necessariamente levariam a sua superação para estágios mais avançados de reconhecimento social; o avançar dos anos iria demonstrar que parte dessas conquistas individuais poderiam apenas ser tomadas como formas de endossamento para a ampliação do processo de exploração dos indivíduos, em um processo de alienação contínua do tempo e espaços domésticos dos sujeitos, e a consequente manipulação da liberdade de escolha, do livre-arbítrio e de reconhecimento de suas subjetividades, pontos esses que serão retomados aqui, com a ajuda de outros pesquisadores da Escola Crítica, adiante.

3.3 Atualização dos regimes de engajamento

Luc Boltanski e Laurent Thévenot (1991) apontam que seria a partir do auxílio da construção motivacional, do reordenamento valorativo e de identificação de possíveis antagonistas que os sujeitos encontrariam estímulos suficientes para traçar possíveis estratégias e atribuições de responsabilidades a si mesmos, com o objetivo de provocar possíveis melhorias, ou reviravoltas em seus *modus operandi*. Em *De la Justification*, os pesquisadores franceses buscaram compreender como é que se dá o processo de readequação pragmática dos indivíduos aos contextos sociais em que estão inseridos. Nesta obra, eles buscaram refletir sobre como os sujeitos variavam suas formas de agir, a depender das orientações normativas que cada situação particular apresenta, porque ambos compreendem que, para que se tenha êxito, qualquer mudança de ordenamento social depende da legitimação social de suas práticas, diante dos contextos sociais em que os sujeitos se encontram inseridos.

Se para os pesquisadores, qualquer proposta de mudança na *práxis* ou nos valores só se tornariam aceitas quando reconhecidas pela moral coletiva, por outro lado, eles acrescentam que seria a partir da qualidade das justificativas valorativas, em suas diferentes formas de engajamento, que o indivíduo, ou o seu coletivo, poderia alcançar o modo de atuação mais apto para transpor as suas problemáticas. Assim, a alteração dos padrões de atuação dos agentes

adaptação ao processo de individualização progressiva. Como os sujeitos, após as reformas sociais realizadas, podem defender suas demandas novamente, uma vez que podem antecipar uma comunidade que garante maiores espaços de liberdade, há uma ligação histórica de ideais normativos que orientam no sentido de um aumento na autonomia pessoal” (Tradução livre).

dependeria de um jogo de forças presentes em cada regime pragmático específico em que estão situados: dos valores, das normas, crenças, dos interesses e das disposições a serem instrumentalizados pelos sujeitos.

A atuação desses sujeitos, diante das diferentes ordens sociais, denominadas pelos sociólogos de “concepções do mundo”, dependeria justamente da articulação pragmática entre os seus valores e a realidade em que se encontram situados. No entanto, conforme Boltanski e Thévenot (2001, p. 5), o elemento moral é crucial para a compreensão dessa performance do sujeito, diante de seu meio, *“it drives both the 67orrel in his conduct and determines the way other 67orrel take hold 67orre “seize” this conduct. This 67orrelac might also be called “making sense of”*”⁷¹.

Para a dupla francesa, seria a partir dos reajustes dos equipamentos naturais e artificiais do mundo humano que teriam origem os elementos responsáveis pela criação de diferentes concepções de mundo, permitindo acomodar as particularidades envolvidas de cada um, superar as contradições e conter as disputas que poderiam levar a uma escalada de críticas. Por outro lado, seria a partir da falta de habilidade de determinados atores para lidar com a pluralidade de ambientes valorativos e ordens morais exigidas, em seu dia a dia, um dos elementos desencadeadores para que os sujeitos – individual, ou coletivamente – repensem e proponham novas práticas. Como cada ambiente social possui padrões e restrições particulares sobre a forma “correta” de agir e dos valores aceitos socialmente, seria da qualidade performativa dos indivíduos, atuando entre esses diferentes arcabouços valorativos, que resultariam em processos de avaliação social, de reordenamento, ou de estranhamento valorativo com os seus ambientes.

Acreditamos que as pesquisas dos teóricos franceses podem enriquecer o raciocínio demonstrado por Honneth (1997), em relação às mudanças de paradigmas sociais, porque, ao investigarem os processos de estranhamento e dificuldade de ajustamento de determinados sujeitos aos seus ambientes, eles conseguiriam identificar os dispositivos de ordem moral que desencadeariam a mudança social. Ou melhor, ao apontarem a função dos diferentes “regimes de engajamento dos agentes” no reordenamento valorativo dos indivíduos, os sociólogos pontuaram como são demandados os sujeitos a saberem lidar com distintas escalas de proximidade, formalidade, estabilidade e finalidades, em suas relações cotidianas – que podem variar do mundo da inspiração, o doméstico, civil, da opinião e o industrial.

É ao debater como atuam os sujeitos, diante desses diferentes regimes de engajamento, que os teóricos especulam como a atuação social dos agentes depende não só do meio em que

⁷¹ “Ele dirige tanto o agente em sua conduta e determina a maneira como outros agentes se apoderam dessa conduta. Este elemento também poderia ser chamado de ‘fazer sentido de’” (Tradução livre).

eles se encontram – as classes, posições e hierarquias sociais assumidas pelos indivíduos, por exemplo –, como também dos arranjos específicos de cada situação com que têm que lidar, o que exigiria dos indivíduos, além de aprenderem a saber lidar com o vocabulário específico de cada situação, também uma capacidade de passarem de uma orientação pragmática a outra e de utilizarem modos particulares de valoração para cada ambiente em que se encontram, a fim de justificarem as suas práticas.

A escolha de que objetos e ferramentas sociais utilizar, como e por que as utilizar para suas práticas irá variar para cada ordem distinta, assim como será diferente o tipo de comportamento a ser tomado pelo indivíduo. Se no mundo da inspiração, elementos ligados à criatividade, à singularidade, às sensações e à incertitude são as ferramentas para o posicionamento do indivíduo neste meio; no mundo doméstico, questões de ordem familiar, a naturalização de hábitos, da tradição, hierarquias e relações de ordem pessoal são os vetores de suas ações; no mundo civil, o comportamento dos sujeitos é guiado pelas convenções coletivas, que são materializadas em instrumentos legais, simbólicos e morais de representatividade; mas quando se considera as esferas do mercado, ganha ênfase a ordem da comercialização e dos negócios; no mundo da indústria, tudo que está envolvido sob a ordem da produção, da formalização das relações sociais, têm-se como elemento de reconhecimento social o próprio sucesso empresarial e/ou institucional da atuação dos sujeitos. A compreensão das nuances dessas diferentes ordens e como os indivíduos respondem a cada um deles é o que levará ao ajustamento moral do sujeito; no contrário, ao seu desajuste, ainda que momentâneo.

Desse modo, ao tempo em que a teoria dos pesquisadores franceses estabelece os padrões usuais para estabelecimento e classificação das diferentes ordens valorativas, em suas investigações são pontuados os pontos de cisão e ruptura delas. Se tomarmos como exemplo o mundo doméstico, no qual os sujeitos são avaliados pela efetividade de suas relações afetivas, dentro de casa, ou nos ambientes privados de vizinhança, não é incomum que parte dos hábitos ali disponíveis, como a aproximação amigável, ou a ajuda mútua, facilite ou repercute no comportamento dos indivíduos em seu ambiente de trabalho – o mundo produtivo – em que usualmente, ao menos no mundo pós-industrial, reinam os códigos formais, as hierarquias, a burocracia e os critérios de eficiência.

Contudo, uma mescla entre as *práxis* adotadas em diferentes ordens pode tanto ocasionar problemáticas em sua rotina laboral, ou mesmo o inverso: facilitar um processo de ajustamento dos códigos utilizados em determinado ambiente a outro, promover relações mais fecundas entre os indivíduos, possibilitando a mudança de suas práticas produtivas, ou manifestando-se como uma simples adaptação comportamental dos indivíduos, sem que isso

necessariamente signifique a ruptura, ou quebra da ordem em que estão inseridos.

Segundo os pesquisadores, na vigência de um sistema social qualquer, a concepção de mundo “estável” consegue articular essas diferentes ordens, sem grandes traumas, mas o inverso ocorre quando há determinados movimentos de protesto, ou desarmonia entre diferentes ordens, ou quando os seus respectivos objetos provocam falhas e críticas dos sujeitos ao sistema. Nesses casos, se o sentimento de injustiça não é precisamente sanado e se os sujeitos não estiverem mais dispostos a seguir o estado da grandeza da ordem em que se encontram situados, eles tenderão a romper com ela: a repetição de falhas no ordenamento social poderá levar, então, a verdadeiros colapsos de parte, ou de todo o sistema, que talvez só possa ser sanado por um novo ordenamento valorativo.

É necessário reforçar que nem toda crítica social é elemento desencadeador de mudança. Por vezes, os sujeitos saem do panorama esperado: quando se utilizam de um repertório que é alheio à ordem em que está situado; nesses momentos, é exigido deles que justifiquem suas ações, mediante o risco de sofrerem censura, diante da *práxis* assumida. No entanto, dependendo do sucesso dessa justificação e/ou aceitação do coletivo em que se encontra inserido, haverá o constrangimento, ou a adesão as suas “novas práticas”, sem que isso signifique necessariamente uma ruptura das *práxis* assumidas. Já a não adaptação dos indivíduos a essas diferentes ordens e de suas concepções de mundo também poderia provocar contingentes, especulação, problematização, questionamento e possível quebra da ordem vigente. Assim, o mal-estar ocasionado, diante dos conflitos, ou do não reconhecimento dos valores próprios, a cada ambiente específico, pode levar a verdadeiras mudanças paradigmáticas, visando ao reajustamento valorativo das situações.

A dinâmica acima pode ser visualizada em diferentes momentos históricos em que os sujeitos manifestaram suas descrenças e provocaram a rejeição de determinada ordem, como um todo, potencializando a criação de novos paradigmas, como aconteceu durante o início da Revolução Industrial, na Inglaterra, em que trabalhadores da fiação e tecelagem sentiram-se traídos pelo mundo produtivo, que dispensava parte da mão de obra do operariado, após esta passar a ser substituída pelas maquinarias. Naquele momento, muitos dos sujeitos se rebelaram e destruíram, por vezes, os próprios meios de produção, em seus ambientes de trabalho, porque acreditavam que a automação e as tecnologias utilizadas nas fábricas eram fraudulentas e contrariavam as práticas laborais já consolidadas pela tradição manufatureira.

O movimento, conhecido como Ludismo, cujo pico ocorrera no Condado de York, em abril de 1812, nos serve de exemplo para as situações em que as relações tradicionais do mundo doméstico e civil apresentam incongruências, ou são rejeitadas pelo sistema produtivo,

provocando, por vezes, um processo de desajustes com a ordem industrial, nos momentos em que esta não é capaz de atender aos anseios dos indivíduos. No mais tardar histórico, vamos perceber que ainda que os sujeitos tenham se rebelado contra o mundo produtivo, eles não conseguiram romper com a ordem produtiva, ou no máximo conseguiram adiar parte das inovações que tanto os angustiavam, por outro lado, a organização daqueles sujeitos, em coletivos, a fim de cobrar um equilíbrio entre a ordem produtiva e a vida doméstica, iriam forçar o aparecimento de organizações representativas, como os sindicatos, a fim de reorganizar tanto os ambientes da produção, como a ordem doméstica desses sujeitos, a partir de ganhos trabalhistas, como a limitação das horas de trabalho, ou mesmo o impedimento da entrada de crianças nas fábricas, nas décadas seguintes.

Por outro lado, se pularmos dois séculos à frente, poderíamos tomar como exemplo contemporâneo para a compreensão dessa dinâmica de estranhamento e quebra entre diferentes ordens de valores, com prováveis mudanças de paradigmas, para pontuar o caso de atuação dos piratas do leste africano, que entre as últimas décadas do século XX e as recentes do XXI vêm provocando transformações profundas no modo de atuação e sobrevivência de grandes parcelas daquela comunidade: uma ilustração para esse reordenamento moral, ou o reajustamento valorativo, é que a realização de saques por determinados indivíduos deixou de ser condenada moralmente, ou ser criminalizada, por parte do Estado da Somália, ou melhor, crimes como o roubo de carga, sequestro e atentado à vida de profissionais estrangeiros foram relativizados, como forma de enfrentamento da própria situação de pobreza e falta de ordenamento do mundo produtivo em que se encontram.

Em contextos como esses, em que há uma série de fatores desestabilizadores, como a ocorrência simultânea de guerras civis, a desmobilização do Estado e o alastramento da fome, tudo isso pode servir de terreno fértil para o encadeamento de rupturas paradigmáticas e o reordenamento dos valores morais. Em situações como essas, ganham relevo o mundo da inspiração, onde mitos, simbologias, particularismos e práticas sensíveis são levadas em questão, ou o tradicionalismo de relações baseadas na comunidade servem de guia para suas ações, em oposição ao mundo civil, ou da indústria.

A partir das ilustrações acima, queremos deduzir que se tais manifestações de desajuste, contingência e crítica aos *modus* operando hegemônico ganham corpo em momentos de crises socioeconômicas, ou mesmo de um processo de estranhamento entre duas distintas ordens. Por outro lado, como já fora observado em momento anterior, esses períodos de crise não apenas servem de terreno fértil para o nascimento de movimentos de contestação, de quebra das ordens, de críticas às instituições, aos formalismos e aos seus valores, como um todo, mas também

viriam acompanhadas de propostas de alternativas às práticas sociais vigentes e à formação de novas estruturas, que podem dar novo gás ao sistema que contestam. Assim, seriam também nesses períodos em que haveria a abertura para novos discursos e a reposição moral das instituições desacreditadas.

Em outras palavras, seguindo o raciocínio dos pesquisadores, queremos pontuar que se a realidade material que está posta os leva a propor e justificar novas práticas, no entanto parte dessas críticas serve de testes para a própria manutenção das magnitudes presentes, nas diferentes ordens envolvidas, dando a possibilidade de que práticas e normas sejam atualizadas, a partir de reordenamentos de valores, em busca de uma eficiência pragmática que atenda aos próprios anseios sociais, de modo que sua nova configuração possa atender às particularidades presentes e ao mesmo tempo dispensar os elementos que acreditem ser de pouca importância. Como Boltanski e Thévenot (1991, p. 117) pontuaram, trata-se de um processo capaz de reconciliar os envolvidos e superar os litígios formados pelas incertezas.

3.3.1 Contingência social e proposição de novos paradigmas

A trajetória do sistema capitalista, em seus diferentes estágios, tem nos revelado inúmeros momentos em que tal estrutura soube lidar com momentos de insatisfação entre os sujeitos envolvidos, sem que isso significasse colocar em perigo a sua própria continuidade. Ainda que de modo coercitivo e apoiado sobre os valores e um conjunto de equipamentos institucionais, como a justiça, a polícia, a soberania do Estado, ou mesmo de quem os detêm, o sistema produtivo hegemônico vem criando dispositivos e/ou mecanismos capazes de colocar as contestações existentes a si mesmo, em diálogo, ou adiando continuamente qualquer proposição que venha a superá-lo de modo efetivo. Para Boltanski e Thévenot (1991), muitas dessas iniciativas não seriam só formas conciliatórias de lidar com os insatisfeitos, como também se apresentariam a título de perseguição e morte dos seus insurgentes, ações que geralmente são justificadas e normalizadas pelas instituições e seus regimentos normativos.

Por outro lado, os teóricos lembram que nem sempre tais iniciativas são capazes de apaziguar e aglutinar as insatisfações dos atores insurgentes. Eles defendem que no momento em que as contingências tornam-se “insuportáveis”, do ponto de vista da sobrevivência da ordem produtiva, cria-se a necessidade de estabelecer um novo acordo, que solucione os litígios, por meio da criação de novos parâmetros de justiça, nas relações entre as pessoas e os objetos envolvidos (normas, tecnologias, costumes, hábitos, instituições, etc). Essa quebra da ordem das grandezas faz com que os objetos e situações sejam realocados em um novo horizonte

valorativo, desembocando no reordenamento moral da realidade, a partir das novas dinâmicas sociais adotadas pelos sujeitos.

O que vamos discutir, a partir de experiências mais recentes – que estão contextualizadas pelo desenvolvimento do Capitalismo Tardio – é como o distanciamento das diferentes ordens morais no mundo contemporâneo está provocando verdadeiras fontes contínuas de insatisfação entre os atores sociais, que, nas últimas décadas, vêm reivindicando por revoluções nos sistemas político e socioeconômico vigentes. Isolados, ou atuando de forma coletiva, esses sujeitos estão ganhando espaço nas mídias e fortalecendo seus discursos.

Ao menos nos últimos dois séculos, vimos experiências de reprodução midiática de discursos dissonantes com as estruturas hegemônicas – em movimentos como a boêmia francesa, na virada do século XIX e XX, ou a produção cinematográfica de grupos como Ku Kux Klan, Hells Angels, e punks – todos eles, cada um ao seu modo específico, fazendo críticas à ordem valorativa que vivenciavam, muitas vezes inspirados em plataformas ideológicas e míticas de um passado imaginário e muitas vezes ligado a um *status* “tradicionalista”. Outros tantos reivindicando transformações mais democráticas de suas estruturas, com o intuito de estabelecer critérios mais inclusivos de reconhecimento e garantia de participação dos sujeitos, nas decisões de poder.

Em respostas a essas críticas, o próprio sistema hegemônico viria passando por reformulações e adaptações valorativas, aderindo inclusive a alguns daqueles anseios, dando a possibilidade de serem discutidos ou sanados, sem que isso representasse perigo ao próprio capital. A exemplo dessas experiências, ou tentativas de reordenamento moral das instituições, de nossa história recente, neste trabalho contextualizamos a emergência e midialização de *práxis* de grupos como o *Soldiers of Odin* e *Incel*, ou da Direita Alternativa, como um todo. Será por meio deles, que iremos refletir sobre as dinâmicas de desajustamento moral, insubordinação institucional e reposicionamento prático, como tentativas de criação de novos regimes valorativos.

Utilizamos conceitos de Turner (1974), Honneth (1997), além de Boltanski e Thévenot (1991), de modo complementar, porque queremos enfatizar aqui que os grupos e indivíduos em processo de desajustamento com o *status quo* do modo produtivo liberal definitivamente não são um fenômeno novo, apesar de apresentarem suas peculiaridades no contexto do capitalismo tardio. Se foi apenas nos últimos dois séculos, com o próprio desenvolvimento industrial e de seus dispositivos culturais que o mundo ocidental passou a presenciar midiaticamente um número significativo de arranjos sociais – formados por sujeitos que atuam coletivamente, de modo não institucionalizado e de difícil previsibilidade normativa – apresentando contestações

de ordens diversas ao capital, é necessário pontuar que muitos deles ganharam maior projeção após a II Guerra Mundial, como consequência do próprio aprimoramento do capital. Por outro lado, entendemos aqui que foi a partir do próprio amadurecimento da Indústria Cultural, aliado à dificuldade do próprio sistema em superar as mazelas sociais recorrentes da exploração do trabalho – em seus diferentes aspectos – como também do aprofundamento das críticas de determinados sujeitos ao mundo da produção, que foram brotados os elementos constituintes responsáveis pela formação conjuntural de uma dialética que é responsável não só pela crítica, como também pela atualização de valores do capital, isso porque o aperfeiçoamento das ferramentas de difusão midiáticas e do hábito onipresente do consumo teriam efeitos não somente sobre as pessoas “fascinadas” com todos os produtos e as benesses que a comodidade mercadológica é capaz de proporcionar, como também sobre aqueles grupos contestatórios e/ou contra-hegemônicos – como o movimento de contracultura *hippie*, os ambientalistas, os *punks* e até mesmo coletivos anônimos de extremistas à direita – e com discursos em prol de alternativas práticas para a ordem hegemônica e do mundo da produção capitalista. Em comum, tais movimentos não só propuseram a queda de paradigmas e se utilizaram do mundo da inspiração, para criarem suas próprias utopias, como também se utilizaram de discursos de reforço e valorização da ordem doméstica e das relações tradicionais, com o intuito de substituir as representações coletivas, os símbolos, as legitimidades como um todo, das estruturas normativas hegemônicas. Foi ao atuarem a partir dos próprios meios de reprodução questionados por eles mesmos, que muitos daqueles grupos ganharam dimensões globais: as mídias e dispositivos aos quais criticavam tornaram-se amplificadores de suas vozes a partir do momento em que as reproduziam e criaram pontes de identificação de outros sujeitos com as bandeiras e os valores levantados.

Em seus estudos sobre as transformações culturais presentes nas décadas de 1960 e 1970, pesquisadores da Escola de Frankfurt apontaram que grande parte dos membros daqueles movimentos contestatórios ao liberalismo, à época, não se sentiam reconhecidos pela ordem do mundo industrial; para eles, o sistema estaria submetendo os indivíduos a critérios pouco humanistas, contrários ao desenvolvimento de suas comunidades e/ou as colocando sob o prisma exclusivo do mundo da produção. Tal incômodo pareceu mais claro entre as parcelas mais jovens dos países do mundo desenvolvido ocidental, para quem, conforme sua visão, o sistema produtivo capitalista estaria se mostrando incapaz de reconhecer as subjetividades e de manter relações efetivas entre os sujeitos. Para os teóricos críticos, esse panorama de estranhamento do sujeito com o Estado e suas orientações normativas, aliado aos preceitos do mercado, acabaria ocasionando o questionamento da ordem produtiva, como um todo.

Décadas mais à frente, Boltanski e Thévenot (1991, p. 319) reforçariam as discussões da Escola Crítica, ao sugerirem que os grupos contra-hegemônicos, cada um ao seu modo, estavam contestando todo um rol de valores hegemônicos em seus respectivos países, com críticas aos dispositivos que estabilizavam o mundo civil e industrial e ainda abrindo passagem para diferentes ordens, como o mundo da inspiração, ou o doméstico. Para os pesquisadores franceses, aqueles grupos contestatórios seriam reflexos das críticas existentes entre as diferentes ordens sociais. Em suas argumentações, Boltanski e Thévenot (1991, pp. 189 e 190) afirmariam que os estados de grandeza impostos pelo mundo da produção, como as hierarquias, os títulos, ou rotinas industriais não estavam sendo equalizadores apropriados para a manutenção de equilíbrio no mundo doméstico e civil, por exemplo. Suas investigações sobre tais arranjos sociais apontariam justamente o contrário: que nos últimos dois séculos, parcelas crescentes da população estavam se sentindo cada vez mais incomodadas com a rigidez apresentada pelos dispositivos formais das ordens de produção, de como elas estavam lidando com as situações do mundo doméstico. Conforme os pesquisadores, seria comum na maior parte daqueles grupos um sentimento de que, seja o Estado ou as diferentes instituições do mundo produtivo, eles não atenderiam, nem se preocupariam de maneira efetiva, aos anseios e subjetividades daqueles indivíduos, em suas diferentes ordens.

Em momentos de crise, ou de mudança social, todo tipo de formalismo ou institucionalização, tal qual o aparelho judicial, as instituições políticas e suas decisões em geral tenderiam a ser desqualificados por indivíduos, ou coletivos sociais dispostos a buscar uma verdadeira noção de justiça, que geralmente é baseada na legitimidade de relações mais efetivas e horizontais entre os sujeitos. Para muitos desses sujeitos, isso só seria possível com a formação de uma nova ordem social.

Les termes d'adresse, les marques de respect, les formules de politesse, les «précautions verbales» de nature domestique sont critiqués comme formalismes, pesants et faux par opposition aux échanges «informels» et faux rapports authentiquement humains⁷² (BOLTANSKI & THÉVENOT, 1991, 292).

Em outro trabalho, *O novo espírito do Capitalismo*, Luc Boltanski e Ève Chiapello (2009, p. 360) contextualizariam a crise econômica ocidental, da década de 1980, para pontuar como esse período foi propício ao nascimento de outros movimentos que se caracterizavam

⁷² “Os termos de endereço, as marcas de respeito, as expressões educadas, as ‘precauções verbais’ da natureza doméstica são criticadas como formalismos, pesados e falsos, em oposição às trocas ‘informais’ e falsas relações autenticamente humanas” (Tradução livre).

pelo descrédito às instituições tradicionais, em que seus membros poderiam ser “ex-militantes sindicais, ou políticos decepcionados com a ineficácia das organizações instituídas, e até enjoados com as manobras políticas, ou os interesses pessoais, que observavam nos partidos e nos sindicatos”. Diante de uma série de decepções com as instituições hegemônicas, seja de cunho político, mercadológico, ou mesmo espiritual, dada a rigidez e previsibilidade de suas ações planejadas pelas instituições produtivas e burocráticas, aqueles sujeitos passariam a participar de grupos não institucionalizados, heterogêneos, maleáveis, avessos à homogeneização ideológica, dispersos e de atuações pontuais. No entanto, mesmo que muitos daqueles indivíduos trabalhassem juntos, eles ainda assim manteriam identidades distintas, a partir de seus modos particulares de ação.

Outro pesquisador que vai retomar o foco de suas pesquisas para aqueles arranjos sociais desinstitucionalizados e temporários é Manuel Castells (2012), que em *Networks of outrage and hope, social movements in the Internet Age*⁷³, conseguiu atualizar a discussão dos pesquisadores franceses a partir da contextualização de distintos movimentos sociais que tiveram origem com a crise econômica e com o aprofundamento da crise de legitimidade nas últimas duas décadas. Naquele trabalho, seu foco ficou estabelecido em grupos que passaram a ocupar o debate público, ao longo da segunda década do século XXI⁷⁴. Na obra, o sociólogo espanhol argumentaria que, assim como em outros momentos históricos, causas estruturais próprias, como o sentimento de injustiça social, de humilhação, exploração, ou falta de representatividade seriam os responsáveis por estimular o interesse de novos públicos para a aspiração de uma transformação paradigmática. Para o autor, em situações como essas, é comum que esses grupos identifiquem possíveis culpados, ou causas sociais, para os infortúnios coletivos.

Quando oportunamente reunidos, esses sentimentos de injustiça, ou de menosprezo por suas subjetividades poderiam propeler os sujeitos a tomarem as rédeas de suas próprias vidas e a transformarem seus desconfortos em aspirações por mudanças no ordenamento social e, se incorporadas por maiores parcelas da sociedade, tais insatisfações sociais serviriam de base para a criação de novos valores e elementos-chave para a modificação das instituições sociais,

⁷³ “Redes de indignação e esperança, movimentos sociais na era da Internet” (Tradução livre).

⁷⁴ O autor fez um estudo em diversos levantes sociais que ganharam a atenção das mídias no mundo inteiro, no início da segunda década do século XXI, como as manifestações da Primavera Árabe, com a reunião de milhares de pessoas insatisfeitas com os regimes políticos de seus países, no Oriente Médio e norte da África, a partir de 2011; do *Occupy Street*, um movimento realizado na cidade de Nova Iorque, de caráter descentralizado e aberto às insatisfações diversas com os rumos do sistema econômico, ou mesmo nas manifestações de junho de 2013, no Brasil, cujo protagonismo foi assumido por diversas bandeiras políticas, inicialmente não institucionalizadas, que repudiavam o *establishment* de diversas ordens socioeconômicas do país.

além do estabelecimento de novas normas e padrões criativos de organização social.

The combination of a degradation of the material conditions of life and of a crisis of legitimacy of the rulers in charge with the conduct of public affairs induces people to take matters into their own hands, engaging in collective action outside the prescribed institutional channels, to defend their demands and, eventually, to change the rulers, and even the rules shaping their lives⁷⁵ (CASTELLS, 2012, p. 246).

Mas, o espanhol lembra que não só a pobreza, ou as más condições de vida seriam elementos suficientes para gerar possíveis revoluções no ordenamento moral da sociedade. Segundo ele, para que o desconforto realmente possa levar os indivíduos à ação, é necessária a formação de uma justificativa moral que dê aos sujeitos envolvidos o potencial de transformar seu envolvimento emotivo em práticas efetivas. Para Castells (2012), isso só seria possível quando os indivíduos conseguissem visualizar um “mundo” pós-revolução, compartilhar com seus pares esse mesmo horizonte de esperança, de superação de suas angústias coletivas.

A partir de uma abordagem distinta, em uma obra denominada *TAZ: Zonas Autônomas Temporárias*, Hakim Bey (s/d) utiliza o termo homônimo à obra para classificar movimentos de contestação, de fuga às crenças e normas hegemônicas, e que são capazes de visualizar novos horizontes da realidade, em que a espontaneidade, o não planejamento e a falta de ordem também são característicos. De acordo com este autor, aqueles arranjos sociais seriam potenciais “zonas libertas” dos padrões sociais e imposições normativas propostas pela realidade em que se encontravam. Ao longo de sua obra, Bey (s/d) reforça que essas experiências de sociabilidade foram encontradas entre os *hippies* da década de 1960, nas conferências anarquistas, ou mesmos as festas gays, acontecidas no Harlem, na década de 1920. Para ele, tais movimentos seriam exemplos de manifestações em que parcelas da população foram reconhecidamente lembradas pela não conformidade com as instituições em vigor.

Foi ao enxergar tal imprevisibilidade destes indivíduos, desfilados de suas estruturas, que Bey (s/d) admitiu a dificuldade para uma nomeação rígida para estas zonas autônomas. Para o autor, a partir do momento em que se institucionalizam, aqueles grupos enrijeceriam suas práticas e por isso deixariam de ter sua natureza livre: essa seria a razão para que elas nasçam e desapareçam, independente das vontades dos Estados: ao tempo em que há tentativas de incorporação de tais zonas pelos sistemas, elas se perdem em essência e se esvaem ou,

⁷⁵ “A combinação de uma degradação das condições materiais da vida e de uma crise de legitimidade dos governantes, encarregados da condução dos assuntos públicos, induz as pessoas a tomarem conta de si próprias, engajando-se em ações coletivas fora dos canais institucionais prescritos, para defender suas demandas e, eventualmente, mudar os governantes e até mesmo as regras que moldam suas vidas” (Tradução livre).

conforme Bey (s/d), virariam puro invólucro, cujo conteúdo, ainda que vazio, torna-se produto de um espetáculo. Independentemente da realidade de atuação, aqueles movimentos de contingência social seriam os responsáveis pela dilatação social e, de certa forma, a representação do modelo arquétipo de atuação para outros sujeitos que passariam por estágios de não conciliação com as instituições vigentes, um fenômeno que foi se repetindo ao longo das diversas civilizações humanas e que, em comum, se aproximariam entre si pela sua não adequação à ordem social, mas que se estabelecem como espaços para o cultivo de práticas criativas.

Independente do teor temático, ou do número de pessoas envolvidas, essas áreas de libertação também isentariam seus membros da criação de vínculos e regras institucionais. Ainda que sem intenção direta, essas zonas acabariam por confrontar o *status quo* do Estado, pois eles atuariam de forma diametralmente opostas: enquanto as instituições seriam marcadas pelo planejamento e economicidade de suas ações, aos membros daqueles movimentos, seria peculiar uma inconformidade e busca constante pela alteração das regras vigentes – eles não teriam interesse de agir institucionalmente, pois eles seriam justamente efeitos da não adequação do sistema social e de suas diretrizes normativas às subjetividades particulares daqueles indivíduos. “Uma vez que o Estado se preocupa primordialmente com a simulação, e não com a substância, a TAZ pode, em relativa paz e por um bom tempo, ‘ocupar’ clandestinamente essas áreas e realizar seus propósitos festivos”, comentaria Bey (s/d).

Ao não se restringir aos movimentos contemporâneos, mas sem deixar de contextualizar o processo de expansão do liberalismo, aquela obra de Bey (s/d) argumentaria que o que se vê nas últimas décadas é parte dessa não conformidade entre tais grupos e os estados liberais e seria consequência da expansão do próprio sistema produtivo. O Estado burguês seria um exemplo de ordem que passou a ter sua agenda voltada para o aprimoramento dos meios de produção e do capital e inúmeras vezes deixou de lado a necessidade de gerar o apaziguamento dos conflitos e das demandas coletivas de determinados grupos sociais. Seria justamente a partir dessas zonas de indiferenças, entre instituições e os sujeitos, que os indivíduos tentariam solucionar suas mazelas de modo não institucional e, por isso, a imprevisibilidade de suas ações.

Algumas dessas possibilidades de contestação e fuga do *modus operandi* hegemônico também foram exemplificadas pela obra *A economia dos desajustados: alternativas informais para um mundo em crise*, em que Alexa Clay e Kyra Maya Phillips (2015) enumeraram algumas das características de indivíduos, ou agrupamentos sociais, que de alguma forma, tentaram se sobressair ao panorama adverso, proposto pelo Capitalismo Tardio. As pesquisadoras também reforçariam que o próprio contexto socioeconômico conflituoso daria margens para o

surgimento de uma categoria de “desajustados” – termo denominado por elas, para classificar os círculos de indivíduos que possuiriam práticas contingentes da realidade em que vivem.

Nessa última obra citada, foram apontados outros exemplos de agentes cujas atividades apresentavam proximidades em suas práticas de contestação e construção valorativa, como as filosofias *hacker*s, os piratas e/ou ambientalistas, todos eles tendo em comum elementos e dinâmicas como a informalidade, a autogovernança, a provocação, a contraculturalidade, o autoquestionamento e a vulnerabilidade. De acordo com as autoras, os membros que formariam tais arranjos sociais seriam sujeitos que avançariam nos limites de padrões normativos e desafiariam os sistemas sociais, ainda que em tempos e espaços diferentes. Para Clay e Phillips (2015), ao terem seus horizontes de ação não formalizados, a informalidade destes grupos daria aos agentes “desajustados” a capacidade de desenvolvimento de seus talentos, em toda a sua potencialidade. Seria então na informalidade que conseguiriam o combustível necessário para uma constante atuação espontânea. Elas explicam que ao estarem libertas do *establishment*, de regras, convenções e incentivos de categorias profissionais e classes sociais, tais sujeitos acabariam cultivando valores particulares e “desajustados” dos contextos históricos em que estariam inseridos (isso não quer dizer à frente, mas desconexos).

A principal razão para que esses indivíduos, ou coletivos, atuem na informalidade e na autogovernança, de acordo com o que foi constatado por Clay e Phillips (2015), seria a desconfiança nas competências das autoridades, o que desencadearia a não aceitação da lógica de suas normas e comandos. Os sujeitos “desajustados” atuariam como guias de si mesmos, ou operariam em redes, ou comunidades, que formulariam suas próprias regras.

A economia desajustada 78 orrelaci em direção oposta ao processo de formalização da Revolução Industrial, cuja lógica foi “construída em torno da eficiência, da padronização e especialização”. Desde os sistemas de agricultura até manufaturas têxteis, as estruturas produtivas capitalistas foram ficando cada vez mais formalizadas e contrárias a tudo isso, os “desajustados” pesquisados pela dupla costumam realizar críticas ao liberalismo e ao modo como a produtividade passou a ser a fonte de “virtudes civilizadoras” para os cidadãos. Aqueles sujeitos se oporiam à disciplina, à moderação, à hierarquia e à obediência às autoridades. Seus discursos enfatizariam a realização de práticas que extrapolam o caráter material de seus fins; suas ações seriam tentativas de reconhecimento das próprias subjetividades.

Um exemplo lembrado pelas pesquisadoras norte-americanas do que elas denominam de desajustados são os *hacker*s, que desde suas origens na rede mundial de computadores encontram motivações valorativas para suas ações e desenvolvem sentimentos de satisfação diversos e muitas vezes opostos à ideia mercadológica, com práticas que vão desde resolver

charadas a superar as mazelas das autoridades e de seus governos, com medidas que têm muitas vezes como alvo as instituições e empresas, com a intenção de pôr fim, ou mesmo de corrigí-las. “Dentro da economia desajustada, o princípio de hackear refere-se a invadir o sistema e 79orr-lo para melhor. Trata-se também de conhecer um sistema de modo íntimo para poder desmontá-lo com mais eficiência” (CLAY & PHILLIPS, 2015, p. 143).

Apesar da informalidade nas ações daqueles sujeitos, isso não necessariamente significaria a ausência de um padrão de referência; estes seriam criados pelos próprios grupos contraventores.

Os piratas de antigamente criaram códigos de democracia para governar seus navios. Manifestantes precisam criar consenso e estruturas cooperativas de organização. Comunidades *open-source* criam suas regras internas de conduta e participação. O que esses grupos sabem muito bem é que a autonomia gera confiança, comprometimento e a emergência de missão e propósito coletivos. A lealdade, o engajamento e a noção de comunidade que se encontram em navios piratas, nas comunidades de *harkers*, entremeados nos movimentos de protesto e nas favelas de cidades são impressionantes, e é precisamente por causa da natureza dessas organizações informais. Os *harkers*, por exemplo, têm regras, normas e etiqueta para regular o comportamento que eles aplicam num nível de membro a membro (CLAY & PHILLIPS, 2015 p. 50 e 51).

Para Clay e Phillips (2015 p. 52 e 53), indivíduos como aqueles fogem à tal tendência produtiva e, por isso, muitas vezes são classificados de preguiçosos, indolentes, ociosos, ou criminosos, sujeitos cujas paixões excessivas estariam em desconformidade com aquilo que deveria ser o padrão de sociedade, logo seriam marginalizados. No entanto, seria dessa marginalização que nasceriam as possíveis motivações para que determinados agentes rompessem com os *habitus* de suas categorias sociais e estivessem ainda mais dispostos a investirem em ações e seus recursos simbólicos contra todo um sistema hegemônico.

Resgatadas as discussões de contingência social e/ou liminaridade de paradigmas a partir de Turner (1974), Bey (s/d), Clay e Phillips (2015) e pontuado o processo de disputas, alargamento do horizonte valorativo e atualização de regimes sociais, a partir de Honneth (1997), Luc Boltanski e Laurent Thévenot (1991), nos próximos capítulos nos debruçaremos sobre a ocorrência de tais dinâmicas nos arranjos sociais aqui analisados.

Entendemos que os membros do *Incel*, do *Soldiers of Odin* e coletivos similares são sujeitos em situação de deslocamento, marginalidade valorativa, ou de desajuste, no mundo contemporâneo, diante de uma série de valores liberais estabelecidos. Também porque classificamos os arranjos a que pertencem como semiestruturas, típicas de *communitas*, e ainda que se encontrem em estágios diferentes, são típicos modelos de zonas temporárias de transição, cujas ideias, valores e práticas, não institucionalizadas, estão em fase de ebulição. Assim como

os modelos estabelecidos pelos pesquisadores acima, especulamos que tais indivíduos estão dispostos a propor novos mundos, ou criar realidades utópicas que sejam capazes de abraçar suas ideias. Na busca pelo seu autorrespeito e reconhecimento, tais sujeitos estão passando por transformações e adaptações e a qualidade de suas performances serão decisivas para a assimilação, ou não, de tais condutas.

4 O ALT-RIGHT, SEUS DESCONFORTOS E SEU REDIRECIONAMENTO VALORATIVO

*Cada nueva configuración cultural ha de proseguir la marcha a corregir el desvío; reciclar el papel antiguo o proponer una nueva alternativa. Es su única justificación, la única posibilidad de legitimar su emergencia*⁷⁶.

Patxi Lanceros

No capítulo anterior, buscamos compreender como indivíduos ou grupos, que estariam à margem de suas sociedades, em relação às práticas sociais estabelecidas, seriam capazes de visualizar, ou mesmo antecipar, novos horizontes valorativos. Nos apropriamos das discussões

⁷⁶ “Cada nova configuração cultural deve continuar a marcha para corrigir o desvio; recicle papel velho ou proponha uma nova alternativa. É sua única justificativa, a única possibilidade de legitimar sua emergência” (Tradução livre).

de Turner (1974), Honneth (1997), além de Boltanski & Thévenot (1991), para elaborar a base conceitual deste trabalho, porque percebemos nos representantes do *alt-right*, objeto de nosso estudo, exemplos práticos das dinâmicas sociais acima ilustradas.

Do antropólogo norte-americano, encontramos semelhanças com os citados estágios de transição, ou espaços liminares, o desajuste valorativo, a quebra, a segregação e os processos de reincorporação social, ocasionados a partir de seu reordenamento moral. Do filósofo alemão, trouxemos modelos de arranjos sociais em semiestruturação, formados por grupos em situação de marginalização social e, ao mesmo tempo, sujeitos que se encontram em processo de reajustamento valorativo e reorientação de suas práticas, com o intuito de sanar seus incômodos com a ordem hegemônica. A partir da dupla de sociólogos franceses nos sentimos capacitados a esclarecer como o estranhamento entre as diferentes ordens valorativas poderia ser a raiz para o redirecionamento moral de suas ações e proposição de novos paradigmas sociais.

Agora, como forma de dar maior embasamento às possíveis correlações entre os autores supracitados e o movimento *alt-right*, as quais estamos dispostos a nos aprofundar, iremos contar com a ajuda de especialistas que se dedicaram a entender as justificativas valorativas para a manifestação de oposição, quebra de ordem e a ascensão moral de grupos tradicionalmente classificados como de extrema direita. Nesse sentido, defendemos que as pesquisas dos sociólogos americanos Stuart A. Wright (2009) e Michael Kimmel (2017 e 2018), do britânico Griffin (2008), ou dos pesquisadores canadenses, Frédérick Nadeau & Denise Helly (2016), além de Perry & Scrivens (2016) apresentam um caminho já trilhado e que aqui serão somados, a fim de estabelecer uma ponte concreta para adentrarmos à compreensão da ascensão e à popularização de grupos *alt-right* e especificamente do *Incel* e *Soldiers of Odin*, no Canadá.

4.1 A justificação valorativa dos grupos *alt-right*

Apesar do termo ficar conhecido pelo grande público com a emergência de figuras ilustres de movimentos que apoiavam o então candidato às eleições estadunidenses, Donald Trump, em 2016 – quando sua oponente do Partido Democrata, Hillary Clinton, fez ilações de relações entre os apoiadores republicanos, autointitulados *alt-right*, com o supremacismo branco –, o etnógrafo Benjamin R. Teitelbaum (2020, p. 215) diria que o termo foi criado bem antes, nos ensaios do filósofo Paul Gottfried, um professor universitário estadunidense que costumava publicar obras em uma editora sueca denominada Arktos, voltada ao

paleoconservatismo. Entre seus livros publicados por aquela editora estava o mais famoso, *Conservatism in America* (2007), de onde teria se originado o termo *alt-right*.

Por outro lado, conforme lembra Teitelbaum (2020), o *alt-right* não ganhou uma exatidão fixa nem mesmo entre os membros dos grupos que se identificavam com o termo nos Estados Unidos. Segundo esse pesquisador, a denominação acabaria reunindo um cesto vasto de atores e ideologias muitas vezes irreconciliáveis. Assim como o pesquisador estadunidense, outros tantos investigadores do extremismo utilizados ao longo deste trabalho não buscaram exaurir as raízes históricas dessa nova denominação para a extrema direita, mas entender os desdobramentos e ressignificações que ela vem ganhando ao longo das últimas duas décadas e é por esse caminho que buscamos seguir ao longo de todo o trabalho.

Os ensaios de Griffin (2008), por exemplo, anteciparam parte das investigações voltadas ao *alt-right*, porque nelas o teórico já reunia uma série de pesquisas em que apontava a miopia dos marxistas em enxergar as dinâmicas presentes nos grupos de extrema direita, na contemporaneidade. O britânico pontua que a imagem produzida por parte da Sociologia sobre aquele fenômeno é que ele se apresenta como algo enrijecido e fruto de uma manifestação mais extremista da economia burguesa; os cientistas deixariam de enxergar que tais grupos passaram por mudanças valorativas, visando a sua própria sobrevivência e, quiçá, à expansão de sua ordem de valores para além da Europa Ocidental. O autor pontuaria que, ao contrário do que pensariam os marxistas, muitos dos simpatizantes dos grupos extremistas à direita não estão preocupados em realizar a manutenção das altas margens de lucros e exploração dos conglomerados nacionais, mas atuariam no sentido de buscar formas de promover mudanças de ordem política, moral e estética, em suas comunidades nacionais, a partir de um processo de regeneração social, orientado para um futuro alternativo ao projeto de modernidade tecnoburocrática hegemônico, ao qual suas nações estariam sendo submetidas.

O teórico reforça que, independente do resultado alcançado pelos primeiros grupos fascistas – que, ainda na primeira metade do século XX, conseguiram sua institucionalização, com a tomada do poder, em países como a Alemanha e a Itália, e em consequência disso, o enrijecimento de seus valores, a partir de materialização em um Estado – aquelas primeiras experiências não apagariam o teor utópico e/ou revolucionário que seus membros, desde suas origens, aparentavam seguir.

The overriding motive behind fascism for its most fanatical believers at a lived, 'phenomenological' level (...) was not the preservation of capitalism, or the destruction of socialism, or the elimination of racial inferiors as ends in themselves. Instead they were motivated by deep-seated longings for a new identity, a new beginning, and a new age beyond a contemporary historical

reality widely experienced as ‘falling apart’ and a society in the thrall of materialism, 83orrelacion, anomie, and moral dissolution⁷⁷ (GRIFFIN, 2008, p. 66).

Como foi lembrado na citação acima, tradicionalmente, os primeiros grupos fascistas surgiram de seu incômodo contra o processo de modernização e descontinuidade de suas sociedades tradicionais. Já nas primeiras décadas do século XX, aqueles movimentos nasciam como uma proposta de criação de uma nova ordem sociopolítica e ética, uma alternativa para a decadência de valores que o liberalismo trazia para suas sociedades. No entanto, segundo o autor, após a derrota na segunda grande guerra, a própria resposta do neoliberalismo de criminalização daquele movimento e a disseminação do bem estar-social, por meio das social-democracias, iriam dissolver, por um tempo, tais angústias, mas parte daquele incômodo não deixaria de estar presente entre diversos grupos sociais marginalizados, ao longo da contemporaneidade, ou de ser atualizado e ganhar maior expressão com as crises econômico-sociais que viriam acontecer no ocidente, principalmente com o início do novo milênio.

Para o pesquisador britânico, as circunstâncias sociopolíticas pelas quais os grupos extremistas haviam passado os levaram a sucessivas perdas de espaço na esfera pública e muitas vezes à criminalização de seus valores, fatores esses que os levaram a readaptações, seja nas suas práticas, seja em sua própria ideologia.

The loss of that habitat and the transformation of the historical situation as a result of the Allied victory in World War Two meant that the 83orrelacion of fascist ideals has forced an adaptation in ideological content and the adoption of a number of new survival strategies. These have not only radically changed fascism’s ideo logical content, but brought about a major mutation in the way it is outwardly manifested as a revolutionary political force⁷⁸ (GRIFFIN, 2008, p. 194 e 195).

Ainda na década de 1970, nomes como os franceses Alain de Benoist e Pierre Krebs já faziam ataques ao “etnopluralismo”, ao materialismo, à universalidade dos direitos humanos e ao igualitarismo, pregado pelo neoliberalismo e suas principais representações institucionais,

⁷⁷ “O motivo primordial por trás do Fascismo para seus crentes mais fanáticos em um nível vivido, ‘fenomenológico’ (...), não foi a preservação do capitalismo, ou a destruição do socialismo, ou a eliminação dos inferiores raciais, como fins em si mesmos. Em vez disso, foram mobilizados por anseios arraigados por uma nova identidade, um novo começo e uma nova era, além de uma realidade histórica contemporânea amplamente experimentada como ‘desmoronamento’ e uma sociedade escravizada pelo materialismo, atomização, anomia e dissolução moral” (Tradução livre).

⁷⁸ “A perda desse habitat e a transformação da situação histórica como resultado da vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial significaram que a realização dos ideais fascistas forçou uma adaptação no conteúdo ideológico e a adoção de uma série de novas estratégias de sobrevivência. Estes não apenas mudaram radicalmente o conteúdo ideológico do fascismo, mas também trouxeram uma grande mutação na forma como ele se manifesta externamente, como uma força política revolucionária” (Tradução livre).

como as Organizações das Nações Unidas (ONU). O primeiro pensador, por exemplo, ajudaria a fundar um grupo de reflexão voltado à extrema direita, o *Groupement de Recherche et d'Études pour la Civilisation Européenne*⁷⁹ (Grece), reunindo pesquisadores que dariam continuidade a muitos dos valores presentes entre os antigos movimentos fascistas, ainda que reformulados, para serem pensados a partir de um espectro internacional, suprapartidário, e não mais focado à realidade política isolada de suas nações, como ocorrera com a formação fascista na Itália, ou nazista, na Alemanha.

Muitos dos representantes do que se chamava *Nouvelle Droite*, ou Nova Direita Europeia, formavam um grupo de teóricos antiliberais que se apropriaram da teoria gramsciana de hegemonia cultural, sobre a política, e se autodenominavam praticantes do “gramscismo de direita”. Eles lutavam contra a decadência da sociedade ocidental, a vulgarização desenfreada de seus valores cristãos e especificamente a favor da restauração da cultura europeia. Entre os seus principais argumentos estaria a necessidade de salvaguardar a diversidade cultural da humanidade, a partir do respeito às culturas nacionais e o fim da criação de políticas de promoção à multiculturalidade. Para os ideólogos desses movimentos, ao promoverem o igualitarismo, tais políticas liberais provocariam a homogeneização de suas culturas e, por fim, de suas identidades étnicas. Por isso, acreditavam em uma mudança de atitude, entre os diferentes povos “originários”, em defesa da tradição ocidental.

Conforme Griffin (2008, p. 198), ao contrário daquelas experiências de Estado das primeiras décadas do século XX, a atuação da nova extrema direita se daria de forma rizomática, não centralizada e não hierarquizada. Essa forma de organização descentralizada, estruturada a partir de grupos autônomos e dispersos geograficamente é o que provocaria a continuidade da incorporação de novos elementos simbólicos e a criação de novas frentes de lutas, não raras vezes internacionalizadas. No entanto, para o teórico, o modelo grupuscular de organização de seus coletivos – em grande parte das vezes não institucionalizados – não impediria que remetessem seus discursos uns aos outros, como se se alimentassem reciprocamente de suas teorias, a ponto de formarem uma ideologia comum, muitas vezes reduzida a uma tentativa de superar a “decadência” do sistema produtivo existente, o liberal democrático. Esse modelo disperso e fluido de organização de suas bandeiras lhes daria a possibilidade de criar ligações informais, capazes de fazer com que discursos similares sejam reforçados e continuados, por meio de arranjos sociais policêntricos, em diferentes contextos sociogeográficos e de modo autônomo, na produção de seus discursos e atos.

⁷⁹ “Grupo de Pesquisa e Estudos para a Civilização Europeia” (Tradução livre).

Alguns dos estudiosos dessas novas manifestações da extrema direita apontam que, apesar da dificuldade de pontuarem termos e valores rígidos para o novo movimento, o *alt-right* apresentaria características gerais. Os canadenses Perry & Scrivens, (2016, p. 821), por exemplo, definiriam suas bandeiras da seguinte forma:

Is a loose movement, animated by a racially, ethnically, and sexually defined nationalism. This nationalism is typically framed in terms of White power, and is grounded in xenophobic and exclusionary understandings of the perceived threats posed by such groups as non-Whites, Jews, immigrants, homosexuals, and feminists. As a pawn of the Jews, the state is perceived to be an illegitimate power serving the interests of all but the White man. To this end, extremists are willing to assume both an offensive and defensive stance in the interests of “preserving” their heritage and their “homeland”.⁸⁰

Em consonância com Griffin (2008), Perry & Scrivens (2016) pontuariam que apesar da pluralidade de ações tomadas por aqueles grupos, parte de seus valores seria convergente. De acordo com estes dois pesquisadores, seria possível notar que, independente do foco tomado pelos coletivos investigados, em todos esses grupos estão presentes o compartilhamento da ideia de valorização de suas comunidades; a exposição de minorias raciais, religiosas, ou de padrões culturais divergentes, do que eles entendem como ideal; e a identificação de inimigos a serem derrotados, transformando-os em alvos de ódio, a fim de intimidar, perseguir, ou até mesmo cometer atentado contra suas vidas. Para os autores, tais práticas seriam justificadas pela defesa da ordem de um determinado espaço – que pode ser identificado pela “nação”, ou por toda uma cultura “étnico-europeia” – que estaria sendo ameaçada e submetida ao processo de globalização, ao multiculturalismo e à absorção irresponsável dos particularismos culturais que as culturas “alienígenas” estariam lhes provocando.

A dupla de pesquisadores canadenses destacou que se pode ver que, na visão de muitos desses coletivos, suas nações estariam tendo suas soberanias nacionais ameaçadas, ou o modo de vida “ocidental” estaria sendo colocado à prova, diante de uma política multicultural implantada pelas elites financeiras, ou por decisões políticas estimuladas por grupos conspiratórios, como judeus e comunistas. Diante desse quadro, parte dos grupos do *alt-right* vem justificando a necessidade de uma preparação paramilitar dos civis, para atuação e confrontação direta, em caso de possíveis conflitos internos, de cunho étnico-raciais.

⁸⁰ “É um movimento solto, animado por um nacionalismo racial, étnica e sexualmente definido. Esse nacionalismo é tipicamente enquadrado em termos de poder branco, e é baseado em entendimentos xenofóbicos e excludentes das ameaças percebidas, colocadas por tais grupos, como não-brancos, judeus, imigrantes, homossexuais e feministas. Como um peão dos judeus, o Estado é percebido como um poder ilegítimo que serve aos interesses de todos, menos do Homem Branco. Para esse fim, os extremistas estão dispostos a assumir uma postura ofensiva e defensiva no interesse de ‘preservar’ sua herança e sua ‘pátria’” (Tradução livre).

Indo mais além, no campo da ideologia, muitas das narrativas daqueles grupos seriam fundamentadas em teorias conspiratórias que são reproduzidas entre os diferentes coletivos, por meio de plataformas midiáticas diversas. Uma dessas teorias mais disseminadas é o argumento de que haveria um conluio de minorias étnicas e de movimentos de esquerda, organizados em prol da extinção da etnia branca.

Em um artigo denominado *Strategic framing of racial-nationalism in North America and Europe: bem analysis of a burgeoning transnational network*⁸¹, outro canadense, Wright (2009), demonstraria argumentos semelhantes aos pesquisadores acima, ao verificar, no discurso de determinadas figuras da tradicional extrema direita, a continuidade de teorias conspiratórias como citadas acima. Ele recordaria que logo após o atentado às torres gêmeas do *World Trade Center*, no dia 11 de setembro de 2001, o *White Voice*⁸², órgão oficial de imprensa do *The Racial Nationalist Party of America*⁸³ (RNPA) iria culpabilizar os judeus pela tragédia, como também pela imigração em massa que os Estados Unidos estariam sofrendo – de pessoas não brancas – como pela contribuição dos semitas à destruição da cultura norte-americana, por meio do financiamento e desenvolvimento de políticas culturais, como a discussão do aborto e de políticas de submissão da etnia branca à miscigenação.

Ao mesmo tempo, estaríamos presenciando o nascimento de novas organizações com argumentos alinhados àquelas teorias, como é o caso da *European-America Unity and Rights Organization*⁸⁴ (Euro). Fundada em 2000, tem como parte de seus objetivos a defesa dos interesses da raça branca, independentemente se localizada no continente europeu, ou no continente americano. Segundo o responsável por essa organização, David Duke, as políticas desenvolvidas pelos países de ambos continentes, estariam sendo discriminatórias contra a população de origem branca, em favor das minorias “alienígenas”.

Duke's website provides a summary of EURO's beliefs. It advocates racial, ethnic, and religious separatism, the cessation of forced integration, an end to all types of immigration, “total” welfare reform, and the preservation of

⁸¹ “Enquadramento estratégico do nacionalismo racial na América do Norte e Europa: uma análise de uma rede transnacional em expansão” (Tradução livre).

⁸² “Voz branca” (Tradução livre).

⁸³ “Partido Nacionalista Racial da América” (Tradução livre).

⁸⁴ “Organização da União Europeia e dos Direitos da América” (Tradução livre).

European-American heritage, which Duke claims is under attack⁸⁵ (WRIGHT, 2009, p. 198).

Em um relatório produzido em 2009, pelo *Department of Homeland Security*⁸⁶ (DHS) dos Estados Unidos, denominado *Rightwing Extremism: Current Economic and Political Climate Fueling Resurgence in Radicalization and Recruitment*⁸⁷, as autoridades norte-americanas reforçariam os argumentos de Wright (2009), ao exporem que entre as conversas e conteúdos compartilhados na rede *web*, por grupos similares, situados no país ianque, os movimentos de extrema direita contemporâneos estariam encontrando um clima propício para a propagação de seus valores de ruptura com o *establishment* e as instituições representantes. Segundo o relatório do governo estadunidense, o receio de parcelas maiores da população com as crises econômicas correntes e a inabilidade de suas autoridades políticas no país estariam servindo de terreno fértil à incorporação de narrativas extremistas que canalizariam essa insatisfação social para determinados alvos e identificariam nas políticas imigratórias e ditas multiculturalistas, como formas de favorecimento de determinadas minorias raciais, ou preferências sexuais e a origem para suas crises sociais.

Conforme o discurso de membros desses grupos extremistas, a população branca e nascida no país estaria sofrendo violação de suas liberdades civis, a partir das ações de seu próprio governo. Para eles, as investidas de criação de políticas de controle de armas, ou a imposição de barreiras para o simples exercício de sua liberdade de expressão seriam parte dessas ações contrárias à população local. Ainda conforme o documento, em resposta à percepção da restrição de seus direitos, muitos membros de grupos extremistas estariam estocando um número significativamente maior de armas e munições, para a ocasião de conflitos futuros, de ordem étnico e social.

Historically, domestic rightwing extremists have feared, predicted, and anticipated a cataclysmic economic collapse in the United States. Prominent antigovernment conspiracy theorists have incorporated aspects of an impending economic collapse to intensify fear and paranoia among like-minded individuals and to attract recruits during times of economic uncertainty. Conspiracy theories involving declarations of martial law, impending civil strife or racial conflict, suspension of the U.S. Constitution, and the creation of citizen detention camps often incorporate aspects of a failed economy. Antigovernment conspiracy theories and “end times”

⁸⁵ “O site da Duke fornece um resumo das crenças do EURO. Ele defende o separatismo racial, étnico e religioso, a cessação da integração forçada, o fim de todos os tipos de imigração, a reforma ‘total’ do bem-estar social e a preservação da herança europeia-americana, que segundo Duke, está sob ataque” (Tradução livre).

⁸⁶ “Departamento de Segurança Interna” (Tradução livre).

⁸⁷ “Extremismo de direita: atual clima econômico e político que alimenta o ressurgimento na radicalização e no recrutamento” (Tradução livre).

prophecies could motivate extremist individuals and groups to stockpile food, ammunition, and weapons⁸⁸ (U.S. DEPARTMENT OF HOMELAND SECURITY, 2009, p. 4).

Em sua obra *Healing from Hate: How Young men get into – and out of – violent 88orrelacio*⁸⁹, Kimmel (2018) apontaria os efeitos da expansão de parte desses valores reciclados de movimentos antiliberais, antimulticulturais e de defesa à civilização europeia para além-mar. O sociólogo, por meio de dados empíricos, demonstrou que parte das reivindicações e manifestações dos movimentos de valores similares passaram a ganhar apoio de parcelas representativas de suas comunidades, na última década, por trazerem para a esfera pública angústias e anseios até então ignorados pelas mídias e partidos *mainstream*. Para ele, mais que forma de protestos, tais arranjos sociais, antes marginalizados, estariam estabelecendo uma relação afetiva intensa entre seus membros e tornando a criação de espaços de interação próprios, com regras e valores emergentes. Para o pesquisador norte-americano, tais movimentos conectariam um sentimento comum, de que existe um mundo hostil a ser restaurado, cujo protagonismo poderia ser assumido por eles mesmos.

Em suma, seria ao relacionar fenômenos sociais como as políticas migratórias, multiculturalistas e progressistas da ordem civil, ou mesmo identificar o desenvolvimento daquelas políticas a um tipo de manipulação conspiratória, teoricamente exercido por determinadas minorias, por exemplo, os grupos da extrema direita estariam conseguindo apontar determinados alvos como os prováveis responsáveis pelos problemas vividos pela população em geral. E como reação a esse panorama visualizado por tais atores, esses sujeitos estariam desenvolvendo estratégias eficientes de atração de novos membros para seus coletivos e ampliando seus espaços de discussão, ainda que seus novos públicos não estejam devidamente alinhados com os valores extremistas, como o antissemitismo. Seria como parte desse processo de popularização de tais discursos que os autores acima denunciariam o nascimento de novos movimentos que incorporaram e atualizaram o discurso da extrema direita tradicional, na última década, muitos deles autodenominados de *alt-right*.

⁸⁸ “Historicamente, os extremistas de direita domésticos temeram, previram e anteciparam um colapso econômico cataclísmico nos Estados Unidos. Teóricos proeminentes da conspiração antigoverno incorporaram aspectos de um iminente colapso econômico para intensificar o medo e a paranoia entre indivíduos com ideias afins e para atrair recrutas em tempos de incerteza econômica. Teorias de conspiração envolvendo declarações de lei marcial, conflito civil iminente ou conflito racial, suspensão da Constituição dos Estados Unidos e a criação de campos de detenção de cidadãos muitas vezes incorporam aspectos de uma economia falida. Teorias de conspiração antigovernamentais e profecias do ‘fim dos tempos’ poderiam motivar indivíduos e grupos extremistas a estocar comida, munição e armas” (Tradução livre).

⁸⁹ Cura do ódio: como os jovens entram e saem do extremismo violento (Tradução livre).

Tentando resumir as ideias do movimento internacional, denominado *alt-right* e sua atuação nas duas últimas décadas, poderíamos inicialmente pontuar um trabalho de Jacob Davey e Julia Ebner. Em *The fringe insurgency: Connectivity, Convergence and Mainstreaming of the Extreme Right*⁹⁰ (2017), eles mapearam um ecossistema que considerariam propício ao nascimento de uma nova extrema direita, tanto na Europa, quanto nos Estados Unidos. Ali, os pesquisadores ressaltariam que apesar de tradicionalmente apresentar-se fragmentada, sem lideranças centrais e multidimensionalizados, a atuação dos grupos analisados por eles é marcada por um “pragmatismo oportunista” de movimentos que estariam utilizando-se de estratégias, como o uso das redes sociais e plataformas on-line, para o recrutamento de membros e compartilhamento de “ideologias aparentemente contraditórias”. Segundo os autores, esses grupos atuariam de forma conectada e com propósitos comuns, em prol da queda da ordem política e dos *establishments* sociais hegemônicos, em seus respectivos países; além de manterem posicionamentos que se entrecruzariam, como a luta pelo fim de políticas de estímulo à imigração e pela remoção de leis de discursos de ódio.

Por um lado, aqueles grupos herdariam bandeiras tradicionais da extrema direita⁹¹, posições antissemitas, antidemocráticas, fascistas, homofóbicas, etnonacionalistas, autoritárias e anti-imigrantes. Por outro, como pautas mais recentes, Davey & Ebner (2017) pontuariam que os seus discursos apresentavam diferenças pontuais com a velha escola da extrema direita, como a expansão do tradicional ódio aos judeus para qualquer refugiado de tradição não cristã e a criação de discursos comuns, incentivando a agressão contra quaisquer tipos de manifestações étnico-culturais que não pertençam à tradição europeia.

Aqueles grupos também manteriam, entre suas linhas gerais, o antiesquerdismo e a oposição ao “marxismo cultural”; difundiriam teorias da conspiração, relativas à crise dos migrantes; praticariam diversas formas de misoginia e buscariam formas de preservação de suas culturas nacionais, ou de valorização de uma etnia branca europeia, alertando seus pares, como também toda a comunidade sobre os perigos que o incentivo da imigração de populações não ocidentais representariam aos seus valores ocidentais. Especificamente entre os discursos dos grupos denominados *alt-right* estariam expressos sentimentos de medo, frustração ou raiva, em

⁹⁰ “A insurgência marginal: conectividade, convergência e integração da extrema direita” (Tradução livre).

⁹¹ Miller-Idriss (2017, p. 17 e 18) colocaria sob essa definição os partidos populistas e da Euroskeptica; partes dos Cristãos Americanos de direita; o movimento do *Tea Party*, grupos patrióticos, coletivos como o Ku Klux Klan (KKK) e grupos Neo-nazi, na América do Norte, além de lobos-solitários.

relação aos imigrantes e refugiados, principalmente ao número crescente da população muçulmana em seus países, independente da nacionalidade.

Não é incomum que os imigrantes sejam acusados de roubarem os empregos da população local, de abusarem do modelo de bem-estar social, ofertado pelos governos dos países ocidentais, geralmente, relacionando a população de origem estrangeira à realização de ataques terroristas. Uma das metáforas utilizadas por alguns grupos é de que os imigrantes estariam “inundando” seus países com as culturas alheias. Além disso, haveria entre os grupos do *alt-right* reclamações mais particulares a determinados grupos, como preocupações com as transformações na esfera civil, com o estabelecimento de políticas que permitam o casamento entre pessoas de mesmo sexo; a preocupação com questões morais, como o aumento do número crescente de famílias com pais solteiros, ou com a atenção dada pelas autoridades políticas e instituições dos governos à questão da identidade transgênero, o que para muitos seria parte de um processo de deslocamento da população heterossexual para as margens da sociedade, política que, segundo os membros desses grupos, estaria levando ao genocídio da população branca.

4.2 Direita Alternativa Internacional

Para Davey & Ebner (2017), há certo oportunismo nas práticas de disseminação dos valores e bandeiras ideológicas desses coletivos, que pode ser percebido pelo modo estratégico de cooperação apresentado entre grupos com linhas ideologicamente diferentes, numa tentativa de aproximação e superação de suas divergências de pensamento, e geográficas, com a intenção de ampliar o alcance de suas atividades e atingir novas audiências, inclusive àquelas pessoas de hábitos mais convencionais e distantes das margens extremistas, os denominados *normies* (pessoas comuns que consomem as mídias *mainstream*). Os membros dos novos grupos extremistas buscariam rejeitar as pautas que causassem maior desconforto entre eles e alinhariam seus discursos e estratégias de disseminação e compartilhamento.

Abaixo, segue parte das conclusões da pesquisa de Davey & Ebner (2017, p. 27), após a análise de 50 plataformas utilizadas pelos movimentos.

Ideological hallmarks traditionally associated with the extreme right such as anti-Semitism, racialism and white supremacy were only present among half of the 50 examined groups' officially communicated ideologies. Overt anti-Semitic rhetoric was observed in 26 groups, and racist and racialist elements were found in 25 movements. As open support for these ideological markers tends to come at a high social cost in most Western democracies, groups with views which are overwhelmingly perceived as unpalatable and extremist may

be actively seeking to leverage more commonly held grievances to increase their appeal. Their emphasis on anti-Muslim and anti-immigration rhetoric has allowed them to fill the vacuum between traditional white supremacist movements and mainstream political parties⁹².

Em *The Extreme Gone Mainstream: Commercialization and Far Right Youth Culture in Germany*⁹³, Cynthia Miller-Idriss (2017, p. 134 e 135) lembraria que o alinhamento global de grande parte desses grupos se daria a partir de um posicionamento e formação de uma narrativa comum de exaltação da cultura ocidental, com a definição de objetivos por vezes denominados de pan-arianos.

The U.S.-based right-wing extremist *web* forum Stormfront is peppered with discussions about support for WN (White Nationalist) companies, suggesting that white supremacist and right-wing extremists express solidarity and support for each others' movements and efforts across national borders and boundaries. Racist theories, antigovernment rhetoric, and extremist ideologies circulate globally as individuals post on chat rooms from varied national contexts, although the common language is typically English. Social media and Internet-based communication platforms thus facilitate and help align like-minded extremists across the globe⁹⁴.

Em sintonia com os pesquisadores acima, no artigo denominado *The extreme right in Quebec? The Facebook pages in favor of the "Quebec Charter of Values"*⁹⁵, Nadeau & Helly (2016) colocariam sob o guarda-chuva de uma denominada Direita Alternativa Internacional uma série de movimentos pagãos eurasiáticos, formado por intelectuais etnonacionalistas europeus e/ou supremacistas brancos norte-americanos, que, em comum, levantariam bandeiras como o anticomunismo, o antiparlamentarismo, o antimulticulturalismo, o militarismo e o

⁹² “Marcas ideológicas tradicionalmente associadas à extrema direita, como antissemitismo, racismo e supremacia branca estavam presentes apenas entre metade das ideologias oficialmente comunicadas dos 50 grupos examinados. A retórica antissemita foi observada em 26 grupos, e elementos racistas e racialistas foram encontrados em 25 movimentos. Como o apoio aberto a esses marcadores ideológicos tende a ter um alto custo social na maioria das democracias ocidentais, grupos com visões que são esmagadoramente percebidas como intragáveis e extremistas podem estar ativamente buscando alavancar ressentimentos mais comuns para aumentar seu apelo. Sua ênfase na retórica antimuçulmana e anti-imigração permitiu-lhes preencher o vácuo entre os movimentos tradicionais de supremacia branca e os partidos políticos tradicionais.

⁹³ O Extremo vira *Mainstream*: comercialização e cultura juvenil de extrema direita na Alemanha (Tradução livre).

⁹⁴ “O fórum extremista de direita norte-americano Stormfront está repleto de discussões sobre o apoio a empresas WN (nacionalistas brancos), sugerindo que extremistas de direita e supremacistas brancos expressem solidariedade e apoio aos movimentos e esforços de cada um, através das fronteiras e limites nacionais. Teorias racistas, retórica antigovernamental e ideologias extremistas circulam globalmente, à medida que os indivíduos postam em salas de bate-papo de contextos nacionais variados, embora a linguagem comum seja tipicamente inglesa. A mídia social e as plataformas de comunicação, baseadas na Internet, facilitam e ajudam a alinhar os extremistas com a mesma mentalidade em todo o mundo” (Tradução livre).

⁹⁵ “Extrema direita em Quebec? As páginas do Facebook a favor da ‘Carta de Valores de Quebec’” (Tradução livre).

nacionalismo. Em um primeiro momento, esses autores comentam que o que diferenciaria os grupos taxados pela Direita Internacional das representações da direita convencional é que ao contrário destes últimos, que possuem crenças e estratégias reformistas. Os primeiros não acreditariam em mudanças, a partir das instâncias legais: suas iniciativas iriam no sentido da ruptura dos princípios da democracia liberal moderna; eles seriam descrentes da melhoria das instituições, por meio dos trâmites existentes.

Em um momento posterior, os autores não deixam de perceber que no *alt-right* há elementos que os assemelhariam à lógica de atuação desses movimentos com os grupos anárquicos, seja no ceticismo ao *modus operandi* do Estado, seja na defesa da derrubada de seu *status quo*. Angela Nagle (2017) também enxergou que esse teor contestatório e interativo, anticonformista, e de forma irreverente de atuação dos membros dos movimentos autodenominados *alt-right*, possui características que os distanciariam da velha direita e os fariam ficar mais parecidos com os movimentos contraculturais da década de 1960, geralmente localizados no espectro da esquerda. Em sua obra, *Kill all normies, online culture wars from 4chan and Tumblr to Trump and the alt-right*⁹⁶, a autora argumentaria que apesar de reatualizarem os discursos antissemitas, ou misóginos, suas práticas de contestação, a falta de lideranças e seu discurso libertário os deixariam mais próximos às dinâmicas do anarquismo do que qualquer tradição conservadora e representação política de direita.

It's ability to assume the aesthetics of counterculture, transgression and nonconformity tell us things about the nature of its appeal and about the liberal establishment it defines itself against. It has more in common with the 1968 left's slogan "It's forbidden to forbid!" than it does with anything most recognize as part of traditionalist party⁹⁷ (NAGLE, 2017, p. 33 e 34).

Os teóricos acima defenderiam que foi a partir do próprio desenvolvimento das bandeiras progressistas, com os ganhos civis das minorias e sua ocupação dos espaços de poder nos países ocidentais, que se desencadeou um pensamento – ainda que inspirado em valores conservadores – de oposição e descrença a toda uma série de instituições e valores hegemônicos. Para Wright (2009), o *alt-right* trata-se de um redirecionamento valorativo tomado por vários desses coletivos, marcado pela reciprocidade e o reforço de bandeiras

⁹⁶ “Mate todas as normas, guerras culturais on-line de 4chan e Tumblr a Trump e a direita alternativa” (Tradução livre).

⁹⁷ “A capacidade de assumir a estética da contracultura, da transgressão e da não-conformidade nos diz coisas sobre a natureza do seu apelo e sobre o estabelecimento liberal contra o qual ele se define. Tem mais em comum com o *slogan* da esquerda de 1968, ‘Proibido proibir!’, do que com qualquer coisa que a maioria reconheça como parte do partido tradicionalista” (Tradução livre).

comuns, entre centenas de grupos, espalhados por pelos menos dois continentes, América e Europa. Apesar de novo, esse movimento carregaria bandeiras e justificativas já presentes na tradicional extrema direita, porém reatualizadas com os contextos político-sociais contemporâneos.

Conforme o pesquisador, as novas ondas de imigração, as forças de globalização, o crescimento da representatividade das minorias nos países europeus e norte-americanos, os ciclos de crises econômicas e sua repercussão no aumento do desemprego, nos países desenvolvidos, além do ressentimento nativista, diante desse panorama social desfavorável, esse conjunto de fenômenos sociais daria margens para o fortalecimento de uma nova direita transnacional e internacionalmente articulada. Assim, a crise da legitimidade política de seus países, as crises econômicas e sociais serviriam de trampolim para que aqueles grupos sociais contingentes pudessem incorporar os argumentos tradicionalmente considerados extremistas à pauta midiática e a veículos mais amplos e influentes de comunicação, reposicionando, assim, suas justificativas, criando uma nova imagem, fazendo alianças e mobilizando redes emergentes de atores sociais, que seriam responsáveis por um novo realinhamento das práticas e pautas políticas, a nível internacional.

Aqueles movimentos dariam margem à formação de novos centros de poder, agora ocupados por grupos e/ou indivíduos, cujos valores ameaçariam o rompimento com as instituições e os centros de poder hegemônico, tanto na Europa – marcada pelo duopólio entre a centro-direita e a centro-esquerda – como também nos Estados Unidos, com o repúdio às bandeiras mais tradicionais dos partidos conservadores.

Cloaking deep-seated racist and anti-Semitic beliefs, racial-nationalists constructed narratives that dovetailed with wider public concerns about border/national security and immigration reform and successfully expanded their base. By constructing a common frame involving out of a so-called “Third Position” philosophy and advocating white-European privilege and heritage, racial-nationalists effectively formulated a troubling but potent but potent transnational message⁹⁸ (WRIGHT, 2009, p. 190).

O *Third Position*, por exemplo, é utilizado para denominar um posicionamento comum, tomado por movimentos e partidos de diferentes países do ocidente europeu, como alternativa à tradicional divisão política entre capitalistas e comunistas, e que advogariam em defesa da

⁹⁸ “Cobrindo crenças racistas e antisemitas arraigadas, os nacionalistas raciais construíram narrativas que se articulavam com preocupações públicas mais amplas sobre segurança de fronteiras/nacional e reforma da imigração e expandiram com sucesso sua base. Construindo um quadro comum, envolvendo a chamada filosofia da ‘Terceira Posição’ e defendendo o privilégio e a herança da Europa branca, os nacionalistas raciais formularam efetivamente uma mensagem transnacional problemática, mas potente” (Tradução livre).

preservação de valores nacionais monoculturais, baseados em argumentos de uma superioridade da cultura etnoeuropeia. Nomes como os Le Pen, na França, Tom Metzger, William Peirce, Nick Griffin e Jared Taylor e David Duke, nos Estados Unidos, ficariam conhecidos entre as maiores parcelas da população pelas suas atuações, seja politicamente, ou midiaticamente, no reforço desse posicionamento de superioridade racial etnoeuropeia, dando maior amplitude às discussões geralmente classificadas de extremistas.

Far-right actors and organizations have thrived by seizing political opportunities and attribute threats in the face of shifting social conditions, forging alliances with other entities and networks to reconstitute ideology, strategy and image. These efforts have spawned numerous populist and reactionary forces, including virulent anti-communist organizations, segregationist parties and citizen councils, anti-tax organizations, farm protest groups, the gun rights network, militia and Patriot-groups, and most recently, anti-immigration groups. (...) As such, far-right movement entrepreneurs have become skilled opportunists at fitting each new social crisis into a explanatory schema and constructing what social movement scholars call a “diagnostic” frame – assigning blame for a problematic event or condition, designating “culpable agents”, and imputing characteristics and motives for those who are seen as having caused or compounded the problem. These explanations inevitably advance the notion of “conspiracy” as a central motif in the construction of the putative crisis⁹⁹ (WRIGHT, 2009, p. 194)

Em acordo com os argumentos das pesquisas citadas acima, os resultados das investigações realizadas por Patrik Hermansson (2017), para a organização britânica de combate às políticas de ódio, *Hope Not Hate*, após sua imersão e observação participante entre grupos e manifestações de extrema direita, na Europa e nos Estados Unidos, o pesquisador iria apontar que aqueles agentes que integrariam a esfera da Direita Alternativa Internacional apresentariam em comum o incômodo ao possível consenso “liberal-esquerdista” que os governos ocidentais teriam tomado na última metade do século XX e nas duas décadas do XXI. O autor também apontaria a convergência das ações destes movimentos em uma série de bandeiras que sustentariam a defesa dos valores ocidentais, a repulsa ao multiculturalismo e a

⁹⁹ “Atores e organizações de extrema direita prosperaram aproveitando oportunidades políticas e atribuindo ameaças diante da mudança das condições sociais, forjando alianças com outras entidades e redes para reconstituir ideologia, estratégia e imagem. Esses esforços geraram inúmeras forças populistas e reacionárias, incluindo organizações anticomunistas virulentas, partidos segregacionistas e conselhos de cidadãos, organizações antitributaristas, grupos protestantes formados por fazendeiros, a rede de direitos de armas, milícias e grupos patriotas e mais recentemente, grupos anti-imigração. (...) Como tal, os empreendedores do movimento de extrema direita tornaram-se oportunistas habilidosos para adequar cada nova crise social a um esquema explicativo e construir o que os estudiosos do movimento social chamam de quadro ‘diagnóstico’ – atribuindo a culpa a um evento ou condição problemática, designando ‘agentes culpados’, e imputando características e motivos para aqueles que são vistos como tendo causado ou agravado o problema. Essas explicações inevitavelmente avançam a noção de ‘conspiração’ como um motivo central na construção da suposta crise” (Tradução livre).

culpabilização dos movimentos progressistas, e especificamente do feminismo, que, na visão de *alt-right*, seria responsável pelo fracasso de suas culturas e valores tradicionais.

Nesta pesquisa, também foi colocado que, apesar dos grupos atuarem principalmente entre a Europa e a América do Norte, eles não necessariamente mantêm uma coordenação de suas ações, por isso, ao tempo em que compartilham de valores comuns, apresentar-se-iam flexíveis, sem instituições rígidas e, por isso, sem regras preestabelecidas. Independente de que lado do Atlântico, tais movimentos foram classificados pela reportagem de Hermansson (2017) a partir de três segmentos: Nova Direita e Identitário Europeu; a Direita Alternativa Americana e Comunidades Antagonistas On-line. O autor defende que sua classificação não seria rígida o bastante a ponto de definir que a participação em uma das ordens impeça determinado coletivo de compartilhar práticas e esquemas de pensamento presentes em outra ordem, mas, apesar de possuírem histórias e estruturas independentes, os participantes das três categorias citadas acima se interagiriam e/ou se sobrepujariam-se como parte de um só emaranhado do movimento, de Direita Alternativa Internacional.

O autor explica que a Nova Direita Europeia estaria preocupada com a manutenção de uma identidade mítica da cultura de seu continente e rejeitaria os ideais do Iluminismo, além de manter oposição às ideologias “materialistas” e modernas e ao desenvolvimento da tecnoburocracia, seja o modelo liberalista, ou socialista. Esse movimento teve como um de seus marcos a expansão do grupo francês anti-imigração, *Génération Identitaire*, em 2003, e a partir de então suas ideias de preservação de valores tradicionais e especificamente das identidades nacionais distintas ganharam adesão em países não só da Europa, como no Canadá e nos Estados Unidos. Para os componentes que formam o grupo, a globalização, a intensificação da imigração, e especialmente do multiculturalismo significariam a homogeneização e a morte de suas culturas identitárias nacionais.

Já a Direita Alternativa Americana aglutinaria uma série de tradições radicais de direita e extrema direita, como neonazistas e supremacistas brancos, herdando inclusive uma herança do extremismo exibido entre seus maiores símbolos, como as diversas fases do Ku Klux Klan. No entanto, não poderíamos resumir essa tradição a um único movimento. Segundo o Southern Poverty Law Center, em relatório já lembrado aqui, realizado pelo *Department of Homeland Security*, em 2009, naquele ano, os Estados Unidos contavam com ao menos 917 grupos, que variavam entre o neonazismo e práticas de cultos realizados por jovens conservadores, ou supremacistas brancos – sendo que muitas vezes essas linhas se cruzavam. Dados atualizados por Kimmel (2017, p. 323), indicavam que esse número de grupos nativistas teria crescido em 50% na década posterior ao ano de 2008 nos Estados Unidos, indicando que provavelmente

meio milhão de pessoas acessavam com regularidade suas páginas on-line, naquele país. Segundo o autor, os interessados nas páginas extremistas são em sua maior parte do sexo masculino, homens enraivados com a falta de oportunidades, com direitos frustrados e dispostos a culpabilizar as minorias raciais, as mulheres, as corporações, ou os próprios governos pela perda de espaços e de garantias sociais.

Para elaborarem seus argumentos, esses indivíduos contam com teorias diversas, que vão de elementos marginais do cristianismo evangélico, do antissemitismo, do racismo tradicional e do cultivo de uma visão nostálgica de masculinidade que toma o homem branco norte-americano como um guerreiro, que deve assumir suas responsabilidades diante da nação e da família.

They love America – but they hate its government. They believe that the government has become so un-American that it has joined in global institutions that undermine and threaten the American Way of life. Many fuse critiques of international organizations such as United Nations with protectionism and neoisolationism, arguing that all internationalisms are part of a larger Zionist conspiracy¹⁰⁰ (KIMMEL, 2017, p. 343).

O pesquisador norte-americano explica que na contemporaneidade o tradicional ódio aos judeus é recuperado por teorias conspiratórias desenvolvidas por alguns de seus ideólogos que enxergam os representantes da cultura judaica como reais mentores de outros grupos sociais minoritários, que são responsáveis pela desapropriação dos direitos dos homens americanos. Para eles, os judeus atuariam cooptando negros, mulheres e gays a cumprir suas ordens, com a intenção de destruição dos valores ocidentais. Tais teorias e justificações morais convergiram e ganharam novas formas de ação e difusão com as plataformas on-line, sendo incorporadas a grupos maiores e esferas públicas de dimensões internacionais, extrapolando as fronteiras mitiáticas norte-americanas.

Na obra de Vegas Tenold (2018), *Everything you love will burn. Inside the Rebirth of White Nationalism in America*¹⁰¹, também fruto de uma imersão etnográfica entre dezenas de movimentos da extrema direita¹⁰², em um período de seis anos, o autor irá enumerar e contar a

¹⁰⁰ “Eles amam a América – mas odeiam seu governo. Eles acreditam que o governo se tornou tão global que mina o modo de vida americano. Muitas fundem críticas a organizações internacionais como as Nações Unidas com protecionismo e neoisolacionismo, argumentam que todos os internacionalismos fazem parte de uma conspiração sionista mais ampla” (Tradução livre).

¹⁰¹ Tudo que você ama vai queimar. Por dentro do renascimento do nacionalismo branco na América (Tradução livre).

¹⁰² Ao longo de sua obra, são citadas como parte do ambiente de extrema direita e *alt-right* dezenas de movimentos e grupos dispersos, entre eles estão: *Blood e Honor America*; *White Student Union (WSU)*; *10 Milers*; *Youth for Western Civilization (YWC)*; *White Student Union (WSU)*; *Ku Klux Klan*; *United Klans of America (UKA)*; *Rebel White Knights*; *Confederate White Knights*; *Virgil Griffin White Knights*; *Loyal White*

experiência da influência recíproca exercida entre os grupos estudados, tanto ideologicamente, quanto em suas práticas. Alguns dos movimentos abordados por Tenold (2018) ficariam restritos à região sul do país; outros iriam atravessar, ou interagir com o continente europeu. Mas, o que o autor identificaria em todos eles é que haveria uma ideia compartilhada dos laços culturais, baseada principalmente na cor branca e na cultura ocidental, em que culturas nacionais diferentes, como a alemã, a islandesa, a norueguesa, ou a união delas, numa miscelânea de identidade nórdica que abrangeria os Estados Unidos e o Canadá, são percebidas sob um ponto de vista homogêneo. Segundo o pesquisador, uma parcela da sociedade norte-americana nutre o sentimento de que está sendo deixada para trás. A realidade apontada por ele é que, apesar de serem brancos e não terem sua cidadania ameaçada, muito daqueles indivíduos assumiam a condição social de subeducados, se sentiam sub-representados e viviam em uma parte do país onde as oportunidades econômicas eram praticamente inexistentes, por isso tais indivíduos clamariam por mudanças que valorizassem suas identidades culturais.

Em muitas das histórias contadas pelos personagens entrevistados por Tenold (2018), era comum lembrarem a grande contribuição que figuras célebres do mundo ocidental e especificamente europeu proporcionaram aos avanços técnico-científicos de toda a civilização humana. Para o pesquisador, a utilização da cor e da tradição ocidental europeia, como elementos de coesão, também serviriam para a diferenciação e construção de uma narrativa que geraria a identificação de “tudo aquilo que não é igual a eles”.

In the eyes of the people I’ve covered in this book, that tends to mean not African American, not Hispanic, not South Asian, not East Asian, not Indigenous, not gay, lesbian, queer, and so on. The list contracts or expands depending on who you talk to. If six years spent with the radical right taught me anything about the underlying reason for white nationalism, it is this “We are not them, and they are not us”¹⁰³ (TENOLD, 2018, p. XIII).

Knights out North Carolina; Aryan Brotherhood; National Socialist Movement; Aryan Nations; National Alliance; National Socialist American Workers Freedom Movement; United Patriot Front; Viking Youth Corps; Nationalist Front; The National Youth Alliance (NYA); Liberty Lobby; National Alliance; Christian Identity (CI); White Aryan Resistance (WAR); Sons of Liberty; Posse Comitatus; The Order; Silent Brotherhood; Aryan Nationalist Alliance (ANA); Aryan Strike, Aryan Terror Brigade; Werewolf 88; Authoritarian Party; Hammerskin Nation; Church of the Creator; Crew 38; Texas Rebel Knights; America First Committee; Imperial Wizard; National Policy Institute (NPI); League of the South (LOS); Identity Evropa; Right Stuff, Dirty White Boys Council of Conservative Citizens; White Lives Matter e American Vanguard. Adentrar na história de cada um deles nos levaria a perder nosso raciocínio argumentativo originário e consequentemente nosso objetivo de pesquisa, por isso, preferimos aqui apenas os enumerar, sem qualquer ordem cronológica.

¹⁰³ “Aos olhos das pessoas que abordei neste livro, isso não significa afro-americano, nem hispânico, nem sul-asiático, nem oriental asiático, nem indígena, nem gay, lésbica, *queer* e assim por diante. A lista contrai-se ou expande-se dependendo de com quem você fala. Se seis anos passados com a direita radical me ensinaram alguma coisa sobre a razão subjacente ao nacionalismo branco, é isto: ‘Nós não somos eles, e eles não somos nós’” (Tradução livre).

Outro elemento que os uniria como guia para seus discursos e práticas seria a difusão das teorias conspiratórias, como a de uma suposta articulação de autoridades e instituições estrangeiras, que estariam trabalhando em conjunto, promovendo o genocídio da população branca e de seus valores ocidentais, como uma suposta organização de uma política migratória, orientada por uma comunidade judaica, comunista, ou mulçumana, sob a liderança do Barack Obama¹⁰⁴. Muitos daqueles personagens lamentaram estarem vendo o fim da “América Branca”, em contraposição ao progresso de outras raças, que estariam ocupando os espaços que lhes seriam de direito. Algumas dessas teorias ainda citariam a ONU como uma organização envolvida em uma ação coletiva, para o extermínio da cultura ocidental, ou mesmo que a instituição seria dominada por governos islâmicos radicais, que estariam esperando a oportunidade certa para dar o bote nos Estados Unidos. Abaixo, o testemunho de Richard Preston, um dos entrevistados durante o processo etnográfico do autor, ilustra esse tipo de narrativa.

‘We have a mongrel in the White House! We have a Muslim in the White House! Muslims believe that if you kill a infidel, you get seventy-two virgins. What do you get if you kill an entire nation? Why do you think ISIS hasn’t invaded us already? First because we already own ISIS, but second and more importantly, we have guns! But that might not last. The UN has been training on our soil for two years, and why do you think that is? They are going to take our country away from us!’

(...) ‘When they come for our guns, they won’t get them!’ (...) ‘Our guns are what have kept us safe. Once Obama has our guns he will let ISIS loose, and they will kill Christian Americans! We will fight hard! We will fight well!’¹⁰⁵, (TENOLD, 2018, p. 141).

Ainda há outras narrativas compartilhadas por esses grupos que explicariam a disseminação das drogas ilícitas em seus países como uma tática utilizada pelas “culturas inimigas”, com o intuito de corromperem sua juventude. Outras teorias vêm de longa data,

¹⁰⁴Em muitas dessas teorias, o presidente Barack Obama era visto como um mulçumano infiltrado no governo norte-americano, disposto a criar políticas que enfraqueçam as resistências da população nativa e de transformação do país em direção aos valores do Oriente Médio. Para diversos membros dos movimentos citados na obra, a discussão do desarmamento seria um dessas formas de desarticular os cidadãos norte-americanos de lutar pelos seus direitos.

¹⁰⁵ “Nós temos um mestiço na Casa Branca! Nós temos um muçulmano na Casa Branca! Os muçulmanos acreditam que, se você matar um infiel, você ganha setenta e duas virgens. O que você ganha se você matar uma nação inteira? Por que você acha que o Isis ainda não nos invadiu? Primeiro porque nós já somos donos do Isis, mas segundo e mais importante, nós temos armas! Mas isso pode não durar. A ONU tem treinado em nosso solo há dois anos e por que você acha que é? Eles vão levar nosso país para longe de nós!” (Tradução livre).

(...) “Quando eles vierem buscar nossas armas, eles não vão pegá-las!” (...) “Nossas armas são o que nos mantêm seguros. Uma vez que Obama tenha nossas armas, ele deixará o Isis solto, e eles matarão cristãos americanos! Nós vamos lutar muito! Vamos lutar bem!” (Tradução livre).

como algumas que denunciam o controle da imprensa e do governo pelos judeus, além da existência de táticas desse povo para a miscigenação da população americana, ajudando-a a se “corromper” com a disseminação de maus hábitos, como a reprodução de pornografia e entretenimento adverso aos valores da família cristã, ou mesmo patrocinando governos, com o objetivo de pôr fim à cultura ocidental, como eles o conhecem hoje. Conforme estas narrativas, ao tempo em que as populações negras, latinas, LGBTQIs e outras minorias estariam ganhando espaços em seu país, isto estaria sendo realizado à custa da população branca. Trata-se de uma visão em que os ganhos sociais são visualizados como um jogo de soma zero, em que alguém precisa perder para que os outros vençam. Dessa forma, a população branca estaria sendo deixada para trás.

Nos Estados Unidos, Tenold (2018) identificaria nomes como William Luther Pierce e George Lincoln Rockwell entre os principais pensadores envolvidos com a construção e a influência de teorias conspiratórias, como as citadas acima. O primeiro, por exemplo, em *The Radicalization of bem American*¹⁰⁶, argumentaria que seriam nas lutas pelos direitos civis, em que as comunidades negras norte-americanas foram beneficiadas com acesso aos locais e esferas sociais antes reservados à população branca, uns dos momentos em que se realizaria a atuação, ainda que às sombras, dos grupos judeus, atuando em prol da marginalização da cultura cristã ocidental. Rockwell, por exemplo, aponta que os ganhos sociais obtidos pelas parcelas marginalizadas da população estariam levando à queda da sociedade branca e de seu país. Mais tarde, em seu romance *The Turner Diaries*¹⁰⁷, Pierce descreveria um mundo-pesadelo em que mulheres brancas são estrupadas por gangues de bandidos negros, além de identificar entre membros da “raça branca”, verdadeiros guerreiros e instrumento de Deus para pôr ordem a civilização humana.

Nesta última obra, os leitores, assim como o protagonista da ficção, poderiam identificar as razões para justificar a existência do supremacismo branco e desenvolver estratégias para suas ações de resistência e combate a esse processo de violência e extermínio direcionados à população branca. Outro nome lembrado pelos personagens de Tenold (2018, p. 123 e 124), é o autor de *Which way western man*¹⁰⁸, de William Gayle Simpson, que iria lamentar a emasculação da raça branca e a vergonha pelo qual a atual geração estaria passando e deixando como herança para as próximas gerações de norte-americanos um posicionamento de covardia,

¹⁰⁶ “A radicalização de um americano” (Tradução livre).

¹⁰⁷ “Diários de Turner” (Tradução livre).

¹⁰⁸ “Qual caminho do homem ocidental” (Tradução livre)

em seu modo de atuação, o que refletiria na diminuição da força exercida pela população branca ocidental, quando comparada ao poder exercido pelos seus ancestrais europeus. A reprodução das palavras de um dos líderes do *Traditionalist Workers Party*¹⁰⁹, Matthew Heimbach, são ilustradoras dessa mentalidade receosa de que haveria um sistema, tal qual a ficção *The Matrix* (1999), que estaria determinada a eliminar a população branca do planeta.

‘I don’t know how anyone can look at what’s going on and not see that is clear and orchestrated war on whites’, Matthew said. ‘Take immigration for one thing: Who are the Democrats’ core voters? Because it sure as hell isn’t the white working class anymore. It’s the black and the brown people. Of course the Democrats want to flood the country with immigrants – because it will ensure that they stay in power forever. Meanwhile we have no jobs, we have no education, and our communities are flooded with heroin and OxyContin. We are dying, and nobody gives a shit because the people in power wither don’t need us or actively hate us’¹¹⁰ (TENOLD, 2018, p. 4).

Assim como outros entrevistados por Tenold (2018, p. 276), Matthew nos traz uma visão de choque entre civilizações, em que a globalização e o liberalismo estariam os levando as suas sepulturas. Em diversos momentos, relatos produzidos por aquele personagem deixaria claro que o movimento dessa nova direita não buscava reformas, ou um tipo de revolução americana, “pois a própria América os teria deixado para trás”. Sua preocupação seria por uma mudança, ou revolução com ganhos restritamente ligados à raça branca, que estaria sofrendo uma verdadeira lavagem cerebral, com a difusão dos valores liberais e noções de políticas inclusivas, que, para ele, poriam em risco a própria diversidade humana. Numa entrevista para a própria *Vice*, o autor diria que muitos dos membros participantes desses coletivos se enxergariam como guerreiros, lutando pela defesa de seus valores, de seu povo.

People want to feel that they’re part of something bigger. The world is a confusing place these days. There are a lot of reasons for unemployment, for the lack of social mobility. There are a lot of big, big issues we are dealing with that are many-faceted. And so if someone comes in and says, “Well, no, it’s because of the Jews and the Mexicans”, that’s a very alluring, tempting solution to buy into. It’s also a higher purpose. If you believe that your race

¹⁰⁹ Partido dos Trabalhadores Tradicionalistas (Tradução livre).

¹¹⁰ “‘Eu não sei como alguém pode ver o que está acontecendo e não ver que é clara e orquestrada a guerra contra os brancos’”, disse Matthew. ‘Considerem a imigração por uma coisa: quem são os principais eleitores dos democratas? Porque com certeza não é mais a classe trabalhadora branca. São as pessoas negras e marrons. É claro que os democratas querem inundar o país com imigrantes – porque isso garantirá que eles permaneçam no poder para sempre. Enquanto isso, não temos empregos, não temos educação e nossas comunidades são inundadas com heroína e OxyContin. Nós estamos morrendo, e ninguém dá a mínima, porque as pessoas no poder não precisam de nós, ou nos odeiam ativamente’” (Tradução livre).

and you are persecuted, then all of the sudden you're not just some hapless guy without a job, you're a warrior¹¹¹ (CONTI, 2018).

Os entrevistados de Tenold (2018) também defenderiam que aquele tipo de posicionamento não significaria qualquer tipo de racismo, ou de ódio às culturas diferentes, mas sua repulsa aos imigrantes e povos de origem latina, negra e mulçumana, por exemplo, seriam uma resposta de sobrevivência para suas próprias culturas: de valorização e preservação das identidades nacionais. Para eles, seria mais fácil manter um ambiente de não tensionamento entre as diferentes culturas, se cada povo permanecesse nos locais de origem. O próprio Matthew, um de seus personagens, reforçaria esses argumentos, ao ressaltar que o multiculturalismo e a modernidade estariam criando uma sociedade em que ninguém se sentiria em casa, o que estaria ocasionando conflitos constantes entre seus valores e forçando as pessoas a viverem em uma cultura de relativismo moral e de princípios impostos pela agenda liberal.

And when you go home to your families tonight, remember that we are under attack on every front. If the Republicans and Democrat won't represent us, then we have to stand up for ourselves as southerners. The system hate us and everything about us"¹¹² (TENOLD, 2018, p. 46).

Em outro momento, o autor norte-americano lembra a influência de duas obras como *The death of the West*, e mais tarde *Not bem empire*¹¹³, ambas de Pat Buchanan, publicados na primeira década do século XXI, sobre determinados grupos contemporâneos. Em suas narrativas há uma culpabilização da geração dos *Baby boomers*, por deixarem-se levar por uma política, que, ao tempo em que garantiu a igualdade de direitos entre afro-americanos e brancos, proporcionou maior ocupação dos espaços de poder às mulheres e assim à deterioração dos valores norte-americanos tradicionais. "*Buchanan claimed that women's rights not only led to promiscuity and moral collapse but eventually the very demise of the white race*¹¹⁴" (TENOLD, 2018, p. 58). Ao mesmo tempo, esses discursos atualizados não deixariam de ser entendidos

¹¹¹ "As pessoas querem sentir que são parte de algo maior. O mundo é um lugar confuso nos dias de hoje. Há muitas razões para o desemprego, pela falta de mobilidade social. Há muitas questões grandes e com as quais estamos lidando e que são multifacetadas. Então, se alguém chega e diz: 'Bem, não é por causa dos judeus e dos mexicanos', essa é uma solução sedutora e tentadora de se comprar. É também um propósito maior. Se você acredita que sua raça e você são perseguidos, então de repente você não é apenas um cara infeliz sem emprego, você é um guerreiro" (Tradução livre).

¹¹² "E quando você for para suas famílias esta noite, lembre-se de que estamos sob ataque em todas as frentes. Se os republicanos e os democratas não nos representarem, então temos que nos defender como sulistas. O sistema nos odeia e tudo sobre nós" (Tradução livre).

¹¹³ "A morte do Ocidente e Não é um império", respectivamente. (Tradução livre).

¹¹⁴ "Buchanan afirmou que os direitos das mulheres não apenas levaram à promiscuidade e ao colapso moral, mas também ao próprio desaparecimento da raça branca" (Tradução livre).

como uma clara remissão ao Ku Kux Klan, em sua segunda fase, pós 1915, quando o lançamento do filme de Griffith, sensibilizou expressiva parcela da população branca para o reconhecimento da necessidade de defesa da “donzela inocente” e dos valores morais dos Estados Unidos branco. Para o pesquisador, a preocupação com a multiculturalidade, dessa direita alternativa, presente no século XXI, estaria alinhada com o repúdio à miscigenação, o papel tradicional da mulher e a sua nova forma de tratamento, com possíveis “desvios” de comportamento social, discursos já existentes no início do século passado. Ainda que de maneira indireta, por meio de mais de um de seus personagens, Gary Delp, Tenold (2018, p. 149, 150) comenta uma linha de raciocínio que ilustraria essa preocupação dos grupos atuais com o relativismo moral contemporâneo.

In their day the Klan had been all about preserving the place of the white man at the top of the food chain, but these days everything was upside down and nothing was sacred anymore. Interracial dating could get you killed back when they joined the Klan. So could homosexuality, feminism, and every thing else that seemed to be encouraged these days. If everything was natural and right, then nothing was natural and right. (...) Back the there was no racism because, to the minds of those who made the rules, African Americans weren't equal and so the idea of treating them as equals was laughable as giving dogs right to vote. There was no feminism because why would women need rights when it was a job of the man to protect her? The KKK had thrived during a time when they felt it was their duty to uphold these sacred pillars upon which society was built.

When William J. Simmons founded the secondera Klan in 1915 it was clear he saw African Americans not so much as a threat but as a pest that needed to be controlled, writing that the Klan favored ‘keeping the Negro in his place’¹¹⁵.

Em conjunto com Tenold (2018, p. 157), as denúncias de outros pesquisadores aqui comentados são capazes de apontar-nos que parte dessas preocupações manifestas pelo KKK havia sido carregada pela extrema direita, tradicionalmente neonazista, e mantinha-se presente no contexto norte-americano, desde meados do século XX, mas ganharia uma tonalidade mais

¹¹⁵ “Naquela época, o Klan tinha tudo a ver com a preservação do lugar do homem branco no topo da cadeia alimentar, mas hoje em dia tudo estava de cabeça para baixo e nada era mais sagrado. Namoro inter-racial poderia te matar quando eles se juntassem ao Klan. O mesmo poderia acontecer com a homossexualidade, o feminismo e todas as outras coisas que pareciam ser encorajadas nos dias de hoje. Se tudo fosse natural e certo, então nada era natural e certo. (...) De volta, não havia racismo porque, para as mentes daqueles que faziam as regras, os afro-americanos não eram iguais e então a ideia de tratá-los como iguais era risível, como dar direito aos cães de votar. Não havia feminismo porque as mulheres precisariam de direitos, quando era um trabalho do homem protegê-la? O KKK prosperou durante um tempo em que sentiram que era seu dever manter esses pilares sagrados sobre os quais a sociedade foi construída.

“Quando William J. Simmons fundou a segunda Klan em 1915, ficou claro que ele via os afro-americanos não apenas como uma ameaça, mas como uma praga que precisava ser controlada, escrevendo que o Klan preferia ‘manter o negro em seu lugar’” (Tradução livre).

“suave” com a identificação de maiores parcelas da sociedade as suas causas. Ele pontuaria que aqueles grupos estariam criando um novo movimento, com o intuito de colaboração e unificação de diferentes bandeiras nacionalistas e supremacistas dos Estados Unidos, mas que não necessariamente ostentariam símbolos tradicionalmente vinculados ao nazismo, ou a qualquer movimento que os ligasse ao radicalismo, como é o caso do KKK. Como veremos nos próximos capítulos, apesar de parecerem absurdas, teorias como essas passariam a fazer parte das pautas jornalísticas e integrar a agenda midiática europeia e norte-americana *mainstream*, na última década.

Para Tenold (2018), ao não se identificar com alguma doutrina ou contexto histórico específico, aquelas obras serviriam de elo para estimular a adesão a movimentos de ideias similares, gerando o interesse comum entre grupos distintos, como o KKK e os *skinheads*. Na ocasião das eleições presidenciais dos Estados Unidos, Tenold (2018) vivenciaria as tentativas de diferentes grupos em atingir e ganhar a simpatia de públicos maiores. Apesar das frustrações, parte dessa nova direita iria tentar suprimir suas diferenças, com a intenção de produzir princípios de coesão e formar uma aliança que abraçasse o nacionalismo e que, de alguma forma, afastasse bandeiras mais “indigestas” para o público, como a defesa da supremacia branca, as práticas e os insultos raciais comuns, repaginando as iniciativas do velho continente, que iriam exercer influência na produção de uma nova roupagem para a extrema direita nos Estados Unidos. Seria dessa repaginação de seus símbolos e discursos que nasceria uma Direita Alternativa Americana.

4.2.1 Diferenças entre *alt-light* e *alt-right*

Frequentando reuniões de movimentos de extrema direita tanto nos Estados Unidos, quanto na Europa, Hermansson (2017) alegou ter-se habituado com os discursos antisemitas, homofóbicos e sexistas disseminados por sujeitos pertencentes àqueles grupos, no entanto sua reportagem apontaria que nem todos os movimentos investigados por ele estariam de acordo com tais práticas.

Hermansson (2017) pontua que apesar de não possuir formas, nem práticas rígidas e preestabelecidas de atuação, de não possuírem nenhum ideólogo fundador, ou mesmo organização de origem, existiriam ao menos duas tendências para o movimento internacional da direita alternativa: o *alt-right* e o *alt-light*. Se em comum, ambas as linhas rejeitariam a hegemonia democrática liberal/esquerda, manifestando oposição às políticas de defesa e de inclusão de minorias, como os grupos LGBTQIs e das mulheres, no entanto as ênfases como

são construídas as críticas sobre esses temas se diferenciam: de forma sucinta, enquanto os grupos classificados como *alt-right* preocupar-se-iam com as questões raciais, os simpatizantes do *alt-light* teriam como foco os aspectos culturais.

Nascido em 2008 e disseminado por Robert Spencer, nos Estados Unidos, segundo o próprio Spencer, o *alt-right* apresentar-se-ia como espinha dorsal de uma ideologia cuja linha de pensamento teria como ponto central a ideia de que a “identidade branca” estaria sob ataque das elites pró-multiculturais e liberais. Para eles, seus inimigos estariam utilizando a difusão de um discurso “politicamente correto” para minar os direitos dos homens brancos. Eles ainda rejeitariam o mito de igualdade entre raças e gêneros, condenando a inferioridade de minorias como os judeus e os homossexuais. Para Spencer, o movimento da direita alternativa significaria uma reação ao *establishment* conservador da política norte-americana, propondo o fim a suas posições de aceitação às políticas mais progressistas. Nagle (2017, p. 68) ilustraria esse posicionamento contestatório com frases do próprio Spencer: “*The left is the right and the alt-right is the new left*¹¹⁶” e “*We’re the ones thinking the impossible. We’re the ones thinking the unthinkable*¹¹⁷”.

A autora pontuaria que nessa mesma corrente se enfatiza a subordinação das mulheres como elemento fundamental para a restauração do orgulho masculino, e a necessidade de reinserção delas aos valores tradicionais patriarcais. Para esse grupo, a disseminação de valores modernos como o feminismo estaria levando as mulheres a negarem suas potencialidades biológicas de reprodução e de cuidado com as famílias, em troca de uma autonomia ilusória, na vida pessoal ou profissional, já que, segundo eles, as mulheres seriam seres inferiores, física e intelectualmente e, por isso, elas seriam dependentes dos homens.

Os *Proud Boys*, por exemplo, têm entre seus princípios “venerar a dona de casa” e desestimular seus membros a perderem suas energias com entretenimento como pornografia, ou masturbação, e as recanalizar para a luta pela liberdade máxima do indivíduo e pelo governo mínimo do Estado, como também pelo fim do politicamente correto e pela eliminação dos ganhos das populações minoritárias. Ainda questionavam o seu direito fundamental de porte de armas e o fechamento de suas fronteiras. Mas é possível que esse chauvinismo não seja exclusivo dos *Proud Boys*. Como o trabalho de Miller-Idriss, (2017, p. 163 e 164) ressaltou,

¹¹⁶ “A esquerda é a direita e a direita alternativa é a nova esquerda” (Tradução livre).

¹¹⁷ “Nós somos aqueles que pensam o impossível. Nós somos aqueles que pensam o impensável”. (Tradução livre).

diversos historiadores já vinham apontando o desenvolvimento de uma relação entre o conceito de civilização moderna e de um “homem branco ocidental”.

Seus argumentos indicavam que, por meio dos diversos estágios históricos, como o colonialismo e o militarismo, desenvolvidos pelos estados modernos ocidentais, esse conjunto de ações promovidas por governos ocidentais atuaria em prol do desenvolvimento da humanidade e em combate à “selvageria” das sociedades primitivas, coincidentemente culturas não-brancas. Somam-se a isso a negação das liberdades da revolução sexual e o impedimento do voto feminino, já que seus hormônios as impediriam de ter a racionalidade necessária para tomar decisões políticas.

Para parte desses coletivos, as mulheres deveriam se concentrar em aumentar a taxa de natalidade de sua prole branca. Por vezes, dentro dos grupos de cunho supremacistas, esses valores são defendidos e acompanhados com o auxílio de imagens de uma propaganda que tem como referência o Estado Nazista, cujos homens estariam à frente de suas famílias arianas. Outros pontos reforçados seriam a apresentação da mulher como uma vítima indefesa, diante de perigosos estupradores negros, ou mulçumanos, que deveriam ser combatidos pelos homens brancos, em sua missão pela defesa de sua pátria. Para esses coletivos, a miscigenação racial seria um efeito colateral da violência sofrida pela mulher branca, que estaria sendo convencida pelas políticas multiculturais a terem relacionamentos com pessoas de culturas alheias e com isso estariam participando do processo do genocídio branco. Quando não são vistas como vítimas, as mulheres são colocadas no lado oposto, em discursos presentes na manufatura, como é o caso dos discursos de muitos membros *incels*, que não raras vezes se referem a elas como “vagabundas manipuladoras e vingativas”. Seguindo esse raciocínio, a violência sofrida por parte das mulheres seria um castigo pelo seu comportamento liberal.

Em contrapartida, ao rejeitarem as posições mais “extremas”, do *alt-right*, figuras do *alt-light* conseguiriam suavizar as mensagens e levar suas discussões para o grande público. Atuando de forma mais suave, em torno das ideias culturais e do convencimento, a partir da difusão de estilos de vida e consumo cultural, eles contariam com a ajuda de comentaristas femininas, como Lauren Southern¹¹⁸, na defesa os papéis tradicionais de gênero, na esfera privada, e o “retorno da mulher tradicional”, além de argumentos assegurados pela crença de que não haveria propósito mais valioso do que a maternidade.

¹¹⁸ Ativista política canadense da extrema direita, que ficara conhecida pela sua atuação na internet, na produção de conteúdo não só simpatizante dos valores tradicionais do papel da mulher, como também em posições contra políticas imigratórias em seu país, como na Europa. Ela foi responsável por uma série de vídeos em que contava sobre as experiências da atuação dos ativistas do *Generation Identitaire*.

De acordo com a definição de Hermansson (2017), o *Alt-light* não ficaria resumido às bandeiras de seu irmão mais velho, mas reuniria uma série de *bloggers* reacionários de direita, *vloggers*, ativistas, jornalistas de mídia alternativa e personalidades de mídia social que, juntos a ele, formariam a Direita Alternativa, de forma mais ampla. Mas se por um lado, em sua versão *light*, o movimento tenderia a rejeitar bandeiras mais extremas, como o nacionalismo racial; por outro, seria possível perceber que esse distanciamento de argumentos antissemitas, por exemplo, não significaria seu afastamento do sentimento de frustração, diante do processo de emasculação que seus membros alegariam sentir, proporcionado pelo panorama social contemporâneo.

4.2.2 Questões específicas aos movimentos canadenses

Apesar das nuances apontadas entre os diferentes grupos quanto a suas práticas e valores, Perry & Scrivens (2016, p. 820) também identificariam possíveis características comuns, na atuação dos movimentos da extrema direita canadenses. A primeira delas é que embora tenham influência e mantenham relações estreitas com os grupos dos Estados Unidos, os movimentos canadenses estariam mais próximos dos seus pares europeus, dado o caráter secular em seus fundamentos ideológicos e seu foco na oposição à política de imigração e ao multiculturalismo. Também ficou pontuado pelos sociólogos canadenses que o nacionalismo, a oposição às orientações universais de órgãos multilaterais, ou internacionais (o multiculturalismo) como um todo, a antiglobalização, a desconfiança da autoridade federal centralizada e a pregação pela manutenção de uma liberdade individual, seja na possibilidade de discursarem livremente, seja na ideia de possuírem armas, seriam características gerais continuadas pelos movimentos das duas tendências, *alt-right* e *alt-light*, independente do continente onde atuam.

Por outro lado, Nadeau & Helly (2016) demonstrariam que, apesar de não necessariamente fazerem parte dos movimentos de extrema direita, parcelas da população canadense, e especificamente da província de Quebec, estariam compartilhando uma soma representativa dos valores coincidentes com os grupos apresentados por Wright (2009), Perry & Scrivens (2016) e Kimmel (2018). Ao analisarem um documento público denominado *Quebec Charter of Values*¹¹⁹, publicado em 2013, por exemplo, os pesquisadores canadenses

¹¹⁹ A Carta de Valores de Quebec foi um documento proposto na província canadense de Quebec, pelo Parti Québécois em 2013, partido governista, representado pelo premier Pauline Marois. Como parte de suas propostas estavam a proibição de funcionários do setor público de usarem ou exibirem símbolos religiosos “evidentes”, a inclusão de emendas na Carta de Direitos Humanos e Liberdades de Quebec; o estabelecimento da

comentariam que os argumentos ali contidos estão alinhados aos discursos do *alt-right*. O documento contava com o apoio de lideranças oficiais e figuras públicas, na difusão de valores antes considerados extremistas. Nele, seria demonstrado o desconforto dos sujeitos com o *establishment* adotado pelos seus governantes, a partir de um discurso que manifestava o receio da influência da cultura islâmica sobre sua sociedade.

Além da carta de valores, os pesquisadores canadenses analisariam parte das mensagens presentes na página de *Facebook*¹²⁰ criada pelo coletivo responsável, para colaborar com a construção do documento, e a partir da rede social, Nadeau & Helly (2016) perceberiam que ali seria repetidamente citada pelos participantes uma possível incompatibilidade, ou manifestação de desinteresse de integração dos mulçumanos com os valores ocidentais. Segundo os argumentos presentes nas redes, os direitos individuais não deveriam prevalecer sobre os valores franco-canadenses e, por isso, os hábitos estranhos à cultura nacional deveriam ser recusados. Os indivíduos também reclamariam da “inércia” com que a classe política trataria essas questões, além da cumplicidade com que as mídias retratariam as políticas de migração “impostas” por uma suposta elite financeira, que estaria atuando a favor das minorias “alienígenas” e em contraposição à cultura nacional. Todos esses motivos serviriam de embasamento para a reclamação coletiva de determinados grupos sociais por um redirecionamento das políticas e práticas adotadas pelos seus governantes.

The accusations of irresponsibility (and even treachery) extend to the media and the ruling elite, who constitute primary targets for members of the Facebook pages. These accusations rest against the antagonistic image of a culturally unrooted, multicultural and cosmopolitan elite, who “arrogate public spaces and monopolize the debate, [...] with the complicity of the medias” (...). This elite is said to be using mass immigration only to advance its political and economic interest, creating a pool of new sympathetic voters and a global, homogeneous market to do business in. In order to impose their wills, elites are said to run a “dictatorship of political correctness”, using anti-racism or anti-hate speech laws to silence any critics of their cosmopolitan agenda¹²¹ (NADEAU & HELLY, 2016, p. 8).

neutralidade e reserva para todo o pessoal do estado e tornar obrigatório ter o rosto descoberto ao fornecer ou receber um serviço público. O projeto seria recusado em 2014, quando os liberais, representados pelo Partido Liberal de Quebec, se opuseram à legislação.

¹²⁰ A página do *Facebook*, denominada do PCVQ, visitada pelos pesquisadores em 2013 e utilizada para a investigação, foi deletada.

¹²¹ “As acusações de irresponsabilidade (e até traição) se estendem à mídia e à elite dominante, que constituem alvos primários para os membros das páginas do *Facebook*. Essas acusações repousam contra a imagem antagonista de uma elite cosmopolita, multicultural e culturalmente desassociada, que ‘arroga espaços públicos e monopoliza o debate, [...] com a cumplicidade dos meios de comunicação’. Diz-se que essa elite está usando a imigração em massa apenas para promover seu interesse político e econômico, criando um grupo de novos eleitores solidários e um mercado global e homogêneo para fazer negócios. A fim de impor suas vontades, é dito

Aquele documento já detinha parte das justificativas que coincidiram com diferentes grupos *alt-right* que não se restringiriam ao Canadá, mas seriam parte de um conjunto de iniciativas e manifestações encontradas em ao menos dois continentes, o europeu e a América anglo-saxônica. Apesar de origens diferentes, seja culturalmente, ou geograficamente falando, a identificação de bandeiras e inimigos comuns – como o multiculturalismo; “o totalitarismo” das minorias e a denúncia de uma “expansão os valores marxistas, secretamente financiadas por fundos estrangeiros”, cujo nome mais conhecido estaria identificado no investidor e filantrópico, George Soros – faz com que esses grupos afluam tanto na identificação ideológica, quanto em suas práticas de ação.

Os membros do *Three Percenters* (grupo que também foi pauta para diversas matérias da *Vice*), por exemplo, pregam a necessidade de uma população armada e o preparo dela para a necessidade de uma possível resistência, diante dos inimigos culturais. Nos Estados Unidos, os membros desse coletivo costumam fazer comícios anti-imigração e patrulhas entre as fronteiras do país com o México, em uma tentativa de bloquear a passagem de imigrantes ilegais. No Canadá, as manifestações de seus integrantes são variadas, como a marcha para a “defesa da cristandade”, realizada em agosto de 2017, no centro da cidade de Calgary, província de Alberta.

Os *Three Percenters* integrariam o *Canadian Combat Coalition (CCC)* e ações da *Coalition mondiale contre l'Islam (WCAI)*¹²², realizados no país e conforme os nomes indicam, têm como meta principal o combate à cultura islâmica no país. Assim como eles, outro grupo que nasceria nos Estados Unidos e ganharia adeptos no Canadá, os *Proud Boys* ficaram conhecidos por comparecerem às manifestações que ameaçavam ofender ou derrubar monumentos levantados em homenagem aos confederalistas americanos (simbolicamente ligados à cultura escravocrata), e por sua participação em conflitos contra antifascistas e ativistas em geral, com o intuito de proteger a história “ameaçada” de seu país, diante daquelas ações que eles denominariam de “anticívicas”.

No Canadá, o grupo ficaria mais conhecido após a publicação de uma reportagem da CBC News, *Who are the Proud Boys who disrupted bem Indigenous 108orrelac Canada Day?*¹²³, publicada em julho de 2017, após a realização de uma ação de oposição ao ato público

que as elites colaboram para a ‘ditadura do politicamente correto’, usando leis antirracistas, ou antiódio, para silenciar quaisquer críticos de sua agenda cosmopolita” (Tradução livre).

¹²² Coalizão Canadense de Combate (CCC) e Coalizão Mundial Contra o Islã (WCAI), respectivamente (Tradução livre).

¹²³ “Quem são os meninos orgulhosos que interromperam um evento indígena no dia do Canadá?” (Tradução livre).

de ativistas indigenistas, que protestavam contra a estátua de Edward Cornwallis, o fundador de Halifax, capital da Nova Escócia, e conhecido por estabelecer uma política de genocídio contra o povo originário, Mi'kmaq. O fundador do *Proud Boys*, o canadense Gavin McInnes aparecera em vários veículos de comunicação, participando de protestos da extrema direita, mas o processo iniciado pelo FBI contra os *Proud Boys*, apontando-o como grupo extremista, em 2018, acabou impedindo o líder de entrar na Austrália, diante da negativa do Departamento de Assuntos Domésticos daquele país.

Outro coletivo com as mesmas afinidades que aqueles dois grupos supracitados, a *Fédération des Québécois de Souche (FQS)*, existente desde 2007, tem uma página na *web*, com o intuito de propagação de suas ideias, desde junho daquele ano¹²⁴. Contando como principal meio de divulgação a revista on-line *Le Harfang*¹²⁵, eles se declaram como um grupo formado por homens e mulheres que estão ao lado do povo canadense, na luta pelos seus direitos, contra o processo de mundialização e o multiculturalismo, fenômenos, que segundo eles, estariam provocando a homogeneização das culturas ocidentais e transformando seus cidadãos em meros consumidores. Seus membros se autodenominam nacionalistas, apesar da variabilidade das orientações políticas, e culpariam as más decisões tomadas pela categoria política de seu país que, segundo eles, seria formada, em grande parte, por corruptos e responsáveis pela decadência dos valores identitários canadenses. Por isso, seus integrantes estabeleceriam a necessidade de ativismo da população – que estaria sofrendo com o processo contínuo de desinformação, tanto por parte do governo, como das mídias – como única saída para combater as más decisões do parlamento.

Face aux politiciens corrompus qui ont vendu notre pays, nous refusons de prendre part au funeste jeu électoral, où les partis changent mais les idées restent les mêmes. La réponse aux problèmes de notre peuple ne se trouve pas au Parlement, mais au sein de notre peuple. La nation n'est pas un concept vague, elle coule dans nos veines.

Face au leurre du débat gauche-droite, nous avons choisi la résistance active. Face à la gauche qui depuis longtemps ne s'intéresse plus au peuple véritable et face à une droite économique qui n'a de valeur que celle du dollar, nous opposons notre détermination.

¹²⁴ Os arquivos dos fóruns estão disponíveis em:
<http://web.archive.org/web/20080617154606/http://fqs.mnsf.info/>, acessado no dia 20 de julho de 2018.

¹²⁵ Disponível em: quebecoisdesouche.info. Acesso no dia 20 de julho de 2018.

La question qui se pose maintenant : «Qui êtes-vous?» Des consommateurs sans identité et sans racines ou des Québécois prêts à défendre ce pourquoi nos aïeux ont sacrifié leur vie?¹²⁶ (QUEBECOISDESOUICHE.INFO, 2018)

A página da federação seria mais uma ferramenta para o processo de informação, mudança das mentalidades e de quebra dos tabus existentes nas discussões pautadas pelo *establishment* político. Além dos artigos e informações dos membros locais, lá seriam publicados textos originais, ou traduzidos, de lideranças da extrema direita europeia, ou do *alt-right* estadunidense, além de textos publicados originalmente entre as décadas de 1980 e 1990, por meio do *Cahiers de Jeune Nation*¹²⁷, um periódico pertencente a um outro grupo homônimo, de cunho ultranacionalista, existente em Quebec, durante a mesma época. De acordo com a página Montreal-Antifaciste.info, a federação também se apresentaria como uma divisão de Quebec do *Mouvement National-Socialiste Français*¹²⁸ (MNSF) e seria inspirada por grupos de extrema direita neonazistas, como o *National Alliance* e o *Stormfront*, de onde sairiam parte de seus membros.

Outros grupos canadenses ainda teriam maior engajamento on-line do que a participação física dos membros em manifestações, ou ações comunitárias, como é o caso do *ID Canada*, que é originário do movimento *Generation Identity Canada*. O ID reunia, em agosto de 2018, quase três mil membros, compartilhando o discurso anti-imigração – ainda que as mobilizações presenciais não juntassem mais que uma dezena de participantes. Seus protestos, visam à valorização da cultura do país, no entanto muitas vezes se limitam ao hasteamento de símbolos nacionais retrabalhados, durante passeatas realizadas nas ruas e diante de monumentos públicos, como mostra a campanha #SecureTheFrontier, publicado em sua página do *Facebook* @OfficialIDCanada, no dia 28 de agosto¹²⁹ (ver Anexo D).

¹²⁶ “Em face dos políticos corruptos que venderam nosso país, nos recusamos a participar do desastroso jogo eleitoral, onde as partes mudam, mas as ideias permanecem as mesmas. A resposta para os problemas do nosso povo não está no Parlamento, mas no nosso povo. A nação não é um conceito vago, corre nas nossas veias.

“Diante da atração do debate de esquerda e direita, escolhemos a resistência ativa. Em face da esquerda, que há muito tempo não está mais interessada nas pessoas reais e em face de um direito econômico que vale apenas o dólar, nos opomos a nossa determinação.

“A pergunta agora: ‘Quem é você?’ Consumidores sem identidade e sem raízes ou quebequistas prontos para defender o que nossos ancestrais sacrificaram suas vidas?” (Tradução livre).

¹²⁷ “Cadernos da nação nova” (Tradução livre).

¹²⁸ “Movimento Socialista Nacional Francês” (Tradução livre).

¹²⁹ Em setembro de 2018, página do Anti-Racist Canadá denunciaria a aproximação do grupo com setores políticos da direita canadense, como o membro do *Progressive Conservative Party of Ontario* e premier de Ontário, Doug Ford, e com a comentarista política do Rebel Media e candidata à prefeitura de Toronto, Faithy Goldy.

Grupos como os citados acima ainda teriam o apoio moral e ideológico de pequenos coletivos, como o *Students in Support of Free Speech*¹³⁰ (SSFS), fundado em 2016, na cidade de Toronto, Ontario, autointitulado em defesa da liberdade de expressão e atuando em consonância com grupos homônimos espalhados pelos Estados Unidos e Europa, os quais teriam como principal argumento que, ao serem proibidos de exporem suas ideias, ainda que tivessem conteúdo racista ou antissemita, as instâncias políticas e suas normas restringem a liberdade de pensamento e do direito à palavra de seus cidadãos. Mas, independentemente do tamanho e da penetração em suas comunidades locais, é possível perceber que geralmente esses coletivos possuem estruturas flexíveis, ou semiestruturas, capazes de fornecer o apoio ideológico, a hierarquia e a ordem de poder, além de organização suficiente para conseguir o suporte necessário para realização das atividades que lhes são convenientes. Ainda que contando com a resposta desordenada, porém virtualmente articulada de “lobos solitários” – estes atuariam alimentados pelos discursos e narrativas produzidas por aqueles ambientes coletivos, disseminados pela rede *web*, a partir de propagandas, mensagens, ou fóruns virtuais – suas ações se desvinculam de vontades particulares e ganham o respaldo moral e ideológico de coletivos inteiros, que se sentiriam insatisfeitos com o *establishment* social e político de seus países. Também é necessário que se perceba que tais ações não se dariam em oposição a pessoas em específico, mas contra todo o *status quo*, os dispositivos legais e as políticas tomadas pelas autoridades, que, conforme o discurso da maior parte dos grupos acima ressaltados, teriam como objetivo a proteção contra determinadas parcelas da população e de culturas que lhes seriam estranhas.

4.3 O gênero como fator de coesão

Para Griffin (2008), a atração da juventude masculina por movimentos extremistas seria uma resposta ao sentimento de anomia, ou de ausência de significado que as instituições da sociedade contemporânea – inclui-se aqui as instituições estatais e/ou privadas – estariam representando nas vidas dos homens. O pesquisador norte-americano argumentaria que, em conjunto, as cíclicas crises econômicas e/ou sociais e o senso de desorientação moral de muitos sujeitos, diante das estruturas por eles vivenciadas, ajudaram a criar um sentimento comum entre muitos homens, de rejeição ao *status quo*.

Em resposta à percepção desse desajustamento de seus papéis sociais, muitos daqueles indivíduos estariam se reunindo de diversos modos, em busca de saídas e/ou narrativas que

¹³⁰ “Alunos em Apoio à Liberdade de Expressão” (Tradução livre)

pudessem explicar e enfrentar os seus dilemas. Seria a partir do compartilhamento de pertença, da camaradagem e do cultivo de uma ideia de que fazem parte de “algo maior”, que muitos desses sujeitos acabaram criando ou reciclando, nos últimos anos, visões unificadoras e remissivas a realidades imaginárias de possíveis mundos alternativos. Para muitos deles, ao atuarem juntos, seria possível caminhar para superação dessa suposta situação de caos, de desordem e do declínio social pelo qual estariam passando.

O raciocínio de Griffin (2008) estava contextualizado com a mesma realidade apontada pela investigação do *Department of Homeland Security (DHS)*, publicada um ano mais tarde, sobre a proliferação de grupos extremistas nos Estados Unidos. Ali, também foram apontados como fatores que contribuíram para a formação de grupos afins, a crise econômica, a diminuição das carteiras de crédito, a alta do desemprego e a eleição de um presidente afro-americano. Em conjunto, esses elementos são essenciais para entender o alastramento dos grupos extremistas e a adesão de seus valores e argumentos, por parcelas mais amplas da população do país. Conforme aquele documento, apesar das especificidades de atuação dos movimentos de extrema direita, em distintos momentos históricos, a crise vivida entre os países do mundo ocidental, com a recessão econômica, a partir de 2009, apresentaria características similares às encontradas em outros períodos em que foram vistos picos de manifestações de grupos extremistas no país, como a virada das décadas 1980/1990. O documento lembra que também neste período foi possível notar o surgimento de coletivos que aglutinariam sujeitos insatisfeitos com a situação social vivida por eles, como também com os ganhos sociais obtidos por categorias geralmente marginalizadas, como as minorias étnicas, especialmente a população negra e mulheres, que passaram a ocupar espaços maiores no mercado profissional.

Quase uma década depois daqueles trabalhos investigativos, Miller-Idriss (2017) reforçaria que o crescimento do desconforto, demonstrado entre parcelas da população norte-americana, principalmente masculina e branca, nas últimas décadas, não seria fruto apenas de períodos de crises econômicas, mas resultado de todo um contexto social de incômodo e aversão a determinados grupos minoritários, como também às regras vigentes e construídas por meio das instituições em funcionamento, no mundo pós-contemporâneo. O desenvolvimento do capital; a instabilidade econômica e do mercado de trabalho; o aumento da mobilidade humana, como das empresas; as transformações nas estruturas familiares; o sentimento de desterritorialização dos espaços, além da sensação de ausência de norteamoramento moral, para as práticas de boa parte da população, em conjunto, contribuiriam para a marginalização, insatisfação e reação de determinados sujeitos que se sentiriam dispostos a romper com toda a estrutura que lhes aflingem. Seria desse desconforto que muitos deles criariam narrativas que

justificariam, fundamentariam e dariam margem para a visualização de verdadeiros “mundos utópicos”, capazes de projetar imaginários coletivos de antecipação de um futuro alternativo – ainda que esse futuro muitas vezes remetesse a um ideal de passado mítico, onde as coisas pareciam estar em ordem. Miller-Idriss (2017, p. 100 e 101) enfatizaria que aliados aos sentimentos comuns de frustração, os discursos míticos e as bandeiras valorativas seriam ferramentas estratégicas entre os movimentos de extrema direita em busca de estimular o engajamento dos seus pares para entrar em uma “luta heroica” contra uma possível decadência social. A partir do exercício da camaradagem, muitos jovens masculinos acreditariam ser possível restaurar suas comunidades.

Ao focar suas investigações sobre os jovens simpatizantes alemães, a socióloga norte-americana lembrou que a idealização da masculinidade entre os movimentos de extrema direita é algo comum entre todos os grupos analisados. Ao longo de seu trabalho, nota-se que era de costume entre os membros daqueles grupos a reprodução de discursos em que são exaltadas características como a força física e os papéis tradicionalmente assumidos pelos homens, nas sociedades ocidentais, como de pretores da família (MILLER-IDRISS, 2017). Muitos deles demonstram um ressentimento pelo que eles denominam de “marginalização dos papéis e funções tradicionalmente masculinas” e, por isso, estariam utilizando de elementos de reforço da camaradagem e da masculinidade para manifestarem, de forma coletiva, a sua frustração com os novos hábitos e orientações normativas que a sociedade estaria assumindo nas últimas décadas. Atuando coletivamente, muitos desses sujeitos buscariam compartilhar suas frustrações e ao mesmo tempo, trazer de volta para a esfera pública ideias e valores voltados para a importância da masculinidade para a defesa da nação, da propriedade e de suas famílias.

The first articulation relies on iconographic and textual tropes of the male soldier/sailor/warrior to valorize traits like conformity, belonging, trust, loyalty, solidarity, comradeship, courage, and heroism, while the second draws on the rebel/rule breaker trope to celebrate attributes like transgression, challenge across both expressions, such as strength, power and bravado. Each articulation enables the far right to mobilize young men around a core set of virtues and values that are framed as what good nationalists believe and do¹³¹. (MILLER-IDRISS, 2017, p. 163)

¹³¹ “A primeira articulação se baseia em tropos iconográficos e textuais do soldado/marinheiro/guerreiro para valorizar características como conformidade, pertencimento, confiança, lealdade, solidariedade, companheirismo, coragem e heroísmo, enquanto o segundo baseia-se no tropo rebelde/violador de regras para celebrar atributos como transgressão, desafio em ambas as expressões, como força, poder e bravata. Cada articulação possibilita à extrema direita mobilizar os jovens em torno de um núcleo de virtudes e valores que são enquadrados como aquilo que os bons nacionalistas acreditam e fazem” (Tradução livre).

Kimmel (2017 e 2018) concordaria com as pesquisas acima, ao enfatizar que o sentimento coletivo de não ajustamento e de insatisfação de determinados indivíduos ao *establishment* social estaria ligado às questões da masculinidade. Estudioso desse mesmo contexto, ele acrescentaria que muitos daqueles indivíduos estariam se sentindo traídos por um Estado que lhes parece indiferente aos anseios da população e mais atrelado aos interesses das corporações internacionais “predatórias” e do sistema financeiro “voraz” que vagueiam o planeta, em busca de lucro, e que submetem os trabalhadores a más condições de vida. Parte dos sujeitos investigados por Kimmel (2018, p. 20) era de integrantes de movimentos extremistas que revelavam uma percepção de estarem perdendo espaço para os grupos antes marginalizados socialmente, como as minorias étnicas e as mulheres. Em contrapartida, eles utilizavam de discursos que se repetiam, justificações valorativas “tradicionalistas” que culpabilizavam o *establishment* da sociedade politicamente correta e o multiculturalismo como responsáveis pelo processo de deslocamento cultural e social vivido por eles. Sentindo-se desajustados, aqueles indivíduos reclamariam e iniciariam não só um movimento para a retomada do poder “originário”, mas também pregariam a restauração da autoridade aos legítimos herdeiros – os homens brancos.

Em seus últimos trabalhos, o pesquisador norte-americano tentaria responder quem seriam esses indivíduos que estariam entrando em movimentos de violência extrema; quais ideologias que os inspiram; quais seriam as predisposições psicológicas e emocionais que os levariam a participar de tais movimentos; e não demoraria para que ele notasse que os grupos são em sua grande parte formados por homens que tiveram uma educação “não muito boa” e que estariam posicionados socialmente em classes subalternas; ou que, ainda que possuísem boa formação, tais sujeitos se sentiam frustrados e expressavam um senso compartilhado de injustiça social; de que estariam tendo seus direitos prejudicados tanto pelo governo, quanto pelo sistema tecnoburocrático, como um todo, que estariam os impedindo de alcançarem os objetivos pessoais e profissionais pelos quais tomavam como garantidos.

Mas, segundo o pesquisador acima, não seria necessariamente uma ideologia a responsável pela formação daqueles grupos. Para ele, seria o elo daquelas insatisfações que os uniria e chamaria muitos daqueles sujeitos para uma resposta coletiva e pragmática. Nesse contexto, a retórica de masculinidade e o sentimento de irmandade serviriam de terreno fértil para a proliferação de teorias, usualmente voltadas à aclamação de explicações conspiratórias anticapitalistas, antigovernamentais, antiglobais, racistas, sexistas, antissemitas e homofóbicas. Para muitos integrantes daqueles movimentos, seus governos estariam entregues aos burocratas, que seriam “irresponsáveis” e “corruptos”; outros acreditariam que suas instituições

e as mídias estariam sob o controle de comunidades judaicas e/ou árabes. Além do mais, as mulheres, as grandes corporações, os imigrantes e as minorias, em geral, estariam ocupando seus empregos, ou seriam identificados como responsáveis pela perda de seus direitos.

Ainda que façam parte de diferentes grupos, nas páginas de *web* pertencentes aos diferentes grupos também é comum encontrar um discurso de manifestação do orgulho do homem branco, que atuaria contra aquilo que eles chamariam de um “Estado Babá”, um tipo de política que favoreceria as minorias “preguiçosas” e “proveitadoras” dos recursos nacionais.

This thinking is easily visible on groups’ *websites* and online publications. In one cartoon, the poor hapless emasculated white man is surrounded by the signifiers of a multiculturalism gone amok: African American commercialism, Chicanos selling oranges on the streets of LA, LGBT centers, Holocaust remembrance museums. The triumph of the “other” over the white man, who is entitled to it. He has to take it back¹³² (KIMMEL, 2018, p. 142).

Ao se referir ao contexto específico dos movimentos da direita alternativa alemã, por exemplo, Kimmel (2018, p. 44 e 45) apontaria que parte daquelas narrativas atravessavam o Oceano Atlântico e encontravam familiaridade entre jovens homens que manifestavam preocupação com a multiculturalidade e as incertezas econômicas no continente europeu.

Tending to come from a specific class fraction – downwardly mobile, lower middle class – they look backward longingly at a purer past, with fewer of “them”, a world made just for “us”, as it was decreed, as it was meant to be. As global capitalism proceeds, it leaves some groups discarded like so much trash as the side of the road. That’s how they feel – discarded. Discarded yet entitled. Entitled not to be tossed aside, entitled to have what their fathers and grandfathers had. Entitled to feel like men.¹³³

Também estudando o contexto europeu, Parent & Ellis III (2014) enumerariam fatores semelhantes entre as principais válvulas ideológicas para os grupos extremistas de direita no velho continente. A década recente foi marcada por um panorama social que cruzava fatores

¹³² “Esse raciocínio é facilmente visível nos sites dos grupos e nas publicações on-line. Em um desenho animado, o pobre homem branco emasculado está cercado pelos sinais de um multiculturalismo enlouquecido: o comercialismo afro-americano, os chicanos vendendo laranjas nas ruas de Los Angeles, centros LGBT, museus de lembranças do Holocausto. O triunfo do ‘outro’ sobre o homem branco, que tem direito a ele. Ele tem que pegar de volta” (Tradução livre).

¹³³ “Com tendência a vir de uma fração de classe específica – para baixo, móvel, classe média baixa – eles olham retrospectivamente para um passado mais puro, com menos ‘eles’, um mundo feito apenas para ‘nós’, como foi decretado, destinado a ser. Com o avanço do capitalismo global, alguns grupos são descartados como lixo do lado da estrada. É assim que eles se sentem – descartados. Descartado ainda com direito. Intitulado a não ser jogado de lado, tinha o direito de ter o que seus pais e avós tinham. Com o direito de se sentir como homens” (Tradução livre).

como alta do desemprego; o repúdio às políticas de imigração, adotadas pelos seus governos; a valorização do nativismo e o ressurgimento, mais às claras, de um antissemitismo, cujo ódio também poderia ser encontrado e atualizado com o sentimento anti-islâmico. Entre os países escandinavos, na maior parte das vezes, esses movimentos eram formados por homens jovens, advindos de famílias de classe média baixa, cujos pais geralmente exerciam ocupações como de pintores, carpinteiros, ladrilhadores, pedreiros e trabalhadores de manutenção de estradas; trabalhariam como autônomos, pequenos comerciantes, ou possuiriam negócios de pequena escala, formados por uma só pessoa; indivíduos que estariam sentindo a perda de seus espaços nas atividades comerciais para os conglomerados econômicos, ou com a entrada de novos atores e tecnologias, em suas comunidades.

A faixa-etária era parecida entre os membros de movimentos similares, nos dois continentes em análise. Nos Estados Unidos, os jovens de classe média-baixa que participam de grupos extremistas geralmente possuem menos 30 anos de idade e são educados pelo menos até o ensino médio; são filhos de trabalhadores qualificados, em indústrias têxteis e do tabaco, ou proprietários de pequenas fazendas, lojas e mercearias. Em comum com os países do norte da Europa, os representantes ianques se sentiriam deslocados, ou espremidos, diante do panorama socioeconômico vigente em seu país.

Buffeted by global political and economic forces, the sons have inherited little of their farther's legacies. The family farms have been lost foreclosure; the small shops squeezed out by big-box stores and Amazon. These young men face a spiral of downward mobility and economic uncertainty. They feel squeezed between the omnivorous jaws of global capital concentration and a federal bureaucracy that is at best indifferent to their plight and, at worst, complicit in their demise¹³⁴. (KIMMEL, 2018, p. 138 e 139)

No Canadá, Perry e Srivens (2016) também demonstrariam que a formação dos grupos extremistas – com, ou sem bandeiras supremacistas – é realizada a partir do encontro de insatisfações comuns: um senso compartilhado de que os homens estão perdendo representatividade nos espaços de poder e no mercado de trabalho. Como no país vizinho, os grupos extremistas denunciavam que seus países estariam perdendo a cultura e tradições de suas nações-mães europeias; que estariam passando por um processo de miscigenação que os faria perder seu fenótipo branco, pondo em risco a continuidade de sua genética etnoeuropeia.

¹³⁴ “Abraçados por forças políticas e econômicas globais, os filhos herdaram pouco dos legados de suas vidas. As fazendas familiares perderam a execução; as pequenas lojas espremidas pelas grandes lojas e pela Amazon. Esses jovens enfrentam uma espiral de mobilidade descendente e incerteza econômica. Sentem-se espremidos entre as garras onívoras da concentração de capital global e uma burocracia federal que é, na melhor das hipóteses, indiferente a sua situação e, na pior das hipóteses, cúmplice de sua morte” (Tradução livre).

Os simpatizantes de tais grupos sentem que só lhes restariam tomar iniciativas próprias, como forma viável de transformar as estruturas que lhes parecem desfavoráveis.

The Truth at Last, a white supremacist magazine, put it: “Immigrants are flooding into our nation willing to work for the minimum wage (or less). Super-rich corporate executives are flying all over the world in search of cheaper and cheaper labor so they can ‘lay off’ their American employees”¹³⁵. (KIMMEL, 2018, p. 138 e 139)

Não importa o lado do Atlântico, se Europa, ou América do Norte, os grupos apresentariam laços ideológicos e sentimentos comuns; eles viam como consequências da globalização e da implantação de um sistema liberal a imposição dos esquemas de produção e consumo às suas comunidades, fatores que seriam responsáveis pela dissolução de suas culturas nacionais e a transformação delas em um mero mercado consumidor homogêneo, visando dar continuidade ao desenvolvimento econômico. Seria a partir da insatisfação e da rejeição desse modelo de desenvolvimento, que aqueles autores apontariam na formação de grupos identitários culturais uma saída para a preservação de seus valores e imaginários tradicionais.

Apesar de também identificar problemas visivelmente econômicos e sociais para o engajamento daqueles sujeitos, Kimmel (2018, p. 14 e 15) pontuaria que os argumentos sustentados por aqueles grupos não seriam devidamente sustentados por motivos racionais – ao contrário, muitos deles acreditariam que seria a própria racionalidade do sistema que os teria levado à tal situação – e sim pelo senso de comunidade, baseado no mito da masculinidade, normalmente construído por uma experiência visceral de camaradagem. *“It’s more important to focus on these experiences than on the ideologies these young men espouse. (...) The motivation to join is emotional, social, psychological and, even more, visceral, physical. Those motives must be addressed”*¹³⁶.

As múltiplas insatisfações serviriam de liga para a formação ideológica e a justificativa moral de verdadeiras irmandades, em que poderiam cultivar a sensação de pertencimento e compartilhar suas afinidades. Ao conversar com muitos deles, o autor notou que a aderência à ideologia extremista geralmente ocorria como última etapa no recrutamento daqueles indivíduos. A ideia de pertencimento, camaradagem e validação de sua masculinidade pela

¹³⁵ “*The Truth at Last*, uma revista da supremacia branca, diz: ‘Os imigrantes estão inundando nossa nação, dispostos a trabalhar pelo salário mínimo (ou menos). Executivos corporativos super-ricos estão voando por todo o mundo em busca de mão-de-obra mais barata, para que possam ‘demitir’ seus funcionários americanos” (Tradução livre).

¹³⁶ “É mais importante se concentrar nessas experiências do que nas ideologias que esses jovens defendem. (...) A motivação para participar é emocional, social, psicológica e, mais ainda, visceral e física. Esses motivos devem ser abordados” (Tradução livre).

comunidade à qual pertencem seriam o que realmente importaria para a sua adesão. “*The group’s dynamics bonding, the camaraderie, the parties, the fights – forms much of the glue that keeps the groups together. Ideology comes later, if at all*”¹³⁷ (KIMMEL, 2018, p. 23).

A partir de entrevistas realizadas com organizações que lidam com ex-integrantes de grupos extremistas, Perry e Scrivens (2016, p. 831) argumentariam que a simpatia e adesão a tais movimentos ocorreria inicialmente entre as pessoas mais próximas, por meio de iniciativas do encorajamento pessoal, entre amigos, companheiros de escola, trabalho, ou de atividades de lazer, principalmente jovens de sexo masculino, que alimentariam um sentimento de irmandade, nutrido pela ideia do enfrentamento de suas angústias em comum. Segundo eles, seria o sentimento de solidariedade que atrairia novos simpatizantes para participar dos grupos. “*Thus, whether it is ideologues, or friends in the movement, or music, potential recruits buy into the messages of hate, but often only for a short term. They find some comfort in the initial appearance of solidarity*”¹³⁸.

Seriam encontradas situações parecidas entre os jovens extremistas de direita na Suécia, Noruega, Inglaterra e Estados Unidos. Nesses países, os estudiosos identificariam sintomas similares de emasculação e superação, a partir do espírito de camaradagem, no processo de recrutamento dos movimentos terroristas islâmicos. Em comum, haveria um sentimento de pertença desses indivíduos a uma identidade nacional, um senso de propósito maior, para suas vidas, a partir de irmandades formadas majoritariamente por homens, “coincidentemente” brancos. A esse propósito, Tenold (2018, p. 197) lembra que muitos daqueles indivíduos se referem a um chamado de sua ancestralidade, denominada *Call of the Blood*¹³⁹, um chamado de sangue para que eles atuem de modo efetivo, em nome da lei e de seus pais. “*We are the alpha males of today. (...) We are men with courage and have great pride in our European heritage. We are protectors and providers of our families. We are proud white men*”¹⁴⁰.

Mas, o fato desses grupos extremistas serem formados principalmente por homens – e geralmente jovens – não restringiria o tema à questão de gênero masculino, como causa única para a entrada desses sujeitos aos coletivos, até mesmo porque, ainda que em menor número,

¹³⁷ “A dinâmica do grupo, a camaradagem, as festas, as lutas – formam grande parte da cola que mantém os grupos juntos. A ideologia vem depois, se é que acontece” (Tradução livre).

¹³⁸ “Assim, seja a partir de suas ideologias, de amigos que já estejam nos movimentos, ou da música, os recrutas em potencial compram as mensagens de ódio, mas muitas vezes apenas por um curto período. Eles encontram algum conforto na aparência inicial de solidariedade” (Tradução livre).

¹³⁹ “Chamado de sangue” (Tradução livre).

¹⁴⁰ “Nós somos vikings modernos, homens. Nós somos os machos alfa de hoje. (...) Somos homens com coragem e temos muito orgulho no nosso patrimônio europeu. Somos protetores e fornecedores de nossas famílias. Somos orgulhosos homens brancos” (Tradução livre).

há participação de mulheres. No entanto, muitos desses movimentos relegam às integrantes do gênero feminino o papel de apoio aos seus maridos e namorados, no engajamento deles aos movimentos, ou pontuam o cultivo à maternidade como papel principal a ser desempenhado por elas. Como lembraria J. M. Berger, em *Extremism* (2018, 44), entre os grupos da extrema direita é comum o discurso de que as mulheres deveriam assumir a função de criar seus filhos e propagar as ideologias compartilhadas pelos grupos para as próximas gerações, ainda no ambiente doméstico.

Por outro lado, para Kimmel (2018, p. 10), a atração de representantes de ambos os gêneros a estes movimentos seria justamente resultado da combinação de diversos fatores estruturais que os levariam à união, como o sentimento comum de deslocamento dos indivíduos, que se encontrariam inseridos e ao mesmo tempo deslocados em um mercado, cuja economia está cada vez mais competitiva, exigindo de todos eles um contínuo processo de atualização.

Independente do gênero, muitos desses indivíduos apresentariam um sentimento de culpa e indignação pela não adaptação às novas regras e funções sociais do mundo contemporâneo, todo um panorama que, conforme o autor, seria responsável por um verdadeiro “colapso do patriarcado doméstico”, sentido tanto por homens, quanto por mulheres. Seria a partir desse direito prejudicado – o direito frustrado – que os indivíduos passariam a buscar por coletivos que os auxiliassem a se redimirem. Assim, atraídos pela ideia de pertencimento a algo maior e, especificamente na situação dos homens (ou de mulheres insatisfeitas com a emasculação social do gênero masculino), aqueles sujeitos desenvolveriam o sentimento de necessidade de restauração e recuperação do senso de masculinidade e de uma série de outros valores que lhes fora tirado na sociedade contemporânea. Ao se juntarem e compartilharem das mesmas ideias, esses sujeitos estariam restaurando não só sua masculinidade, mas também um senso de propósito, uma missão, em oposição às dificuldades socioeconômicas enfrentadas por eles.

No entanto, outro elemento seria ideal para entender o elo entre aqueles sujeitos: o ódio às diferenças. Para Kimmel (2017, p. 67), seria a partir do ódio a determinados grupos que aqueles homens e mulheres encontrariam um sentimento aglutinador e propulsor para o seu empenho, em iniciativas contra determinados alvos. Trata-se de um senso comum usado para buscar recuperar a masculinidade e os direitos que eles imaginam ter perdido. “*Feeling like the wronged victim is a way to channel hurt into a self-fueling sense of outrage a personal sense*

*of injury becomes 'politicized' as an illustration of a general theme*¹⁴¹”. Na tentativa de encontrar culpados para seus ressentimentos, aqueles indivíduos formulariam suas próprias convicções sobre os responsáveis pela situação de “injustiçamento” em que estariam passando, sentimentos esses que, quando compartilhados, tirariam dos indivíduos participantes da irmandade a condição de isolamento e promoveriam a eles a ideia de construção de algo com um propósito maior, criando assim um senso de comunidade propício à adesão as ordens nascentes. Em suma, tais sentimentos não ficariam restritos ao nível particular do indivíduo, mas seriam coletivizados, alimentados de várias maneiras, seja no compartilhamento de ideias *on* e *off-line*, ou mesmo pela associação do ódio a determinados produtos culturais, que se tornam dispositivos de coesão e difusão de suas práticas.

4.3.1 Comunidades antagonistas on-line (ou simplesmente manosfera)

Em sua maior parte, os coletivos de discussão de ideias correlacionadas à extrema direita nasceram em meio on-line, em que os jovens, geralmente homens e brancos, reúnem em diversas plataformas da *web*, como sites de fóruns, *blogs*, *vlogs* e páginas de notícias, que em conjunto, formam uma espécie de “manosfera”, termo que foi cunhado por diversos pesquisadores, para justificar a abordagem temática desse movimento, voltada para questões masculinas e de oposição à cultura feminista. Para Nagle (2017), apesar de distribuídos em diferentes plataformas, seus usuários seriam parte de um mesmo movimento, a Direita Alternativa Internacional, com uma base comum formada por sujeitos que mostram preocupações com a evolução demográfica europeia, o declínio da civilização ocidental (seja no velho continente, seja na América do Norte) e com a “decadência cultural” de seus países, que estariam sofrendo forte influência do marxismo e das políticas de igualitarismo, proporcionadas por organismos internacionais, como a ONU. Somam-se a isso os receios com a absorção da cultura islâmica pelos seus países.

A autora norte-americana também chama atenção para o fato de muitos daqueles grupos condenarem a passividade da “cultura liberal e feminina”, que segundo suas denúncias, vem sendo assimilada nas últimas décadas, com o apoio das instituições e das autoridades. De acordo com Nagle (2017), os membros da manosfera teriam como parte de seu núcleo ideológico uma rejeição à igualdade de gêneros e uma clara oposição aos valores feministas. Para grande parte

¹⁴¹ “Sentir-se como a vítima prejudicada é uma maneira de canalizar a mágoa para um sentimento de indignação autoestimulante; um sentimento pessoal de lesão torna-se ‘politicizado’ como ilustração de um tema geral” (Tradução livre).

desses coletivos, a feminização da cultura ocidental teria deixado como sequelas o sentimento de culpa, impotência e humilhação para os homens brancos.

Mas, se aqueles grupos extremistas possuem bandeiras tipicamente “conservadoras”, Nagle (2017) não deixaria de perceber as influências que muitos dos participantes de atuação na *web* de dinâmicas similares aos grupos anarquistas, sofrendo influência dos modelos de protesto de movimentos contestatórios anteriores, como o libertinismo, o boemismo burguês e até mesmo o niilismo. Para a pesquisadora, as referências teóricas e estéticas de muitos daqueles sujeitos advinham de personagens transgressores de paradigmas, como Jesus, Sócrates, De Sade, Nietzsche, ou mesmo dos heróis individuais do Romantismo e de movimentos estudantis das décadas de 60. Ela lembra que muitos dos indivíduos que integram o *alt-right* atuam como uma espécie de novos “*hackers*”, criando formas não só de criticar, mas de derrubar valores e instituições hegemônicas, a partir de uma atuação informal e baseada no sarcasmo. Esses indivíduos não só utilizariam de plataformas sociais já existentes, como criariam as suas próprias, com o intuito de compartilhar ideias, captar recursos, planejar e financiar operações coordenadas, na realização de mobilizações na *web* e/ou fora dela, como foi o caso da reunião de Charlottesville e da campanha *Defend Europe*¹⁴².

A interpretação de Nagle (2017) é que essa nova forma de ciberativismo, criado entre fóruns on-line da última década, e popularizada a partir de plataformas como *4Chan*, *8Chan*, *Reddit*, *Voat*, *Gab*, *Patreon* e *Discord*, também seria uma resposta às pautas encabeçadas pelos usuários do *Tumblr*, ou como foram pejorativamente chamados de *generation snowflake*¹⁴³, pelo discurso adotado por grande parte de seus usuários, de tom liberal e progressista, e acostumado à linha do politicamente correto.

Mainstream newsreading audiences were baffled when Facebook revealed it was offering over 50 gender options for its members to choose from in 2014 and around the same time the campus wars over safe spaces, trigger warnings,

¹⁴² A campanha *Defend Europe* foi lançada na *web*, em maio de 2017, pelos principais membros do *Generation Identitaire*, um grupo jovem dissidente do movimento intelectual de extrema direita francês “*Nouvelle Droite*”. Como parte da campanha, os ativistas identitários produziram um site, pontuando sua missão, metas e suas justificativas de ação, financiaram, a partir de colaborações coletivas on-line, a fretagem de embarcações, com o objetivo de interromper o fluxo de migrantes que cruzam as fronteiras de seu país e interceptar navios de ONGs voltadas ao auxílio desses imigrantes e produziu uma série de vídeos de suas experiências na ação contra seus alvos. *Generation Identitaire* foi fundada como um grupo de jovens dissidentes da *Nouvelle Droite* francesa. Davey e Ebner (2017, p. 10) pontuaram que o grupo faz parte de um movimento pan-europeu mais amplo, chamado *Identitarianism*, “que se concentra na preservação dos valores tradicionais e Identidade e cultura europeias. Eles podem ser amplamente descritos como brancos-nacionalistas e são nativistas, anti-imigração, anti-islã, antiliberal e antiala”. O movimento se espalharia por toda a Europa, com grupos na Áustria, Alemanha e Itália, como também nos Estados Unidos, recebendo atenção de intelectuais do *alt-right*, como Richard Spencer, ou de líderes extremistas tradicionais, como David Duke.

¹⁴³ “Geração flocos de neve” (Tradução literal).

no-platforming and gender pronouns emerged. But the social media corporation was merely taking its cue from on-line subcultures that had been emerging for years before, and the youth political subcultures that had created them and emerged out of them¹⁴⁴ (NAGLE, 2017, p. 72).

A pesquisadora, então, pontua o movimento nascente da direita alternativa como uma reação de incômodo de jovens homens aos espaços on-line que a esquerda havia tomado, na defesa e reconhecimento das lutas das minorias raciais e de gênero, o que para muitos deles representaria uma suposta agressão às margens da população branca, cis e heterossexual, que estaria se sentindo acuada com as mudanças proporcionadas pelas políticas mais progressistas, no campo cultural. Nagle (2017) pontuaria que seria justamente da sensibilidade transgressora e incomodada com o politicamente correto que foram criadas as condições simbólicas e argumentativas para que se racionalizasse e se justificasse a total desumanização das mulheres e de outras minorias étnicas na esfera on-line, na última década. Essa nova direita, nascida do mundo on-line, encontraria sua plena realização justamente nesse estilo antimoralista e de distanciamento da filosofia de justiça social, impulsionada pela moralidade cristã, ou da esquerda liberal.

A autora norte-americana reforçaria os argumentos de Kimmel (2017, p. 164) de que não seria apenas o sentimento de companheirismo que o uniria àqueles jovens, mas os sentimentos comuns de raiva, ódio e rejeição às normas sociais iriam servir de propulsores a um modo de resistência e subversão cultural, entre os movimentos de extrema direita, contra a sociedade hegemônica e suas instituições. A rede *web*, então, serviria de espaço para a exposição de ideias e sentimentos, sem que os atores tivessem que prestar contas a qualquer pessoa, pelo que estão dizendo. Na internet, eles poderiam agir de forma desinibida e demonstrar qualquer conteúdo que dificilmente falaria nos ambientes tradicionais de suas casas, trabalho, ou instituições de ensino e ao gerarem empatia entre outros usuários, esse material pode ser reproduzido, sem qualquer questionamento, ou de difícil responsabilização pelo conteúdo disseminado na rede e ainda atingir milhares, quiçá, milhões de pessoas.

The Internet provides just such a man cave, a politically incorrect locker room, where you can say whatever you feel like saying without having to back it up with something as inconvenient as evidence and still hide behind a screen of

¹⁴⁴ “O público convencional, entre leitores de notícias, ficaria perplexo quando o *Facebook* revelou que estava oferecendo mais de 50 opções de gênero para seus membros escolherem em 2014 e mais ou menos na mesma época em que as guerras do campus sobre espaços seguros, alertas, sem plataformas e pronomes de gênero surgiram. Mas a corporação de mídia social estava apenas seguindo as subculturas on-line que vinham surgindo anos antes, e as subculturas políticas da juventude que as criaram e surgiram a partir delas”. (Tradução livre)

anonymity so that no one knows that you're the jerk you secretly think you just be. That's a recipe for rage¹⁴⁵. (KIMMEL, 2017, p. 64)

Foi a partir da cultura baseada no humor e na fábrica de memes, proporcionada pela *web*, que foi possível obter-se a energia necessária para que homens jovens e com as habilidades necessárias para o uso das tecnologias pudessem atuar em conjunto, com táticas de transgressão a determinadas instituições sociais. Nagle (2017) lembra que se no início eram mais comuns mensagens e memes voltados para o mundo *geek* ou pornográficas, logo, as redes passariam a ser transnacionais, no incentivo ao compartilhamento de cunho racista e misógino, em um tipo de conteúdo autodepreciativo e produzido no anonimato. Apesar de existir desde a década de 80, os *trolls* passaram a ser instrumentalizados na última década pelos movimentos políticos, com a ajuda de comunidades e fóruns alojados em sites como *4chan*, *8chan*, *Reddit*, *Voat* e *Gab*, onde são compartilhadas as tendências políticas encontradas dentro da direita alternativa.

Nessas comunidades on-line seriam encontradas bandeiras antagônicas e divergentes, mas em boa parte delas indivíduos utilizariam suas ferramentas para construir, de forma coletiva, uma crítica à hegemonia social e política liberal de esquerda. Essa oposição em comum serviria de elemento unificador para o desenvolvimento de ações como o *4Chan.org/pol/*, uma placa de imagem popular que serviria para disseminar *trolls* e mensagens, em oposição ao “politicamente correto”, e que reuniria desde 2011, uma série contínua de conteúdo racista e antisemita, que a levaria ao seu banimento pelo administrador do *website*.

O caso *Gamergate* foi uma dessas ações, em que uma série de ataques a blogueiras e mulheres desenvolvedoras de jogos utilizavam o termo *The Beta Revellion* para expressar a necessidade de articular possíveis ataques na vida real, em que eles poderiam se vingar dos possíveis culpados pela sua emasculação, como também pelo processo de feminização e difusão do politicamente correto da sociedade ocidental. Ele foi resultado de uma ação coletiva entre usuários do *4chan* e *8chan* para proteger o espaço masculino dos jogos on-line, da invasão que aquele espaço estaria sofrendo, diante da atuação dos valores feministas.

O fenômeno de expressão de ódio coletivo à participação do público feminino no mundo dos jogos teria ganhado mais expressão em agosto de 2014, quando um namorado rejeitado publicou um discurso de ódio contra sua ex-namorada, uma desenvolvedora de jogos femininos, alegando que ela havia sido infiel a ele. A mensagem dele ganharia apoio, se disseminaria entre

¹⁴⁵ “A Internet fornece exatamente uma caverna humana, um vestiário politicamente incorreto, em que você pode dizer o que quiser, sem precisar fazer *backup* de algo tão inconveniente quanto à evidência e ainda se esconder atrás de uma tela de anonimato para que ninguém saiba que você é o idiota que secretamente pensa que é. Essa é uma receita de raiva” (Tradução livre).

usuários das plataformas e desencadearia em uma série de abusos, além de ameaças de estupro e morte contra desenvolvedoras e críticas de jogos, voltados para o público feminino.

Para muitos, *Gamergate* tornaria-se um símbolo de uma luta mais ampla contra a “correção política” e a esquerda em geral. À medida que muitos daqueles usuários eram banidos, a partir de decisões tomadas pelos administradores do *4Chan*, eles voltavam a se aglomerar em outros locais, como a placa de imagem, o *8chan*, criada por Fredrick Brennan, em 2013, como uma alternativa de “liberdade de expressão”. Logo, o *8Chan* tornar-se-ia um lar para a disseminação de conteúdo de cunho neonazista e passara a reunir uma comissão de *hackers*, atuando de forma coordenada na trolagem e na realização de invasões de dados de determinadas figuras, com as quais não simpatizavam.

Outras plataformas de discussão anônimas, como *Reddit*, também seriam usadas como espaços para a disseminação de mensagens racistas e misóginas, a partir de usuários reunidos por meio de fóruns como *r/altright* e *r/alternativeright*. Tais *borders* seriam excluídos pelo *Reddit* em janeiro de 2017, após ações de proliferação de informações pessoais e confidenciais de pessoas que eles acreditavam ser indesejáveis. Após esse novo banimento, os membros migrariam para uma plataforma mais permissiva, o *Voat*, onde eles criariam espaços com conteúdo semelhante, os *boards v/identitarian* / e *v/altright*.

Uma das campanhas de exposição coletivas citadas acima aconteceu contra a crítica feminista de *games*, Anita Sarkeesian, que além de ter sua vida privada exposta, por meio da invasão de seus dados on e off-line, a partir da atuação conjunta de *hackers* antifeministas e reunidos a partir de plataformas, como o *4Chan*, a *gamer* também viraria alvo de agressão on-line, quando ela foi transformada em um personagem de um jogo de videogame, onde os usuários poderiam torturá-la, até que a personagem ficasse ensanguentada e com seus olhos inchados. Outra mulher que também seria vítima de ataques parecidos foi a desenvolvedora de jogos Zoe Quinn, após ver um de seus jogos, *Depression Quest*, ser mal aceito pela comunidade *gamer*, por ser identificado e repudiado pela sua abordagem voltada às maneiras politicamente corretas, de lidar com a depressão e outras doenças mentais. Zoe passou a ser alvo de ataques misóginos: os usuários de bate-papos passaram, de forma coletiva, a emitir mensagens de ódio e repugnância contra ela, além de buscarem formas de destruírem sua carreira, ou de a levarem ao homicídio. Fatos similares aconteceram com outras blogueiras, como Greta Christina, Jennifer McCreight e Amis Davis Roth. Esta última teve que mudar de casa, após ter seu endereço exposto em um fórum dedicado a odiar feministas, chamado Slime Pit.

Para Nagle (2017), casos como os citados acima seriam reflexos de um pensamento coletivo de que o espaço da internet, e especialmente dos *games*, deveria ficar restrito aos

homens, porque elas acabariam modificando a “delicadeza” existente entre os usuários masculinos, pois a sua presença em si seria responsável por levantar discussões que levariam às restrições morais e comportamentais daqueles espaços, alterando, desse modo, as formas predominantes de relacionamento existentes nessas subculturas.

The online expression ‘there are no girls on the Internet’, appeared early on in 4chan’s ‘Rules of the Internet’ This is intended to be read not literally but as an assertion that the areas of the Internet in which there are few or no women constitutes ‘the Internet’, meaning the authentic Internet. Women are discussed in a way that presumes their absence, and users seemed to treat the anonymous space as a place where grievances could be aired against women to a sympathetic implicitly male audience¹⁴⁶. (NAGLE, 2017, p. 109)

A pesquisadora também lembrou que esses indivíduos utilizariam a metáfora da “pílula vermelha” para se referirem às práticas antifeministas de suas subculturas on-line, que disseminam diferentes discursos de misoginia e até o celibatismo entre seus participantes, como é o caso do *Incel*. O termo *RedPill*¹⁴⁷ ficaria conhecido em toda a manosphere e daria nome a um dos subfóruns mais expressivos do *Reddit*, no desenvolvimento e compartilhamento de mensagens de cunho misógino e de repúdio às políticas dos direitos civis conquistados pelas mulheres e outras minorias. “*The many sites, subcultures and identifications associated with this anti-feminist online movement have grown and multiplied, to an extent that would undoubtedly have been written up as a ‘digital revolution’ if it had different cultural politics*”¹⁴⁸ (NAGLE, 2017, p. 88).

Outro espaço virtual que vai nessa mesma vertente é o Chateau Heratiste¹⁴⁹, página dirigida por um indivíduo chamado James C. Weidmann, que se tornara conhecido nos fóruns on-line por difundir uma teoria que mistura um tipo de psicologia evolutiva, antifeminista e de defesa da genética da população branca. Nesse espaço, seria defendido que a miscigenação, a

¹⁴⁶ “A expressão on-line ‘não há garotas na Internet’, apareceu no início das ‘Regras da Internet’ do 4chan. Isso não deve ser lido literalmente, mas como uma afirmação de que as áreas da Internet em que há poucas ou nenhuma mulher constitui ‘a Internet’, ou seja, a Internet autêntica. As mulheres são discutidas de uma forma que pressupõe sua ausência, e os usuários parecem tratar o espaço anônimo como um lugar onde as queixas podem ser transmitidas contra as mulheres para um público simpateticamente implicitamente masculino” (Tradução livre).

¹⁴⁷ O termo tinha como referência a pílula vermelha, tomada pelo personagem Neo, do filme *Matrix*, quando lhe é ofertada a possibilidade de sair do mundo dos sonhos, que lhe aprisionava, e entrar em um mundo real, de um futuro incerto, mais libertador. Mas na comunidade *Incel*, equivale à ideia de que as mulheres estariam predispostas a só serem atraídas por certos tipos de tipos de corpo, tons de pele e estruturas faciais.

¹⁴⁸ “Os vários sites, subculturas e identificações associadas a esse movimento antifeminista on-line cresceram e se multiplicaram, de uma forma que, sem dúvida, teria sido escrita como uma ‘revolução digital’, se tivesse políticas culturais diferentes” (Tradução livre).

¹⁴⁹ A página está disponível em: <https://heartiste.wordpress.com/>. Acesso em: 16 abr. 2019.

imigração e as baixas natalidades de mulheres brancas seriam resquícios da difusão do feminismo, que estaria levando a sociedade ocidental ao “genocídio branco”, fenômeno que só poderia ser solucionado com a volta da sociedade patriarcal. Daquele mesmo sentimento surgiria o movimento denominado *Men Going Their Own Way*¹⁵⁰ (MGTOW), formado por homens héteros e solteiros, que buscariam formas de se vingar das mulheres, em protesto contra o feminismo, por acreditarem que tal fenômeno social estaria destruindo a civilização ocidental.

O que é necessário destacar aqui, a partir de exemplos acima, é que independente se as plataformas são on ou off-line, os membros dessas redes, nos dois lados do Atlântico, formariam verdadeiros espíritos de camaradagem, nos quais seria possível compartilhar ideias e debates sobre suas problemáticas particulares, difíceis de serem pautadas, ou discutidas nos ambientes convencionas; ou ainda, diferentemente da seriedade com que esses temas eram tratados no mundo acadêmico, ou no noticiário convencional. Em tais redes, as abordagens estariam obtendo êxito, a partir da substituição dos argumentos da hegemonia política/social da esquerda/liberal por memes e *trolls*, não raras vezes de cunho racista e misógino, que estariam ganhando a adesão de figuras públicas ligadas a uma nova extrema direita, dita alternativa. Para nomes conhecidos do *alt-light*, como Milo Yiannopoulos¹⁵¹, a trolagem seria apenas uma ferramenta de transgressão, um estilo de novo punk, a serviço de indivíduos que se posicionam realmente de forma libertária e fora dos parâmetros que a sociedade do politicamente correto viria impondo.

Seja iniciando campanhas contra a participação das mulheres, nos jogos on-line, seja impedindo a contribuição delas para as plataformas, essas fraternidades virtuais desenvolveriam um espírito de camaradagem entre seus membros, quase sempre masculino. Sobretudo, a partir de inúmeros formatos de manifestação na rede, é possível encontrar discussões segmentadas, ou entrelaçadas, entre bandeiras antifeministas, que muitas vezes negam a existência do patriarcalismo, ou falam sobre a opressão que sofrem por parte das mulheres; de celibatários involuntários, que culpam os valores liberais, pelo próprio fracasso de seus relacionamentos pessoais, e especificamente sexual, com as mulheres; de andrófilos, formado por homens que são sexualmente atraídos por outros homens, mas que rejeitam a suposta influência feminista e

¹⁵⁰ “Homens seguindo seu próprio caminho” (Tradução livre).

¹⁵¹ O britânico Milo Yiannopoulos, pseudônimo Milo Andreas Wagner. Figura conhecida, comentarista político, orador público e escritor do Breitbart News, o qual ficou famoso pelos discursos, ridicularizando o islamismo, o ateísmo, o feminismo, a justiça social e a correção política. Ele ficaria conhecido nos Estados Unidos pelas reportagens e comentários públicos polêmicos. Como um dos editores mais antigos da página Breitbart e definindo-se como “libertário cultural”, nos anos que antecederam a eleição do Donald Trump, sua retórica ganharia fama pela misoginia, pelo anti-islamismo e pela oposição às políticas de justiça social.

efeminada de movimentos LGBT; de grupos relacionados ao MGTOWs, movimento que luta pelos direitos dos homens que decidiram rejeitar completamente a interação feminina; ou de paleomasculinistas, cujos membros pediriam um retorno ao que eles entendem como uma concepção histórica, pré-feminista da masculinidade, na qual a própria natureza seria responsável pela submissão das mulheres aos homens, devido às diferenças biológicas entre os sexos.

A pesquisa de Hermansson (2017) lembraria de outros fóruns que ainda levantariam discussões voltadas para o paleoconservativismo, movimento que exigiria a descentralização, restrições à imigração e o fim do multiculturalismo; o libertarismo de direita (paleolibertários), cujos “libertários culturais” apontam os perigos de hegemonia política e cultural de esquerda sobre os valores conservadores tradicionais, que estariam sob ameaça na sociedade ocidental. Nessa mesma linha, estaria o *Neoreactionary*, ou technolibertarianismo, cuja comunidade esotérica rejeitaria os princípios centrais do Iluminismo, do igualitarismo e da democracia, além de manterem opiniões conservadoras em questões como sexualidade, papéis de gênero e relações raciais.

Ainda enumerando essa diversidade do ciberativismo, estariam os anarquistas de direita, cujas ideias seriam influenciadas pelo ativista britânico Troy Southgate: personalidade que exigiria um sistema pós-capitalista, descentralizado, formado por comunidades tribais separadas e baseadas em grupos raciais, como forma de preservação da diversidade biocultural; os *Survivors*, movimento principalmente formado por norte-americanos, que pregariam a necessidade da preparação da população para possíveis emergências, como uma potencial guerra nuclear, e crises provocadas por um colapso da ordem social. Para isso, os seus membros declarar-se-iam dispostos a manter armas de fogo particulares e possuírem um estoque de equipamentos médicos, alimentos e recursos, além da construção de abrigos e complexos armados.

É possível perceber que, nessa diversidade de movimentos, não seriam poucas as teorias conspiratórias criadas, ou reforçadas por todos eles. Algumas delas são já conhecidas pelo grande público, como a negação do holocausto judeu; a denúncia de falsas informações sobre possíveis mudanças climáticas; ou mesmo a criação de conjecturas raciais para possíveis explicações sobre os atentados de 11 de setembro. Também é comum ver nas publicações daqueles grupos a denúncia do controle midiático tradicional por um complô formado pelo judaísmo, a esquerda liberal e o feminismo, atuando em conjunto com o objetivo de submissão da população branca e masculina. Se em meio on-line, tais discussões ganham uma difusão anônima, por outro lado, parte dessas teorias são alimentadas pelos próprios encontros

presenciais, realizados entre distintos grupos, como a *Traditional Britain Group*¹⁵² (TBG), uma organização tradicionalista sediada em Londres, que desde 2001 recebe reuniões, jantares e conferências de extrema direita. Tem a participação de nomes ilustres, como Lauder-Frost, chefe da editora líder de direitos autorais Arktos Media; Alex Kurtagic, Tomislav Sunic, e John Morgan, com sua atuação conjunta no *Counter-Currents Publishing*¹⁵³; Marcus Willinger, da *Generation Identity*, além de Richard Spencer, supremacista branco do *National Policy Institute* (NPI), que ficaria conhecido pelos seus posicionamentos a favor de Trump, ao discursar e ser filmado em uma conferência, promovida pelo instituto, onde seus membros fazem a saudação nazista, o Sieg Heil¹⁵⁴.

Greg Johnson, editor chefe do *Counter-Currents Publishings*, levaria o modelo do Fórum de Londres para Seattle e Nova Iorque, em eventos que também reuniriam cabeças do *alt-right*, como Kevin MacDonald, do *The Occidental Observer*¹⁵⁵ e vlogger do Reino Unido, Colin Robertson. Eventos que seriam organizados também com a ajuda de um grupo, chamado Cascadia, composto por jovens brancos reunidos com o intuito de realizar discussões de ampla abrangência, como especulações sobre o financiamento de terras para a construção de uma sociedade alternativa, a preservação dos valores ocidentais e da raça branca, e claro, com a participação de mulheres brancas, para que sua prole pudesse ter continuidade.

4.3.2 Os lobos solitários

Como muitos dos sujeitos são incapazes, ou não conseguem atrair e participar de atividades em grupo, parte dos extremistas fica restrita a difundir suas ideias por meio de plataformas virtuais. Isolados fisicamente, muitos desses indivíduos se sentem estimulados a reforçar seus valores, ideologias e ideias de cunho extremistas, disseminando-as na rede, ainda que desligados de grupos como os mencionados acima. Mas, há indivíduos que transpõem a barreira on-line e passam a atuar por meio de práticas de ódio com efeitos físicos letais, como a agressão e o atentado à vida das pessoas.

Not all extremists are explicitly affiliated with particular groups. Nonetheless, they contribute extensively to the “movement, especially in terms of providing ideological fodder on

¹⁵² “Grupo tradicional da Grã-Bretanha” (Tradução livre).

¹⁵³ Página disponível em: <https://www.counter-currents.com/>, acesso no dia 3 de dezembro de 2018.

¹⁵⁴ O vídeo está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NWC_7_ZUuLk. Acesso em: 16 abr. 2019.

¹⁵⁵ Disponível em: <https://www.theoccidentalobserver.net/>. Acesso em: 16 abr. 2019

*which others may feed*¹⁵⁶, pontuariam Perry e Scrivens (2016, p. 825), ao se referirem aos denominados “lobos solitários”. Os pesquisadores canadenses argumentaram que, apesar de atuarem por conta própria, as ações destes indivíduos encontram inspirações e princípios que estão presentes e são disseminados por coletivos distantes fisicamente, mas cuja atuação exerce influência sobre jovens em todo o planeta. Independente da natureza de sua existência, seria a partir das tecnologias de comunicação, como a própria *web*, que tais indivíduos conseguiriam ter acesso às informações e potencializar ações, ainda que de forma isolada.

Officers in Quebec described one individual who self-identified as a committed skinhead, but who had never met any other skinheads; he had become radicalized solely through his use of the Internet. While his most enduring wish was to gather enough money so that he could buy an AK47 with which to “kill a bunch of blacks”¹⁵⁷ (PERRY & SCRIVENS, 2016, p. 834).

Se depoimentos como o citado acima são testemunhos de ações particulares, Parent e Ellis (2014) pontuam que as investigações sociais realizadas sobre indivíduos similares ainda não são suficientemente esclarecedoras para a real compreensão da dinâmica de atuação dos lobos-solitários. Para os acadêmicos canadenses, como muitos daqueles agentes não possuem uma orientação formal, ou quaisquer conexões fortes com um grupo extremista organizado, os laços e os padrões de sociabilidades em que estão embutidos se tornam múltiplos e desconhecidos. Por outro lado, tais dificuldades de investigação não os impediriam de afirmar que aqueles sujeitos são influenciados pela literatura extremista e pelos fóruns e grupos de discussão presentes, como os sites citados acima.

Future extremism and terrorism will be increasingly perpetrated by individuals or small groups of like-minded people. These smaller groups can harbour ideologies that are more extreme and aberrant than those of larger organizations, and they may be more willing to inflict mass casualties. Amateur terrorists have no organization or sponsor to protect, see no reason to limit their violence, fear no backlash.¹⁵⁸ (PARENT & ELLIAS, 2014, p. 26)

¹⁵⁶ “Nem todos os extremistas são explicitamente afiliados a grupos específicos. No entanto, eles contribuem extensivamente para o ‘movimento’, especialmente em termos de fornecimento de forragem ideológica em que outros podem se alimentar” (Tradução livre).

¹⁵⁷ “Oficiais em Quebec descreveram um indivíduo que se identificou como um *skinhead* comprometido, mas que nunca conheceu nenhum outro *skinhead*; ele havia se radicalizado apenas por meio de seu uso da Internet. Embora seu desejo mais duradouro fosse reunir dinheiro suficiente para comprar uma AK4,7 para ‘matar um bando de negros’” (Tradução livre).

¹⁵⁸ “O extremismo e o terrorismo futuros serão cada vez mais perpetrados por indivíduos ou pequenos grupos de pessoas que pensam como eles. Esses grupos menores podem abrigar ideologias mais extremas e aberrantes do que as de organizações maiores, e podem estar mais dispostos a infligir baixas em massa. Os terroristas

Essa influência ideológica racista e a crença em teorias conspiratórias e antigovernamentais também foram identificadas como elementos propulsionadores para atuação isolada desses indivíduos, em ataques violentos, nos Estados Unidos. O relatório do DHS, publicado em 2009, enumerou diversos casos de violência praticados por lobos-solitários, potencialmente estimulados pelas discussões e conhecimentos compartilhados, a partir de grupos extremistas, em seus sítios on-line. O documento mostrava como aqueles indivíduos, ainda que atuando de forma independente, possuíam linhas de pensamento afins com o supremacismo branco, a preservação de uma tradição cristã-ocidental e a defesa de uma soberania nacional antigovernamental. Também fora pontuado que para muitos daqueles sujeitos, também era comum o compartilhamento de aversão ao racionalismo secular, ao desenvolvimento técnico-científico, à institucionalização e mercantilização de todas esferas da vida, à flexibilização da jornada de trabalho, ao sistema econômico hegemônico e seus representantes; fatores esses que estariam levando-os à formação de níveis crescentes de ansiedade e de um número crescente de indivíduos que se sentem solitários, desiludidos, porém dispostos a romper com todo o sistema.

Relatórios de governos e pesquisas acadêmicas acima citados não só demonstrariam um descontentamento de sujeitos atuando individualmente, ou de forma coletiva, como também que muito desse sentimento poderia ser a válvula para que se empenhassem em ações extremistas e por vezes violentas contra determinadas categorias sociais que eles tomam como inimigos. Tais documentos demonstram também que muitos dos alvos foram desenhados a partir das conquistas dos espaços de minorias, sejam elas femininas, *gays*, ou de populações imigrantes; muitas dessas tomadas como representações parciais, ou sequelas de um problema maior, que é identificado com o desenvolvimento do capital e a atuação de seus conglomerados empresariais em diversos aspectos de suas comunidades. Formados essencialmente por homens brancos, heteronormativos e jovens do mundo ocidental, tais arranjos sociais criariam um horizonte simbólico comum, baseado na ideia de que seriam seus próprios interesses, aliados a elementos como a masculinidade e a família heteronormativa, os principais prejudicados diante do ataque sistemático de representantes da estrutura hegemônica aos valores “tradicionais” de suas comunidades, ou do mundo ocidental, como um todo.

amadores não têm organização, ou apoio, para protegê-los, não veem motivos para limitar sua violência, não temem reações adversas” (Tradução livre).

5 APROPRIAÇÃO MERCADOLÓGICA DO MUNDO DOMÉSTICO

Cada “causa”, como é chamada – seja abolição, temperança, seja calvinismo ou unitarismo –, se transforma rapidamente em uma pequena loja, onde os artigos tenham sido eles inicialmente sutis ou etéreos, agora são produzidos em porções portáteis e convenientes, e fracionados em pequenas quantidades para atender aos compradores.

Ralph Waldo Emerson (transcendentalista americano)

Em um contexto mais amplo, a partir de análises realizadas nas últimas três décadas sobre os modelos de organização de parcelas da população, que por algum motivo atuariam às margens do sistema de produção vigente, Boltanski e Chiapello (2009, p. 355) argumentam que parte dessas práticas contingentes seria resultado direto do processo de pauperização das classes, tendência à exclusão econômica e desfiliação social dos indivíduos, nos últimos dois séculos. Para os pesquisadores franceses, o que a última metade do século XX e as duas últimas décadas deste novo milênio nos apresentam é parte de um panorama social em que existem dois polos sociais, um marcado por uma parcela da população que é flexível e adaptável às regras do Estado e do Mercado e que ocupa grande espaço social, usufruindo dos dispositivos sociais que ainda lhes restam; e o segundo polo, que seria formado pelo conjunto de “excluídos”, ou “desfiliados”, indivíduos desempregados e pessoas que, por razões diversas, como a má escolarização e imigração ilegal, estariam categorizadas como “desajustados sociais”. Conforme os autores, esta última categoria não pode ser identificada à classe proletária, (assim denominada há tempos pelo marxismo, como aquela que não detém os meios de produção), tampouco faz parte da classificação de classes sociais, como foi pensada ao longo do último século (entre classe alta, média e baixa, e suas subdivisões de acordo com cada realidade local), pois enquanto essas tradicionais divisões de classes, as subalternas possuiriam seus espaços definidos e papéis sociais particulares para as relações de trabalho que ocupam; as primeiras estariam em processo de segregação, marginalização e/ou ajustamento de seus papéis.

A dificuldade de encontrar uma representação adequada para a divisão de classes contemporânea entre as duas estratificações tradicionais, burguesia e proletariado, seria justificada por Boltanski e Chiapello (2009), diante da formação cada vez mais visível de verdadeiros “desajustados sociais” que se encontrariam às margens do mercado de trabalho e do sistema jurídico; com difícil acesso ao domicílio fixo e a quaisquer documentos que possam lhe proporcionar a cidadania. Aos sujeitos da segunda categoria, seriam negados os direitos já estabelecidos pelo sistema jurídico legal do local onde se encontram. É a partir desses

apontamentos que os pesquisadores franceses argumentam que as dinâmicas de exclusão e inclusão social atual poderiam ser compreendidas a partir do rompimento das conexões tradicionais existentes entre os indivíduos. Ao serem rompidos os elos tradicionais do mundo civil, ocorreria um movimento de deslocamento de parte dos indivíduos para as margens da rede, que perderiam sua visibilidade e a possibilidade de qualquer inclusão social.

Para os sociólogos acima, estar às margens da rede, estar desconectado, pode ser visualizado tanto na situação de estar desempregado, quanto ficar à parte do sistema de saúde disponibilizado pelas autoridades, por exemplo. Pode-se dar também de uma forma tácita, como a impossibilidade do sujeito de transitar na sua cidade, ou entre os locais mais distantes, aos quais a rede de transporte existente potencialmente é capaz de levar-lo. Muitas vezes, incapazes de falar os idiomas exigidos, já que o sistema educacional não seria suficientemente eficiente na habilitação de tal competência, tais indivíduos são jogados numa situação de extrema vulnerabilidade jurídica, obrigando-os a aceitar empregos precários, vivendo em bairros onde o convívio social deixará claras as poucas oportunidades que terão, ao longo de sua vida.

Assim, por exemplo, na elaboração que Robert Castel (1994) faz da noção de *desafiliação* (...) O indivíduo desafiliado é aquele cujas conexões se romperam umas após outras, aquele que já não está inserido em nenhuma rede, que não está vinculado a nenhuma das cadeias cuja imbricação constitui o tecido social, sendo assim “inútil” para o mundo (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009, p. 355 e 356).

Em *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*, Robert Castel (2015) também abordou o surgimento de uma nova categoria de indivíduos, formada a partir de um conceito que ele denomina de “supranumerários”, a partir da década de 1960, composta por sujeitos que seriam percebidos como inúteis, para boa parte do planeta, seja porque não possuem as competências que possam ser merecedoras de conversão em atividades laborais – o que lhes tira, inclusive, a possibilidade de assumir a função de explorados no mercado de trabalho –, seja porque suas práticas não se encaixam nos moldes de sociedade de consumo, estabelecidos no último século, em que os indivíduos assalariados são peças fundamentais nas cadeias de produtivas.

Para o sociólogo francês, os “supérfluos” seriam uma sequela do próprio desenvolvimento do capital, de sua regulação e otimização dos meios de produção. Segundo o autor, essas margens de supranumerários poderiam ser explicadas, em parte, a partir da dificuldade de expansão do mercado. Com os ciclos recessivos verificados nas décadas de 1970

em diante, as empresas e os estados estariam tentando reduzir seus custos, seja na prospecção de insumos, ou mesmo na diminuição de custos humanos e com isso estariam provocando mudanças na forma como o Estado soluciona os desequilíbrios sociais.

Se antes o estado de bem-estar social, desenvolvido no ocidente, buscava resolver a situação das diferenças sociais, a partir do estabelecimento de conexões entre os indivíduos e as instâncias de nível mais elevado, como por meio das administrações governamentais, empresas e famílias, para Castel (2015) tais instituições não seriam mais aptas e nem possuiriam mecanismos de proporcionar tal equilíbrio no mundo contemporâneo. Assim, o sistema econômico vigente não deixaria os sujeitos apenas às margens do sistema econômico, mas esse processo de desordenamento das instituições tradicionais teria consequência direta em outros aspectos de suas vidas.

O pesquisador adiciona que a segmentação dos empregos e o desenvolvimento dos serviços, verificados na segunda metade do século XX, aliados à diminuição da influência de decisão política que as representações trabalhistas teriam sofrido nesse período, provocariam um processo de individualização do sujeito, em seu ambiente de trabalho, fazendo diferenci-lo do modelo fordista de produção e colocando sobre a responsabilidade do indivíduo não só a disposição e a capacidade para trabalhar, como também a vender a si próprio, enquanto mercadoria, aliando suas qualidades laborais a pessoais e redefinindo constantemente sua identidade profissional.

A flexibilidade é uma maneira de nomear esta necessidade do ajustamento do trabalhador moderno à sua tarefa.

Não caricaturemos. A flexibilidade não se reduz à necessidade de se ajustar mecanicamente a uma tarefa pontual. Mas exige que o operador esteja imediatamente disponível para adaptar-se às flutuações da demanda. Gestão em fluxo tenso, produção sob encomenda, resposta imediata aos acasos dos mercados tornam-se os imperativos categóricos do funcionamento das empresas competitivas. Para assumi-los, a empresa pode recorrer à subcontratação (flexibilidade externa) ou treinar seu pessoal para a flexibilidade e para a polivalência a fim de lhe permitir enfrentar toda a gama das novas situações (flexibilidade interna) (CASTEL, 2015, p. 517).

Mas o sociólogo apontaria que esse processo não ficaria restrito às situações de trabalho, mas se abrangeria para todos os aspectos da vida humana, exigindo “a mobilização de competências não apenas técnicas, mas também sociais e culturais, que pegam no contrapé a cultura profissional tradicional de uma maioria de assalariados”, implantando assim um processo de formação, adaptação e seleção permanente dos indivíduos, diante das exigências do mercado. Para Castel (2015, p. 467), estaria ocorrendo um tipo de mitologização de um perfil

humano que deveria ser eficaz, dinâmico, bom trabalhador e disposto a se divertir com as possibilidades de consumo e espetáculos que todo o mercado teria a proporcionar, seja por meio das mídias, ou de serviços, que aliariam atividades de lazer ao consumo. O autor pontua que nessa realidade, que teve início ainda no século XVIII e passou a desenvolver em todo o mundo ocidental nos últimos dois séculos, foi criada uma atmosfera onde dominaria um “princípio de diferenciação generalizada”, no qual o tipo de consumo seria responsável pelo estabelecimento e classificação das próprias categorias sociais e determinantes na formação de suas identidades, contribuindo, assim, tanto para a formação profissional dos indivíduos, quanto para os processos de ascensão e descenso social.

O que os sujeitos põem em jogo aí não é sua aparência, mas sua identidade. Manifestam, através do que consomem, seu lugar no conjunto social. Analogia do sagrado numa sociedade de agora em diante sem transcendência, o consumo de objetos significa, no sentido forte do termo, o valor intrínseco de um indivíduo em função do lugar que ocupa na divisão do trabalho. O consumo é a base de um “comércio” no sentido do século XVIII, isto é, de uma troca civilizada através da qual os sujeitos sociais se comunicam (CASTEL, 2015, p. 475 e 476).

Trataria-se de uma dinâmica que passaria a existir dentro de todas as classes. Na França, por exemplo, seria possível enxergar categorias que estariam mais bem inseridas nas estruturas produtivas, por liderarem uma corrida simbólica de formação profissional a cadeias de consumo e entretenimento, como seriam os casos dos quadros médios e superiores, professores, publicitários, especialistas em comunicação¹⁵⁹. Porém, se para alguns grupos o capital simbólico herdado ou acumulado facilitaria o seu desempenho diante do sistema produtivo, para outros, essa segmentação e fragmentação das tarefas estariam gerando a precariedade, o isolamento e a perda das proteções sociais, pois essa corrida à eficácia acarretaria a desqualificação dos menos aptos. Se de um lado, aquelas classes médias estariam liderando uma corrida na integração das habilidades laborais a partir do consumo, do outro lado, formara-se um grande contingente de trabalhadores periféricos, sujeitos (o autor citaria que em sua maior parte, no caso específico da França, essa categoria é formada por imigrantes, mulheres, jovens sem qualificação e idosos) que não acompanhariam as habilidades de formação exigidas pelo mercado, tampouco às tendências de consumo a elas ligadas, e logo seriam incapazes de estabelecer os processos de conversão simbólica de seu consumo em ganhos profissionais, na

¹⁵⁹ Ao que parece, Castel (2015) estaria falando dessa nova classe assalariada francesa, da qual Pierre Bordieu (2007) exemplificou em suas diversas obras, como aqueles grupos de indivíduos que estariam à frente da corrida pelo capital simbólico.

prospecção de um lugar no mercado de trabalho.

É o que se chama de “quarto mundo”, expressão de um exotismo um tanto suspeito, como se, nas sociedades desenvolvidas, subsistissem pequenas ilhas arcaicas povoadas por todos aqueles que não puderam, ou não quiseram, pagar o preço da integração social e ficaram fora do trabalho regular, da moradia decente, da união familiar consagrada e não frequentaram instituições de socialização reconhecidas. “São aqueles que, não tendo podido entrar nas estruturas modernas, permanecem fora das grandes correntes da vida da nação”. Vagueiam ou moram na periferia das cidades, se reproduzem entre eles, geração após geração, vivem de expedientes ou auxílios e parecem desencorajar os esforços bem-intencionados de todos os que querem moralizá-los e normalizá-los” (CASTEL, 2015, p. 476 e 477).

Tentando compreender o mesmo panorama, o sociólogo espanhol Manuel Castells (1989) pensa que há uma crescente polarização entre dois mundos distintos na contemporaneidade, reflexo das diferenças de acesso ao capital e especificamente aos meios tecnológicos (com ênfase para a comunicação) disponíveis: de um lado, estariam os indivíduos conectados a uma ampla rede de comunicação e com acesso às possibilidades de mobilidade global; de outro, os excluídos de grande parte daquelas tecnologias e incapacitados, seja financeiramente, ou mediante outros modos de impedimentos sociais (como a falta de documentos, competências profissionais, ou de domínio de idiomas alheios), que seriam responsáveis por uma marginalização crescente dos indivíduos.

Enquanto os primeiros encaram as cidades como locais de passagem e acesso ao conforto, aos serviços e aos demais recursos existentes, em suas urbes temporárias, podendo inclusive se deslocar desses ambientes ao bel-prazer e em busca das oportunidades, até onde suas vistas puderem alcançar, aos excluídos dessas potências de mobilidade, restaria-lhes procurar a melhor forma de lidar com as limitações que a realidade local disponibiliza. Zygmunt Bauman (2009) nos ajuda a ilustrar esse fenômeno, sob as diferenças de atuação entre os “operadores globais” e os que estão incapacitados disso:

Se as coisas se tornam desconfortavelmente quentes e o espaço em torno de suas residências urbanas se mostra muito perigoso e difícil de administrar, eles podem se mudar para outro lugar – opção que não dispõem seus vizinhos (fisicamente) próximos. Essa opção de escapar aos desconfortos lhes dá uma independência com que os outros podem apenas sonhar. (BAUMAN, 2009, p. 125)

A nível individual, tal precariedade é refletida nas incapacidades de adaptação às mudanças do mundo contemporâneo, quando pensada sob ponto de vista do mercado financeiro. Nessa conjuntura, os agentes são colocados sob a atuação de correntes especulativas

e de constantes migrações de capitais.

O que se costuma denunciar como uma das fontes atuais de desigualdades, a saber, ou o poder dos mercados financeiros ou a globalização está associado ao diferencial móvel/imóvel que analisamos acima.

Os mercados financeiros – já se repetiu bastante – deslocam seus investimentos num ritmo que não tem termo de comparação com as trocas de mercadorias (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009, p. 375).

As pessoas que estão às margens estão impossibilitadas da mobilidade, seja porque não possuem as competências necessárias, seja por estarem enraizadas, a partir dos laços familiares que as “prendem”, pois, ao contrário das transnacionais, aqueles sujeitos dificilmente terão novas oportunidades de reintegração à rede. Assim, a corrida por oportunidades dos conglomerados multinacionais acabaria refletindo em crises sociais cíclicas nos territórios em que puderam explorar.

Mas, não são apenas as pessoas físicas que se inserem na categoria de explorados; os próprios países, por uma necessidade de se inserirem nesse jogo especulativo do mercado financeiro, seriam vítimas da liquidez do seu capital. Em busca de desenvolverem suas políticas de desenvolvimento social, os estados acabam ofertando possibilidades de negócios para o capital internacional, com vistas ao longo prazo, no entanto eles também entram numa competição em que os únicos vencedores provavelmente seriam as grandes empresas transnacionais. Por outro lado, tais conglomerados, a cada oferta que recebem se movem para outra região do globo, em busca de novas oportunidades, e deixam em suas antigas sedes não só as esperanças de desenvolvimento nacional, como também os contingentes de desempregados, muitos deles realocados à situação de excluídos.

O imperativo de mobilidade está tão bem introduzido nos costumes, que uma empresa que feche uma instalação, propondo recolocação a quinhentos quilômetros de distância, pode alegar que fechou sem demitir: se as pessoas não a seguem, a culpa é delas, afinal; se foram demitidas, foi porque assim quiseram” (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009, p. 380).

O sociólogo estadunidense Richard Sennet (2006) caracterizaria esse processo como parte de uma nova ordem institucional em que os principais atores (empresas multinacionais e estados) podem se eximir da responsabilidade e justificar tal indiferença, como parte da liberdade que os indivíduos possuem com a política liberal de mercado. Em *A cultura do Novo Capitalismo*, este pesquisador lembraria que se antes as multinacionais costumavam desenvolver seus planos de expansão aliadas aos potenciais desenvolvimentistas, estabelecidas pelas políticas nacionais, a partir da atuação autônoma de acionistas e de seus aglomerados de

investidores globais, elas não necessitam estar atreladas às políticas de estados, tampouco necessitam se instalar numa nação para que atinjam seu mercado consumidor, mas apenas usufruïrem das oportunidades fiscais e mercadológicas existentes, enquanto for interessante para sua ampliação das margens de lucros.

Quando deixar de ser conveniente atuar em determinada região, as multinacionais buscarão novas oportunidades, sem que as nações tenham poder efetivo para evitar a migração de capital e dos empregos a ele atrelados. “A maneira mais radical de sustentar o caráter ímpar de nossa época seria afirmar que os países estão perdendo seu valor econômico” (SENNET, 2006, p. 25 e 26).

5.1 Padronização das relações sob os critérios de produção

Em *Contracultura através dos tempos*, os escritores Ken Goffman e Dan Joy, identificados sob o pseudônimo de R. U. Sirius (2007) também se interessariam por determinados movimentos históricos caracterizados pela sua transitoriedade normativa e estrutural, pela velocidade, flexibilidade, mutabilidade e fugacidade, características que aproximariam esses arranjos sociais aos conceitos de “*communitas*”, de Turner (1974). Além das dinâmicas acima citadas, os autores documentariam entre os movimentos investigados uma indisposição contra todo o desenvolvimento do sistema hegemônico produtivo. Sirius (2007) expressaria que em diferentes momentos históricos tais arranjos sociais estariam incomodados com a submissão de aspectos da vida pessoal e de suas comunidades à lógica produtiva. Ele reforçaria que na contemporaneidade os “monólitos empresariais globais” foram tomando proporções tão grandes, que acabaram muitas vezes se fundindo aos próprios estados. Com isso, o poder de decisão desses conglomerados não se restringiria apenas à melhor otimização das margens de lucro, mas atuaria diretamente na “vetorização” das políticas públicas e incidiria de modo decisivo na persuasão e modificação de valores e estilos de vida dos próprios indivíduos, estejam estes em seus ambientes públicos, ou privados.

Com tal *modus operandi*, determinado pelo mundo da produção e do mercado, suas decisões determinariam não só as condições físicas e materiais dos cidadãos de todo o mundo, como também teriam influência na definição da qualidade de vida, da habitação, da saúde, do trabalho e de modo incisivo no ato de consumo dos indivíduos, em todos os seus aspectos. Nesse panorama, os interesses subjetivos dos cidadãos, independente de onde estejam localizados e em que espaços sociais atuem, passariam a ser estimulados, compartilhados e identificados com os próprios interesses empresariais. Tais conglomerados estariam assim:

Invadindo a privacidade de todo mundo para globalizar (isto é, integrar) sua base de consumidores de modo a atender à integração de seus interesses empresariais, e eles estão utilizando informações anteriormente particulares para excluir pessoas do serviço de saúde, de empregos, da concessão de crédito e da habitação. Eles estão criando um sistema fechado em que as escolhas e oportunidades dos 138orrelacio são capturadas em uma rede de bases de dados empresariais que não pode ser contestada (SIRIUS, 2007, p. 393 e 394).

Seguindo raciocínio parecido, Boltanski e Thévenot (1991, p. 258) declarariam que o modelo de desenvolvimento produtivo, adotado nos últimos dois séculos, seria marcado pela redução das faculdades mentais dos indivíduos aos instrumentos de cálculo e medição da realidade. Tratar-se-ia de um período de contínua hipervalorização, ou preponderância do mundo da indústria sobre as outras ordens, onde sobressairiam as relações funcionais sobre quaisquer soluções alternativas de compreensão e da 138 orrelaci; estas teriam suas complexidades decompostas e cada vez mais submetidas aos métodos de avaliação econômica.

Para os franceses, independentemente se capitalista ou sob o regime soviético, houve uma progressiva evolução de uso de critérios tecnocientíficos, como parte de um processo de compreensão da realidade, iniciado ainda com o Iluminismo e a Revolução Industrial, de especulação científica e racional, como ferramentas para o desenvolvimento de uma lógica, que foi tomada por muitos agentes hegemônicos como único dispositivo seguro para a resolução de quaisquer problemáticas da vida humana. Mas, os pesquisadores acima são apenas alguns dos autores aqui citados que irão retomar as discussões de Max *Weber*, para apontar como os processos de modernização, racionalização, desencantamento, ou diferenciação – como preferirem 138orrelac-los – iriam determinar verdadeiras revoluções no sistema jurídico, comercial, administrativo e ético nas sociedades ocidentais. Em comum, eles argumentariam que tais dinâmicas serão responsáveis pela substituição e rejeição dos modos de vida tradicionais, além da redução dos indivíduos, em suas diversas esferas sociais, às funções produtivas.

Outro teórico que seguirá essa linha de discussão, Bresser-Pereira (1972) recapitularia que os estágios de desenvolvimento do sistema econômico capitalista mundial seriam sintomas desse processo contínuo de racionalização e burocratização de todas as esferas da vida, que ganhou mais força a partir do momento em que o capital se aliou e instrumentalizou o Estado, como forma de dar prosseguimento ao seu objetivo maior: a acumulação de riquezas. Quando escreveu *Tecnoburocracia e contestação*, o pesquisador brasileiro atualizaria o debate sobre o encontro de afinidades de duas grandes forças políticas e ideológicas existentes: a) a racionalização e b) a implantação das vertentes econômicas, políticas e culturais da

tecnoburocracia.

Ele pontuou que a definição dos objetivos econômicos de uma nação a partir de organizações de cunho essencialmente burocráticos e/ou comerciais é uma característica presente desde o início da Revolução Industrial e que passou a ser disseminada em todo o planeta, a partir da difusão global da ideia de que a “felicidade” das nações deveria ser medida pelo desenvolvimento científico-tecnológico de seus meios de produção. Nessa concepção de governabilidade, buscar-se-ia a eficiência, a partir da submissão das problemáticas dos indivíduos aos critérios de produtividade. Nesse sentido, a ciência, a educação, as normas jurídicas, a esfera do trabalho e até os espaços de lazer passaram a colaborar para que essa produtividade pudesse atingir níveis cada vez mais altos. Segundo o autor, a própria corrida desenvolvimentista de grande parte do século XX, entre as duas grandes potências, Estados Unidos e União Soviética, não seria mais do que uma disputa entre dois modelos de produtividade que se assemelhavam por um desejo em comum:

A eficiência econômica, a maximização da produção de bens e serviços, dada uma quantidade limitada de recursos produtivos, resume toda a aspiração por racionalidade do mundo moderno. E traduz o sentido materialista desse mundo. Os objetivos econômicos são, na prática, colocados acima de todos os demais. É difícil para o homem comum e particularmente para a tecnoburocracia imaginar que possa haver outros valores, eventualmente maiores, a serem atingidos, como a liberdade, o amor, a beleza, a verdade, a justiça, a realização pessoal (BRESSER-PEREIRA, 1972, p. 114 e 115).

O autor justificaria suas palavras ao dizer que não é que a ideologia tecnoburocrática das sociedades modernas deixasse de admitir a existência de outros valores acima citados, mas que ela os concebe subordinados aos critérios de eficiência e desenvolvimento econômico. O nível de bem-estar, o grau de liberdade, o grau de segurança, justiça social e beleza, tudo isso deveria ser olhado sob o ponto de vista econômico: se são capazes de produzir dividendos, podem ser encarados com bons olhos, mas se fogem à tal esfera, são colocados sob o rótulo de costumes arcaicos, não adaptados e responsáveis por parte dos atrasos sociais. Como todos os aspectos culturais de uma nação seriam colocados sob a ótica racional-economicista, os objetivos das nações passariam ser a inclusão progressiva de maiores parcelas da população sob os preceitos do sistema produtivo hegemônico; ou seja, a política passaria a estar e atuar a serviço da própria cadeia de produção e o consumo, aqui, assume uma posição central.

Quando fala em tecnoburocracia, Bresser-Pereira (1972) remete à ideia de “sociedade totalitária”, expressão utilizada por Herbert Marcuse (1973), em *A ideologia da sociedade industrial*, para o estágio atingido pela sociedade ocidental contemporânea e de seus parceiros

de desenvolvimento, na manipulação das necessidades de seus cidadãos. Essa sociedade estaria marcada pela propagação de uma ideologia consumista, na qual o consumo é assumido como sinônimo de felicidade, com a ajuda de técnicas de incentivo à participação e à integração dos indivíduos à cadeia de produção, como a publicidade, o marketing e os meios de comunicação, como um todo. Para o pesquisador alemão, de uma maneira geral, aquelas técnicas seriam responsáveis pela disseminação de um tipo de ideologia (transmutada na ideia de desenvolvimento técnico-científico) que seria potencializadora de uma forma de ajustamento pessoal, travestido em liberdade de comportamento. Em concordância com o teórico alemão, Bresser-Pereira (1972) salienta que por meio de todo esse rol de conhecimentos, hábitos e padrões de comportamento, estimulados pelos meios produtivos, os indivíduos passariam a exercer o papel exclusivo de eternos consumidores.

Com o desenvolvimento do capitalismo, a sociedade se organiza para a produção de mercadorias, nas quais o importante não é o valor de uso, mas o valor de troca. Esta produção de mercadorias torna-se tão importante, que passa a dominar todas as relações sociais. Ocorre então o processo de reificação ou coisificação das relações sociais. As relações sociais passam a ser realizadas no mercado, de forma impessoal. Significativas são as mercadorias e sua troca, não as pessoas. O valor de troca das mercadorias, ao qual os homens se alienam, torna-se dominante em relação à vida humana. O próprio trabalho é transformado em uma mercadoria, a ser trocada no mercado como qualquer outra. A vida humana torna-se, assim, não apenas dominada pela produção de mercadorias, mas transformada ela própria em uma mercadoria (BRESSER-PEREIRA, 1972, p. 126).

Se Bresser-Pereira (1972) e Marcuse (1973) denunciaram que esse modelo de sociedade seria responsável pela submissão de todas as esferas da vida ao sistema de produção econômico, em comum, os autores, numa proximidade temporal, também denunciariam como a tal subserviência das diversas sociedades, ao cálculo racional científico-econômico, tiraria dos indivíduos aquilo que eles tinham de mais humano. Para eles, a valorização das coisas, idealizada pelo capital, viria acompanhada da desvalorização do corpo humano, assim como o desejo pelo dinheiro tomaria o lugar de todas as necessidades genuinamente humanas. Nesse sentido, não só as atividades laborais, como as decisões políticas, o uso do tempo livre, as práticas culturais e intelectuais passariam a ser pensadas sob a lógica do mercado, dando a este o caráter “totalitário”:

“Totalitária’ não é apenas uma coordenação política terrorista da sociedade, mas também uma coordenação técnica-econômica não-terrorista que opera através da manipulação das necessidades por interesses adquiridos. Impede, assim, o surgimento de uma oposição eficaz ao todo (MARCUSE, 1973, p. 24 e 25).

Para o autor alemão, se a civilização industrial potencializa a liberdade no modo de pensar e agir do indivíduo, diante das possibilidades infinitas de atuação comportamental, paradoxalmente sua autonomia estaria atrelada à submissão às condições materiais de produção e ao consumo existentes. Para ele, o panorama atual manifesta-se como um estágio de sociedade cujas práticas e condutas apresentam-se limitadas aos princípios e instituições produtivos, nos quais são reduzidas as possibilidades de oposição e iniciativas, ou práticas alternativas ao *status quo* do modelo vigente. Ao tempo em que são estabelecidas as regras de tal lógica, as instituições produzem um discurso que ecoa como inútil qualquer tentativa de não conformidade ao sistema. O desligamento dos indivíduos dessa lógica significaria sérias desvantagens econômicas em suas vidas e a redução de oportunidades de se conseguir o bem-estar social, pregado e alcançável pela cultura do consumo.

Conforme o pesquisador, os processos de automatização do trabalho, a redução das horas e situações de risco laborais, aliados às garantias crescentes de qualidade de vida, estabelecidos pelos contratos trabalhistas, transformariam a visão do antigo proletariado, assim definido pelo modelo “marxista”, ainda nos anos de expansão do capital, em meados do século XX. Parte dessas mudanças, inicialmente presentes nos países desenvolvidos do mundo ocidental, a partir do *Welfare State*, seria responsável por desenvolver certa docilidade e até a adesão espontânea dos trabalhadores aos valores pregados pela sociedade industrial. “A assimilação nas necessidades e aspirações, no padrão de vida, nas atividades das horas de lazer, na política se deriva de uma integração na própria fábrica, no processo material de produção” (MARCUSE, 1973, p. 43). Para ele, esta mudança de *status* na classe trabalhadora, de operário para cidadão consumidor, teria repercussão na criação de necessidades e no modo de vida desejados pelas classes subalternas, que passaram a aspirar estilos de vidas próximos às classes mais altas e se identificarem com elas, dirimindo assim, ou ao menos aparentemente, as diferenças de comportamento entre os dois polos sociais.

Marcuse (1973) também enfatizaria que as mudanças na percepção dos conflitos existentes, entre trabalhadores e os detentores do capital, se daria pela falta de identidade de classe que os proprietários, hoje no papel de acionistas de capital aberto, adquiririam em seus hábitos: auxiliados por profissionais e especialistas bem pagos, de hábitos similares. Na verdade, o próprio conceito de classes sociais seria questionado, pois, independentemente de onde estão atuando, todos os trabalhadores acabariam fazendo parte, de alguma forma, da máquina corporativa – seja ela estatal, ou multinacional – e defendendo o próprio modo de exploração e mercantilização ao qual estão sujeitos.

Outro conceito, cujo sentido também se liquefaz para o pesquisador alemão foi o de

“exploração do trabalhador”, pois, segundo ele, a organização administrativa dos setores econômicos, aliada ao desenvolvimento científico e dos institutos de pesquisa, como dos próprios estados nacionais, tenderiam a atuar por meio de uma racionalidade objetiva que busca estabelecer uma relação impessoal e sem resquícios quaisquer de autoritarismo e maus tratos ao trabalhador. A racionalidade de um sistema econômico, formado por técnicos, construiria a impressão de que as melhores soluções estariam à disposição do público e aí se justificaria a sua continuidade, a expansão e o aprimoramento dos meios de produção para todas as esferas da vida social, como um ideal a ser alcançado para o maior desenvolvimento social das nações, sejam elas capitalistas, ou comunistas.

Nas sociedades capitalistas desenvolvidas, a busca pela satisfação das necessidades de consumo seria parte da cadeia contínua de criação de novas demandas, desejos e, conseqüentemente, se transformaria em fonte de renovação contínua para as margens de lucro dos proprietários do capital, mas para Marcuse (1973), tal modelo social, ao invés de promover canais de libertação do indivíduo, tal racionalidade tecnológica estaria operando na tendência oposta. Seguindo Karl Marx, o teórico crítico alemão pontuaria que nesse modelo de sociedade, as relações entre os atores e o mundo só levariam em consideração uma racionalidade, a cognitiva-instrumental, sem que isso significasse necessariamente um processo de emancipação de suas práticas, ou o atendimento de suas subjetividades.

O avanço tecnológico e as aplicabilidades desenvolvidas pelo próprio sistema produtivo levantariam a bandeira da “isenção” de seu uso, no entanto eles esconderiam as origens para as quais foram criados e serviriam como ferramentas de controle, à definição de condutas e práticas sociais, e seriam responsáveis pela transformação de qualquer forma de oposição estabelecida à lógica de produção e do consumo.

Como falado antes, a razão seria a bandeira desta lógica, por isso tudo aquilo que se assumisse contrário às práticas por ela difundidas ganharia contornos de irracionalidade, fora de sentido. Dessa forma, aqueles indivíduos que produzem seus próprios bens seriam vistos como representantes de uma existência primitiva e alheia ao cálculo racional, logo insegura. As práticas “desconhecidas” das leis do mercado, posicionar-se-iam como inferiores e perigosas às relações de consumo, por isso a necessidade de controlá-las. Nesse ambiente, não só as práticas intermediárias de produção e comercialização de produtos e serviços se tornariam manifestação de tal racionalidade, mas todas as outras esferas da vida humana poderiam atuar a favor da cadeia de produção e consumo. Ao serem submetidas sob a lógica do capital, propostas alternativas de atuação produtiva, ou regimes de diferentes ordens sociais, poderiam tornar-se campos mais amplos para a retroalimentação de todo o sistema, tornando-o cada vez

mais eficiente em seus objetivos.

O reinado de tal realidade unidimensional não significa o domínio do materialismo e que as ocupações espirituais, metafísicas e boêmias estejam desaparecendo. Pelo contrário, há bastante promoções de gênero “*Worship together this week*”, “*Why not try God*”, *Zen*, existencialismo e estilos exóticos de vida. Porém tais formas de protesto e transcendência não mais são contraditórias ao *status quo* e não mais são negativas. São, antes, a parte cerimonial do behaviorismo prático, sua negação inofensiva, rapidamente digerida pelo *status quo* como parte de sua dieta salutar (MARCUSE, 1973, p. 33 e 34).

Para o pesquisador alemão, o desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação, aos moldes do capital, seria o grande responsável por esta mistura harmoniosa entre movimentos artísticos, políticos, religiões e filosofias, com seus anúncios, colocados todos na situação de mercadorias. Neste sentido, se antes as artes desempenhavam uma missão de suspensão das verdades – fossem elas colaborativas, ou contraditórias ao *status quo* – a partir da revolução tecnológica, elas perderiam esse caráter e assumir-se-iam com novas funções, inclusive, recebendo incentivos para que sejam integradas às engrenagens do sistema econômico. Como acrescentaria Marcuse (1973), não importaria qual tipo de verdade que pregassem, mas sim se apresentam valor de troca.

O poder absorvente da sociedade esgota a dimensão artística pela assimilação de seu conteúdo antagônico. No domínio da cultura, o novo totalitarismo se manifesta precisamente num pluralismo harmonizador, no qual as obras e as verdades mais contraditórias coexistem pacificamente com indiferença. (MARCUSE, 1973, p. 73)

Em um texto-resposta à própria discussão de Marcuse (1973), em *Ciência e Tecnologia como Ideologia*, Jurgen Habermas (1998) pontua os elementos merecedores de atenção, como também os paralelos temáticos existentes entre aquele primeiro autor e outros dois nomes da Teoria Crítica, Max Horkheimer e Theodor Adorno, quanto à expansão do capital a todas as esferas de ação humana, a partir do desenvolvimento tecnológico e científico. Para Habermas (1998), os três pensadores citados enfatizaram os efeitos sociopolíticos que a união entre a economia capitalista e o estado moderno poderiam ocasionar, em sua provável parceria entre ciência, governo e economia. Essa relação, conforme os teóricos da Escola de Frankfurt, tenderia a reduzir “todas as questões de validade ao limitado horizonte da racionalidade”, transformando, por exemplo, as manifestações estéticas, ou práticas de diversão, em potenciais espaços de prospecção de lucros, pelos detentores dos meios de produção e de seus especialistas, inibindo, inclusive, qualquer posicionamento crítico a tal modelo.

Habermas (1998) aponta que tal modelo de produção tem como referência o conceito de racionalidade de Max *Weber*, para quem o “tráfego social” passou a ser regido pelo direito privado burguês e pela dominação tecnoburocrática, com o desenvolvimento do capital. Aquele teórico alemão reafirmaria Marcuse (1973), em sua denúncia sobre como a submissão das esferas sociais aos critérios de decisão racional corresponderia, de certa forma, ao alastramento das relações de produção e, conseqüentemente, do trabalho social aos outros ambientes da vida humana, como o mundo doméstico, ou mesmo da inspiração. Nesse panorama, o desenvolvimento do capital acabaria sendo decisivo em questões como educação, habitação e difusão cultural, que passariam a ser vistas sob os moldes instrumentais, com a finalidade exclusiva de acumulação de riquezas. “Marcuse está convencido de que, naquilo que Max *Weber* chamou “racionalização”, não se implanta a “racionalidade” como tal, mas, em nome da racionalidade, uma forma determinada de dominação política oculta” (HABERMAS, 1998, p. 46). Seria por meio desse modelo de ocultação ideológica que se tornaria possível tirar da burguesia a tacha de exploradora dos trabalhadores e estimular a adesão dos mesmos a sua causa, contando com a ajuda de mecanismos de identificação ideológica entre as classes, sujeitando-as a um modelo único de bem-estar social, em que fica quase imperceptível a dialética entre produção e alienação do tempo livre dos indivíduos.

Neste universo, a tecnologia proporciona igualmente a grande racionalização da falta de liberdade do homem e demonstra a impossibilidade “técnica” de ser autônomo, de determinar pessoalmente a sua vida. Com efeito, esta falta de liberdade não surge nem irracional nem como política, mas antes como sujeição ao aparelho técnico que amplia a comodidade da vida e intensifica a produtividade do trabalho. A racionalidade tecnológica protege assim antes a legalidade da dominação em vez de a eliminar e o horizonte instrumentalista da razão abre-se a uma sociedade totalitária de base racional (HABERMAS, 1998, p. 49).

Para explicar as diferenças entre os tipos de racionalidade presentes nas sociedades tradicionais e as desenvolvidas na era pós-revolução industrial, Habermas (1998) cita a oposição existente entre as ações de interação familiares das comunidades pré-capitalistas, e de certa forma sobreviventes até hoje, em pequenos núcleos sociais e especificamente de ordem doméstica (como nas relações de parentesco e vicinais), das ações de cunho instrumental, de caráter planejado e com fins produtivos, disseminados pelo capitalismo tardio. A partir da visualização dessas diferentes ordens sociais, ele expõe denúncias similares àquelas que os teóricos críticos mantêm sobre a expansão progressiva do modelo racional, entre os espaços de contato tradicionalmente direto, presentes no mundo doméstico.

Como ele lembraria, tal processo se dá com a ajuda da substituição das legitimações tradicionais e suas respectivas interpretações particulares do mundo por um discurso de caráter exclusivamente científico, como forma de expressão do próprio desenvolvimento das sociedades. Ao deslegitimar tais modelos de sociabilidade, o sistema produtivo hegemônico alteraria as relações de poder, ou substituiria os valores e conceitos normativos tradicionais por uma ideologia técnico-científica. “Nesse sentido, não pode haver “ideologias pré-burguesas”, sentenciaria Habermas (1998, p. 66).

Segundo este último autor, entre as sequelas deixadas por essa substituição de modelos de ação comunicacional tradicionais pelo uso de procedimentos técnicos está um certo desleixo para questões práticas e de interesse humano, que são deixadas de lado, em prol do melhor ajustamento burocrático dos indivíduos.

Como variável independente, aparece então um progresso quase autônomo da ciência e da técnica, do qual depende de facto a outra variável mais importante do sistema, a saber, o crescimento econômico. Cria-se assim uma perspectiva na qual a evolução do sistema social parece estar determinada pela lógica do progresso técnico-científico (HABERMAS, 1998, p. 73 e 74).

Já foi citado aqui, em outros momentos, que tal controle ideológico e político desse modelo técnico-científico obtém sucesso, porque não atua exclusivamente em ambientes organizacionais, ou instituições sociais de finalidade produtiva, mas mediante estímulos condicionados nos campos que tradicionalmente são voltados ao exercício da liberdade subjetiva, como nas horas de lazer e no consumo cultural e estético. Para Habermas (1998, p. 76 e 77), seria por meio dessas áreas que seria assegurada a lealdade das massas e esse modo de vida, no qual seria colocada em prática uma política da evitação de conflitos entre classes. Assim, o teórico alemão reafirmaria que, ao serem inseridas aos moldes racionais, as intersubjetividades humanas seriam colocadas sob as égides normativas do sistema produtivo. A superioridade do modo de produção capitalista se daria justamente no êxito que este sistema teria em se adaptar aos diferentes ambientes sociais. Nesse sentido, quaisquer subsistemas existentes ao capital seriam progressivamente agregados às forças produtivas, em demérito de qualquer coisa que atrapalhe a lógica da produtividade. Além do mais, não só a organização do trabalho e do tráfico econômico, mas toda a rede de transportes, de comunicação, as instituições do direito privado e da burocracia estatal adquiririam as condições da racionalidade instrumental. “Ela apodera-se, pouco a pouco, de todas as esferas vitais: da defesa, do sistema escolar, da saúde e até da família; e impõe tanto na cidade como no campo uma urbanização da forma de vida” (HABERMAS, 1998, p. 65 e 66).

Como a população não consegue reconhecer os mecanismos que atuam de modo sistemático em suas vidas, Habermas (1998) não pensaria diferente de Marcuse (1973) e se somaria a este quanto aos argumentos de que a haveria uma despolitização das massas, ocasionada por um modelo ideológico oculto e legitimado pelo discurso do progresso técnico e científico. Mas, os pesquisadores alemães não seriam os primeiros a apontar que a hegemonização da *práxis*, sob égide do mundo da produção, iria realizar a quantificação econômica dos desejos, sentimentos e de todos os aspectos da vida humana.

Quase um século antes de suas discussões, a obra *The Philosophy of Money* de Georg Simmel (2011, p. 508) denunciava que a vida das pessoas estaria se tornando dependente de condições objetivas e racionalizadas, que a monetização dos estilos de vida representaria a preponderância da mente objetiva sobre o desenvolvimento autônomo da subjetividade do indivíduo. Também para este pensador alemão, o intermédio das tecnologias no cotidiano dos indivíduos, primeiramente em seu ambiente laboral e, posteriormente, doméstico, estaria dando a esses espaços sociais dinâmicas e finalidades similares, além de estabelecer classificações dos indivíduos, particularmente, a partir de seu desempenho e de suas funções exercidas no mundo da produção.

Nesse sentido, questões de ordem emocional dos sujeitos estariam sendo substituídas por uma inteligência objetiva, na qual os objetos e as relações do mundo prático seriam guiados a partir de critérios impessoais, como as leis, a intelectualidade e principalmente pela liquidez do dinheiro, em detrimento de suas subjetividades. Assim, os relacionamentos humanos estariam não só sendo mediados pelos meios de produção, mas suas tecnologias e orientações normativas manteriam como finalidade primordial o acúmulo monetário, em prejuízo das conexões pessoais mais estreitas, estabelecidas pelos vínculos tradicionais dos mundos doméstico e civil. Esse processo de objetificação da relação do homem moderno com o meio em que está inserido se daria por uma tendência de afastamento dos laços que lhe estão mais próximos – familiares e vicinais, por exemplo – por uma crescente ênfase na individualidade e principalmente na impessoalidade, com a prioridade de desenvolvimento de relações mais remotas, de afinidades intelectuais e financeiras.

To put it more precisely, the conceivable elements of action become objectively and subjectively calculable rational relationships and in so doing progressively eliminate the emotional reactions and decisions which only

attach themselves to the turning points of life, to the final purposes¹⁶⁰ (SIMMEL, 2011, p. 468).

As “sequelas” desse processo de objetificação do sujeito e da racionalização de suas relações sociais, sob os moldes do sistema produtivo, apontadas pelo autor, já encenavam, no início do século XX, um processo contínuo de ajustamento valorativo de todas as relações humanas, em seus mais diversos campos, ao mundo tecnoburocrático, fenômeno que, como já vimos, foi posteriormente colocado em evidência pela Escola Crítica, meio século depois, principalmente após o alastramento da urbanização e das tecnologias de comunicação, verificado com a disseminação da Indústria Cultural, por todo o mundo ocidental. De qualquer modo, Simmel (2011) anteciparia em meio século parte dos debates dos pesquisadores críticos alemães, ao denunciar que, ao manterem-se desvinculadas das virtudes pessoais, as relações humanas, vistas sob tal ponto de vista racional, acabariam por assumir, em todas suas esferas sociais, o teor objetivo da tecnocientificidade, em que as personalidades dos indivíduos seriam classificadas a partir do potencial econômico que possuiriam, seja nas esferas de produção, ou nas de consumo. Por outro lado, ele já previa que essa preponderância das relações objetivas sobre as pessoais não significaria necessariamente uma intenção de separação da organização das vontades e desejos particulares dos indivíduos dos sistemas produtivos e das cadeias de consumo em que estão inseridos.

Em suma, o que os autores acima destacariam em comum é que haveria um processo progressivo de submissão e adaptação de suas subjetividades às esferas de produção e de consumo. Ao considerarem as particularidades, ou melhor, ao domá-las e preverem as nuances estabelecidas por variações de humor, de afetividades e aspirações emotivas dos sujeitos, as cadeias de produção poderiam não só planejar, como administrar tais variáveis da melhor forma possível, no sentido de 147orre-las rentáveis, e pontos centrais para a formação dos novos filões das cadeias de consumo. *“The subjective tendencies and the whole of the personality could then turn into activity by restricting themselves to one-sided functional modes into which the necessary societal action is subdivided, fixed and objectivated”*¹⁶¹ (SIMMEL, 2011, p. 320).

O sociólogo alemão demonstraria ao longo da obra que o sistema de trocas monetárias, estabelecido pelo capital, apresentaria limites no estabelecimento dos vínculos pessoais – como

¹⁶⁰ “Mais precisamente, os elementos imagináveis da ação tornam-se relações racionais objetivas e subjetivamente calculáveis e, assim, eliminam progressivamente as reações emocionais e as decisões que só se ligam aos momentos decisivos da vida, aos propósitos finais” (Tradução livre).

¹⁶¹ “As tendências subjetivas e o todo da personalidade poderiam então se transformar em atividade, restringindo-se a modos funcionais unilaterais nos quais a ação societária necessária é subdividida, fixada e objetivada” (Tradução livre).

a necessidade de dispositivos alternativos de reconhecimento dos papéis, ou *status* sociais, a partir de trocas simbólicas, por vezes desvinculadas da materialidade financeira – no entanto, o que ele via, já no início do século XX, era que os indivíduos tendiam cada vez mais a reconhecer como fonte de felicidade exclusivamente aqueles produtos que seriam frutos de intermediações e soluções do sistema produtivo, suas tecnologias e os serviços ofertados, percebidos como parte de um conjunto, que se apresentaria como sinônimo de progresso social. Seguindo uma linha de discussão similar, o filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre (1991) pontuaria que o modo como os indivíduos usufruem de seu cotidiano seria ponto central de atenção do Capitalismo e se tornaria a “base de rentabilidade econômica inesgotável” para a continuidade do sistema produtivo hegemônico. De acordo com este pesquisador, seria a partir do exercício de um tipo do estetismo de todas as esferas da vida humana que a sociedade técnica e seus esquemas de produção se tornariam atrativos aos olhos dos indivíduos.

Por meio da criação de necessidades de consumo, sejam elas da ordem primária, para a manutenção da sobrevivência; ou de natureza mais complexa, como a busca pelo conforto, bem-estar, ou realização pessoal, o mercado fora capaz de estabelecer uma forma de “obsolescência programada”, na qual os indivíduos são estimulados a continuarem numa corrida constante para manterem determinados hábitos de consumo, correlacionados ao estilo de vida desejado. Para o autor francês, essas cadeias de satisfação do cidadão, a partir de seu papel de mero consumidor, seria mais um disfarce criado pelo sistema produtivo, para que mantivesse oculta a exploração do indivíduo. Nesse ponto, os agentes da comunicação e do entretenimento não só seriam os responsáveis pelo exercício da distração e da distensão dos sujeitos, como eles promoveriam a aparência de que determinadas atividades sociais seriam essenciais para o enfrentamento das fadigas da vida moderna (LEFEBVRE, 1991, p. 61). Assim, seria a partir da organização dos espaços-tempos de lazer, ou do cotidiano como um todo, que se tornaria viável uma autorregulação voluntária e planificada dos indivíduos, baseada numa relação entre produção e consumo.

Para Lefebvre (1992), tal modelo permitiria a ascensão de um tipo de indivíduo que abdicaria de sua condição de sujeito, da sua cidadania, em troca do consumo dócil, contínuo e voraz, em quaisquer espaços que estejam inseridos.

A cotidianidade se tornaria assim, a curto prazo, o sistema único, o sistema perfeito, dissimulado sob os outros que o pensamento sistemático e a ação estruturante visam. Nesse sentido, a cotidianidade seria o principal produto da sociedade dita organizada, ou de consumo dirigido, assim como a sua moldura, a Modernidade. (LEFEBVRE, 1991, p. 82)

O pensador acima se tornou referência para o trabalho da brasileira Maria do Carmo Brant de Carvalho que, em *Cotidiano: conhecimento e crítica* (2000, p. 34 e 35), usaria seus argumentos para pontuar que no modelo ocidental de economia o saber científico keynesiano estaria ditando a sociedade por meio de uma revolução passiva, que permitiria a expansão da economia, das técnicas, do progresso científico e introduziria uma melhoria real nas condições materiais de vida das classes trabalhadoras, especificamente nos países capitalistas desenvolvidos. No entanto, esse processo teria efeitos colaterais, como “o esvaziamento progressivo do exercício da cidadania” e “a substituição quase total de um processo de solidariedade espontânea por um processo de solidariedade mecânica emanada do Estado”.

Para a pesquisadora brasileira, trata-se de um Estado-providência que tomaria o indivíduo “como unidade básica de destinação e oferta de seus serviços” (CARVALHO, 2000, p. 36), mas que entraria em colapso, logo que o período de bonança cessasse. Para ela, os próprios indivíduos demoraram a perceber que estavam deixando de ser identificados como cidadãos, para serem pensados exclusivamente como usuários, ou consumidores dos serviços e benefícios do Estado do Bem-estar Social (CARVALHO, 2000, p. 47).

Apesar de continuarem a existir os espaços de manobra dos indivíduos, para que estes possam exercer ainda que minimamente seu poder de decisão, eles seriam incluídos e teriam que trabalhar com a lógica produtiva. Outro pesquisador brasileiro, João Paulo Netto reforçaria a ideia de que estaria ocorrendo um tipo de planificação global, de ordem tecnicista, que enxergaria a vida como um todo, como esferas de produção e consumo, em que a organização capitalista da indústria moderna, de cunho monopolista, seria responsável pela modelação e organização de toda a sociedade, definindo seu ritmo e ciclos de vida, ao instrumentalizar os sujeitos e impedi-los, inclusive, de se empenharem em projetos paralelos, que estejam fora de tal ordem.

A organização capitalista da vida social preenche todos os espaços e penetra todos os interstícios da existência individual: a manipulação desborda a esfera da produção, domina a circulação e o consumo e articula uma indução comportamental que permeia a totalidade da existência dos agentes sociais particulares – é o inteiro cotidiano dos indivíduos que se torna administrado, um difuso terrorismo psicossocial se destila de todos os poros da vida e se instila em todas as manifestações anímicas e todas as instâncias que outrora o indivíduo podia reservar-se como áreas de autonomia (a constelação familiar, a organização doméstica, a fruição estética, o erotismo, a criação de imaginários, a gratuidade do ócio) convertem-se em limbos programáveis (NETTO, In CARVALHO, 2000, p. 86 e 87).

Nesse ponto, o estágio social adquirido pela sociedade ocidental colocaria todo o aparato produtivo como parte integrante das necessidades e aspirações individuais; os sujeitos

investiriam seu tempo e formação em modos de participação mais efetivos na produção e no consumo e, para isso, contariam com a ajuda do progresso tecnológico.

5.2 A ascensão do *homo oeconomicus*

Apesar da Teoria Crítica ter sido questionada em diversos momentos por não apresentar soluções de emancipação dos sujeitos diante da estrutura produtiva hegemônica e assim deixar de visualizar possibilidades que limitem a exploração da condição humana, parte de sua discussão fora retomada posteriormente por inúmeros pensadores que tentaram compreender os novos desafios que o panorama da pós-modernidade lhes traziam. Bauman (2009, p. 89) foi um deles. Em sua obra *Amor Líquido*, o polonês, reforçaria que ao se mostrar adaptável e com grande capacidade de absorção das críticas – sejam elas realizadas nas artes, na política, ou na ciência, como acontecera com o discurso dos movimentos contraculturais, dos punks e de ambientalistas, disseminados pela Indústria Cuultural, após as décadas de 1960 e 1970 – o Capitalismo Tardio daria espaço para a expressão da subjetividade de apenas um único tipo sujeito, o *homo oeconomicus*. Trata-se de um ator solitário, autorreferente e autocentrado, que perseguiria a melhor forma (ao menos a mais lucrativa) de atingir seus objetivos, em que a escolha racional continuaria a servir de contraposição às suas emoções, ou melhor, onde as emoções e seus sentimentos até seriam possíveis, desde que frutos de relações “confiáveis” e estabelecidas pelo contrato seguro entre produtor e consumidor.

Em outra perspectiva, o psicanalista Norman O. Brown (1972), em *Vida Contra a Morte*, acrescentaria que a ideia de um *Homo economicus*, enquanto manifestação da racionalidade humana, seria marcada pela não submissão dos indivíduos aos seus instintos e prazeres, mas sim à lógica da produtividade, preceito, que a partir do século XX, viria a ser disseminado para todas as nações, fossem elas socialistas, capitalistas, desenvolvidas, ou em desenvolvimento, capaz de colocar todos esses estados, suas energias e mecanismos de reprodução em todo o globo, à disposição da racionalidade científica, o que acentuaria aquilo que a Psicanálise chamaria de fuga à humanidade, em todas as esferas de sua vida. O acadêmico norte-americano acrescentaria que essa aparente acumulação de riqueza significaria, na verdade, a pauperização da natureza humana, seus desejos seriam submetidos ao ascetismo, fazendo com que o indivíduo perdesse contato com o seu corpo, seus sentidos e com as reais fontes de prazer.

Seguindo a linha das denúncias acima, Boltanski e Chiapello (2009) apontariam mais tarde que para o mercado, pensar nas subjetividades seria um processo válido quando o seu retorno fosse a acumulação de capital. Para os pesquisadores franceses, o ápice de desenvolvimento desse modelo de sujeição do indivíduo aos meios produtivos se dá em um

panorama de crise do sistema trabalhista tradicional. Esta, por meio século, estabeleceu garantias de emprego permanente, mas vem sendo questionada a partir do próprio desenvolvimento tecnológico e da disseminação dos meios de comunicação, que demandam dos trabalhadores uma disposição contínua e ininterrupta aos meios de produção.

Num mundo conexcionista, onde está claro que o projeto no qual os atores conseguiram se integrar deve necessariamente terminar, o tempo dedicado à busca ansiosa de novos contratos e ao estabelecimento de novas conexões se sobrepõe ao tempo de trabalho propriamente dito, invadindo os momentos que poderiam ser dedicados a outras atividades. (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009, p. 430 e 431)

Com a disseminação desse novo modelo de produção do capital, ao tempo em que existe um sentimento de libertação dos antigos sistemas de opressão, entre a classe trabalhadora que era marcada pelas horas exaustivas das típicas fábricas, agora se desenvolve um processo de flexibilização das garantias do trabalhador, que eufemiza ou oculta a própria perda de seus direitos. A liberdade de ação dos indivíduos, proporcionada pelos novos recursos disponíveis entre os meios de produção, a expansão da vida funcional para o mundo doméstico dos trabalhadores e a perda do peso semântico que o “trabalho” tradicionalmente apresentava seriam manifestações visíveis desse processo de adaptação dos sujeitos às novas regras laborais. Enquanto o empregador abdica das formalidades e dos ônus dos encargos trabalhistas, os seus “colaboradores” assumem os encargos contratuais, como elemento integrante de sua vida criativa. Sem garantias de continuidade das relações, como também sem fronteiras para o exercício profissional, o trabalho passa a fazer parte de sua rotina doméstica e as preocupações com as demandas laborais adentram nos momentos de lazer.

Para os teóricos franceses, esse “processo de libertação” proposto pela flexibilização do mundo do trabalho impõe ao trabalhador não só a precarização de suas garantias, como novas formas de dependência sistêmica do indivíduo, que, diante de seu trabalho solitário, desligado das representações coletivas de outrora, passa a enfrentar as exigências de um mercado marcado por um emaranhado de relações, intermediações e de eliminação de garantias trabalhistas e que já não se responsabiliza por qualquer processo de formação e atualização de seus colaboradores. Caso esses não possuam as competências desejadas, podem ser substituídos com cada vez menos custos. A culpa deve ser assumida pelo próprio sujeito e a sua situação de desemprego, ou subemprego; não passaria de um ônus para a “liberdade” adquirida.

Diz-se que a partir de então é possível mudar de atividade e de projeto com a mesma frequência, que todos os elos e pertencas locais podem ser rompidos por serem fonte de rigidez; parece afinal reconhecido o direito formal de cada

um poder vir a ser o que quiser e quando quiser (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 438).

Se as mudanças na ordem produtiva levariam ao desatrelamento das relações contratuais do sujeito com as instituições produtivas, ao mesmo tempo, essa desvinculação de ordem trabalhista do sujeito com os meios de produção não deixaria de significar a ausência da sua sujeição, ou da exploração do indivíduo ao mundo do trabalho. Pelo contrário, nesse novo panorama, as esferas da vida privada são também submetidas aos esquemas de produção, seja a partir do desenvolvimento da mescla entre atividades laborais e domésticas, ou mesmo nas atividades de consumo, elemento essencial para a existência das relações comerciais, em todos os momentos e espaços sociais. Nesse panorama, as próprias relações pessoais contemporâneas seriam uma miscelânea entre os interesses particulares e profissionais.

Os vínculos criados entre os indivíduos tenderiam a responder às duas demandas, auxiliados pelas redes em convergência, os contatos deveriam somarem-se, a fim de um ganho mútuo, seja na vida afetiva, seja na vida profissional.

De acordo com os pesquisadores franceses, o mercado exigiria de seus agentes uma compatibilidade entre a autenticidade das relações pessoais, a mobilidade e a adaptabilidade, diante das novas situações profissionais, sem que isso significasse qualquer contradição.

Ora, se a busca do lucro continua como horizonte fundamental para a formação dessas relações, segue-se uma confusão bastante perturbadora da distinção entre relação de amizade e relação de negócios, entre comunhão desinteressada de interesses comuns e perseguição de interesses profissionais ou econômicos. Como saber se um convite para jantar, se a apresentação de um amigo querido, se a participação numa discussão é gratuita ou interesseira, contingente ou planejada? E como distinguir os momentos do dia ou do ano dedicados ao trabalho dos momentos de lazer, a vida privada da vida profissional? (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009, p. 460).

Em concordância com os pesquisadores franceses, em *24/7 – Capitalismo tardio e os fins do sono*, Jonathan Crary (2014) enfatizaria que todo o poder de decisão dos conglomerados empresariais, dispersos por todo o globo, não estaria apenas estampado nas diversas formas de publicidade e demais ferramentas midiáticas, que se utilizam como forma dissuasão dos indivíduos. A lógica do consumo, estipulado por tal modo de produção, estaria sendo dissimulada ao longo das atividades laborais, ou mesmo expandida para a esfera do lazer. Para ele, o potencial de desenvolvimento do capital estaria justamente na possibilidade de tornar os interesses de tais relações comerciais o mais invisível e naturalizado possível, fazendo-o adentrar no mundo da inspiração, civil e doméstico, por exemplo. Ao não perceberem uma linha que separe a sua vida privada da profissional, os agentes passariam a atuar de forma

voluntária, em favor da produção de capital, transformando as atividades da esfera privada em uma ação contínua de sua função pública: assim, o indivíduo passa a ser consumidor e produtor constante de capital. Essa é a razão para que as próprias relações pessoais sejam estimuladas pelo quanto de lucro que elas podem proporcionar – ainda que esse lucro seja simbólico, ou cultural – tornando a vida afetiva compreendida enquanto produto à disposição de novos ganhos, 24 horas por dia. Já não haveria uma vida privada.

Sennet (2006) apontaria outras sequelas dessa relação “promíscua” entre a vida laboral e a pessoal, ocasionada pela desestabilização da linha que separa os espaços de trabalho e de lazer e a fusão dos ambientes de diferentes ordens sociais, são eles: o baixo nível de fidelidade institucional, a diminuição da confiança informal entre os trabalhadores e o enfraquecimento do conhecimento institucional, com nível de envolvimento pessoal de baixo capital social.

Apesar do antropólogo norte-americano ter como foco os profissionais que atuam com alta tecnologia, finanças e empresas de prestação de serviços, ele pontua que tais modelos de áreas profissionais seriam vetores e representantes simbólicos da volatilidade de atuação das grandes corporações, que ocasionam na desorientação identitária dos indivíduos em seus papéis e funções sociais, situando-os em um panorama em que suas histórias de vida e narrativas parecem cada vez mais improvisadas e fragmentadas. Para ele, as relações contemporâneas de trabalho exigiriam do indivíduo um contínuo processo de migração, não só geográfica, como de profissão, comunidade e de papéis sociais e o único modo de responder a esses desafios seria a formação de um traço de caráter específico de personalidade, em que o sujeito estaria disposto a esquecer as experiências já vivenciadas e assumir, em suas diversas esferas da vida, um esquema que é próprio ao ato de consumo: o indivíduo, ao passo que adere aos novos produtos (ou campos sociais), predispõe-se a descartar-se dos bens antigos e de toda as experiências aos quais eles estariam ligados, numa tentativa contínua dele mesmo se tornar um produto vendável.

O sociólogo norte-americano denominou de “laminagem a ouro” a exaltação daquelas pequenas diferenças existentes entre os produtos, que sob os rótulos de marcas, conseguem difundir a ideia de que são relevantes e decisivas para a formação da imagem de quem o consome. Do lado do consumidor, a escolha por determinados estilos de vida, serviços, ou produtos que “carreguem” os valores desejados é um investimento simbólico em sua própria imagem. Entre as consequências desejadas dessas estratégias de marketing estão a criação de novos nichos de consumidores e a obsolescência planejada dos produtos e tendências. Por isso, assim como os carros, que apresentam uma plataforma básica de montagem e que implementam diferenças e assim conseguem atrair diferentes públicos, a partir da agregação de determinados valores simbólicos aos seus produtos, as mercadorias passam a ser divulgadas pelas qualidades

que carregam simbolicamente e não pela sua utilidade, como é o caso da criação pouco habitual de relações entre aquilo que tradicionalmente não faz parte do rol de circulação comercial – como as paisagens gratuitas, os afetos existentes entre pessoas e determinados lugares – e determinados produtos e serviços. Ele lembra que tais práticas são parte de uma série de operações de produção do capital, marcadas pela conversão do antigo processo de padronização e oferta de produtos massificados à codificação e reprodução simbólica daqueles elementos desejados pelo público. Esses esquemas seriam responsáveis pela criação de imaginários, cuja estética seria essencial para a sua difusão e propensão ao consumo.

Por outro lado, tal processo de mercantilização de todos os aspectos da esfera pessoal dos indivíduos não se daria sem que houvesse perturbações aos modos de atuação do capital. Para Sennet (2006), ao tempo em que o sistema produtivo percebe tentativas dos agentes de desvinculação de sua vida afetiva da funcional e entende esses intervalos como verdadeiros ruídos à efetiva comunicação e ao desenvolvimento de todo o potencial de lucro que eles são capazes de prospectar, seja na produção, seja mesmo no consumo. Por outro lado, também serão nesses espaços de estranhamento que deverão surgir novos nichos para a obtenção de novas margens; deles, serão criados questionamentos, como também daí serão ampliadas as novas fronteiras do capital.

Junto às críticas, surgem novas ideias, novos modos de percepção do mundo e, conseqüentemente, de estilos de vida e, assim, em vez de atuarem como oposição efetiva, as críticas transformam-se em forças criativas para a autorregeneração do mercado. Mas, Boltanski e Chiapello (2009) nos ajudam a compreender que para que isso ocorra, há uma necessidade de um reordenamento valorativo das práticas de ordem comercial, produtiva e/ou civil, para que tais oposições entre as atividades desinteressadas e o capital – moralmente contraditórias – possam ser colocadas lado a lado.

Faz parte da lógica capitalista pôr essa norma sob tensão, deslocar a fronteira entre o capital e o não capital, ou seja, mercantilizar bens e serviços que até então escapavam ao mercado, desempenhando papel muito importante na busca da acumulação. Mas esses deslocamentos, que afetam os princípios nos quais se baseiam os juízos ordinários, para se tornarem aceitáveis, exigem *adaptações na relação entre lucro e moral* (e, mais profundamente, sem dúvida, uma redefinição da antropologia como modo de qualificação do propriamente humano) que contribuem, por sua vez, para a mudança daquilo que chamamos de espírito do capitalismo.

É uma adaptação desse tipo, atenuadora das tensões provocadas pelos novos dispositivos empresariais e pelo deslocamento do lucro para novos setores de atividade, que acompanha a formação de uma cidade por projetos. Essas mudanças têm em comum engajar as pessoas na dinâmica do lucro com mais

profundidade do que ocorria no período anterior (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 470).

Consequentemente, em um mundo em que todas as diferenças podem ser absorvidas e tudo pode se transformar em matéria-prima para o desenvolvimento dos meios de produção, não existiriam espaços que não pudessem ser mercantilizados: sejam coisas, ambientes, ideias ou mesmo pessoas. Seguindo essa dinâmica, veremos mais adiante como iniciativas de rebelião e/ou contraposição aos modos de ação hegemônicas, como a contracultura; movimentos de perspectivas e visões de mundo diferentes; ou simplesmente iniciativas coletivas de atuação marginal, diante do sistema produtivo, podem se transformar em novos vetores de expansão do mercado.

5.3 Rompimento e uso comercial das conexões tradicionais

Se Bauman (2009, p. 88) percebe que no capitalismo tardio poucos são os espaços disponíveis para a existência de indivíduos que estejam “desfiliados” do sistema produtivo hegemônico, por outro lado, ele também alerta que a “ética” do mercado procuraria superar as incompatibilidades com os locais onde ainda reinam a economia moral, a solidariedade e compartilhamentos de valores humanos. Tais espaços, muitas vezes são vistos como verdadeiras terras de ninguém e ambientes convidativos aos conquistadores, incorporados pelos próprios agentes do mercado. Conforme o sociólogo polonês seria por meio do processo de quebra das barreiras e ocupação destes espaços morais que o capital encontrará seu norte de expansão.

O pesquisador acima denomina de *áreas cinzentas* as práticas sociais que buscam distanciarem-se das ações e lógicas dos sistemas produtivos hegemônicos. Nesses espaços valorativos, os sujeitos atuam guiados por uma economia moral que não seria regulada pelas leis do mercado, mas pelo compartilhamento de relações de cooperação entre vizinhos e amigos, ou de outros laços que costurariam vínculos e compromissos mais duradouros entre os seres humanos.

Quando fala sobre as áreas cinzentas, Bauman (2009, p. 91) define esses espaços como:

Um mundo em que a solidariedade, a compaixão, a troca, a ajuda e a simpatia mútuas (noções estranhas ao pensamento econômico e abominadas pela prática econômica) suspendem ou afastam a escolha racional e a busca do autointeresse. Um mundo cujos habitantes não são nem concorrentes nem objetos de uso e de consumo, mas colegas (ajudantes e ajudados) no esforço contínuo e interminável de construir vidas compartilhadas e 155 orre-las possíveis.

O polonês defende que a economia moral assume um papel de “válvula de segurança” sobre as tensões geradas pelo mercado, pois seria nestes espaços que os sujeitos poderiam criar práticas com interesses desinstitucionalizados, não comerciais e suavizar as problemáticas ocasionadas pelo mundo tecnoburocrático. Para Bauman (2009), seria por meio da solidariedade, por exemplo, que se tornaria viável aos cidadãos suportar e encontrar algum sentido entre as agressões diárias que sofrem do sistema produtivo. Seriam nas relações de amizade e parceria humanas como um todo, que os indivíduos acreditariam encontrar o reconhecimento de suas subjetividades.

Já Boltanski e Thévenot, (1991) denominaram de mundos domésticos e civis estes espaços cuja ordem da produção e do mercado tentam se aproximar, ultimamente. Segundo os pesquisadores franceses, a entrada do mundo produtivo naqueles espaços morais possibilitaria abrir novas janelas de oportunidades, dada as suas potencialidades, ainda “virgens”, de estabelecimento de novas relações mercantis. Por meio dessa aproximação, características como a confiança e afetividade, presentes em relações duradouras de primeira ordem poderiam ser agregadas aos serviços e produtos comercializados.

No trabalho dos pesquisadores franceses, seria apontado que a ordem do mercado está passando por uma transformação em que seu caráter estritamente comercial torna-se mais íntimo aos diversos ambientes dos indivíduos, fazendo-os se inserirem no mundo produtivo – ainda que sob a aparência do território doméstico – torna-se parte do rol de estratégias do capitalismo tardio utilizar-se de qualidades humanas como elementos para o aperfeiçoamento das relações econômicas.

“La personnalisation” des relations avec les clients, la vente de biens ou services “sur mesure” passent par un tel compromis, de même que les “marchés domestiques” ou “concertés” décrits dans la littérature économique comme mettant en cause le marketing classique. Ainsi les activités commerciales des entreprises impliquent, outre les compromis avec le monde industriel frayés dans les méthodes de vente, des arrangements contribuant à “fidéliser la clientèle”. Plus fondamentalement encore, la “confiance” qui permet d’inscrire le temps dans les relations marchandes, et la garantie des promesses suppose un accommodement avec la réputation domestique. (BOLTANSKI & THÉVENOT, 1991, p. 379 e 380)

Tais estratégias seriam formas evoluídas das dinâmicas do capital, em que a exploração e a coerção dos indivíduos seriam realizadas de modo tácito, por meio de ações que dissimulam o uso sistêmico de longas cadeias de produção e negociação de produtos e serviços; nisso um número infinito de mediações faz com que a exploração dos usuários se “empalideça”.

Como o explorador não tem face e as relações de coerção entre produtores e

consumidores não são tão perceptíveis a olho nu, tais relações passariam a ser realizadas mediante a participação “voluntária” do indivíduo, que é persuadido a participar do jogo e exercer uma forma de autocontrole, por meio de um exercício em que suas práticas são restritas à esfera da produção e não representam riscos às cadeias de produção. A inserção de valores do mundo doméstico pelo mundo do comércio, por exemplo, não seria só uma forma de adaptação deste último, como também uma possibilidade de chamar aquele outro para compartilhar do mesmo lado, naturalizando o uso das práticas próprias aos ambientes familiares ao mundo do consumo e da produção. Aqui, o exercício da confiança entre trabalhadores e empregadores se torna elemento central das relações desse autocontrole social.

Em suma, haveria um claro processo de apaziguamento das críticas e de retaliação das diferentes ordem valorativas, que seria responsável por tomar as margens, ou áreas cinzentas, não como espaços de oposição ao mundo produtivo, mas como possibilidades para reagregação e ampliação do próprio sistema, tornando-o elemento comum dos diferentes mundos – doméstico, civil, da inspiração, da produção e do mercado.

5.3.1 Dispositivos de adesão e integração ao sistema produtivo

O que pontuaremos neste momento é como parte daqueles elementos morais, de exercício das relações de confiança e solidariedade, do mundo doméstico e civil também servem de pontos de contestação dos indivíduos, ao sentimento de não reconhecimento de suas subjetividades pelo sistema produtivo hegemônico. A partir de agora, queremos ilustrar como as lutas desses sujeitos e os projetos de mundos e/ou ordens valorativos alternativos também foram transformados em elementos centrais para a expansão do mercado.

Inúmeros foram os autores da escola francesa de Sociologia que apontaram como parte dos avanços científicos produzido pelo desenvolvimento industrial, e em paralelo ao crescimento econômico verificado nos últimos dois séculos, foi essencial para que mercado liberal conseguisse atender à grande parte das demandas das populações dos países industrializados e em processo de industrialização e com isso diminuísse, ainda que temporariamente, as possibilidades de que as pressões sociais pudessem prejudicar os ganhos crescentes em suas margens de lucro. Robert Castel (2015), por exemplo, fez um levantamento histórico das políticas de integração social de excluídos, pensadas pelos governos liberais, principalmente nos últimos três séculos, ou ao menos desde que foram formados os primeiros burgos europeus, ainda à época do processo de transição do regime feudal para o Capitalismo.

Segundo o pesquisador, foi principalmente a partir do século XIX, com a intensificação

da industrialização, em países como França e Inglaterra, e o deslocamento dos meios produtivos da zona rural para os ambientes urbanos que surgiu também o medo, entre a elite política e empresarial, de que aqueles sujeitos que não estivessem encaixados nas funções definidas pelas administrações dos burgos pudessem gerar revoltas que colocassem em perigo os ganhos dos proprietários dos meios de produção. Para o autor, foi para conter o perigo de possíveis sublevações sociais que seriam pensados alguns dos “dispositivos sociais”: como os diversos agentes e mecanismos estabelecidos ou não, pelo Estado para auxiliar na promoção e reintegração dos excluídos ao mercado do trabalho.

Se, inicialmente, foram criados hospitais psiquiátricos e prisões destinadas àqueles que praticassem a mendicância, ou exercessem a “vagabundagem”, por outro lado, a formação das classes operárias, entre os séculos XIX e XX, além da organização política de seus membros, forçaria os proprietários dos meios de produção a elaborarem melhores formas de integrar esses indivíduos e fazerem um modo mais equilibrado entre os ganhos de produtividade e os descontentamentos dos trabalhadores. De início, essas ações foram facilitadas pela expansão econômica, vivenciada entre os países ocidentais, principalmente depois da Primeira Guerra Mundial, e os incentivos financeiros dados pelos Estados Unidos, após a segunda grande guerra, como forma de recuperação dos países europeus e asiáticos, envolvidos nos dois conflitos.

Castel (2015) nos lembra que foram esses ciclos de crescimento econômico que permitiram garantir os avanços significativos entre os benefícios sociais conquistados pelos cidadãos das nações industrializadas, ao longo do século XX, no entanto, conforme o pesquisador francês, tais benefícios não ficariam restritos ao mundo do trabalho, nem se restringiram aos dispositivos sociais tradicionais, como o seguro-desemprego e as garantias mínimas de salubridade nos ambientes laborais. Ele se converteria em horas e espaços de lazer, além de conquistas materiais baseadas no aumento do poder de compra e acessibilidade as tecnologias ligadas a Indústria Cultural.

Para Castel (2015, p. 573), o apaziguamento das pressões sociais se daria também por meio de estratégias de inserção supra laborais dos cidadãos aos esquemas de produção e consumo. Nesse panorama, os serviços sociais funcionariam como espécies de dispositivos para a atual expansão do mercado, colocando o cuidado e a afetividade dos indivíduos como pontos a serem explorados mercadologicamente, mediante o atendimento – seja via estados, empresas, ou organizações intermediárias. Seria toda essa dinâmica do capital que faria o pesquisador questionar se tudo isso não seria uma tentativa do sistema produtivo de “substituir o reino do regulamento pelo da mercadoria e fazer de toda relação humana (...) uma relação suscetível de ser remunerada”.

Como tentativa de responder aquele questionamento, a pesquisadora brasileira Gisela Taschner Goldenstein (1987) argumentaria, em sua obra *Do jornalismo político à indústria cultural*, que a indústria cultural iria ganhar relevo na contemporaneidade como estratégia de expansão do próprio capital. A partir dela, seria possível substituir as políticas de exploração do trabalhador, tradicionalmente realizadas por meio da força do Estado, para políticas mais flexíveis de exploração e integradoras dos sujeitos às cadeias de consumo, em suas esferas de lazer. No entanto, para Goldenstein (1987), tal mudança de direcionamento não seria realizada de forma gratuita e desinteressada; seria reflexo do próprio processo de urbanização e amadurecimento das lutas coletivas de representações laborais.

Segundo a pesquisadora, a elite empresarial começou a perceber que as pressões sociais existentes, se fossem tratadas nos antigos moldes de opressão policial e de encarceramento dos trabalhadores, poderiam ocasionar possíveis revoltas operárias; daí a necessidade de uma nova política de integração social. Provavelmente, essa fora a razão para que a exploração demasiada e a saturação dos trabalhadores passassem a ser vistas como contraproducentes e que se disseminasse entre diferentes nações, inicialmente ocidentais, a implantação de políticas voltadas ao “Estado de bem-estar social”, como uma resposta aos próprios questionamentos vivenciados pelo capital.

Por meio de tal política de Estado, os produtos e serviços de entretenimento e informação do público não só buscariam tirar as tensões existentes, como prolongariam os esquemas de produtividade para os ambientes domésticos e privados. Assim, as esferas do mundo civil e da inspiração, o ócio e o lazer poderiam ser metamorfoseados em novos ambientes de consumo contínuo e perene. É por essa razão que Goldenstein (1987) segue a linha da Escola Crítica, ao argumentar que a imediatividade com que os produtos e serviços da indústria cultural passaram a ser consumidos desempenhou um papel importantíssimo na substituição dos espaços destinados à reflexão e atuação autônoma, política e criativa dos indivíduos por práticas de lazer, automáticas e submetidas às cadeias de consumo; e que as tecnologias desenvolvidas nesse tempo também tornaram-se elementos reforçadores da mercantilização dos diversos aspectos da vida humana e da conversão de seus valores à órbita da produção capitalista.

Este fato é mais facilmente compreensível se levarmos em consideração a maneira pela qual a indústria cultural se articula com o modo de produção capitalista: não só é um “espaço de investimento” em si mesma, como também potencia a acumulação de outros setores da produção e facilita a reprodução das condições de existência do capitalismo. Faz isso tanto através do estilo de vida e da visão de mundo “vendidos” por suas mensagens, como através da

publicidade que a sustenta e que dinamiza o processo de realização do valor e da mais valia (GOLDENSTEIN, 1987, p. 24).

Outro sociólogo francês que apontaria a articulação do apaziguamento das insatisfações dos indivíduos com o mercado liberal, Edgar Morin (1975), identificava na indústria cultural e em seus instrumentos de difusão ideológica as características elementares para a formação daquilo que ele chamaria de “cultura de massas”. Em *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*, o pesquisador denunciaria que tais dispositivos seriam responsáveis pelo processo de persuasão, justificação ideológica e a adesão dos cidadãos dos países mais desenvolvidos (ao menos naquele momento) aos esquemas de planificação das esferas do trabalho e lazer. Para Morin (1975), ao contrário do primeiro processo de industrialização, a segunda fase não estaria essencialmente vinculada aos meios e produtos materiais, mas sim às questões do “espírito humano”. Surgida nesse novo paradigma, a indústria cultural passou a ser o grande vetor da expansão do capital, com uma atuação diferente das fases anteriores, pois ela passaria a não depender mais exclusivamente das variáveis de determinados insumos, mas reformularia ressignificações e construções simbólicas que atuariam sobre a alma, os gostos, as crenças e os hábitos de entretenimento dos sujeitos, numa busca contínua pelo “domínio interior do homem e aí derramando mercadorias culturais”.

Entre os dispositivos citados pelo autor francês estariam o cinema, a imprensa informativa, a literatura, a música e demais meios de comunicação que o mercado foi capaz de realizar, como práticas populares de informação e entretenimento das sociedades mais avançadas. “Essas novas mercadorias são as mais humanas de todas, pois vendem a varejo, os ectoplasmas de humanidade, os amores e os medos romanceados, os fatos variados do coração e da alma” (MORIN, 1975, p. 9). Conforme o pesquisador francês, a indústria que se desenvolveria ao longo do século XX teria seu processo fortalecido por tomar como matéria-prima justamente aquilo que deveria dar sentido as ações e práticas dos indivíduos: as suas próprias culturas. Ao contar com a adesão destas, utilizando-se do convencimento ideológico de seus membros e de sua submissão aos esquemas produtivos, o capital criaria novos padrões de ação, reprogramando as identidades e os imaginários dos indivíduos e readequando-os aos esquemas de consumo.

Nesse sentido, a produção cultural estaria sendo submetida e guiada pelas próprias leis do mercado, a partir da produção unificada entre entretenimento, publicidade e informação, em que seriam elaborados modelos e normas que serviriam de guia de ação dos indivíduos. Ao estabelecer novos padrões de estilos de vida e consumo, tal indústria seria capaz de indicar e aconselhar possíveis necessidades e influenciar nos desejos e aspirações daqueles sujeitos que

são submetidos às suas dinâmicas, independentemente da realidade e das circunstâncias sociais que vivenciassem.

Ao falar sobre essa expansão do capital, com a ajuda da produção cultural, a nível mundial, o autor estaria enfatizando o ideal que foi criado de uma civilização moderna, que foi comprado pela maior parte das nações e que passara a fazer parte das narrativas individuais de aspiração por uma vida melhor, em que temas diversos da esfera humana, como as relações amorosas, o vestuário, a alimentação, as moradias e os conceitos de beleza e saúde passassem a ser atrelados aos mesmos critérios tecnicistas e submetidos às dinâmicas da oferta e demanda. Morin (1975) identificaria nesses esquemas de consumo a base para a classificação dos indivíduos, onde o prestígio, as convenções e hierarquias sociais seriam dadas de acordo com os valores dos produtos e serviços aos quais os indivíduos teriam acesso.

A cultura industrial se desenvolve no plano do mercado mundial. Daí sua formidável tendência ao sincretismo-ecletismo e à homogeneização, seu fluxo imaginário, lúdico, estético, atenta contra as barreiras locais, étnicas, sociais, nacionais, de idade, sexo, educação; ela separa dos folclores e das tradições temas que ela universaliza, ela inventa temas imediatamente universais (MORIN, 1975, p. 36).

Da publicação da obra do pesquisador francês até os dias atuais, conceitos como a “democratização do consumo” também iriam se tornar modelos para o desenvolvimento social do resto das nações – seja no ocidente, ou no oriente – e muitos se transformariam em parâmetros para a definição de inclusão social; o potencial de consumo das classes assalariadas serviria de base para a identificação dos estágios de formação da cidadania daqueles indivíduos. Nesse modelo de organização administrativo da sociedade, o Estado funcionaria mais com um centro organizador, pró-mercado, na atuação da padronização e homogeneização de uma cultura própria para a nova camada salarial, do que como esfera de discussão e solução dos anseios dos cidadãos.

Ao nível individual, esse modelo político-administrativo de sociedade ditaria uma eterna corrida dos sujeitos entre si pelo acesso e busca de soluções temporárias para atender aos anseios de suas subjetividades, a partir de diferentes esferas de consumo.

O historiador Chistopher Lasch (1986, p. 17 e 18) chamaria a atenção para o fato de que o desenvolvimento tecnológico, aliado às avançadas técnicas de comunicação, parece impedir a circulação de ideias, ao concentrar em poucas organizações globais a disseminação de informações. Para ele, as tecnologias teriam efeitos similares sobre a cultura e a produção, estabelecendo assim não só o controle administrativo da força do trabalho, como também suas práticas, nas mais diferentes esferas da vida, como o lazer e o entretenimento. O resultado disso

seria um controle político, econômico e cultural dos sujeitos, com a concentração de todas essas esferas sob as mãos de corporações, auxiliadas pelos seus analistas de mercado e engenheiros sociais.

O pesquisador estadunidense também utiliza o conceito “cultura de massa” para lembrar um panorama de produção e consumo, no qual as opiniões dos indivíduos são tomadas a título de “caixa de sugestões” ou de fontes de pesquisas de mercado, para que possam ser trabalhadas e sirvam de base para futuras estratégias de marketing político e comercial.

O estudo da espécie humana transformou-se em mais uma técnica para dominá-la. A observação científica e sociológica eliminou o sujeito ao fazer dele o “objeto de experimentos designados a extrair a sua resposta a uma variedade de estímulos, as suas preferências e as suas fantasias íntimas. Com base no poder de suas descobertas, a ciência constrói um perfil compósito das necessidades humanas, sobre o que é possível fundar um sistema penetrante, mas não abertamente opressivo de controle comportamental (LASCH, p. 1986, p. 126 e 127).

Ao trabalhar sob esse modelo de pensamento estratégico, empresas poderiam prever os desejos de consumo, assim como os partidos políticos visualizariam quais temas são de interesse de seu eleitorado, para assim se apresentarem como “porta-vozes” daqueles sujeitos. Criar-se-ia, assim, uma ilusão de variedade à opção do público, na oferta de bens de consumo e serviços, feitos a partir de demandas específicas. Lasch (1986, p. 29 e 30) diria que se trata de uma sociedade em que já não há mais escolhas: seria um mundo das escolhas simultâneas: “liberdade de escolha” significaria “deixar suas opções em aberto”, em que a possibilidade de se ter tudo o que quer “passou a significar a possibilidade de as identidades serem adotadas ou descartadas, como se troca de roupa”.

A liberdade dos sujeitos seria então representada pelas possibilidades de consumo, independentemente de suas origens de classe, religião e da etnia em que se encontram os indivíduos. O mercado apresentar-se-ia capaz de provê-los de mobilidade, autonomia de suas atividades profissionais e de lazer; seria esse potencial de diversidade do consumo e difusão dos diferentes estilos de vida que demandaria a criação de novos serviços e produtos, capazes então de renovar os ciclos expansivos de consumo e de acumulação de capital. Assim, seria a partir desse desejo de libertação e autoexpressão dos sujeitos que os produtos e serviços seriam pensados e com a ajuda de ferramentas e técnicas como o marketing, a publicidade e as mídias em geral, o capital conseguiria antever e produzir as tendências e transformá-las em novos nichos, não só de consumo, mas de autorrealização pessoal dos próprios indivíduos.

5.3.2 Os meios de persuasão ao sistema (a indústria da consciência)

Em um texto denominado *O capital da mídia na lógica da globalização*, Dênis de Moraes (2004) relataria que os esquemas de classificação do indivíduo, a partir do consumo de bens e serviços, possuem um duplo papel estratégico, desenvolvido pelas corporações das mídias e entretenimento. Para o pesquisador brasileiro, o intuito do desenvolvimento da relação entre cultura, vida pessoal e trabalho é legitimar o ideário global de consumo, por meio de cadeias complexas de produtividade. Ele defende que teria sido construído um imaginário de mundo em que o mercado liberal é capaz de atender a qualquer demanda coletiva, o que daria a ele o papel de organizador elementar de todos os aspectos da sociedade. Neste padrão de sociedade, criou-se um consenso de que o consumo deveria ser tomado como valor universal, “capaz de converter necessidades, desejos e fantasias em bens integrados à ordem da produção” (MORAES, 2004, p. 187 e 188). A relevância que este discurso vem tomando no mundo atual implicaria, como contrapartida não declarada, a deslegitimação ideológica de qualquer formulação alternativa, ou contestadora, que se apresente a ele (MORAES, 2004, p. 167).

Por outro lado, noutro artigo também presente na obra de Moraes (2004), *Cultura Mc World*, o teórico político Benjamin R. Barber argumentaria que seria diante do panorama de saturação dos mercados tradicionais e da superprodução de bens disponíveis na contemporaneidade que os detentores dos meios de produção perceberam que não poderiam ficar restritos à satisfação das necessidades materiais dos consumidores. Para ele, caberia ao sistema promover, alimentar o imaginário e persuadir os indivíduos, a fim de que eles possam absorver novos produtos, do modo mais naturalizado e integrado possível. Para isso, foram aprimoradas, então, estratégias de *marketing*, apoiadas na difusão simbólica de imagens e estilos de vida, largamente utilizadas, como forma de atração e a adesão dos sujeitos às cadeias de consumo. Assim como Morin (1975), o autor enfatizaria que a promoção de estilos de vida seria uma das estratégias mais exitosas. “Enquanto a antiga economia de bens materiais visava ao corpo, a nova economia dos serviços imateriais toma como alvo a cabeça e o espírito”. (BARBER In MORAES, 2004, p. 51)

Com o desenvolvimento da indústria cultural, o ato de consumo passou a ser essencial nas atividades do lazer moderno, o que significou a passagem dos tempos livres, de repouso e recuperação dos assalariados para o tempo eterno do consumo, inserindo-os nas cadeias produtivas, continuamente. Os autores acima reforçaram que se o mundo pré-moderno assegurava espaços em que era possível exercer a liberdade reflexiva e de atuação política, com o tempo, eles foram transformados em espaços lucrativos para o mercado, por meio deles foi

estimulada a criação de novos nichos de consumo. Com tal finalidade, foram criados *gadgets* tecnológicos, os quais suas ferramentas e serviços, muitos deles propagandeados como próprios à libertação dos indivíduos, acabaram por possibilitar a não interrupção dos ciclos de produção e consumo dos sujeitos, em seus ambientes mais íntimos. Utensílios como *walkman*, celulares e demais dispositivos de consumo multimidiático de caráter pessoal, deram aos indivíduos a possibilidade de continuarem ligados à esfera do consumo, independentemente de onde estivessem situados. Com isso, as horas e os ambientes voltados para a família e o desenvolvimento da alma, a partir de práticas afetivas, ou do simples exercício do ócio, das artes e/ou dos rituais festivos, antes integrados à finalidade do bem-estar pessoal e muitos deles peculiares do mundo da inspiração, ou antes restritos aos ambientes domésticos, teriam sido submetidos aos moldes da civilização moderna, nos quais o consumo se tornou sinônimo de aproveitar a vida, da forma mais intensa possível.

Formou-se, então, um tipo de “ética do lazer”, que em detrimento da antiga ética do trabalho do mundo produtivo, proporcionaria ao indivíduo possibilidades do desenvolvimento pessoal e de seu bem-estar por meio de espetáculos, produtos culturais diversos e da difusão de estilos de vida. Como diria Crary (2014), este panorama colocaria o sujeito para atuar continuamente pró-sistema, 24 horas por dia, os sete dias na semana, sem que isso seja recompensado financeiramente de modo direto, mas quiçá de modo simbólico – muitas das recompensas entre os indivíduos são encontradas entre as repercussões que suas atividades provocam em seus meios profissionais, ou na criação de vínculos de amizades que lhes possam render futuros contratos comerciais.

O crítico norte-americano também traria contribuições para repensar as possibilidades contemporâneas de integração de tais indivíduos à rede. Em 24/7, Crary (2014) denunciaria o fim das barreiras existentes entre a produção e o consumo como uma saída encontrada pelo neoliberalismo para o desenvolvimento de seu sistema produtivo: se um indivíduo estiver integrado por completo ao espetáculo do consumo, ele não teria que pensar no trabalho e nas horas de lazer, como dois tempos, ou espaços distintos, mas como um só tempo/espaço, 24/7, capaz de retroalimentar-se.

Referência direta para as pesquisas do crítico norte-americano, ao menos cinco décadas atrás, Guy Debord (2003) denunciou a integração global entre o mundo do trabalho e o pessoal. O pesquisador francês previra que a comunicação, os meios de produção, como a circulação da informação tenderiam a atuar em conjunto e penetrar todos os espaços de vida do indivíduo e pelo alinhamento destes ao funcionamento do mercado. Seguindo essa linha, Crary (2014) afirmaria que já passou o tempo em que o consumo se restringia às coisas: segundo ele, a

contemporaneidade seria marcada pela união de nossos corpos e identidades às imagens, e os procedimentos químicos, genéticos e tecnológicos disponíveis à integração do espetáculo. Assim, o neoliberalismo estaria quebrando todas as barreiras existentes ao consumo. O autor enfatiza o sono como uma delas.

A maioria das necessidades aparentemente irredutíveis da vida humana – fome, sede, desejo sexual e recentemente a necessidade de amizade – foi transformada em mercadoria ou investimento. O sono afirma a ideia de uma necessidade humana e de um intervalo de tempo que não pode ser colonizado nem submetido a um mecanismo monolítico de lucratividade, e desse modo permanece uma anomalia incongruente e um local de crise no presente global (CRARY, 2014, p. 20).

Como este pesquisador lembraria, a evolução das tecnologias e do próprio mercado vem induzindo os indivíduos a estarem em constante operação, interação, se comunicando e reagindo e assim fazendo parte da cadeia, ainda que não intencionalmente. Por meio das mídias de comunicação, por exemplo, seria possível vermos ambientes em que os espaços de cultivo à amizade, ou compartilhamento de ideias e imagens pessoais são ocupados por estratégias de marketing, que ofertam novos serviços e produtos aos seus usuários; independentemente de estarem em horário de trabalho ou de lazer, os espaços telemáticos seriam capazes de familiarizar seus usuários e uniformizar suas condutas, quaisquer que sejam as esferas sociais.

Para Crary (2014, p. 24 e 25), foi criado um modelo de normatividade completamente novo, em que o paradigma anterior da ética do trabalho já não atenderia ao panorama conexcionista entre a vida privada e laboral. Nesse novo paradigma, as competências adquiridas com aqueles aplicativos, por exemplo, não atenderiam apenas às demandas da esfera pessoal, mas as harmonizariam com as exigências funcionais próprias do mundo do trabalho. Segundo o autor “o fio condutor principal de nossas histórias de vida agora são mercadorias eletrônicas e serviços de mídia por meio dos quais toda experiência é filtrada, gravada ou construída” (CRARY, 2014, p. 67). O consumo destas imagens, serviços e as interações entre os indivíduos, seriam partes constituintes de suas identidades e de consequências diretas e contínuas sobre a formação de tipo de cidadão/consumidor que o indivíduo se apresenta: se ele consegue se adaptar aos dispositivos, obtém prestígio, ou em caso contrário, o seu inverso.

A intensidade da competição diária por acesso a horas de vigília de um indivíduo e o controle delas é resultado da enorme desproporção entre os limites humanos, temporais, e a quase infinita quantidade de ‘conteúdo’ à venda. Mas o sucesso corporativo também será medido pela quantidade de informação que pode ser extraída, acumulada e utilizada para prever e modificar o comportamento de qualquer indivíduo com identidade digital. (...) Na medida em que a oportunidade de transações eletrônicas de todo tipo se

torna onipresente, desaparecem os vestígios do que costumava ser a vida cotidiana livre de intrusões corporativas. A economia da atenção dissolve a separação entre o pessoal e o profissional, entre entretenimento e informação, desbancados por uma funcionalidade compulsória de comunicação inerente e inescapavelmente 24/7 (CRARY, 2014, p. 85).

Ainda conforme o antropólogo norte-americano, pode-se ver o fenômeno da necessidade de automodelagem do cidadão contemporâneo nas sociedades mais avançadas, nas quais o *modus operandi* de vida de consumo/trabalho significa uma busca contínua do sujeito pela concretização de seus anseios particulares, dinâmica esta que é responsável por fazer com que eles se submetam a uma cadeia contínua de reinvenção de suas próprias identidades: eles não só estão à disposição do julgamento alheio, em suas relações interpessoais, como também do mercado de trabalho, enquanto agente possuidor de competências profissionais.

Crary (2014) ainda enfatizaria que os novos produtos, aliados ao desenvolvimento das tecnologias, não seriam criados para atender a determinadas demandas coletivas e particulares; eles seriam responsáveis também pela criação de novas necessidades e pela configuração de um mundo em que tudo pode estar conectado, tornando os agentes previsíveis de que mercadorias a eles interessariam, além de como, quando e onde serão as plataformas virtuais, ou físicas, em que os consumidores irão 166orre-los. O antropólogo lembra a noção de sociedade disciplinar, de Gilles Deleuze (1995), para explicar o funcionamento contemporâneo do poder, na criação de hábitos de consumo dos indivíduos. Deleuze (1995) chama de “sociedades de controle” o tipo de regulação institucional da vida social e individual, que procede de forma contínua e ilimitada, operando efetivamente, 24/7, indistintamente, na escola, no local de trabalho e no lar, sem intervalos e com todos espaços regulados, “caracterizada pelo desaparecimento de brechas, de espaços e tempos abertos”. A nossa realidade social se tornaria parte, então, desse constructo tecnológico neoliberal.

Toda aparente novidade tecnológica é também uma dilatação qualitativa da acomodação e dependência a rotinas 24/7; também é parte de um aumento na quantidade de aspectos sob os quais um indivíduo é transformado em uma aplicação de novos sistemas e esquemas de controle (CRARY, 2014, p. 52 e 53).

Os aplicativos próprios dos telefones móveis são demonstrativos claros de que como, para sobreviverem, precisam estar ligados não somente a outras plataformas, como também aos esquemas de publicidade e difusão de produtos. Como relataria Crary (2014), aqueles serviços tornaram-se essenciais para a organização burocrática do cotidiano das pessoas, porque elas ditam as rotinas e hábitos vividos pelos agentes. Se pensado sob a escala individual, estar fora dessas redes, para os indivíduos, provavelmente significaria o seu fracasso econômico e social,

por isso os sujeitos acabam ficando submersos ao consumo tecnológico e às novas necessidades criadas pelo sistema como um todo.

Apesar das possibilidades de personalização de suas funções que esses dispositivos carregam, ao criarem uma aparência de que os agentes têm o poder de decisão sobre suas condutas, na verdade eles acabariam por promover a submissão das ações dos sujeitos à lógica e aos esquemas de produção dos próprios dispositivos, em todos os momentos de suas vidas, como parte de um processo que desembocaria na homogeneização das suas atividades às cadeias de consumo, independentemente dos ambientes onde estiverem situados.

A ilusão de escolha e autonomia é uma das bases desse sistema global de autorregulação. Ainda encontramos em muitos lugares a afirmação de que a ordem tecnológica contemporânea é essencialmente um conjunto de ferramentas neutro que pode ser usado de diferentes maneiras, inclusive de uma política emancipatória. O filósofo Giorgio Agamben¹⁶² refutou tais afirmações respondendo que “hoje não haveria um só instante na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum dispositivo”. Ele argumenta convincentemente que é “totalmente impossível que o sujeito do dispositivo o use ‘de modo concreto’” (CRARY, 2014, p. 54 e 55).

Assim, a visualização de ambientes que estejam fora dessas redes de consumo não seria necessariamente desestimulada, mas codificada e transformadas em espaços dóceis dos esquemas de produção/consumo.

Em consonância com Crary (2014), Boltanski e Chiapello (2009) pontuariam que os espaços “virgens” têm seu potencial calculado, para que possam ser “espoliados” pelo sistema produtivo, ou melhor, convertidos em espaços “alternativos” de consumo, onde as divergências possam ser aplainadas. Dentro do mesmo sistema, poderiam conviver temporalidades distintas ainda que de profundidade superficial, num esquema onde pouco ou nada seria capaz de alterar a planicidade da lógica do capital. Nesse raciocínio, as contingências não seriam apresentadas necessariamente como rotas de fuga, mas tornam-se reconfigurações do próprio sistema.

Esse argumento é o que o consumidor, aparentemente livre, na verdade está inteiramente submetido ao império da produção. Aquilo que ele acredita ser desejo próprio, proveniente de sua vontade autônoma como indivíduo singular é, sem que ele perceba, produto de uma manipulação por meio da qual sua imaginação é subjugada por aquele que oferece os bens. Ele deseja aquilo que querem que ele deseje (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009, p. 427).

¹⁶² Giorgio Agamben. *What is an Apparatus?*, trad. David Kishik e Stefan Pedatella. Palo Alto: Stanford University Press, 2009, p. 21 [ed. Bras.: “*O que é um dispositivo*”, in *O que é Contemporâneo*, trad. Vinícius Nicasto Honesko. Chapecó, RS: Argos, 2009, p. 48].

Os pesquisadores franceses pontuariam que parte das estratégias de absorção das bandeiras marcadas pelas minorias e diferenças sociais disseminadas pelo espírito do capitalismo, a partir da segunda metade do século XX, não seriam mais que “alças de cooptação” ao capital. Ao tempo em que sua rede disponibiliza “brechas” para a autorrealização do indivíduo, essas vias de libertação, criadas a partir das “margens”, não seriam outra coisa senão novas formas de exploração sofisticadas desses sujeitos.

O capitalismo atrai atores que percebem terem sido até então oprimidos, oferecendo-lhes certa forma de libertação que dissimula novos tipos de opressão (...) As alças de cooptação, portanto, criam uma sucessão de períodos de libertação pelo capitalismo e de libertação do capitalismo. (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009, p. 424)

Eles lembram ainda que esse poder de atração do capital teria origem em bandeiras de cunho libertador, assumidas por ideólogos e representantes do meio burguês desde o Iluminismo, e que foram extremamente difundidas a partir da propaganda norte-americana, pós-segunda guerra mundial, de que o mercado seria propício à autonomia e autorrealização pessoal, a partir das possibilidades de escolha do próprio estado social, seja na profissão, no lugar onde viver, nos tipos de relações que os indivíduos desejam manter, como também aquilo que se quer consumir. Esse ideal de libertação, propagandeado pelo Iluminismo, se assumiria não só diante das imposições de classe, mas também no desejo de superar as expectativas da família, do local de nascença e dos estilos de vida ali difundidos. As novas tecnologias de comunicação de massa e a difusão, da sociedade do consumo apenas serviriam de instrumentos facilitadores para a realização da manutenção desses ideais de liberdade e aspirações pessoais, que na verdade teriam como papel primordial a alimentação contínua das cadeias produtivas.

Mas, antes mesmo que os pesquisadores brasileiros, os franceses e o antropólogo norte-americano fizessem tais questionamentos, Hanz Magnus Enzensberger (1962) já argumentava que seria necessário perceber que a materialidade dos produtos a serem disseminados pelo sistema liberal foi apenas um estágio preliminar da difusão do que ele chamaria de “Indústria da Consciência”. Se em seus primórdios, durante o período de acumulação primária, a exploração material foi o vetor para o seu desenvolvimento, cada vez mais foi ficando evidente, dentro dos países capitalistas avançados, que a exploração de seus trabalhadores não poderia ficar restrita à esfera econômica, mas que contaria também com a disposição de suas consciências. Percebeu-se que a sobrevivência e difusão do capital se tornou independente da relação de oferta e demanda por determinados produtos, mas tais relações passaram a ser sustentadas pelos discursos e narrativas que estimulariam a adesão consentida da sociedade aos

seus esquemas produtivos.

Assim, no estágio mais avançado de desenvolvimento econômico, o esquema produtivo não dependeria necessariamente da qualidade das etapas de produção, ou do empenho físico da classe trabalhadora, mas sim do empenho afetivo e intelectual dos sujeitos, na colaboração com os meios de produção. “A questão de quem é o senhor e de quem é o escravo não se resolve apenas a partir de quem dispõe de capital, fábricas e armas, mas também, e cada vez mais, a partir de quem dispõe das consciências alheias” (ENZENSBERGER, 1962).

Conforme o autor, a Indústria da Consciência se expandiria pelo “esclarecimento” dos indivíduos e, conseqüentemente, de seu convencimento e adesão, por meio de sua “livre e espontânea vontade”. Essa voluntariedade do sujeito seria possível, porque ao contrário do tipo de exploração presente no início das sociedades modernas, a encontrada nos países avançados não seria marcada pelo depauperamento material dos indivíduos; a exploração se daria por meio de outras estratégias, cujo foco seria estabelecido em ações de controle imaterial, ou da consciência; promovendo, assim, por meio da indústria cultural, a adesão as suas ideias. Tal indústria, ao tempo em que informa e diverte, reduziria as possibilidades de autonomia e atuação política do indivíduo.

Além dos recursos tecnológicos e instrumentais, as mídias em geral seriam essenciais para o desenvolvimento efetivo das atividades de dissuasão das consciências dos indivíduos. Por meio delas, seria possível estimular entre os sujeitos um ideal de liberdade de escolha, disseminando estilos de vida, em que os livros, jornais, ou demais dispositivos de conteúdo seriam apenas substratos materiais para seus discursos de dissuasão.

O pensador alemão lembraria que desde a década de 1950, o tempo dedicado à atuação sindical, ou reflexividade, de parte da classe trabalhadora mais organizada, por exemplo, passou a ser substituído pelo consumo doméstico do entretenimento midiático: “o novo regime já não se apossa primeiramente das ruas e dos centros da indústria pesada, mas das emissoras, das impressoras e das centrais de comunicação a distância” (ENZENSBERGER, 1962). Sob o ponto de vista do autor, ao esclarecer seu público, mas não lhe dar a real intenção de libertação ao regime, a Indústria da Consciência o ilude, pois ela proclama a liberdade, a igualdade e demais valores – entre outros, tornados familiares na lista dos Direitos Humanos Universais promulgados pela ONU –, no entanto, seria incapaz ou não mobilizaria recursos suficientes para a realização, de fato, de tal liberdade, ou, como o alemão enfatizou, a estratégia de tal indústria se limitaria a induzir o indivíduo à consciência, com o propósito final de explorá-la. Trata-se de uma situação ambígua em que a Indústria ofereceria aquilo que ela mesmo quer roubar; onde os próprios espaços de criatividade intelectual e contrariedade humana lhe servem

de fontes cognitivas para seus próprios espaços de expansão.

Para Enzensberger (1962), seria das próprias críticas, da escuta da contrariedade, que a Indústria da Consciência adquiriria novas ideias e consequentemente novos produtos culturais. Esses seriam os verdadeiros responsáveis pela dissuasão à cooperação de diferentes públicos.

A indústria da consciência é monstruosa porque nunca depende da produção, mas sempre, apenas, da sua mediação, das derivações secundárias e terciárias, das infiltrações e do lado fungível daquilo que ela multiplica e vende. Assim, a canção com ela se transforma em *hit* e o pensamento de um Karl Marx em *slogan* resplandecente.

Para David Harvey (in MORAES 2004, p. 167), o esquema de ação relatado acima por Enzensberger (1962) seria parte de uma forma de “rendimento monopolístico”, cuja atuação contraditória abriria espaço para as iniciativas locais distintivas. Nesse modelo de desenvolvimento, adotado pelo sistema liberal, ao tempo em que se buscaria valorizar a autenticidade, a particularidade, a originalidade, se apropriaria de suas qualidades como forma de sua própria expansão. Naquela mesma obra, José Martin-Barbero (In MORAES, 2004, p. 60) completaria Harvey (in MORAES 2004), ao denunciar que estaria havendo um esforço permanente pelo reconhecimento daquilo que constituiria as diferenças, mas isso seria realizado com foco no potencial lucrativo que tais diferenças poderiam proporcionar. Assim, poder-se-ia entender o porquê de práticas transgressoras ou antagônicas estarem sendo manuseadas pelo capital. Assim, por meio dos movimentos de reconhecimento, adesão e cooptação de tais diferenças, a Indústria da Consciência conseguiria atender aos anseios subjetivos dos indivíduos, ao tempo em que conseguiria mantê-los sob as égides do mercado.

O problema do capital é encontrar maneiras de cooptar, englobar, comercializar e rentabilizar tais diferenças culturais apenas o bastante para poder apropriar-se, a partir delas, dos rendimentos monopólicos. Ao fazê-lo, o capital costuma produzir alienação e ressentimento generalizados entre os produtores culturais que sofrem em primeira mão a apropriação e exploração de sua criatividade para o benefício econômico de outrem, da mesma maneira que populações inteiras podem ressentir-se de ter sua história e sua cultura exploradas através da mercantilização (HARVEY In MORAES, 2004, p. 167).

Não seriam raros os exemplos de bandeiras de minorias ou de brigas por causas civis, como movimentos feministas e ambientalistas, cujas lutas serviram para indicar os novos vetores de difusão cultural e consequentemente de prospecção de lucro do capital. Ao tempo em que servem de críticas, seus argumentos seriam assimilados pela lógica do mercado e neles tomariam seu próprio norte. Assim, suas bandeiras, antes autônomas e sedentas por liberdade,

não só teriam seus discursos neutralizados, como seriam incorporados ao próprio sistema. Como advertiria Enzensberger (1962), “toda crítica à indústria da consciência é inútil ou perigosa se não reconhecer essa ambiguidade”.

5.3.3 O papel das contingências na expansão do sistema – questões da pós-modernidade

Abordamos ao longo do trabalho que se o sistema dificulta a real autonomia do sujeito na realização de ações e ideias que estejam além do horizonte do capital, foi a partir do próprio desenvolvimento tecnológico e midiático, em suas diversas formas de expressão – nas artes, na imprensa, como também no mundo publicitário, por exemplo – que foi criada as margens para o nascimento e a manifestação de movimentos de oposição a partir da década de 1960, em um momento em que a urbanização e o desenvolvimento industrial passaram a atingir níveis globais, como foi por meio das ferramentas da Indústria Cultural que os sujeitos puderam demonstrar seus incômodos com o modelo de sociedade moderna e os seus critérios de racionalidade e tecnoburocracia, adotados pelo mundo da produção, para classificar e ditar os modos e estilos de vida dos indivíduos.

Já ressaltamos aqui como tais críticas ganharam a atenção de uma série de filósofos, sociólogos e especialistas das mais variadas áreas acadêmicas, muitos deles preocupados em analisar os efeitos sociais que o desenvolvimento do capital tem sobre a sociedade, como um todo. Parte desses acadêmicos perceberam que, inicialmente, ganhou relevo entre indivíduos dos países mais desenvolvidos um sentimento da perda da confiança com as instituições como um todo; mas, tal incômodo não ficaria restrito ao lucro obtido pelas empresas, às ciências e a todo o arcabouço racional que suas instituições apresentavam, inclusive o próprio Estado, que colaboraria para a manutenção e o desenvolvimento de um sistema, que aos olhos daqueles sujeitos, parecia alheio às suas reais demandas.

Seja a Escola Crítica, sejam os teóricos pós-modernistas, todos reforçariam que parte daquelas frustrações coletivas teria sido inicialmente ocasionada pelo sentimento de fracasso que parte da humanidade passou a sentir com os resultados obtidos nas duas grandes guerras mundiais, ou ainda pelo mau uso dos recursos ambientais e a difusão do consumo indiscriminado. Eles argumentaram que parte daqueles sujeitos compartilhavam um sentimento de desconforto que se alastraria pelas décadas seguintes com as sucessivas crises econômicas, o fim da estabilidade de seus empregos, além do *modus operandi* que suas vidas eram parte. Muitas destas críticas foram incorporadas por diferentes bandeiras, como os movimentos *hippies*, os ambientalistas, os *punks* e uma pluralidade crescente de grupos contraculturais que

passaram a ter visibilidade em todo o mundo ocidental.

Nas décadas seguintes, os movimentos extremistas iriam se somar àquelas críticas, com uma incontável série de ações e ideologias que buscavam propor a ruptura do sistema hegemônico, como das instituições que os sustentavam. Apesar desses coletivos apresentarem diferentes proposições, muitos deles tinham sugestões comuns para sanar parte de seus incômodos, como o retorno a um passado comunitário, voltado para a espiritualidade, ou a agricultura familiar e orgânica, por exemplo; outros, eram voltados à difusão de realidades utópicas e mundos míticos, baseados em reinterpretações de costumes e pautas conservadoras.

É nesse cenário que Gianni Vattimo, em *Bem torno de la posmodernidad* (1990), nos traz contribuições importantes sobre as possibilidades de expressão que muitos daqueles movimentos contestatórios vêm ganhando ao longo das últimas décadas, como também as etapas de instrumentalização de suas bandeiras pelo sistema produtivo, como um todo. Para o filósofo italiano, as mídias estariam dando voz para uma multiplicidade de “racionalidades locais”, como parte do desaparecimento da ideia de uma narrativa única e racional da história e a ascensão de narrativas paralelas, formadas inicialmente pelo ganho dos espaços de visibilidade por minorias étnicas, sexuais, religiosas, estéticas e grupos sociais identitários como um todo, cada um com seus desconfortos particulares.

De acordo com o autor, a perda de importância das grandes narrativas, que até então mobilizavam a sociedade ocidental, estaria criando a oportunidade para que pequenos grupos locais, com visões fragmentadas da realidade, e muitas vezes beirando a irracionalidade, pudessem disseminar novos imaginários e utopias, que ganhariam cada vez mais espaços nas esferas públicas.

Porém, para Vattimo (1990), não haveria nada de irracional no modelo como as mídias passaram a incorporar tais discursos. Apesar de dar espaço para a manifestação daquelas subculturas, na esfera pública, isso não significaria uma real emancipação política e o empoderamento de parcelas da população, pois, na realidade, o mercado estaria submetendo tais racionalidades às suas próprias regras, instrumentalizando suas dinâmicas e gramáticas particulares; logo, seus discursos não corresponderiam necessariamente a uma ameaça ao modelo de produção vigente, mas provavelmente se apresentariam como novas oportunidades à expansão do sistema produtivo.

Ao apontar que os indivíduos e a diversidade de seus anseios e subjetividades estariam, na verdade, integrando e aprimorando as possibilidades de consumo artificial de estilos de vida, Vattimo (1990, p. 27) aproximar-se-ia do debate de Frédéric Jameson (2002) que também pontuou que, ao tempo em que buscam valorizar as diferenças, tais grupos, quando absorvidos

pelas grandes mídias, enquanto representantes da indústria cultural, esvaziariam seu contexto histórico e apagariam seu real conteúdo – valorizando a forma, na busca de uma estética que ganhe a atração de novos públicos – como tentativa de se tornarem aceitáveis e não agressivos ao cotidiano dos indivíduos. Assim, não seria de se estranhar que a abertura do uso das mídias para o exercício da expressão dos discursos minoritários e discordantes das narrativas hegemônicas fizesse com que Jameson (2002) autoquestionasse se a relevância que aqueles movimentos sociais dissidentes viriam ganhando nas últimas décadas não seria um efeito colateral do desenvolvimento do próprio sistema, em um processo de autodiferenciação e autorreprodução do capital.

Muito do que passa por uma defesa vigorosa da diferença, é claro, simplesmente tolerância liberal, uma posição cuja complacência ofensiva é bem conhecida, mas essa defesa tem, pelo menos, o mérito de levantar uma questão histórica embaraçosa: não será, em primeira instância, a tolerância da diferença como um fato social resultado da homogeneização social e da estandardização, e do desaparecimento da verdadeira diferença social? A dialética da neo-etnicidade, então, certamente entra aqui, pois há uma “diferença, podemos pensar, entre ser condenado a ser identificado com o membro de um grupo e a escolha mais opcional da marca de participação em um grupo porque sua cultura foi publicamente valorizada. Em outras palavras, a etnicidade no pós-moderno – a neo-etnicidade – é de certo modo um fenômeno *yuppie* e, por essa via, sem muitas mediações, uma questão de moda e de mercado (JAMESON, 2002, p. 342 e 343).

A complementaridade do raciocínio acima nos levaria a uma problemática comum que nos interessa aqui: a criação e comercialização “mítica” de determinados modelos de vidas como etapas para o desenvolvimento do próprio sistema produtivo hegemônico. Eugênio Bucci (2002) segue essa linha. O pesquisador brasileiro pontua que ao fornecer o palco para apresentação das culturas minoritárias (ou subculturas, fica a critério do autor), as mídias estariam apenas aprimorando os mecanismos de ampliação das forças produtivas para o olhar. Ele citaria a televisão, como exemplo – que poderia ser ampliado para outras mídias – de ferramenta midiática que se é capaz de criar sensações de liberdade de expressão e possibilidade de realização das diferenças, a partir do estímulo ao consumo de estilos de vida, quando na verdade o entretenimento e jornalismo ali difundidos seriam verdadeiros mecanismos de agregação e ocupação do tempo e espaços do público, pela lógica do mercado.

Em *Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico*, Sylvia Moretzohn (2007) ressalta que esse raciocínio de alienação do olhar e da atenção do indivíduo, por meio das mídias, advém do conceito de fetichização de Marx. Para ela, Bucci (2002) traz aquele conceito para a era do “capitalismo superindustrial”, em um panorama em

que o estado físico das mercadorias viria a ser substituído em sua importância pelas imagens (e ou demais sensações sinestésicas e afetivas em que elas foram planejadas para causar) a que elas estariam ligadas. As mercadorias seriam, então, convertidas em signos, que se valeriam de suas relações imaginárias para auxiliar a reprodução material, e suas representações ganhariam maior relevo, porque facilitariam o fenômeno de dissimulação das relações de produção.

O capital compra a probabilidade do olhar (...) Na televisão, como de resto no espetáculo, dá-se uma espécie de escambo do gozo imaginário. É por escambo que o sujeito recebe pelo aluguel dos seus olhos. Ele busca na televisão as imagens que completam – que o informam, que o divertem, que o deliciam – imaginariamente. Goza por elas. Em troca, cede seu olhar durante intervalos para que se consolide no imaginário a imagem da mercadoria que aí, por seu olhar, obtém significação. A televisão tende a eliminar tudo o que seja a interrupção desse gozo, de sorte que a linguagem publicitária fala como gozo ininterrupto (BUCCI, 2002, p. 275-276, apud MORETZSOHN, 2007, p. 226 e 227).

Ao tempo em que estimulam o consumo, por meio da difusão de ideias, corporificadas em entretenimento e informação, as pretensões comerciais e ideológicas são disfarçadas; as relações de produção tornam-se, assim os meios *sine qua non* de visualização e realização estilos de vida. O olhar, ou a atenção do indivíduo, torna-se mais uma fonte de lucro, uma força produtiva que funciona a todo o momento. Para o Bucci (2002), não existiriam mais fronteiras para atuação do mercado, quando o próprio olhar do indivíduo já é um ato de consumo.

Toda essa discussão, finalizada aqui com Bucci (2002), Enzensberger (1962), Vattimo (1990) e Jameson (2002), nos fez nos autoquestionar se não seria esse processo de ocupação de todos espaços de atenção e assimilação da contrariedade, ou melhor, de uma indústria que se alimenta de seus próprios críticos (ou mesmo de suas vítimas), parte do mesmo movimento dialético já abordado aqui por Boltanski e Chiapello (2009), Bauman (2004) e Crary (2014), de apropriação das margens, brechas ou áreas cinzentas, e elemento correspondente ao estágio de “reagregação”, presente nas *communitas* de Turner (1974)?

5.3.4 A submissão das angústias humanas aos esquemas de produção

De acordo com parte dos pesquisadores citados acima, os movimentos contingentes estariam ganhando espaço midiático, porque existiriam parcelas da população que não se sentiriam representados pelo *establishment* social e buscariam novas formas de autenticidade em suas relações, seja de ordem social, política, ou cultural, diante de um sistema produtivo hegemônico que, aos seus olhos, eliminava o aspecto humano das decisões.

Se de um lado existem movimentos que pregariam a aproximação entre os indivíduos e a valorização de aspectos mais humanos – seja para a disseminação de um espírito de “paz e amor”, de oposição à tecnoburocracia, seja por políticas de preservação do meio ambiente – de outro, muitos desses coletivos apresentam valores ideológicos conflitantes, na defesa das suas comunidades, como o uso de bandeiras identitárias de cor, origem, ou tradições culturais – ainda que isso represente uma forma de negação às comunidades alheias – como ponto de união entre seus membros. Independente do conteúdo adotado por tais movimentos sociais contingentes, é visível que boa parte de suas reivindicações estaria se alargando nas últimas décadas, ao ganharem adesão de parcelas representativas da sociedade com a disseminação de suas mensagens e simbolismos por meio das mídias da indústria cultural e não poderíamos deixar de observar que muitos desses discursos estariam sendo adotados pelos dispositivos e estratégias culturais existentes, dos sistemas produtivos hegemônicos, como parte de um processo de desenvolvimento e expressão do capital para novas fronteiras: uma dinâmica social em que, ao passo que ganha a adesão popular de valores contingentes, retroalimenta uma cadeia que muitas vezes buscavam combater.

Trata-se de um raciocínio já apontado por Castells (2012, p. 272), que já há algum tempo vem denunciando como o movimento de adesão das bandeiras, angústias e subjetividades dos movimentos sociais seria realizado como mecanismo de expansão do próprio sistema produtivo. Este seria capaz de assimilar novos atores, distribuir novos papéis sociais e atualizar normas, para que possa continuar sua coexistência com valores e práticas inicialmente dissonantes, no entanto mais adaptadas e planificadas, para que os pilares da ordem produtiva não sejam postos em perigo. Para o pesquisador espanhol, é como se, no final do dia, o sonho de mudança social destes grupos fosse diluído e canalizado por meio das instituições políticas e que os seus ideais revolucionários passassem a ser reinterpretados conforme os novos agentes de poder e sua nova ordem constitucional.

Ao longo deste trabalho, estamos vendo inúmeros exemplos, de indivíduos e/ou grupos sociais cujas práticas e estilos de vida contingentes estariam ganhando capilaridade, provavelmente porque contariam com o auxílio de instrumentos de ordem institucional, tecnológica, cultural a até mesmo das instâncias políticas, na manifestação de seus anseios particulares e na luta pelo reconhecimento de suas subjetividades, em um processo marcado pela valorização, adaptação e realocação de seus valores sob os esquemas de produção e das novas esferas de poder. Por outro lado, o que os teóricos aqui citados enfatizam é que o uso dessas ferramentas não se dá de modo unilateral e a bel-prazer daqueles grupos contestatórios, e sim como uma consequência da absorção de seus discursos pelo sistema produtivo, que vê

janelas de oportunidade nas diferenças culturais, para a realização de novos horizontes de negócios. Se mais de um século atrás, Simmel (2011, p. 537) já nos advertia que no liberalismo o dinheiro não possui preconceitos, mas que ele irá encontrar as soluções mais fluidas para que possa continuar a ser acumulado, já naquele momento histórico de amadurecimento do capital, na virada do século XIX e XX, o autor foi capaz de perceber que a diversidade de conteúdos e modos de pensamento poderia ser equalizada e/ou reduzida à esfera econômica. Aliás, ele já denunciava que não haveria bandeiras indisponíveis, mas todas poderiam ser reajustadas aos esquemas de consumo.

For money itself is completely formless: (...) it levels out what would otherwise impose far-reaching changes upon the possibilities for the individual's activities and experiences. It is significant that we term money in circulation 'liquid' money: like a liquid it lacks internal limits and accepts without resistance external limits that are offered by any solid surroundings. (...) Yet it is precisely this insubstantial nature of money that enables it to support the systematization and tempo of life wherever the level of development or personal trends press for it. While we have observed that there is a close correlation between liberal constitutions and the money economy, it is just as worthy of note that money provides an extremely efficient technique for despotism, as a means for incorporating the most remote places into its rule which, in a barter economy, always tend to separate and become.¹⁶³

A obra do sociólogo alemão continua sendo enriquecedora ao nosso debate, porque naquele momento ela já pontuava como diferentes etilos de vida, tradições culturais e modos de produção seriam submetidos aos esquemas de consumo, propostos pelo capitalismo: os argumentos ali presentes nos levariam às origens de um processo de ocupação dos espaços sociais pelo sistema de produção, imposto pelo capital, que, como aquele pesquisador havia previsto, estaria levando à comercialização dos aspetos mais pessoais e íntimos dos indivíduos. Para Simmel (2011), em troca de sua liberdade e em prol da manutenção de determinados estilos de vida, os sujeitos estariam substituindo as antigas relações de dependência social – como heranças moral e material familiares, relações vicinais e valores tradicionais da ordem civil – por uma cadeia de consumo e de trocas simbólicas aí envolvidas, induzidos por uma indústria

¹⁶³ “Pois o dinheiro em si é completamente sem forma: (...) ele nivela o que, de outro modo, importaria mudanças de longo alcance às possibilidades das atividades e experiências do indivíduo. É significativo que nós denominamos dinheiro em circulação de dinheiro “líquido”: como um líquido, ele não tem limites internos e aceita, sem resistência, limites externos que são oferecidos por qualquer ambiente sólido. (...) No entanto, é precisamente essa natureza insubstancial do dinheiro que lhe permite apoiar a sistematização e o ritmo da vida onde quer que o nível de desenvolvimento ou tendências pessoais pressionem por ela. Embora tenhamos observado que há uma estreita correlação entre as constituições liberais e a economia monetária, é igualmente digno de nota que o dinheiro fornece uma técnica extremamente eficiente para o despotismo, como um meio de incorporar os lugares mais remotos ao seu domínio que, em uma economia de escambo, sempre tendem a se separar e se tornar” (Tradução livre).

capaz de absorver, planificar suas subjetividades e monetizar os diversos aspectos da vida humana.

De acordo com o sociólogo alemão, assim como os sujeitos se tornaram escravos dos processos de produção, eles se tornaram dependentes dos produtos e relações criadas por tal cadeia de produção e consumo, que é capaz de oferecer um infinito número de estímulos sensoriais, hábitos, distrações, invenções técnicas e necessidades sem fim, simbolizadas como parte de determinados estilos de vida. Atualizando o debate de Simmel (2011), Boltanski & Chiapello (2009) enfatizariam que entre as novas estratégias adotadas pelo capital, nas últimas décadas, é possível ver a incorporação de elementos essencialmente humanos, como o “acolhimento”, a “solidariedade” e a “compaixão”, como tentativas de aprimoramento dos esquemas produtivos. Para os pesquisadores franceses, todas essas qualidades passaram a fazer parte da retórica de vendas, como também das relações de trabalho das grandes empresas. Eles argumentariam que o interesse por humanizar as marcas, verificado a partir da década de 1980, por exemplo, se faria aliado à tentativa de naturalização de seus produtos aos ambientes sociais mais desligados do mundo comercial, por meio de retóricas que tentam dissimular o “desinteresse” de suas atividades do aferimento de lucros: é como se os agentes envolvidos na ordem da produção quisessem atingir os únicos rincões que fugiriam à lógica do capital.

Para os sociólogos franceses, o regime progressivo de mercantilização das esferas da vida não ficaria restrito aos bens possuídos, mas abrangeria os valores e meios reconhecidos como riquezas pessoais. Os “tesouros sem preço”, acumulados ao longo de nossos vínculos afetivos, estariam sendo ofertados pelo mercado, da mesma forma que fizera com todo o rol de mercadorias tangíveis; o capital estaria tornando possíveis atalhos aos seus clientes para a concretização dos objetivos de vida mais íntimos. Assim, em busca de novas formas de auferir lucro, e diante de uma demanda emergente dos indivíduos, ansiosos por emoções autênticas, o mercado estaria escamoteando os vínculos comerciais existentes entre os produtos ofertados.

A importância atribuída ao papel de mediador, às relações pessoais, à amizade e à confiança na realização do lucro num mundo conexista e, correlativamente, o enfraquecimento da distinção entre vida privada e vida dos negócios tendem assim a introduzir na esfera comercial relações que antes se definiam precisamente como “desinteressadas”.

A oferta de bens e de relações humanas autênticas na forma de mercadorias era a única possibilidade de atender à demanda de autenticidade compatível com a exigência de acumulação (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009, p. 445).

Esse processo não se faria de modo tão plano, já que a homogeneidade das estratégias de marketing tradicionais colocaria as mercadorias e serviços sob um padrão comum e pouco diferenciável, em suas atribuições. Ainda na década de 1980 foram inúmeras as empresas que viram na preocupação com o meio ambiente, possibilidades de atingir um público com maior poder aquisitivo, por meio da identificação de seus produtos com a preservação ecológica. Por outro lado, aquelas empresas tiveram que lidar com o ceticismo cada vez maior do público, anos mais tarde, quando ele percebeu que tinha sido novamente vítima de estratégias aprimoradas do “marketing verde”. Na década de 1990 os sujeitos pareciam cada vez mais suspeitos de um simulacro generalizado, que iria fazê-los questionar as verdadeiras intenções, até mesmo das ações humanitárias, que não raras vezes passaram a ser vistas como espetáculos televisivos.

Para Lasch (1986), uma das respostas que o mercado viria manifestando diante de tais desafios seria a difusão de uma ideologia pluralista, que provocou a sensação de que os sentimentos e desejos dos indivíduos pudessem ser satisfeitos nas “prateleiras dos supermercados”, mas que, segundo ele, tratar-se-ia de uma estratégia que não deixaria de ser superficial, já que os produtos e serviços anunciados seriam diferenciados praticamente por meio de estratégias da persuasão de uma publicidade e de outros mecanismos de fidelização mais preocupados em aliar certos valores almejados pelos sujeitos aos seus serviços, do que realmente proporem experiências significativamente diferenciadas e ricas. Ou seja, se o público foi capaz de perceber os vínculos existentes entre seus anseios pessoais e os interesses comerciais, foram dessas críticas que o próprio capital encontrou novas fontes de lucro, ainda pouco subjugadas à lógica do mercado. Como forma de combater a crítica do público à massificação dos produtos, ao longo das duas últimas décadas do século XX, o “novo espírito do capitalismo” iria aperfeiçoar as estratégias de dissimulação do caráter comercial de suas atividades, por meio da agregação simbólica de qualidades como “autenticidade” e “singularidade”.

A busca pela autenticidade do público, na escolha dos locais que frequenta; dos móveis que possui; da música que escuta; tudo isso se tornaria uma fonte para a produção de uma variedade crescente de produtos e serviços. Assim, a hora da alimentação, as brincadeiras entre amigos, o lazer, a vista do pôr do sol, a diversão em família, que antes pareciam estar à parte de uma relação direta de consumo, passaram a ser as novas fontes de riquezas comerciais.

Essa lógica ganhou dimensões consideráveis, durante os últimos trinta anos, com a importância crescente dos investimentos culturais e tecnológicos e com o desenvolvimento dos serviços, especialmente do turismo, da hotelaria, dos

restaurantes, da moda, do *prêt-à-porter*, da decoração de interiores e do design (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009, p. 447).

Para atender às subjetividades dos indivíduos, ao contrário de uma reprodução massificada de tais produtos para determinados públicos, é por meio da codificação dos elementos essenciais e da customização que o capital, ou especificamente a indústria cultural conseguiria agregar valor aos produtos e atrair o olhar do consumidor. A partir dessas estratégias, seria potencializada a venda dos “espaços virgens”, ou de aquisição de novas experiências, que só os elementos “originais” de determinadas culturas seriam possíveis de ocasionar. Essas culturas se transformariam, então, em novas rotas para a expansão do capital.

A resposta do capitalismo à intensa reivindicação de diferenciação e de massificação que marca o fim da década de 60 e o início da de 70 consistiu em endogeneizá-la.

Essa cooptação assumiu a forma de mercantilização, ou seja, o ato de transformar em “produtos” (com incidência de um preço e a possibilidade de troca num mercado) bens e práticas que – em outro estado – ficavam antes fora do mercado. É o processo mais simples pelo qual o capitalismo pode reconhecer a validade de uma crítica e adotá-la, integrando-a nos dispositivos que lhe são próprios: os empresários, ouvindo a reivindicação expressa pela crítica, procuram criar produtos e serviços que a satisfaçam e possam ser vendidos. Já vimos esse processo em ação no que se refere à satisfação das exigências de libertação, com a invenção de produtos e serviços que supostamente teria virtudes “libertadoras”. Ele também funcionou amplamente para fazer face às reivindicações de autenticidade: passar-se-ia a oferecer aos consumidores produtos “autênticos” e tão “diferenciados”, que a impressão de massificação se reduziria (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009, p. 444).

Nesse panorama, os franceses argumentariam que esse espetáculo do consumo e multimidiático da realidade assumiria uma óptica acumulativa, ilimitada, capaz de convencer-nos de que já não existe uma verdadeira autenticidade do mundo, ou que mesmo tal aspiração ao “autêntico” não passa de uma ilusão. Por isso, até mesmo as relações desinteressadas, sob o domínio da vida efetiva pessoal, são colocadas à disposição do lucro, típico das trocas comerciais. Ao terem todas as esferas da vida humana assumidas pela lógica do capital, os agentes passariam a tratar todos os seus momentos como uma etapa do contínuo consumo e se sentiriam incapazes de visualizar alternativas para esse simulacro totalizante.

6 UMA PAUSA PARA A QUESTÃO DO DISCURSO

Quase sempre se achou que a linguagem refletia uma realidade dada a priori e que os discursos organizavam os “reflexos”, com vistas à comunicação, à compreensibilidade. Hoje, todavia, fica bastante claro que a linguagem cria, mais do que reflete, a realidade. Em outras palavras, não é apenas designativa, mas principalmente produtora de realidade. E a mídia ou conjunto dos meios de comunicação de que se vale fortemente a ideologia globalista é, a exemplo da velha retórica, uma técnica política de linguagem.

Muniz Sodré (In MORAES, 2004, p. 22)

Ao longo deste trabalho, já foi pontuado que diante da dificuldade de ocupação dos espaços tradicionais, nas esferas de poder, os movimentos sociais assumem estratégias comuns de criação em seus próprios espaços midiáticos. No entanto, o estranhamento sofrido por tais sujeitos, diante dos meios tradicionais, acaba por dificultar o acesso de públicos maiores às suas ideias e valores, por vezes as impedindo de ganharem projeção. Por isso, muitos dos grupos contingentes acabam tendo que assimilar as estratégias e processos já presentes nos meios tradicionais e repetir os modelos de produção de narrativas e representações já legitimadas pela indústria cultural, a fim de ganharem a adesão de novos sujeitos e ocuparem novos espaços de poder.

En l’absence de ressources politiques légitimes permettant de jeter un pont entre les personnes en tant que citoyens et le peuple en tant que Souverain (comme, par exemple, un droit de pétition ou d’expression directe devant l’assemblée des représentants du peuple), ces défenseurs d’une juste cause ne peuvent accéder au peuple souverain qu’en empruntant la voie des médias. (...) L’accès aux médias est le seul moyen dont ils disposent pour atteindre l’opinion publique (...) Mais cette forme de compromis inspiré-civique est difficile à faire tenir comme en témoigne le fait que les protestations de ces dénonciateurs sont souvent discréditées aux yeux du monde et, notamment, aux yeux des journalistes auxquels ils s’adressent, par des traits qui en signalent l’étrangeté¹⁶⁴ (BOLTANSKI & THÉVENOT, 1991, pp. 364 e 365).

A partir deste momento, queremos caracterizar melhor como as mídias auxiliam no

¹⁶⁴ “Na ausência de recursos políticos legítimos para unir as pessoas como cidadãos e as pessoas como soberanas (como, por exemplo, um direito de petição ou expressão direta perante a assembléia de representantes do povo), esses defensores de uma causa justa só podem obter acesso ao povo soberano por meio da mídia. (...) O acesso à mídia é a única maneira de alcançar a opinião pública (...) Mas é difícil manter essa forma de compromisso de inspiração cívica, evidenciada pelo fato de que os protestos desses delatores desacreditados aos olhos do mundo e, em particular, aos olhos dos jornalistas a quem são dirigidos, por características que sinalizam sua estranheza” (Tradução livre).

processo de cooptação e expansão de valores e práticas contingentes, ajudando-os a tornarem parte das engrenagens do sistema produtivo ao qual se propunham inicialmente servirem de alternativa. Nas próximas páginas, pretende-se discutir com a ajuda de pensadores das tecnologias de comunicação, os artifícios midiáticos responsáveis pelo processo de cooptação dos cidadãos, suas angústias e subjetividades às cadeias integradas de consumo.

Moraes (2004, p. 198) nos lembra que a formação e/ou sustentação política e cultural da ordem hegemônica contaria com o auxílio das indústrias da informação e do entretenimento, ou da ambiguidade destes dois formatos, a partir de uma mescla que os torna irreconhecíveis de serem diferenciados. Segundo o pesquisador brasileiro, juntos, o entretenimento e a informação – seja por meio da imprensa, seja por meio dos diversos gêneros de ficção – acabariam assumindo posições destacadas nas relações produtivas e sociais: com o suporte das mídias, os agentes centrais do sistema hegemônico seriam capazes de desenvolver uma retórica comum à informação e à publicidade, capaz de conversar com distintos públicos e mantê-los atrelados à difusão e comercialização de determinados estilos de vida. Para o pesquisador brasileiro, a projeção que tais mídias ganharam, ao longo dos últimos dois séculos, não apenas foi responsável pela organização da vida laboral e pessoal dos indivíduos, como tornou imanente a sua justificação ideológica, sendo decisiva para a construção das narrativas individuais, como também estabelecendo os critérios para a realização contínua da autoavaliação dos sujeitos, diante da tomada de decisões.

As organizações de mídia projetam-se, a um só tempo, como agentes discursivos, com uma proposta de coesão ideológica em torno da globalização, e como agentes econômicos proeminentes nos mercados mundiais, vendendo os próprios produtos e intensificado a visibilidade de seus anunciantes. Evidenciar esse duplo papel e suas interfaces parece-me fundamental para entendermos a sua forte incidência na atualidade (MORAES, 2004, p. 191).

Naquela mesma obra, Muniz Sodré (In MORAES, 2004) enfatizaria que os “discursos” à disposição de uma ideologia hegemônica não seriam simples meios de organização cognitiva e compreensão da realidade, mas eles seriam estabelecidos com o intuito de atender aos próprios objetivos do sistema e contribuem para a produção das realidades “necessárias” ao desenvolvimento e acumulação do capital. Segundo aquele pensador, o processo de justificação ideológica do sistema vigente, a partir das mídias, estaria cada vez mais naturalizado, porque seriam as suas narrativas, linguagens e estruturas argumentativas que guiariam os indivíduos em seus costumes, atitudes, hábitos, como em sua requalificação social, em função da tecnologia e do mercado.

Os brasileiros acima seguem a tradição de representantes da Teoria Crítica. Marcuse (1973), por exemplo, destacou em seus estudos, o modo como a retórica do capital atua na publicização de produtos e serviços, além de seu desempenho exitoso na excitação e no estímulo dos sujeitos pela busca de mercadorias que atendam, de alguma forma, a seu conforto material, como espiritual. Para o teórico alemão, o mercado utiliza-se de uma linguagem autoritária, baseada numa estrutura 182 orrelaciona 182 e que não dá espaços para a interpretações diferenciadas. Remetendo a Roland Barthes (1993), ele afirma que se trata de uma linguagem a-histórica e descontextualizada, capaz de conciliar os paradoxos, disponível no mundo comercial, mas que se alastra pelos discursos culturais e políticos, em defesa do regime hegemônico. Ainda conforme o teórico alemão, a finalidade básica dessa linguagem seria a manutenção das engrenagens do regime econômico e a promoção de certo controle difuso e suave sobre os indivíduos, dando a possibilidade ilusória destes aderirem, “por conta própria”, à liberdade de ação.

Marcuse (1973) argumentaria que tudo isso faria parte de um jogo de uniformização da lógica do capital, ocasionado pela linguagem proposta pelas mídias. O autor pensa que, em geral, ao submeter as diferenças a uma linguagem comum e estereotipada, as mídias colocariam as mais diversas facetas da vida humana, quaisquer que sejam suas manifestações sob os rótulos de mercadorias, transformando todos os sujeitos em integrantes de um tipo de espetáculo, no qual as reais contradições são postas de lado. Nesta dinâmica de funcionamento das mídias contemporâneas, estariam ausentes os espaços reais para formas distintas de ação e pensamento. A liberdade de consumo, então, se transformaria numa forma de submissão e repressão do sujeito.

Para o autor, a pluralidade de imagens, provocada pela difusão da indústria cultural, teria um caráter ilusório como um todo, pois em vez de reproduzir a diversidade das experiências humanas, atuariam mais como filtros de controle das sensações que deveriam ser aceitas, em benefício do capital. As tecnologias de comunicação, por exemplo, deveriam fornecer aos indivíduos as opções mais seguras e adaptadas ao controle de suas próprias necessidades emocionais, entre as inúmeras fantasias existentes.

Essa linguagem controla reduzindo as normas linguísticas e dos símbolos de reflexão, abstração, desenvolvimento, contradição; substituindo conceitos por imagens. Nega ou absorve o vocabulário transcendente; não investiga, estabelece e impõe a verdade e a falsidade (MARCUSE, 1973, p. 107).

Ainda que de forma indireta, ou mesmo de modo consciente, por meio de pesquisas de opinião, enquetes, questionários, pesquisas de mercado, ou testes psicológicos, os agentes

envolvidos nos processos de tomada de decisão das mídias conseguiriam prever as reações de seu público e instrumentalizá-las em direção à difusão de determinadas ideias ou produtos. Independente do tema abordado, as imagens são retiradas de seus contextos, reorganizadas em combinações realizadas com a finalidade de evitar possíveis estranhamentos e tornar amortecido o impacto de suas mensagens, transformando os acontecimentos em possíveis fantasias-clichê, ou pseudo eventos, que além de divertirem, debaterem ideias, ou distribuir modelos de consumo, passam a ser confeccionadas de modo a atingir a consciência dos indivíduos, sem se contraporem às engrenagens do sistema.

6.1 A noção de pseudoevento

Em 1961, quando publicou *The Image: A Guide to Pseudo-Events in America*¹⁶⁵, Daniel Boorstin (2012) procurava situar o cidadão médio americano diante das mudanças que a imprensa, os diversos veículos de comunicação e o processo de expansão do setor de serviços passavam com a difusão das mídias de comunicação de massa, em meados do século XX. Ali, ele desenvolveria um conceito-chave, o “pseudoevento”, para falar sobre o início da reprodução de acontecimentos e a disseminação deles em escala industrial, a partir dos meios de comunicação, fenômeno que foi iniciado com a Revolução Gráfica e o desenvolvimento industrial dos Estados Unidos.

Durante a virada do século XIX e XX, o mercado norte-americano é marcado por uma série de iniciativas que disseminariam estratégias e mecanismos de difusão e consumo de produtos, serviços e informações, muitos deles utilizados até os dias atuais. Boorstin (2012) apontaria que a partir de então intensificou-se a mitificação de celebridades e a reprodução de fatos planejados, denominados por ele, de pseudoeventos. Nos jornais, por exemplo, o agendamento de coletivas de imprensa, entrevistas com especialistas e celebridades seriam formas de pautar a sociedade de forma ininterrupta e pontuar quais são os temas que deveriam ser discutidos pela sociedade, em determinados espaços públicos¹⁶⁶. Nesse mesmo sentido, passou-se a promover a organização de acontecimentos e a transformação deles em eventos midiáticos, como forma de propagandear instituições ou produtos, por meio de ações estimuladas pelos agentes do Marketing e Relações Públicas. Muitos daqueles profissionais passaram a utilizar entre suas técnicas de produção de narrativas e disseminação de informações

¹⁶⁵ “A imagem: um guia para pseudoeventos na América” (Tradução livre).

¹⁶⁶ Uma década depois, Maxwell McCombs e Donald Shaw formulariam uma teoria semelhante voltada para os veículos de comunicação denominado *de Agenda-setting*, ou Hipótese do Agendamento.

a reprodução e simulação de atividades aparentemente desligadas de interesses comerciais, que seriam responsáveis pelo processo de naturalização de determinados valores, marcas e necessidades ligadas aos interesses comerciais.

Para que o modo de expansão do mercado pudesse continuar a desenvolver novos nichos e espaços de consumo, seria necessário que a população almejasse determinados produtos e/ou serviços, ou que ao menos sentissem a necessidade de obtê-los. O que Boorstin (2012) contribui para essa discussão é a sua denúncia sobre como foi a partir da exploração comercial dos meios de comunicação que o capital se instrumentalizou para difundir o desejo de consumo não só de determinados produtos, como também de estilos de vida por completo, a partir do planejamento destes pseudoseventos. O autor norte-americano comenta que as mídias, por si só, carregam em seu bojo a necessidade de uma retroalimentação cíclica de fatos e eventos, com a difusão de acontecimentos e a transformação deles em espetáculos, além de sua personificação, por meio de heróis.

Segundo o pesquisador, elas não só produziram novos conteúdos, a cada novo amanhecer, como também familiarizam seu público com novos espaços de consumo, a cada nova estação. Os Estados Unidos seriam uma das primeiras nações a estabelecer esses esquemas de produção e consumo, por meio da retroalimentação de experiências ilusórias, mas isso não ficaria restrito à publicidade, às relações públicas, ou à retórica política: todas as atividades desenvolvidas pela humanidade pós-industrial estariam direcionadas à formação e conformação dos indivíduos aos esquemas de consumo.

Conforme o autor, a instrumentalização dos meios de comunicação e de seus agentes pelo mercado foi responsável por tornar a população norte-americana tão familiarizada com aqueles acontecimentos planejados que ela teria deixado de perceber os esquemas de produção, planejamento e simulação da realidade, proporcionados pelos espetáculos midiáticos. Hipersensibilizados, os indivíduos, na verdade, se anestesiarão para aquilo que lhes seriam comum, as suas subjetividades; logo, passariam a demandar cada vez mais por experiências particulares mais intensas, mais vívidas, ou que ao menos parecessem ser, mediante as performances e “jogos de luzes”, que as mídias seriam capazes de promover.

The work of our best journalists, our most enterprising book publishers, our most energetic manufacturers and merchandisers, our most successful entertainers, our best guides to world travel, and our most influential leaders in foreign relations. Our every effort to satisfy our extravagant expectations simply makes them more extravagant and makes of our illusions – “the news

behind the news” – has become the most appealing news of the world¹⁶⁷ (BOORSTIN, 2012, p. 5).

Aqui, a imagem assume o protagonismo, o formato das experiências se sobressairia ao próprio conteúdo e os temas de maior interesse seriam aqueles cujos recursos utilizados lhe agregaram o *status* de “surpreendente”. Num jornal, o primordial para que algo vire pauta é que os fatos “pareçam” interessantes aos cidadãos comuns: o êxito das reportagens estaria não sobre o fato em si, mas em como suas narrativas são construídas e os produtores da informação assumem o papel de planejadores da melhor forma de sensibilizar seus públicos e para isso a mitificam. Para Boorstin (2012, p. 8), ainda que não haja nada interessante, cabe aos agentes da comunicação midiática fazerem com que algo assim pareça. Nesse sentido, o autor dá o exemplo de como os processos de produção de notícia e publicidade se confundem.

De acordo com ele, os meios noticiosos substituem o critério de verdade pelo de credibilidade. Nesse raciocínio, assim como o publicitário divulga seu produto a partir do estabelecimento de uma ideia de confiança e persuasão, caberia ao jornalista construir uma história e 185 orre-la crível. Desse modo, independentemente de seu objetivo final, as modalidades de comunicação seriam mecanismos de difusão de consumo; ainda que de gêneros diferentes, elas possuiriam finalidades comuns, que seriam o comércio de produtos e serviços, sejam eles informações ou não.

When truth has been displaced by “believability” as the test of the statements which dominate our lives, advertisers ingenuity is devoted less to discovering facts than to inventing statements which can be made to seem true (...) The advertising man resembles the newspaperman for whom he was in some ways the prototype. He artfully develops his pitch as the journalist cleverly develops his story¹⁶⁸ (BOORSTIN, 2012, p. 198).

O autor vai mais adiante nessa questão, quando lembra que tais mídias não precisariam dos fatos verídicos para sobreviverem, mas sim, apenas do interesse que determinados temas pudessem despertar em seu público. “*If all the fails, then he must give us a “think piece” – an*

¹⁶⁷ “O trabalho de nossos melhores jornalistas, nossos editores de livros mais empreendedores, nossos fabricantes e comerciantes mais enérgicos, nossos artistas de maior sucesso, nossos melhores guias para viagens pelo mundo e nossos líderes mais influentes em relações exteriores. Todos os nossos esforços para satisfazer nossas expectativas extravagantes simplesmente os tornam mais extravagantes e fazem de nossas ilusões – ‘as notícias por trás das notícias’ – tornarem-se as notícias mais apelativas do mundo” (Tradução livre).

¹⁶⁸ “Quando a verdade foi substituída pela “credibilidade” como o teste das declarações que dominam nossas vidas, a engenhosidade da publicidade dedica-se menos a descobrir fatos do que a inventar afirmações que podem parecer verdadeiras (...) O publicitário se parece com o jornalista para quem ele era de certa forma o protótipo. Ele habilmente desenvolve seu discurso enquanto o jornalista habilmente desenvolve sua história” (Tradução livre).

embroidering of well-known facts, or a speculation about startling things to come”¹⁶⁹ (BOORSTIN, 2012, p. 8). Assim, para ele, toda a sociedade, independente de que setor, se informativo, político ou comercial, produziu seus próprios pseudoseventos. Não só se planejavam novos fatos de interesse público, como os inflariam a partir da criação de expectativas sobre seus produtos (sejam fofocas sobre celebridades, ou sobre os novos recursos de um automóvel em lançamento), muitas vezes não importando a veracidade das informações, ou a qualidade dos serviços, mas pondo à disposição do público aquilo que Boorstin (2012) denominou de *free 186orrel place of ideas*¹⁷⁰, em que a competição não se dá exclusivamente sobre a utilidade dos produtos e serviços ofertados, mas por meio das ideias e narrativas que eles são capazes de promover.

6.2 A espontaneidade planejada

À época em que Boorstin (2012) escrevia, meados do século XX, era comum o interesse público pelos crimes, pela vida particular dos famosos, ou de qualquer brecha que não lhes parecesse algo “produzido”; por vezes, o público parecia saturado dos “falsos-acontecimentos”. Conforme o pesquisador norte-americano, ainda que a maior parte do conteúdo exibido fosse de acordo com a programação midiática, ou com os interesses comerciais, ele lembra que as pessoas não deixariam de manter seu fascínio por aquilo que lhes parecesse espontâneo, pois o “excesso” de produção sobre determinados acontecimentos provocaria no público uma desconfiança de que não estão atingindo a essência das experiências, que seriam planejados e muitas vezes artificiais. Daí se justificaria a sede entre muitos dos indivíduos pela espontaneidade, ou por espaços em que suas vidas não sejam tomadas como locais de especulação. Foi como forma de resposta a esses interesses, que os meios de comunicação tenderam a criar estratégias mais eficientes de simulação da espontaneidade, produzindo assim, novas formas de aliar o consumo (seja de informações, ou produtos e serviços) a movimentos e áreas que tradicionalmente estão fora, ou em “oposição” a mundo midiático.

Conhecedor do trabalho de Boorstin (2012), Elihu Katz (1980), em *Media events: the sense of occasion*¹⁷¹, nos deu exemplos de como as mídias podem interferir no andamento da realidade, transformando eventos espontâneos, transmitidos ao vivo e fazendo com que eles ganhassem proporções simbólicas, até então inexistentes, inflando assim o interesse de públicos

¹⁶⁹ “Se tudo falhar, então ele deve nos dar uma ‘peça de pensamento’ - um bordado de fatos conhecidos, ou uma especulação sobre coisas surpreendentes que estão por vir” (Tradução livre).

¹⁷⁰ “Mercado livre de ideias” (Tradução livre).

¹⁷¹ “Eventos na mídia: o sentido da ocasião” (Tradução livre).

cada vez maiores por determinados acontecimentos. Naquele breve artigo, Katz (1980) argumentou sobre como as celebrações rituais estavam sendo moldadas pela forma como as mídias os reproduziam, com suas tomadas, preferências de ângulos e de conteúdo. Com foco nas transmissões ao vivo, o autor apresentou as características de um tipo de comunicação sem *breaks*, no entanto pensadas a partir de narrativas planejadas dos eventos que acontecem ao tempo em que são transmitidos.

O que se pode tirar daquele pequeno ensaio sobre as transmissões ao vivo é que, apesar da possibilidade de o roteiro não ser cumprido e os apresentadores terem o risco de serem surpreendidos com algum fato que fuja às suas expectativas de pauta, independente do quanto suas expectativas fossem frustradas, os responsáveis pelas mídias acabam dando maior alcance a determinados fatos. Suas narrativas, pré-produzidas, seriam responsáveis pela demarcação dos espaços e temporalidades daquilo que pretendiam cobrir. Sustentadas por fortes cargas de dramatização e de significado ritual, com o apoio da performance de indivíduos, ou de grupos que encarnam o protagonismo heroico.

Media treatment of the event begins long before the official starting time, and while focusing attention and excitement on what is about to happen, also provides a context in terms of which the event will be presented and explained. The media edit the event even as it is being transmitted, and however reverent, show dimensions of the event which were unanticipated by the organizers and concealed from persons present¹⁷² (KATZ, 1980).

Como o autor destacaria, as câmeras ali fazem diferença e criam o senso de ocasião. Os resultados almejados pela união das técnicas de edição nessas transmissões seriam o despertar da emoção em seu público e o enriquecimento simbólico de determinados acontecimentos, tais como jogos olímpicos, premiações, ou festividades coletivas, provocando no público a impressão de que eles são importantes. Para o autor, aqueles eventos, de certa forma, seriam resoluções simbólicas dos conflitos que normalmente são transmitidos pelo jornalismo cotidiano; eles seriam reproduzidos como os momentos de reconciliação de rivais, quaisquer que fossem seus campos de ação.

Sem queremos focar exclusivamente nas transmissões ao vivo, tomamos dos breves argumentos de Katz (1980) para demonstrar a sua percepção do que seria a essência da reprodução jornalística e dos gêneros midiáticos em geral: a reprodução dos conflitos. Para o

¹⁷² “O tratamento da mídia do evento começa muito antes do horário oficial de início e, ao mesmo tempo em que concentra atenção e entusiasmo no que está prestes a acontecer, também fornece um contexto em que o evento será apresentado e explicado. A mídia edita o evento enquanto está sendo transmitido e, por mais reverente que seja, mostra as dimensões do evento que não foram antecipadas pelos organizadores e ocultadas das pessoas presentes” (Tradução livre).

autor, provavelmente o interesse do público pelos conflitos, seja entre indivíduos, equipes de futebol, ou nações, pode ser explicado porque seriam naqueles acontecimentos que os sujeitos encontrariam seus próprios dramas pessoais. Quase meio século depois em que foram publicadas as exposições de Katz (1980), em discussões já antecipadas por Boorstin (2012) nos deparamos cada vez mais com a exposição dos detalhes da vida privada, sejam de famosos, ou de anônimos transformados em celebridades, como os *realities* shows e as redes sociais nos mostram: a criação de programas, ou canais inteiros de televisão, com roteiros que dão a impressão de imprevisibilidade é uma tendência cada vez mais comum nos meios midiáticos atuais.

Contudo, para esses autores, ainda que se utilizem de áreas que tradicionalmente estão às margens do planejamento, como os valores e sentimentos humanos, de pessoas reais, tais mídias conseguem relacionar os espaços de consumo, por meio da codificação de seus elementos simbólicos e correlação deles a determinados bens utilizados pelos personagens, em que as suas imagens seriam planificadas, agregadas e mitificadas a certos estilos de vida, auxiliando assim à construção de mensagens, cuja aparência de espontaneidade serviria apenas para ocultar certa ordem do consumo.

Segundo Boorstin (2012), para que essa ocultação das relações comerciais aconteça, não basta apenas estigmatizar a vida dos personagens a certos objetos a ele correlacionados, porque em resposta ao refinamento dos consumidores das mídias, tender-se-ia a criar estratégias que fugissem da conveniência visível, que os tradicionais estereótipos tendem a possuir. A sofisticada criação de pseudoseventos seria marcada pela superação da “simples caricatura” da vida desses personagens, a fim de disfarçar a artificialidade das relações que eles mantêm com os produtos ali apresentados. Dessa forma, seriam criadas estratégias de difusão de consumo, baseadas na codificação de parte da realidade e na sua disseminação, a partir de uma conjunção entre informação e o entretenimento, desligada da exposição direta dos produtos a eles agregados, mas realizada mediante a difusão de estilos de vida, nos quais os produtos são inseridos ao cotidiano dos personagens, sem que necessariamente seja caracterizada a publicidade.

Tais estratégias são capazes de naturalizar determinados ambientes ao consumo e estimulá-lo independentemente de onde é que o indivíduo esteja. Como na identificação do público com determinados estilos de vida, aquele procura chegar ao mais próximo da realidade mostrada, seja pela compra de bens, ou serviços – ou indiretamente, por meio da reprodução de seus comportamentos e do cotidiano – é na produção dos elementos simbólicos, em seu

conjunto informação/entretenimento, que as mídias conseguiriam atender ao mercado e facilitar a comercialização de todos os aspectos da vida humana.

Por outro lado, Boorstin (2012) diria que os pseudoseventos tendem a ser mais interessantes que os próprios acontecimentos espontâneos e isso poderia ser demonstrado não só na construção cotidiana das notícias, mas na correlação do nosso cotidiano aos espaços de consumo. Um exemplo dado por ele, nesse sentido, é que desde meados do século passado, as atividades cotidianas, de lazer e compras tendem a ter um fundo musical: com isso, não só a música passa a acompanhar o nosso dia a dia, tornando-o mais “agradável”, como a ser correlacionada a determinados aspectos da vida, ligados ao consumo. Outro exemplo dado pelo autor é a comercialização de atividades lúdicas, por meio de pacotes turísticos, ou imersões em parques temáticos cujas atividades são organizadas para deixar os itinerários mais interessantes, reunindo em um pacote todos os “bons” serviços que determinada cultura anfitriã poderia proporcionar.

Como se sabe, tais serviços não estariam isolados dos esquemas de consumo, mas eles seriam a própria materialização simbólica de toda uma cadeia de conteúdo, produzida pelas mídias. Estas atuariam no despertar do interesse de seu público pelas atividades ofertadas, que guardam em seu bojo o cunho comercial, independentemente de onde elas são realizadas. Assim, os pseudoseventos são responsáveis por provocar novos significados à nossa vida ordinária, quando a correlacionam com determinados produtos e serviços, que são travestidos em estilos de vida.

We have become thoroughly accustomed to the use of images as invitations to behavior. There was a time when if you wanted a lady to buy a hat you would ask her to do so, or if you wanted a man to buy cognac you would describe the virtues of cognac. Now the persuasion is more indirect. The widely observed decline of salesmanship may be explained in part by the ways in which the Graphic Revolution has made the hypnotic appeal of the image take the place of the persuasive appeal of argument. Why be a salesman when a well-presented product is one which itself draws the consumer into the picture?¹⁷³ (BOORSTIN, 2012, p. 193).

Se acima o autor falava sobre a estratégia comercial de ligar o consumo de determinados produtos e serviços a certos ideais de vida, mais tarde ele irá esclarecer que esses “ideais” de

¹⁷³ “Nós nos tornamos completamente acostumados ao uso de imagens como convites para o comportamento. Houve uma época em que, se você quisesse que uma dama comprasse um chapéu que lhe pedisse, ou se quisesse que um homem comprasse conhaque, você descreveria as virtudes do conhaque. Agora a persuasão é mais indireta. O amplamente observado declínio da capacidade de vendas pode ser explicado em parte pelas maneiras pelas quais a Revolução Gráfica fez o apelo hipnótico da imagem tomar o lugar do apelo persuasivo do argumento. Por que ser um vendedor quando um produto bem apresentado é aquele que atrai o consumidor para a foto?” (Tradução livre).

que fala estão muito mais aproximados às imagens que eles são capazes de construir, mas contrário aos ideais que são formulados e repensados ao longo de gerações, criados por meio de tradições. Suas imagens seriam sintéticas, tenderiam a ser produzidas por meio de codificações de elementos, que são constantemente usados e descartados para dar lugar a novos ciclos de consumo. Para Boorstin (2012, p. 200), a relação entre imagens e ideias torna-se invertida, porque em vez de se pensar as imagens, como representações de um ideal, estamos criando ideais como projeções daquelas imagens. *“In everybody’s consciousness, images became important as never before”*¹⁷⁴, ele diria. Longe de buscar ideais, seria mais fácil, menos trabalhoso e por isso mais acessível ao público, consumir a “sensação” que elas possuem; as projeções dos ideais em imagens e sua materialização em produtos dão ao público a sensação de que este está consumindo diferentes estilos de vida, ou visões particulares de mundo, quando todas elas (ideais projetados em imagens) seriam apenas experiências particulares de uma só lógica, a comercial.

Enquanto os ideais são ambíguos, inclinados a especulações e por isso suscetíveis a reformulações sem fins claros, as imagens estariam prontas para serem usadas; seriam o resultado de algo pensado para ser consumido, sem compromisso e por isso ideal para alimentar os novos ciclos de produção e consumo.

An image is something we have a claim on. It must serve our purposes. Images are means. If a corporation’s image or itself or a man’s image of himself is not useful, it is discarded. Another may fit better. The image is made to order, tailored to us. An ideal, on the other hand, has a claim on us. It does not serve us; we serve it. If we have trouble striving toward it, we assume the matter is with us, and not with the ideal.

During the last century great historical forces have promoted both the rise of images and the decline of ideals. The Graphic Revolution has multiplied and vivified images. By new machines to make accurate, attractive replicas of face, figure, and voice, of landscape and events, and by new machines to disseminate these images. By newspapers, magazines, cheap books, telephone, telegraph, phonograph, movies, radio, television¹⁷⁵ (BOORSTIN, 2012, p. 198).

¹⁷⁴ “Na consciência de todos, as imagens se tornaram importantes, como nunca antes” (Tradução livre).

¹⁷⁵ “Uma imagem é algo em que temos uma reivindicação. Deve servir nossos propósitos. Imagens são meios. Se a imagem de uma corporação, ou a própria imagem de um homem não é útil, ela é descartada. Outro pode se encaixar melhor. A imagem é feita sob encomenda, adaptada para nós. Um ideal, por outro lado, tem uma reivindicação sobre nós. Não nos serve; nós servimos a ele. Se tivermos dificuldade em nos esforçar para isso, assumimos que o problema está conosco, e não com o ideal.

“Durante o último século, grandes forças históricas promoveram o surgimento de imagens e o declínio de ideais. A Revolução Gráfica multiplicou e vivificou imagens. Por novas máquinas para fazer réplicas de rosto, figura e

Como relatado pelo autor, ao longo do último século, os meios e dispositivos para transmitir essas imagens se multiplicaram. Se no início, o cinema, a fotografia, a televisão eram as mídias responsáveis pela retroalimentação daquelas imagens, percebemos que, com a criação das novas mídias, da *web*, de suas múltiplas plataformas e a integração de todas elas aos esquemas de produção de conteúdo, as imagens tenderiam a ser, ainda que não voluntariamente, substitutos dos antigos ideais. Como diria Boorstin (2012, p. 214), esses recursos seriam responsáveis pela caracterização mais bem-sucedida da publicidade e de sua forma de criar expectativas, por meio de imagens cujos efeitos, antes restritos a disseminação de produtos, agora se espalham para toda a existência humana, em todos os seus aspectos da vida, transformando toda e qualquer experiência pessoal, fruto de estímulos midiático-comerciais: “*More and more 191orrel experience nowadays imitates advertising. The pseudo-event, or that which looks like a pseudo-event, seldom fails to dominate*¹⁷⁶”.

Parte das vantagens da disseminação destas imagens sobre os ideais para o mercado, se daria pela funcionalidade e praticidade que eles possuiriam em sua descartabilidade. Boorstin (2012) revela que por apenas simularem e não colocarem em dúvida o *modus operandi* do sistema vigente, tais imagens serviriam de argumentos para a retroalimentação de ciclos e o desenvolvimento da economia moderna; suas práticas seriam vistas como racionais e distanciadas dos imaginários abstratos e pouco funcionais que os ideais tradicionalmente produzem. Por isso, usamos esse modelo de linguagem para encaixá-lo como peça fundamental do esquema tecnoburocrático, do qual a Indústria Cultural é representante e que aqui já foi explanada paralelamente por Roszak (1972) e Marcuse (1973).

6.3 A Sociedade do Espetáculo

Na mesma década que Boorstin (2012) publicou a obra citada acima, do outro lado do oceano Atlântico, Debord (2003) ficaria conhecido por um trabalho que viria somar à discussão sobre a utilização das imagens como recursos de estímulo ao consumo. O seu livro *A Sociedade do Espetáculo*, cuja primeira versão foi lançada em 1967, pontuaria que as condições modernas de produção estabeleceram um tipo de vida na sociedade, marcada pela expansão e acumulação de espetáculos, responsáveis pela transformação da realidade e de todas as suas facetas em artefatos de representação e partes integrantes de um produto imagético global.

voz precisas e atraentes, de paisagem e eventos, e de novas máquinas para disseminar essas imagens. Por jornais, revistas, livros baratos, telefone, telégrafo, fonógrafo, filmes, rádio, televisão” (Tradução livre).

¹⁷⁶ “Mais e mais da nossa experiência hoje em dia imita a publicidade. O pseudoevento, ou aquele que se parece com um pseudo-evento, raramente falha em dominar” (Tradução livre).

Ao tomar a noção de “sociedade do espetáculo”, para desvelar seu raciocínio, Debord (2003, p. 27) integraria as interações entre os sujeitos, as mercadorias e as mensagens midiáticas, numa linguagem global e à disposição do capital liberal. Segundo o autor, a partir do momento em que se expande a todas as esferas sociais, o espetáculo se torna o único elemento de intermediação entre os indivíduos; suas próprias relações se tornariam parte de uma grande cadeia a ser continuamente retroalimentada, a partir da reprodução de recortes e narrativas materializadas, em informações e produtos a elas agregadas. Para ele, a aparente realidade trazida pelas imagens espetaculares, não só na reprodução midiática, como também nas interações sociais, ocasionaria um afastamento dos indivíduos da vivenciação da sua própria realidade. “Quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da sociedade, menos ele conhece a sua própria existência e o seu próprio desejo” (DEBORD, 2003, p. 26).

Para o teórico francês, com a espetacularização da vida, os indivíduos acabariam confundindo seus próprios desejos com os mitos alheios, produzidos pelas mídias e todo o seu aparato que lhes dão subsistência, e ficariam inviabilizados de conexões profundas, com a sua realidade particular. “O homem alienado daquilo que produz, mesmo criando os detalhes do mundo, está separado dele. Quanto mais sua vida se transforma em mercadoria, mais se separa dela” (DEBORD, 2003, p. 27). A partir de argumentos como estes, ele relata que o processo de ingestão de tudo que existiria na atividade humana contemporânea, a partir da expansão do mercado liberal, tornando todo o mundo e suas experiências em objetos passíveis de espetacularização, resultaria em um tipo de “vômito” de certo produto coagulado, no qual a realidade seria substituída por uma seleção de imagens que é capaz de intermediar, como também ocupar todos os espaços da vida social. Se antes o capital enxergava o proletariado como ponto de espólio, para a extração de riquezas, a partir de certo ponto, com a expansão da sociedade do espetáculo, percebe-se na humanização e em sua fetichização uma possibilidade de maior expansão e fonte de lucros.

Em meados do século XX, o capital chegaria a um estágio em que a produção não dependeria da extração de recursos materiais; ela poderia ser ocasionada por uma sociedade faminta por sonhos e desejos de fácil realização. As mídias seriam decisivas na difusão e retroalimentação desses desejos e, ao tentarem atuar em todas as esferas da vida humana, criariam uma cadeia capaz de promover práticas de expansão do capital, desde as etapas de formação dos sujeitos, de consumo de produtos ordinários, à mercantilização dos estilos de vida. E mais, ao tomar todas as horas de sua atenção, o espetáculo alastraria essas relações de consumo para aqueles espaços que seriam originalmente livres de tal infortúnio: “O consumidor

real torna-se um consumidor de ilusões. A mercadoria é esta ilusão efetivamente real, e o espetáculo a sua manifestação geral” (DEBORD, 2003, p. 36).

Como abordado acima, esses novos produtos chegariam aos seus consumidores, não enquanto produtos materiais, mas como um pacote integrado de serviços que abrangeria o tipo de sociabilidade desejável; os tipos de conversas e personalidades; ou mesmo as formas de deslocamentos apreciáveis, que são fetichizados pela cadeia produtiva mais avançada do capital neoliberal. Mais que produtos, incentiva-se o consumo de um estilo de vida, como um todo. Faz-se também uma ocupação pseudocíclica do tempo, na qual o nosso cotidiano imitaria as estações da natureza, por meio de períodos de trabalho e férias – ou da mescla destes – como próprios ao estabelecimento de padrões de comportamento e consumo. A partir disso, o tempo pode ser racionalizado e otimizado, para que o indivíduo continue fazendo a engrenagem do capital funcionar, ainda que ele se encontre “parado”, ou em estágio de descanso.

O consumo, então, atinge todos os tempos e a produção tem continuidade nos nossos momentos de lazer e ócio. Os ciclos passam a inexistirem e por isso o nosso tempo moderno se tornaria pseudocíclico, numa eterna ilusão de que existem momentos de pausa. Para Debord (2003), a própria cultura, enquanto elemento integrante de processo de espetacularização total, viria cada vez mais, deixando sua função de autonomia e libertação e atuando à disposição da acumulação de capital: seus objetos e manifestações usualmente seriam transformados em artifícios de disfarce do aprisionamento temporal e da restrição intelectual do indivíduo.

6.3.1 Fantasias-clichê

Mesmo sem citar diretamente o conceito de sociedade do espetáculo, mas conhecendo profundamente a obra de Boorstin (2012), Dieter Prokop (In MARCONDES FILHO, 1986) também apontou os meios de comunicação como elementos integrantes de um processo de substituição do acesso ao real, a partir dos produtos midiáticos. Conforme o professor da Universidade de Frankfurt, por meio daqueles recursos, os indivíduos estariam sendo chamados a interagir cada vez mais com a produção do conteúdo, mas tal interação não significaria necessariamente uma participação plena, reflexiva e questionadora da realidade apresentada. Sem serem necessariamente passivos no uso das mídias, esses sujeitos estariam aderindo a um mundo do puro entretenimento, disperso sobre as múltiplas plataformas, e de infindáveis gêneros audiovisuais e sensíveis. Para Prokop (In MARCONDES FILHO, 1986), o entretenimento virou a moeda de troca universal e o seu caráter abstrato é o que torna capaz de conversão da cultura em novas fontes de lucro.

O tipo de reprodução da realidade a partir das mídias não estaria distante das leis do mercado; na verdade, elas atuariam como ferramentas de todo o esquema produtivo, numa constante disseminação de informações, atreladas aos valores das leis de oferta e demanda do mercado liberal. Se na economia moderna, para que a roda continue a girar, é necessário o interesse permanente dos indivíduos pelos bens e serviços, as mídias atuam em prol disso, quando retroalimentam seus conteúdos com novos valores, ideologias e estilos de vidas.

Mas, isso não significa dizer que esse trabalho contínuo seria uma tentativa da real satisfação do indivíduo. Pelo contrário, ele seria responsável pela criação de novos desejos. Ao passo em que os bens e serviços da indústria cultural atendem aos desejos de interação, diversão e informação, por meio das mídias, os indivíduos se entretêm temporariamente, porém também têm suas expectativas frustradas, já que tais produtos são incapazes de dar acesso direto e profundo às mesmas experiências em que se propõe reproduzir.

Cinema e televisão consolam os (tel)espectadores permanentemente, pelo fato de lhes dizerem que não desenvolverão seus desejos de forma progressiva, que não irão transformá-los em conhecimento e ação – mas deverão mantê-los, por motivos políticos e mercadológicos fixados à tela (PROKOP in MOARCONDES FILHO, 1986, p. 140).

Por estarem à disposição do mercado, os meios de comunicação seriam responsáveis pelo estímulo e aceleração das relações de consumo e por isso se utilizariam de artifícios como pseudoeventos, acontecimentos planejados, ideologias de “bolso” e artificialização das experiências humanas em conjunto, a fim de otimizar as relações mercantis.

Conforme o pesquisador, esse processo de retroalimentação de conteúdo pelas mídias também seria realizado por meio de três recursos de alteração qualitativa das experiências reais: os *valores modais de fantasia*; os *signos* e os *estereótipos*. O primeiro deles seria formado a partir da pesquisa e atrelamento de conteúdos a determinados conhecimentos gerais e de fácil identificação por alguns públicos. Tais valores despertam não só a fácil compreensão das temáticas debatidas, pelo uso de semânticas comuns, como também a empatia entre os indivíduos que compartilham dos mesmos valores.

Além do interesse pelo produto, nada mais incentiva o espírito da compra feliz do que a “comunicação interpessoal”, em que uma *opinion leader* entusiasmada ensina as outras pessoas. Por isso, donas-de-casa nos *spots* publicitários entretêm-se de forma entusiasmada com produtos, em relação aos quais uma pessoa normal apenas torce o nariz. (...) Seres humanos reais, contudo, são sempre formas mistas de grupo-alvo típicos. Ninguém vive realmente o tipo ideológico, o tipo modal” (PROKOP in MARCONDES FILHO, 1986, p. 158).

O segundo mecanismo utilizado por parte das mídias de massa seria a redução qualitativa dos símbolos transmitidos pelas mídias. Ainda que codificada, a natureza, vista sob um aspecto exclusivo da maior parte das imagens e narrativas, presentes nessas mídias, evitaria qualquer desconforto que fosse capaz de tirar seu público de frente da tela. Conforme o pesquisador, há sim uma tentativa de apaziguamento entre a realidade mostrada, ainda que absurda, e a hora de lazer e entretenimento do espectador/leitor, para que este continue o seu consumo de informações e se sinta bem com isso.

Por outro lado, se grande parte das imagens exibidas pelas mídias tendem a reproduzir de forma realista, é evidente a economia intencional de informações, deixando de lado tudo aquilo que desvie, incomode, esteja disperso dos objetivos finais do produto. Quando reproduzida, a natureza é mostrada sob as suas boas sensações, a brisa que ela provoca, ou o frescor de suas águas, não pelos seus perigos reais, mas por algo que pode ser maleável pelo humano. Também são assim apresentadas as personalidades dos indivíduos, que tendem a ser caracterizados pelas suas categorias e pelos valores a elas correspondentes. São nestas imagens, reproduções planas da realidade, que geralmente seriam formuladas mensagens de difusão de estilo de vida e de estímulo ao consumo de produtos e serviços a eles atrelados. Sobre estes signos redutores, Prokop (In MARCONDES FILHO, 1986, p. 168 e 169) discerne:

Dão uma representação concisa unívoca do ponto de vista lógico e informativo, sem redundância. Os signos não possuem referência real ao objeto; eles representam o objeto caracterizado, somente em uma superfície, mais ou menos no sentido de uma representação, de uma apresentação de sinais externos de prestígio por meio de *status*, que permanece externa ao ambiente real da vida.

Assim, para o professor alemão, a construção sógnica dessas mídias tendem a abolir qualquer complexidade dos atos humanos e reprimir toda e qualquer dialética que leve seus telespectadores a contradições. Para serem consumidas o mais rápido possível, é necessário que tais informações se apresentem de fácil absorção. Seria por meio da união e desenvolvimento desses signos, dos valores modais e dos estereótipos que seriam criadas aquilo que o autor chama de fantasias-clichê, cujas narrativas nos colocam de frente para conflitos limitados e superficiais, nos quais os personagens, as situações e o desenrolar do enredo sempre seriam familiares e pouco alterariam no modo de pensar do sujeito.

6.4 O espetáculo do jornalismo

Não foram poucos os teóricos que lembrariam que o Jornalismo, como parte integrante da indústria cultural, possuiria uma retórica cujas mensagens estariam submetidas à mesma lógica de produção liberal. Para muitos dos pensadores lembrados aqui, por fazer parte de complexos empresariais, os pontos de vista dos veículos de comunicação estariam comprometidos com o próprio capital e seus produtos seriam organizados mediante os seus esquemas de produção e distribuição. Entre aqueles teóricos, Goldenstein (1987) denunciaria que apesar da coexistência de formas artesanais e em parte desvinculadas dos mesmos esquemas de produção, em geral, os produtos informativos presentes entre os meios de comunicação *mainstream* apresentariam uma padronização “empobrecedora” da diversidade temática com que a realidade poderia ser representada. Para a pesquisadora brasileira, há uma pasteurização dos conflitos, em que:

Tanto as mensagens publicitárias como as que estas patrocinam usam como princípio básico a tentativa de não ferir interesses estabelecidos do seu provável público, concebido como um conjunto de consumidores potenciais. O meio encontrado para não ferir interesses de um público de composição policlassista geralmente resulta em mensagens que se mantêm na imediatividade do real e tratam de maneira conservadora os diversos temas de que se ocupam, pois a estratégia publicitária busca canalizar e não contrariar valores e atitudes já existentes na sociedade (GOLDENSTEIN, 1987, p. 25).

Indo pela mesma linha, Moretzsohn (2007) chama atenção para uma discussão de François Brune (1993), quanto ao que o escritor francês denominaria de inversão de sentido, nas etapas de construção das informações. Para ele, visando atender ao mercado, o Jornalismo estaria assumindo uma função apaziguadora com o seu público, produzindo narrativas que lhes fossem familiares e assim reforçando os sentidos que já são esperados. Com isso, os estereótipos, ou preconceitos do senso comum, seriam continuamente reproduzidos. “O resultado é uma simplificação do próprio jornalismo, que assim se condena ao mundo das aparências e passa a forjar uma realidade adequada aos cânones ideológico-industriais que conformam as rotinas de produção” (MORETZSOHN, 2007, p. 134).

Ao citar Brune (1993), a pesquisadora brasileira lembra que a mudança na concepção de cidadania, em grande parte das nações, fora substituída por uma ideia de inclusão da população ao mundo do consumo e isso teve apoio de um Jornalismo que estaria vinculado ao capital e que participa direta ou indiretamente dos esquemas de produção e consumo. Nesse sentido, para Moretzsohn (2007, p. 200), a imprensa já não teria a mesma preocupação primária

de suas origens, o esclarecimento de seu público (se é que isso em algum momento já existiu)¹⁷⁷, mas seu fim seria outro, a simples satisfação de seus consumidores, com a produção de conteúdo que consiga alimentar os centros de interesse do capital. Para a pesquisadora, trata-se de um tipo de comunicação que, longe de buscar romper paradigmas, possuiria uma elaboração discursiva que se apresentaria, antes de qualquer coisa, responsável pela disseminação de imagens superficiais sobre as realidades abordadas.

Moretzsohn (2007) acredita que mesmo nos produtos midiáticos mais trabalhados, como aqueles em que são elaborados por meio da inserção etnográfica dos repórteres nas realidades pautadas, a tendência é que suas construções simbólicas sejam frutos de interpretações socialmente aceitas pelo público-alvo e reforcem as expectativas já presentes no senso comum. Assim, os conflitos, seus protagonistas – os “personagens” – tudo isso seria apresentado como forma de simulação da realidade, no sentido de que sua representação seria reflexo da ordem natural dos fatos:

A sensação de que penetramos em lugares proibidos e ficamos sabendo de coisas que outros, eventualmente “poderosos” gostariam de esconder. Mas essas “evidências” são falseadoras, tanto porque elidem a existência do jogo de representações inerente às relações sociais (...) como porque encobrem justamente essas interferências contidas na própria mediação (MORETZSOHN, 2007, p. 155).

Para discorrer sobre o assunto, Moretzsohn (2007) contou também com as discussões de Daniel Dayan e Elihu Katz (1999), que mesmo ao terem como foco a cobertura de cerimônias ao vivo pela televisão, em seu trabalho *A história em directo*, denunciaram que as narrativas produzidas por aquela mídia, e em especial nas coberturas jornalísticas ao vivo, seriam alimentadas por um misto de realidade e ficção, herdado da forma mais antiga de contar histórias, do processo de mitificação dos acontecimentos. Os pesquisadores pontuariam que, se pararmos para pensar exclusivamente sobre os envolvidos tecnicamente na produção jornalística, a realidade da produção midiática, no formato *broadcast*, revelaria em si a necessidade de condensação da informação, na qual os narradores (com toda a sua equipe por trás) tentariam assegurar um significado compreensível para os acontecimentos transmitidos.

Por outras palavras, a função interpretativa da televisão consiste em assegurar (1) ao nível da imagem, que os aspectos significativos do acontecimento, as suas mensagens visuais sejam devidamente sublinhadas; e que (2) ao nível da narração, esses aspectos, uma vez observados, sejam correctamente

¹⁷⁷ Moretzsohn (2007) se refere ao contexto em que nasce a Imprensa, com o desenvolvimento do conhecimento científico e racional, disseminado pelo Iluminismo na Europa Ocidental.

interpretados – isto é, com um enquadramento referencial em consonância com o dos organizadores (DAYAN & KATZ, 1999, p. 94).

Evidencia-se, então, que a construção dos significados proposta pelos veículos de comunicação, não seria outra coisa senão uma forma de representação ativa dos fatos, por parte dos envolvidos, em sua representação, e de consequências diretas sobre o próprio desenrolar do acontecimento. Uma prova cabal dessa interferência na compreensão da realidade é que os próprios agentes envolvidos na produção posterior de conteúdo, ainda que estejam a trabalhar para outros veículos de comunicação, tendem a utilizar a fonte primária de representação para discutir as primeiras significações realizadas sobre os acontecimentos. Conforme os autores acima, seriam espécies de “pseudoacontecimentos” que funcionam, porque suas consequências não se dão exclusivamente sobre o mundo simbólico, mas têm efeitos reais. Como resultado, as mídias passam a servir de guias para o processo de significação dos acontecimentos, em que se impõe uma coerência narrativa sobre os fatos e os papéis que são distribuídos aos sujeitos envolvidos nos acontecimentos: os indivíduos em si seriam estimulados a encenarem os papéis que lhes foram atribuídos pelas mídias, para que assim o próprio público não fique desapontado.

Ao focarem nas cerimônias televisionadas, Dayan & Katz (1999, p. 91) ainda pontuariam que o comum é que se tente naturalizar os acontecimentos ao público, por meio de verdadeiras performances das personalidades envolvidas. Nesse sentido, são executadas planificações das realidades mencionadas, que seriam transformadas em verdadeiras “historietas virtuais”, nas quais seriam exaltados os aspectos visuais, ou gestuais dos atores e de seus papéis nas narrativas, ao tempo em que o público seria encorajado a fazer suas interpretações, a partir do repertório proporcionado pelas mídias. Seguindo o mesmo raciocínio, Moretzsohn (2007) lembra das reflexões de José Rodrigues dos Santos (2002), quando este, em *Crônicas de Guerra II. De Saigão a Bagdade* revelou que a pressão por apresentar ao público cenas de ação, na cobertura dos conflitos de guerras, faz com que os profissionais da comunicação utilizem de artifícios que deem maior ênfase, ou mesmo que simulem a própria ação, ainda que elas tenham sido encenadas pelas tropas que os acolheram:

Um exemplo particularmente eloquente no irracionalismo jornalístico a serviço do capital, pois o investimento no aparato tecnológico deslocado para a região de conflito precisa dar retorno, e então os repórteres entram ao vivo apenas com comentários genéricos – pois o que importa é menos o que eles vão dizer, e sim a demonstração de que “estão lá” (MORETZSOHN, 2007, p. 206).

Segundo Mário Mesquita (2003, p. 212), em *O quarto equívoco*, esse modelo de ação é típico do jornalismo cotidiano e é responsável pela construção de miragens que ajudam a

mitificação da realidade. A velocidade com que ele tem que ser realizado faz com que o jornalismo entre em um mundo do imediatismo que dispensaria a profundidade, a compreensão e averiguação dos fatos. Nesse modelo hegemônico de comunicação, as informações seriam representadas inúmeras vezes, a partir de reproduções de múltiplas mídias e, sobretudo, de impressões e sensações já experienciadas entre os envolvidos, na produção e no consumo das informações.

Na mesma linha dos autores acima, Morin (1975, p. 29) aborda que tal conteúdo se faz presente a partir de esquemas produtivos de visível interesse mercadológico e por isso tenderia a utilizar de fórmulas já aceitas pelo público, presentes na linguagem e nos esquemas das narrativas. Para o francês, haveria um tipo de sincretismo entre dois setores da indústria cultural: os setores da informação e o romanesco, cujo resultado seria a própria romantização da realidade, que contaria ainda com o auxílio de verdadeiras vedetes, pois os protagonistas das reportagens se tonam personagens símbolos, próprios ao cultivo da identificação entre seus leitores e/ou espectadores. Ao romantizar a realidade, o jornalismo acabaria efetuando imaginários, cujos temas humanos e fundamentais aos indivíduos poderiam ser incorporados à publicidade.

O pensador francês denomina de olímpianos esses personagens responsáveis pela efetuação “da circulação permanente entre o mundo da projeção e o mundo da identificação”. Eles se transformariam em potências de projeção, cujas práticas e estilos de vida poderiam proporcionar possíveis identificações entre os leitores/espectadores e os personagens, ajudando não só ao processo de informação sobre realidades possíveis de serem vividas, como também incitando a criação de novas aspirações e desejos de consumo. Como algumas dessas aspirações não podem ser realizadas nos ambientes burocratizados das grandes cidades, os indivíduos, ao acompanharem os desafios desses modelos olímpianos, poderiam se satisfazer ao menos mentalmente de parte de suas necessidades, seja por meio do consumo daquelas experiências, ou mesmo na aquisição dos objetos e serviços envolvidos nos ambientes ali retratados: assim, uma trilha na selva pode ser consumida, seja pela produção de um documentário, ou mesmo da posse de um carro *off-road* e seus protagonistas, tomados como verdadeiros tutores para nossas experiências particulares.

Conjugando a vida cotidiana e a vida olímpiana, os olímpianos se tornam modelos de cultura no sentido etnográfico do termo, isto é, modelos de vida. São heróis modelos. Encarnam os mitos de autorização da vida privada. De fato, os olímpianos, e sobretudo as estrelas, que se beneficiam da eficácia do espetáculo cinematográfico, isto é, do realismo identificador nos múltiplos gestos e atitudes da vida filmada, são os grandes modelos que trazem a cultura

de massa e, sem dúvida, tendem a destronar os antigos modelos (pais, educadores, heróis nacionais) (MORIN, 1984, p. 107).

Apesar do conceito problemático de “cultura de massa” citado pelo autor, que nos levaria a possíveis discussões que não temos a intenção de 200orrela-las aqui, o texto de Morin (1984), sobre construção de “vedetes midiáticas”, focaliza um dos principais artifícios das narrativas, produzidas pelos meios de comunicação e, especificamente, o jornalismo. Segundo o teórico, são elas, as vedetes, os elementos-chave para o desenvolvimento da união de três aspectos comunicativos: a informação, o imaginário e a normatização coletiva que estes modelos simbólicos são capazes de disseminar, a partir de conselhos e incitações às práticas dos indivíduos. “Como toda cultura, a cultura de massa elabora modelos, normas; mas, para essa cultura estruturada segundo a lei do mercado, não há prescrições impostas, mas imagens ou palavras que fazem apelo à imitação, conselhos, incitações publicitárias” (MORIN, 1984, p. 109).

As figuras-modelos do espírito humano são as próprias vedetes; protagonistas das convenções e regras já estabelecidas, enquadradas conforme os gêneros artísticos (ou de produção), aos quais estariam moldados os seus estilos de representação, encaixando-se, assim, em tipos de situações próprias à disseminação de determinados estilos de vida e de consumo. “Ora, toda estrutura constante pode se conciliar com a norma industrial. A indústria cultural persegue a demonstração à sua maneira, padronizando grandes temas romanescos, fazendo clichês dos arquétipos em estereótipos” (MORIN, 1975, p. 20).

O autor ainda lembra que a planificação de suas histórias é uma prática que pode ser revertida na criação de polarizações e antagonismo fácil, entre o bem e o mal, em que os traços de simpatia, ou antipatia a determinados atores sociais são evidenciados, a fim de facilitar a compreensão das realidades representadas.

Assim, ao mesmo tempo em que a matéria imaginária privilegiada pelo novo curso da cultura de massa é aquela que apresenta as aparências da vida privada; a matéria informativa privilegiada é aquela que apresenta as estruturas afetivas do imaginário. Ao mesmo tempo em que o imaginário se compromete com o realismo (e eu dou a esse termo não o sentido restrito que ele tomou na literatura e no cinema, mas um sentido global que o põe à magia e ao fantástico), a informação tende a estruturar o acontecimento de modo romanesco ou teatral (cinematográfico, em suma), e desenvolve uma tendência mitologizante (MORIN, 1975, p. 87).

Para o pesquisador francês, apesar do romantismo nas narrativas jornalísticas, o modelo empresarial desses veículos de informação, a união entre conhecimento técnico e organização

burocrática, acabariam filtrando tudo aquilo que conciliasse o interesse público com os esquemas de consumo. Tratar-se-ia de uma cadeia que não ficaria restrita às mãos dos repórteres, fotógrafos e editores, mas seria influenciada pelos patrocinadores, as contas publicitárias, ou, em suma, por todo o setor produtivo que encontra naqueles meios o modo de persuasão, reforço e/ou convencimento, na criação de novos padrões de consumo. Nessa mão dupla, entre publicidade e interesse público, os critérios noticiosos estabelecidos pelas mídias seriam, em grande parte das vezes, formados pela rentabilidade que determinado tipo de informação é capaz de proporcionar.

A rentabilidade eventual do assunto proposto (iniciativa privada), sua oportunidade política (Estado), em seguida remete o projeto para as mãos de técnicos que o submetem a suas próprias manipulações. Em um e outro sistema, o “poder cultural”, aquele do autor da canção, do artigo, do projeto de filme, da ideia radiofônica se encontra impensado entre o poder burocrático e o poder técnico (MORIN, 1975, p. 19).

A influência dos parceiros comerciais na decisão das pautas, ou mesmo no direcionamento de toda a organização envolvida seria característica que permaneceria presente nos veículos mais tradicionais até recentemente, ainda que o desenvolvimento da internet tivesse provocado mudanças estruturais, no modo de fazer notícias, como demonstrariam posteriormente, Shayne Bowman e Chris Willis (2003), em *We media. How audiences are shaping the future of news and information*¹⁷⁸. Quase três décadas após as discussões de Morin (1975), os pesquisadores norte-americanos denunciariam que aquelas características das mídias apontadas pelo pesquisador francês continuaram sendo decisivas nas decisões editoriais, mas que nem sempre estariam claras, seja para quem produz, seja para quem consome determinado discurso. No entanto, elas atuariam de forma decisiva na orientação do cotidiano dos indivíduos. “*Traditional media are created by hierarchical organizations that are built for commerce. Their business models are broadcast and advertising focused. They value rigorous editorial workflow, profitability and integrity*”¹⁷⁹.

Pesquisando no mesmo período que a dupla acima, Moraes (2004), especularia que se a informação é tomada como mercadoria, ela em si não teria como vocação ética educar, ou informar o cidadão, pois, fazendo parte de conglomerados empresariais, sua finalidade essencial seria obter lucros. Como cada vez mais é possível ter acesso àquelas informações, de

¹⁷⁸ “Nós mídia. Como o público está moldando o futuro das notícias e informações” (Tradução livre).

¹⁷⁹ “A mídia tradicional é produzida por organizações hierarquizadas voltadas para uma atividade comercial. Seu modelo de negócios é o *broadcast* e a propaganda dirigida. Valorizam o fluxo editorial rigoroso, lucratividade e honestidade” (Tradução livre).

modo gratuito, e alguém tem que pagar os processos de sua produção, a publicidade se tornaria crucial para a definição de suas pautas e manter a sobrevivência dos veículos.

Então, sobretudo com os megagrupos que apareceram agora, entramos em um universo no qual a circulação da informação de massa se faz com esse critério. Antes podíamos dizer que uma empresa jornalística vendia informações aos cidadãos. Era a sua forma normal, enquanto hoje empresa midiática vende consumidores a seus anunciantes (MORAES, 2004, p. 247 e 248).

No entanto, como Moretzsohn (2007, p. 130) acrescentaria, outros fatores dificultariam a compreensão do público de que a realidade mostrada é fruto de um processo de edição de profissionais, ideologicamente engajados e tecnicamente instrumentalizados a serviço de empresas, como a falta de transparência daqueles condicionantes dos discursos midiáticos sobre a estrutura, a rotina das organizações, as condições técnicas e econômicas, o jogo de poder e os conflitos de interesse necessariamente implicados na circulação social de informação, que são ocultados por razões diversas, intencionais ou não. Entre as razões não intencionais, mas que não deixam de ser fatores estruturais decisivos para a dificuldade de compreensão da produção jornalística, tanto por meio dos profissionais, quanto do público, poderíamos citar o seu caráter imediato, que tira dos envolvidos a possibilidade de uma apuração mais cuidadosa das fontes, cujos testemunhos são muitas vezes tomados como fidedignos.

6.5 Exercício crítico e as janelas de reconhecimento

Moretzsohn (2007) nos traz contribuições teóricas e exemplos empíricos para o debate de como o jornalismo poderia se posicionar nesse mundo, em um panorama em que os meios de produção e a difusão do consumo tomam conta de parte substancial dos espaços, tempo, modos de vida e possibilidades de expressão dos indivíduos, nesse contexto. Ao longo de sua obra, ela se perguntava se apesar de ser parte integrante desse esquema, se ainda assim seria possível ao exercício do jornalismo manter um posicionamento crítico e reflexivo ao sistema como um todo, questionamento esse que nos parece plausível, já que, como lembra a autora, a missão fundadora da profissão advém do ideal iluminista de esclarecer os cidadãos. Para ela, este ideal estaria sendo ameaçado frente à “crescente indiferenciação a que assistimos entre entretenimento e informação”, fenômeno consequente da “confusão prosseguida deliberada ou intuitivamente pelos grandes conglomerados da *media*, que dominam o mercado de bens simbólicos” (MORETZSOHN, 2007, p. 13).

A pesquisadora concluíra que o modelo de comunicação vigente seria falho em vários momentos, por não deixar transparente alguns dos fatores essenciais que determinam o dia a

dia da produção de conteúdo, mascarando inclusive as nuances entre o jornalismo e a publicidade. Por outro lado, apesar de notar as limitações existentes entre os profissionais, diante da tendência da produção globalizada de informação e entretenimento (ou como ela denominaria de “*infotainment*”), e “face às pressões do mercado de trabalho e ao poder de quem manda” (MORETZSOHN, 2007, p. 14), a autora ainda assim mantém um olhar sistêmico sobre o jornalismo. Para ela, as fissuras nestas rotinas não só existem como estão presentes em suas reflexões e são responsáveis pelo enriquecimento de suas práticas: “Se todo sistema tem fissuras, é justo supor a possibilidade de momentos de suspensão que, nos seus limites, realizem o ideal do jornalismo apesar da estrutura que o constrange” (MORETZSOHN, 2007, p. 32).

Tal olhar também mantém relações diretas com a dialética hegeliana e entra em consonância com outras discussões aqui disponibilizadas anteriormente, com a ajuda de Honneth (1997), quando aponta o papel primordial que a incompatibilidade de determinados indivíduos com o campo em que estão inseridos exerceria na dificuldade de reconhecimento de suas subjetividades e da própria evolução normativa social. Como foi abordado por ele, o reconhecimento dos direitos e a formação de novas identidades só seriam possíveis, quando as angústias particulares e inconformidades dos sujeitos entrassem em evidência e fossem transformadas em demandas sociais, e o campo da comunicação não escaparia a esses movimentos de dilatação dos próprios campos sociais.

Ao seguir nessa orientação dialética, Moretzsohn (2007) também relativiza os prognósticos trazidos por nós, por meio de Marcuse (1973), quanto à “sociedade industrial e o homem unidimensional”, como também de Lefebvre (1991) e sua “sociedade burocrática de consumo dirigido”, porque para ela, a atividade crítica existe no jornalismo e não poderia ser resumida a tais lógicas, mas contaria sempre com mecanismos de suspensão, alguns deles já apontados por Luckács (1974), como parte da realização de um trabalho criador e não alienado, do desenvolvimento de um reflexão desantropomorfizada da realidade, com o auxílio da ciência e de um reflexão antropomorfizada, por meio das artes (MORETZSOHN, 2007, p. 56).

Aliás, o próprio Luckács (...) lembra que a “manipulação, por princípio, não é onipotente”, e isso não seria difícil de perceber a partir da própria fundamentação marxista, pois toda mercadoria, material ou não, tem algo que foge à reificação porque tem um valor simbólico que remete ao universo da cultura e evoca subjetividades que escapam à dominação. Por isso, o mais correto será tomar esse diagnóstico como uma tendência do capitalismo contemporâneo, cujo caráter opressivamente tentacular é, entretanto, incapaz de realizar-se integralmente, deixando sempre alguma fresta por onde o discurso crítico pode penetrar (MORETZSOHN, 2007, p. 58 e 59).

Como o jornalismo é uma atividade de rotina, esse processo de suspensão da realidade não seria espontâneo, mas estimulado por movimentos de desajustamento e não conformidade com a ordem existente e que poderiam se dar de forma institucionalizada, ou não. Para Moretzhon (2007), seriam nas brechas deixadas pelo sistema, que incapaz de integrar por completo os anseios e demandas subjetivas dos agentes à sua lógica, em que os profissionais poderiam exercer o papel de suspensão de seu cotidiano. Para ela, um exemplo dessa possibilidade de ampliação dos horizontes, por meio do campo da comunicação, seria manifesto na ampliação e multiplicação recente de narrativas realizadas, com a participação marcante de subculturas, antes marginalizadas da esfera pública.

Será preciso finalmente recordar que a concepção de uma “sociedade ambientada pela mídia”, é também a base na qual se ancora o próprio conceito de pós-modernidade (VATTIMO, 1990, p. 9), pois teria sido a partir da proliferação dos meios de comunicação social que diferentes culturas e subculturas puderam expressar-se, contrariando os chamados “grandes relatos” ou “grandes narrativas” que apontavam um sentido único e evolutivo à história, identificando e combatido como uma odiosa manifestação etnocêntrica (MORETZSOHN, 2007, p. 95).

Apesar de planificadora, muitos dos autores citados aqui pontuariam que este modelo de produtividade presente na indústria cultural, de maneira geral, e especificamente no jornalismo em si, não seria castrador da criatividade, na verdade, ele só poderia funcionar e ter continuidade ao dar espaços para a originalidade, para os caminhos ainda desconhecidos. Como Morin (1975, p. 20) argumentaria, o seu funcionamento depende dessa relação dialética entre “burocracia-invenção” e padrão-individualidade”, que é responsável pela colocação das diversas esferas da cultura à disposição da organização burocrática-industrial, ao estabelecer modelos arquetípicos para o próprio imaginário coletivo. Como diria o autor, há aí uma relação “entre a lógica industrial-burocrática-monopolística-centralizadora-padronizadora” e a “contra-lógica individualista-inventiva-concorrencial-autonomista-inovadora”, que é alterada conforme os movimentos de contingências, desequilíbrios e equilíbrios, num processo constante e dinâmico de readaptação do público aos esquemas produtivos.

“Em determinado momento, precisa-se mais, precisa-se da invenção. É aqui que a produção não chega a abafar a criação, que a burocracia é obrigada a procurar a invenção, que o padrão se detém para ser aperfeiçoado pela originalidade” (MORIN, 1975, p. 21). Com o argumento acima, o pesquisador francês defenderia que aqueles esquemas produtivos não buscariam em si o sufocamento da originalidade, mas sim padronizar suas individualidades, submetendo-os aos seus modos de reprodução da realidade. Na mesma obra, ele pontuaria.

A homogeneização visa a tornar euforicamente assimiláveis a um homem médio ideal os mais diferentes conteúdos.

Sincretismo é a palavra mais apta para traduzir a tendência a homogeneizar sob um denominador comum a diversidade dos conteúdos (MORIN, 1975, p. 29).

Dayan e Katz (1999, p. 164) também denunciaram a importância da existência de espaços mais democráticos na esfera pública, para a sobrevivência do próprio sistema. Para eles, seria por meio das pequenas mídias, dos veículos alternativos e *undergrounds* que as vozes silenciosas passariam a ser ouvidas; seriam destas vozes, do estabelecimento oportuno de situações que lhes abrissem espaços, do reconhecimento e identificação de seus anseios, por parcelas mais amplas da sociedade, que também nasceriam as novas lideranças, ou seriam criados os novos paradigmas. Em outras palavras, se o processo seletivo e de “pautamento” das mídias é responsável por manter parcelas da sociedade e seus temas particulares alheios à discussão do grande público os ignorando, ou deixando-os às margens de visibilidade, no entanto seria através do interesse crescente e da readequação do coletivo aos valores sociais contingentes que o sistema econômico encontraria novas ferramentas para a sua expansão. “Por uma razão ou outra, um novo paradigma – que pode até ser conhecido, mas estar num estado letárgico – torna-se visível e é acolhido, por vezes de forma relutante, pela elite”, diriam os autores.

Ainda nos primeiros capítulos deste trabalho, pontuamos, com Honneth (1997) que esse processo de realinhamento ou renovação de paradigmas irá depender da performance e estratégias tomadas pelos atores sociais, muitas vezes não ocasionando na substituição de lideranças, senão em oportunidades para que esses assimilem os valores emergentes e os manipulem, para que sejam bem-sucedidos e continuem no domínio da realidade. Dayan e Katz (1999, p. 164 e 165) pensam essa mesma dialética sobre o papel específico dos agentes midiáticos e de seus direcionamentos no reordenamento moral e de ajustamento de suas práticas, como reflexos da adoção antecipada de novas normas e regras, quando as anteriores se revelam desadequadas, ou insuficientes.

Para esses autores, ao tempo em que há visibilidade mais ampla a determinados assuntos, antes considerados indigestos; por outro lado, esse movimento de absorção de novas pautas mitigaria a atividade revolucionária das atividades contingentes e asseguraria a sobrevivência política do próprio sistema. Em suma, em determinados momentos de quebra de paradigmas, ganham voz novos atores que antes estavam às margens da esfera pública, ou

mesmo aqueles velhos que conseguiram captar o espírito de mudança ao tempo de se readaptarem-se.

A sinalização quebra a espiral de silêncio. Inverte o movimento que deu lugar ao silenciamento de sentimentos e aspirações. Indivíduos e grupos que se tinham acomodado de forma relutante ao *status quo* sentem a obrigação de o denunciar abertamente.

Esta reorganização não se dá de forma repentina. Ao desencadear um período liminar, a fase de indicação é semelhante ao momento em que os peregrinos abandonam as suas preocupações quotidianas e se dispõem a partir para o santuário. As rotinas da vida quotidiana ficam para trás e são reanalisadas à luz do acontecimento iminente.

O afastamento do paradigma dominante varre da mente pública os ideários existentes. Também levanta uma série de questões sobre o futuro e o passado da sociedade (DAYAN & KATZ, 1999, p. 165 e 166).

Maria do Carmo Brant de Carvalho (2000) lembra que tais iniciativas de desajustamento, reflexão e realinhamento podem ser realizadas nos campos do trabalho, da arte, da ciência e da moral. A pesquisadora brasileira explicaria que essas formas de suspensão da vida cotidiana, com o questionamento das práticas habituais e a visualização de novos paradigmas, não seriam em si uma fuga ao que está estabelecido no sistema produtivo, e de suas práticas ordinárias; todas essas etapas seriam movimentos que fariam parte de um circuito, em que os processos de alteração e reflexão sobre suas próprias práticas são tomadas como possibilidades de enriquecimento das percepções do coletivo. “Essa suspensão é temporária, mas a apreensão de plenitude obtida permite ganhos de consciência e possibilidade de transformação do cotidiano singular e coletivo” (CARVALHO, 2000, p. 28).

É importante colocar que a autora acima também retoma o debate de Honneth (1997) sobre a luta pelo reconhecimento, ao justificar que tais práticas contingenciais não seriam a anulação dos valores antigos, mas parte de sua transformação, ou melhor, da emergência de novos gêneros sociais, que por alguma razão estavam “eclipsados”, mas que diante da tomada da consciência de sujeitos, ainda que temporariamente, puderam ser aflorados e desenvolvidos. Com seus argumentos, a pesquisadora só viria a reforçar o nosso raciocínio de que a formação desses espaços de abertura seriam exemplos práticos dos períodos liminares, ou zonas de transição temporária, conceitos que aqui já foram discutidos com a ajuda de Turner (1974) e Bey (s/d), como aqueles espaços que eram tradicionalmente encontrados em ritos de passagens de comunidades e povos pré-industriais.

No entanto, Carvalho (2000) atualiza aqueles conceitos ao pontuar que com o desenvolvimento tecnoburocrático e a ajuda da indústria cultural, aqueles espaços de

criatividade passaram a ser reproduzidos e a entrarem nos próprios esquemas produtivos. Para ela, as suspensões criativas existentes na contemporaneidade, apesar de enriquecedoras, passaram a integrar os esquemas midiáticos e de comercialização dos produtos culturais. Argumentos que se somariam ao raciocínio dos teóricos críticos que vemos abordando ao longo desse trabalho, como Bauman (2009), Sennet (2009), além de Boltanski e Chiapello (2009) todos com denúncias complementares sobre como os estágios liminares do mundo contemporâneo seriam integrantes do desenvolvimento produtivo e ordinário.

No cenário atual e especificamente com o desenvolvimento da indústria cultural, esses movimentos dialéticos de suspensão no campo da comunicação, continuariam refletindo as lutas constantes entre os sujeitos, que estariam envolvidos em formas e posições desiguais, nos diferentes espaços públicos, e evoluíam suas performances sociais de acordo com os resultados dos contínuos processos de negociações entre os indivíduos e organizações, estejam estes às margens, ou mesmo entre os atores que dominam os aspectos simbólicos vigentes. No entanto, essa dialética, como já fora denunciado acima por antropólogos, sociólogos e pensadores multidisciplinares, continuaria enriquecendo e sendo apropriada em prol da própria sobrevivência do sistema, ainda que perpassasse por crises cíclicas.

7 AJUSTANDO OS VALORES AO CAPITAL

The critical passage from hope to implematation of change depends on the permeability of political institutions to demands of the movement, and on the willingness of the movement to engage in a process of negotiation. When both conditions are met in positive terms, a number of demands may be satisfied and political reform may happen, with different degrees of change.¹⁸⁰

Manuel Castells (2012, p. 74)

Nos capítulos anteriores, percebemos como as tecnologias de comunicação são instrumentos essenciais para o estabelecimento de um sentimento de identidade e de pertença entre os sujeitos, seja a partir da reprodução de discursos, de imagens, ou da produção de elementos simbólicos identitários, na disseminação de valores e práticas entre os indivíduos e suas representações coletivas. Além do mais, pontuamos também como é na esfera da linguagem e do simbólico, no campo ideológico-cultural, em que seria possível realizar-se o avanço de bandeiras de oposição às narrativas hegemônicas.

Para Sirius (2007), o século XX foi marcado por um processo de alinhamento valorativo dos movimentos opositores ao mundo tecnoburocrático. Em sua obra, o autor ilustrou como ao longo daquele século, parte dos valores e ideias inicialmente levantadas por grupos pacifistas e ambientalistas, por exemplo, foram de alguma forma submetidos às cadeias de produção às quais combatiam. Para ele, são nos momentos em que a perseguição a determinados movimentos e valores contingentes fracassa que as culturas dominantes tenderiam a assimilá-las, ainda que de modo indireto e superficial – ao menos o possível para que não sejam colocadas em jogo as dinâmicas que estruturam o sistema de produção hegemônico.

No entanto, como demonstraria Turner (1974), tal dialética de separação e reagregação de determinados sujeitos não seria peculiar a um momento histórico: o mundo pós-moderno só tornaria ainda mais latente o movimento de contingenciamento e incorporação das oposições presente ao desenvolvimento de quaisquer civilizações e em quaisquer tempos. Nesta mesma lógica, Sirius (2007, p. 56) explica que, aparentemente, ao ganharem a simpatia de parcelas maiores da população, após etapas de negociação com o sistema hegemônico, os valores e práticas propostos por movimentos insurgentes são agregados aos círculos dos agentes

¹⁸⁰ “A passagem crítica da esperança para a implementação da mudança depende da permeabilidade das instituições políticas às demandas do movimento e da disposição do movimento de se envolver em um processo de negociação. Quando ambas as condições são satisfeitas em termos positivos, uma série de demandas pode ser satisfeita e uma reforma política pode acontecer, com diferentes graus de mudança” (Tradução livre).

dominantes. “O *establishment* força a incorporação do discurso contracultural em sua própria propaganda, ao mesmo tempo em que o poder econômico reduz a arte e a estética contracultural à mercadoria de consumo de massa”. Assim, os ocupantes dos espaços de dominação encontrariam seus próprios caminhos para equilibrar as diferenças, eliminar os incômodos e continuar com as práticas do sistema hegemônico vigente.

O que discutiremos a partir deste momento é como na contemporaneidade esse movimento de integração das contingências conta com o auxílio da indústria cultural, de seus dispositivos tecnológicos, midiáticos e de retóricas capazes de expandir suas fronteiras e incorporar movimentos dissidentes, ao tempo em que apaga os traços de suas distensões, torna tácita a progressiva absorção e adoça o teor das críticas à ordem vigente.

Já nas décadas de 1950-1970, os jovens estavam incomodados com a forma como o capital estaria explorando apenas seus corpos e tomando seu tempo, como também o modo pelo qual estaria ocupando os espaços de consciência dos indivíduos. Foi nesse contexto que se disseminaram bandeiras, como a luta por direitos civis das minorias sociais, a preservação do meio ambiente, o consumo consciente, a ampliação do discurso da responsabilidade social das empresas e mais tarde a defesa do exercício do respeito às diferenças sociais, sexuais, étnicas e religiosas; bandeiras que ganhariam a adesão das mentes dos cidadãos, por meio de suas discussões nas mídias e nas esferas de poder, mas, que por outro lado, acabariam também sendo incorporadas e colocadas novamente à disposição do próprio capital.

Para Theodore Roszak (1972, p. 75), aquele contexto “revolucionário” seria marcado por uma série de arranjos sociais, em que representantes de um tipo de “nova esquerda”, formada em sua maioria por jovens boêmios de classe média, se pretendiam pioneiros de um mundo utópico em que fosse possível o desenvolvimento de uma base social para os “novos tipos de comunidade, novos padrões familiares, novos costumes sexuais, novas maneiras de ganhar a vida, novas formas estéticas e novas identidades pessoais no lado oculto da política de poder, no lar burguês e na sociedade do consumo”, no entanto incapazes de quebrar as estruturas sociais aos quais estavam submetidos, ou mudar a ordem social. Com o passar do tempo, seus agentes iriam presenciar o processamento de parte de suas bandeiras de contestação por uma indústria cultural capaz de transformar seus valores em novas tendências e, consequentemente, produtos de consumo.

Do ponto de vista de Sirius (2007), a incorporação desses movimentos de certa forma foi facilitada pelo sentimento de inveja de uma classe média que via naquela espontaneidade e contrariedade com que os jovens *hipsters* apresentavam um modo mais pleno de realização de suas subjetividades e isso teve reflexo no desenvolvimento da indústria cultural e,

especificamente, na produção hollywoodiana, que no início viu esse interesse como mote para a realização de filmes que logo ficariam populares, pelo debate sobre a insubordinação e a fuga dos padrões, tais quais *Êxito Fugaz* (1950) e *O homem do braço de ouro* (1956), estrelados por nomes como Frank Sinatra, Marlon Brando, Paul Newman, Montgomery Clift e James Dean, conhecidos por incorporarem em seus estilos de interpretação os maneirismos dos *beats* e *hipsters*. Roszak (1972) acrescentaria que aqueles filmes seriam alguns, entre inúmeros exemplos criados pelos diversos meios de difusão da indústria cultural e de seus dispositivos tecnológicos, a partir da década de 1950 que, primeiramente, por meio do cinema, foram difundidos modelos de vida, de crítica e contestação ao *status quo* do regime tecnoburocrático. Para ele, muitos daqueles filmes seriam responsáveis simbólicos pelo processo de neutralização, pauperização e a venda de modelos, ainda que de forma adocicada, para que principalmente a classe média pudesse usufruir desse ar de vanguarda, sem que isso colocasse em perigo seus hábitos de consumo.

Mas, esse processo de disseminação dos estilos de vida contraculturais não ficaria restrito ao cinema. Ainda em novembro de 1952, o *New York Times* apresentaria o termo *beat*, como sinônimo de *hipster*, em um artigo intitulado *This is the Beat Generation*¹⁸¹. O que a trajetória histórica desse movimento tem a nos mostrar é que a sua popularização, inicialmente por meio da televisão e o comportamento exibido por aquela geração se transformaria em um símbolo de rebeldia, mas que logo seria integrado à cultura hegemônica e influenciaria a sociedade ocidental, em seus mais diversos aspectos.

A mídia nacional se fartou do *Be-In*, e dos *hippies* em geral, transmitindo imagens de jovens chapados, sorridentes e em êxtase para as salas de estar de toda a América, onde adolescentes e jovens suscetíveis estavam prontos para assumir a ideia de que isso parecia mais divertido do que quatro anos de universidade, quarenta anos em um escritório vestindo terno e gravata, seguidos por uma aposentadoria em Palm Beach. E eles o fizeram (SIRIUS, 2007, p. 294).

Depois de algum tempo, todo o planeta ocidental passaria a falar sobre os jovens *hippies*, que iriam transpor não só as fronteiras do estado de Nova Iorque, como indivíduos de todas as classes e cores de todo o mundo passariam a sentir o ar de contestação social vivenciado naquele momento. O festival *Woodstock*, por exemplo, seria anunciado entre as principais publicações do país norte-americano, como *Time*, *Newsweek* e o *New York Times*, e de todo o mundo ocidental.

¹⁸¹ “Esta é a geração beat” (Tradução livre).

Ao abordar aquele evento, grande parte desses periódicos deixaria de lado a abordagem tradicional que movimentos sociais de contestação geralmente ganhavam nas páginas de jornais, ao serem retratados como transgressores de leis. As manchetes daqueles periódicos concentrariam o foco de suas publicações na felicidade que aquele meio milhão de pessoas experienciava, ao se alimentar de novos hábitos, difundidos pela cultura do “paz e amor”.

A revista *Time* se entusiasmou dizendo que Woodstock “pode muito bem ser considerado um dos mais significativos acontecimentos políticos e sociológicos da época. (...) A revolução que ele prega, implícita ou explicitamente, é essencialmente moral; é a proclamação de um novo conjunto de valores. (...) os filhos da fartura tinham expressado o desejo de viver segundo um padrão ético diferente daquele que os seus pais tinham aceito. O princípio do prazer tinha sido colocado acima da ética de trabalho puritana. Fazer suas próprias coisas é um dever tão grande quanto ser um cidadão útil. A liberdade pessoal em meio à sujeira é mais libertadora que o conformismo social com as armadilhas da riqueza. Agora que a juventude considera a abundância garantida, pode se permitir rejeitar o materialismo (SIRIUS, 2007, p. 331).

Um outro nome que pontuou esse processo de comercialização das bandeiras e valores de oposição aos sistemas hegemônicos, o jornalista brasileiro Hygino dos Santos (1978, p. 19) nos deixaria mais um exemplo desse fenômeno de adaptação do capital, ao lembrar o vestuário dos *hippies*, cujos elementos de contestação se transformariam, posteriormente, em itens de desejo e consumo. Com a ajuda de excertos de jornais, este comunicador nos relembra como aquilo que antes era símbolo de recusa seria enxergado posteriormente como uma nova tendência pela indústria da moda.

Andar rasgado é o quente. Trazida pelos *hippies* americanos, cuja maioria vive realmente à margem da sociedade, contando apenas com pequenos lucros obtidos na venda de trabalho de artesanato, a moda das roupas bem velhas, bem gastas e bem sujas foi logo adotada no Rio, com mais sucesso justamente entre as camadas sociais que menos precisariam dela.

(...) Duas novas lojas surgiram, uma em Copacabana (no Shopping Center) e outra no Centro da cidade (rua Senhor dos Passos). Vendem exclusivamente roupas usadas americanas, blues-jeans, bermudas e jaquetas, contando com vasto estoque de indumentária bélica, jaquetas e paletós residuais e uniformes das Forças Armadas norte-americanas¹⁸².

Entre outras reportagens, a obra de Hygino dos Santos (1978) nos serve para recordar de um grupo integrado àquela atmosfera *hippie*, o *The Jesus Revolution*, que passaria a sobreviver com a produção de blusas, pôsteres e escudos, com a difusão do movimento, por

¹⁸² Trechos de *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 de maio de 1971.

meio de frases de efeito ligadas à imagem de Jesus. Para o jornalista, seria a partir de itens como aqueles, em que valores como a rebeldia e a simplicidade foram transformados em fontes de lucro, ou mesmo em apenas um modo de sobrevivência das próprias comunidades. Assim como estes coletivos sociais, a indústria do entretenimento como um todo passou a promover shows, músicos e uma série de itens que possibilitariam o “fácil acesso” do grande público àquelas práticas com que se identificavam.

Foca-se aqui sobre o movimento *hippie*, para pontuar a transformação daquilo que seria a maior manifestação geracional de contracultura no ocidente em um novo nicho comercial, no entanto outros exemplos de disseminação contra hegemônica, a partir das mídias que compõem a indústria cultural, poderão ser vistos ao longo do século. Também foi o grande interesse que a imprensa americana, ou mesmo jornalistas *free-lancers*, passaram a ter pelos *Hell's Angels*, um grupo de motoqueiros que se tornaria famoso por andar em bandos pelas estradas dos Estados Unidos, caracterizados com jaquetas de couro e botas pretas. Ao acompanhar a vida deles, por alguns anos, na condição de repórter, Hunter Thompson (2004), por exemplo, demonstraria o seu desapontamento com a transformação daqueles motoqueiros marginalizados, que até então temidos pela população e perseguidos pela lei, por apresentarem práticas sociais atípicas aos padrões sociais da época, passaram a se encantar com a própria imagem e o papel atribuído a eles próprios, a partir de suas imagens construídas com a ajuda de narrativas midiáticas diversas, desde jornais até a produção cinematográfica.

Para o repórter, o grupo praticamente começaria a existir para a sociedade estadunidense a partir do momento em que se tornou pauta constante dos mesmos veículos citados acima, *Time*, *Newsweek* e *The New York Times*, que anos mais tarde retratariam Woodstock.

Num dia, eles eram uma gangue de vagabundos, batalhando por um dólar suado... e 24 horas depois eles estavam lidando com repórteres, fotógrafos, escritores *free-lance* e todo tipo de oportunista do *showbiz* interessado em dinheiro. Na metade de 1965, eles estavam firmemente estabelecidos como os maiores bicho-papões dos Estados Unidos.

Além de aparecerem em centenas de jornais abastecidos por agências de notícias e meia dúzia de revistas, eles posaram para as câmeras de emissoras de televisão e deram entrevistas em programas de rádio. Fizeram declarações para a imprensa, apareceram em vários comícios e negociaram com informantes de Hollywood e editores de revistas. Foram procurados por místicos e poetas, apoiados por estudantes rebeldes e convidados para festas dadas por liberais e intelectuais (THOMPSON, 2004, p. 50).

Como pontuado acima, aqueles motoqueiros também ganhariam seus próprios filmes. Em 1964, *Scorpio Rising*, de Kenneth Anger, colocaria nas telas um cenário formado por

motociclistas e suas roupas de couro, ambientado pelo ocultismo e símbolos nazistas. Conforme testemunhara Thompson (2004), os *Hell's Angels* ficariam enraivecidos com os estereótipos ali criados. Em sua obra, ele lembra uma fala de um dos membros, após sair de um cinema, na cidade de São Francisco, em 1964.

“Ei, eu não gostei do filme”, disse Frenchy. “Mas não tinha nada a ver com a gente. Todo mundo curtiu. Mas aí a gente saiu do cinema e viu todos aqueles recortes sobre a gente, colados como se fossem propagandas. Nossa, aquilo foi uma droga, não estava certo. Muita gente foi sacaneada e agora a gente tem que ouvir toda essa merda sobre a gente ser veado. Porra, você viu o jeito que aqueles vadios estavam vestidos? E aquelas motos de merda? Cara, não me diga que aquilo tem alguma coisa a ver com a gente. Você sabe que não tem” (THOMPSON, 2004, p. 93).

Apesar dessa imagem um tanto maquiada, aqueles sujeitos grandes e sujos ganhariam as mídias do país pela sua autenticidade. Suas imagens chamavam a atenção, não só entre as populações das cidadezinhas por onde passavam, como também passariam a fazer parte do dia a dia dos jornais e de programas de entretenimento, na televisão, e isso teria reflexo na mudança de seu próprio comportamento.

Thompson (2004, p. 259) lembra que a partir dessas participações midiáticas, os motoqueiros passaram a ser mais performáticos e com isso foram chamados a opinar sobre temas variados, como política e questões do dia, por meio de entrevistas coletivas e discursos planejados. Eles também possuíam seus próprios porta-vozes, que seriam responsáveis por dar certa homogeneidade aos seus discursos e práticas. O autor relatou que nessa conjuntura não havia questões para divergências ideológicas. “Barger¹⁸³ e os outros representantes falavam da organização como um todo, e qualquer um que não concordasse poderia desistir do clube”.

Anos mais tarde, seria a vez de mais uma manifestação inicialmente contra-hegemônica, o *punk* britânico e seus protestos ganharem difusão e se transformarem em mais um nicho cultural, como de consumo. Na Inglaterra, os escândalos públicos provocados pela banda *Sex Pistols* e sua horda de seguidores, bandas, ou fãs, que demonstravam a sua não adequação aos valores presentes à época, a partir do uso de roupas rasgadas, do corte de cabelo moicano, das tatuagens ou estampas, que carregavam *slogans* pouco convencionais, tudo isso em conjunto se transformaria em uma referência mundial para a difusão de um novo estilo de vida, que seria novamente codificado e comercializado, por meio de suas iconografias, distribuídas entre encartes de discos, pôsteres, fanzines e nas letras da própria música.

¹⁸³ O autor fala de um dos membros fundadores e líderes do *Hells Angels Motorcycle Club*, entre as décadas de 1950 e 1960, acompanhado por Thompson (2004).

Selos musicais alternativos, clubes para apresentações, fanzines, clubes de troca de fitas cassete, vídeos e filmes independentes surgiram da estética punk. Coletivos políticos punk e ocupações ajudaram jovens de inclinação contracultural a sobreviver à era Reagan/Thatcher e abasteceram as tropas com várias manifestações contra o sistema durante aquela época. E comunas anarco-punks rapidamente podiam ser encontradas praticamente por toda a parte (SIRIUS, 2007, p. 361).

A partir dos anos 1990, ganharia espaço outro grupo social que se propunha a repensar a música e a forma de ver a vida. As *raves* seriam popularizadas pelo trance trazido pelos DJs, como também em comum com os movimentos *hippies* e *punks*, o uso de ilícitos e intervenções performáticas correlacionadas a símbolos de irreverência e contestação social, que se tornaram populares e absorvidas por meio de festas comerciais. Se no início estas manifestações sociais eram tentativas experimentais de exploração de novos ambientes – parte desses eventos geralmente era realizada fora das cidades, em zonas rurais nos Estados Unidos e, ou à beira das praias, como se tornou comum no Brasil e na Europa – e dos próprios limites do corpo, a partir de uma retórica de busca por uma espiritualidade avançada – ainda que isso fosse alcançado com o auxílio das drogas – não demoraria muito para que parte de suas ideias tomassem conta de clubes e festivais, nas grandes metrópoles, onde o interesse da população urbana jovem dava margem para precificar aqueles ambientes, por cima, dado às experiências psicodélicas que seriam capazes de proporcionar aos seus usuários.

Aquelas festas que antes eram organizadas ilegalmente por aficionados em *acid music*, tatuagens e no uso mais libertário de seus corpos, logo elas ficariam comercializadas por meio de alguns produtores e DJs, que se tornariam referenciais na ambientação de eventos de moda e nos eventos sociais mais “descolados”. Nos Estados Unidos, por exemplo, ficou conhecida a Zona Autônoma Semipermanente (SPAZ), grupo mutante de São Francisco, que percorreria todo o país durante os verões norte-americanos, com uma caravana de veículos, composta de artistas intercambiáveis e responsáveis pela organização de festas e instalações surreais, sob a trilha de música experimental. Outro caso semelhante foi o *Consortium of Coletive Consiousness*¹⁸⁴ (CCC), um coletivo instalado em São Francisco, cujo armazém era local para a realização de “lendárias festas *trance-dance*”, diria Sirius (2007, p. 383 e 384):

O local também funcionava como um albergue de passagem para viajantes *trance-dancing* de todo o mundo, e abrigava o escritório da bem-sucedida editora do coletivo, especializada em guias contraculturais para jovens

¹⁸⁴ “Consórcio de Consciência Coletiva” (Tradução livre).

mochileiros globais – ou “*world-stompers*”, como eram chamados em um dos livros publicados pela empresa.

Se o *punk* e o *trance* eram fenômenos formados majoritariamente por pessoas de classe média e etnia branca, naquele mesmo tempo estava surgindo, nos Estados Unidos, uma outra forma de expressão que buscava dar maior espaço para a expressão dos incômodos de outra parcela da sociedade aos valores hegemônicos. Em bairros de Nova Iorque, como o Bronx e Brooklin, as comunidades periféricas, tradicionalmente formadas por afrodescendentes e latinos, fizeram do *hip hop* um modo de denunciar o estado de abandono em que viviam e de contraporem-se, por meio das artes, à situação vivida por eles. Novamente, tratava-se de um estilo de vida que não se resumia a um gênero musical, mas cujas influências e debates iam além da estética musical: seus membros ocuparam e fizeram suas próprias plataformas de difusão.

Influenciados pela tradição do *rap*, as apresentações destes grupos, inicialmente realizadas nas próprias ruas, utilizavam-se das limitações materiais, como o uso de toca-discos e baterias eletrônicas, que faziam fundo para suas rimas, numa nova forma de fazer música. O som era aliado ao desenvolvimento do grafite, expressões visuais realizadas com latas de *spray*, usadas sobre qualquer “tela” pública desocupada, incluindo aí os vagões de metrô, edifícios comerciais e as paredes de grandes conjuntos residenciais. Com o passar dos anos, todo esse conjunto do mundo do *hip hop* não só passaria a ser visto sob um olhar menos odioso pela grande população, como passaria a ocupar os espaços legitimados, com exposições em museus pelo mundo todo, que abriam seus calendários para esses novos artistas gráficos. Suas obras chegaram ao ponto de tornarem-se demarcadores da criatividade de metrópoles internacionais, como São Paulo, no Brasil, ou Melbourne, na Austrália. Já os músicos, reconhecidos globalmente por produtores e gravadoras, não só formariam seu próprio nicho, como seriam incorporados às trilhas e imagens publicitárias de indústrias mais diversas. Não é preciso muito esforço para lembrar que o *hip hop* se espalhou por todo o planeta e se tornou o gênero dominante na indústria fonográfica hegemônica dos Estados Unidos.

Em 1991, o segundo álbum do NWA, *efil4zaggin* (*Niggaz4Life* de trás para a frente) chegou ao topo da lista da Billboard mesmo com as emissoras de rádio se recusando a tocá-lo, lembrando a alguns analistas os sucessos proibidos do *Sex Pistols* na Grã-Bretanha (SIRIUS, 2007, p. 387).

No período após a queda do Muro de Berlim, foram criadas as condições necessárias para o fortalecimento e a proliferação de uma multiplicidade de movimentos sociais que antes

não tinham espaço nas formas tradicionais de organização política e deslegitimadas pela lógica bipolar ideológica de Comunismo e o Capitalismo. Junto às decisões políticas que favoreceram a expansão do sistema econômico, a partir daquele episódio histórico, com a popularização das tecnologias e sua utilização, a favor do mercado – que continuaria sedento por novas áreas de exploração – ampliou-se a possibilidade do capital diversificar suas pautas e atender a públicos que apresentavam demandas específicas, não só por expressão de suas liberdades, como também de consumo, o que iria ter como consequência o surgimento, a ascensão de sujeitos ou coletivos cujas lutas até então eram ignorados. Mas, como já vimos ao longo deste capítulo, essa multiplicação de narrativas nas esferas públicas não seria “franciscana”, e sim o resultado de tentativas mais aprimoradas de respostas do capital ao próprio clima de desconfiança, principalmente de parcelas da juventude ocidental, nas décadas anteriores, que haviam notado que seus anseios tinham se transformado na ponte para a criação de novas fontes de lucro. A indústria cultural, principal meio de difusão simbólica do capital, não se resumiria à produção de espetáculos culturais: o próprio movimento verde de luta pela conservação do meio ambiente, formado por ambientalistas e sua preocupação com o ecossistema, em rebeldia à globalização, acabou se institucionalizando a partir dos anos 1960, quando começou a fundar seus próprios partidos, ou se unir aos partidos de esquerda e a fazer parte dos discursos de sindicatos, liberais, ou mesmo a agregar o valor comercial de determinadas marcas, que passaram a se preocupar com os efeitos colaterais ocasionados pela sua atuação exploratória.

Por outro lado, o que as discussões de Thompson (2004), Roszak (1972) e Sirius (2007) nos apontam é que independentemente dos valores defendidos pelos movimentos contestatórios, parte de suas práticas seriam capazes de se alastrarem para os quatro cantos do planeta e com o auxílio das mídias e suas narrativas, tornarem-se ponto de exploração mercadológica, produtos absorvidos e agregados ao capital. Tais dinâmicas de incorporação das diferenças, como de absorção das bandeiras contestatórias, como os movimentos brevemente citados, são tomadas aqui a título de exemplos arquetípicos para o que estaria acontecendo com os novos arranjos sociais, que nasceram como forma de oposição ao sistema hegemônico, mas que, nas décadas seguintes, transformaram-se em vetores de expansão do capital.

Os movimentos *hippies*, *beats*, *hipsters*, *angels* e a Revolução Verde serviriam de modelo para todo o sistema econômico posterior, que implementaria, de modo cada vez mais aprimorado o endossamento de personagens e celebridades, a fim de disseminar novos estilos de vidas, reformulados como novos produtos de entretenimento e prontos para serem consumidos de forma descontraída e “humana”; deixando de lado os questionamentos críticos originais. Assim, bandeiras como o sexo livre, a tolerância, a liberdade de expressão e demais

causas civis também passariam a ser agregados ao discurso do próprio capital: suas expressões, seus costumes, suas vontades, seus sonhos, seus anseios e as disputas vividas entre seus membros, uma vez ditas contra-hegemônicas, em determinada época, poderiam ser racionalizados, precificados e capitalizados pelos agentes do liberalismo.

Com base em imperativos incontestáveis como a procura de eficiência, a segurança social, a coordenação em grande escala de homens e recursos, níveis cada vez maiores de opulência e manifestações crescentes de força humana coletiva, a tecnocracia age no sentido de eliminar as brechas e fissuras anacrônicas da sociedade industrial (...) Chegamos assim à esfera da engenharia social, na qual o talento empresarial amplia sua esfera de ação para orquestrar todo o contexto humano que cerca o complexo industrial. A política, a educação, o lazer, o entretenimento, a cultura como um todo, os impulsos inconscientes e até mesmo, como veremos, o protesto contra a tecnocracia – tudo se torna objeto de exame e de manipulação puramente técnicos (ROSZAK, 1972, p. 19).

Ainda que os argumentos deste autor fossem estabelecidos no contexto de adesão ao próprio discurso de contestação, verificados entre as décadas de 1960 e 1970, foi nessa época em que o Roszak (1972), assim como tantos outros lembrados aqui, começaram a perceber como valores como a solidariedade, a simplicidade e a recusa às leis do mercado e dos governos se transformariam em novas bandeiras de expansão do consumo e difusão da Indústria da Consciência ou Cultural (como prefira dominar). Para o pesquisador estadunidense, parecia haver uma força invisível e onipresente de uma racionalidade proporcionada, pela tecnocracia, que seria responsável pelo desencadeamento de um sentimento de impotência dos sujeitos, diante da estrutura produtiva vigente. No panorama apontado por ele, todo e qualquer sentido produzido pela realidade poderia ser transformado em novos signos, à disposição da comercialização, o que acarretaria inclusive um constante ascetismo das pessoas de toda e qualquer experiência que venhamos a ter quanto à sua originalidade e à espontaneidade das ações e objetos produzidos pelos sujeitos. E se não há espaços para espontaneidade, ao ver das pessoas, o lucro passa a ser visto como a finalidade única para toda e qualquer atividade humana.

Para Roszak (1972, p. 21), o que exemplos como os citados acima podem nos mostrar é que sem bandeira suprapartidária e assumindo-se ideologicamente invisível, a absorção da contracultura da década de 1970, do movimento *punk*, do *hip hop* e do mundo *trance* e da bandeira ecoambiental, já nos anos 1990, foram exemplos de como a tecnocracia expandia-se e consolidaria seu poder, enquanto “um fenômeno transpolítico que obedeceria às diretrizes de eficiência industrial, de racionalidade e de necessidade”. A partir da publicidade, ou das mídias em geral, parcelas da sociedade, antes atuando às margens, começam a ser reconhecidas

enquanto consumidores. As mídias, a moda, as artes populares seriam ferramentas utilizadas por empresas transacionais e midiáticas, na defesa de bandeiras ligadas às manifestações de contestação. “Nessa altura, a contracultura começa a parecer, com bons motivos, nada mais que uma campanha publicitária em escala mundial” (ROSZAK, 1972, p. 80).

Todo o processo de readaptação do mercado e a manifestação decisiva de seu poder, seja na adaptação dos valores emergentes, seja a partir da codificação e adesão de experiências ao planejamento e venda de bens e serviços, ou mesmo na reformulação de normas e leis que se apresentem mais flexíveis ao desenvolvimento daquele mercado, pontuado aqui, serviria de modelo ilustrativo para o processo adaptativo do sistema vigente às culturas emergentes. Assim, para parte dos pesquisadores apontados ao longo deste trabalho, a tecnocracia, a serviço do capital, se assumira incontestável e indiscutível; capaz de incorporar as bandeiras de descontentamento, ela seria tomada como o modelo de desenvolvimento social mais racional e eficiente a ser adotado pelo Estado e mercado.

7.1 Quando o *mainstream* conhece a subversão à direita

Desde os primeiros capítulos deste trabalho foi apontado como, nas últimas seis décadas, parcelas representativas da população, representadas por meio de grupos contra-hegemônicos, se tornariam conhecidas, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, após manifestarem seus incômodos com o modelo de governança adotado em seus respectivos países. Assim, resgatamos a trajetória de movimentos anarquistas, *hippies*, ambientalistas, *skinheads*, *punks* ou de outros coletivos que também estariam questionando o modelo de desenvolvimento adotado por suas nações, que, conforme todos eles, seria responsável pela submissão dos cidadãos e de suas comunidades às cadeias de consumo e aos dispositivos da tecnoburocracia. Apesar dos valores propostos divergirem, entre os diferentes movimentos citados, pôde-se perceber, em todos eles, uma característica comum: o questionamento do ordenamento social vigente, representado pelo estado tecnocientífico e pelo sistema produtivo hegemônico, que a sociedade estaria adotando, “em prejuízo do sujeito e de suas vontades”.

Percebemos também que suas dinâmicas de oposição se assemelham, a partir da criação de semiestruturas temporárias, no entanto os valores compartilhados nestes arranjos sociais estão longe de serem análogos. De um modo geral, a forma como buscam a valorização de suas subjetividades será pensada a partir de perspectivas diferentes: enquanto movimentos como os *hippies* imaginavam que a valorização das minorias étnico-culturais poderia ser a solução para o fim de suas angústias coletivas, outros movimentos encontrariam em um

espectro oposto uma forma de sanar seus problemas, como a proposição do cultivo de valores simbólicos identitários e rejeição das diferenças.

Semelhantes em suas dinâmicas, ou distantes em seus valores, ao que parece, todos eles utilizam-se em algum momento das mídias, para a difusão de suas ideias, como também passariam por etapas de decodificação e um processo de integração à indústria cultural. Foram reportados por jornais, tiveram seus modos de vida reproduzidos e muitas vezes romantizados e por vezes se transformaram em produtos culturais, integrando o discurso comercial, como também bandeiras políticas tradicionais.

Pensando no contexto atual, Wright (2009) diria que o reposicionamento e compartilhamento de muitas pautas antes chamadas de contra-hegemônicas, em diferentes regiões do planeta, estariam sendo facilitados pelos dispositivos culturais multimidiáticos, hoje à disposição dos participantes, na disseminação de bandeiras antiglobalistas, antimulticulturalistas e muitas vezes relacionadas ao supremacismo ou ao antisemitismo, por exemplo. No entanto, ao passo que novos grupos ganham capilaridade e adesão de parcelas maiores da sociedade, suas bandeiras estariam sendo submetidas às novas cadeias de produção e consumo.

Wright (2009) soma-se a muitos dos teóricos aqui já citados, que pontuaram a formação de novos nichos de indivíduos – e potenciais consumidores – identificados com um estilo de vida marcado pela oposição ao sistema burocrático como um todo, à interferência do Estado em suas vidas e cujas narrativas aliam elementos simbólicos do nacionalismo e de discursos identitários, de ordem genética e cultural, moldadas de acordo com os contextos e as especificidades histórico-geográficas de cada grupo. Mais recentemente, Kimmel (2017) pontuaria que o desenvolvimento da extrema direita, a popularização e sua adesão também fariam parte desse processo de decodificação e comercialização de seus valores, pela indústria cultural.

The extreme right has all the hallmarks of a counterculture existing right alongside the mainstream culture. They have alternative institutions that parallel mainstream institutions. If you do it right – buy white recipe book to cook right food, homeschool your children, buy them Aryam comic books and White Power coloring books, purchase neo-Nazi video games, buy her a blue-eyed Barbie and transform a GI Joe into a GI Nazi” doll (...) dress them in racist clothing whit symbols, listen to White Power music, read White Power newspapers and magazines you probably don’t have to interac very much with the mainstream culture at all¹⁸⁵.

¹⁸⁵ A extrema direita possui todas as características de uma contracultura que existe ao lado da cultura convencional. Eles têm instituições alternativas que são paralelas às principais instituições. Se você fizer certo –

A trajetória de mais do movimento dos *skinheads* é mais um exemplo desse fenômeno de expansão, popularização e comercialização de valores contingentes. Eles nasceram no contexto musical do *punk* britânico, sob um leque de influências nazistas, disseminadas desde a era após Segunda Guerra Mundial, principalmente entre jovens do *East London*, entre as décadas de 1960 e 1970, mas seus símbolos ganharam o interesse e a adesão de jovens não só da Europa, como do outro lado do Atlântico Norte, após a popularização da cena *punk*, ainda na década de 1980. Com um estilo de vida particular, o grupo se tornaria mais visível na Inglaterra, com a identificação de parcelas da juventude ocidental com canções e bandeiras levantadas por bandas como Sex Pistols e Sioux, cujos membros ficariam conhecidos, por se apresentarem em toda a Europa, usando elementos simbólicos ligados ao nazismo – como suásticas, tatuadas em seus braços, chaveiros, pingentes, bandeiras e botões – ainda que provavelmente tivessem mais intenções de chocar pelo estilo, do que reforçar qualquer ideologia supremacista. Nos Estados Unidos, parte dos consumidores daqueles elementos simbólicos se identificaria como *Hammerskin Nation*, grupo que contaria com centenas de membros espalhados pelo país.

Independente do continente, os *skinheads* carregariam elementos simbólicos que reivindicavam parte da história fascista vivida na primeira metade do século XX. Já no final dos anos 1990, as práticas daqueles sujeitos serviriam de base para a formação de uma indústria particular, que contava como principal ferramenta de recrutamento de novos membros e prospecção de fonte de renda a disseminação de um tipo de música, muitas vezes denominada de *White Power*.

A banda britânica Skrewdriver, por exemplo, nasceu nesse cenário e seria responsável por fundar movimentos como *Blood & Honour/Combat 18*, que ajudaram a ampliar o público da cultura *skinhead*, de conteúdo fascista, além-mares. No Canadá, na mesma época, seria fundada e logo ficaria conhecido internacionalmente o selo *Resistance Records*¹⁸⁶, cujo *slogan* da gravadora era “*We hear the slogan, ‘White people awake, save our great race*”¹⁸⁷ (TENOLD, 2018, p. 187). Os CDs de suas bandas, assim como outros produtos correlacionados ao

compre livros de receitas em branco para cozinhar a comida certa, educa em casa seus filhos, compre histórias em quadrinhos arianas e livros de colorir *White Power*, compre videogames nazistas, compre uma Barbie de olhos azuis e transforme um GI Joe em uma boneca nazista da GI”(…) vista roupas racistas com símbolos, ouça músicas do *White Power*, leia jornais e revistas do *White Power* que você provavelmente não precisa interagir muito com a cultura convencional (Tradução livre).

¹⁸⁶ A gravadora foi fundada no Canadá, mas posteriormente, proibida de funcionar no país, devido à propagação de mensagens de ódio. Assim, se transferiu para os Estados Unidos, onde pôde continuar a comercialização de seus produtos.

¹⁸⁷ “Ouvimos o *slogan*, “as pessoas brancas acordam, salvam nossa grande raça” (Tradução livre).

movimento, como camisetas estampadas, alfinetes e adesivos com símbolos codificados, passaram a ser vendidos em catálogos por correspondência, numa época ainda marcada pela rudimentariedade dos códigos e produtos comercializados. “*The product quality was rudimentary, and the coded symbols lacked the kind of sophisticated coding, complex symbol usage, and product quality that would develop in earnest a few decades later*”¹⁸⁸ (MILLER-IDRISS, 2017, p. 2 e 3).

Apesar da rudimentariedade de seus produtos, Miller-Idriss (2017) destacaria que o interesse pelos símbolos extremistas ganharia maior força com o desenvolvimento dos próprios preceitos liberais, como a globalização, o multiculturalismo e o sentimento de rejeição e incompatibilidade entre os sujeitos, que estariam se sentindo marginalizados, seja econômica, social, ou politicamente, pela ordem hegemônica. Para a pesquisadora estadunidense, a simbologia adotada por aqueles grupos parecia ser capaz de demonstrar os resquícios de seus medos, anseios e raiva, diante de todos os desafios que as incertezas da era pós-moderna estariam provocando. Porém, ao tempo em que eles buscariam uma maneira de atacar o *status quo*, por meio da difusão de produtos culturais, seus elementos simbólicos também se transformariam em um nicho específico de consumidores. “*In this case, cultural symbols act as a mechanism to radicalize and activate extremist engagement, but primarily for youth who have particular positionality vis-à-vis the social structure*”¹⁸⁹ (MILLER-IDRISS, 2017, p. 35).

Em sua pesquisa, a autora acima mostraria que parte desses códigos passaria por um processo de resignificação ao longo do tempo. Nas duas últimas décadas, jovens interessados pelos movimentos de extrema direita começariam a misturar e incorporar acessórios dos símbolos fascistas às marcas do comércio *mainstream*, como Lonsdale, Alpha Industries, Fred Perry, Pitbull e New Balance, combinando-os com elementos do vestuário tradicionalmente ligados à simbologia extremista – as botas de combate com ponta de aço, jaquetas de couro e cabeças raspadas, por exemplo. “*This development set a precedent for the adaptation of far-right style and opened the door to what ultimately became a more fragmented and mainstream set of subcultural styles*”¹⁹⁰ (MILLER-IDRISS, 2017, p. 77).

¹⁸⁸ “A qualidade do produto era rudimentar e os símbolos codificados não possuíam o tipo de codificação sofisticada, o uso complexo de símbolos e a qualidade do produto que se desenvolveriam seriamente algumas décadas depois”. (Tradução livre)

¹⁸⁹ “Neste caso, os símbolos culturais atuam como um mecanismo para radicalizar e ativar o engajamento extremista, mas principalmente para os jovens que têm uma posição particular em relação à estrutura social” (Tradução livre).

¹⁹⁰ “Esse desenvolvimento abriu um precedente para a adaptação do estilo de extrema direita e abriu as portas para o que acabou se tornando um conjunto de estilos subculturais mais fragmentados e tradicionais” (Tradução livre).

Os movimentos continuariam a crescer e tornarem-se mais populares, principalmente a partir das ferramentas disponibilizadas pela *web*. O trabalho de Caiani e Parenti, (2013, p. 100) apontou que ao menos um terço das páginas pesquisadas pelas autoras utilizavam as plataformas virtuais para vender roupas, *souvenirs*, publicações e CDs, voltados para reforçar seus discursos, o que daria a ferramenta a possibilidade não só de vender seus produtos, como também ajudar na propagação de suas mensagens e financiar a sua propagação.

Por outro lado, a estética de extrema direita mudaria com o compartilhamento de discursos e simbologias, por meio da internet, que propiciaria a participação de novos públicos, como mulheres, ou ainda indivíduos geograficamente isolados e superaria parte das posições mais dogmáticas de outros movimentos mais tradicionais, como *skinheads* e o seu estilo de vida mais restrito esteticamente. As pesquisadoras pontuariam que ao trocarem a típica vestimenta de casacos pretos e de couro por marcas de roupas mais ligadas às culturas jovens, esses grupos estariam adaptando o visual e práticas que tradicionalmente são de outros grupos contestatórios.

It is worth noting that, in these (few) cases, extreme right-wing mobilization seems to borrow the repertoire of actions and frames from the left (...) occupying buildings, organizing anti-capitalist demonstrations against the United States, boycotting products, protesting against 'neoliberal' oriented European Constitutional Treaties¹⁹¹ (CAIANI & PARENTI, 2013, p. 136).

Assim, a adaptação e a propagação do extremismo por uma nova subcultura jovem, que aliaria determinados produtos culturais às mídias on-line, seria responsável não só pela criação de novos discursos, como também pela repaginação dos antigos: “*symbols from the past are left behind and new images are elaborated/created from artistic sections of various movements, often in line, however, with traditional and spiritual principles*”¹⁹² (CAIANI & PARENTI, 2013, p. 89). Um exemplo constatado pelas pesquisadoras para ilustrar a referência que muitos dos movimentos extremistas recentes mantêm com o passado é a força com que fatos históricos e simbologias são retrabalhados, a partir de grupos nostálgicos, revisionistas, ou mesmo negacionistas, que buscariam a reconstrução de suas identidades, a partir de uma “guerra cultural” travada contra os representantes do que eles chamam de “esquerdização das instituições sociais”, como um todo, sejam de instituições públicas, ou privadas.

¹⁹¹ “Vale a pena notar que, nesses (poucos) casos, a mobilização da extrema direita parece tomar emprestado o repertório de ações e quadros da esquerda (...) ocupando edifícios, organizando manifestações anticapitalistas contra os Estados Unidos, boicotando produtos, protestando contra as orientações “neoliberais”, Tratados Constitucionais Europeus (Tradução livre).

¹⁹² “Símbolos do passado são deixados para trás e novas imagens são elaboradas/criadas a partir de seções artísticas de vários movimentos, muitas vezes em linha, no entanto com princípios tradicionais e espirituais” (Tradução livre).

A pesquisa de Kimmel (2018, p. 48) também indicaria o interesse do público jovem diante de uma comunidade que se identificaria visualmente por meio do uso de roupas comuns ou mesmo na difusão de hábitos e afetos, a partir de determinados espaços sociais. Para o autor, como seria típico dessa faixa etária, parcelas da juventude buscariam encontrar e se reconhecer em outras pessoas, cujos gostos seriam similares. O sociólogo lembra o caso de um de seus personagens entrevistados, um jovem estadunidense, chamado Stefan, que estabelece seu gosto musical como elemento propulsor para sua entrada em movimentos de extrema direita.

“Yeah, I may have had some problems with immigrants when I was little, but it was the music”, he tells me. “I first heard *Ultima Thule* on Swedish radio” at age ten, he says. “On the radio! Regular radio. They had, like, several hit songs”. He found one of his mother’s credit cards and bought some of the clothes on-line. He was hooked¹⁹³ (KIMMEL, 2018, p. 102).

Para o pesquisador, o testemunho acima seria apenas um de muitos dos personagens entrevistados por ele que haviam entrado nos movimentos extremistas a partir de sua afinidade com elementos culturais midiáticos, como bandas de *punk rock*. Alguns outros de seus entrevistados relataram que aquele tipo de música conseguia traduzir o sentimento de medo e raiva que muitos dos jovens possuíam nos Estados Unidos e parte dessa raiva estava sendo canalizada para determinados públicos-alvo: como as minorias étnico-culturais. Mas, se antes a disseminação destes movimentos se dava a partir de obras culturais segmentadas, com origem e discurso neonazista, ou supremacista, com a repaginação dos movimentos extremistas, a partir do surgimento de marcas voltadas ao público jovem, como é o caso da *Resistance Records*, aqueles valores, seus símbolos e narrativas tornar-se-iam cada vez mais naturalizados no dia a dia das pessoas. O que será verificado nas duas últimas décadas é que a partir de plataformas midiáticas próprias, da aquisição do humor, aliado à publicidade ou com a reformulação de seus produtos culturais e de novos canais de propagação, a partir da internet, aqueles discursos, antes considerados extremos, serão trazidos à tona e muitas vezes adotados, em tom mais moderado, para públicos maiores e, por vezes, partidos políticos.

Kimmel (2018) reafirmaria esse reposicionamento dos movimentos extremistas em uma entrevista realizada para a *Vice* (CONTI, 2018), onde lembrava que não só as jaquetas pretas e cabeças carecas dos *skinheads* serviam de elementos de identificação com a causa originária, mas a Direita Alternativa estaria ganhando novos adeptos, a partir da construção compartilhada

¹⁹³ “Sim, eu posso ter tido alguns problemas com os imigrantes quando era pequeno, mas era a música”, ele me diz. ‘Ouvi pela primeira vez *Ultima Thule* na rádio sueca’ aos dez anos, diz ele. ‘No rádio! Rádio regular. Eles tiveram vários sucessos’. Ele encontrou um dos cartões de crédito de sua mãe e comprou algumas roupas on-line. Ele foi fisgado” (Tradução livre).

de uma identidade baseada em ícones e índices presentes em seu vestiário particular e similar às dinâmicas do mundo da moda *mainstream*.

Complementando o pesquisador estadunidense, Perry e Scrivens (2016) diriam que se elementos simbólicos tradicionais servem de estandarte para as bandeiras extremistas, os produtos culturais carregados pelos grupos originários, tais quais Ku Kux Klan e *skinheads*, acabavam restringindo os processos de difusão aos públicos maiores, por isso, como forma de superar esses entraves, tais movimentos estariam passando por estratégias de popularização de suas causas, de afastamento de elementos que causem desconforto perante a parcela da população mais ao centro e passando por processos de adaptação e maleabilidade de suas bandeiras. Ao ganharem corpo e espaço cada vez maior, por meio da internet, e mais tarde frequentarem as pautas dos veículos de comunicação *mainstream*, em geral, parte dos grupos ligados ao movimento de extrema direita acabariam planejando suas ideias e a sua imagem, reformulando tanto suas estéticas, seus discursos, como seus próprios meios de propagação.

Uma peculiaridade da contemporaneidade é que muitos desses movimentos passaram a ser formados por *normies*, indivíduos não extremistas, mas que, ao não se sentirem contemplados pelas decisões políticas de seus governos liberais, tampouco pelas instituições e representações sociais disponíveis nos espectros tradicionais de direita, passariam a se identificar com bandeiras até então consideradas extremistas. O desenvolvimento das insatisfações pessoais, nesse contexto, provocaria o surgimento de uma série de movimentos conhecidos como *alt-right* ou *alt-light*, que nos últimos anos estariam ganhando cada vez mais capilaridade.

Para os pesquisadores canadenses, o que se estaria sendo verificado desde o final do século XX seria a readequação, ou recodificação daqueles elementos simbólicos, a partir de sua adesão aos mecanismos e discursos da indústria cultural, que seria responsável pela comercialização de bandeiras e valores antes considerados marginalizados, seja por meio da difusão de uma música voltada para o público jovem, seja a partir da associação de marcas diversas às suas comunidades, com a finalidade de que ganhassem o interesse de margens mais amplas da sociedade.

Behind the lines stand others who seek to further their cause through slightly more subtle means, in a way that makes it more palatable, more acceptable to a public sensitized by a generation of discourse of equality, multiculturalism, and diversity. In a word, hate is increasingly “mainstream,” and thus increasingly legitimate. In part, this has been accomplished by toning down the rhetoric, and doing away with the white robes and brown shirts. But it has

also accomplished by forging links with the ultimate authority: the state¹⁹⁴ (PERRY & SCRIVENS, 2016, p. 826).

Apesar de sua popularização e planificação das bandeiras, as marcas correlacionadas a essa nova direita alternativa não deixariam de manter relações simbólicas com as causas que lhes deram origem, dando a possibilidade de que seu estilo de vida pudesse ser adotado a partir da identificação e recontextualização cultural dos jovens com determinadas marcas tradicionalmente desligadas da imagem extremista – como Timberland e Doc Martens – que, ao serem apropriadas pelo vestiário da juventude alemã, simpatizante da extrema direita, passaram a ter parte de seus elementos simbólicos vinculados ao Fascismo. As mídias americanas e alemãs apelidaram os jovens que usam essas marcas de *nipsters*.

This cooler, hipper look articulates with some recent concerns among some European neo-Nazis that would be unthinkable among American right-wing extremists. European National Socialists are concerned about the environment and want to preserve the bucolic German or Swedish country side from the invading hordes of immigrants (...) Many nipsters are vegetarian, animal right types. In fact, in one of those bits of cultural ephemera you would not likely predict, there is even a German neo-Nazi vegan cooking show called Balaclava Kuche¹⁹⁵ (KIMMEL, 2018, p. 238).

Miller-Idriss (2017) também iria se inserir na juventude alemã, por cerca de meia década, para entender quais as relações que aquela geração mantinha com os símbolos e a difusão de estilo de vida relacionado à extrema direita. A autora notaria que desde o início dos anos 2000 muitos indivíduos, na faixa etária de 16 a 30 anos, já vinham consumindo marcas comerciais sofisticadas, que empregavam símbolos e códigos extremistas, ao mesmo tempo em que procuravam se distanciar da imagem de grupos mais radicais, como dos *skinheads*. Segundo a norte-americana, para atender àquele nicho, estariam surgindo empresas que conseguiriam burlar as proibições existentes naquele país, quanto ao uso das simbologias de cunho fascista, a partir da recodificação de seus elementos, e com isso promovendo a públicos mais amplos a familiarização com pautas e discursos que antes eram consideradas “extremistas”, ou

¹⁹⁴ “Por detrás das linhas estão outros que procuram promover a sua causa através de meios ligeiramente mais sutis, de uma forma que o torne mais palatável, mais aceitável para um público sensibilizado por uma geração de discurso de igualdade, multiculturalismo e diversidade. Em uma palavra, o ódio é cada vez mais ‘*mainstream*’ e, portanto, cada vez mais legítimo. Em parte, isso foi conseguido reduzindo a retórica e eliminando as vestes brancas e as camisas marrons. Mas também conseguiu formar laços com a autoridade suprema: o Estado” (Tradução livre).

¹⁹⁵ “Essa aparência mais legal e moderna se articula com alguns neonazistas europeus que seriam impensáveis entre os extremistas de direita americanos. Muitos dos *nipsters* são vegetarianos, os indivíduos preocupados com os direitos animais. Na verdade, há um programa de culinária vegana neonazista alemã chamado Balaclava Kuche” (Tradução livre).

grosseiras, como a ojeriza de imigrantes, ou de outras categorias sociais identificadas às minorias.

Um dos exemplos mais lembrados pela pesquisadora é o caso da marca *Thor Steinar*. Lançada em 2002, na Alemanha, ela ficaria popular pela forma de codificação de símbolos nazistas, baseando-se em referências menos explícitas, permitindo aos seus consumidores, geralmente jovens, adotarem roupas do vestuário mais convencional, ao tempo em que carregavam, de modo mais sugestivo, elementos diversos de ideologias racistas, supremacistas brancas e de extrema direita, ou de valorização da violência, presentes tanto na história nazista, quanto na colonização ocidental, como um todo. Para Miller-Idriss (2017, p. 6), os códigos carregados pelos produtos culturais carregariam e comercializariam não só os valores da extrema direita, como também se relacionariam com os desejos de adolescentes, principalmente masculinos, de rebelião, resistência, agressão, força, camaradagem e de pertencimento a identidades. Tais símbolos ajudariam a fortalecer os laços grupais, utilizando-se de alegorias em torno de referências mitológicas e germânicas, que remeteriam à aspiração de um sentimento de nacionalismo, baseado em narrativas míticas. Durante sua pesquisa, Miller-Idriss (2017, p. 172) teve contato com roupas em que eram reproduzidas frases como “100% Pure Viking Blood”; “My favorite color is 226orre”, “The 226orre 226orrelacio”, ou “Welcome to 226orre man’s 226orrela”¹⁹⁶; segundo a pesquisadora, eram traçados elementos simbólicos que uniam a tradição nórdicas e *viking* com tribos germânicas e de origem ariana. Quando se refere a outra marca do gênero, *Thor Steinar*, ela pontua:

Even the brand’s name, for example, combines reference to a Norse god and a (misspelled) name of a Nazi general. The clothing captivated a generation of far right youth who were eager to shed the social stigma of the skinhead look and avoid the legal ramifications of banned symbols and it inspired an entire genre of extremist attire, with new brands targeting micro-subcultures within the far-right spectrum¹⁹⁷ (MILLER-IDRISS, 2017, p. 3).

Outras marcas, como *Ansgar Aryan*, *Yazuka*, *Alpha Industries* e *Phalanx Europa* apresentavam variações no uso de temáticas similares, por meio de mensagens que exaltavam a masculinidade, o militarismo, os mitos arianos e *vikings*, o antissemitismo e a repulsa à cultura

¹⁹⁶ “Sangue Viking 100% Puro”; “Minha cor favorita é branca”, “O continente branco”, ou “Bem-vindo à ilha do homem branco” (Tradução livre).

¹⁹⁷ “Até mesmo o nome da marca, por exemplo, combina referência a um deus nórdico e um nome (com erros ortográficos) de um general nazista. As roupas cativaram uma geração de jovens de extrema direita que estavam ansiosos para abandonar o estigma social do visual de *skinhead* e evitar as ramificações legais de símbolos proibidos e isso inspirou todo um gênero de trajes extremistas, com novas marcas voltadas para micro subculturas, dentro do espectro da extrema direita” (Tradução livre).

islã, adotando uma estética similar à moda tradicional. Por meio de frases, como *Send 'Em Back, Fortress Europe* e *Illegals Go Home*¹⁹⁸, estampadas em seus vestuários, eram levantados, ainda que de modo indireto, posicionamentos relacionados à migração e ao papel decisivo do homem, que costuma ser identificado como um soldado, um guerreiro, ou com características de um guardião, protetor, campeão, defensor, desafiador ou conquistador. “*Commercial product iconography often plays on these themes, integrating references to immigration or the recent migrant and refugee crisis in Europe by positioning the situation as a defense against an incursion of “others” or protection and rescue of a homeland*¹⁹⁹” (MILLER-IDRISS, 2017, p. 168).

Porém, se parte daquelas marcas correlacionadas à simbologia de extrema direita parecia indistinguível com os estilos de roupas *mainstream*, isso não significaria que elas deixassem de ser reconhecidas entre os membros da juventude interessada nas bandeiras levantadas; pelo contrário, a codificação oculta e restrita aos “iniciados”, serviria de elemento de atração, transmissão de *status*, sentimento de pertença e coesão entre os usuários daquelas marcas. Os objetos econômicos teriam o potencial de constituir identidade e moldar a forma como os indivíduos se engajariam no movimento, capazes, inclusive, de providenciar um sentimento de união do grupo, de que seus membros seriam um só corpo, cujas ideias carregadas pelas marcas também seriam símbolo de oposição aos seus inimigos, materializados nas instituições e normas sociais vigentes, consideradas, por parte desses sujeitos, decepcionantes e ineficientes. “*In particular, the emotional tension between the desire to belong and the desire to rebel appears to be a key factor in the appeal of the coded symbols and messaging in brands that market to the far right*²⁰⁰” (MILLER-IDRISS, 2017, p. 50).

Além da moda e da música, a adoção de determinados estilos de vida de valorização de elementos supremacistas, por exemplo, serviriam de atalho para a difusão de determinada visão de mundo e a criação de um senso de comunidade, em que eles pudessem exercer um sentimento de solidariedade. Essa atração emocional, provocada pelo compartilhamento de códigos culturais, como as fantasias nacionalistas e os mitos de superioridade branca possibilitariam o fortalecimento de uma identidade comum e funcionaria como elemento de integração social,

¹⁹⁸ “Mandem-os de volta”, “Fortaleza Europa” e “Ilegais, vão para casa” (Tradução livre).

¹⁹⁹ “A iconografia de produtos comerciais geralmente atua nesses temas, integrando referências à imigração ou à recente crise de migrantes e refugiados na Europa, posicionando a situação como uma defesa contra a incursão de “outros” ou proteção e resgate de uma pátria” (Tradução livre).

²⁰⁰ “Em particular, a tensão emocional entre o desejo de pertencer e o desejo de se rebelar parece ser um fator chave no apelo dos símbolos codificados e das mensagens nas marcas que vendem para a extrema direita” (Tradução livre).

fortalecido pelas relações de amizade, desenvolvidas entre parcelas da juventude interessada nas narrativas dos movimentos extremistas. “*Symbols may provide a source of meaning in a otherwise overwhelming and disorienting world and a sense that youth are part of something larger, stronger, and more powerful than themselves*”²⁰¹, acrescentaria Miller-Idriss (2017, p. 35).

Essa ideia de união seria atualizada com os novos movimentos extremistas e fortalecida pela identificação de inimigos públicos e consequente vetorização da violência, que seria voltada a determinados alvos, como parte da regeneração de seus valores nacionais. No entanto, muitos desses novos grupos passaram por mutações em seus valores e práticas, como a substituição do ódio aos semitas pela rejeição aos imigrantes e refugiados em geral, que adentravam na Europa, por exemplo. Assim, o processo de codificação também refletiria numa adaptação de seus discursos, os quais aqueles grupos criariam uma narrativa de defesa de todo um continente, tornando, inclusive, a violência justificável e por isso normalizada e aceita por públicos maiores.

Diante do interesse de um público cada vez maior, muitas daquelas marcas abririam pontos comerciais físicos em grandes cidades europeias, o que contribuiria para o crescimento mais amplo da subcultura de extrema direita no continente, já que muitas dessas lojas serviriam de locais de encontro para o compartilhamento de uma identidade e informações sobre shows, protestos e comícios com afinidade temática. Assim, tais entidades comerciais seriam capazes de capitanear o interesse dos jovens por movimentos extremistas, a partir de um processo em que, ao tempo em que difunde os mitos e simbologias da extrema direita, também atrairia parcelas da população mais preocupadas com a estética das roupas e acessórios, e não necessariamente com a simbologia que eles carregariam; trata-se de uma dialética da cultura comercial em que é possível ver a suavização das bandeiras extremistas e a radicalização dos *normies*.

In this way, economic objects and embodied symbols – consumer goods and products like clothing, but also tattoos and hairstyles – not only add meaning to individuals’ and groups’ lives but also can inform consumers’ life choices, actions, behaviors, beliefs, and identities. Commercial products that dehumanize migrants and make light of historical pogroms, for example, normalize anti-immigrant, anti-Semitic, Islamophobic, and racist attitudes and beliefs. Combined with symbols that overtly and covertly express resistance

²⁰¹ “Os símbolos podem fornecer alguma outra fonte de significado, em um mundo opressor e desorientador, uma sensação de que os jovens são parte de algo maior, mais forte e mais poderoso do que eles próprios” (Tradução livre).

and rebellion, such symbols position far right beliefs and attitudes as anti-authority and anti-mainstream²⁰² (MILLER-IDRISS, 2017, p. 186).

É necessário lembrar aqui que codificação de códigos e versões modificadas de símbolos nazistas não é um fenômeno novo. Desde a década de 1960 existem produtos de estética Kitsch, em remissão ao Terceiro Reich, como os adesivos, botões, e camisetas, a venda, por correspondência, ou em shows de rock, e popularizados nas décadas de 1980 e 1990, com os grupos punk e os *skinheads*. No entanto, se voltarmos ainda mais no tempo, poderemos lembrar que essa relação entre a simbologia fascista e a difusão de estilos de vida e toda a sua estética, a serviço do consumo, não seriam fenômenos exclusivos ao período pós-guerras mundiais. Foi em outro momento de crise econômica, ou de ruptura social que foram criadas, ou repaginadas, narrativas míticas e rituais capazes de contribuir para a alimentação de um imaginário em que o nacionalismo passou a ser visto como remédio à anomia e ao isolamento da modernidade secular. E, já na primeira metade do século XX, foi por meio dos bens culturais que as narrativas fascistas puderam ser agregadas aos hábitos da população.

The commercialization of right-wing ideology dates at least to the early 1930s, when for-profit companies began to produce a variety of souvenir-style products deploying likenesses of Hitler, symbols like the swastika, and the national colors: black, white, and red. Nazi consumers could buy 229orrelac's toy soldiers, yoyos, spinning tops, playing cards and horns, chocolate candies with swastikas, clothing, accessories, and decorative items like pocket watches, busts of Hitler, collector plates, paper ups, tin pails, piggy banks, German-style suspenders, and even light bulbs with swastikas imprinted the glass²⁰³ (MILLER-IDRISS, 2017, p. 1 e 2).

Já neste período de início de formação da indústria cultural, percebia-se que as marcas e símbolos serviram de mecanismos de expressão de sentimentos, como raiva, resistência e rebeldia, como também teriam o poder de invocar um sentido de destino nacional, ou étnico, ou mesmo de despertar a renovação de uma nação, ou de uma nova ordem. Mas, ao citar aquele

²⁰² “Desta forma, objetos econômicos e símbolos incorporados – bens de consumo e produtos como roupas, mas também tatuagens e penteados – não apenas adicionam sentido à vida de indivíduos e grupos, mas também podem informar as escolhas de vida, ações, comportamentos, crenças e identidades. Produtos comerciais que desumanizam migrantes e fazem pouco valor de eventos históricos, por exemplo, normalizam atitudes e crenças anti-imigrantistas, antissemitas, islamofóbicas e racistas. Combinado com símbolos que expressam e dissimuladamente expressam resistência e rebeldia, tais símbolos posicionam crenças e atitudes de extrema direita como anti-autoridade e anti-mainstream” (Tradução livre).

²⁰³ “A comercialização da ideologia de direita data pelo menos até o início dos anos 1930, quando as empresas com fins lucrativos começaram a produzir uma variedade de produtos no estilo *souvenir*, mostrando símbolos de Hitler, símbolos como a suástica e as cores nacionais: preto, branco e vermelho. Os consumidores nazistas podiam comprar soldadinhos de brinquedo, ioiôs, piões, cartas de baralho e chifres, bombons de chocolate com suásticas, roupas, acessórios e objetos de decoração como relógios de bolso, bustos de Hitler, pratos de colecionador, malas de papel, baldes de lata, cofrinhos, suspensórios de estilo alemão, e até lâmpadas com suásticas imprimiram o vidro” (Tradução livre).

período entre guerras, a pesquisadora estadunidense iria apontar que, independente da época, os objetos econômicos e bens de consumo extremistas tradicionalmente ganham maior aceitação quando inseridos em contextos compartilhados e sistemas de significação. Como eles são elementos comuns na produção da identidade e do sentimento de integridade social, seria por meio de sua difusão e de seu consumo que as pessoas adeririam àquelas narrativas. Assim como acontecera antes, Miller-Idriss (2017) acredita que ao trazer de volta e recodificar os elementos simbólicos presentes na extrema direita para a modernidade tardia, parte daqueles esquemas de divulgação e disseminação de seus códigos acabaria cristalizando uma espécie de “pensamento mágico”, e evocaria uma ideia que transpõe os conceitos tradicionais de nação e passaria a reposicionar seus discursos sobre uma plataforma internacional: assim, seus elementos simbólicos não só integrariam o conteúdo e a estética dos produtos de consumo, como também entrariam nos discursos de projetos de poder, em uma variedade de contextos nacionais.

Far from being mere “subcultural style”, clothing can be a gateway to radicalization and violence. Commercialized extremist products communicate far right ideological positions to youth, informing them of far right views on immigration, race, national identity, and normative expectations for masculine behavior, among others. In this way, such products literally concretize abstract and invisible right-wing ideas into tangible, material objects that youth consume and display, reinforcing their own identification with and understanding of far right ideology. These products help youth strengthen racist and nationalist identification. But they also provide access to far right scenes and help youth establish legitimacy at key subcultural entry points like concerts or far right demonstrations. (...) Finally, commercialized extremist products act as conduits of resistance toward – and carriers of extremist ideas into – mainstream society, as youth in and on the margins of the far right display far right codes and symbols in non-far right settings with peers, classmates, siblings, and friends. In some cases, expensive brands become status symbols, popularized by older siblings, neighbors, and friends who help establish what is “cool” or desired within and across subcultures and scenes and thus helping broaden the ideological reach of the right²⁰⁴ (MILLER-IDRISS, 2017, p. 188).

²⁰⁴ “Longe de ser um mero estilo subcultural, a roupa pode ser uma porta de entrada para a radicalização e a violência. Produtos extremistas comercializados comunicam à população posições ideológicas de extrema direita, informando-os sobre visões de extrema direita sobre imigração, raça, identidade nacional e expectativas normativas para o comportamento masculino, entre outros. Dessa maneira, tais produtos literalmente concretizam ideias de direita, abstratas e invisíveis, em objetos materiais tangíveis que a juventude consome e exhibe, reforçando sua própria identificação e compreensão da ideologia de extrema direita. Esses produtos ajudam os jovens a fortalecerem a identificação racista e nacionalista. Mas eles também fornecem acesso a cenas de extrema direita e ajudam os jovens a estabelecer legitimidade nos principais pontos de entrada subculturais, como shows ou demonstrações de extrema direita. (...) Finalmente, os produtos extremistas comercializados atuam como condutores de resistência – e portadores de ideias extremistas na sociedade –, já que os jovens nas margens da extrema direita exibem códigos e símbolos da extrema direita em locais não-distantes com seus pares, colegas, irmãos e amigos. Em alguns casos, marcas caras se tornam símbolos de *status*, popularizados por

É com esse raciocínio de normalização dos estilos de vida, a partir de produtos culturais e consequente processo de identificação e de ocupação dos espaços sociais diversos e consequentemente das esferas públicas, que podemos conceber paralelos com a difusão e expressão dos movimentos ditos extremistas de direita, na contemporaneidade.

7.2 O *alt-right* na ocupação das esferas públicas

Já lembramos inúmeras investigações que pontuavam como muitas das práticas de contestação ao *establishment* político do mundo moderno, ao multiculturalismo, ou de crítica aos processos de globalização vêm se unindo a bandeiras como o antissemitismo, o anti-islamismo, de ódio à participação das mulheres nos espaços tradicionalmente masculinos. Relatamos também que apesar de não serem homogêneos em suas ideologias, movimentos de cunho transnacional apresentam similitudes em seus valores e estariam tendo suas vozes ampliadas, seja a partir do uso de plataformas próprias ou das mídias sociais, para o compartilhamento de conteúdo, seja pelas diversas formas de produção cultural, como a produção de música, ou marcas de roupas e utensílios, ou mesmo na organização conjunta de manifestações tradicionais de rua, que contariam com a presença de membros de vários destes coletivos, reunidos fisicamente nos mesmos locais. Para grande parte dos pesquisadores aqui abordados, tais arranjos sociais, não raras vezes denominados por eles de extremistas, estariam aumentando seus espaços de atuação e de público, por meio de um alinhamento ao movimento da Direita Alternativa, ou de suas vertentes, *alt-right* e *alt-light*.

Pertencentes a movimentos não institucionalizados, ou originalmente agrupados e sem fins lucrativos, inúmeras comunidades digitais estão desenvolvendo de modo flexível a elaboração integrada de informações e a disseminação de conhecimento, experiências e boas práticas de difusão de seus discursos, seja a partir de páginas nas redes sociais, seja a partir da construção de sites e blogs na *web*, que não só conversariam entre si como compartilhariam de plataformas e espaços de hospedagem on-line, voltados para a discussão de temas afins. Ao longo do trabalho, mostramos que tudo isso acabaria gerando um encorajamento entre os membros a continuarem participando, como também à cooperação e ao reforço de suas ideias. Por outro lado, também comentamos que nem sempre discursos nacionalistas, supremacistas, anticulturalistas, antissemitas, racistas e muitas vezes misóginos são partilhados facilmente entre os diferentes grupos, ou que esse tipo de conteúdo poderia gerar rupturas, ou mesmo não

irmãos mais velhos, vizinhos e amigos que ajudam a estabelecer o que é “legal” ou desejado dentro e entre subculturas e cenas e, assim, ajudar a ampliar o alcance ideológico da direita” (Tradução livre).

tomados como representativos para grupos que estariam mais preocupados em quebrar paradigmas, do que fazer qualquer discussão mais política sobre seus interesses temáticos.

De qualquer modo, é como forma de tentar superar as suas divergências, permitir a adesão às bandeiras comuns e atingir maiores parcelas da sociedade, que muitos desses arranjos sociais passaram a desenvolver estratégias de comunicação mais próximas ao mundo *mainstream*. Se na cultura, a música e a roupa relacionadas à codificação de símbolos extremistas parecem ganhar maior número de adeptos, Davey e Ebner (2017, p. 15) ressaltariam que também na política, como nas mídias em geral, tais grupos estariam ganhando o interesse e conquistando audiências cada vez mais amplas. Os pesquisadores norte-americanos foram apenas alguns dos muitos que alertaram sobre as reais intenções por trás dos movimentos *alt-right*, na atenuação de seus discursos, na contemporaneidade. Para os investigadores, há um claro objetivo da criação de um “movimento de massa” e radicalização dos *normies*, com a discussão de pautas antes marginalizadas pelas grandes mídias. Tais estratégias permitiriam a normalização de ideologias antes periféricas.

Como resultado do adentramento etnográfico nas plataformas e mídias sociais utilizadas para campanhas de sensibilização desses movimentos, os autores acima demonstraram os esforços proativos dos membros dos diversos grupos que compõem o *alt-right*, na intenção de alargar a gama de seu público e torná-lo confortável em abraçar suas causas, como foi o caso do *#UnitetheRight*²⁰⁵, um dos encontros presenciais em que representantes de diferentes grupos se uniram. Aquele evento seria um dos mais proeminentes entre as diversas tentativas de reunião de distintos coletivos sob uma mesma bandeira. Ele aconteceu em Charlottesville, uma cidade localizada no estado da Virgínia, Estados Unidos, com forte cultura universitária, e que contou com a participação de milhares de simpatizantes da extrema direita, nos dias 11 e 12 de agosto de 2017, a partir de sua difusão on-line.

The wide-ranging mobilization in the run-up to the Charlottesville rally showcased the overall surge of cross-fertilization and collaboration between

²⁰⁵ O “rali de Charlottesville” ocorrera em 12 de agosto de 2017, como forma de protestar contra a remoção de uma estátua de Robert E. Lee, um conhecido soldado confederado norte-americano, que comandara o Exército dos Estados Confederados, durante a Guerra Civil dos Estados Unidos, ocorrida entre 1862 e 1865. O evento foi organizado por Jason Kessler, um jornalista de extrema direita e membro do grupo nacionalista masculino *Proud Boys*. A marcha fora anunciada a partir de *banners* com os títulos *Unite the Right Rally* e *Freedom of Speech Rally*, e atraía uma leva de indivíduos e grupos, cuja bandeiras variavam de libertários a militantes neonazistas. A manifestação terminou com o assassinato da ativista dos direitos civis Heather Hayes, e com o ferimento de outros 19 contra protestantes, em um ataque veicular, realizado pelo supremacista branco, James Alex Fields Jr. Tudo isso foi transmitido por canais de televisão, mas principalmente a partir de redes sociais on-line, que presenciaram o acontecimento e serviram de ferramenta de difusão e discussão on-line do evento, ao tempo em que ele ocorria; mais tarde, inclusive, isso ajudaria em uma campanha difamatória contra a ativista antifascista, morta durante o evento.

different ideological fronts on the extreme right. As a result of overlapping grievances, interests and goals, different sub-movements coalesced around similar topics²⁰⁶ (DAVEY & EBNER, 2017, p. 18)

O evento contaria com nomes ilustres da extrema direita, como Richard Spencer, David Duke, Matthew e Mike Ecoch, como também atrairia a atenção de antifascistas, para a tentativa de impedir que ele lograsse êxito. Charlottesville também serviria de inspiração para outras atividades que aconteceriam nos Estados Unidos, como *Americans against Genocide*, em Jacksonville; *No to Marxism in America*, em Berkeley; *Summer of Conservatism*, em Anaheim, *Free Speech Rally* em Boston, e *Save the Confederate Monument*²⁰⁷, em San Antonio, todas promovidas por diferentes plataformas da extrema direita.

Para Davey e Ebner (2017), aqueles grupos obteriam êxito com o uso menor da retórica de cunho extremista, possibilitando, assim, a ampliação do número de simpatizantes. Mas, além da força do discurso, seria principalmente a partir da colaboração em tempo real e do compartilhamento de conteúdo, disponibilizado pelo uso das redes sociais on-line e de suas tecnologias correlacionadas, que se tornou viável, nas últimas duas décadas, o estabelecimento de um conjunto de relacionamentos socialmente significativos, voltados ao debate sobre as insatisfações de seus membros com as políticas e práticas adotadas pelas suas autoridades – sejam elas norte-americanas, ou europeias – além da difusão de estratégias de ação de combate, para o alcance da efetividade em suas práticas de contestação e na busca de reconhecimento de toda a comunidade, diante de suas bandeiras. A partir das redes, tornou-se cada vez mais comum que membros de diferentes grupos, espalhados geograficamente em pontos distantes, pudessem estabelecer novos contatos sociais e trocar informações, assim como obter apoio social, compartilhar seus pontos de vista e reforçar seus discursos ideológicos, tanto na esfera da cultura, quanto da política. Por outro lado, ao compartilharem valores e plataformas midiáticas comuns, esses grupos estariam provocando, hoje, uma das ondas mais significativas de popularidade política da extrema direita, nos dois continentes do ocidente – Europa e América.

Como reflexo do crescimento do interesse de maiores parcelas da população por tais discussões, na última década, vários desses movimentos passariam a se reunir a partidos políticos recém-formalizados. Se no Canadá, há relatos da aproximação, ainda que incipiente,

²⁰⁶ “A ampla mobilização no período que antecedeu a manifestação de Charlottesville mostrou o aumento geral da fertilização cruzada e da colaboração entre as diferentes frentes ideológicas da extrema direita. Como resultado da sobreposição de queixas, interesses e objetivos, diferentes submovimentos se fundiram em torno de tópicos semelhantes” (Tradução livre).

²⁰⁷ Respectivamente: “Americanos contra o genocídio; Não para o marxismo na América; Verão do Conservadorismo; Marcha da Liberdade de expressão e Salve o Monumento Confederado” (Tradução livre).

de grupos tradicionalmente considerados extremistas com alguns partidos políticos – como a participação de membros dos *Proud Boys* e dos próprios *Soldiers of Odin*, ainda que posteriormente rejeitada, em um evento do *United Conservative Party of Alberta*, em outubro e em junho de 2018²⁰⁸, e posteriormente em março de 2019²⁰⁹ – seria inicialmente na Europa, onde esses partidos passariam a ganhar força, com a ocupação nada discreta de cadeiras nos parlamentos. Para Davey e Ebner (2017), o sucesso do movimento *alt-right*, no velho continente, seria ocasionado pelo amaciamento do discurso mais extremista, como parte de uma estratégia que acabou recuperando as bandeiras tradicionais da extrema direita, como o antissemitismo, o racismo e o supremacismo branco, no entanto apresentando uma nova roupagem, a partir da criação de justificativas ideológicas que fossem voltadas a responder preocupações contemporâneas e familiares dos cidadãos médios dos países ocidentais, como o desemprego, as crises migratórias e as ameaças aos hábitos tradicionais da cultura ocidental, como um todo. Segundo aqueles autores, vários grupos estão preferindo deixar nos bastidores algumas de suas fontes supremacistas brancas, antissemitas, ou xenófobas – muitas delas consideradas restritivas a um nacionalismo local – e colocar em pauta, por meio dos partidos políticos, os discursos transnacionais e favoráveis às políticas anti-imigratórias, além de oposicionistas à globalização e às elites, já que identificam na política internacional, de multiculturalismo e de imigração, as raízes para os problemas de suas nações. Assim, os pontos de convergência de discursos pró-ocidente seriam utilizados pelos grupos extremistas como elementos de justificação para a difusão de seus valores, ideologias e narrativas que iriam ocupar esferas públicas cada vez mais amplas.

Miller-Idriss (2017) também apresentou parte desse panorama, quando lembrou que muitas das campanhas de novos partidos se popularizavam a partir de personificações de um mal que é muitas vezes correlacionado ao estrangeiro, ao judeu, ao muçulmano, minorias estas que são associadas a determinadas características depreciativas, por meio de caricaturas, ou em

²⁰⁸ A informação foi disponibilizada na página do *Anti-Racist Canadá*, no endereço http://anti-racistcanada.blogspot.com/2018/10/soldiers-of-odin-welcomed-at-united.html?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+Anti-racistCanadaTheArcCollective+%28Anti-Racist+Canada%3A+The+ARC+Collective%29. Acesso em: 24 jan. 2018.

²⁰⁹ Em *Alberta Conservative Candidates Took Photos with Soldiers of Odin*, publicado em 8 de outubro de 2018, e *Alberta Conservative Candidate Caylan Ford Steps Down For Using White Nationalist Talking Points*, no dia 19 de março de 2019 Lamoureux (2019) apontaria algumas tentativas de aproximação dos *Soldiers Of Odin*, com a UCP e a negação do apoio, por parte do partido canadense, manifesto em entrevistas e notas públicas. Na primeira ocasião, os três candidatos presentes em uma noite de pub, em Edmonton, Leila Houle, Nicole Williams e Lance Coulter, tirariam fotos com o grupo, mas logo depois, dois deles afirmariam desconhecer o que representavam.

formato de memes, a partir das inúmeras plataformas e ferramentas de comunicação digital. Os resultados não demorariam a aparecer.

In 2014, voters elected far right, anti-immigrant, Eurosceptic, and nationalist parties into parliaments in fourteen European countries, winning a quarter or more of the national vote in Denmark and France, a fifth in Austria and more than 10 percent in Greece, Hungary, and the Netherlands (with 9.7 percent in Sweden). Meanwhile, far right parties gained fifteen additional seats in the May 2014 European Parliament elections (for a total of fifty-two seats)²¹⁰. (MILLER-IDRISS, 2017, p. 6 e 7)

Ao acompanhar por seis anos o caminho percorrido por alguns membros de movimentos extremistas, Tenold (2018) também pontuou algumas das tentativas de aproximação, planificação e ocupação de espaços políticos tradicionais nos Estados Unidos, a partir de figuras que se inspiraram nos êxitos obtidos por movimentos *alt-right* de outros países do mundo ocidental. Segundo o autor, os *Swedish Democrats (SD)*, *Italian Social Movement (MSI)*, *Party for Freedom (PVV)* e o *Democratic Union of the Center (UDC)* serviram de modelos, porque eram partidos que apesar de frutos da reunião de indivíduos que se identificavam com a extrema direita, adotariam discursos que distanciavam da radicalidade, como forma de ganhar apoio de parcelas da população mais receosas com o alinhamento às ideologias ditas extremistas. Os membros daqueles partidos perceberam que muitos *normies*, ao compartilharem do sentimento de frustração e de incapacidade dos instrumentos políticos convencionais em lidar com seus anseios coletivos, seriam capazes de aderir às suas causas. Na Alemanha por exemplo, alguns dos partidos considerados tradicionalmente direito-extremistas, como Partido Nacional Democrático da Alemanha (NPD) e União de Pessoas Germânicas (DVU), ganharam expressão com o crescimento de uma mobilização cultural, para isso, contando com a participação de revisionistas históricos, grupos *skinheads*, anarquistas nacionalistas e subculturas jovens.

Na tentativa de explicar esse fenômeno de expansão e popularização das pautas extremistas, a reportagem do *Hope not Hate* contribuiu com a realização de uma linha do tempo, na qual foi apontado como parte daqueles grupos e indivíduos se associariam, principalmente entre os países da Europa ocidental e da América do Norte, como forma de fortalecimento de seu discurso e do posterior realinhamento com instituições tradicionais, chegando ao ápice de atuarem em conjunto e se ajudarem diretamente na campanha em eleições presidenciais e

²¹⁰ “Em 2014, os eleitores elegeram partidos de extrema direita, anti-imigrantes, eurocéticos e nacionalistas em parlamentos de quatorze países europeus, ganhando um quarto ou mais dos votos nacionais na Dinamarca e na França, um quinto na Áustria e mais de 10% na Grécia, Hungria e Holanda (com 9,7% na Suécia). Enquanto isso, os partidos de extrema direita ganharam quinze assentos adicionais nas eleições do Parlamento Europeu de maio de 2014 (para um total de cinquenta e dois assentos)” (Tradução livre).

parlamentares na Alemanha e França, em 2017, e um ano antes, nos Estados Unidos, como foi o caso de apoio de vários destes movimentos à candidatura de Donald Trump.

Reforçando os argumentos de Hermansson (2017), Tenold (2018, p. 163) também lembraria que no processo de candidatura e ascensão de Trump, por várias ocasiões, o candidato teria retuitado as mensagens de usuários do *Twitter*, ligados ao *alt-right*. A partir de diversos relatos, ao longo de sua investigação, o autor estadunidense percebeu que, por razões pragmáticas, os grupos que até pouco tempo não lidavam entre si, e conhecidos como estratos diferentes da extrema direita – *boots and suits*²¹¹ – passaram a identificar em uma candidatura oficial à presidência parte de seus valores e ideologias políticas, o que lhes daria uma possibilidade maior de difusão de seus discursos e práticas, atingindo públicos cada vez maiores. Para ele, figuras como Richard Spencer e Matthew Heimbach, alguns dos protagonistas de sua obra, notaram que se por um tempo colocassem de lado as tradicionais bandeiras do KKK, dos neonazistas, aos *skinheads*, eles poderiam ser aceitos por parcelas maiores da população.

Richard Spencer, the man who had coined the term alt-right and, by 2016, had become its de facto leader and also a proud Trump supporter, once told me that he saw himself and the rest of the movement as the ideological kitchen for the far-right positions, which Trump, by osmosis, made his own. Even though Spencer and Matthew very much disliked each other, they agreed that the Trump campaign was co-opting their ideas. Others in the alt-right movement were more skeptical of Trump but still grateful for his candidacy, believing he would be a gateway drug to white nationalism. Whatever the truth of the relationship was, Trump's ascendancy had created a sense of urgency and vigor on the far right that its members had never felt before²¹² (TENOLD, 2018, p. 164).

Juntos a figuras como o jornalista britânico Milo Yiannopoulos, aqueles movimentos aprenderam a lidar com uma retórica humorada na *web*, além da realização conjunta de marchas e aparições midiáticas por meio da televisão, ou por meio de redes sociais, com mensagens de

²¹¹O termo “botas e ternos”, em inglês, é usualmente utilizado por Tenold (2018), para se referir entre aqueles sujeitos que participam dos movimentos alt-right, a partir de sua produção intelectual e ativismo político a partir do uso essencialmente midiático daqueles que carregam em seu histórico a participação em marchas, comícios e protestos, ocupando as ruas em inúmeras ocasiões.

²¹² “Richard Spencer, o homem que cunhou o termo *alt-right* e em 2016 tornou-se seu líder de fato e também um orgulhoso defensor de Trump, uma vez me disse que via a si mesmo e ao resto do movimento como a cozinha ideológica para as posições de extrema direita, que Trump, por osmose, fez a si próprio. Apesar de Spencer e Matthew não gostarem muito um do outro, eles concordaram que a campanha Trump estava cooptando suas ideias. Outros no movimento *alt-right* eram mais céticos em relação a Trump, mas ainda agradecidos por sua candidatura, acreditando que ele seria uma porta de entrada para o nacionalismo branco. Qualquer que tenha sido a verdade, a ascensão de Trump criou um senso de urgência e vigor na extrema direita que seus membros nunca sentiram antes” (Tradução livre).

apoio ao Trump, como estratégias de promoção que tornariam temas, até então tabus, mais palatáveis a agenda midiática tradicional.

Para muitos dos investigadores do fenômeno da extrema direita, a eleição de Trump foi um ponto decisivo da conquista dos espaços da esfera pública para o debate de temas que antes eram restritos a uma margem da população. Como Tenold lembraria, em entrevista para Conti (2018), tinha-se a impressão de que não era necessariamente o conteúdo extremista que gerava o repúdio, ou a falta de interesse de grandes públicos por suas mensagens, mas aqueles discursos precisariam ser falados pela pessoa correta, no momento certo e Trump parecia unir essas duas condições. Seu discurso contra o politicamente correto ganharia simpatia entre grupos do *alt-right* e principalmente dos grupos mais próximos ao *alt-light*. Sua campanha contra Hillary Clinton significava para muitos também uma campanha contra o feminismo e as bandeiras liberais que ela representava. Por meio de comentaristas como Watson e Yiannopoulos e mídias como *Breitbart News Network*²¹³ e *Daily Stormer*²¹⁴, além de sua influência crescente sobre um público jovem e simpatizante de uma linguagem baseada na trollagem dos concorrentes, tudo isso em conjunto serviria de estratégias que obteriam êxito no ataque ao *establishment* político estadunidense.

A linha de investigação de Hermansson (2017) iria detalhar como plataformas de discussão e disseminação proporcionaram que as retóricas extremistas pudessem ser adotadas por determinadas figuras, partidos, ou governos, como fora visto no dia em que o ainda pré-candidato do Partido Republicano, Donald Trump, publicou uma foto de si mesmo, como *Pepe the Frog*, em outubro de 2017²¹⁵. Por outro lado, a reportagem de Hermansson (2017) indicaria que as relações entre o candidato Trump e a direita alternativa não ficariam restritas aos memes, mas ganharia apoio daquele tipo de mídia que já costumava criticar o *status quo* e do politicamente correto, estabelecido pelo *establishment* político. Ainda candidato, Trump

²¹³ A página está disponível no endereço <https://www.breitbart.com/>. Acesso em: 3 dez. 2018.

²¹⁴ Site e fórum neonazista, fundado em 2013, por Andrew Anglin, e que se tornou popular, principalmente após promover o comício *Unite the Right*, e zombar da morte da ativista Heather Heyer. Segundo Davey e Ebner (2017, p. 20), membros da página também teriam atuado no hackeamento das eleições presidenciais francesas, de 2017, a partir de campanhas associadas ao *#MacronLeaks*, ou atuado nas campanhas alemãs, com a popularização do *#MGGA*, abreviação de *Make Germany Great Again* (Faça Alemanha grande de novo), além de estimularem seus leitores a promoverem o conteúdo de grupos nacionalistas, como Pegida, Identitarians e ao partido alemão de extrema direita, *Alternative für Deutschland* (AfD).

²¹⁵ Primeiramente popularizado no *4chan* em 2008, o meme já estava sendo associado ao movimento de Direita Alternativa, por meio de variações crescentes no relacionamento entre a sua imagem e a extrema direita. A utilização desse elemento icônico por Trump em seu Twitter foi visto por muitos como um sinal de identificação de suas bandeiras, inclusive as políticas antiumanas e anti-imigração, reforçadas pelo candidato durante a campanha. Em consequência de sua adoção pelo presidente norte-americano, o meme da rã antropomórfica logo se tornou um símbolo da ampla Direita Alternativa.

reforçaria a popularização de páginas como o site de notícias de extrema direita *Breitbart News Network*, com linha editorial orientada pelo ex-banqueiro do *Goldman-Sachs* e documentarista de direita Steve Bannon²¹⁶. Ambos alimentaram a publicação de conteúdo que costumava associar os imigrantes e o Islã ao declínio moral e social da América. *Hope not Hate* indicaria que, antes mesmo de ser contratado para a campanha do Trump, em agosto de 2016, Bannon já utilizava a plataforma do *Breitbart* para fazer propaganda para o presidenciável. Empossado, Trump contrataria Bannon para a recém-criada posição de estrategista-chefe da Casa Branca.

A reportagem também destacou que o candidato reproduziria bastante conteúdo “de cunho duvidoso” da emissora de notícias *Infowars*²¹⁷, que era dirigida pelo teorista de extrema direita, Alex Jones. Além do compartilhamento de conteúdo, Trump manifestaria apreço pela figura de Jones e de outras figuras do *alt-right* e *alt-light*, como Kevin MacDonald, editor do site de *Occidental Observer*²¹⁸; o vlogger Stefan Molyneux e a personalidade de mídia social, Mike Cernovich.

Outro nome que ficaria conhecido nesse percurso de popularização do movimento de direita alternativa seria Yiannopoulos, que a partir de março de 2016 reforçaria as bandeiras do *anti-establishment* durante a campanha do republicano, com reportagens e entrevistas que negavam ou minimizavam as mensagens de ódio às minorias e mulheres, muito comuns nas atividades de trolagem dos ambientes on-line. Ao mesmo tempo, Yiannopoulos tentaria se distanciar de possíveis bandeiras supremacistas e, de alguma forma, abrir espaços para a aceitação da sua homossexualidade entre aqueles grupos, como parte da livre expressão, que tanto defendia. O jornalista ainda contaria com o auxílio de outras figuras declaradamente *gays*, como James O’Meara²¹⁹, escritor do *The Occidental Observer* e *Counter-Currents Publishing*.

Todo esse debate gerado nos Estados Unidos com as eleições presidenciais teria repercussão no seu vizinho do norte, onde as discussões e o compartilhamento de conteúdo populista, associados às mensagens de ódio contra minorias, deixaria de ser exclusivo das mídias segmentadas para ocupar as pautas dos veículos de comunicação *mainstream*. Horas de pesquisas de Perry e Scrivens (2018) iriam ser consumidas em entrevistas com jornalistas de

²¹⁶ Steve Bannon é um estadunidense, considerado um dos principais ícones do *alt-right* norte-americano e com grande influência em partidos populistas da Europa. É dele a ideia de fundar o *The movement*, um centro de estudos e ao mesmo tempo movimento político que busca reunir estudiosos e personalidades políticas interessadas no que chama de “Escola Tradicionalista”, sob influência de pesquisadores como Julius Evola e René Guénon.

²¹⁷ A página é disponibilizada a partir do endereço <https://www.infowars.com/>. Acesso em: 3 dez. 2018.

²¹⁸ A página está disponível em: <https://www.theoccidentalobserver.net/>. Acesso em: 3 dez. 2018.

²¹⁹ Este, em sua obra, *The Homo and the Negro*, declararia o importante papel desempenhado pelos homens *gays*, na conservação da civilização ocidental.

veículos como *CBC News Canada*, o *Toronto Star*, o *New York Times*, o *LA Times* e a *BBC News*, que reproduziriam a galvanização de ideologias, identidades, movimentos e práticas da supremacia branca nos dois países. Por outro lado, eles notariam que veículos antes segmentados ganhariam mais expressão e passariam a pautar parte das discussões, nas grandes mídias.

Se nos Estados Unidos o *Breitbart News* ganhou projeção, no Canadá ficaria mais conhecido o *Rebel Media*²²⁰, que desde 2015 vem produzindo vídeos de conteúdo similar para o seu canal do *Youtube*. O seu lançamento, por exemplo, contara com a arrecadação de \$ 100 mil dólares canadenses, por meio de financiamento coletivo on-line; logo depois, a página teve lançado um serviço de acesso pago ao seu conteúdo e contaria com uma audiência média diária de 600 mil visualizações, principalmente dos Estados Unidos e Canadá.

Entre os principais nomes do Rebel estariam o ex-editor da revista *Vice*, Gavin McInnes, a repórter Faith Goldy, que chegara a ser candidata à prefeita da cidade de Toronto, em 2018, e Jack Posobiec, que passou a produzir notícias sensacionalistas e muitas consideradas falsas, para prejudicar a campanha de Hillary Clinton, nos Estados Unidos.

Outra mídia utilizada para a disseminação e aglutinação das mensagens acima foi o *TheRightStuff.biz* (TRS)²²¹, um *hub* central de *alt-right* que hospedaria artigos, fóruns e *podcasts*, como o *The Daily Shoah* e *Fash the Nation*, com conteúdo de cunho misógino e supremacista branco. Mais tarde, as identidades responsáveis pelo conteúdo desse diretório seriam expostas nas mídias por meio de uma ação coordenada por grupos antifascistas.

A experiência de engajar-se em campanhas on-line coletivas e coordenadas contra seus supostos antagonistas encorajou a Direita Alternativa emergente como um todo. Apesar do conteúdo contestável desses veículos ao modelo convencional de fazer jornalismo e famosos pela disseminação de teorias conspiratórias, esse tipo de mídia ganharia maior importância após a oficialização de suas relações com o governo estadunidense, quando em maio de 2017 vários repórteres de páginas, como as citadas acima, receberiam credenciais de imprensa da Casa Branca, a exemplo de Posobiec e Lauren Southern, ex-repórteres da *Rebel Media*; Mike Cernovich, personalista de mídias sociais; além do repórter do *The Gateway Pundit*, Lucian Wintrich, o que para a reportagem do *Hope Not Hate* sinalizaria o flerte da administração Trump e o início de um processo de institucionalização da Direita Alternativa.

²²⁰ Página disponível em: <https://www.therebel.media/>. Acesso em: 3 dez. 2018.

²²¹ Página disponível em: <https://therightstuff.biz/>. Acesso no dia 3 de dezembro de 2018.

No entanto, o interesse e a pauta desses discursos extremistas ficariam cada vez mais disseminados por veículos de comunicação não segmentados, dando espaço, ainda que não intencionalmente, para a disseminação de bandeiras, valores e discursos que antes eram considerados extremistas tornam-se cada vez mais diluídos, palpáveis e normalizados entre públicos maiores. Provavelmente, é o que está acontecendo com a *Vice*, nosso veículo de comunicação em análise.

9.3 Efeitos do alargamento moral do *alt-right*

O processo de codificação, amaciamento, mediatização e popularização do *alt-right* e a conquista de espaço de suas bandeiras em partidos políticos e nas esferas do poder seriam etapas do processo de alargamento moral de que Honneth (1997) havia falado; o reconhecimento e adesão às suas causas seriam resultados das performances de muitos daqueles grupos na disputa e conquista de espaços até então inacessíveis àqueles sujeitos. No entanto, é necessário pontuar aqui que o alargamento moral do horizonte valorativo que parte desses grupos vem defendendo, como a liberdade de expressão e a defesa de uma cultura ocidental, não necessariamente representariam ganhos civilizacionais, ou melhor, ao Estado Democrático de Direito. Isso porque o que tais coletivos estariam almejando, o seu autorrespeito, seria fruto do incômodo e rejeição às conquistas sociais de determinadas minorias, ou melhor poderiam significar o fim, ou o mesmo o retrocesso de avanços de outros grupos sociais, também marginalizados.

Para muitos dos sujeitos da Direita Alternativa, a ocupação de certos espaços de poder, tradicionalmente masculinos, por mulheres, a possibilidade de casamento entre pessoas de mesmo gênero, ou mesmo o exercício da prática de crenças religiosas e práticas culturais por determinadas populações de origem estrangeira, ou minoritárias, lhes serviriam de argumentos para a necessidade de criar mecanismos de defesa contra a perda de seus próprios direitos e de uma suposta negação de suas subjetividades, como o tolhimento da liberdade de expressão. Para deixar mais claro: os discursos do *alt-right* condenariam justamente as conquistas de grupos minoritários, que são tomados por eles como seus concorrentes diretos, porque os avanços sociais destes últimos significariam a perda de direitos das “populações tradicionais”; isso nos faz compreender o que os grupos *alt-right* querem dizer com a denominação de jogo de “soma zero”.

Ao compreenderem dessa forma os processos de luta e conquistas de direitos sociais, o alargamento valorativo do *alt-right* poderia significar uma ameaça aos direitos civis alcançados ao longo de toda a modernidade, desde aqueles mais elementares, como o sufrágio universal e

o direito ao voto feminino, até aqueles ainda em processo de regulamentação nas duas últimas décadas, como o reconhecimento do nome social de pessoas transgêneros e o casamento entre pessoas de mesmo sexo. Seria justamente por essa ideia de enfrentamento às causas alheias que o “eu” daqueles sujeitos, os seus anseios individuais e sociais não corresponderiam ao horizonte valorativo hegemônico. Suas condutas seriam dissonantes e condenadas pelo *establishment*, pelas instituições e pelo sistema produtivo, como um todo, que utilizariam dos recursos normativos e morais vigentes para condenar, ou na linguagem de Honneth (1997), menosprezar aqueles impulsos denominados extremistas.

Como a tentativa de autorrealização dos sujeitos integrantes da Direita Alternativa seria impedida pela própria realização de grupos que consideram como oponentes, a busca pelo reconhecimento de suas ideias, valores e práticas seria um processo conflituoso e abdicaria daqueles indivíduos esforços contínuos para o estabelecimento de acordos morais entre o que tomam com a verdade e os horizontes normativos já postos pela ordem hegemônica.

O uso das mídias e a sua popularização em grande parte dos países ocidentais seriam reflexos das tentativas de conexão e reconhecimento dos grupos *alt-right* com o seu entorno social. A adesão de parcelas da população aos seus valores e a institucionalização de suas bandeiras seriam indícios de que tais lutas têm se apresentado “frutíferas”, sob o ponto de vista daqueles grupos. Por outro lado, é necessário pontuar que o próprio processo de alargamento do horizonte valorativo destes movimentos teria consequências nas dinâmicas sociais de seu próprio campo ideológico. Na tentativa de conquistar o autorrespeito e a valorização de si, diante do outro – seja pela tentativa de não criminalização de suas bandeiras, como acontece em países como Alemanha e no Canadá, ou mesmo diante da reprovação moral que sofrem, diante dos costumes, das normas e do próprio entendimento do Estado de Direito, presente nas democracias ocidentais – aqueles grupos teriam que aprender a utilizarem-se de artifícios que substituam a semântica adotada pelas suas bandeiras originárias para que não mais fossem reconhecidas como expressões de racismo, xenofobia, antissemitismo ou misoginia, por exemplo.

Trata-se de um processo, como vimos, que está sendo realizado a partir de várias frentes. Atuando dentro de suas comunidades, seja a partir das mídias disponíveis, seja a partir da criação de seus próprios meios, ou pela ocupação de espaços tradicionais de poder, como os partidos políticos, aqueles grupos vêm moldando, readequando e tendo parte de suas discussões incorporadas aos espaços públicos.

Assim, as dinâmicas pelos quais passam em busca da obtenção de reconhecimento de suas causas, diante dos públicos e espaços convencionais, significaria de certa forma a

abdicação de parte dos discursos *alt-right*, ou mesmo dos valores originários que os construíram, na medida do possível, visando a sua própria aceitabilidade pelo sistema hegemônico. É perceptível em todos estes grupos que seria na ordem do mundo doméstico que eles buscariam construir tal ponte de compreensão e reconhecimento de suas causas: a defesa da comunidade, da cultura ocidental, da manutenção de valores ditos tradicionais, ou mesmo de sua masculinidade, nos mais diversos campos de atuação, seriam exemplos dessas tentativas de substituição de bandeiras consideradas radicais, por causas mais próximas ao dia a dia dos públicos mais convencionais. Assim, o processo de difusão de certa cumplicidade entre seus pares, como é o caso do *SoO*, ou mesmo no anonimato, como é o caso do *Incel*, e o clamor pela revalorização de relacionamentos pessoais mais horizontais e desvinculados das dinâmicas da ordem produtiva, seriam alguns recursos discursivos presentes em todos eles. Tais práticas são parte de uma dinâmica, que como já vimos, já havia sido experimentada por outros grupos contra-hegemônicos – ou *communitas* – em outros momentos históricos e que no amadurecimento de suas utopias, tiveram seus valores codificados, transformados e institucionalizados, seja por partidos políticos, ou mesmo pelo próprio mundo da produção.

8 O ALT-RIGHT ESTAMPADO NA VICE

The single party, the secret police, the public displays of Caesarism, even the presence of a Fuhrer are not necessarily attributes of fascism [...] The famous fascist methods are constantly revised and will continue to be revised. More important than the mechanism is the idea which fascism has created for itself of man and freedom [...] With another name, another face, and with nothing which betrays the projection from the past, with the form of a child we do not 243orrelaci and the head of a young Medusa, the Order of Sparta will be reborn²²².

Maurice Bardèche

Ao longo do trabalho, apontamos o resultado de nossas especulações teóricas, após a realização de pesquisas bibliográficas em diferentes áreas científicas e escolas sociológicas que buscaram compreender os processos de transição, contingenciamento social e oposição aos sistemas hegemônicos; resgatamos investigações que especularam sobre valores e práticas dissonantes do sistema hegemônico neoliberal e afunilamos a discussão com os grupos extremistas, a partir do levantamento das raízes históricas e sociológicas de um fenômeno que, sob o nosso ponto de vista, é representante das dinâmicas sociais aqui discutidas: o *alt-right*.

Ao longo desse debate teórico, também contamos com uma entrevista com um dos pesquisadores citados, realizada de forma livre, com Emil Archambault. Em suma, o resgate bibliográfico das investigações acima foi essencial para que pudéssemos construir não só as trajetórias e dinâmicas dos grupos aqui analisados, como também para seguirmos adiante para a caracterização e visualização das estruturas, ou do mundo ao qual os sujeitos investigados nessas pesquisas se opõem. O desenvolvimento do capital e o exercício da hegemonia do seu sistema produtivo, além dos impactos que ele apresenta em todos os outros aspectos da vida moral, como no mundo civil e artístico, foram aqui tomados como pontos nevralgicos para a expressividade de suas subjetividades, das angústias, anseios, desapontamentos e propostas de revoluções vivenciadas entre os indivíduos e coletivos aqui analisados.

Também partimos para pesquisas relacionadas à Escola Crítica, à Indústria Cultural. O levantamento teórico de discussões sobre as bases produtivas, os mecanismos de reprodução simbólica, os equipamentos e as instituições que compõem suas estruturas e dinâmicas sociais serviram para o enriquecimento da caracterização das dinâmicas presentes no capitalismo tardio

²²² “O partido único, a polícia secreta, as exibições públicas do cesarismo, mesmo a presença de um Fuhrer não são necessariamente atributos do Fascismo [...] Os famosos métodos fascistas são constantemente revisados e continuarão a ser revisados. Mais importante que o mecanismo é a ideia que o Fascismo criou para si, do homem e da liberdade [...] Com outro nome, outro rosto, e sem nada que trai a projeção do passado, com a forma de uma criança que fazemos não reconhecer e a cabeça de uma jovem Medusa, a Ordem de Esparta renascerá”.
(Tradução livre)

e o seu próprio desenvolvimento, que não só repercute, mas engrossa o caldo para o surgimento de grupos insatisfeitos. Assim, foram colocados em debate como a Indústria Cultural ou da Consciência, de um modo geral – e o jornalismo, em específico – funcionam enquanto dispositivos culturais e representantes do mundo liberal, colocados à disposição do processo de persuasão e enfrentamento de opositores; alargamento valorativo; codificação e planificação de questionamentos ao sistema hegemônico.

O estudo dos discursos das mídias em si não só foi realizado com a intenção de pontuar os esquemas produtivos presentes, como também para compreendermos sociologicamente o veículo de comunicação utilizado como material de nossa análise; a *Vice* se insere nas dinâmicas citadas acima, de reprodução simbólica, planificação e codificação de grupos contra hegemônicos. É sob o ponto de vista da cobertura midiática e de seus produtos informativos que almejamos enquadrar os processos de popularização dos movimentos *alt-right*.

Mas, é necessário que deixemos claro aqui que a decisão de recorrer a este periódico canadense, para o colhimento de material a ser analisado, foi inicialmente uma tentativa de superar a própria falta de contato com os grupos que estávamos interessados em investigar, *Incel* e *Soldiers of Odin*, como de toda a esfera *alt-right* da qual fazem parte. A distância deste investigador – com o doutoramento em andamento, na cidade de Recife, e aqueles sujeitos, situados no Canadá – dificultaria maiores aproximações de ordem física com os sujeitos investigados, por isso a decisão de limitar-nos a um periódico *mainstream* que demonstrasse interesse em pautar aqueles grupos. Essa seria uma saída encontrada para que abordássemos de forma “objetiva e controlada”, sob o ponto de vista metodológico, as dinâmicas de ocupação e conquista dos espaços públicos e das esferas de poder por aqueles sujeitos. Assim, por meio da *Vice*, buscamos atingir o principal objetivo desta pesquisa: dar corpo às análises sobre a mediatização, codificação, construção das narrativas e popularização dos valores de movimentos sociais relacionados ao *alt-right*.

O acompanhamento diário do material publicado nas redações canadenses da *Vice* foi iniciado antes mesmo da realização do doutoramento. Ainda em 2015, foi perceptível o interesse daquele veículo de comunicação na cobertura de movimentos sociais de valores e práticas contingentes aos estilos de vida hegemônicos, ou contrapositores às instituições e regimes político-econômicos dominantes. Em um primeiro momento, já percebemos que entre os diversos grupos sociais abordados pelo periódico havia um conjunto de sujeitos pautados cujas dinâmicas de ação, crenças e ideologias apresentavam um horizonte valorativo comum, com linhas de raciocínios similares e muitas vezes alinhados àquilo que denominamos de *alt-right*. Foi justamente a partir desse encontro de interesses comuns da *Vice* e desta pesquisa, por

arranjos sociais contingentes, que pudemos justificar a investigação social sobre o processo de pauta, reprodução midiática e alargamento de valores e dinâmicas sociais de grupos correlacionados à direita alternativa, ao *mainstream* canadense.

Passadas as definições sobre o material de análise, tivemos outras escolhas metodológicas a fazer: quanto aos critérios de filtragem do material a ser analisado pela revista, já que apesar de ser fundada na cidade de Montreal, em 1994, a *Vice* é uma empresa de comunicação que em 2020 possuía 29 escritórios espalhados pelo mundo e cujo conteúdo era reproduzido em pelo menos uma dezena de idiomas. Contando com dezenas de redações espalhadas por todo o mundo ocidental, a revista não tem necessariamente temas específicos de interesse; seu material e pautas se apresentam de forma diversa e podem variar de propostas, como a cobertura de eleições presidenciais nos diversos países onde atua, até a discussão de curiosidades sobre fantasias sexuais.

Mas, essa diversidade temática não se restringiria ao jornalismo. Hoje o material disponível em suas páginas vai além, com documentários, filmes e críticas; parte desse material é reproduzida ou têm seus projetos originalmente produzidos para serem veiculados em empresas de comunicação parceiras, como HBO, no Canadá e Estados Unidos, ou mesmo nos diversos canais de televisão das Organizações Globo, no caso do Brasil. Dada a riqueza desse material, foi imprescindível que nos focássemos em um, ou poucas redações que manifestassem interesse contínuo em pautar os grupos que investigamos. Como muitos deles se manifestam e ganham expressão midiática no Canadá, seria plausível que decidíssemos pelas redações localizadas naquele país. Foi então nesse momento que estabelecemos um limite geográfico: entre as redações analisadas naquele país, percebemos que as de Montreal e Toronto mantinham interesse permanente e produziam continuamente conteúdo voltado aos grupos *alt-right*. Essa seria a razão para que estabelecêssemos o material disponibilizado nas páginas destas duas redações para a realização da garimpagem de dados.

Como nem todo o material poderia ser acessado do Brasil, estabelecemos um limite temporal que pudéssemos ter acesso irrestrito ao conteúdo em análise, que foi definido a partir da ida pesquisador ao Canadá, por um período de quatro meses, finalizado no dia 30 de agosto de 2018. Tal data iria demarcar também o final dos 30 meses de garimpagem e análises das publicações que fossem do interesse desta pesquisa.

Estabelecido o período e as fontes de investigação, passamos a pensar em novos critérios para restringir ainda mais nosso objeto de análise, já que no período selecionado, entre 1º de janeiro de 2016 e 30 de agosto de 2018, pelo menos uma dezena de movimentos sociais correlacionados ao *alt-right* seriam pautados pela revista on-line. Entre eles, estavam *Generation Identity*, *La*

Meute, Pegida, III%, *Storm Alliance*, *The Ungovernables*, *Atalante*, *Northern Guard*, *Incel*, *Soldiers of Odin*, além de outros menos lembrados pelo periódico, mas aqui já citados, ao longo dos dois primeiros capítulos.

Com o tempo, percebemos que todos estes movimentos seriam repetidamente pautados por uma quinzena de jornalistas, seriam eles: Aditi Natasha Kini, Bem Makuch, Brigitte Noel, Mack Lamoureux, Simon Coutu, Connor Garel, Allison Tierney, Jordan Pearson, Drew Brown, Rachel Browne, Manisha Krishnan, Connor Garel e Vanmala Subramaniam, todos membros, ou colaboradores das redações de Toronto e Montreal. Completavam a autoria daquelas reportagens Allie Conti e Elle Reeve, estas duas últimas profissionais dos Estados Unidos, mas cujo conteúdo, apesar de originalmente produzido para aquele país, também seria incluído nas páginas canadenses do periódico²²³. Reunido todo o material após a garimpagem do conteúdo, tentamos entrevistar todos os jornalistas envolvidos em sua produção, apesar de que apenas dois deles se dispuseram a conversar pessoalmente e responderem às perguntas deste pesquisador: Brigitte Noel e Simon Coutu.

Além disso, conversamos com o diretor-geral da redação de Montreal, Philippe Gohier, com a intenção de buscar as justificativas para a cobertura contínua de movimentos relacionados ao *alt-right*. Indagamos ao último sobre a possível correlação comercial do tema com alguma marca ou patrocinador e ele argumentou que, como veículo de comunicação, a *Vice* sobrevivia de publicidade, no entanto essa relação comercial não se daria a partir da imposição entre seus anunciantes e o conteúdo que deveria ser veiculado. O diretor lembrou que a revista costuma trabalhar com três modos de veiculação dos comerciais. Um deles é randômico, no qual os parceiros compram a possibilidade de aparição de certo número de vezes nas páginas da revista. Se por acaso, forem contratadas cinco mil aparições, as peças serão exibidas aleatoriamente, na quantidade acordada. Outra forma de comercializar espaços de publicidade pelo veículo é denominada *row block*, em que as mensagens publicitárias aparecem toda vez que determinado conteúdo de interesse do parceiro é citado entre as peças jornalísticas. “Se por exemplo, um banco contrata o veículo para que suas peças sejam veiculadas, toda vez que aparecer as palavras “dinheiro” e “custos”, um programa irá estabelecer esses links, para que seja feito”, ilustrou Gohier.

²²³ Em entrevista com os jornalistas e editores da *Vice* Brasil, estes pontuaram que é uma prática a troca de informações e traduções das reportagens, quando o conteúdo publicado em um país tiver o interesse de uma outra redação, por isso, muitas das pautas aqui abordadas, são encontrados em dois idiomas, francês e inglês (línguas originais para os Estados de Quebec e Ontario, províncias onde estão situadas as duas redações aqui em análise), no entanto, preferimos discutir a publicação em inglês, já que a página referência foi a *Vice* em inglês, disponível em: https://www.vice.com/en_ca.

O terceiro modelo de publicidade utilizado pelo veículo é denominado *cobranding*, no qual a decisão de que conteúdo produzir se faz a partir de uma parceria entre o veículo de comunicação e a empresa contratante, em que o cliente solicita a realização de determinado material, correlacionado a um tema específico. Uma marca de bebida pode sugerir a produção de matérias voltadas ao consumo de cerveja artesanal, por exemplo, e sua publicidade estar correlacionada ao conteúdo, ainda que não esteja sendo abordada nas reportagens. Apesar de existir essa possibilidade, Gohen enfatiza que ao serem identificadas incompatibilidades com o posicionamento do veículo, as parcerias não são viabilizadas.

Insistido sobre o porquê da recorrência de temas como o *alt-right* pela *Vice*, Gohier nega qualquer patrocínio, ou estímulo comercial relacionado a esse tipo de conteúdo, mas pontua que, independente do tema, o que eles querem é obter recursos para fazer boas reportagens. Os jornalistas, por outro lado, disseram que as pautas vêm de suas próprias ideias, de seus interesses particulares sobre determinados temas, ou mesmo correlacionado ao acontecimento de determinados eventos. Simon Coutu, por exemplo, afirmou desconhecer qualquer relação de agendamento de pauta com a publicidade. “Eu não sei. Quer dizer, eu não tenho nada a ver com propaganda. Não é meu trabalho. São pessoas do *marketing* que vendem o espaço”, diria o jornalista, ao enfatizar que em seus três anos completados na *Vice* em 2018, tem podido escrever sobre seus interesses, os quais não estariam restritos aos movimentos da extrema direita, mas perpassaria o discurso contra-hegemônico como um todo, seja à esquerda, ou à direita, o que pode ser refletido nas matérias analisadas de sua autoria. No tempo analisado por esta pesquisa, Coutu havia abordado grupos como *Atalante*, *Soldiers of Odin*, *La Meute*, *Storm Alliance*, *The Northern Gardén* e *Antifa*. “Eu tenho a ideia, eu faço pesquisas, faço algumas ligações, encontro pessoas, se há algo para cobrir, eu cubro, escrevo e alguém faz a revisão”, comentou o repórter.

Em entrevista realizada para essa pesquisa, o jornalista enfatizou que grande parte das matérias fora sugerida por ele e aceitas pelo seu chefe. Coutu justificou que cada vez mais esses grupos são vistos, não só no Canadá, como nos Estados Unidos, mas no caso específico de Quebec, teria chegado mais tarde, porque antes as discussões políticas eram voltadas para uma possível independência da província, mas que agora as discussões estão mais voltadas para questões de direita e esquerda. Sob seu ponto de vista, isso seria uma razão para o debate midiático dos grupos extremistas. Por outro lado, ele acredita que parte dessas discussões seria importada de outros países, como Itália e França.

Temos definitivamente influência da França, da *Front National*, por exemplo. Atalante, por exemplo, tem muita influência de *Casapound*, da Itália, que é um grupo neofascista. Então, eles são influenciados pela Europa, são influências dos Estados Unidos. Eles agem em sites e compartilham algumas ideias. Eles fazem vídeos racistas, misóginos, transfóbicos, homofóbicos, eles usam a mesma linguagem de *alt-right*. Em Quebec, temos uma mistura entre influências europeias e influências americanas²²⁴. (COUTU, 2018, em entrevista para esta pesquisa)

O repórter sugere que grande parte desse interesse de cidadãos canadenses por discussões daquele espectro político viria das pautas estabelecidas pela mídia vizinha, nos Estados Unidos, como a questão migratória e a entrada de estrangeiros, cruzando as fronteiras dos países, sob a proteção das próprias leis canadenses, que costumam dar asilo e legalizar aqueles que fazem a travessia, via terrestre. Algumas de suas reportagens cobriram os protestos de grupos, nas fronteiras de Saint-Bernard-de-Lacolle, realizadas pelos grupos *Storm Alliance* e *La Meute*, além de outras realizadas em Ottawa, com a participação dos *Proud Boys*, *Three Percenters* e *Northern Guarden*.

O jornalista notaria um incômodo de parte dos cidadãos canadenses com o recebimento de 25 mil refugiados sírios. Para ele, isso teria alimentado um medo contra o processo de islamização da cultura nacional. Coutu diria que entre os grupos da extrema direita, esse incômodo estaria sendo intensificado a partir das próprias políticas adotadas pelo governo canadense, e especificamente pelos governos da família Trudeau – Pierre Trudeau, primeiro-ministro do país, durante 15 anos, e seu filho, Justin Trudeau, que ocupa o cargo desde 2015. Brigitte Noel o completaria, ao afirmar que aqueles grupos viriam tomando uma significância na sociedade canadense, “existe uma cota da população que estaria se sentido seduzida por aqueles pontos de vista”. Segundo a jornalista, parte do posicionamento desses grupos coincidiria com a tradição nacionalista de Quebec, no entanto superavam a questão separatista, como os *Soldiers of Odin*, que se autodeclaram federalistas. Por outro lado, a repórter confirma que existem pontos em comum entre parte dos grupos extremistas e a população mais centrista, politicamente, como a rejeição à política migratória.

Em seus quase dois anos de trabalho na *Vice*, Noel cobriu temas correlacionados ao movimento *alt-right*, como *Generation Identity*, *Hells Angels*, *La Meute* e *Pegida* e disse que cada um deles apresentaria uma razão diferente para ser coberto pela revista, apesar de perceber que muitos daqueles grupos se cruzariam durante os protestos que frequentou, além das comunidades das redes sociais que visitava, para fazer as reportagens.

²²⁴ Entrevista concedida por Simon Coutu a esta pesquisa em 2018.

Em entrevista para esta pesquisa, a jornalista também ressaltou que teria liberdade para sugerir as pautas à *Vice*, que eram aceitas, após discussões com os editores. Questionada sobre as etapas de produção das reportagens, Noel declarou a que a revista não tem um padrão de procedimentos a ser seguido, logo cada matéria seria produzida de acordo com suas próprias especificidades de acesso às fontes e informações. Ela afirmou que tudo depende do quanto interessante pode ser o tema.

Eu acho que a *Vice* exige que ela informe sobre o que as outras mídias estão cobrindo, o fato de termos mais potencial. Acho que muitas pessoas e muitos jornalistas estavam questionando se a atenção dada a grupos como *La Meute*, *Pegida* e *Generetion Identity* estava ajudando a esses grupos, então, não podíamos ignorá-los, então decidimos fazer. Você sabe, nos Estados Unidos, nas eleições de Trump, quando a mídia ignorou essa fração da população, eles não viram o que estava acontecendo com os eleitores de Trump. Então, você precisa mostrar que esses grupos existem, que eles estão se espalhando e em específico, suas mensagens, para que possamos debater e fazer parte deste tipo de discussão, mesmo que seja apenas para refutar algumas das ideias que estão se espalhando²²⁵. (NOEL, 2018, em entrevista para esta pesquisa)

Perguntados sobre como era a relação com os grupos na realização dessas reportagens, os dois repórteres entrevistados pontuaram que costumam segui-los em redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, tanto os grupos extremistas à direita, quanto aqueles localizados à esquerda, como os Antifa, e é a partir daí que ficam sabendo da realização de protestos e mobilização geral.

Ao saberem das informações, por meio das páginas de redes sociais, ou mesmo, por denúncias, os repórteres acabam presenciando a realização de alguns destes eventos, nos quais entrevistam os líderes, membros dos grupos e curiosos. Com o decorrer das reportagens, os jornalistas foram adquirindo aproximação e contato de muitos grupos, por isso às vezes passaram a fazer simples ligações para os membros daqueles movimentos para colher dados. Coutu ainda declarou que em muitas ocasiões, ele acaba saindo com alguns daqueles sujeitos, seja para bares, ou mesmo festas organizadas pelos grupos antifas.

Eu falo com todo mundo. As pessoas tendem a dizer que somos uma base de Antifa ou de movimentos de esquerda, mas isso não é verdade. Eu tenho o número de telefone do líder da *La Meute*, alguns contatos do *Atalante*. Por isso, na verdade, nós os mapeamos. Eu falo com alguém deles. Tenho contatos com a *Storm Aliance*, *Solders of Odin*, mas também tenho muitos contatos dos movimentos Antifa. Então, eu falo com eles. Este fim de semana eu estava com os Three Percenters. Então eu poderia gravá-los. (...) Seja para movimentos de extrema direita e Antifa. Eu sigo os dois grupos no *Facebook*. É como eu consigo saber onde estão os protestos em qualquer coisa. Eu não

²²⁵ Entrevista concedida por Brigitte Noel a esta pesquisa em 2018.

me importo de tomar uma cerveja com alguém Antifa, ou membro do *La Meute*. Eu passo muito tempo conversando com as pessoas, conhecendo os caras²²⁶. (COUTU, 2018, em entrevista para esta pesquisa)

Outras vezes são os próprios membros desses grupos que entram em contato com os jornalistas, para que seus protestos sejam divulgados. Segundo Coutu, para muitos destes coletivos, a partir do momento em que são noticiados, eles passam a existir para o mundo, ainda que o número de membros seja pequeno, por isso o interesse deles em serem reportados pela *Vice*. Mas, essa aproximação também os leva a desentendimentos. De acordo com o jornalista, muitas vezes os grupos à direita imaginam que o repórter é um Antifa e por isso passa a ser intimidado. O *Atalante*, por exemplo, chegou a invadir a redação da *Vice*, em Montreal, em 24 de maio de 2018, quando os integrantes do grupo tentaram intimidar Coutu, entrando no escritório da *Vice*, sem aviso prévio, a maioria usando máscaras e narizes de palhaço, jogando panfletos para protestar contra as suas reportagens.

Havia um cara com uma máscara; eu sabia quem era o cara. Eu falei com ele no telefone, ele me insultou. No começo, ele queria falar comigo e em algum momento ele mudou e não queria falar com a mídia.

Eu tento entrar em contato com os caras, tento conversar com eles. Eu não me importo, porque eu prefiro conhecê-los, com o passar algum tempo com alguém, para entender como funciona²²⁷. (COUTU, 2018, em entrevista para esta pesquisa)

Por outro lado, Coutu disse que seu trabalho não tem muito a ver com a sua simpatia com determinado grupo. Ele pontua que não se trata de relação de amizade, mas de contatos, dada a constante cobertura jornalística realizada por ele, para a *Vice*. O jornalista acredita que dá espaço suficiente para conversar com cada um e entender os diferentes pontos de vista. Se na *web*, ele acompanha as publicações dos grupos, durante os protestos, passa horas conversando com os líderes da extrema direita, ou membros antifascistas. Entretanto, segundo o profissional, muitos dos manifestantes não entendem que um jornalista possa cobrir os dois lados.

Eu não acho que eles querem que pessoas, como eu, cubram o que fazem, mas pessoalmente não eu, mas como todos nós que fazemos a cobertura, porque não apenas engolimos o que eles nos dizem para escrever. Quero dizer, para ser honesto, minha cobertura é mais neutra que pode ser. Eu gasto muito tempo na certeza de que estou falando com todo mundo, tenho fontes, mas

²²⁶ Entrevista concedida por Simon Coutu a esta pesquisa em 2018.

²²⁷ Idem.

elas tendem a não gostar do que fazemos²²⁸. (COUTU, 2018, em entrevista para esta pesquisa)

Tal “neutralidade” em nome da informação não o impediria de tirar suas próprias conclusões sobre os grupos, ainda que indiretamente. Isso pode ser realizado a partir da escolha das fontes: suas reportagens, muitas vezes se baseiam na entrevista com determinados pesquisadores sociais, ou ganham a narrativa sob o ponto de vista dos antifas, que sugerem um relacionamento entre aqueles movimentos e o Fascismo. Perguntado sobre o que ele achava das ideologias dos grupos, Coutu disse que muitos deles não são essencialmente fascistas, ou supremacistas, mas dentro de suas páginas, nas redes sociais, era comum ver mensagens de ordem racistas, misógina, homofóbica e islamofóbica. Para ele, grupos como *Soldiers of Odin*, *La Meute* e *Storm Alliance* são essencialmente anti-imigração e contra a islamização da cultura nacional, mas outros, como o Atalante, ganham traços bem mais extremos, que beiram o *Fascismo*.

Eu sou contra o racismo, misoginia, homofobia, transfobia, contra todas essas coisas. Mas também tenho interesse em conversar com as pessoas que pensam assim, para saber o porquê de elas pensarem desse modo. Atalante, por exemplo, eles são neofascistas. Não há dúvidas. Antifa, acho que eles são contra o *Fascismo*. Mas ainda estou pensando em por que as pessoas pensam assim, então é difícil permanecer neutro, para entender as pessoas²²⁹. (COUTU, 2018, em entrevista para esta pesquisa)

Pontuados, em termos gerais, os critérios de escolha de material de análise da pesquisa, além dos processos e práticas de produção das reportagens da *Vice*, nosso instrumento de análise, finalmente, a partir desse momento, iremos acompanhar quais os resultados das narrativas produzidas a partir de dois grupos reportados da extrema direita. São 17 reportagens, selecionadas a partir dos critérios citados acima: pertencentes a *Vice*; todas elas publicadas pelas páginas de Montreal e Toronto, entre o dia 1º de janeiro de 2016 e 30 de agosto de 2018 e tinham como elemento central de suas pautas o *Incel* ou *Soldiers of Odin*

8.1 Emasculação e misoginia entre os *incels*

Iniciando nossa abordagem pelo *Incel*, encontramos 12 reportagens que cobriam o movimento, entre as datas preestabelecidas. Em ordem cronológica, as peças aqui analisadas serão as seguintes: *How Reddit is used to indoctrinate 251 orre men into becoming*

²²⁸ Idem.

²²⁹ Idem.

*misogynists*²³⁰, de Aditi Natasha Kini, apontando a plataforma de uso comum dos *incels*, o *Reddit*; *Alleged Toronto van attacker's Facebook profile linked to 'incels' praised mass killer*²³¹, *Everything we know about Alek Minassian, the alleged Toronto van attacker*²³² e *A brief history of 'Incel,' the misogynistic group allegedly cited by Toronto van attacker*²³³, matérias produzidas por Mack Lamoureux, em parceria com e Jordan Pearson e Allison Tierney e publicadas no dia em que acontece o ataque na grande Toronto, 24 de abril; *Toxic masculinity is at the heart of this darkness*²³⁴ e *How the incel 252orrelaci is reckoning with the Toronto van attack*²³⁵ publicadas respectivamente por Drew Brown, Rachel Browne e Vanmala Subramaniam, no dia 25 do mesmo mês; *How lonely men are radicalized online and turn their rage into violence*²³⁶, texto de Manisha Krishnan, divulgado no dia 26; *Inside the disturbing 252orre incels use to brutally criticize each other's faces*²³⁷; *Learn to decode the secret language of the Incel subculture*²³⁸ e *This is what the life of bem incel looks like*²³⁹, produzidas nos meses seguintes, após investigações mais profundas das jornalistas Allie Conti,

²³⁰ “Como o *Reddit* é usado para doutrinar jovens a se tornarem misóginos” (Tradução livre). Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/gyj3yw/how-reddit-is-used-to-indoctrinate-young-men-into-becoming-misogynists. Acesso em: 10 maio 2019.

²³¹ “Alegado perfil de *Facebook* do atacante de van de Toronto vinculado a ‘*Incels*’ elogiou assassino em massa” (Tradução livre). Disponível em: https://www.vice.com/en_us/article/xw79x7/alleged-toronto-van-attackers-facebook-profile-linked-to-incels-praised-mass-killer. Acesso em: 9 maio 2019.

²³² “Tudo o que sabemos sobre Alek Minassian, o suposto atacante de van de Toronto” (Tradução livre). Disponível em: https://www.vice.com/en_us/article/59j83n/everything-we-know-about-alek-minassian-the-alleged-toronto-van-attacker. Acesso em: 20 maio 2019.

²³³ “Uma breve história de *Incel*, o grupo misógeno supostamente citado pelo atacante de van de Toronto” (Tradução livre). Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/pax9kz/a-brief-history-of-incel-the-misogynistic-group-allegedly-cited-by-toronto-van-attacker. Acesso em: 9 maio 2019.

²³⁴ “A masculinidade tóxica está no coração dessa escuridão” (Tradução livre). Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/8xkjb/toxic-masculinity-is-at-the-heart-of-this-darkness. Acesso em: 22 maio 2019.

²³⁵ “Como a comunidade *incel* está avaliando o ataque à van de Toronto” (Tradução livre). Disponível em: https://news.vice.com/en_ca/article/evqwww/how-the-incel-community-is-reckoning-with-the-toronto-van-attack. Acesso em: 17 maio 2019.

²³⁶ “Como homens solitários são radicalizados on-line e transformam sua raiva em violência” (Tradução livre). Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/ywx7wx/how-lonely-men-are-radicalized-on-line-and-turn-their-rage-into-violence?utm_source=stylizedembed_vice.com&utm_campaign=ne5p87&site=vice. Acesso em: 17 maio 2019.

²³⁷ “Dentro do fórum perturbador que os *incels* costumam criticar brutalmente o rosto um do outro” (Tradução livre). Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/3k449v/inside-the-disturbing-forum-incels-use-to-brutally-criticize-each-others-faces. Acesso em: 9 maio 2019.

²³⁸ “Aprenda a decodificar a linguagem secreta da subcultura *Incel*” (Tradução livre). Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/7xmaze/learn-to-decode-the-secret-language-of-the-incel-subculture. Acesso em: 9 maio 2019.

²³⁹ “É assim que a vida de um *incel* se parece” (Tradução livre). Disponível em: https://news.vice.com/en_us/article/7xqw3g/this-is-what-the-life-of-an-incel-looks-like. Acesso em: 9 maio 2019.

responsáveis pelas duas primeiras reportagens, e Elle Reeve, pela última citada, além de *No, sex dolls won't stop future Incel attacks*²⁴⁰ e *Edmonton man uses 'Involuntary Celibacy' as excuse in stomping death*²⁴¹, produzidas pelos canadenses Connor Garel e Allison Tierney, respectivamente entre os dias 29 e 30 de agosto daquele ano.

A primeira dessa série, publicada em 15 de novembro de 2017, *How Reddit is used to indoctrinate young men into becoming misogynists* fez uma abordagem sobre o porquê de o Reddit haver banido um grupo de jovens misóginos daquela plataforma, naquele mês.

But it wasn't until last week that the sub was banned for violent content, shortly after a young man turned to the forum to talk about his roommate, who he called "suicide fuel." The user said it was painful to see his roommate, a "better human being," have a girlfriend and talk about his close-knit family. Other members jumped in to offer advice to this man about his attractive roommate, a so-called "Chad" in *incel* speak. They encouraged and instructed the poster to castrate his roommate.

Like other anti-women subreddits, *r/incels* has been catching heat for a while. It even spawned its own watchdog community *r/inceltears*, which remains to chronicle *incel* extremism.²⁴² (KINI, 2017)

Segundo a reportagem, a plataforma não apontaria exatamente o conteúdo que seria considerado impróprio, mas emitiria uma nota em repúdio às publicações de conteúdo violento, muitas vezes relacionados aos *subreddits* nazistas, supremacistas brancos, como *r/Nazi*, *r/DylannRoofInnocent* e *r/farright*. Apesar de não ter sido a primeira vez que isso acontecera, já que o Reddit *havia* atuado pontualmente na restrição de conteúdos similares, em momentos anteriores, muitos usuários da plataforma utilizaram outros *subreddits* para criticar o que para eles seria um tipo de entrincheiramento tecnológico, que estaria censurando a sua liberdade de expressão.

²⁴⁰ "Não, bonecas sexuais não impedirão futuros ataques de *Incel*" (Tradução livre). Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/ne5p87/no-sex-dolls-wont-stop-future-incel-attacks. Acesso em: 10 maio 2019.

²⁴¹ "Homem de Edmonton usa 'celibato involuntário' como desculpa para impedir a morte" (Tradução livre). Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/ev8ekp/edmonton-man-uses-involuntary-celibacy-as-excuse-in-stomping-death. Acesso em: 10 maio 2019.

²⁴² "Mas não foi até a semana passada que o *subreddit* foi banido por conteúdo violento, logo depois que um jovem passou em um fórum para falar sobre seu companheiro de quarto, que ele chamou de 'combustível suicida'. O usuário disse que era doloroso ver seu colega de quarto, um 'ser humano melhor', ter uma namorada e falar sobre sua família unida. Outros membros entraram em cena para oferecer conselhos a esse homem, sobre seu atraente companheiro de quarto, o chamado 'Chad', na língua *incel*. Eles incentivaram e instruíram o rapaz a castrar seu colega de quarto.

"Como outros *subreddits* antimulheres, o *r/incels* vêm esquentando há um tempo. Até gerou sua própria comunidade de observadores, que alimenta a narrativa *Incel*, para incitar o extremismo". (Tradução livre)

Também é pontuado o perfil dos usuários que frequentavam as salas de discussões dos grupos, com temáticas relacionadas ao celibatário involuntário. De acordo com a reportagem, autodenominavam-se daquela forma homens jovens de personalidades e crenças diferentes, mas que criariam um inimigo comum: a mulher, ou suas expressividades sociais, como o feminismo, o processo de empoderamento e de tomada de suas próprias decisões. “*R/incels is a cousin of many other misogyny clusters on Reddit, including r/MensRights, r/MGTOW (Men Going Their Own Way — those who opt out of the “mating dance”), and r/TheRedPill*”²⁴³, pontuaria Kini (2017).

A narrativa prossegue falando da importância da linguagem para a padronização de um discurso entre os membros, que iria facilitar a disseminação de uma ideologia comum. Todavia, para Kini (2017), aqueles valores não teriam origem nas plataformas encontradas por aqueles indivíduos na *web*; para o repórter, o contexto social dos indivíduos já apresentava um histórico de misoginia e violência contra a mulher. Ele cita o caso conhecido de Elliot Rodger, que ficara conhecido por ser atirador em um massacre realizado na Califórnia, Estados Unidos, em 2014, como um dos exemplos ilustrativos²⁴⁴ de figuras *incels*, para demonstrar como as origens de suas ações advêm das próprias experiências de vida daqueles indivíduos.

Os celibatários involuntários voltariam às manchetes da *Vice*, novamente, após o atentado ocorrido no norte da grande Toronto, em abril de 2018.

On Monday, at around 1:30 PM, a white van mounted the sidewalk in a diverse north Toronto neighborhood and ran down pedestrians for nearly a mile. After the event was over, bodies were strewn along the road. Ten pedestrians died as a result of the attack and 15 more were wounded. Police arrested Alek Minassian, 25, after a tense standoff in which he asked the police officers to kill him²⁴⁵. (LAMOUREUX & PEARSON, 2018).

A narrativa prosseguiria identificando quem era o autor daquele crime e apontaria uma publicação da página pessoal do *Facebook* do assassino, uma postagem que fazia referência a uma comunidade on-line dos “*incels*”, como tentativa de explicar a motivação para sua ação. É

²⁴³ “R / *incels* é um primo de muitos outros *clusters* de misoginia no *Reddit*, incluindo r / *DireitosMasculinis*, r / *DTOW* (Homens que seguem seu próprio caminho – aqueles que optam por sair da “dança de acasalamento”) e r / *APílulaVermelha*”. (Tradução livre)

²⁴⁴ Essa não seria a primeira vez que o nome do atirador e assassino, Elliot Rodger, seria citado em publicações da *Vice*. Ainda em 2014, na semana do atentado, ele seria noticiado, em *Elliot Rodger and the toxic weight of virginity* e *Elliot Rodger’s online life provides a glimpse at a hateful group of “anti-pick-up artists”*. No entanto, aquele ano extrapola o período selecionado para as matérias aqui em análise.

²⁴⁵ “Na segunda-feira, por volta das 13h30, uma van branca subiu a calçada em um bairro do norte de Toronto e atropelou pedestres por quase um quilômetro. Depois que o evento acabou, corpos foram espalhados ao longo da estrada. Dez pedestres morreram como resultado do ataque e outros 15 ficaram feridos. A polícia prendeu Alek Minassian, 25, após um tenso impasse em que ele pediu aos policiais para matá-lo”. (Tradução livre)

então, nesse momento, que os jornalistas explicam o significado dos “celibatários involuntários”, como um grupo de homens jovens misóginos que ficara conhecido pelo protagonismo de um de seus membros, em outro assassinato em massa, de Elliot Rodger, que à época também publicara um manifesto nas redes, antes de cometer o atentado.

In the video, Rodger dubbed himself the “supreme gentleman,” a moniker that Minassian referenced in his alleged Facebook post. The post also made reference to a “Sgt. 4chan,” apparently referring to the long-standing anonymous message board and troll hub²⁴⁶. (LAMOUREUX & PEARSON, 2018).

Como foi reproduzido ainda no primeiro capítulo, o assassino de Toronto, Alek Minassian, faria referência explícita a Eliot, conclamando a comunidade *Incel* para o início da rebelião daquele movimento. A reportagem reproduziria também uma mensagem do porta-voz do *Facebook* lamentando a tragédia e reforçando que naquela rede social não havia espaço para o tipo de pessoas que comete tais atos.

Além disso, seria explorado brevemente o perfil do assassino, a partir das informações de outro veículo de comunicação:

The Globe and Mail reported that students who spent time with Minassian at Toronto’s Seneca College, where he was reportedly enrolled, described him as a socially awkward tech nerd who was good with computers, and had no real violent tendencies nor strong political or religious beliefs²⁴⁷. (LAMOUREUX & PEARSON, 2018).

O texto seria finalizado ao apresentar como o *Incel* ganhou proporção na plataforma do *Reddit*, a partir de um grupo dedicado à comunidade que fora banido da rede, ainda em 2017 – como havia sido noticiado um ano antes pela *Vice*. Informava também que outro fórum relacionado ao *Incel*, o subreddit */r/malecels*, seria banido no mesmo dia, após o incidente, e como a comunidade *Incel*, do *4Chan*, buscaria distanciamento daquele ato; seus membros demonstrariam descrença da veracidade da mensagem publicada pelo autor do crime.

“Everything about this situation seems fishy to me”, a moderator of a forum called *Incels.me* going by “Master” wrote in a post on Tuesday. “It was clearly a troll,” another poster wrote on *Incels.me*. VICE reached out to Master on

²⁴⁶ “No vídeo, Rodger apelidou-se de ‘cavalheiro supremo’, um apelido que Minassian referenciava em sua suposta postagem no *Facebook*. A postagem também fez referência a um ‘Sgt.4chan’, aparentemente referindo-se ao antigo quadro de mensagens anônimas e ao *hub* de trolagens”. (Tradução livre)

²⁴⁷ “O *Globe and Mail* informou que os estudantes que passaram algum tempo com o Minassian, no Seneca College de Toronto, onde ele estava matriculado, o descreveram como um *nerd* tecnologicamente desajeitado que era bom com computadores e não tinha tendências violentas nem fortes crenças políticas, ou religiosas”. (Tradução livre)

Incels.me but didn't immediately hear back. "Who talks like that?" one user of /Pol/, 4chan's notorious politics message board, wrote on Monday regarding Manissian's Facebook post referencing "Sgt. 4chan". "Totally one of us 4Channers," wrote another. On /r9k/, another notorious 4chan board, users were also incredulous"²⁴⁸. (LAMOUREUX & PEARSON, 2018).

Horas depois, Lamoureux seria autor de mais uma reportagem, abordando o tema, juntamente a Allison Tierney. Em *Everything we know about Alek Minassian, the alleged Toronto van attacker*, iriam ser retomadas informações factuais, como o número de vítimas ocasionadas pelo ataque de Minassian. Também seria pontuado o perfil do assassino, a partir de entrevistas com pessoas que haviam estudado com ele, sua formação e breve trajetória profissional nas forças armadas, além de informações superficiais sobre sua atuação nas redes.

Reports from the *Globe and Mail* indicate that during his time at Seneca College, Minassian was a wizard with technology but also was immensely socially awkward. The story reads that Minassian "barely spoke, barely functioned, and had difficulty controlling tics." The story adds that he had no strong political or religious views and that one former classmate of his stated he didn't even believe the man could rent and drive a vehicle and that they believe that the attack may have been the result of him panicking behind the wheel.²⁴⁹. (LAMOUREUX & TIERNEY, 2018).

Na 256^orelac e última 256^orelaci do dia 24 de abril, *A brief history of 'Incel,' the misogynistic group allegedly cited by Toronto van attacker*, Lamoureux (2018) foca no grupo do qual Minassian faria parte. Ele faz um esboço de explicação sobre o que seria o *Incel*.

Incel is short for "involuntarily celibate" and centres itself on men who blame women for the fact that they aren't able to get laid. The group, while decentralized politically, is toxically misogynistic and virulently anti-feminist with many men wishing violence and rape upon women. The essential belief in the community is that the "system" is sexually rigged against men in favour

²⁴⁸ "Tudo sobre esta situação parece suspeito para mim", escreveu um moderador de um fórum chamado *Incels.me*, que passou por 'Master', em uma postagem, na terça-feira. 'Era claramente uma trolagem', escreveu outro pôster no *Incels.me*. A *Vice* entrou em contato com a Master no *Incels.me*, mas não obteve resposta imediatamente. 'Quem fala assim?', escreveu um usuário de / Pol /, o notório fórum de comunicações do 4chan, na segunda-feira, referindo-se à postagem no *Facebook* do Manissian, 'Sgt. 4chan'. 'Totalmente um de nós 4Channers', escreveu outro. No / r9k /, outro notório tabuleiro de 4chan, os usuários também ficaram incrédulos". (Tradução livre)

²⁴⁹ "Relatórios do *Globe and Mail* indicam que durante seu tempo no Seneca College, Minassian era um mago com tecnologia, mas também era imensamente socialmente desajeitado. A história diz que o Minassian 'mal falava, mal funcionava e tinha dificuldade em controlar os tiques'. A história acrescenta que ele não tinha opiniões políticas ou religiosas fortes e que um ex-colega declarou que ele nem acreditava que o homem [Minassian] pudesse alugar e dirigir um veículo, e que eles acreditam que o ataque pode ter sido o resultado dele em pânico, ao volante". (Tradução livre)

of women. The term *incel* was actually coined by a Toronto woman in 1993 but was co-opted by men in recent years²⁵⁰. (LAMOUREUX, 2018).

A narrativa prosseguiria informando as plataformas e sites onde o grupo costumava trocar ideias, como o Lookism.net, ou a página /r9k/, do 4chan, além *subreddit* do *r/incels*, onde chegara a contar com 40 mil membros, em 2017, ano em que fora banido do *Reddit*, por ter incitado a violência. O artigo continuaria relatando que apesar do banimento do *subreddit* do *r/incels*, os membros criaram outro, *r/Braincels*, que já aglomerava, naquele momento, cerca de 16.900 pessoas, como também a criação do *r/inceltears*.

Ali, os leitores também são introduzidos às principais gírias, ou ao vocabulário desse grupo, como os termos *Chads* e *Stacys* (que haviam sido utilizados na publicação de Manassian, em sua página pessoal do *Facebook*); também são lembrados das referências de Elliot Rodger e de suas declarações, publicadas em sua página do *Youtube*, antes de cometer o assassinato de seis pessoas e o ferimento de outras sete, em maio de 2014, nos Estados Unidos.

“I’m 22 years old and I’m still a virgin”, reads a portion of Rodgers manifesto. “I’ve never even kissed a girl. I’ve been through college for two and a half years, more than that actually, and I’m still a virgin. It has been very torturous. College is the time when everyone experiences those things such as sex and fun and pleasure. Within those years, I’ve had to rot in loneliness.

“It’s not fair. You girls have never been attracted to me. I don’t know why you girls aren’t attracted to me, but I will punish you all for it. It’s an injustice, a crime, because ... I don’t know what you don’t see in me”.²⁵¹ (LAMOUREUX, 2018).

No dia seguinte, 25 de abril, *Toxic masculinity is at the heart of this darkness*, o repórter chamado Drew Brown iria especular sobre a relação entre os dois maiores massacres acontecidos no Canadá com a misoginia como a principal causa para a ação de indivíduos que se autodenominam contrarrevolucionários, que, segundo eles, estariam atuando contra as

²⁵⁰ “*Incel* é a abreviação de “involuntariamente celibatário” e centra-se em homens que culpam as mulheres pelo fato de não conseguirem transar. O grupo, embora politicamente descentralizado, é toxicamente misógino e virulentamente antifeminista, com muitos homens desejando violência e estupro contra as mulheres. A crença essencial na comunidade é que o “sistema” é sexualmente manipulado contra os homens, em favor das mulheres. O termo *incel* foi cunhado por uma mulher de Toronto, em 1993, mas foi cooptado por homens nos últimos anos”. (Tradução livre)

²⁵¹ ““Tenho 22 anos e ainda sou virgem”, diz uma parte do manifesto de Rodgers. ‘Eu nunca beijei uma garota. Eu passei a faculdade por dois anos e meio, mais do que isso, e ainda sou virgem. Foi muito torturante. A faculdade é o momento em que todos experimentam essas coisas, como sexo, diversão e prazer. Dentro desses anos, tive que apodrecer na solidão.

““Não é justo. Vocês, garotas, nunca foram atraídas por mim. Eu não sei porque vocês, garotas, não são atraídas por mim, mas vou punir todos por isso. É uma injustiça, um crime, porque... não sei o que você não vê em mim”” (Tradução livre).

“falhas do mundo”. Além do assassinato múltiplo de Alek Minassian, a reportagem remete a uma ação ocorrida na cidade de Montreal, em 1989, quando um homem, denominado Marc Lépine, havia assassinado 14 pessoas.

Misogyny seems to be the fontspring closest to the poison well this violence draws on. But all these toxic streams—white nationalism, fundamentalist religion, gun fetishism, whatever—do the same work: they link masculinity and power with anger and violence in a way that promises an illusion of mastery and control to men who feel they have none²⁵² (DREW, 2018).

O repórter aponta que o *Incel* traz um padrão histórico de emasculação, agravado por concepções próprias de hierarquias genéticas e biológicas, para a classificação das pessoas. Nessa hierarquia, em sua base, encontrar-se-iam os próprios *incels*, sofrendo com seus defeitos físicos e/ou psicológicos e compartilhando de suas experiências em plataformas on-line, como o *4chan*.

The common understanding is that *incel* anger grows out of their perception that they do not receive the sexual gratification they are entitled to by virtue of their place on the social pyramid, largely because feminism and the sexual revolution and multiculturalism and cultural Marxism and blah blah have encouraged women and minorities to usurp the natural order of things.²⁵³ (DREW, 2018)

De acordo com o repórter, para os simpatizantes de grupos similares ao *Incel*, tais mudanças sociais deveriam ser anuladas e eles mesmos seriam os responsáveis pela resistência, ou por colocar a ordem ao caos que o feminismo, a mistura das raças, ou o ganho das minorias, como um todo, que estariam causando estragos sobre ao esquema social “tradicional”.

To find yourself in a violent and cruel fantasy world that casts you as the rightful subhuman, to see the full terrible truth of the universe laid out before you that tells you you’re born only to lose. Nothing matters except sex and love and you will never have it. The world is too corrupt. This becomes a true contempt not only for all women but also all the men who sleep with them—the Chads and Staceys from the popular table in high school you could never

²⁵² “A misoginia parece ser a fonte mais próxima do veneno que esta violência atrai. Mas todas essas correntes tóxicas – nacionalismo branco, religião fundamentalista, fetichismo armado, qualquer coisa – fazem o mesmo trabalho: ligam masculinidade e poder à raiva, e à violência de uma forma que promete uma ilusão de domínio e controle a homens, que acham que não têm nada”. (Tradução livre)

²⁵³ “O entendimento comum é que a raiva do *Incel* cresce a partir de sua percepção de que eles não recebem a gratificação sexual a que têm direito, em virtude de seu lugar na pirâmide social, em grande parte, porque o feminismo e a revolução sexual, o multiculturalismo e o marxismo cultural e blá blá blá têm encorajado mulheres e minorias a usurpar a ordem natural das coisas”. (Tradução livre)

sit at, now transformed into metaphysical social units that walk the streets and mock you with their very existence.²⁵⁴ (DREW, 2018).

No mesmo dia, na reportagem *How the incel 259orrelaci is reckoning with the Toronto van attack*, as jornalistas Rachel Browne e Vanmala Subramaniam trazem a repercussão do atentado entre as comunidades virtuais dos celibatários involuntários, como também a partir de um *podcast* produzido pela própria comunidade *Incel*, em que o apresentador e seus ouvintes condenam os atos de violência e especulam sobre modos de impedir que acontecimentos de violência como aquele se realizem novamente. No entanto, segundo as repórteres, aqueles questionamentos não os impediriam de entenderem e culparem a estrutura social, como uma das responsáveis, por causar “a privação de seus direitos”.

“I don’t support these kind of attacks, really, but I mean, this is the result of what happens when people are ... especially young ugly dudes, are just isolated from society completely,” said another guest who called himself “Mike Pence”.²⁵⁵ (BROWNE & SUBRAMANIAM, 2018).

Também é citado o posicionamento de um psicoterapeuta, Sam Louie, cujo paciente era próximo ao assassino e com patologias em comum, como depressão, ansiedade social e baixa autoestima. O especialista lembra que há um número crescente de jovens que nutrem um sentimento profundo de solidão e de privação de seus direitos, que teriam a potencialidade de compartilhar dos mesmos sentimentos dos *Incels*. Além disso, é apresentada uma pesquisa da *Georgia State University*, publicada ainda 2001, que aponta um perfil dos celibatários involuntários.

Out of 82 self-identified *incels* (...), most were virgins who suffered from some sort of mental or physical disability like autism. Some were young single people with no diagnosed disabilities who had trouble meeting partners, and were often extremely frustrated, depressed, and angry.²⁵⁶ (BROWNE & SUBRAMANIAM, 2018)

²⁵⁴ “Encontrar-se em um mundo de fantasia violento e cruel que o coloca como o sub-humano de direito, para ver a terrível verdade do universo exposta diante de você que lhe diz que você nasceu apenas para perder. Nada importa, exceto sexo e amor, e você nunca terá isso. O mundo é corrupto demais. Isso se torna um verdadeiro desprezo não apenas para todas as mulheres, mas também para todos os homens que dormem com elas – os Chads e Staceys da mesa popular da escola, que você nunca poderia sentar, agora transformadas em unidades sociais metafísicas que andam pelas ruas e zombam de você com sua própria existência”. (Tradução livre)

²⁵⁵ ““Eu não apoio esse tipo de ataque, na verdade, mas quero dizer, isso é o resultado do que acontece quando as pessoas são... especialmente caras jovens e feios, são completamente isolados da sociedade completamente”, disse outro convidado que se chamava ‘Mike Pence’”. (Tradução livre)

²⁵⁶ “Dos 82 incisos autoidentificados pesquisados por pesquisadores da *Georgia State University* em 2001, a maioria era de virgens que sofriam de algum tipo de deficiência mental, ou física, como o autismo. Alguns eram jovens solteiros, sem deficiências diagnosticadas, que tinham problemas em encontrar parceiras e, muitas vezes, estavam extremamente frustrados, deprimidos e zangados”. (Tradução livre)

O tema voltaria a ser pautado em junho do mesmo ano, com outras duas reportagens, originalmente publicadas pela redação norte-americana. Em *Inside the disturbing 260 incel use to brutally criticize each other's faces*, Allie Conti (2018) aborda a experiência vivida por jovens rapazes em outra plataforma utilizada pelos *incels*, o Lookism.net, um espaço virtual onde as pessoas podem publicar suas imagens, de modo anônimo, e aguardar pitacos sobre como podem melhorar sua aparência.

That might be the understatement of the century: Denizens obsess over the idea of the “perfect face” in hopes of figuring out how they might reconstruct their own, however recklessly, so as to attract mates. A popular section of the site contains rate-me threads, where *incels* post selfies so anonymous commenters can make recommendations on how they can “looksmax” – or get more attractive²⁵⁷. (CONTI, 2018).

Na reportagem, apesar de não apresentar exatamente a real procedência de seus personagens, a jornalista pontua as impressões e os sentimentos dos garotos envolvidos com a plataforma, a partir de declarações anônimas, produzidas em troca de mensagens com a repórter.

To wit: I didn't see a single post from someone who had actually gone through with surgery during my month lurking the board. “Personally, I've seen a lot more talk about surgery than results, “one user who goes by “Wario” told me. Another guy who's posted almost 13,000 times on Lookism since 2015 under the handle “ugliest” told me that “95% is bullshitting. 5% is getting” when it came to facial reconstruction. Some users described their postings on the site as an addiction, while others said they simply enjoyed being part of a nihilistic board because, ironic though it may sound, they saw it as a judgment-free zone. “There definitely aren't a lot—if any—other places where you can post your controversial opinion without it being deleted,” ugliest added. “4chan comes to mind, but it's not as readable as this website. And Reddit will censor most controversial opinions”²⁵⁸. (CONTI, 2018).

²⁵⁷ “Esse pode ser o eufemismo do século: os cidadãos ficam obcecados com a ideia do ‘rosto perfeito’, na esperança de descobrir como poderiam reconstruir os seus, mesmo que de forma imprudente, de modo a atrair parceiros. Uma seção popular do site contém tópicos de avaliação, onde *incels* postam selfies para que os comentadores anônimos possam fazer recomendações sobre como eles podem ‘parecer mais’ – ou ficar mais atraentes”. (Tradução livre)

²⁵⁸ “A saber: eu não vi um único post de alguém que realmente passou por cirurgia, durante o meu mês, à espreita do conselho. ‘Pessoalmente, tenho visto muito mais falar sobre cirurgia do que sobre resultados’, disse um usuário que conhece ‘Wario’. Outro cara que postou quase 13 mil vezes no Lookism desde 2015, usuário identificado como ‘mais feio’, me disse que ‘95% é besteira. 5% está ficando’ quando se trata de reconstrução facial. Alguns usuários descreveram suas postagens no site como um vício, enquanto outros disseram que simplesmente gostavam de fazer parte de um conselho niilista, porque, por mais irônico que pareça, eles viam isso como uma zona livre de julgamentos. ‘Definitivamente não há muitos – se houver – outros lugares onde você possa postar sua opinião controversa, sem que ela seja excluída’, acrescentou o mais feio. ‘O 4chan vem à mente, mas não é tão legível quanto este site. E o Reddit censurará as opiniões mais controversas’”. (Tradução livre)

Esta reportagem ganha também a opinião de especialistas e a discussão entra muito mais no âmbito de se identificar e ajudar pessoas que tendem a desenvolver patologias semelhantes, a partir do uso de ferramentas de compartilhamento de conteúdo, como aquela abordada. Dois dias depois, no dia 26 de junho, Conti tem outra reportagem publicada: *Learn to decode the secret language of the incel subculture*, em que o título convida os leitores literalmente a aprender a decodificarem a linguagem da subcultura *Incel*. Essa aprendizagem, porém, se dá a partir da experiência de descoberta de um jovem, denominado Michael (personagem com quem a repórter entraria em contato, apenas pela rede), que acabaria se identificando com as terminologias e experiências apresentadas pelos subreddits, relacionados ao *Incel*.

Ali, a repórter faz a apresentação do vocabulário de classificação das pessoas pelos *incels*, para nomear as diferentes dificuldades, ou performances dos indivíduos, diante do ato de conquista, aceitação ou mesmo da rejeição de seu par romântico, como *ascending*; *aspie*; *blackpill*; *bonesmashing*; *boyoy*; *brad*; *roastie*; *stacy*; *currycel/ricecel*; *femoid*; *gymcel*; *lookism*; *looksmax*; *manlet*; *mewing*; *MGTOW*; *mogged*; *roidcel*; *Redpill*; *wristcel*: todos estes termos seriam comuns entre os tópicos de discussão dos *incels*.

The *incel* world is not unique within the wide array of misogynist and other fringe American subcultures for providing adherents a shared dialect with which to spread toxic ideas. But if you're not already steeped in the primordial muck of the broader manosphere, it can be exceedingly difficult to parse what these people are talking about, and why. As J.M. Berger, an analyst of the intersection between radical ideology and social media and author of the forthcoming book *Extremism* explained, the *incel* community is still relatively new, small and understudied. "Another complicating factor is that a lot of different ideological strains are currently consolidated under the alt-right heading," he told me. "Drilling down into the component parts of the alt-right is a challenge, and it's sometimes easier for people to just treat it as a more cohesive group than it actually is".²⁵⁹ (CONTI, 2018)

No mês seguinte *This is what the life of bem incel looks like* abordaria parte desse vocabulário, a partir de uma reportagem mais intimista, em que um dos membros *incels* é identificado pela primeira vez, entre os personagens presentes nas reportagens da *Vice*. Nesta, são apontados os sentimentos e angústias pessoais do personagem; a repórter, Elle Reeve

²⁵⁹ "O mundo *Incel* não é único dentro da ampla gama de subculturas americanas misóginas e outras franjas para fornecer aos adeptos um dialeto compartilhado com o qual espalhar ideias tóxicas. Mas se você já não está mergulhado na lama primordial da manosphere mais ampla, pode ser extremamente difícil analisar o que essas pessoas estão falando e por quê. Como J.M. Berger, analista da interseção entre ideologia radical e mídia social e autor do próximo livro *Extremism* explicou, a comunidade *incel* ainda é relativamente nova, pequena e pouco estudada. 'Outro fator complicador é que muitas linhagens ideológicas diferentes estão atualmente consolidadas sob o cabeçalho *alt-right*', ele me disse. 'Explorar as partes componentes do *alt-right* é um desafio, e às vezes é mais fácil para as pessoas apenas lhe tratar como um grupo mais coeso do que realmente é'". (Tradução livre)

(2018), acompanha a vida de Joey, “um virgem de 23 anos”, de frente ao seu *laptop*, em seu estúdio, trocando ideias com outros companheiros, de angústias e com sentimentos semelhantes, em uma plataforma virtual.

Incels believe that they are doomed by society’s cruel rules to never have sex, because they are too ugly or socially awkward. On paper, Joey should not be one of them. He is attractive and smart and funny, and he has the social skills many *incels* believe they lack. But these are his people. “I’m addicted to it, because, like, I find the people I talk to online way more interesting than the celebrities that our society holds up,” Joey said. “I’ve just never met people this interesting, and you’re willing to say things about yourself — that you would never tell anyone in real life – online”²⁶⁰ (REEVE, 2018).

Ao explicar como conseguiu conversar pessoalmente com seu personagem, a repórter diz que chegou até ele a partir de uma “ponte do mundo político radical da internet”, que ela havia conhecido numa sala de bate-papo virtual. Reeve (2018) comenta que precisou de algumas semanas de conversas na plataforma do Discord, até Joey, o *incel*, aceitar 262orrelac-la presencialmente, para uma entrevista.

Joey doesn’t have a job, and he’s not in school. His mom pays for his apartment. He didn’t go to college, because he wasn’t mentally healthy when he graduated high school. He says he’s been diagnosed with obsessive-compulsive disorder, agoraphobia, social anxiety, and social paranoia, the latter of which he says isn’t a thing. He’s been prescribed SSRIs, SSNIs, benzodiazepines, tricyclic antidepressants. “I’ve literally been to some of the best psychologists in the country, and not one of them hinted that my problem may be societal,” Joey explained on Discord. “They all acted as if it was specific, and drugs were all that helped. Then when I started going online, I realized there is literally an epidemic of men just like me”²⁶¹ (REEVE, 2018).

A reportagem prossegue com Joey visitando páginas do Lookism.net, conversando entre amigos, em sua sala do Tynychat; com ele pontuando que a preocupação como a estética vivida

²⁶⁰ “*Incels* acreditam que eles estão condenados pelas regras cruéis da sociedade a nunca fazer sexo, porque eles são muito feios, ou socialmente desajeitados. No papel, Joey não deveria ser um deles. Ele é atraente, esperto e engraçado, e tem as habilidades sociais que muitos *incels* acreditam que lhes falta. Mas estes são o seu povo. ‘Eu sou viciado nisso, porque, tipo, eu acho as pessoas com quem falo on-line muito mais interessantes do que as celebridades que nossa sociedade mantém’, disse Joey. Eu nunca conheci pessoas tão interessantes, e você está disposto a dizer coisas sobre si mesmo – que você nunca diria a ninguém na vida real – on-line” (Tradução livre).

²⁶¹ “Joey não tem emprego e não está na escola. Sua mãe paga por seu apartamento. Ele não foi para a faculdade porque não era mentalmente saudável, quando se formou no ensino médio. Ele diz que foi diagnosticado com transtorno obsessivo-compulsivo, agorafobia, ansiedade social e paranoia social, o último dos quais ele diz que não é uma coisa. Ele foi prescrito SSRIs [Síndrome de descontinuação antidepressiva], SSNIs [antidepressivos], benzodiazepínicos, antidepressivos tricíclicos. ‘Eu já estive literalmente em alguns dos melhores psicólogos do país, e nenhum deles sugeriu que meu problema pode ser social’, explicou Joey, no Discord. ‘Todos agiam como se fossem específicos, e as drogas, foram todas elas que ajudaram. Então, quando comecei a ficar on-line, percebi que há literalmente uma epidemia de homens como eu’” (Tradução livre).

entre os homens usuários daquela plataforma indicava que a cobertura midiática talvez estivesse equivocada em identificar a hipermasculinidade como causa para a formação da comunidade *Incel*. Joey entenderia que na verdade trata-se do contrário, do processo de emasculação e sentimento de perda da função da masculinidade que estaria atraindo tantos indivíduos a participarem destas plataformas virtuais.

He claimed media outlets like Vice are pushing “degeneracy” and demeaning masculinity. “You guys have males who look like me though, you know? You guys don’t have masculine men, I don’t think, on Vice.” As Joey pulled me further into the world of *incels*, it became clear this brand of misogyny was a circular expression of self-hatred: I am weak, like a woman. Women have made me weak²⁶² (REEVE, 2018).

A história prossegue falando de um de seus amigos – de apelido Nux – que havia se suicidado semanas após a visita da repórter à casa de Joey. Junto a essa informação, a vida desse personagem é detalhada – ainda que não tenha seu nome identificado, ou algo que comprovasse realmente a sua existência.

Parte da trajetória pessoal do personagem suicida é comentada pelo próprio Nux, em suas antigas mensagens, deixadas nas plataformas virtuais. Conforme a repórter, essas mensagens se tornariam referência para a criação de uma narrativa comum que despertara a identificação entre seus amigos, inclusive a empatia de Joey.

O movimento *Incel* voltaria a ganhar a página da *Vice* no final de agosto daquele ano, com uma série de reportagens e ensaios dedicados à temática. No dia 26, *How lonely men are radicalized on-line and turn their rage into violence*, Mashina Krishnan (2018), além de retomar a história dos assassinatos ocasionados por Alek Minassian e Elliot Rodger, tenta buscar uma compreensão das razões de homens socialmente isolados culparem as mulheres por seus problemas sociais. Para isso, ela reproduz entrevistas realizadas com especialistas e ex-usuários das comunidades frequentadas pelos *incels*.

Alexandre Bissonnette, the 28-year-old responsible for slaughtering six Muslim men in Quebec City last year, obsessively subscribed to alt-right media that frequently derides “social justice warriors.” Marc Lepine, who carried out the École Polytechnique massacre, shouted “I hate feminists” as he gunned women down. And that’s to say nothing of the cases of femicide

²⁶² “Ele afirmou que meios de comunicação como *Vice* estão promovendo a degeneração e humilhantes masculinidades. ‘Vocês têm machos que se parecem comigo, sabe? Vocês não têm homens masculinos, eu não acho, na *Vice*’. Quando Joey me puxou ainda mais para o mundo dos *incels*, ficou claro que essa marca, a misoginia era uma expressão circular de auto-ódio: sou fraco, como uma mulher, as mulheres me enfraqueceram” (Tradução livre).

that occur across the country on a regular basis—a woman in Canada is killed by her male partner every six days.

But what is causing the rage behind these attacks?

“The nexus is racism, misogyny, and loneliness,” said Judith Taylor, a women and gender studies professor at the University of Toronto. “There’s a resentment against feminism for changing society such that wives aren’t dispersed equally and evenly among men... and a resentment against immigrants and people of colour for either showing themselves to be more masculine or taking jobs and educational positions that should be the purview of white men”²⁶³ (KRISHNAN, 2018).

A narrativa continua explicando que parte da culpa desse sentimento compartilhado de ódio entre os *incels* pelas mulheres, seria alimentada nas mídias, ou especificamente a partir da *web*, que substituiria as tradicionais válvulas de escape, como a conversa entre amigos nos ambientes convencionais de socialização, pela troca contínua de mensagens entre anônimos raivosos. Além disso, segundo a reportagem, a falta de educação, de emprego e de autoestima, essa série de fatores ajudaria a piorar a falta de perspectivas daqueles indivíduos, que iriam preferir culpabilizar as mulheres e/ou minorias sociais de diferentes ordens, pelo seu mal-estar. Por outro lado, o posicionamento de alguns antigos ex-simpatizantes do *Incel*, entrevistados pela repórter, vai ajudar a pontuar que muito daquele discurso é levado a título de brincadeira e a maior parte dos indivíduos que compartilham aquele tipo de conteúdo, de ódio contra determinadas categorias sociais, não seria capaz de cometer atentados às vidas alheias.

No dia 29, *No, sex dolls won’t stop future incel attacks*, de redação de Connor Garel, o tema *Incel* volta a ser discutido, mas como retransmissão para a discussão do uso de bonecas sexuais como uma saída encontrada por alguns negociantes de serviços, para sanar parte dos sentimentos de homens ressentidos com a sua falta de habilidade na forma de lidar com as mulheres. O texto traz a opinião de um dono de bordel desse tipo de bonecas, sediado em Toronto, e de especialistas na área de violência sexual e da justiça criminal, que irão refutar o uso das bonecas como solução para impedir a violência contra o gênero feminino.

²⁶³ “Alexandre Bissonnette, de 28 anos, responsável pelo massacre de seis homens muçulmanos na cidade de Quebec, no ano passado, submeteu-se obsessivamente à mídia *alt-right*, que frequentemente ridiculariza ‘guerreiros de justiça social’. Marc Lepine, que realizou o massacre da École Polytechnique, gritou ‘Eu odeio feministas’, enquanto ele matava mulheres. E isso, para não falar dos casos de feminicídio que ocorrem em todo o país regularmente – uma mulher no Canadá é morta pelo seu parceiro a cada seis dias.

“Mas o que está causando a raiva por trás desses ataques?”

“O nexo é racismo, misoginia e solidão”, disse Judith Taylor, professora de mulheres e estudos de gênero da Universidade de Toronto. “Há um ressentimento contra o feminismo, por mudar a sociedade, de modo que as esposas não sejam dispersas igualmente entre os homens... e um ressentimento contra os imigrantes e pessoas de cor, por se mostrarem mais masculinos, ou em empregos e posições educacionais de homens brancos” (Tradução livre).

“I think it is, at best, a very silly argument, and in its worst manifestation, I think it’s incredibly dangerous”, Julie Lalonde, women’s right advocate and public educator, told VICE. “It [reproduces] the core of this whole issue, which is male entitlement, and the idea that we should find somebody to satisfy [men] rather than talking about why their satisfaction is our primary concern”²⁶⁴ (GAREL, 2018).

A última das reportagens sobre o *Incel*, aqui analisada, foi publicada no dia 30 de agosto de 2018, prazo final para o acesso total de nossa pesquisa às publicações da *Vice* Canadá. *Edmonton man uses ‘involuntary celibacy’ as excuse in stomping death*, de Allison Tierney, nos conta a história de um assassino confesso, morador da cidade de Edmonton, capital da Província de Alberta. Sheldon Russell Bentley, o personagem desse último texto se autodenominava *Incel* e responsabilizava sua participação no grupo como parte da origem para seu comportamento violento, argumento que seria negado por um especialista também entrevistado por Tierney (2018).

A reportagem aborda o comportamento psicológico e os hábitos de Sheldon, para caracterizar sua personalidade insegura, que são tomados como referência para a necessidade de se pensar a prevenção e o agravamento da violência ocasionada pela masculinidade afetada dos homens.

“According to Felix Amato, associate professor in the School of Social Work at Salem State University, Bentley’s “involuntary celibacy” may tell part of the story of how the man became violent, but it doesn’t excuse the behavior”. (...)

“Amato said access to mental health treatment needs to be increased to address issues with toxic masculinity in our society. As well, he said education on the topic needs to be part of schooling so that young boys and men learn about these issues from an early age”²⁶⁵ (TIERNEY, 2018).

Ao finalizarmos as análises das narrativas das reportagens sobre o *Incel*, é necessário pontuar que todas as matérias reproduzidas acima possuem links que relacionam umas as outras,

²⁶⁴ “‘Eu acho que é, na melhor das hipóteses, um argumento muito bobo, e em sua pior manifestação, eu acho que é incrivelmente perigoso’, disse Julie Lalonde, defensora dos direitos das mulheres e educadora pública, à Vice. ‘Ele [reproduz] o núcleo de toda essa questão, que é o direito masculino, e a ideia de que devemos encontrar alguém para satisfazer [os homens] em vez de falar sobre por que sua satisfação é nossa principal preocupação’” (Tradução livre).

²⁶⁵ “‘De acordo com Felix Amato, professor adjunto da Escola de Serviço Social da Universidade Estadual de Salem, o ‘celibato involuntário’ de Bentley pode contar parte da história de como o homem se tornou violento, mas isso não justifica o comportamento’”. (...)

“Amato disse que o acesso ao tratamento de saúde mental precisa ser aumentado, para resolver problemas com a masculinidade tóxica em nossa sociedade. Além disso, ele disse que a educação sobre o tema precisa fazer parte da escolaridade para que meninos e homens jovens aprendam sobre essas questões, desde cedo” (Tradução livre).

que não só se remetem, como suas informações se completam, sem posições adversas, demonstrando que elas possuem uma linha de compreensão semelhante e o tema, apesar de novo, aparece sob um olhar, quase que conclusivo.

Em conjunto, as reportagens se reforçariam na reprodução de um estilo de vida adotado por homens jovens, que se caracterizariam pela ausência de habilidades de comunicação e/ou psicológicas e pelo incômodo com determinadas categorias sociais: mas, particularmente as mulheres.

Talvez uma das poucas exceções apresentadas entre as narrativas ao modo de compreensão do mundo *Incel* seja a de *This is what the life of bem incel looks like*, quando o personagem de Reeve (2018), Joey, aponta que parte da culpa para o desconforto daqueles jovens seria a própria mídia, com a reprodução de homens cada vez menos masculinizados; além disso, em *How the incel 266orrelaci is reckoning with the Toronto van attack*, de Browne e Subramaniam (2018), é reproduzido o conteúdo de um *podcast* voltado aos celibatários 266orrelaciona266, em que o apresentador, Jack Peterson, reclama que atentados como aqueles poderiam distorcer a imagem da comunidade.

While many *incels* praised the Toronto van attack and Minassian as “our next new saint,” Peterson and his guests spent much of the show, which was posted on Tuesday, condemning the attack. Though Minassian’s links to the movement remain unclear, the incident has forced members of the community to confront calls for violence from within, and the potential for future acts of violence.

“I don’t condone violence, I don’t condone murder. I don’t support Elliot Rodger,” Peterson declares at the start of the two-hour show. “And I think that you would be misrepresenting the *incel* community to say that most of us feel that way”²⁶⁶. (BROWNE & SUBRAMANIAM, 2018).

Ao longo das 12 matérias, abordando a comunidade *Incel*, são notados três tipos de personagens: aqueles que cometeram atentados; os membros participantes de comunidades virtuais; além dos especialistas e estudiosos sobre o tema. Aos primeiros, os repórteres não têm acesso direto, mas reproduzem informações já veiculadas em outras páginas noticiosas e, principalmente, a partir de suas páginas pessoais, em plataformas de disponibilização de

²⁶⁶ “Enquanto muitos *incels* elogiaram o ataque van de Toronto e Minassian como ‘nosso próximo novo santo’, Peterson e seus convidados passaram grande parte do show, que foi publicado na terça-feira, condenando o ataque. Embora as ligações de Minassian ao movimento permaneçam obscuras, o incidente forçou os membros da comunidade a confrontar os pedidos de violência de dentro, e o potencial para futuros atos de violência.

“‘Eu não tolero a violência, eu não tolero assassinato. Eu não apoio Elliot Rodger’, Peterson declara no início do show de duas horas. ‘E eu acho que você estaria deturpando a comunidade *incel* para dizer que a maioria de nós se sente assim’” (Tradução livre).

conteúdo, como *Youtube* – esse é o caso de Elliot Rodger – e do *Facebook*, caso específico de Alek Minassian.

Em relação à segunda categoria de personagens – os membros participantes de comunidades virtuais – o contato do repórter com essas figuras se dá exclusivamente por meio de plataformas sociais; dificilmente eles chegam a ter o contato pessoal, ou mesmo conhecer suas verdadeiras identidades, como aconteceu em *This is what the life of bem incel looks like*, uma reportagem realizada em entrevista com Joey, um usuário de páginas frequentadas por celibatários involuntários que conversou com Reeve (2018).

We wanted to talk to an *incel* on camera, someone who could explain this subculture and where it came from. A source from the radical political internet world put me in touch with Joey. (They'd met in a chatroom.) After a few weeks of chatting on Discord, a text and voice app designed for gamers, Joey agreed to an interview, and a tour of his online world²⁶⁷ (REEVE, 2018).

Mas é com a terceira categoria de personagens, os especialistas (sociólogos e psicólogos, principalmente), que os jornalistas vão buscar sentido para a ação daquela comunidade. *How the incel 267orrelaci is reckoning with the Toronto van attack*, de Rachel Browne e Vanmala Subramaniam (2018); *Inside the disturbing 267orre incels use to brutally criticize each other's faces*, de Allie Conti (2018); *How lonely men are radicalized online and turn their rage into violence*, de Manisha Krishnan; *No, sex dolls won't stop future incel attacks*, de Connor Garel (2018); e *Edmonton man uses 'involuntary celibacy' as excuse in stomping death*, de Allison Tierney (2018), em que são explicadas a falta de sociabilidade e as patologias, como causas para o comportamento daqueles sujeitos, além de especulações sobre o tratamento.

"If someone wants to open up or frequent a sex doll brothel, do it – but don't pretend there are societal benefits, particularly for women and girls, because there is no evidence to support the argument," Myrna Dawson, Director of the Centre for the Study of Social and Legal Responses to Violence at the University of Guelph, told VICE. "It is a purely-for-profit venture, not a violence prevention initiative".²⁶⁸ (GAREL, 2018).

²⁶⁷ “Queríamos conversar com um *incel* diante das câmeras, alguém que pudesse explicar essa subcultura e de onde ela veio. Uma fonte do mundo político radical da internet me colocou em contato com Joey. (Eles se conheceram em uma sala de bate-papo). Depois de algumas semanas conversando sobre o Discord, um aplicativo de texto e voz projetado para jogadores, Joey concordou com uma entrevista e um tour pelo mundo on-line” (Tradução livre).

²⁶⁸ “Se alguém quiser abrir ou frequentar um bordel de bonecas sexuais, faça-o – mas não finja que existem benefícios sociais, especialmente para mulheres e meninas, porque não há evidências para apoiar o argumento”, Myrna Dawson, diretora do Centro para o Estudo das Respostas Sociais e Legais à Violência na Universidade de

Como na maior parte do tempo nem os repórteres têm acesso direto às fontes primárias, os leitores da *Vice* acabam lidando com as informações, principalmente, a partir das plataformas de produção de conteúdo, disponíveis nas redes, desde *Discord*, *Lookism*, *4Chan*, *Reddit*, até aquelas mais *mainstream*, como *Facebook* e *Youtube*. Tais informações, geralmente opiniões de usuários, são tomadas como fontes fidedignas para a representação dos discursos dos celibatários involuntários, criando uma noção de realidade que pode ser colocada em dúvida, dada a falta de acesso direto aos personagens. Isso ocorre também porque os repórteres estão diante da dispersão de uma comunidade não estruturada e espalhada por trás das plataformas virtuais, que exigiria deles, na produção de suas narrativas, a necessidade de condensação de um conjunto imenso de informações obtidas nas redes, tornando um grande desafio para os repórteres – que não apresentam auxílio de garimpagem e interpretação de dados – assegurar um significado fidedigno e compreensível para aqueles acontecimentos.

Assim, na tentativa de compreensão mais aprofundada para os atentados ocorridos pelos membros *incels*, aquelas plataformas seriam as únicas fontes primárias capazes de proporcionar aos repórteres o acesso aos sentimentos, angústias e discursos de indivíduos, que se encaixariam no perfil do movimento. A partir da reprodução das conversas dos usuários daquelas plataformas, as narrativas seriam enriquecidas pelas gírias – e a introdução de seus significados – que tentariam dar maior conhecimento ao universo abordado – no entanto, se essas ferramentas discursivas são capazes de levar aos repórteres a possibilidade de chegar aos membros e perfis de celibatários involuntários, para construir suas narrativas, a veracidade ali exposta, os sentimentos e discursos presentes entre as mensagens trocadas pelos seus usuários, não parecem ser colocados em dúvida, o que levaria aos jornalistas a execução planificada das realidades mencionadas, muitas vezes as transformando em “historietas virtuais”, cheias de estereótipos, em que os atores, suas gírias, os papéis por eles adotados naquelas plataformas, e reproduzidos nas mídias, servem de repertório para a produção de um produto cultural plano e de acordo com o conceito de fantasias-clichê, de Prokop (in MARCONDES FILHO, 1986).

Ademais, ao retratar os valores e as interpretações de suas angústias, sob o olhar dos especialistas, as reportagens fazem com que o leitor entre em contato pela primeira vez com um novo mundo que não é usualmente reproduzido nas mídias *mainstream*, dando a eles a possibilidade de sua expansão e popularização de seus valores, discursos e práticas, como haviam comentado Kimmel (2018), Miller-Idriss (2017) e Nagle (2017).

Guelph, disse à *Vice*. ‘É uma iniciativa puramente lucrativa, não uma iniciativa de prevenção da violência’’.
(Tradução livre)

8.2 Xenofobia e chauvinismo entre os SoO

Naquele mesmo tempo em que eram publicadas as reportagens sobre o *Incel*, outro fenômeno representante do *alt-right* passou a ser pauta comum entre os repórteres da *Vice*. *Soldiers of Odin, Europe's notorious anti-immigration group, is beginning to form cells in Canada*²⁶⁹, *Soldiers of Odin tangled with anti-racism protesters in Vancouver*²⁷⁰, *Soldiers of Odin Canada splinters over allegiance to "racista" finnish group*²⁷¹, *Soldiers of Odin escalate from street patrols to vigilante investigations*²⁷², reportagens de Mack Lamoureux e *Les soldats de la guerre des valeurs*²⁷³, de Bem Makuch (2017), foram os títulos publicados pelas redações da *Vice*, no Canadá, especificamente pelas suas sucursais de Toronto e Montreal, entre abril de 2016 e setembro de 2017, abordando o movimento que tivera origem na Europa, mas que ganhara expressão nas províncias canadenses, os Soldados de Odin.

A primeira daquelas reportagens, *Soldiers of Odin, Europe's notorious anti-immigration group, is beginning to form cells in Canada*, publicada em 17 de abril de 2016, iria apontar o histórico de formação dos primeiros grupos do SoO, nos dois meses que antecediam a reportagem. Lamoureux (2016) marcaria uma entrevista com os membros da seção de Alberta, em um bar da cidade de Edmonton, capital da província. Daquele encontro, ele iria descrever a vestimenta usada pelos membros e o simbolismo que elas carregam em suas insígnias, presentes nas jaquetas daqueles indivíduos, como forma de caracterização das referências míticas do grupo. *"The group was twelve or so strong, with about half of the crew wearing shirts with the insignia of a Norse man with a Canadian flag for a beard"*²⁷⁴.

²⁶⁹ "Soldados de Odin, o notório grupo anti-imigração da Europa, estão começando a formar células no Canadá" (Tradução livre). Disponível em: https://www.vice.com/en_au/article/gqma9m/soldiers-of-odin-europes-notorious-anti-immigration-group-beginning-to-form-cells-in-canada. Acesso em: 29 jun. de 2018.

²⁷⁰ "Soldados de Odin se envolveram com manifestantes antirracismo em Vancouver" (Tradução livre). Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/8qjvzv/soldiers-of-odin-tangled-with-anti-racism-protesters-in-vancouver. Acesso em: 29 jun. 2018.

²⁷¹ "Soldados da Odin Canadá estilham por causa da fidelidade ao grupo finlandês 'racista'" (Tradução livre). Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/kbm4xv/soldiers-of-odin-canada-splinters-over-allegiance-to-anti-immigration. Acesso em: 29 jun. 2018.

²⁷² "Soldados de Odin vão de patrulhas de rua a investigações de vigilantes" (Tradução livre). Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/8x8gna/soldiers-of-odin-escalate-from-street-patrols-to-vigilante-investigations. Acesso em: 29 jun. 2018.

²⁷³ "Os soldados da guerra dos valores". (Tradução livre). Disponível em: https://video.vice.com/fr_ca/video/les-soldats-de-la-guerre-des-valeurs/58811077dba8a16007de726c. Acesso em: 29 jun. 2018.

²⁷⁴ "O grupo eram doze ou mais, com cerca de metade da tripulação vestindo camisetas com a insígnia de um homem nórdico, com uma bandeira canadense em sua barba" (Tradução livre).

Os membros foram identificados como sujeitos que se assemelhavam aos grupos de motoqueiros do *Hells Angels* – usualmente vistos em toda a América do Norte – tanto pelo humor intimidativo, apresentado pelos entrevistados daquele encontro, quanto pela aparência fechada com que se apresentaram ao repórter, reforçado pelos aspectos simbólicos que ostentavam, como a figura de um deus nórdico da morte e da guerra, Odin, em suas camisetas. A reportagem enfatizaria o quanto intimidado ficaria Lamoureux (2016), enquanto entrevistara aqueles sujeitos, a ponto de se sentir ameaçado e aproveitar uma oportunidade em que os entrevistados deram uma pausa para fumar, para que ele pudesse fugir do encontro e, assim, não tivesse sua identidade e documentos avaliados, conforme solicitado pelo líder do grupo dos SoO, de Edmonton.

A narrativa faz um breve histórico do grupo: cita o nascimento, na cidade de Kemi, na Finlândia, em outubro de 2015; a sua trajetória e expansão para outras cidades da Europa; também é reproduzida parte do discurso anti-imigratório e a repercussão midiática de argumentos que beirariam questões nazistas e de limpeza étnica, no país europeu. Segundo o repórter, toda essa construção simbólica do movimento teria efeitos diretos sobre a imagem do grupo, diante da população e das autoridades; em seu país de origem, eles costumavam ser vistos com pouca simpatia e muitas vezes eram denominados de “vigilantes da extrema direita”, ou mesmo de “neonazistas”, pelos veículos de comunicação e autoridades. Em reforço a essa má imagem, a reportagem lembraria uma das declarações emitidas pelo Ministro do Interior da Finlândia, Petteri Orpo, sobre o grupo. O político afirmaria que os SoO nutrem sentimentos racistas e anti-imigração e que suas ações não melhoravam a segurança, pelo contrário, a polícia finlandesa estava desperdiçando recursos para monitorá-los.

Mas, a *Vice* também atribui essa má fama do grupo ao próprio passado do líder finlandês, Mika Ranta, um autodenominado neonazista que tem uma trajetória de violência e que, por isso, já fora condenado, em 2005, após um ataque racial contra imigrantes.

The group gained infamy for their patrols, group events where they gather and march through the snowy streets of Finland as a show of intimidation to the refugees. There haven't been any reported acts of violence; the group has publicly stated they consider the patrols “observe-and-report styled patrols” but, if necessary, they will “come to the defense of anyone who may need us”²⁷⁵ (LAMOUREUX, 2016).

²⁷⁵ “O grupo ganhou infâmia por suas patrulhas, eventos em grupo onde eles se reúnem e marcham pelas ruas nevadas da Finlândia, como uma demonstração de intimidação aos refugiados. Não houve nenhum ato de violência relatado; o grupo afirmou publicamente que considera as patrulhas para ‘observar e relatar patrulhas estilizadas’, mas, se necessário, elas ‘virão em defesa de qualquer um que possa precisar de nós’” (Tradução livre).

Também é relatado que no momento da publicação da matéria, além de Alberta, as províncias de Quebec, Saskatchewan, Manitoba, New Brunswick, Ontário e Colúmbia Britânica, no Canadá, já apresentavam núcleos dos SoO, e que a maior parte deles seguia uma carta única que parecia estabelecer as regras para formação, organização e participação dos membros, como também justificar a sua existência, por meio de argumentos que exaltavam a necessidade de defender o país contra possíveis atentados à descendência cultural europeia, associando possíveis atos cometidos por refugiados contra a população local, já que estes, segundo aquele documento, odiavam a cultura ocidental.

Between the allowing of illegal aliens into this country and giving them the ability to vote and drive, accepting refugees from countries that hate us while Canadians are on the streets, releasing confirmed terrorists back to their organizations to cause more harm against Canada, and demonizing anything that has to do with European Culture to try and create racial tensions to turn citizens on one another; we as Soldiers Of Odin realize that it is time to take back our streets, provinces, and country²⁷⁶ (LAMOUREUX, 2016).

Apesar de informações colhidas em notícias de outro veículo de comunicação, *Daily Mail*, indicando que o grupo finlandês mantinha em seu discurso uma defesa aberta a favor da limpeza étnica das nações europeias e de citar outras fontes midiáticas, como a página *Anti-racist Canada*, que apontaria as relações existentes entre esses indivíduos e outros reconhecidamente supremacistas brancos, como o *Blood and Honour* e o *Creativity Movement*, inicialmente, aos olhos do repórter, a célula de Alberta não apresentaria seguir bandeiras tão extremistas, mas se assemelhava a um grupo de voluntários formados por um espírito de camaradagem, em busca de formas de ajudar a sua comunidade. No entanto, a dificuldade encontrada pelo repórter, em participar da página do grupo no *Facebook* lhe dava a impressão de que seus objetivos não eram tão claros, quanto afirmavam.

Edmonton's Soldiers of Odin is made up of men who said they love Canada "the way it is". The men were nice, charming at times, to my friend and I—albeit we were two white men—but it was also obvious that these were not men to cross²⁷⁷ (LAMOUREUX, 2016).

²⁷⁶ ““Entre a permissão de imigrantes ilegais para este país e a capacidade de votar e dirigir, aceitando refugiados de países que nos odeiam, enquanto os canadenses estão nas ruas, liberando terroristas confirmados de volta a suas organizações para causar mais danos ao Canadá e demonizando qualquer coisa que tenha a ver com a cultura europeia, para tentar criar tensões raciais e colocar os cidadãos uns contra outros; nós, como Soldados de Odin, percebemos que é hora de retomar nossas ruas, províncias e país”” (Tradução livre).

²⁷⁷ “Os Soldados de Odin de Edmonton são formados por homens que dizem que amam o Canadá ‘do jeito que é’. Os homens eram simpáticos, encantadores às vezes, para meu amigo e eu - embora fôssemos dois homens brancos -, mas também era óbvio que não eram homens para se atravessar” (Tradução livre).

Quando ainda tentava acessar as páginas sociais do grupo, Lamoureux (2016) teve que ocultar sua verdadeira identidade e criar uma fictícia, para poder ter acesso ao conteúdo do grupo público do grupo. Lá, ele pôde perceber uma categoria social dos membros, formados por motoristas de caminhão, homens do exército, aposentados, manipuladores, que se organizavam e difundiam suas ideias, a partir da internet, principalmente por meio do *Facebook*. O repórter apontaria que, ao contrário do que fora declarado em entrevista pessoal, estava presente entre o conteúdo compartilhado, em grande parte das mensagens publicadas nessas redes, o teor anti-islâmico, que segundo a *Vice*, seria reflexo de uma própria inclinação de parte da população canadense às bandeiras anti-imigratórias.

Para tentar explicar o panorama social e as possíveis razões para que o Canadá fosse plataforma para a disseminação de grupos como os *SoO*, constaria na reportagem a opinião de Amira Elghawaby, membro do Conselho Nacional de Canadenses Muçulmanos (*National Council of Canadian Muslims*, em inglês), que lembraria uma pesquisa Angus Reid, divulgada em 2015, na qual foi apontado, na ocasião, que 44% dos canadenses tinham uma visão negativa dos muçulmanos.

This isn't the first time that a foreign anti-immigration, or anti-Islamic, group has come to Canada and tried to establish itself. She references the anti-Islamic group Pegida that came here but couldn't find any traction. She says that "gives a lot of Canadians a lot of hope"²⁷⁸ (LAMOUREUX, 2016).

A reportagem é finalizada enfatizando um aumento no número de violência contra islâmicos no país, os correlacionando à onda anti-imigratória na Europa, como os ataques ocorridos em países como Alemanha e Bélgica, após a recepção de refugiados sírios pelos governos destes países.

Os *SoO* voltariam às páginas iniciais da *Vice* no ano seguinte, quando *Les soldats de la guerre des valeurs*, publicado no dia 1º de fevereiro de 2017, mostraria o repórter Bem Makuch debatendo com membros de diferentes seções dos *SoO* do Canadá. Nessa oportunidade, os sujeitos demonstrariam parte de seus receios, como a chegada de refugiados e de possíveis perigos trazidos pelos estrangeiros para o país. Ali, a reportagem lembra que o Canadá tem fama de ser um país passivo e receptivo, mas insinua que isso poderia estar mudando e um exemplo disso seria a disseminação de grupos como o *SoO*, movimento que estaria atrelado a

²⁷⁸ “esta não é a primeira vez que um grupo estrangeiro anti-imigração, ou anti-islâmico, vem ao Canadá e tenta se estabelecer. Ela faz referência ao grupo anti-islâmico Pegida, que veio para cá, mas não conseguiu encontrar tração. Ela diz que ‘dá muita esperança aos canadenses’” (Tradução livre).

rótulos como o supremacismo branco, o neonazismo e a extrema direita, herdados do grupo fundador, finlandês.

Makuch (2017) também pontua que existem milhares de membros do *SoO* espalhados pelo país, distribuídos entre diferentes atividades, como arrecadação e distribuição de alimentos e o patrulhamento, visando à manutenção da segurança, em suas comunidades. Para falar sobre tais atividades, ele conversa com líderes do grupo, como o presidente nacional do *SoO*, à época, Dave Tregget, e o vice-líder da seção de Maple Ridge, na província da Columbia Britânica, Gleen Smith. Ambos dizem conhecer o histórico do líder finlandês, Miko Ranta, das agressões e acusações que o grupo viria sofrendo na Europa, de que seriam neonazistas, mas os representantes canadenses se defendem dessas acusações, ao enfatizarem a autonomia do grupo, no país.

Por outro lado, como argumentos em comum, eles justificariam as ações do núcleo finlandês, ao explicarem que os membros das seções europeias estariam buscando formas de defender o continente europeu do “barbarismo” que as comunidades islâmicas poderiam trazer para os seus países; também destacariam que os *SoO* não seriam contra determinadas raças, mas a favor da manutenção cultural do Canadá, que seria de etnia europeia.

O repórter então participa de um dia de patrulhamento, com o grupo de Maple Ridge – todos identificados com insígnias do *SoO* – ao tempo em que ele situa o leitor sobre o local patrulhado como um lugar seguro e que provavelmente aqueles sujeitos estariam fazendo a atividade apenas para se apresentarem aos moradores. É nesse momento que Makuch (2017) tem a oportunidade de entrevistar um integrante de 21 anos, Kristopher Erickson, e 273orrelac-lo do porquê de seu interesse em participar do grupo. O rapaz responde que está preocupado com a possibilidade de o Canadá passar por experiências semelhantes à Europa, como ataques do Estado Islâmico, ou a entrada descontrolada de refugiados.

Na videoreportagem, também é exibida uma ação dos *SoO* em uma outra situação, em uma manifestação do grupo contra o Islamismo e de um possível confronto com coletivos antifascistas. Nessa ocasião, percebendo que estão em número menor, os *SoO* solicitam ajuda ao grupo Atalante e os membros deste grupo amigo são logo mostrados na reportagem, ameaçando o enfrentamento contra os antifas.

Ao partir para Edmonton, Alberta, o repórter busca conversar com a comunidade muçulmana, para dar ênfase aos casos de islamofobia que acontecem na cidade, seja por meio de panfletos, que disseminavam mensagens de ódio contra a cultura Islã, ou de casos de agressões e vandalismo em mesquitas. No entanto, não são mostradas conexões claras entre esses atos e as atividades dos membros do *SoO*. Mas, como forma de pontuar possíveis

associações entre o fenômeno do aumento da violência contra os islâmicos e o SoO, a reportagem traz a opinião de um especialista em extrema direita, Ryan Scrivens. Para o especialista, a negação dos membros de que não são racistas seria apenas uma tentativa de o grupo ganhar maior adesão e se tornar mais aceitável, justificando suas ideias. Segundo ele, a extrema direita estaria mudando com o tempo. Eles não estariam andando mais com tatuagens típicas de *skinheads*, insígnias neonazistas, ou camisas do exército, porque isso não funcionaria mais, por isso a necessidade de utilizarem novos formatos, ou novos discursos.

Cerca de um mês depois, no dia 27 de março de 2017, *Soldiers of Odin tangled with anti-racism protesters in Vancouver* traz mais uma ação dos SoO de Vancouver, quando, em conjunto com o grupo *Free Speech*, da Universidade de British Columbia, resolvem acompanhar uma marcha antirracista e terminam o dia em confusão. Esta nova reportagem apresenta, de forma breve, quem são os *Soldiers of Odin*, mas desta vez, as informações se resumem às ações pontuais daquela atividade e aos comentários pessoais de um dos organizadores da marcha antifascista, Imtiaz Popat.

Racist sentiments or not, the group fancies themselves a modern day Guardian Angels and do marches through major cities to protect their fellow citizen which some claim is an attempt to intimidate. Prior to this, the Soldiers typically would only go to events where their presence was wanted—such as anti-anti-islamophobia, and anti-M-103 rallies—but the group was clearly out of place in this sort of march.

Pophet said that this wasn't the first time they have seen the group at a Coalition Against Bigotry rally, but it was the first time "they actually infiltrated and attacked us."

"This is Soldiers of Odin, who claim to be not racist, right? We're seeing who they are now, they're a scary bunch," said Popat. "They're the KKK of today."²⁷⁹ (LAMOUREUX, 2017).

Soldiers of Odin Canada splinters over allegiance to 'racist' finnish group, publicada no dia 1º de maio do mesmo ano, iria abordar a crise de identidade do grupo, no Canadá. Nesta reportagem, seria reproduzida a decisão do presidente nacional do grupo, Bill Daniels, que

²⁷⁹ "Sentimentos racistas, ou não, o grupo se imagina como um *Guardian Angels* moderno e faz marchas pelas principais cidades, para proteger seus concidadãos, o que alguns afirmam ser uma tentativa de intimidar. Antes disso, os soldados geralmente só iam a eventos onde sua presença era desejada – como anti anti-islamofobia e comícios anti- M-103 -, mas o grupo estava claramente fora de lugar nesse tipo de marcha.

"Pophet disse que esta não foi a primeira vez que eles viram o grupo em um comício da Coalizão Contra o Enfrentamento, mas foi a primeira vez que 'eles realmente se infiltraram e nos atacaram'".

"Este é o *Soldiers of Odin*, que afirma não ser racista, certo? Estamos vendo quem eles são agora, eles são um bando assustador", disse Pophet. "Eles são o KKK de hoje" (Tradução livre).

anunciara na página de *Facebook* o desligamento das seções canadenses do *SoO* internacional, como forma de se posicionarem contra as bandeiras levantadas pelo grupo finlandês.

“From this day forth we the Soldiers of Odin Canada are completely and absolutely running independent from the founding chapter and SOO international,” reads the post. “We are here to help and protect the people of our great country, not to adhere to some racist, unorganized, reckless wanna be thug collaboration”.²⁸⁰ (LAMOUREUX, 2017)

A reportagem lembraria novamente o histórico do grupo finlandês e as acusações sofridas pelos seus membros, de serem anti-imigratórios e anti-islâmicos. No manifesto, o líder do movimento canadense, Daniels fala sobre a intenção o grupo de se afastar de qualquer influência supremacista ou racista existente e reforçar sua posição no voluntariado comunitário, a fim de ajudar as pessoas de seu país.

Por outro lado, o repórter, Lamoureux (2017), ressalta que nem todas as seções canadenses estariam de acordo com esse posicionamento de Daniels e um exemplo seria o realinhamento do grupo de Quebec à seção finlandesa. Esse direcionamento foi reforçado pelo pronunciamento do núcleo finlandês, como da líder do grupo de Quebec, Katy Latulippe, que por sua vez, manifestaria o desligamento de Daniels, dos *Soldiers of Odin* canadense.

Como forma de compreender a reaproximação entre os grupos canadenses e o finlandês, o repórter entrevistaria o pesquisador do *Handa Centre for the Study of Terrorism and Political Violence*, da Universidade de St Andrews, Yannick Veilleux-Lepage, que apontaria uma forte sobreposição entre os soldados canadenses do grupo *SoO* e seus colegas europeus, no reforço de bandeiras anti-imigrantes e muitas vezes racistas.

“Quebec seemed to be much more ideologically aligned [to the Finnish group], there is much more of a focus on this anti-immigrant or anti-islamic narrative, much less interested in the community service trope or narrative,” said Veilleux-Lepage²⁸¹ (LAMOUREUX, 2017).

No dia 18 de setembro daquele mesmo ano, Lamoureux (2017), voltaria a mesma temática, na *Vice*, com a publicação de *Soldiers of Odin escalate from street patrols to vigilante investigations*. Nesta oportunidade foram noticiadas possíveis ameaças que moradores de rua

²⁸⁰ “‘Deste dia em diante, nós, os *Soldiers of Odin* Canada, estamos completa e absolutamente independentes do capítulo fundador e do *SoO* International’, diz o post. ‘Estamos aqui para ajudar e proteger as pessoas do nosso grande país, não para aderir a alguma colaboração racista, desorganizada e imprudente, que queira ser uma colaboração de bandidos’” (Tradução livre).

²⁸¹ “‘Quebec parece muito mais alinhado ideologicamente [ao grupo finlandês]’, disse Veilleux-Lepage, ‘é muito mais focado nesta narrativa anti-imigrante ou anti-islâmica, muito menos interessado no serviço ou tropo ou comunidade narrativa’, disse Veilleux-Lepage” (Tradução livre).

estariam sofrendo em Alberta, por membros dos SoO, especificamente da seção do grupo, no município de Red Deer. A atividade de patrulhamento das ruas, organizado pelos SoO, foi caracterizada a partir de abordagens realizadas aos sem teto, numa atividade que, segundo os membros do grupo, buscava dar apoio a uma investigação policial.

Early in the morning of August 31, a young man walking through Red Deer's City Hall Park was stabbed in an attempted robbery. The assailant approached the 15-year-old boy with a knife, demanded all of his stuff and, when the boy didn't comply, a scuffle occurred. During the struggle, the teenager was cut severely on the chin with a knife. On September 5, police issued a press release seeking information on the suspect. At the same time, on a popular Facebook page a graphic image of the boy's injuries started to circulate. It didn't take long for the people of Red Deer to get outraged.

Within this group of outraged citizens were the members of the local Soldiers of Odin chapter, and the far-right anti-immigration group took it upon themselves to attempt to hunt down the suspect. On September 6 they attempted to do this by gearing up ten men, taking to the street, and demanded information. For the most part, Soldiers of Odin chapters in Canada have been content with just patrolling the streets in a show of force and intimidation. This is the first time in this country that the group has publically gone out seeking vigilante justice²⁸² (LAMOUREUX, 2017).

A reportagem traz o testemunho de um morador de rua que revela as intimidações dos SoO aos indivíduos que estavam em condições similares a sua. Segundo o entrevistado, a abordagem realizada pelos membros foi feita de forma agressiva, o que daria margem para que especulassem que se tratava de uma nova gangue na cidade. As abordagens relatadas são confirmadas pelos próprios vídeos postados na página de *Facebook*, da seção de *Red Derr* dos SoO, onde os participantes do patrulhamento são mostrados conversando com a população, despertando a curiosidade e, por vezes, a empatia de moradores que apoiavam àquela ação.

In the comment section of their Facebook post regarding their investigations, the Soldiers of Odin said they narrowed down who the suspect was and they were going to bring the information to the police. They said the people they

²⁸² “No início da manhã de 31 de agosto, um jovem que passava pelo Parque Municipal de Red Deer foi esfaqueado em uma tentativa de assalto. O agressor aproximou-se do garoto de 15 anos com uma faca, exigiu todas as suas coisas e, quando o menino não obedeceu, ocorreu uma briga. Durante a luta, o adolescente foi cortado severamente no queixo, com uma faca. Em 5 de setembro, a polícia divulgou um comunicado de imprensa em busca de informações sobre o suspeito. Ao mesmo tempo, em uma página popular do *Facebook*, uma imagem gráfica das lesões do menino começou a circular. Não demorou muito para o povo de *Red Deer* ficasse indignado.

“Dentro desse grupo de cidadãos ultrajados estavam os membros do capítulo local dos Soldados de Odin, e o grupo anti-imigração de extrema direita encarregou-se de tentar caçar o suspeito. Em 6 de setembro, eles tentaram fazer isso, juntando dez homens, indo para a rua e exigindo informações. Na maior parte das vezes, os soldados dos capítulos de Odin, no Canadá, se contentaram em apenas patrulhar as ruas em uma demonstração de força e intimidação. Esta é a primeira vez, neste país, que o grupo saiu publicamente em busca de justiça vigilante” (Tradução livre).

got the information from “would not normally tell the police anything and generally dislike talking to any law enforcement. This is exactly why a street-level organization needs to exist”²⁸³ (LAMOUREUX, 2017)

No entanto, ao longo da reportagem, foram apontadas ações que iriam bem além do discurso dos SoO, como a participação comum de seus membros em organizações reconhecidamente perigosas, como *Blood and Honour* e *Creativity Movement*. Além disso, o repórter contextualiza as origens e relembra o histórico do grupo e de seus desdobramentos no Canadá.

In terms of chapters of Soldiers of Odin, Red Deer doesn't have much of a history. Checking back through their social media profile the Soldiers of Odin page for Red Deer was started in December of 2016 – they've held a barbecue, done fundraisers and a meet and greet but not much else. The group states “we are not anti-immigration, we are pro-assimilation” in regards to their views on minorities. The chapter has been growing at a rapid pace and actually helped with security at the city's street performer festival, CentreFest ²⁸⁴ (LAMOUREUX, 2017).

O repórter também comentaria que, apesar das tentativas de contato com os membros do SoO, eles se recusaram a dar novas entrevistas à *Vice*, por isso, as declarações dos membros ficariam reduzidas praticamente às discussões realizadas em suas conversas públicas, disponíveis nas redes sociais.

In a Facebook conversation with an unnamed member of the group, they said, “to us, it's not about a story it's about getting this guy into the hands of the authorities and off the street so he cannot do this again to anyone else.” They also said they would be handing any information obtained to RCMP. When pressed about how they were getting this information from street people, the Soldiers of Odin only said: “by communicating with them.” The group stopped responding to questions at this point²⁸⁵. (LAMOUREUX, 2017)

²⁸³ “Na seção de comentários de suas postagens no *Facebook* sobre suas investigações, os Soldados de Odin disseram que limitaram quem era o suspeito e que iriam levar as informações para a polícia. Eles disseram que as pessoas de quem tiraram as informações ‘normalmente não contariam nada à polícia e geralmente não gostam de conversar com qualquer autoridade legal. É exatamente por isso que uma organização de nível de rua precisa existir’” (Tradução livre).

²⁸⁴ “Em termos de seções de Soldados de Odin, *Red Deer* não tem muita história. Retornando através de seu perfil de mídia social, a página *Soldiers of Odin* de *Red Deer* foi iniciada em dezembro de 2016 – eles realizaram um churrasco, fizeram captação de recursos e um *meet and greet*, mas não muito mais. O grupo afirma que ‘não somos anti-imigração, somos pró-assimilação’, no que diz respeito às suas opiniões sobre as minorias. O capítulo tem crescido a um ritmo acelerado e ajudou na segurança do festival de rua da cidade, CentreFest” (Tradução livre).

²⁸⁵ “Em uma conversa no *Facebook* com um membro não identificado do grupo, eles disseram, ‘para nós, não se trata de uma história, mas sim de colocar esse cara nas mãos das autoridades e da rua para que ele não possa fazer isso de novo para mais ninguém’. Eles também disseram que estariam entregando qualquer informação obtida para a RCMP. Quando pressionados sobre como estavam recebendo essas informações das pessoas da

De outro lado, a opinião de um sargento da Royal Canadian Mounted Police²⁸⁶ (RCMP), Jeff McBeth, responsável pela investigação da tentativa de assalto e agressão por arma branca ao garoto, não condenaria a ação dos SoO, apesar de não considerar adequada ao desenvolvimento do trabalho investigativo. Segundo o agente, “os civis não estariam habilitados e treinados para coletar evidência e fazer as tramitações necessárias para o encaminhamento da justiça”. Para o oficial, aquelas ações poderiam ocasionar possíveis atos de agressão das partes.

Já de acordo com a organizadora de um festival, que contara com a ajuda dos Soldados de Odin para a manutenção do evento recreativo, também citado na matéria, aqueles sujeitos não teriam sido diretamente convidados para trabalhar na segurança, mas acabaram participando por intermédio de uma organização parceira, o *Urban Bulldogs Against Kids Abuse*, no entanto, segundo a entrevistada, o resultado não teria sido bom: várias pessoas haviam reclamado da abordagem sofrida pelos membros do grupo.

Nessa mesma reportagem, também é relatada a posição da pesquisadora Barbara Perry, que lembra como o discurso de manter as ruas seguras é cada vez mais comum entre grupos similares. Segundo e especialista em crimes de ódio, a publicidade dessa ação poderá levar outros grupos a tomarem a mesma iniciativa de intimidação e à possibilidade de ações violentas contra determinadas parcelas da população, sob o mesmo argumento: de manutenção de segurança nas ruas. Ela reforçou que muitos destes grupos, como os SoO, tendem a pensar que a polícia não está fazendo o seu trabalho corretamente e acreditariam que seria dever deles intervir e agir onde a polícia não é efetiva, o que levariam a imaginarem-se no direito de fazer suas próprias leis, aplicando condenações próprias, como a agressão dos suspeitos.

Ao longo das cinco reportagens apontadas foi possível perceber diferentes tipos de fontes, para abordar os *Soldiers of Odin*: a) os participantes do grupo; b) as redes sociais utilizadas por eles; c) oficiais; d) testemunhos das atividades e comunidade em geral – grupos de muçulmanos, manifestantes antifascistas, moradores de rua e uma organizadora de evento; e) pesquisadores; e f) sites noticiosos, o que já demonstra uma maior variabilidade de fontes, em relação às reportagens do *Incel*. Por outro lado, com o tempo, o relacionamento direto dos repórteres com seus personagens parece ter se deteriorado, conforme as matérias foram sendo publicadas.

rua, os Soldados de Odin só disseram: ‘comunicando-se com eles’. O grupo parou de responder a perguntas neste momento” (Tradução livre).

²⁸⁶ “Polícia Montada Real Canadense” (Tradução livre).

Enquanto nas primeiras – *Soldiers of Odin, Europe’s notorious anti-immigration group, is Beginning to form cells in Canada* e *Les soldats de la guerre des valeurs* – há conversas presenciais entre repórter e os membros (ainda que os encontros tenham sido intimidatórios), nas seguintes, cada vez mais, os repórteres terão que restringir suas fontes de informação, como ocultar suas identidades, para poder ter acesso ao conteúdo nas páginas sociais do grupo, ou mesmo contar com conteúdo e declarações de organizações voltadas ao combate de grupos fascistas. É preciso destacar que são essas organizações, juntamente aos pesquisadores, que irão identificar os SoO como grupos extremistas.

Também é preciso destacar que apesar de não poder fazer conexões diretas entre os atos violentos e os Soldados de Odin espalhados pelo país, o posicionamento dos acadêmicos é que atividades como o patrulhamento e a investigação realizados por aqueles indivíduos poderiam ocasionar prováveis agressões físicas e a aplicação da lei, por conta própria, o que seria bastante para que os responsáveis pelas matérias pudessem correlacionar aquelas práticas às atividades extremistas. Essa visão “negativa” do grupo é reforçada pela escolha dos testemunhos reportados pelos repórteres. Apesar de apontar o apoio ao SoO, em breves comentários, nas páginas do grupo, ao longo das reportagens não há menções, ou identificação de entrevistados externos que tenham uma imagem positiva sobre a prática daqueles grupos: o que mais se aproximaria disso, seria a reprodução de uma conversa com o investigador da RCMP, o sargento Jeff McBeth, que não demonstraria aversão às atividades realizadas pelo SoO.

Em suma, ao longo de todas as cinco narrativas, a imagem do grupo é identificada à extrema direita, seja quando ele aborda histórico do líder finlandês, seja quando é citado o crescimento dos números da violência, ocasionada por crimes de ódio, no Canadá, ou na reprodução de depoimentos de grupos minoritários, que se sentiriam acuados com o crescimento de grupos como os SoO, como fora demonstrado em *Les soldats de la guerre des valeurs*. É evidente que ao colocar nas reportagens o ambiente cada vez mais hostil contra minorias religiosas ou raciais, ao lado de entrevistas com membros dos SoO, ainda que inexistam quaisquer relações formais com as possíveis agressões, os repórteres acabam provocando possíveis conexões casuais entre os dois fenômenos sociais. Mas, eles não fazem suas ilações, sem uma base de indícios: os repórteres se baseiam nas próprias referências ideológicas do grupo originário finlandês, que já foram reconhecidas pelas autoridades europeias como neonazistas e supremacistas; também a partir do posicionamento dos pesquisadores sociais, que apontam incongruência entre os discursos e as práticas daquele grupo; das análises de conteúdo das publicações e comentários dos participantes das páginas de *Facebook* do grupo, que seria espaço propício à reprodução de sentimento xenofóbico e antimuçulmano; como também na

intimidação que os próprios repórteres diriam sofrer, no momento em que realizavam as entrevistas presenciais: esse conjunto de informações ajudaria a construir uma representação da violência dos SoO.

Por outro lado, se entre os valores identificados pelos repórteres entre os diferentes grupos do SoO está a rejeição às comunidades de etnias não europeias, ainda assim, não seria possível identificar ao longo de suas reportagens uma linha coesa para a definição ideológica do movimento como um todo. Pelo contrário, as próprias matérias nos apontariam justamente os embates, os rachas, ou as desfiliações e o reposicionamento dos seus membros, que acabam passando por processos de mudanças, tanto em suas práticas, quanto em seus discursos. Um exemplo disso seria mostrado na reportagem *Soldiers of Odin Canada splinters over allegiance to 'racist' finnish group* e nos seus desdobramentos entre o distanciamento entre os grupos europeus e canadenses e a posterior reaproximação dos grupos de Quebec com o da Finlândia.

8.3 Pontos comuns na cobertura midiática dos dois movimentos

Pontuadas as formas de produção, de escolha das fontes e abordagem dos dois grupos contextualizados, *Incel* e SoO, e identificadas as limitações dos profissionais da imprensa, no processo de aproximação e cobertura de ambos movimentos, como também os recursos linguísticos utilizados na construção de suas narrativas, queremos neste último momento fazer uma especulação sobre o que levaria a *Vice* a se interessar de forma contínua pelos dois grupos, a ponto de dedicar cerca de uma dezena de repórteres à cobertura destes arranjos sociais. Qual seria a razão para a noticiabilidade daqueles arranjos sociais, em específico? Que critérios seriam adotados, para que esses sujeitos ganhassem atenção contínua do periódico?

Em dois anos e meio acompanhando a *Vice* e fazendo uma análise de conteúdo de todo o material publicizado pelas páginas canadenses, incluindo grupos similares, como *Generation Identity*, *Le Meute*, *Pegida*, *Three Percenters*, *Storm Alliance*, *The Ungovernables*, *Proud Boys*, *Atalante* e *Northern Garden*, foi notado que em grande parte destas reportagens, a *Vice* irá correlacioná-los numa categoria temática que serve de âncora para a identificação e classificação de suas reportagens, denominada *alt-right*. Será como forma de debater as práticas, desconfortos e suas justificativas valorativas das diversas representações deste movimento, que o periódico empenhará esforços em sua cobertura.

Do ponto de vista da noticiabilidade, percebemos que no caso do *Incel*, as primeiras notícias, *Alleged Toronto van attacker's Facebook profile linked to 'Incels' praised mass killer* e *Everything we know about Alek Minassian, the alleged Toronto van attacker* apresentavam

uma factuality de potencial interesse público – o atentado terrorista, ocorrido na grande Toronto; logo depois, as notícias beiram as discussões, curiosidades, hábitos e vocabulário do grupo ao qual pertencia o responsável pelo atentado, a partir da reprodução de mensagens e de atuação de possíveis membros e simpatizantes do *Incel*, dentro das redes sociais. As reportagens também nos remetem a outros atos cometidos, como é o caso abordado repetidamente de Elliot Rodger, nos Estados Unidos.

No caso do SoO, provavelmente a única questão factual a provocar a pauta na *Vice* seria a cobertura dos confrontos entre os membros daquele grupo e os seus rivais, os antifascistas, como fora notado em *Soldiers of Odin tangled with anti-racism protesters in Vancouver*. Em contrapartida, mais em seguida, a cobertura será, na maior parte, focada em pontos mais simbólicos, como o estilo de vida e o horizonte ideológico do grupo, destacando as conversas, os hábitos e peculiaridades das relações intragrupo, como também questões de ordem privada. Em suma, na ausência de fatos de interesse público que justifiquem a cobertura de tais movimentos, seria justamente na exploração de elementos simbólicos e nas conexões que eles carregam com valores extremistas, xenófobos e racistas que a *Vice* se enveredaria

Quanto aos elementos valorativos comuns que despertaram o interesse do periódico, enquanto nas reportagens sobre o *Incel* são enfatizados o sentimento de desconforto vivido por homens jovens com questões de ordem sexual, o senso de emasculação e de falta de reconhecimento de suas masculinidades nas mídias, além da incapacidade daqueles jovens lidarem com sua performance social, diante do sexo oposto, no segundo caso, as reportagens apontam o desconforto com a multiculturalidade, o processo imigratório e sua oposição às políticas do Estado, em relação à receptividade de refugiados, aliada a um sentimento de ineficiência de suas instituições, como também às relações produtivas como um todo, que seria incapaz de atender às demandas dos cidadãos, seja de ordem pessoal produtiva. Os dois movimentos são apresentados pela revista como de oposição aos valores vigentes e ao *establishment*; para o periódico, ambos são contra-hegemônicos ao desenvolvimento do sistema produtivo, como ele ocorre em seus países, por se oporem à integração de culturas estrangeiras, femininas ou minoritárias às suas comunidades e tomarem como fonte de ameaças às suas próprias causas o ganho de direitos que determinadas categorias sociais vêm alcançando na contemporaneidade.

Como foi apontado mais de uma vez aqui, o interesse da *Vice* por esses grupos não necessariamente faria com que o trabalho de compreensão de suas práticas e valores fosse um exercício fácil. A dificuldade de chegar até esses sujeitos – muitas vezes por indisposição dos entrevistados para lidar com o veículo, ou mesmo porque os profissionais, na ausência de

tempo, ou de tato, preferissem reproduzir os discursos de plataformas on-line, ou de conversas presentes em fóruns e redes sociais – e o distanciamento das fontes muitas vezes são elementos não intencionais, porém determinantes para a produção de reportagens simplistas e mistificadores de tais movimentos, atrelando a eles recursos e linguagens que são peculiares das narrativas de ficção, como de vilões e heróis. Tais dificuldades podem ser ainda maiores, porque, por mais que estejam em diferentes estágios, *Incel* e *SoO* se apresentam para nossa pesquisa como fenômenos sociais em processo de transformação; não estão plenamente institucionalizados, não possuem hierarquias rígidas e apresentam grande volatilidade valorativa, dificultando qualquer contato consistente com seus membros.

É possível que a caracterização comum dos grupos de não formalidade de suas atividades e da falta de identificação de uma organização que pudesse ser criminalizada, por exemplo, tenham sido fatores responsáveis pela produção de reportagens que a tentassem reproduzir não exatamente um ou alguns fatos noticiáveis, mas as curiosidades e os próprios estilos de vida daqueles sujeitos. No entanto, foi ao esbarrar na própria falta de estruturas fixas, ou no modelo semiestrutural daqueles arranjos sociais que a mídia por vezes acabou por inseri-los de modo espetacularizado, com personagens muitas vezes planos e, com isso, ajudando a popularizar e muitas vezes banalizar suas bandeiras, práticas e valores. Ao entrarem para a lista de interesse temático da *Vice* e de outros veículos de informação, as práticas, os protestos, o patrulhamento, ou mesmo os atentados contra as vidas cometidos por aqueles sujeitos, ganhariam maior espaço na esfera pública e com isso o potencial de disseminação não só de seus valores e bandeiras, como também de retratos estereotipados de seus agentes. Assim, ao abordá-los, a mídia em si não só produziria a discussão de temas tabus, como transformariam em corriqueiros, familiarizando audiências cada vez maiores com aquelas imagens, como também planificando os questionamentos ali vividos por tais sujeitos.

Dessa forma, é possível especular que o ganho de espaço desses grupos nas mídias não necessariamente representaria a compreensão do fenômeno pelos veículos de informação e seus públicos, mas muitas vezes a velha espetacularização dos protestos e da discussão de temas tabus, conforme os processos de midiaticização já debatidos pelos teóricos da Escola Crítica. Ao levar seus desconfortos e propostas ideológicas daqueles arranjos sociais para grandes audiências, as mídias realizariam a expansão de pautas não convencionais e muitas vezes ditas extremistas para os *normies*, tornando-as cada vez mais familiarizadas e palatáveis ao gosto médio.

Assim, ao tornar grupos como *Incel* e *SoO* conteúdo de seu produto – a informação – a *Vice* estaria ajudando ao processo de popularização das bandeiras, dos valores, das pautas

daqueles grupos, hoje considerados extremistas, muitas vezes tornando-os comercializáveis e consequentemente contribuindo para a mudança das agendas políticas dos países onde atuam, ainda que não seja sua intenção. Isso representaria na prática as etapas de institucionalização e espraçamento de ideias até então marginalizadas, aqui já discutidas pelo modelo de *communitas* de Turner (1975), como também pelo debate teórico de Honneth (1997), de que aqueles sujeitos estão travando uma luta pelo reconhecimento de seus valores e práticas, ainda que muitos destes representem uma ameaça às conquistas de determinadas categorias sociais.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos exemplos citados ao longo da obra, foi possível perceber a existência e a performance, na contemporaneidade, de arranjos sociais que discordam e atuam em oposição, ainda que temporariamente, aos valores e práticas do sistema produtivo hegemônico e ao *status quo* de sociabilidade vigente. Em comum, esses grupos desenvolvem ações críticas, sustentadas por horizontes valorativos particulares que procurariam formas simbólicas e ideológicas para dar embasamento à suspensão e/ou ao fim da estrutura social presente.

Em um primeiro momento, especulamos que parte desses questionamentos poderia ser classificada como *communitas* ou semiestruturas, presentes no estágio de liminaridade, ora conceitualizado por Turner, (1974), a partir de um ponto de vista antropológico. Como vimos aqui, a contribuição do pesquisador britânico aponta que a marginalidade e a inferioridade estrutural de sujeitos nestes estágios liminares promoveriam as condições potenciais para a reformulação, ou mesmo a criação de novos mitos, símbolos rituais, conjuntos de valores e sistemas filosóficos com o objetivo de propor possíveis quebras de paradigmas sociais. Seriam nesses espaços que os padrões, ou modelos de atuação dos sujeitos, poderiam ser repensados e reconstituídos, proporcionando, assim, “reclassificações periódicas da realidade e do relacionamento do homem com a sociedade, a natureza e a cultura” (TURNER, 1974, p. 156 e 157).

Para Turner (1974, p. 171), perceber os estágios pelos quais passam aqueles arranjos sociais não seria uma tarefa tão fácil, já que o processo de institucionalização deles os tornaria estranhos aos modelos pregados pelos seus agentes fundadores. Caberia a nós, pesquisadores sociais, distinguir os modelos ideais de *communitas*, proclamados pela literatura e ideologias dos movimentos e os resultados práticos de tentativas entusiásticas que os fundadores e seus discípulos experimentam com os estágios de liminaridade. Em suma, o antropólogo não negaria a justaposição daqueles arranjos sociais com as estruturas vigentes. Na verdade, ele as denominaria de metaestruturas, porque ainda que atuem enquanto *communitas* e busquem o rompimento com a ordem produtiva hegemônica, aqueles acabariam retornando aos pontos de origem, em um momento posterior, com a requalificação e atualização dos elementos componentes das estruturas contra os quais se indispunham inicialmente. Como o autor pontuara, se a imediatidade desses tipos de *communitas* abre caminho para a mediação de novas estruturas, ela acabaria, também, por revitalizá-las, por proporcionar verdadeiros momentos intermediários de respiro e de reciclagem para os sistemas produtivos vigentes.

Ao longo do trabalho, também comentamos como o processo de contestação e contingência social pode ser explicado a partir de diversos fatores sociais, entre eles o desajustamento e a antecipação valorativa de sujeitos e/ou de grupos, diante de seus incômodos particulares, e a ampliação do senso coletivo de falta de reconhecimento de suas individualidades, conceitos debatidos sob o ponto de vista de Honneth (1997). Somando-se a isso, especulamos que o processo de estranhamento dos sujeitos, nos últimos dois séculos, poderia estar sendo ocasionado pelas mudanças e sobreposições das diversas ordens sociais e pelo estranhamento coletivo em consequência das transformações verificadas nas ordens tradicionais dos mundos domésticos, da inspiração, civil e produtivo, discussões levantadas a partir de argumentos de Boltanski & Thévenot (1991). Reconhecemos que esta dinâmica pontuada pelos pesquisadores franceses estaria presente entre os sujeitos que compõem *alt-right*, porque eles trazem em seu bojo um reclame ao sacrifício das formas de estabilização e dos aparelhos que asseguram a ordem produtiva hegemônica obtida a partir de lutas e da emergência de novos atores às esferas de poder clamando seus incômodos contra as reformas contemporâneas pelos quais vivenciariam nos campos das normas sociais, dos direitos civis, como da ética do mundo da produção, ocasionadas pelo próprio desenvolvimento do capitalismo tardio. Assim, entendeu-se aqui que aquelas contribuições teóricas poderiam contribuir para nos fazer compreender, em parte, o sentimento de desconforto de determinados sujeitos com os processos de modernização e multiculturalismo, presente nos países ocidentais.

Mas, foi a partir de leituras específicas sobre grupos pertencentes à tal direita alternativa, de pesquisadores como Wright (2009), Miller-Idriss (2017) e Kimmel (2018), que pudemos ilustrar, por meio da reprodução de discursos, entrevistas e de análises de redes sociais, o sentimento comum de desajuste e estranhamento valorativo de determinados agentes com a ordem produtiva hegemônica. Para os investigadores citados, provavelmente o desemprego, a perda dos direitos trabalhistas, a dificuldade de alocação no mercado, como também o sentimento de ameaça às culturas locais seriam “sequelas” de uma estrutura marcada pela falta de habilidade de determinados atores sociais em lidar com as regras e com o conjunto valorativo hegemônico. Segundo os especialistas, no movimento *alt-right*, aqueles seriam pontos de ignição para uma série de críticas e engajamento de oposição ao sistema econômico neoliberal e à grande parte das relações e instituições sociais a ele atreladas. Assim, seguindo tal linha de pensamento, seria da inabilidade daqueles sujeitos, diante da estrutura social vigente, uma das razões primordiais para que eles visualizassem alternativas pragmáticas de reordenamento de seus valores, muitas vezes marcadas pela remissão à imagem de um passado mais estável e de aspirações de valorização de relações de ordem da inspiração, doméstica e do mundo civil: tais

indivíduos clamariam pela quebra de paradigmas com o *status quo*, estabelecido pelo capital, e apresentariam propostas que resultariam na criação de imaginários de sociedades baseadas, muitas vezes, em um retorno de sociedades míticas.

Em suma, compreende-se aqui que os diferentes arranjos sociais, formados sob a égide dessa direita alternativa, ou o que muitos denominaram de nova extrema direita, iriam corporificar as críticas ao mundo do mercado e da indústria. Esses sujeitos tentariam construir espaços próprios, onde poderiam trabalhar o cultivo de novos valores e estabelecer práticas que imaginariam como saídas para o mundo “decadente” em que vivem, inspirados por simbologias, mitos e valores baseados em modelos imaginários de “tradição” e “comunidade ocidental”.

Aqueles sujeitos também iriam propor a legitimação de novas representações coletivas, a fim de atender seus litígios. Por isso, também situamos o horizonte valorativo proposto por tais grupos como tentativas de reconciliação entre os diferentes mundos – sejam eles de ordem civil, doméstica, ou da inspiração – em contraposição às relações do mundo da indústria e do mercado. No entanto, foi pontuado aqui que diante da dificuldade de compreensão, ou adesão dos espaços tradicionais de difusão às suas ideias, percebe-se, em parte de seus integrantes, a necessidade de passarem por um processo de “amaciamento” e planificação de suas ideias e, para isso, uma disposição a quebrar com o caráter semiestrutural de *communitas* que carregam em suas origens e assumirem-se como elemento integrante de um novo momento, no qual seus valores sejam passíveis de institucionalização.

Entendemos que seria esse processo temporário de quebra, descrédito e rejeição das instituições que une os movimentos contestatórios citados ao longo deste trabalho, um modelo plausível para a compreensão do fenômeno de ascensão do movimento da direita alternativa. Se para Turner (1974) esses espaços seriam denominados de *communitas*, e se para Bauman (2009) eram áreas cinzentas, o que ambos acrescentaram à nossa discussão é que seriam nesses espaços de especulação, propostos por contingentes sociais, inicialmente sem utilidade para a ordem produtiva, que serão criados os novos vetores para o desenvolvimento do próprio sistema produtivo hegemônico, pois seria dentro dessas áreas de oposição, ruptura e reflexão de valores e práticas sociais em que ainda seria possível especular sobre novas alternativas de conduta, como também os próprios modelos de produção.

Em diferentes momentos e sob distintas nomenclaturas para a compreensão de fenômenos sociais similares, os pesquisadores acima apontariam que tais arranjos sociais, em vez de significarem o fim de uma era, poderiam ser na verdade a chave para a sobrevivência e continuidade do próprio modelo hegemônico. Assim, as contestações de ordem doméstica ou do mundo da inspiração, persentes em sua economia moral, poderiam ser apenas potenciais

zonas virgens de exploração, comercialização e institucionalização de valores e espaços até então marginalizados. Por outro lado, para os mesmos pesquisadores, esse movimento de expansão e retração só é possível porque seu desenvolvimento se faz por meio da asfixia dos mesmos espaços morais e da submissão de parte das angústias daqueles sujeitos às estruturas socioprodutivas vigentes, ou melhor, se são das *communitas* que brotam as fontes mais espontâneas e criativas dos indivíduos, serão delas que o sistema ganhará nova força, com a possibilidade de agregar novos questionamentos e adaptá-los ao desenvolvimento de suas estruturas hegemônicas, a partir de etapas de cooptação, apaziguamento e por vezes a ocultação dos litígios provocados pelo contingenciamento social de determinados sujeitos.

Se é o espaço moral o responsável pela manutenção do equilíbrio entre o consumo e o cansaço mental das cadeias produtivas, não seria com bons olhos que aqueles espaços “sem ordens” seriam vistos pelos atores responsáveis pela expansão do sistema produtivo hegemônico contemporâneo. Como Boltanski e Thévenot (1991, p. 323) lembrariam, a ordem industrial hegemônica dificilmente aceitaria de forma passiva tais críticas, pois as manifestações de oposição apresentar-se-iam como obstáculos a sua expansão e isso provocaria não só a rejeição daquelas propostas iniciais, mas também a sua adaptação para que possam tornarem-se novos vetores de expansão dos agentes e estruturas hegemônicas. Ou seja, diante do reconhecimento dos perigos de propostas de ruptura social pelos agentes hegemônicos, haveria, entre estes mesmos, uma progressiva tentativa de ocupação e cooptação dos espaços morais, antes ignorados pela ordem produtiva, e esse processo seria facilitado pela própria ordem desestruturada e não institucionalizada com que os movimentos contestatórios se apresentam.

Se o mundo da inspiração e suas revoluções são fontes para o enriquecimento valorativo de determinados ambientes sociais, não necessariamente tais críticas terão a capacidade de organização suficiente para que seus anseios se concretizem – já que apenas o fato de estarem dispostos às mudanças e encontrarem empatia entre coletivos maiores não lhes dariam garantias de que obteriam êxito – o que demandaria, então, o apoio das estruturas vigentes, para que estas possam canalizar e equilibrar suas aspirações, a fim de torná-las uma realidade factível. “*Un bouillonnement général ne suffit pas. Il faut une remontée des informations, une réflexion collective, une coordination*”²⁸⁷ (BOLTANSKI & THÉVENOT, 1991, p. 308 e 309). Seria preciso, então, o planejamento, a organização e a normatização dessas novas propostas de

²⁸⁷ “Borbulhar geral não é suficiente. Requer um *feedback* de informação, uma reflexão coletiva, uma coordenação”. (Tradução livre)

mundo e, conseqüentemente, o enrijecimento dos movimentos, ou o que significaria o amadurecimento e fim de seu estágio de *communitas*, em que se encontram inicialmente. Logo, o desenvolvimento daquela antiga oposição significaria também a cooptação dela pelo próprio sistema produtivo hegemônico, muitas vezes colocando-a sobre as mesmas regras e alinhando, de uma maneira ou de outra, as suas práticas contestatórias à ordem vigente.

Foi ao perceber tal dinâmica sobre o modelo de *communitas* que, no decorrer do trabalho, também nos questionamos “como” os arranjos sociais contestatórios contemporâneos poderiam sobreviver ao próprio sistema em que se encontram inseridos, ou mesmo se eles seriam por ele domado, já que, em concordância com os pesquisadores franceses, Honneth (1997), Morin (1975), Bey (S/D) e Crary (2014), o próprio sistema produtivo hegemônico tenderia a utilizar as margens críticas e sua originalidade para a sua própria manutenção e sobrevivência. O que importaria destacar aqui é que parte desses movimentos contra-hegemônicos estariam passando por etapas preliminares de mudanças paradigmáticas, em processo de ensaios, ou um tipo de fermentação que colocaria em teste se tais desarranjos valorativos são capazes de gerar identificação entre grupos e/ou instituições já estabelecidas. Assim, a sua sobrevivência dependeria, então, de um jogo dialético entre suas forças subversivas e os processos de rejeição, adoção e/ou reagregação, por parte do sistema dominante.

Apesar de variarem em seus valores e ações, foi demonstrado aqui que muitos daqueles movimentos contemporâneos correlacionados ao *alt-right* se aproximariam em suas práticas anárquicas às *communitas*: estranhamento valorativo, negação do *establishment*, das estruturas de poder e das ordens de magnitude vigentes, além da proposição de novos mundos baseados em valores mais horizontais, nas relações tradicionalmente domésticas e mais próximas dos indivíduos, como na legitimação de novas representações coletivas. É necessário relembrar aqui que abordamos especificamente dois grupos que, apesar de apresentarem linhas em comum com os outros grupos do gênero, não necessariamente têm o mesmo rol de valores. Mas, se pontuamos como muitos destes projetos de oposição ou contra-ação ao capital surgiram e o fizemos com o auxílio de teóricos que foram capazes de apontar que esta dialética, ao invés de enfraquecer, vêm somar-se às formas de exploração e acumulação de capital, refizemos esse percurso, porque percebemos inúmeras características dos fenômenos apontados por pesquisadores da Antropologia, da Sociologia e dos estudos das mídias presentes nos esquemas de reprodução dos movimentos *alt-right*, aqui abordados pela *Vice*. E para confirmar essa tese, nos apropriamos das investigações de Kimmel (2018), Miller-Idriss (2017) e Nagle (2017), que relataram o processo de crescimento e incorporação do *alt-right* ao *mainstream*, como parte de

um esforço contínuo para tornar suas bandeiras palatáveis às sensibilidades tradicionais dos *normies* e, assim, aproximarem suas bandeiras, pautas, discursos e práticas às esferas públicas e aos centros de decisão de poder de diversos países na Europa e na América do Norte. O fenômeno também pôde ser constatado por Caiani e Parenti (2013), Tenold (2018) e Griffin (2008) quando, em investigações que se somaram, eles chegaram à conclusão de que, nos últimos anos, parcelas maiores da população daqueles países estariam mais abertas a lidar com mensagens xenófobas, racistas e de apoio às pautas nacionalistas e mais conservadoras, sem grandes constrangimentos.

Se Caiani e Parenti (2013) pontuaram que o desenvolvimento daquelas bandeiras variará de acordo com a própria política cultural adotada pelo país e de seus instrumentos jurídico-normativos, para a disseminação de conteúdos extremistas, Griffin (2008) ilustra que, em um contexto geral, seja por questões tecnológicas, como o avanço da internet e o uso dessa tecnologia, por aqueles grupos, seja pelo processo de empatia entre os indivíduos, no compartilhamento de seus incômodos, como na disposição em alterar as regras do sistema político como um todo, tais bandeiras extremistas estariam cada vez mais ocupando os espaços da mídia e do poder. A ascensão do *alt-right* e a institucionalização de suas bandeiras em partidos políticos, tanto na Europa, como na América do Norte, seriam parte do movimento de normalização de suas bandeiras.

Griffin (2008) também constatou que muitos dos argumentos daqueles grupos estão sendo incorporados e “amaciados” pelos partidos conservadores tradicionais, que ainda que busquem manter o teor “revolucionário” do discurso incomodado desses indivíduos originalmente “extremistas”, acabam tendo seus valores e práticas enrijecidos pelo próprio processo de burocratização do Estado e de suas máquinas corporativas. Já Tenold (2018) ilustraria esse processo, nos Estados Unidos, com a vitória de Trump e a identificação inicial de parte daquelas bandeiras extremas com parcelas maiores da população daquele país.

Not only was the country wanking up to the importance of race; it was also shedding the exhausting shackles of political correctness. More than any political issue, the alt-right treasured their right to be infinitely offensive, preferably toward woman or minorities, always under the banner of free speech, and with Trump as their candidate, the malcontents of the world had someone championing their right to be abusive.²⁸⁸ (TENOLD, 2018, p. 225)

²⁸⁸ “Não só o país estava se recuperando da importância da raça; também estava soltando os grilhões exaustivos da correção política. Mais do que qualquer questão política, o *alt-right* valorizava seu direito de ser infinitamente ofensivo, preferencialmente para as mulheres, ou minorias, sempre sob a bandeira da liberdade de expressão, e

Entendemos que, assim como os espaços de poder e desses partidos conseguiram absorver parte das pautas ditas extremistas, em suas esferas públicas, é possível que o interesse da *Vice* – como elemento representante da Indústria Cultural – em retratar os grupos representantes do *alt-right*, no Canadá ou nos Estados Unidos, seja um reflexo do processo de alargamento, suavização e popularização dos anseios, debates, ícones e estilos de vida daqueles movimentos. Ao retratarem com frequência tais fenômenos sociais, ainda que manifeste claramente sua oposição às práticas do movimento, a revista estaria fazendo parte de um ciclo de expansão de ideias e valores que até pouco tempo significavam a quebra daquilo que poderia ser considerado como “politicamente correto” e aceito socialmente pelo *establishment* social e ao tempo em que há uma ideia de denúncia e compartilhamento do sentimento de surpresa do veículo com as ações e os valores emitidos pelos membros daqueles grupos, muitas vezes considerados extremistas, exóticos, ou mesmo perigosos, o conteúdo produzido pelo veículo não fugiria ao *modus operandi* do jornalismo, de reproduzir o que é de interesse do público e por vezes acabaria contribuindo para a sua expansão. Por isso, aqui especulamos essa possibilidade de que a cobertura dos eventos correlacionados ao *Incel* e aos *Soldiers of Odin*, pela *Vice*, seja reflexo do próprio alargamento do interesse popular por tais bandeiras.

Se retomarmos o posicionamento de Nagle (2017), tal cobertura seria uma manifestação evidente da popularização da expressão contemporânea de contestação e da contingência social, agora sob o viés de uma nova direita. Ao midiaticizá-los, o veículo de comunicação estaria materializando e trazendo para o centro das discussões um leque de preocupações coletivas até então deixadas em segundo plano, como questões de emasculação, da dificuldade de certos indivíduos de lidar com as regras do sistema produtivo, o multiculturalismo e uma série extensa de valores que antes eram colocados às margens pelas diferentes esferas públicas, contribuindo, assim, ainda que não espontaneamente, para o processo de reagregação desses sujeitos e valores contingentes e para a possível criação de novos horizontes valorativos e quebra de paradigmas sociais.

Ao reproduzir tais fenômenos, a *Vice* acabaria, na verdade, antecipando, midiaticizando, ou ainda materializando um novo rol de valores e estilos de vida que estão deixando o rótulo da contingência social – por vezes, extremista – e tornando-se cada vez mais normalizados. Parafraseando Miller-Idriss (2017), a *Vice* estaria participando, integrando e colaborando para a transformação do *alt-right*, em *mainstream*.

com Trump como seu candidato, os descontentes do mundo tinham alguém defendendo seu direito de ser abusivo” (Tradução livre).

REFERÊNCIAS

- A CLOSER look at what caused the Edmonton Soldiers of Odin to re-brand. **Anti-Racist Canada**, 16 out. 2018. Disponível em: http://anti-racistcanada.blogspot.com/2018/10/a-closer-look-at-what-caused-edmonton.html?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+Anti-racistCanadaTheArcCollective+%28Anti-Racist+Canada%3A+The+ARC+Collective%29. Acesso em: 17 out. 2018.
- AGAMBEN, Giorgio. **What is an Apparatus?**, trad. David Kishik e Stefan Pedatella. Palo Alto: Stanford University Press, 2009, p. 21 [ed. Bras.: “O que é um dispositivo”, in *O que é Contemporâneo*, trad. Vinícius Nicasto Honesko. Chapecó, RS: Argos, 2009.
- ARCHAMBAULT, Emil; VEILLEUX-LEPAGE, Yannick. Soldiers of Odin: The Global Diffusion of Vigilante Movements. Presentation at the **Political Studies Association (PSA) Annual Conference**. Strathclyde University, Glasgow, April 11, 2017.
- _____. The Soldiers of Odin in Canada: The Failure of a Transnational Ideology" In **Vigilantism against Migrants and Minorities**, edited by Tore Bjørgo and Miroslav Mareš. London: Routledge, 2019.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 9ª edição. São Paulo, Editora Bertrand Brasil, 1993.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos; tradução Carlos Alberto Medeiros. — Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BEAUCHAMP, Zack. *Incel*, the misogynist ideology that inspired the deadly Toronto attack, explained. **Vox**, 25 abr. 2018. Disponível em <https://www.vox.com/world/2018/4/25/17277496/incel-toronto-attack-alek-minassian>. Acesso em: 4 jun. 2018.
- BERGER, J. M. **Extremism**. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 2018.
- BEY, Hakim. **TAZ**: Zona Autônoma Temporária; radução Patrícia Deci e Renato Resende. Copyleft. (s/d).
- BIBER, François. Soldiers of Odin Canada says group not the same as what's going on overseas In **CBC News**, 14 set. 2016. Disponível em: <https://www.cbc.ca/news/canada/saskatoon/soldiers-of-odin-canada-community-group-watch-1.3761178>. Acesso em: 26 jun. 2018.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Éve. **O novo espírito do capitalismo**. Tradução Ivone C. Benedetti; revisão técnica Brasília Sallum Jr. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. **De la justification**: les économies de la grandeur, Galimard, 1991.
- _____. The Sociology of Critical Capacity In **European Journal of Social Theory**, Sage Publications: London, Thousand Oaks, CA and New Delhi, 1999. p. 359-377.
- BOORSTIN. Daniel J. **The Image**: a guide to pseudo-events in America. Vintage Books. New York, 2012.
- BOWMAN, Shayne; WILLIS, Crhis. We media. How audiences are shaping the future of news and information. Stanford: The Media Center at The American Press Institute. **We Media**, jul. de 2003. Disponível em: www.hypergene.net/wemedia. Acesso em: 29 nov. 2018.

BRAUDEL, Fernand. **A dinâmica do capitalismo**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BRESSER-PEREIRA, Luís Carlos. **Tecnoburocracia e contestação**. Petrópolis, Vozes, 1972.

BROWN, Drew. Toxic masculinity Is at the heart of this darkness. **Vice**, 25 abr. 2018. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/8xkjbx/toxic-masculinity-is-at-the-heart-of-this-darkness. Acesso em: 22 maio 2019.

BROWN, Norman Oliver. **Vida Contra a Morte**: o sentido psicanalítico da história; tradução de Nathanael C. Caixeiro. Petrópolis, Vozes, 1972.

BROWNE, Rachel; SUBRAMANIAM, Vanmala. How the *incel* community is reckoning with the Toronto van attack. **Vice**, 25 abr. 2018. Disponível em: https://news.vice.com/en_ca/article/evqwww/how-the-incel-community-is-reckoning-with-the-toronto-van-attack. Acesso em: 17 maio 2019.

BRUNE, François. **Les médias pensent comme moi!**. Fragments du discours anonyme. Paris: l'Harmattan, 1993.

BUBER, Martin. **Sobre comunidade**. Editora Perspectiva, São Paulo, 1987.

BUCCI, Eugênio. **Televisão objeto: a crítica e suas questões de método**. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação. São Paulo: ECA/USP, 2002.

CAIANI, Manuela; PARENTI, Linda. **European and American extreme right groups and the Internet**. New York, Routledge, 2013.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. **Cotidiano: conhecimento e crítica**/Maria do Carmo Brant de Carvalho, José Paulo Netto. – 5. ED. – São Paulo, Cortez, 2000.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário / Robert Castel; tradução de Iraci D. Poleti. 12 ed. – Petropolis, RJ: Vozes, 2015.

CASTELLS, Manuel. **Networks of Outrage and Hope. Social Movements in the Internet Age**. Cambridge: Polity, 2012.

_____. **The Informational City**. Oxford, Blackwell, 1989.

CHEADLE, Harry. Elliot Rodger and the Toxic Weight of Virginity. **Vice**, 29 maio 2014. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/bn5bvm/elliott-rodger-and-the-toxic-weight-of-virginity. Acesso em: 12 maio 2019.

CLAY, Alexa. **A economia dos desajustados**: alternativas informais para um mundo em crise. Alexa Clay, Kyra Maya Phillips; tradução Caio Pereira. São Paulo: Figurati, 2015.

CONTI, Allie. From the Inside, the White Nationalist Movement Looks Like a Total Mess In **Vice**, 28 fev. 2018. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/xw57gk/whats-going-to-happen-to-the-alt-right. Acesso em: 15 out. 2018.

_____. How the Far-right Feeds on Male Insecurity. **Vice**, 11 abr. 2018. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/zmggyg3/how-the-far-right-feeds-on-male-insecurity. Acesso em 24 de setembro de 2018.

_____. Inside the disturbing forum *Incels* use to brutally criticize each other's faces. **Vice**, 20 jun. 2018. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/3k449v/inside-the-disturbing-forum-incels-use-to-brutally-criticize-each-others-faces. Acesso em: 9 maio 2019.

_____. Learn to decode the secret language of the *Incel* subculture. **Vice**, 26 jun. 2018. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/7xmaze/learn-to-decode-the-secret-language-of-the-incel-subculture. Acesso em: 9 maio 2019.

COUTU, Simon. Des antifas avaient prévu d'affronter La Meute à Québec. Ils se sont butés à la police. **Vice**, 21 ago. 2017. Disponível em: https://www.vice.com/fr_ca/article/j55gyp/antifas-la-meute-quebec. Acesso em : 17 jul. 2019.

_____. Dialogue de sourds entre Storm Alliance et contre-manifestants à Lacolle Meute. **Vice**, 1 out. 2017. Disponível em: https://www.vice.com/fr_ca/article/9k3gy7/dialogue-de-sourds-entre-storm-alliance-et-contre-manifestants-a-lacolle. Acesso em: 17 jul. 2019.

_____. La fois où les antifas m'ont donné un lift vers une manif contre La Meute. **Vice**, 23 ago. 2017. Disponível em: https://www.vice.com/fr_ca/article/paazjg/la-fois-ou-les-antifas-mont-donne-un-lift-vers-une-manif-contre-la-meute. Acesso em: 17 jul. 2019.

_____. L'ancien chef de La Meute se lance en politique. **Vice**, 3 out. 2017. Disponível em: https://www.vice.com/fr_ca/article/wjxbv5/lancien-chef-de-la-meute-se-lance-en-politique. Acesso em: 17 jul. 2019.

_____. L'extrême droite et les antifas se promettent un été mouvementé. **Vice**, 18 maio 2018. Disponível em: https://www.vice.com/fr_ca/article/zm8xay/lextreme-droite-et-les-antifas-se-promettent-un-ete-mouvemente. Acesso em: 17 jul. 2019.

_____. On a parlé avec l'un des Québécois de l'extrême droite présents à Charlottesville. **Vice**, 17 ago. 2017. Disponível em: https://www.vice.com/fr_ca/article/5999yz/on-a-parle-avec-lun-des-quebecois-de-lextreme-droite-presents-a-charlottesville. Acesso em: 17 jul. 2019.

_____. Un nouveau groupe ultranacionaliste montrera ses couleurs le 30 septembre. **Vice**, 6 set. 2017. Disponível em: https://www.vice.com/fr_ca/article/wjjmjw/un-nouveau-groupe-ultranacionaliste-montrera-ses-couleurs-le-30-septembre. Acesso em 17 de julho de 2019.

CRAGGS, Samantha. Controversial Soldiers of Odin group organizing in Hamilton. **CBC News**, 4 ago. 2016. Disponível em: <https://www.cbc.ca/news/canada/hamilton/soldiers-of-odin-hamilton-1.3707723>. Acesso em: 6 set. 2018.

CRARY, Jonathan. **24/7 – Capitalismo tardio e os fins do sono**. Tradução: Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

CREATIVITY MOVEMENT TORONTO. **Blog**. Disponível em: <http://creativitymovementtoronto.blogspot.com/>. Acesso em: 4 fev. 2019.

DAVEY, Jacob; EBNER, Julia. **The fringe insurgency: Connectivity, Convergence and Mainstreaming of the Extreme Right**. ISD, London, Washington DC, Beirut, Toronto, 2017.

DAYAN, Daniel; KATZ, Elihu. **A história em directo**. Os acontecimentos mediáticos na televisão. Coimbra: Minerva, 1999.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Projeto Periferia, 2003. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2019.

DELEUZE, Gilles. "Post-script on Control Societies", In **Negotiations**, trad. Martin Joughin. Nova York: Columbia University Press, 1995, p 177-82 [ed. Bras.: "Post-scriptum sobre as sociedades de controle", In Conversações 1972-1990, trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 219-26].

DINNERSTEIN, Dorothy. **The Mermaid and the Minotaur**: Sexual Arrangements and the Human Malaise. Nova Iorque, Harper and How, 1976.

DOUG Ford, Faithy Gold, and the company they keep. **Anti-Racist Canada**, 23 set. 2018. Disponível em: http://anti-racistcanada.blogspot.com/2018/09/doug-ford-faith-goldy-and-company-they.html?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+Anti-racistCanadaTheArcCollective+%28Anti-Racist+Canada%3A+The+ARC+Collective%29. Acesso em: 1º out. 2018.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. Indústria da Consciência. **Contr'un**, 1962. Disponível em: <https://contrun.noblogs.org/post/2008/04/14/ind-stria-da-consci-ncia-hans-magnus-enzensberger/>. Acesso em: 6 mar. 2018.

FACEBOOK. **Atalante Québec**. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/atalantequebec/about/?ref=page_internal. Acesso em: 23 jul. 2018.

_____. **Official ID Canada**. Disponível em: <https://www.facebook.com/OfficialIDCanada/>. Acesso em: 30 ago. 2018.

_____. **La Meute Publique**. Disponível em : <https://www.facebook.com/groups/942237742559979/>. Acesso em: 27 jun. 2018.

_____. **Storm Alliance Canada**. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/327944747605034/about/>. Acesso em: 12 ago. 2019.

_____. **Students in Support of Free Speech – SSFS**. Disponível em: <https://www.facebook.com/ssfsut/>. Acesso em: 24 jul. 2018.

_____. **Yellow Vests Canada**. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/565213087274651/about/>. Acesso em: 15 abr. 2019.

FALASCA-ZAMPONI, Simonetta. **Fascist Spectacle**: The aesthetics of power in Mussolini's Italy. Berkeley: U of California P, 1997: p. 186.

FAITH Goldy, Kevin Goudreau, and hate groups including Soldiers of Odin banned from Facebook. **Anti-Racist Canada**, 8 abr. 2019. Disponível em: http://anti-racistcanada.blogspot.com/2019/04/faith-goldy-kevin-goudreau-and-hate.html?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+Anti-racistCanadaTheArcCollective+%28Anti-Racist+Canada%3A+The+ARC+Collective%29. Acesso em: 15 abr. 2019.

FAR-RIGHT groups are holding two demonstrations in Toronto this weekend. **Anti-hate.ca**, 10 jun. 2019. Disponível em: https://www.antihate.ca/far_right_groups_are_holding_two_demonstrations_in_toronto_this_weekend. Acesso em: 10 set. 2018.

FAR-RIGHT rallies and counter-rallies: Montreal and Toronto. **Anti-Racist Canada**, 4 maio 2019. Disponível em: http://anti-racistcanada.blogspot.com/2019/05/far-right-rallies-and-counter-rallies.html?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+Anti-

racistCanadaTheArcCollective+%28Anti-Racist+Canada%3A+The+ARC+Collective%29. Acesso em: 7 maio 2019.

FÉDÉRATION DES QUÉBÉCOIS DE SOUCHE. **Québécois de Souche**. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20080617154606/http://fq.s.mnsf.info/>. Acesso em: 20 jul. 2018.

FRASER, Nancy. Transnationalizing the public sphere on the legitimacy and efficacy of public opinion in a post-westphalian world. **Theory Culture Society**, 2007, 24;7, SAGE Publications. Disponível em: <http://tcs.sagepub.com/cgi/content/refs/24/4/7>. Acesso em: 10 ago. 2018.

_____. Reenquadrando a justiça em um mundo globalizado. **Lua Nova**, São Paulo, 77: 11-39, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n77/a01n77.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2018.

GAREL, Connor. No, sex dolls won't stop future *incel* attacks. **Vice**, 29 ago. 2018. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/ne5p87/no-sex-dolls-wont-stop-future-incel-attacks. Acesso em: 10 maio 2019.

GENNEP, Arnold van. **Les rites de passage**. Émile Nourry, augmentée en 1969, Mouton and Co et Maison des Sciences de l'homme. Paris: Éditions A. et J. Picard, 1981.

GET to know your racist candidate: Conrad Peach. **Anti-Racist Canada**, 7 out. 2018. Disponível em: http://anti-racistcanada.blogspot.com/2018/10/get-to-know-your-racist-candidate.html?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+Anti-racistCanadaTheArcCollective+%28Anti-Racist+Canada%3A+The+ARC+Collective%29. Acesso em: 5 fev. 2019.

GETTYS, Travis. Proud Boys founder Gavin McInnes denied entry to Australia for 'Deplorables' speaking tour. **Raw Story**, 30 nov. 2018. Disponível em: <https://www.rawstory.com/2018/11/proud-boys-founder-gavin-mcinnes-denied-entry-australia-deplorables-speaking-tour/>. Acesso em: 13 dez. 2018.

GOLDENSTEIN, Gisela Taschner. **Do Jornalismo político à indústria cultural**. São Paulo: Summus, 1987.

GRIFFIN, Roger. **A Facist Century**: Essays by Roger Griffin, edited by Matthew Feldman. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

GROUPE DE RECHERCHE SUR L'EXTRÊME DROITE ET SES ALLIÉ-E-S. **Alerte - l'extrême-droite se mobilise contre la communauté LGBTQ à Calgary.**, 4 out. 2016. Disponível em: <https://gredacanada.wordpress.com/2017/08/04/alerte-lextreme-droite-se-mobilise-contre-la-communaute-lgbtq-a-calgary/>. Acesso em: 26 de jul. 2018.

GUEST article: New Developments in Quebec Racism, Fascism and Nationalist Fuckery. **Anti-Racist Canada**, 9 jul. 2019. Disponível em: <http://anti-racistcanada.blogspot.com/2018/07/guest-article-new-developments-in.html>. Acesso em: 7 ago. 2018.

HABERMAS, Jürgen. Ciência e Tecnologia como Ideologia In **Ciência e Técnica como Ideologia**. Lisboa, Editora, 34, 1998.

_____. **O discurso filosófico da modernidade**: doze lições. Tradução Luiz Sérgio Repa Rodnei Nascimento. São Paulo; Martins Fontes. 2000.

HAMILTON becoming front line of Ontario hate group activity. **Anti-hate.ca**. Disponível em: https://www.antihate.ca/hamilton_becoming_front_line?fbclid=IwAR12BCp4aF6rix1V6LSP5fQYsUIzK3eS0slZkbyAHgXbxJco79n1Tn3icH4. Acesso em: 10 jun. 2019.

HAMMERSKIN NATION. **Home**. Disponível em <https://www.hammerskins.net/>. Acesso em: 4 fev. 2019.

HANSON, Kendall. Soldiers of Odin threaten removal of Nanaimo's tent city. **Check**, 17 ago. 2018. Disponível em: <https://www.cheknews.ca/soldiers-of-odin-planning-to-help-remove-nanaimos-tent-city-sunday-481133/>. Acesso em 18 set. 2018.

HATE groups at Toronto Pegida Rally burn quran and set off smoke bombs. **Anti-Racist Canada**, 5 maio 2019. Disponível em: http://anti-racistcanada.blogspot.com/2019/05/hate-groups-at-toronto-pegida-rally.html?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+Anti-racistCanadaTheArcCollective+%28Anti-Racist+Canada%3A+The+ARC+Collective%29. Acesso em: 7 mai 2019.

HEIDEGGER, M. **L'époque des "conceptions du monde"** In Chemins qui ne mènent nulle part. Tradução de Wolfgang Brokmeier. Paris, Gallimard, 1962.

HERMANSSON, Patrik. The International alternative right In **Hope Not Hate**. Disponível em: <https://alternativeright.hopenothate.com/>. Acesso em: 28 jul. 2018.

HONNETH, Axel. **La lucha por el reconocimiento**: por una gramática moral de los conflictos sociales. Traducción Castellana de Manuel Bastellero, Novogràfik S. L. Barcelona, 1997.

HYGINO DOS SANTOS, Manoel. **Hippies**. Protesto ou modismo. Minas Gráfica Editora, Belo Horizonte, 1978.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.

JOHNSON, Doug. Guardians of Alberta's split from Soldiers of Odin shows a lack of cohesion on the alt-right front. **Edmonton Examiner**. Disponível em : <http://www.edmontonexaminer.com/2017/02/08/guardians-of-albertas-split-from-soldiers-of-odin-shows-a-lack-of-cohesion-on-the-alt-right-front>. Acesso em: 6 jul. 2018.

KATZ, Elihuz. Media Events: The Sense of Occasion. **Studies in Visual Anthropology**, 6, 1980, p. 84-89. Disponível em: https://repository.upenn.edu/asc_papers/263/?utm_source=repository.upenn.edu%2Fasc_papers%2F263&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages, Acesso em: 30 abr. 2018.

KIMMEL, Michael. **Angry White Men**: american masculinity at the end of an era. Bold Type Books, New York, 2017.

_____. **Healing from hate**: how young men get into – and out of – violent extremism. University of California Press, Oakland, California, 2018.

KINI, Aditi Natasha. How Reddit is used to indoctrinate young men into becoming misogynists **Vice**, 15 nov. 2017. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/gyj3yw/how-reddit-is-used-to-indoctrinate-young-men-into-becoming-misogynists. Acesso em: 10 maio 2019.

KRISHNAN, Manisha. How Lonely Men Are Radicalized Online and Turn Their Rage Into Violence. **Vice**, 26 abr. 2018. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/ywx7wx/how-lonely-men-are-radicalized-on-line-and-turn-their-rage-into-violence?utm_source=stylizedembed_vice.com&utm_campaign=ne5p87&site=vice. Acesso em: 17 maio 2019.

LAMOUREUX, Mack. Alleged Toronto van attacker's Facebook profile linked to 'Incel's' praised mass killer. **Vice**, 24 abr. 2018. Disponível em: https://www.vice.com/en_us/article/xw79x7/alleged-toronto-van-attackers-facebook-profile-linked-to-incels-praised-mass-killer. Acesso em: 9 maio 2019.

_____. Alberta conservative candidate Caylan Ford steps down for using white nationalist talking points. **Vice**, 19 mar. 2019. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/eve9qe/alberta-conservative-candidate-caylan-ford-steps-down-for-using-white-nationalist-talking-points. Acesso em: 20 jun. 2019.

_____. Alberta conservative candidates Took Photos with Soldiers of Odin. **Vice**, 9 out. 2018. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/9k785p/alberta-conservative-candidates-took-photos-with-soldiers-of-odin. Acesso em: 20 de jun. 2019.

_____. An 'Ultrnationalistic' Group Is Patrolling Canada's Border With the US. **Vice**, 23 mar. 2017. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/8x43g5/an-ultrnationalistic-group-patrolling-canadas-border-with-the-us. Acesso em: 12 de ago. 2019.

_____. Canada is spending \$300K on research into far-right extremism. **Vice**, 7 mar. 2019. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/59xq7q/canada-is-investing-in-far-right-extremism-research. Acesso em: 21 jun. 2019.

_____. Facebook Bans Faith Goldy, Other Canadian Far-Right Groups and Figures. **Vice**, 8 abr. 2019. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/wjmwzm/facebook-bans-faith-goldy-other-canadian-far-right-groups-and-figures. Acesso em: 15 abr. 2019.

_____. Soldiers of Odin, dubbed 'extreme anti-refugee group,' patrol Edmonton streets. **CBC News**, 3 set. 2016. Disponível em: <https://www.cbc.ca/news/canada/edmonton/soldiers-of-odin-dubbed-extreme-anti-refugee-group-patrol-edmonton-streets-1.3745493>. Acesso em: 6 set. 2018.

_____. Soldiers of Odin Canada Splinters Over Allegiance to 'Racist' Finnish Group. **Vice**, 1 maio 2017. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/kbm4xv/soldiers-of-odin-canada-splinters-over-allegiance-to-anti-immigration. Acesso em: 29 jun. 2018.

_____. Soldiers of Odin Edmonton Chapter Shuts Down, Rebrands As 'Canadian Infidels'. **Vice**, 15 out. 2018. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/xw9pwj/soldiers-of-odin-edmonton-chapter-shuts-down-rebrands-as-canadian-infidels. Acesso em: 17 out. 2018.

_____. Soldiers of Odin Escalate from Street Patrols to Vigilante Investigations. **Vice**, 18 set. 2017. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/8x8gna/soldiers-of-odin-escalate-from-street-patrols-to-vigilante-investigations. Acesso em: 29 de junho de 2018.

_____. Soldiers of Odin, Europe's Notorious Anti-Immigration Group, Is Beginning to Form Cells in Canada. **Vice**, 17 abr. 2016. Disponível em: https://www.vice.com/en_us/article/gqma9m/soldiers-of-odin-europes-notorious-anti-immigration-group-beginning-to-form-cells-in-canada. Acesso em: 29 jun. 2018.

_____. Soldiers of Odin Tangled with Anti-Racism Protesters in Vancouver. **Vice**, 27 mar. 2017. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/8qjvvz/soldiers-of-odin-tangled-with-anti-racism-protesters-in-vancouver. Acesso em: 29 jun. 2018.

_____. The Birth of Canada's Armed, Anti-Islamic 'Patriot' Group. **Vice**, 14 jun. 2017. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/new9wd/the-birth-of-canadas-armed-anti-islamic-patriot-group. Acesso em: 7 ago. 2019.

LAMOUREUX, Mack; PEARSON, Jordan. A brief history of 'Incel,' the misogynistic group allegedly cited by Toronto van attacker. **Vice**, 24 abr. 2018. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/pax9kz/a-brief-history-of-incel-the-misogynistic-group-allegedly-cited-by-toronto-van-attacker. Acesso em: 9 maio 2019.

LAMOUREUX, Mack; TIERNEY, Allison. Everything we know about Alek Minassian, the alleged Toronto Van Attacker. **Vice**, 24 abr. 2018. Disponível em: https://www.vice.com/en_us/article/59j83n/everything-we-know-about-alek-minassian-the-alleged-toronto-van-attacker. Acesso em: 20 maio 2019.

LASCH, Christopher. **O Mínimo eu**: sobrevivência psíquica em tempos difíceis. Tradução João Roberto Martins Filho. Editora Brasiliense S.A, São Paulo, 1986.

LEA, Bih-Ru, WEN-BIN, Yu et al. Enhancing Business Networks using Social Network Based Virtual Communities. **Industrial Management and Data Systems** 106 (2006): 122.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LUCKÁCS, Georg. **Estética**, vol 1. Barcelona: Grijalbo, 1974.

MAKUCH, Ben. Les soldats de la guerre des valeurs. **Vice**, 26 abr. 2018. Disponível em: https://video.vice.com/fr_ca/video/les-soldats-de-la-guerre-des-valeurs/58811077dba8a16007de726c. Acesso em: 29 jun. 2018.

MARCH 30: 2019 Hate Rally: video of racist groups prove they were the aggressors. **Anti-Racist Canada**, 10 abr. 2019. Disponível em: http://anti-racistcanada.blogspot.com/2019/04/march-30-2019-hate-rally-video-of.html?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+Anti-racistCanadaTheArcCollective+%28Anti-Racist+Canada%3A+The+ARC+Collective%29. Acesso em: 15 abr 2019.

MARCONDES FILHO, Ciro. (Org) **Dieter Prokop**. Coleção Grandes Cientistas. Editora Ática, São Paulo, 1986.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. Tradução de Giasone Rebuá. Quarta edição. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1973.

MARX, Karl. Crítica ao Programa de Gotha, In Karl Marx, Selected Writings. **Sociology and Social Philosophy**, editado por T. B. Bottomore e Maximilien Rubel, Penguin Books, 1970, Harmondsworth, p. 263.

MAYNARD, Douglas W; CLAYMAN Steven E. The diversity of Ethnomethodology. **Annu. Rev. Socio.l**, 1991, 17:385-418.

MCGUIRE, Patrick. Elliot Rodger's online life provides a glimpse at a hateful group of "Anti-Pick-up Artists". **Vice**, 26 maio 2014. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/znwz53/elliott-rodgers-on-line-life-provides-a-glimpse-at-a-hateful-group-of-pick-up-artists. Acesso em: 12 maio 2019.

MEDITSCH, Eduardo. O conhecimento do jornalismo. Florianópolis: UFSC, 1992.

MENDONÇA, Ricardo F. 2009. Dimensão Intersubjetiva da auto-realização: em defesa da teoria do reconhecimento. **RBCS**, vol. 24, no. 70, p. 143-154.

MESQUITA, Mário. **O quarto equívoco**. O poder dos media na sociedade contemporânea. Coimbra: Minerva, 2003.

MONTPETIT, Jonathan. Inside Quebec's far right: Soldiers of Odin leadership shake-up signals return to extremist roots. **CBC News**, 14 dez. 2016. Disponível em: <http://www.cbc.ca/news/canada/montreal/quebec-far-right-soldiers-of-odin-1.3896175>. Acesso em: 23 jul. 2018.

MONTREAL – ANTIFACISTE.INFO. **Cartographie de l'extrême droite**. Disponível em: <https://montreal-antifasciste.info/fr/cartographie-de-lextreme-droite/>. Acesso em: 20 jul. 2018. MORAES, Dênis de. **Por uma outra comunicação**/Dênis de Moraes (org.). – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2004.

MORE evidence linking Faith Goldy's mayoral campaign to hate groups ID Canada and Students for Western Civilization. **Anti-Racist Canada**, 17 set. 2018. Disponível em: <http://anti-racistcanada.blogspot.com/2018/09/more-evidence-linking-faith-goldys.html>. Acesso em: 1º out. 2018.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo: tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 3ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1975.

_____. _____. 6ª ed. Rio de Janeiro, Forense – Universitária, 1984.

_____. Em entrevista. **Manchete**, nº 995, 15 de maio de 1973, Rio de Janeiro.

MILLER-IDRISS, Cynthia. **The extreme gone mainstream**: commercialization and Far Right Youth Culture in Germany. Princenton University Press, Princenton, 2017.

NADEAU, Frédérick; HELLY, Denise. Extreme Right in Québec?: The Facebook Pages in Favor of the 'Quebec Charter of Values'. **Canadian Ethnic Studies**, 2016, 48(1), 1–18.

NAGLE, Angela. **Kill all normies**, online culture wars from 4chan and Tumblr to Trump and the alt-right, Zero Books, 2017.

NOËL, Brigitte. Dropping in on the Hells Angels' National Conference. **Vice**, 25 jul. 2016. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/3b4y3y/dropping-in-on-the-hells-angels-national-conference. Acesso em: 29 jul. 2019.

_____. La Meute: The Illusions and Delusions of Quebec's 'Largest' Right-Wing Group **Vice**, 6 jan. 2017. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/d7pmk7/la-meute-the-illusions-and-delusions-of-quebecs-largest-right-wing-group. Acesso em: 29 jul. 2019.

_____. Le chef de La Meute démissionne. **Vice**, 16 jan. 2017. Disponível em: https://www.vice.com/fr_ca/article/3ddzj5/le-chef-de-la-meute-demissionne. Acesso em: 29 jul. 2019.

_____. The Political Aspirations of Quebec's Far-Right. **Vice**, 22 dez. 2016. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/mgvwwx/the-political-aspirations-of-quebecs-far-right. Acesso em: 29 de jul. 2019.

_____. This Controversial Alt-Right Group Is Recruiting on Canadian Campuses. **Vice**, 12 set. 2017. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/zm3bkx/a-european-alt-right-group-is-recruiting-on-canadian-campuses. Acesso em: 29 jul. 2019.

_____. Un temps des Fêtes movimenté pour La Meute. **Vice**, 29 nov. 2017. Disponível em https://www.vice.com/fr_ca/article/8xv8nx/un-temps-des-fetes-mouvemente-pour-la-meute. Acesso em: 29 de jul. 2019.

NOLAN-SMITH, Peter. What you need to know about ‘The *Incel* Rebellion’. **Daly Hive**, 24 abr. 2018. Disponível em: <http://dailyhive.com/toronto/incele-rebellion-information-toronto-van-attack>. Acesso em: 4 jun. 2018.

PAKULSKI, Jan. Postmodern Social Theory In **The New Blackwell Companion to Social Theory**. Edited by Bryan S. Turner, Blackwell Publishing Ltd., 2009.

PARENT, Richard; ELLIS III, James O. Right-wing extremism in Canada In **TSAS Canadian Network for Research on Terrorism, Security and Society**, nº14-03, May, 2014.

PEDROSO d’HORTA, Arnaldo. A Reivindicação Cultural, em **O Estado de São Paulo**, 16 de junho de 1968.

PEGIDA Canada members in Nathan Phillips Square exploiting 9/11 tragedy. **Anti-Racist Canada**, 8 set. 2018. Disponível em: http://anti-racistcanada.blogspot.com/2018/09/pegida-canada-members-in-nathan.html?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+Anti-racistCanadaTheArcCollective+%28Anti-Racist+Canada%3A+The+ARC+Collective%29. Acesso em: 10 set. 2018.

PERRY, Barbara; SCRIVENS, Ryan. Uneasy Alliances: A Look at the right-wing extremist movement in Canada. Studies in Conflict & Terrorism. **Journal Studies in Conflict & Terrorism**. Volume 39, 2016, p. 819–841.

_____. Resisting the right: Countering Right-Wing Extremism in Canada. **Canadian Journal of Criminology and Criminal Justice**/La Revue canadienne de criminologie et de justice pénale – August 2017 59(4):1-25. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/318895742_Resisting_the_Right_Countering_Right-Wing_Extremism_in_Canada. Acesso em: 3 ago. 2019.

_____. A Climate for hate? An Exploration of the Right-Wing Extremist Landscape in Canada In **Critical Criminology** - June 2018, Volume 26, Issue 2, p. 169–187. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10612-018-9394-y>. Acesso em: 30 jul. 2019.

PINO, J.W.S. Chirac sob o olhar do Noisey - apropriação dos movimentos de contestação pelo sistema. **Anais do 5º Simpósio Internacional de Jornalismo**. Disponível em: <http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor5/files/2014/07/johnatan-pino.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2015.

_____. Coletivos de rua de São Paulo: da gratuidade à capitalização das festas. **3º Seminário Comunicação, Cultura e Sociedade do Espetáculo**, Faculdade Cásper Líbero, 2015. Disponível em: https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2016/04/Jhonathan-Pino_Semin%E2%80%A0rio-2015.pdf. Acesso em: 2 jul. 2017.

QUEBECOISDESOUICHE.INFO. **À Propos**. Disponível em: <http://quebecoisdesouiche.info/a-propos/>. Acesso em: 20 jul. 2018.

REEVE, Elle. This is what the life of an *incel* looks like. **Vice**, 2 ago. 2018. Disponível em: https://news.vice.com/en_us/article/7xqw3g/this-is-what-the-life-of-an-incel-looks-like. Acesso em: 9 maio 2019.

ROBINS-EARLY, Nick. Finland Bans Neo-Nazi Nordic Resistance Movement. **Huffpost**, 30 nov. 2017. Disponível em: https://www.huffingtonpost.ca/entry/finland-bans-neo-nazi-group_us_5a202d7ae4b037b8ea206cf7. Acesso em: 7 jul. 2018.

RODRIGUES DOS SANTOS, José. **Crônicas de Guerra II**. De Saigão a Bagdade. Lisboa: Gradativa, 2002.

ROSZAK, Theodore. **A Contracultura**. Tradução de Donaldson M. Garschagen. Editora Vozes LTDA, Petrópolis, RJ 1972.

SEIGEL, Jerrold. **Paris Boêmia** – Cultura, Política e os Limites da Vida Burguesa: 1830-1930/ tradução de Magda Lopes. – Porto Alegre: L&PM, 1992.

SENNET, Richard. **A cultura do Novo Capitalismo**. Tradução Clóvis Marques. - Rio de Janeiro: Record, 2006.

SIRIUS, R. U. **Contracultura através dos tempos**: do mito de Prometeu à cultura digital/ Ken Goffman (R.U. Sirius) e Dan Joy; introdução de Timothy Leary; tradução Alexandre Martins. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

SIMMEL, Georg. **The philosophy of Money**. London and New York: Routledge, 2011.

SOLDIERS OF ODIN. **Soldiers of Odin Canada Bylaws**. Disponível em: <https://www.scribd.com/doc/308890496/Soldiers-Of-Odin-Canada-Bylaws-docx>. Acesso em: 2 jul. 2018.

SOLDIERS of Odin Edmonton stunt fizzles. **Anti-Racist Canada**, 3 set. 2018 Disponível em: http://anti-racistcanada.blogspot.com/2018/09/soldiers-of-odin-edmonton-stunt-fizzles.html?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+Anti-racistCanadaTheArcCollective+%28Anti-Racist+Canada%3A+The+ARC+Collective%29. Acesso em: 10 set. 2018.

SOLDIERS of Odin welcomed at united conservative party event. **Anti-Racist Canada**, 7 out. 2018. Disponível em: http://anti-racistcanada.blogspot.com/2018/10/soldiers-of-odin-welcomed-at-united.html?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+Anti-racistCanadaTheArcCollective+%28Anti-Racist+Canada%3A+The+ARC+Collective%29. Acesso em: 24 jan. 2018.

TENOLD, Vegas. **Everything you love will burn**. Inside the Rebirth of White Nationalism in America. Nation Books, New York, 2018.

THE BIRTH of a nation. Direção e produção: Griffith, D.W. Distribuição Epoch Producing Co, EUA, 1915.

THE MATRIX. Direção e roteiro: Andy Wachowski e Larry Wachowski, produção Joel Silver, Distribuição: Warner Bros. EUA, 1999.

TEITELBAUM, Benjamin R. **War for Eternity**: Inside Bannon's Far-Right Circle of Global Power Brokers, HarperCollins Publishers CA, 2020.

THÉVENOT, Laurent. Pragmatic Regimes Governing the Engagement With The World In Knorr-Cetina, K., Schatzki, T. Savigny Eike v. (eds.), **The Practice Turn in Contemporary Theory**, London, Routledge, 2001, p.56-73.

THOMPSON, Hunter S. **Hell's Angels**: medo e delírio sobre duas rodas/ Hunter S. Thompson; tradução Ludimila Hashimoto. – São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

TIERNEY, Allison. Edmonton man uses 'Involuntary Celibacy' as excuse in stomping death **Vice**, 30 ago. 2018. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/ev8ekp/edmonton-man-uses-involuntary-celibacy-as-excuse-in-stomping-death. Acesso em: 10 maio 2019.

TURNER, Victor W. **O Processo Ritual**: estrutura e anti-estrutura; tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Vozes, 1974.

U.S. DEPARTMENT OF HOMELAND SECURITY. (U//FOUO) **Rightwing Extremism**: current economic and political climate fueling resurgence in radicalization and recruitment, 2009. Disponível em: <https://fas.org/irp/eprint/rightwing.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2019.

VATTIMO, G., MARDONES, J.M., URBANIDIA, I. [et al.]. **En torno a la posmodernidad**. – Barcelona: Anthropos, 1990.

WCAI hoping for Charlottesville North. **Anti-Racist Canada**, 4 ago. 2018. Disponível em: http://anti-racistcanada.blogspot.com/2018/08/wcai-hoping-for-charlottesville-north.html?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+Anti-racistCanadaTheArcCollective+%28Anti-Racist+Canada%3A+The+ARC+Collective%29. Acesso em: 9 ago. 2018.

WCAI planning rally in Toronto on August 11. **Anti-Racist Canada**, 2 ago. 2018. Disponível em: http://anti-racistcanada.blogspot.com/2018/08/wcai-planning-rally-in-toronto-on.html?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+Anti-racistCanadaTheArcCollective+%28Anti-Racist+Canada%3A+The+ARC+Collective%29. Acesso em: 9 ago. 2018.

WHO are the Proud Boys who disrupted an indigenous event on Canada Day? **CBC.ca**, 4 jul. 2017. Disponível em: <http://www.cbc.ca/radio/asithappens/as-it-happens-tuesday-edition-1.4189447/who-are-the-proud-boys-who-disrupted-an-indigenous-event-on-canada-day-1.4189450>. Acesso em: 24 jul. 2018.

WIKIPEDIA. Discord. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Discord_\(software\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Discord_(software)). Acesso em: 17 out. 2019.

WRIGHT, Stuart A. Strategic framing of racial-nationalism in North America and Europe: an analysis of a burgeoning transnational network. **Terrorism and Political Violence**, 2009, 21 (2), p. 189-210.

YELLOW vest extremists: two case studies from Edmonton and Calgary. **Anti-Racist Canada**, 25 dez. 2018. Disponível em: <http://anti-racistcanada.blogspot.com/2018/12/yellow-vest-extremists-two-case-studies.html>. Acesso em: 3 jan. 2019.

YOUTUBE. **Elliot Rodger's Retribution**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zExDivIW4FM>. Acesso em: 24 out. 2018.

GLOSSÁRIO

4chan – é um site lançado em outubro de 2013, no qual os usuários geralmente postam anonimamente e as mensagens mais recentes são visualizadas acima das demais. Ele é dividido em várias placas, com conteúdo próprio e diretrizes específicas. O site se tornou popular por meio da disseminação de discussões de uma ampla gama de tópicos, de anime/mangá a videogames, música, literatura, fitness, política e esportes. Logo, tornou-se local comum entre grupos de ativistas e subculturas da Internet, mais notavelmente o *Anonymous* e o *alt-right*.

8chan – é um site de imagens composto de placas criadas pelos usuários. Cada placa é moderada pelo seu dono, com interação mínima de outras administrações do site.

Anti-hate Network – é uma organização independente, sem fins lucrativos, formada por especialistas e pesquisadores líderes do Canadá em grupos e crimes de ódio, atuando no monitoramento, pesquisa e combate aos grupos de ódio, fornecendo educação e informações ao público, mídia, pesquisadores, tribunais, agentes da lei e grupos comunitários. A rede possui relações com organizações que realizam trabalho semelhante, internacionalmente, como o Southern Poverty Law Center, além de especialistas em desradicalização.

Anti-racist Canada (ARC) – página utilizada por esta pesquisa, para acompanhar o acesso e atualização de informações referentes aos grupos extremistas no Canadá. Barbara Perry e Ryan Scrivens (2017) definiriam que a página reúne indivíduos com ideias afins no combate “ao ódio, ao fanatismo, à intolerância e à violência de direita, através da monitorização e notificação aos funcionários responsáveis pela aplicação da lei”, com o objetivo de tornar conhecidas e despertar a consciência da população para as atividades da extrema direita no país.

Aryan Guard – grupo neonazista com sede em Alberta, Canadá, cujos membros estão localizados principalmente na cidade de Calgary.

Atalante – de acordo com a página *Montreal-Antifaciste*, o grupo teria sido formado em agosto de 2016 por indivíduos membros de outro grupo ultranacionalista da cidade de Quebec, o *Légitime Violence*. A página do *Facebook* do grupo indica que são uma organização política, de cunho identitário e com objetivos comunitários, esportivos, culturais e intelectuais. Denominando-se nacionalistas revolucionários, o discurso do *Atalante* é focado na antiglobalização, no anticonsumismo e contra o politicamente correto. O grupo é também anti-imigrante e defende não apenas o fim da imigração não europeia para Quebec, mas também a “reimigração” de imigrantes não-brancos naturalizados e de seus descendentes. Ainda

conforme *Montreal-Antifaciste*, eles seriam alinhados com o *Casa Pound*, um movimento de extrema direita da Itália, também de retórica anti-imigração e anticapitalista e teriam como fonte de inspiração o grupo francês *Bloc Identitaire*, cujo discurso é centrado no anti-islamismo. Além da disseminação de seus argumentos no mundo on-line, quando estão nas ruas, os membros do Atalante podem ser vistos em protestos, fazendo a segurança de grupos afins, ou mesmo na organização de ações de caridades voltadas para o auxílio da comunidade. É comum sua participação em comícios anti-imigrantes e fornecimento de comida para os quebequenses sem-teto. Muitas vezes essas atividades são realizadas em conjunto com grupos como *Fédération des Québécois de Souche*, *La Meute*, *Storm Alliance* e a sessão de Quebec, dos Soldados de Odin. O grupo fundou um clube de boxe chamado *La Phalange - Club De Boxe Identitaire*, em junho de 2017, a fim de aprimorar as habilidades marciais de seus integrantes. O clube recebeu o nome do movimento fascista espanhol do ditador espanhol Francisco Franco. Na parede da academia estão retratos de Julius Evola, Friedrich Nietzsche e Dominique Venner, um nacionalista francês de extrema direita que se opõe à imigração muçulmana e ao casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Blood and Honour – trata-se de um grupo neo-nazi, fundado por Ian Stuart Donaldson e Nicky Crane, no Reino Unido, em 1987, que no início utilizava de uma cena musical, denominada *Rock Against Communism (RAC)*, em que os concertos realizados serviam também de palco para expressarem posições políticas e fazerem o levante de suas bandeiras nacionalistas. O grupo também é ligado ao *Combat 18*: juntos eles passaram por um momento de expansão, atingindo países da Europa e a América do Norte, como também de restrições legais, pois ambos foram banidos de atuarem em diversos países, como Alemanha, Rússia e Canadá. Neste último, eles entraram em conjunto para a lista de grupos terroristas, em 21 de junho de 2019.

Creativity Movement – segundo a página do grupo sediado em Toronto, o *Creativity* é uma religião profissional, não violenta e progressista pró-branca, na qual são promovidos os direitos civis, a autodeterminação e a libertação dos brancos, por meio do ativismo jurídico.

Discord – é um aplicativo proprietário de VoIP de uso gratuito e plataforma de distribuição digital – desenvolvido inicialmente para a comunidade de videogames – especializado em comunicação de texto, imagem, vídeo e áudio entre usuários, por meio de um canal de bate-papo. Ele é executado no Windows, MacOS, Android, iOS, Linux e em navegadores da web. Em 21 de julho de 2019, existiam mais de 250 milhões de usuários únicos do *software*.

Gab – é uma rede social criada em 2017 que afirma apoiar a liberdade de expressão irrestrita e que, na prática, vem atraindo extremistas que foram expulsos de outras plataformas. Entre seus

membros estão o fundador da extrema direita Richard Spencer, Alex Jones e Milo Yiannopoulos.

Hell's Angels – grupo formado por motociclistas, excluídos sociais, subempregados e identificados como foras da lei, que teve início ainda na década de 1950 e se popularizou nos anos seguintes nos Estados Unidos e Canadá a partir da identificação de seus membros de seu vestuário, jaquetas e botas pretas, além do estilo de vida, que fora midiaticizado por exibir sujeitos com condutas ligadas à violência e ao uso de drogas.

Lookism.net – plataforma na *web* de discussão temática por meio de fóruns voltados para três focos principais: a estética, o Red Pill e a masculinidade.

Ku Klux Klan – de acordo com Vegas Tenold (2018, p. 74, 75), o grupo teria nascido por volta do ano 1865, em Pulaski, estado do Tennessee, Estados Unidos, quando, em pleno Natal, seis ex-oficiais confederados decidiram formar um clube fraternal para aliviar o tédio do tempo de paz. O nome Ku Klux Klan seria uma anglicização da palavra grega para “círculo” *kyklos* e “clã”. No início, os indivíduos utilizavam a denominação apenas para sair em grupo, andando e se divertindo à noite, vestidos com trajes tolos e anunciando que eram fantasmas dos soldados mortos a Batalha de Shiloh, e que eles viviam no inferno. O grupo cresceu rapidamente e, em 1867, formulou toda uma estrutura, a partir de uma administração centralizada e supervisionando uma coleção dispersa de franquias locais. A organização e sua estrutura se descentralizaram, tornando mais difícil serem controladas. Isso daria a oportunidade para que suas seções ficassem livres para interpretar da forma que conviesse a missão de proteger “os fracos, os inocentes e os indefesos de seu país”. Tenold (2018) lembra que se no início o grupo era composto das “melhores pessoas” das áreas em que operava, geralmente ex-oficiais do exército confederado, da lei ou de outros cidadãos respeitáveis, mais tarde ele ganharia a adesão de milhares de americanos, principalmente sulistas, que espalhavam práticas direcionadas de vigilância, com a defesa da manutenção da ordem e não infração da lei. Antes da virada para o século XX, seus membros ficaram impedidos de se organizarem, por pressão do governo, mas seus ideais voltariam a ganhar adeptos e se espalhar depois de 1915, após a popularidade do filme *The birth of Nation* (*O nascimento da nação*, em Português), de D. W. Griffith, cujas cenas apresentavam cavaleiros virtuosos resgatando uma mulher branca pobre e desesperada, de afro-americanos depravados. Essas cenas teriam sensibilizado parte da população norte-americana para a necessidade de manter a ordem no país. Essa segunda geração tinha entre seus membros senadores e governadores, e ao menos cinco milhões de pessoas por todo o país, no entanto a última grande geração de Klans Man (como são chamados os membros) foi formada

na década de 60, como reação dos movimentos pela luta dos direitos civis nos Estados Unidos. Nessa época, o estado da Carolina do Norte sediaria a *United Klans of America (UKA)*, grupo que possuiria ao menos 25 mil membros, espalhados em dez estados. Constatada sua participação entre assassinatos, espancamentos, ameaças e bombardeios em estados do Sul do país, o grupo foi logo enquadrado pela lei e suas atividades proibidas pelas autoridades.

La Meute – grupo fundado em 2015, por dois ex-soldados das forças armadas canadenses, Éric Venne (conhecido como Éric Corvus) e Patrick Beaudry, que reuniram outros cidadãos canadenses para se prepararem para uma possível guerra cultural e política, como forma de combater o processo de islamização de seu país. Hoje, eles são parte de um dos principais grupos nacionalistas do país e possuem uma organização hierárquica rígida, que inclui Conselho de “Chefes” distribuídos em vários comitês e organizados em forma de clãs, sendo um para cada uma das 17 regiões administrativas da província de Quebec. Entre suas bandeiras estão a luta contra a islamização de sua cultura, valores e de suas terras. Apesar da rejeição à cultura mulçumana, expressa em seus princípios, o grupo procura se afastar de qualquer imagem racista, ou de extrema direita, que possa a ele estar vinculada. Eles contam com a ajuda do *Storm Alliance* e *Atalante* na realização de manifestações de sensibilização da população quebequense.

Patreon – é uma plataforma de associação e financiamento coletivo com sede nos Estados Unidos que fornece ferramentas de negócios para os criadores executarem um serviço de conteúdo por assinatura. Ele permite que os artistas recebam financiamento diretamente de seus fãs ou clientes, de forma recorrente ou por obra de arte, a partir da criação de relacionamentos e fornecimento de experiências exclusivas aos seus assinantes, ou “clientes”. A ferramenta é popular entre os videografos do *YouTube*, artistas de *webcomics*, escritores, *podcasters*, músicos, criadores de conteúdo adulto e outras categorias de criadores que postam regularmente conteúdo on-line.

Pegida – acrônimo em inglês para Europeus Patrióticos contra a Islamização do Ocidente. O grupo organizaria seus primeiros protestos em 2014. Do primeiro encontro, acontecido em Dresden, Alemanha, o número de participantes cresceria de algumas centenas para quase 20 mil manifestantes no ano seguinte. De acordo com Perry & Scrivens (2018), o grupo fez sua primeira aparição no Canadá, na província de Quebec, em 2015.

Proud Boys – grupo idealizado por um dos fundadores da *Vice News*, o canadense Gavin Miles McInnes, que a partir de 2016 passou a reunir jovens homens brancos, como forma de defender os valores ocidentais modernos. Autodenominados “chauvinistas ocidentais”, os *Proud Boys*

teriam entre suas justificativas de ação a exaltação da sociedade ocidental, o anti-islamismo e a defesa do celibatismo. Apesar de não declararem oposição à participação de *gays* e pessoas não brancas, eles dizem aceitar a comunidade masculina homossexual, desde que eles reconheçam a contribuição primordial da cultura europeia ao desenvolvimento do estágio civilizatório da sociedade ocidental. Entre as suas regras está a abstinência à masturbação, como forma de evitar a dispersão e o enfraquecimento de suas energias, além da não aceitação de mulheres como integrantes.

Reddit – é uma plataforma de agregação de notícias sociais, com classificação de conteúdo da *web* e *website* de discussão. Fundada em 2005, por estudantes da Universidade de Virgínia, nos Estados Unidos, nessa rede, os membros cadastrados enviam conteúdo, por meio de links, mensagens de texto e imagens, que são votados por outros membros. As postagens são organizadas por placas, criadas pelos usuários, chamadas “*subreddits*”, que abrangem uma variedade de tópicos, como notícias, ciência, filmes, videogames, música, livros, fitness, comida e compartilhamento de imagens. As submissões com mais votos aparecem no topo do seu *subreddit* e, se receberem votos suficientes, ficam na página inicial do site. Muitos desses *subreddits* têm suas nomenclaturas associadas a operações de informação de *alt-right*. Um dos mais conhecidos é o *The_Donald*, em referência ao presidente norte-americano, Donald Trump.

Storm Alliance – surgiu em dezembro de 2016, a partir da saída de Dave Tregget do grupo dos *Soldiers of Odin*. Após a sua saída, ele teria organizado esse novo coletivo como forma de se distanciar dos valores supremacistas do grupo original do SoO finlandês. Esse distanciamento ideológico seria a razão de parte dos conflitos anteriores e seu posterior afastamento. Na página do grupo, no *Facebook*, eles se declaram uma organização sem fins lucrativos e não partidária, cuja única missão é preservar os direitos das pessoas e da cultura canadense, a partir da atuação em trabalhos de caridade, na vigilância cidadã e no ativismo nas comunidades canadenses.

Stormfront.org – de acordo com Vegas Tenold (2018), o grupo teria sido o primeiro fórum online real para a disseminação de uma verdade baseada no supremacismo branco. Ele nasceu ainda em 1995, e seu fundador, Don Black, um ex-Klansman, fora um dos nacionalistas brancos mais influentes do país. Ele ficara conhecido principalmente com a difusão da internet e a disseminação de fóruns de extrema direita e com o auxílio das mídias sociais. Cynthia Miller-Idriss (2017, p. 134 e 135) lembra que é elemento comum em seus discursos a defesa de que seriam os verdadeiros preservadores do multiculturalismo, na luta por manter cada povo em sua nação de origem.

Three percenters – grupo paramilitar estadunidense descentralizado que teve início depois da eleição do presidente Barack Obama, em 2008, com uma retórica antigovernamental e pró-armamentista. O nome “Três por cento” vem de um mito americano de que três por cento da população americana lutou contra os britânicos na Guerra da Independência. O grupo é uma organização descentralizada construída em torno de um forte discurso antigoverno, pró-armamentista e anti-islâmica, valores que foram incorporados por cidadãos canadenses que também se indispunham à eleição de Justin Trudeau, para o cargo de primeiro-ministro do país e apresenta oposição à política “multicultural”, herdada de seu pai, Pierre Trudeau, também primeiro-ministro do país por duas ocasiões, entre as décadas de 1960 e 1980. Eles passaram a se organizar em uma página de *Facebook*, denominada III% Canadá, em 2015, desde então dizem estar se preparando contra uma possível invasão mulçumana do país.

Voat – é um agregador de notícias de código aberto e um serviço de rede social em que membros da comunidade registrados podem enviar conteúdo como mensagens de texto e links diretos e os usuários registrados podem votar nessas publicações. As entradas de conteúdo são organizadas por áreas de interesse chamadas subverses. O site é apontado por diversas mídias e especialistas como um *hub* para a *alt-right*.

Yellow Vests Canada – movimento que nasce nas ruas canadenses, após influência das manifestações dos coletes amarelos franceses, em que os participantes fazem uma série de reivindicações contra as políticas do governo francês, mas cuja reivindicação originária seria o fim da Taxa de Caborno, que aumentava os impostos sobre o combustível fóssil naquele país. No Canadá, a partir de janeiro de 2019, os protestos contariam com a participação de vários dos movimentos aqui estudados, como é o caso dos *Soldiers of Odin*, que aproveitam as manifestações periódicas, para lutarem pelo que eles consideram um complô entre a categoria política e as mídias, que atuariam em conjunto na traição de sua nação, provocando a desinformação de sua população e a submissão da soberania de seu país às decisões dos órgãos internacionais.

APÊNDICE A – Lista de matérias analisadas relacionadas aos *Incel*

Título	Data de publicação	Autoria
<i>How Reddit is used to indoctrinate young men into becoming misogynists</i>	15 de novembro de 2017	Aditi Natasha Kini
<i>Alleged Toronto van attacker's Facebook profile linked to 'Incels' praised mass killer</i>	24 de abril de 2018	Mack Lamoureux Jordan Pearson
<i>Everything We Know About Alek Minassian, the Alleged Toronto Van Attacker</i>	24 de abril de 2018	Mack Lamoureux Allison Tierney
<i>A brief history of 'Incel,' the misogynistic group allegedly cited by Toronto van attacker</i>	24 de abril de 2018	Mack Lamoureux
<i>Toxic masculinity is at the heart of this darkness</i>	25 de abril de 2018	Drew Brown
<i>How the incel community is reckoning with the Toronto van attack</i>	25 de abril de 2018	Rachel Browne Vanmala Subramaniam
<i>How lonely men are radicalized online and turn their rage into violence</i>	26 de abril de 2018	Manisha Krishnan
<i>Inside the disturbing forum Incels use to brutally criticize each other's faces</i>	20 de junho de 2018	Allie Conti
<i>Learn to decode the secret language of the Incel subculture</i>	26 de junho de 2018	Allie Conti
<i>This is what the life of an incel looks like</i>	2 de agosto de 2018	Elle Reeve
<i>No, sex dolls won't stop future Incel attacks</i>	29 de agosto de 2018	Connor Garel
<i>Edmonton man uses 'involuntary celibacy' as excuse in stomping death</i>	30 de agosto de 2018	Allison Tierney

APÊNDICE B – Lista de matérias analisadas relacionadas aos *Soldiers of Odin*

Título	Data de publicação	Autoria
<i>Soldiers of Odin, Europe's notorious anti-immigration group, is beginning to form cells in Canada</i>	17 de abril de 2016	Mack Lamoureux
<i>Les soldats de la guerre des valeurs</i>	1º de fevereiro de 2017	Ben Makuch
<i>Soldiers of Odin tangled with anti-racism protesters in Vancouver</i>	27 de março de 2017	Mack Lamoureux
<i>Soldiers of Odin Canada Splinters Over Allegiance to 'Racist' Finnish Group</i>	1º de maio de 2017	Mack Lamoureux
<i>Soldiers of Odin Escalate from Street Patrols to Vigilante Investigations</i>	18 de setembro de 2017	Mack Lamoureux

ANEXO A – Logo do Soldiers of Odin Canadá



ANEXO B – Reprodução de publicação da página oficial do Soldiers of Odin – Seção de Vancouver Island



Soldiers Of Odin - Vancouver Island

Jul 14, 2016 at 2:38pm •

Social justice warriors come in many forms.

They claim to be the defenders of the LGBTQ community, Third Wave feminism, so-called minorities, refugees, the disabled, and basically anybody that is not a straight white male. (Oh, I'm sorry. Did I trigger you by saying "straight white male"? Tsk tsk tsk. I should have phrased that using your current newspeak buzzwords: "Cisgender white male."

Muslims are a minority in Canada, but on a global scale their Islamic belief system is the second largest and fastest growing religion. Feminist SJWs defend Islam. Think about that for a moment. This is the epitome of irony.

Why are Third Wave feminists not criticizing a belief system that sees women as sex slaves? Why are third wave feminists not condemning the Hadith that depicts the prophet having sex with a nine-year old girl? Why are you not criticizing a belief system that stones women to death for being raped?

Stoning women to death for not being sexually pure is a regular occurrence in the Middle East and South Asia. These honor killings are even carried out by the victim's family members!

I see nothing inherently wrong with multiculturalism, but should we be tolerant of a culture that is intolerant? I am talking about Shariah law, which is so oppressive toward women that it stones them to death for being raped or wearing jeans.

Feminist SJWs will attack Christianity because Evangelical Christians refuse to make a gay wedding cake, or because a handful of Westboro Baptist Church morons hold "God Hates Fags" signs. This is virtually a non-problem, and nowhere near as big a problem as stoning people to death for being gay, or for being raped, or inherently hating western civilization.

The state of Christianity is nowhere near as problematic as the current state of Islam. And for those of you that mention the Crusades: That was when? A thousand years ago! Not a problem in the 21st century.

So, to all you third wave feminists out there:

Are you too busy protesting Protein World's beach body ad that you do not see the real problems in the world?

Are you too busy complaining that there aren't enough female sports teams?

Are you too busy complaining that there aren't enough women in cushy air-conditioned offices making six-figure incomes?

Or do you experience some sort of cognitive dissonance because the people who are followers of Islam are Muslims and not the evil, patriarchal, privileged white men?

To our Canadian feminists, I ask you to think about this the next time you argue that welcoming 300,000 Syrian "refugees" into Canada this year is a good idea.



Soldiers Of Odin - Vancouver Island

Mar 30 at 6:35pm •

THIS IS A CALL OUT TOO ALL GROUPS AGAINST OR OPPOSED TO JUSTIN TRUDEAU WE NEED A SHOW OF POWER RIGHT NOW ACROSS NORTH AMERICA TO OVERTHROW JUSTIN TRUDEAU...

TRUDEAU AND HIS LIBERALS ARE IMPORTING A ONE MILLION MAN INVASION FORCE RIGHT NOW INTO CANADA...

THIS MAY BE THE LAST OPPORTUNITY TO STAND TOGETHER AND OVERTHROW JUSTIN TRUDEAU... MAKE IT COUNT NOW PATRIOTS...

YOU BETTER BE AFRAID... FOR EVERYONE. JUSTIN TRUDEAU IS BRINGING 1 MILLION OF THESE INTO CANADA BEFORE THE NEXT ELECTION GET UP RISE UP CANADA... THIS IS DEATHLY SERIOUS CANADIANS !!!

OVERTHROW JUSTIN TRUDEAU APRIL 2ND !!!
FOOL REMOVAL DAY ACROSS CANADA 2018
EVERY CITY HALL ACROSS CANADA !!!
SHARE THIS EVERYWHERE !!!
BRING A FRIEND !!!
AT NOON APRIL 2ND WE ARE REMOVING JUSTIN TRUDEAU
FROM OFFICE AND RESIDENCE !!!
ABSOLUTELY NO NEGOTIATIONS !!!
Monday at city hall Vancouver

ANEXO C – Arte de divulgação para o comício realizado para o Worldwide Coalition Against Islam (WCAI).

Evento realizado no dia 11 de agosto de 2018, na cidade de Toronto



ANEXO D – Campanha ID Canada

Imagem resgatada no dia 30 de agosto de 2018, da página
<https://www.facebook.com/OfficialIDCanada/>.

